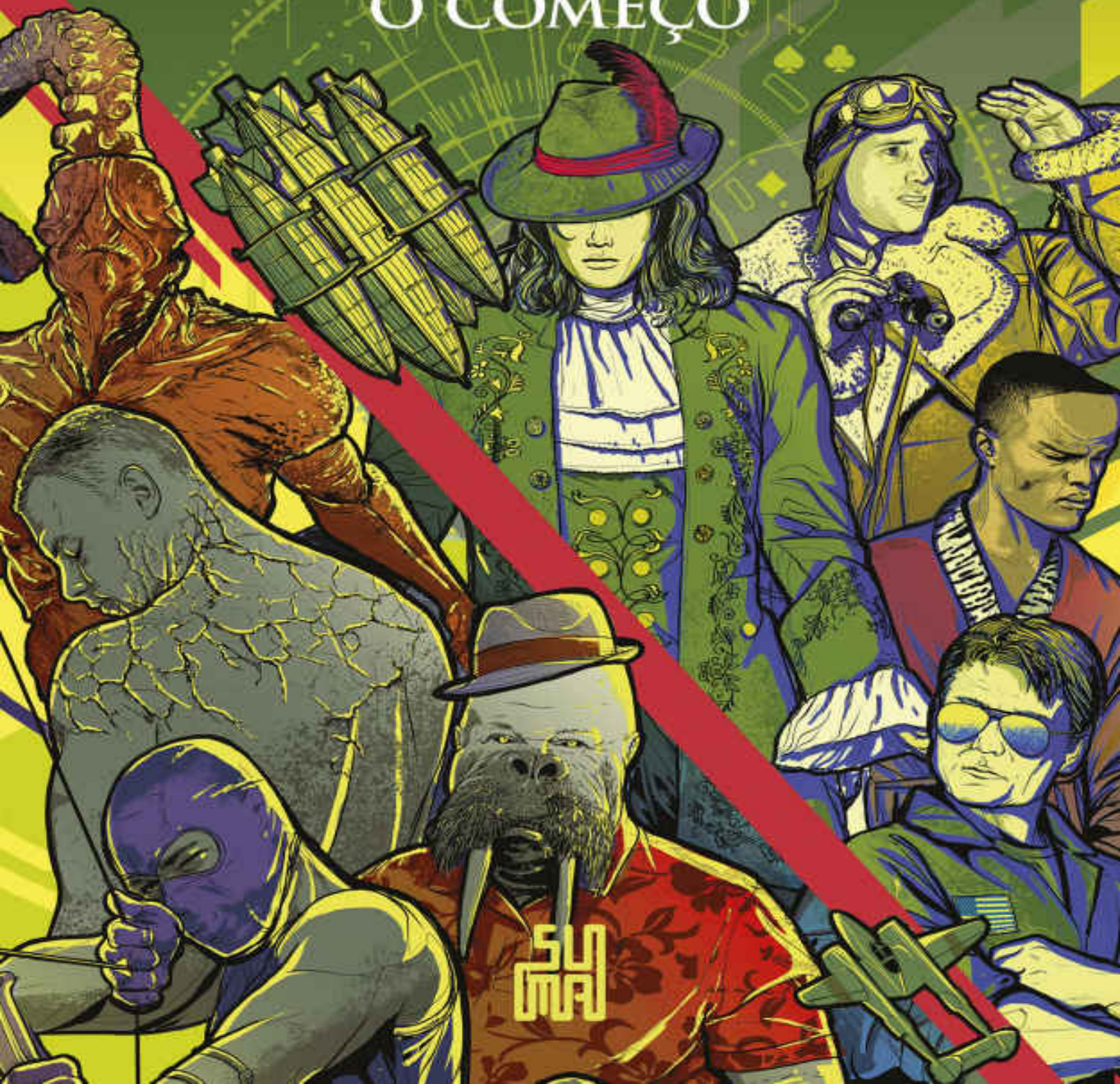


EDITADO POR
GEORGE R.R.
MARTIN

WILD CARDS
O COMEÇO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EDITADO POR
GEORGE R.R.
MARTIN

WILD CARDS
O COMEÇO

TRADUÇÃO
Alexandre Martins
Edmundo Pedreira Barreiros
Petê Rissatti



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prólogo

Trinta minutos sobre a Broadway!

O dorminhoco

Testemunha

Ritos de degradação

Interlúdio Um

Capitão Cátodo e o Ás Secreto

Powers

O jogo da carapaça

Interlúdio Dois

A noite longa e obscura de Fortunato

Transfigurações

Interlúdio Três

Bem fundo

Interlúdio Quatro

Fios

Interlúdio Cinco

A Garota Fantasma conquista Manhattan

Chega o Caçador

Epílogo

Apêndice

A ciência do vírus Wild Card

Excertos da ata da Conferência da Sociedade Metabiológica

Americana sobre Capacidades Meta-Humanas

Sobre o autor

Créditos

Para Ken Keller, que brotou das mesmas matrizes a quatro cores que eu.

PRÓLOGO

*De Tempos selvagens:
Uma história oral dos anos pós-guerra*

Studs Terkel (Pantheon, 1979)

HERBERT L. CRANSTON

Anos depois, quando vi Michael Rennie sair daquele disco voador em *O dia em que a Terra parou*, cheguei para a minha esposa e disse: “É essa a cara que um embaixador alienígena deveria ter”. Sempre suspeitei que foi a chegada de Tachyon que deu a ideia para o filme, mas você sabe como Hollywood muda tudo. Eu estava lá, então sei como realmente foi. Para começar, ele desceu em White Sands, não em Washington. Ele não tinha um robô, e não atiramos nele. Considerando o que aconteceu, talvez devêssemos ter atirado, não é?

A nave, bem, certamente não era um disco voador e não se parecia em nada com os nossos V-2 capturados ou mesmo com os foguetes lunares na prancheta de Werner. Violava qualquer lei conhecida da aerodinâmica e também a relatividade de Einstein.

Ele chegou de noite, a nave toda iluminada, a coisa mais bonita que já vi. Pousou com um baque no meio do campo de testes, sem foguetes, hélices, rotores ou qualquer meio de propulsão visível. A superfície externa parecia um coral, ou algum tipo de rocha porosa, coberta com espirais e esporões, como algo encontrado em uma caverna de calcário ou durante um mergulho no fundo do mar.

Eu estava no primeiro jipe a alcançá-la. Quando chegamos lá, Tach já estava do lado de fora. Michael Rennie tinha ficado bem naquele traje espacial azul-prateado, mas Tachyon parecia uma mistura de um dos três mosqueteiros com um artista de circo. Não me importo de dizer que estávamos com bastante medo, tanto os garotos dos foguetes e os geniozinhos quanto os soldados. Lembrei daquela transmissão do Mercury Theater em 1939, quando Orson Welles fez todo mundo pensar

que os marcianos estavam invadindo Nova Jersey, e eu não conseguia deixar de pensar que talvez naquele momento estivesse acontecendo para valer. Mas assim que os holofotes bateram nele, ali de pé na frente da nave, nós relaxamos. Ele simplesmente não era assustador.

Era baixo, tinha só um pouco mais de um metro e sessenta, e para falar a verdade parecia estar com mais medo do que nós. Estava vestindo calças verdes justas com botas embutidas, uma camisa alaranjada com babados de rendinha nos pulsos e no colarinho, e uma espécie de colete de brocados prateados, bem apertado. O casaco era uma coisa amarelo-limão, com uma capa verde balançando ao vento atrás dele e chegando até o tornozelo. Usava um chapéu de aba larga com uma comprida pluma vermelha se projetando, mas, quando me aproximei, vi que na verdade era um estranho tipo de pena pontuda. O cabelo caía sobre os ombros; cheguei a achar que fosse uma garota. Também era um tipo de cabelo peculiar, vermelho e brilhante, como fios de cobre.

Eu não sabia o que pensar, mas me lembro de um de nossos alemães comentando que ele parecia um francês.

Assim que chegamos ele foi caminhando lentamente até o jipe, com uma calma surpreendente, se arrastando pela areia com uma grande bolsa embaixo do braço. Começou a nos dizer seu nome, e ainda estava dizendo quando outros quatro jipes chegaram. Falava inglês melhor do que a maioria dos nossos alemães, apesar do sotaque esquisito, mas demorou para percebermos isso depois dele ter passado dez minutos nos dizendo seu nome.

Fui o primeiro ser humano a falar com ele. Juro por Deus que é verdade que fui eu, e não me interessa o que qualquer outra pessoa diga. Saí do jipe, estendi a mão e disse: “Bem-vindo aos Estados Unidos”.

Comecei a me apresentar, mas ele me interrompeu antes que eu conseguisse falar.

— Herb Cranston, de Cape May, Nova Jersey — disse ele. — Cientista de foguetes. Excelente. Também sou cientista.

Ele não se parecia com nenhum cientista que eu tivesse conhecido, mas fiz uma concessão, já que vinha do espaço sideral. Estava mais preocupado sobre como ele sabia meu nome. Perguntei.

Ele acenou, agitando os babados, impaciente.

— Eu li sua mente. Isso não é importante. O tempo é curto, Cranston. A nave deles quebrou.

Achei que ele parecia mais do que um pouco perturbado quando disse aquilo; triste, sabe? Angustiado, mas também assustado. E cansado, muito cansado. Então começou a falar sobre o tal globo. Era o globo com o vírus Wild Card, claro, todo mundo sabe disso agora, mas na época eu não tinha ideia de que merda era isso. Ele disse que estava perdido, precisava recuperá-lo e esperava, para o bem de todos nós, que estivesse intacto. Queria falar com nossos líderes. Deve ter lido seus nomes na minha mente, porque citou Werner, Einstein e o presidente, embora o tenha chamado de “esse tal presidente Harry S. Truman”. Então subiu na traseira do jipe e se sentou.

— Leve-me até eles — disse. — Imediatamente.

PROFESSOR LYLE CRAWFORD KENT

De certa maneira fui eu quem cunhou o nome. O verdadeiro nome, o patronímico alienígena, era absurdamente comprido, claro. Lembro que vários de nós tentaram reduzi-lo, usando um ou outro pedaço durante as conferências, mas evidentemente isso era algum tipo de quebra de etiqueta no mundo natal dele, Takis. Ele sempre nos corrigia, de forma bastante arrogante, aliás, como um idoso esnobe dando uma lição em um bando de crianças. Bem, precisávamos chamar ele de alguma coisa. O título veio primeiro. Poderíamos tê-lo chamado de “Sua Majestade” ou algo assim, já que ele dizia ser um príncipe, mas os americanos não ficam à vontade com esse tipo de reverência e deferência. Ele também disse ser médico, embora não em nosso sentido da palavra, e justiça seja feita ele parecia saber bastante de genética e bioquímica, como se essa fosse a sua especialidade. A maior parte da nossa equipe tinha pós-graduações, e nos dirigíamos uns aos outros devidamente, de modo que pareceu natural que o chamássemos também de “doutor”.

Os cientistas de foguetes estavam obcecados com a nave do nosso visitante, particularmente com a teoria de seu sistema de propulsão mais rápida do que a luz. Infelizmente, nosso amigo takisiano havia queimado o impulso interestelar da nave em sua pressa para chegar aqui antes daqueles seus parentes e, além disso, se recusou categoricamente a permitir que qualquer um de nós, civil ou militar, inspecionasse o interior da nave. Werner e os alemães ficaram limitados a questionar o alienígena sobre o impulso, de uma forma que considerei bastante obsessiva. Pelo que eu entendia, a física teórica e a tecnologia da viagem espacial não eram disciplinas em que nosso visitante fosse particularmente

especializado, então as respostas oferecidas não eram muito claras, mas compreendemos que o impulso fazia uso de uma partícula até então desconhecida e que viajava mais rápido do que a luz.

O alienígena tinha um termo para a partícula, tão impronunciável quanto seu próprio nome. Bem, eu tinha algum conhecimento de grego clássico, como qualquer homem instruído, e um talento para nomenclatura, modestia à parte. Fui eu que cunhei o termo “tachyon”. De alguma forma os soldados confundiram as coisas e começaram a se referir ao nosso visitante como “aquele sujeito tachyon”. O nome pegou, e daí foi um pulo para dr. Tachyon, como ficou conhecido na imprensa.

CORONEL EDWARD REID, SERVIÇO DE INTELIGÊNCIA DO EXÉRCITO DOS EUA (APOSENT.)

Você quer que eu diga, certo? Todo maldito repórter que fala comigo quer que eu diga. Tudo bem, aí vai. Nós erramos. E pagamos por isso. Sabe que depois eles chegaram muito perto de mandar todos nós para a corte marcial, toda a equipe de interrogatório? É verdade.

A pior parte é que não imagino como poderíamos ter feito diferente. Eu estava encarregado do interrogatório dele. Eu sei bem.

O que realmente sabíamos sobre ele? Nada além do que ele mesmo nos contou. Os geniozinhos o tratavam como o Menino Jesus, mas os militares têm que ser um pouco mais cautelosos. Se você quer entender, se coloque no nosso lugar e se lembre de como era na época. A história dele era completamente absurda, e ele não podia provar porcaria nenhuma.

Tudo bem, ele aterrissou naquele avião-foguete esquisito, só que não tinha foguetes. Isso foi impressionante. Talvez aquele avião *tivesse* vindo do espaço sideral, como disse. Mas talvez não tivesse. Talvez fosse um daqueles projetos secretos em que os nazistas trabalhavam, sobras da guerra. Eles no final tinham jatos e aqueles V-2, sabe, e estavam até mesmo trabalhando na bomba atômica. Talvez fosse russo. Eu não sabia. Tenho certeza que, se pelo menos Tachyon tivesse nos deixado examinar a nave, nossos rapazes poderiam ter descoberto de onde ela vinha. Mas ele não deixou ninguém entrar na maldita coisa, o que me pareceu bastante suspeito. O que ele estava tentando esconder?

Ele disse que vinha do planeta Takis. Bem, nunca ouvi falar em droga nenhuma de planeta Takis. Marte, Vênus, Júpiter, claro. Até mesmo

Mongo e Barsoom. Mas Takis? Liguei para doze astrônomos renomados de todo o país, até mesmo para um cara na Inglaterra. Perguntei: onde fica o planeta Takis? Não existe planeta Takis, responderam.

Ele devia ser um alienígena, certo? Nós o examinamos. Exame físico completo, raios X, uma bateria de testes psicológicos, tudo. O resultado foi humano. Não importava o que fizéssemos, o resultado voltava humano. Nada de órgãos extras, nada de sangue verde; cinco dedos nas mãos, cinco dedos nos pés, duas bolas e um pau. O desgraçado não era diferente de você ou de mim. Falava *inglês*, pelo amor de Deus. Mas olha isso: também falava *alemão*. E russo, e francês, e algumas outras línguas que esqueci. Fiz gravações de duas das minhas sessões com ele e mostrei-as a um linguista, que disse que o sotaque era da Europa Central.

E os psiquiatras, nossa, você tinha que ouvir os relatos deles. Paranoico clássico, disseram. Megalomania, disseram. Esquizo, disseram. Todo tipo de coisa. Quero dizer, esse cara alegava ser um *príncipe do espaço sideral* com malditos *poderes mágicos*, que tinha vindo para cá *sozinho* a fim de salvar a porra do nosso planeta. Isso soa razoável para você?

E me deixa dizer uma coisa sobre os malditos poderes mágicos. Tenho que admitir que era a coisa que mais me incomodava. Quero dizer, Tachyon não podia apenas dizer o que você estava pensando, mas também te olhar de um jeito estranho e te fazer pular em cima da mesa e baixar as calças, você querendo ou não. Passei horas com ele todos os dias e ele *me* convenceu. O problema é que meus relatórios não convenceram os figurões na Costa Leste. Pensaram que era algum tipo de truque, que ele estava nos hipnotizando, lendo nossa postura corporal, usando psicologia para nos fazer pensar que lia mentes. Mandariam um hipnotizador profissional para descobrir como ele fazia isso, mas a merda bateu no ventilador antes que conseguissem.

Ele não queria muita coisa. Tudo o que pediu foi um encontro com o presidente para que pudesse mobilizar todas as Forças Armadas americanas para procurar uma nave espacial acidentada. Tachyon estaria no comando, claro, ninguém mais era qualificado. Nossos principais cientistas poderiam ser seus ajudantes. Ele queria radar, jatos, submarinos, cães farejadores e máquinas esquisitas das quais ninguém havia ouvido falar. Diga o nome de qualquer coisa, que ele queria também. E não queria ter que consultar ninguém. Se você quer saber a verdade, aquele cara se vestia como um cabeleireiro viado, mas pelo modo como dava ordens você pensaria que tinha pelo menos três estrelas.

E por quê? Ah, sim, a história dele era mesmo demais. Disse que no planeta Takis algumas famílias importantes comandavam tudo, tipo a realeza, só que todas tinham poderes mágicos e mandavam em todos os outros que não tinham. Essas famílias passavam a maior parte do tempo brigando, como os Hartfield e os McCoy. O grupo dele tinha uma arma secreta na qual estavam trabalhando havia dois séculos. Um vírus artificial feito sob medida, projetado para interagir com a composição genética do organismo hospedeiro, segundo ele. Tachyon havia participado do grupo de pesquisa.

Bem, eu estava dando corda para ele. Perguntei o que aquele germe fazia. E olha só: ele fazia *tudo*.

Segundo Tachyon, o que *devia* fazer era acelerar os poderes mentais deles, talvez até mesmo dar novos poderes, transformá-los quase em deuses, o que certamente lhes daria uma vantagem sobre os outros. Mas nem sempre funcionava assim. Algumas vezes, sim. Mas com maior frequência matava as cobaias. Ficou falando em como aquela coisa era mortal e conseguiu me deixar assustado. Quais eram os sintomas?,

perguntei. Sabíamos sobre armas biológicas desde 1946; só para o caso de ele estar dizendo a verdade, queria saber o que procurar.

Ele não conseguiu me dizer os sintomas. Havia de todo tipo. Cada pessoa tinha sintomas diferentes. Já ouviu falar de um germe que funcione assim? Eu não.

Então Tachyon disse que algumas vezes transformava as pessoas em aberrações, em vez de matá-las. Que tipo de aberrações?, perguntei. Todos os tipos, disse ele. Concordei que isso parecia muito ruim e perguntei por que o pessoal dele não tinha usado essa coisa nas outras famílias. Porque algumas vezes o vírus funcionava, falou; refazia as vítimas, lhes dava poderes. Que tipo de poderes? Todos os tipos de poderes, claro.

Então eles tinham essa coisa. Não queriam usar nos inimigos e possivelmente lhes dar poder. Não queriam usar neles mesmos e matar metade da família. Não queriam deixar de lado. Decidiram testar em nós. Por que nós? Porque éramos geneticamente idênticos aos takisianos, disse ele, a única raça desse tipo da qual tinham conhecimento, e o vírus era projetado para funcionar no genótipo takisiano. Por que tamanha sorte? Alguns deles achavam que era evolução paralela, outros acreditavam que a Terra era uma colônia takisiana perdida — ele não sabia e não se importava.

Ele se importava com a experiência. Achava que era “ignóbil”. Ele protestou, contou Tachyon, mas o ignoraram. A nave partiu. E Tachyon decidiu detê-los sozinho. Veio atrás em uma nave menor, terminou queimando o maldito impulso tachyon para conseguir chegar antes deles. Embora fosse da família, mandaram que fosse à merda quando os interceptou e houve uma espécie de batalha sideral. A nave dele foi danificada, a dos outros, incapacitada, então caíram. Em algum lugar a

leste, disse. Ele os perdeu por causa dos danos em sua nave. Então aterrisou em White Sands, onde achou que poderia conseguir ajuda.

Registrei a história toda em meu gravador. Depois o Serviço de Inteligência do Exército entrou em contato com todo tipo de especialista: bioquímicos, médicos, pessoal de guerra bacteriológica, tudo que você possa imaginar. Um vírus alienígena, dissemos a eles, com sintomas totalmente aleatórios e imprevisíveis. Impossível, responderam. Um absurdo sem limites. Um deles me deu uma aula sobre como germes da Terra nunca poderiam afetar marcianos como naquele livro de H.G. Wells, e germes marcianos também não poderiam nos afetar. Todos concordaram em que aquela coisa de sintomas aleatórios era risível. Então, o que deveríamos fazer? Todos fizemos piada sobre a gripe marciana e a febre do espaçonauta. Alguém, não lembro quem, chamou de vírus Wild Card em um relatório, um vírus que era como uma carta curinga, e nós passamos a usar o nome, mas ninguém acreditou nisso nem por um segundo.

Era uma situação ruim e Tachyon só piorou quando tentou fugir. Ele quase conseguiu, mas, como meu velho sempre me dizia, “se você quase ganhou, você ainda perdeu”. O Pentágono havia mandado seu próprio homem para interrogá-lo, um coronel da Aeronáutica chamado Wayne, e imagino que Tachyon enfim se cansou. Ele assumiu o controle do coronel Wayne e simplesmente saíram marchando juntos do prédio. Sempre que eram questionados, Wayne ordenava que os deixassem passar, e a patente tem seus privilégios. O disfarce era que Wayne tinha ordem de escoltar Tachyon de volta a Washington. Requisitaram um jipe e foram até a espaçonave, mas àquela altura uma das sentinelas havia entrado em contato comigo, e meus homens esperavam por eles com ordens diretas de ignorar qualquer coisa que o coronel Wayne dissesse. Nós o levamos de

volta sob custódia e o mantivemos lá, sob guarda reforçada. Apesar de todos os poderes mágicos, não havia muito que pudesse fazer. Podia obrigar uma pessoa a realizar o que queria, talvez três ou quatro, se realmente se esforçasse, mas não todos nós, e já estávamos atentos aos seus truques.

Talvez tenha sido uma manobra idiota, mas com a tentativa de fuga ele conseguiu o encontro que insistia em ter com Einstein. O Pentágono continuava nos dizendo que ele era apenas o maior hipnotizador do mundo, mas eu não estava mais engolindo aquilo, e você deveria ter ouvido o que o coronel Wayne pensava da teoria. Os geniozinhos também estavam ficando agitados. De qualquer forma, Wayne e eu conseguimos arrancar uma autorização para levar o prisioneiro de avião a Princeton. Imaginei que uma conversa com Einstein não faria mal e talvez pudesse trazer algo de positivo. A nave dele estava sob custódia e já havíamos arrancado do homem tudo o que podíamos. Einstein supostamente era o maior cérebro do mundo, então talvez conseguisse descobrir qual era a do sujeito, certo?

Ainda tem quem diga que os militares são culpados por tudo o que aconteceu, mas isso não é verdade. É fácil ser esperto em retrospectiva, mas eu estava lá e vou afirmar até morrer que os passos que demos foram sensatos e prudentes.

A coisa que realmente me irrita é quando falam que não fizemos nada para rastrear aquele maldito globo com os esporos do Wild Card. Talvez tenhamos cometido um erro, certo, mas não éramos idiotas, fizemos todo o possível para nos proteger. Cada maldita instalação militar do país recebeu a ordem de ficar atenta a uma espaçonave caída que parecesse algo como uma concha com luzes de navegação. É culpa minha que nenhuma delas tenha levado isso a sério, droga?

Pelo menos me dê o crédito por uma coisa. Quando o caos se instalou, em duas horas eu já tinha colocado Tachyon em um jato para Nova York. Estava na poltrona atrás dele. O ruivo frouxo chorou metade da maldita viagem pelo país. Já eu rezei por Jetboy.

TRINTA MINUTOS SOBRE A BROADWAY!

A última aventura de Jetboy!

Howard Waldrop

O Campo de Aviação Bonham, em Shantak, Nova Jersey, estava fechado em razão do mau tempo. O pequeno holofote na torre mal era visível na escuridão do nevoeiro rodopiante.

O som de pneus contra o piso molhado ecoou em frente ao Hangar 23. Uma porta de carro se abriu, e um momento depois se fechou. Passos alcançaram a porta de serviço, que foi aberta. Scoop Swanson entrou, carregando sua Kodak Autograph Mark II e uma bolsa de lâmpadas de flash e filmes.

Lincoln Traynor se ergueu do motor do P-40 excedente, que estava reformando para um piloto de linha aérea que o comprara em um leilão por duzentos e noventa e três dólares. A julgar pela forma do motor, devia ter sido pilotado pelos Tigres Voadores, em 1940. O rádio na bancada de trabalho transmitia um jogo. Linc diminuiu o som.

— Oi, Linc — disse Scoop.

— Oi.

— Nada ainda?

— Não, e nem deve ter. O telegrama que ele mandou ontem disse que chegaria esta noite. É o suficiente para mim.

Scoop acendeu um Camel com um fósforo Three Torches que pegou da caixa na bancada. Soprou fumaça na direção da placa de “Absolutamente proibido fumar” nos fundos do hangar.

— Ei, o que é isso?

Ele caminhou até os fundos. Ainda na embalagem, havia duas extensões de asa vermelhas e dois tanques de cerca de mil litros em forma de gota para instalar sob as asas.

— Quando foi que isso chegou?

— A Força Aérea enviou ontem de San Francisco. Chegou outro telegrama para ele hoje. Pode ler, já que é você quem está escrevendo a história.

Linc lhe deu as ordens do Departamento de Guerra.

PARA: Jetboy (Tomlin, Robert NMI)

ORIGEM: Campo de Aviação Bonham

Hangar 23

Shantak, Nova Jersey

1. Efetivo esta data 1200 horas Zulu, 12 de agosto de 1946, você não está mais em serviço ativo, Força Aérea do Exército dos Estados Unidos.
2. Sua aeronave (modelo experimental — nº serv. JB-1) está por meio deste retirada da ativa, Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, e repassada a você como aeronave particular.

Material de apoio da FAEUA ou do Departamento de Guerra não será mais enviado.

3. Registros, comendas e prêmios repassados em envio separado.
4. Nossos registros mostram que Tomlin, Robert NMI não obteve brevê. Por favor, entrar em contato com CAB para cursos e certificação.
5. Céu limpo e de vento em popa.

Por

Arnold, H. H.

CEM, FAEUA

ref: Ordem executiva #2, 8 de dezembro de 1941

— O que é isso de ele não ter brevê? — perguntou o jornalista. — Vasculhei o arquivo sobre ele; tem trinta centímetros de espessura. Droga, ele deve ter voado mais rápido e mais longe, derrubado mais aviões que qualquer um... quinhentos aviões, cinquenta navios! Ele fez tudo isso sem um brevê?

Linc limpou gordura do bigode.

— É. Nunca vi um garoto mais louco por aviões. Em 1939, ele não podia ter mais de doze anos, ouviu falar que tinha um emprego aqui. Apareceu às quatro da manhã; fugiu do orfanato para fazer isso. Vieram pegar ele. Mas é claro que o professor Silverberg contratou o menino, deu um jeito com eles.

— Silverberg, o que os nazistas mataram? O cara que fez o jato?

— É. Anos à frente de todo mundo, mas esquisito. Montei o avião para ele, Bobby e eu fizemos isso à mão. Mas Silverberg fez os jatos; os motores mais desgraçados que já vi. Os nazistas e os italianos, e Whittle, na Inglaterra, tinham começado os deles. Mas os alemães descobriram que alguma coisa estava acontecendo aqui.

— Como o garoto aprendeu a voar?

— Acho que ele sempre soube — disse Lincoln. — Um dia ele estava aqui me ajudando a dobrar metal, no outro ele e o professor estavam voando a seiscentos e cinquenta quilômetros por hora. No escuro, com aqueles motores iniciais.

— Como eles conseguiram manter segredo?

— Não conseguiram muito bem, os espiões vieram atrás de Silverberg; queriam ele e o avião. Bobby tinha saído com a aeronave. Acho que ele e o professor sabiam que algo de errado ia acontecer. Silverberg lutou tanto que os nazistas mataram ele. Depois foi o escândalo diplomático. Na época o JB-1 só tinha seis armas calibre .30, e não sei onde o professor arrumou elas. Mas com isso o garoto deu um jeito no carro cheio de espiões, e aquela lancha no Hudson cheia de gente da embaixada. Todos com vistos diplomáticos.

Linc parou um momento.

— Espera um pouco — disse ele. — Fim de uma rodada dupla em Cleveland. Na Blue Network.

Ele aumentou o volume do rádio Philco de metal que estava em cima do quadro de ferramentas.

“... Sanders para Papenfuss, para Volstad, uma jogada dupla. É isso. Então o Sox perdeu dois para o Cleveland. Voltaremos...”

Linc desligou.

— Lá se vão cinco pratas. Onde eu estava?

— Os alemães mataram Silverberg, e Jetboy se vingou. Ele foi para o Canadá, certo?

— Se juntou à Força Aérea canadense extraoficialmente. Lutou na Batalha da Grã-Bretanha, foi para a China com os Tigres contra os japas, estava de volta à Grã-Bretanha para Pearl Harbor.

— E Roosevelt colocou ele no serviço ativo?

— Mais ou menos. Sabe, tem uma coisa engraçada sobre a carreira dele. Ele lutou a guerra *inteira*, mais que qualquer outro americano, do final de 1939 até 1945, e então, bem no fim, desapareceu no Pacífico. Durante um ano todo mundo achou que estava morto. Então acharam ele naquela ilha deserta mês passado e agora está voltando para casa.

Um zumbido alto e fino, como um avião a hélice em um mergulho, veio do céu nebuloso do lado de fora. Scoop pegou o terceiro Camel.

— Como ele consegue pousar nessa sopa?

— Ele tem um radar para todos os climas no avião, tirou de um caça noturno alemão em 1943. Poderia pousar na lona de um circo à meia-noite.

Eles foram até a porta. Duas luzes de aterrissagem perfuraram a neblina, girando. Elas baixaram até a extremidade oposta da pista, se viraram e voltaram pela pista de taxi.

A fuselagem vermelha brilhava à luz envolta em cinza da pista de pouso. O bimotor de asa alta virou na direção deles e taxiou até parar.

Linc Traynor colocou um conjunto de travas duplas sob cada um dos dois trens de pouso traseiros de três rodas. Metade do nariz de vidro do avião se levantou e deslizou para trás. O avião tinha três projeções de canhões de vinte milímetros na base das asas entre os motores e uma abertura para setenta e cinco milímetros abaixo e à esquerda da borda da cabine.

Tinha um leme alto e fino e os profundores traseiros tinham a forma da cauda de uma truta. Sob cada profundor havia a abertura para um cano de metralhadora voltado para trás. As únicas marcas no avião eram quatro estrelas fora do padrão da FAEUA em um medalhão negro e o

número de série JB-1 no alto da asa traseira direita e no fundo da esquerda, e abaixo do leme.

As antenas de radar no nariz pareciam algo em que se podia grelhar salsichas.

Um garoto vestindo calças vermelhas, camisa branca, capacete azul e óculos de avião saiu da cabine e pisou na escada deslizante do lado esquerdo.

Tinha dezenove, talvez vinte. Tirou o capacete e os óculos. Tinha cabelos castanho-claros encaracolados, olhos castanhos e era baixo e corpulento.

— Linc — disse ele, abraçando o homem gorducho e dando tapinhas em suas costas durante um minuto inteiro. Scoop tirou uma foto.

— Ótimo ter você de volta, Bobby — disse Linc.

— Ninguém me chama assim há anos. É realmente bom ouvir isso de novo.

— Esse é o Scoop Swanson — disse Linc. — Ele vai te deixar famoso outra vez.

— Eu preferia dormir. — Ele apertou a mão do repórter. — Algum lugar por aqui onde a gente consiga comer ovos com presunto?

O barco se dirigiu à doca em meio ao nevoeiro. No porto, um navio terminou de limpar os porões e estava se virando para seguir rumo ao sul.

Havia três homens na amarração: Fred, Ed e Filmore. Um homem saiu do barco com uma maleta nas mãos. Filmore se inclinou e deu uma nota de cinco e duas de vinte ao cara no leme, e em seguida ajudou o sujeito com a maleta.

— Bem-vindo ao lar, dr. Tod.

— É bom estar de volta, Filmore.

Tod vestia um terno folgado e um sobretudo, embora fosse agosto. Usava o chapéu baixado sobre o rosto, e um brilho metálico vindo dele refletia as luzes fracas de um armazém.

— Este é Fred e este é Ed — disse Filmore. — Eles estão aqui só por hoje.

— Oi — disse Fred.

— Oi — disse Ed.

Caminharam de volta até o carro, um Merc '46 que parecia um submarino. Entraram, com Fred e Ed vigiando os becos cobertos por neblina dos dois lados. Em seguida Fred foi para trás do volante e Ed, para o banco do carona. Ele tinha uma escopeta calibre dez.

— Ninguém está esperando por mim. Ninguém se importa — disse o dr. Tod. — Todos que tinham algo contra mim estão mortos ou se tornaram pessoas respeitáveis durante a guerra e fizeram fortuna. Sou um homem velho e estou cansado. Vou para o interior criar abelhas, apostar em cavalos e investir na bolsa.

— Não está planejando nada, chefe?

— Absolutamente nada.

Ele virou a cabeça quando passaram por um poste de luz. Metade de seu rosto havia desaparecido e uma placa lisa ia do queixo até a linha do chapéu, da narina à orelha esquerda.

— Para começar, não consigo mais atirar. Minha noção de profundidade não é mais como antes.

— Não é à toa — disse Filmore. — Ouvimos dizer que alguma coisa aconteceu com você em 1943.

— Eu estava em uma operação lucrativa fora do Egito, enquanto o Afrika Korps desmoronava. Cobrava uma taxa para levar pessoas de um

lado para o outro, em aviões supostamente neutros. Só uma atividade paralela. Então dei de cara com aquele aviador metido.

— Quem?

— O garoto com o avião a jato, antes de os alemães terem um.

— Vou ser honesto, chefe, não acompanhei muito a guerra. Penso nesses conflitos puramente territoriais a longo prazo.

— Como eu devia ter feito — disse o dr. Tod. — Estávamos saindo da Tunísia. Tinha umas pessoas importantes naquela viagem. O piloto gritou e houve uma tremenda explosão. O que me lembro é de acordar na manhã seguinte, eu e uma outra pessoa em um bote salva-vidas no meio do Mediterrâneo. Meu rosto doendo. Eu me levantei. Alguma coisa caiu no fundo do bote. Era meu olho esquerdo. Estava me encarando. Eu soube que estava com problemas.

— Você falou de um garoto com um avião a jato? — perguntou Ed.

— Sim. Descobrimos depois que decifraram nosso código e ele tinha voado quase mil quilômetros para nos interceptar.

— Quer se vingar? — perguntou Filmore.

— Não. Foi há tanto tempo que mal me lembro daquele lado do meu rosto. Isso só me ensinou a ser um pouco mais cuidadoso. Encarei como formação de caráter.

— Então sem planos, né?

— Nenhum — afirmou o dr. Tod.

— Vai ser bom, para variar — disse Filmore.

Eles viram as luzes da cidade passando.

Ele bateu na porta, desconfortável em seu novo terno marrom com colete.

— Entra, está aberta — respondeu uma voz feminina. Em seguida, em tom abafado: — Fico pronta em um minuto.

Jetboy abriu a porta de carvalho do saguão e entrou no aposento, passando pela divisória de tijolos de vidro.

Uma bela mulher estava no meio da sala, o vestido pelo meio dos braços erguidos. Vestia corpete, cinta-liga e meias de seda e puxava o vestido para baixo com uma das mãos.

Jetboy virou o rosto, corado e surpreso.

— Ah — disse a mulher. — Ah! Eu... Quem?

— Sou eu, Belinda — disse ele. — Robert.

— Robert?

— Bobby, Bobby Tomlin.

Ela o encarou por um momento, as mãos cruzadas na frente do corpo, embora estivesse totalmente vestida.

— Ah, Bobby — disse ela, se aproximando, abraçando-o e dando-lhe um grande beijo na boca.

Ele havia esperado por aquilo durante seis anos.

— Bobby. Que incrível ver você. Eu... Eu estava esperando outra pessoa. Algumas... amigas. Como me encontrou?

— Bem, não foi fácil.

Ela recuou.

— Deixa eu olhar para você.

Ele olhou para ela. Na última vez em que a vira, Belinda tinha catorze anos e parecia um garoto, ainda no orfanato. Ela tinha sido uma garota magra, com cabelo louro-escuro. Uma vez, quando ela tinha onze anos, quase o nocauteou. Era um ano mais velha.

Então ele foi embora, trabalhar no campo de aviação, depois lutar com os britânicos contra Hitler. Escreveu para ela sempre que pôde, depois de

os americanos entrarem na guerra. Ela havia deixado o orfanato e sido colocada em um lar adotivo. Em 1944 uma de suas cartas voltou com a marcação “Mudou-se sem deixar endereço”. Então ele não soube o que fazer durante o último ano.

— Você está diferente — disse ele.

— Você também.

— É.

— Acompanhei os jornais durante a guerra. Tentei escrever para você, mas acho que as cartas nunca chegaram. Depois disseram que você tinha desaparecido no mar e eu meio que desisti.

— Bem, desapareci, mas me encontraram. Agora estou de volta. Como tem passado?

— Muito bem, desde que fugi do lar adotivo — disse ela, uma expressão sofrida passando pelo rosto. — Não sabe como fiquei feliz de me mandar de lá. Ah, Bobby. Ah, como eu queria que as coisas fossem diferentes! — Os olhos dela marejaram.

— Ei — disse ele, segurando-a pelos ombros. — Senta. Tenho uma coisa para você.

— Um presente?

— Sim — respondeu ele, dando-lhe um pacote de papel sujo e manchado de óleo. — Carreguei isso durante os dois últimos anos da guerra. Estavam no avião comigo na ilha. Desculpa por não ter tido tempo de fazer outro embrulho.

Ela rasgou o papel pardo. Dentro havia exemplares de *O ursinho Pooh* e *A história do coelho mau*.

— Ah — disse Belinda. — Obrigada.

Ele se lembrou dela vestindo o macacão do orfanato, tendo acabado de entrar suja e cansada de um jogo de beisebol, deitada no chão da sala de

leitura com um livro do ursinho Pooh.

— O livro do Pooh está autografado pelo próprio Christopher Robin. Descobri que ele era oficial da RAF em uma das bases na Inglaterra. Ele disse que não costumava fazer esse tipo de coisa, que era só outro aviador. Falei que não contaria a ninguém. Mas eu tinha procurado por toda parte até encontrar um exemplar, e ele sabia disso.

“Este outro tem uma história por trás. Eu estava voltando quase ao anoitecer, escoltando uns B-17 com problemas. Ergui os olhos e vi dois caças noturnos alemães chegando, provavelmente em patrulha, tentando pegar uns Lancaster antes que passassem sobre o Canal.

“Para resumir, derrubei os dois; eles caíram perto de um pequeno vilarejo. Mas eu tinha ficado sem combustível e tive que descer. Vi um belo e plano pasto de ovelhas com um lago ao fundo e pousei.

“Quando saí da cabine, vi uma senhora e um cão pastor à beira do campo. Ela tinha uma escopeta. Quando chegou perto o bastante para ver os motores e os adesivos, ela disse, ‘Bela pontaria! Não quer entrar para jantar e usar o telefone para ligar para o Comando de Caça?’. Dava para ver os dois ME-110 queimando à distância.

“‘Você é o famoso Jetboy. Temos acompanhado seus feitos no jornal de Sawrey. Sou a sra. Heelis’, ela disse, estendendo a mão.

“Eu a apertei. ‘Sra. William Heelis? E aqui é Sawrey?’

“‘Sim’, respondeu ela.

“‘Você é Beatrix Potter’, falei.

“‘Suponho que sim’, disse ela.

“Belinda, lá estava aquela velha senhora, com um suéter puído e um velho vestido liso. Mas quando sorriu, eu juro, toda a Inglaterra se iluminou!”

Belinda abriu o livro. Na folha de guarda estava escrito:

Para a amiga americana de Jetboy,
Belinda,
da
Sra. William Heelis
("Beatrix Potter")
12 de abril de 1943

Jetboy tomou o café que Belinda fez para ele.

— Onde estão suas amigas?

— Bem, ele... Elas já deviam estar aqui. Estava pensando em descer até o telefone e ligar para elas. Posso adiar o encontro e ficamos aqui falando sobre os velhos tempos. Posso mesmo ligar.

— Não — falou Jetboy. — Vamos fazer assim: te ligo depois, durante a semana; podemos sair juntos uma noite quando não estiver ocupada. Seria divertido.

— Seria mesmo.

Jetboy se levantou para sair.

— Obrigada pelos livros, Bobby. Significam muito para mim, de verdade.

— É realmente bom te ver de novo, Bee.

— Ninguém me chama assim desde o orfanato. Liga logo, tá bom?

— Com certeza — disse ele, se inclinando e beijando-a novamente.

Ele caminhou até as escadas. Enquanto descia, um sujeito com um terno zoot ajustado — calças de cavilha, paletó comprido, corrente de relógio, gravata-borboleta do tamanho de um cabide, cabelo engomado para trás, fedendo a Brylcreem e Old Spice — subiu as escadas de dois em dois degraus, assoviando "It Ain't the Meat, It's the Motion".

Jetboy o ouviu bater na porta de Belinda.

Do lado de fora, havia começado a chover.

— Ótimo. Exatamente como em um filme — disse Jetboy.

A noite seguinte estava silenciosa como um cemitério.

Então cachorros começaram a latir por toda a área de Pine Barrens. Gatos gritaram. Pássaros voaram de milhares de árvores, em pânico, circulando de um lado para o outro na noite escura.

A estática tomou conta de todos os rádios no nordeste dos Estados Unidos. Aparelhos de televisão novos brilharam, o volume dobrando. Pessoas reunidas ao redor de Dumonts de nove polegadas deram pulos com o barulho e o brilho repentinos, chocados em suas próprias salas, em bares e em calçadas diante de lojas de equipamentos por toda a Costa Leste.

Para os que estavam ao ar livre, aquela noite quente de agosto foi ainda mais espetacular. Uma fina linha luminosa se deslocou bem no alto, brilhante, e continuou a cair. Então se expandiu, o brilho aumentando, transformada em um meteorito azul-esverdeado, pareceu parar e depois se transformou em cem faíscas cadentes que se apagaram lentamente no escuro céu estrelado.

Algumas pessoas disseram ter visto outra luz menor alguns minutos depois. Ela pareceu pairar, depois acelerou na direção oeste, ficando mais escura à medida que avançava. Os jornais estavam cheios de histórias sobre os “foguetes fantasmas” na Suécia naquele verão. Era uma temporada sem muita novidade.

Alguns telefonemas para o Departamento de Meteorologia ou bases da Força Aérea do Exército receberam a resposta de que provavelmente eram desvios da chuva de meteoros delta aquarídios.

Em Pine Barrens uma pessoa sabia que não era verdade, embora não estivesse com disposição para comunicar isso a ninguém.

Jetboy passou pelas portas da Gráfica Blackwell vestindo calças largas, camisa e jaqueta marrom de aviador. Havia uma placa brilhante em vermelho e azul sobre a porta: Lar da Cosh Comics Company.

Ele parou junto à mesa da recepcionista.

— Robert Tomlin para ver o sr. Farrell.

A secretária o encarou; era uma loura magra que usava óculos de aros alongados para cima que davam a impressão de que um morcego havia acampado em seu rosto.

— O sr. Farrell faleceu no inverno de 1945. Você estava servindo ou algo assim?

— Algo assim.

— Gostaria de falar com o sr. Lowboy? Ele ocupa o cargo do sr. Farrell agora.

— Quem estiver encarregado da história em quadrinhos do *Jetboy*.

O lugar inteiro começou a tremer conforme as impressoras eram ligadas nos fundos do prédio. As paredes do escritório estavam decoradas com capas extravagantes de revistas em quadrinhos, prometendo coisas que apenas *eles* podiam oferecer.

— Robert Tomlin — disse a secretária no interfone.

Houve um som arranhado.

— Não faço ideia de quem seja. — Outro som amassado.

— Qual é o assunto? — perguntou a secretária.

— Diga a ele que Jetboy quer vê-lo.

— Ah — disse ela, o encarando. — Desculpe. Não o reconheci.

— Ninguém nunca reconhece.

Lowboy parecia um gnomo do qual todo o sangue havia sido sugado. Era tão pálido quanto o ator Harry Langdon, como uma erva daninha que

tivesse crescido sob uma bolsa de aniagem.

— Jetboy! — Ele estendeu a mão com dedos que pareciam um punhado de larvas de escaravelhos. — Todos nós achamos que você tinha morrido até vermos os jornais semana passada. Você é um herói nacional, sabia disso?

— Não me sinto assim.

— O que posso fazer por você? Não que não seja um prazer finalmente conhecê-lo. Mas você deve ser um homem ocupado.

— Bem, para começar, descobri que nenhum dos meus cheques de licenciamento e direitos autorais foi depositado em minha conta desde que fui dado como Desaparecido e Considerado Morto, no verão passado.

— Como? Sério? O departamento jurídico deve ter depositado em juízo ou algo assim até alguém aparecer reivindicando. Vou mandar acertarem isso.

— Bem, eu gostaria do cheque agora, antes de ir embora — afirmou Jetboy.

— Hã? Não sei se podem fazer isso. É bastante repentino.

Jetboy o encarou.

— Certo, certo, vou ligar para a contabilidade. — Ele gritou ao telefone.

— Ah — disse Jetboy. — Um amigo tem recebido meus exemplares. Verifiquei os registros de circulação dos últimos dois anos. Sei que atualmente *Jetboy* tem vendido quinhentas mil cópias por edição.

Lowboy gritou um pouco mais no telefone. Depois desligou.

— Eles já vão trazer. Mais alguma coisa?

— Não gosto do que está acontecendo ao quadrinho — disse Jetboy.

— O que há para não gostar? Está vendendo meio milhão de exemplares por mês!

— Para começar, o avião está ficando cada vez mais parecido com uma bala. E os artistas curvaram as asas para trás, pelo amor de Deus!

— Estamos na Era Atômica, garoto. Os meninos hoje não gostam de um avião que parece uma perna de cordeiro vermelha com cabides se projetando da frente.

— Bem, ele sempre foi assim. E outra coisa: por que o maldito avião ficou azul nos três últimos números?

— Não fui eu! Eu acho vermelho ótimo. Mas o sr. Blackwell enviou um memorando dizendo para não usarmos vermelho em mais nada, a não ser para sangue. Ele é um membro convicto da Legião Americana.

— Diga a ele que o avião tem que ter a cara e a cor certa. E os relatórios de combate foram repassados. Quando Farrell estava sentado na sua cadeira, a história era sobre voar e combater, eliminar grupos espões, coisas reais. E nunca houve mais do que duas histórias de dez páginas do Jetboy por número.

— Quando Farrell estava nesta mesa, a revista vendia apenas um quarto de milhão de exemplares por mês — disse Lowboy.

Jetboy o encarou novamente.

— Eu sei que a guerra acabou e todos querem uma casa nova e alguma coisa empolgante — disse Jetboy. — Mas veja o que encontrei nos últimos dezoito meses... Eu nunca lutei contra ninguém como o Funerário, em um lugar chamado Montanha da Perdição. E qual é! O Esqueleto Vermelho? Sr. Verme? Professor Blooteaux? O que são esses crânios e tentáculos? E gêmeos alemães malignos chamados Sturm e Drang Hohenzorllen? O Macaco Artrópode, um gorila com seis pares de cotovelos? Onde vocês arranjam essas coisas?

— Não sou eu, são os roteiristas. É um bando de malucos, sempre tomando benzedrina e coisas assim. Além do mais, é isso que as crianças

querem!

— E as criaturas voadoras e as matérias sobre heróis da aviação de verdade? Achei que meu contrato determinava pelo menos duas histórias por edição sobre acontecimentos e pessoas reais.

— Bem, vamos ter que rever isso. Mas posso lhe dizer que as crianças não querem mais essas coisas. Elas querem monstros, espaçonaves, coisas que as deixem apavoradas. Você lembra? Você também já foi criança!

Jetboy pegou um lápis na mesa.

— Eu tinha treze anos quando a guerra começou, quinze quando bombardearam Pearl Harbor. Passei seis anos em combate. Algumas vezes acho que nunca fui criança.

Lowboy ficou um tempo em silêncio.

— Vou lhe dizer o que você tem que fazer — falou ele. — Tem que colocar no papel todas as coisas de que não gosta nas revistas e mandar para nós. Vou dizer para o departamento jurídico dar uma olhada e vamos tentar fazer algo, resolver as coisas. Claro que imprimimos com três números de antecedência, de modo que as coisas novas só vão aparecer pelo dia de Ação de Graças. Ou depois.

Jetboy suspirou.

— Entendo.

— Claro que quero que você fique feliz, porque *Jetboy* é minha história preferida. Não, falando sério. As outras são só trabalho. Meu Deus, que trabalho: prazos, trabalhar com bêbados ou, pior, tomar conta dos gráficos, você nem pode imaginar! Mas gosto do trabalho com *Jetboy*. É especial.

— Bem, fico contente.

— Claro, claro — disse Lowboy, tamborilando os dedos na mesa. — Por que será que estão demorando tanto?

— Provavelmente pegando o outro conjunto de livros-caixa.

— Ei, não! Trabalhamos certo aqui! — disse Lowboy, se levantando.

— Estava só brincando.

— Ah. Diga, o jornal falou que você estava o quê, naufrago em uma ilha deserta ou coisa assim? Foi muito ruim?

— Bem, solitário. Fiquei cansado de pescar e comer peixe. Era muito tedioso, e eu perdi tudo. Não estou falando de coisas materiais, mas de não ter presenciado as coisas. Fiquei lá de 29 de abril de 1945 até mês passado. Em certos momentos achei que fosse enlouquecer. Não consegui acreditar quando certa manhã ergui os olhos e lá estava o *USS Reluctant* ancorado a menos de dois quilômetros da praia. Disparei um sinal e eles me buscaram. Demorou um mês para encontrar um lugar para consertar o avião, descansar e vir para casa. Estou contente de estar de volta.

— Posso imaginar. Ei, muitos animais perigosos na ilha? Quero dizer, leões, tigres, coisas assim?

Jetboy riu.

— Tinha menos de um quilômetro e meio de largura e dois quilômetros de comprimento. Havia pássaros e ratos, e alguns lagartos.

— Lagartos? Grandes? Venenosos?

— Não. Pequenos. Devo ter comido metade deles antes de ir embora. Fiquei muito bom com um estilingue feito de um tubo de oxigênio.

— Rá! Aposto que sim!

A porta se abriu e um sujeito alto vestindo uma camisa suja de tinta entrou.

— É ele? — perguntou Lowboy.

— Eu só o vi uma vez, mas parece com ele — respondeu o homem.

— É o suficiente para mim! — disse Lowboy.

— Não para mim — disse o contador. — Mostre uma identidade e assine o recibo.

Jetboy suspirou e fez isso. Olhou para a quantia no cheque. Tinha muito poucos dígitos na frente do decimal. Ele o dobrou e colocou no bolso.

— Vou deixar meu endereço com sua secretária para o próximo cheque. E mandarei uma carta com as objeções esta semana.

— Faça isso. Foi realmente um prazer conhecê-lo. Espero que tenhamos negócios longos e prósperos juntos.

— Obrigado, eu acho — disse Jetboy. Ele e o contador saíram.

Lowboy se sentou em sua cadeira giratória. Colocou as mãos atrás da cabeça e olhou para a estante do outro lado da sala.

Então se lançou para a frente, agarrou o telefone e discou nove para pegar uma linha. Ligou para o roteirista-chefe de *Jetboy*.

Uma voz pastosa de ressaca atendeu no décimo segundo toque.

— Pare tudo que está fazendo, aqui é Lowboy. Imagine isso: especial de cinquenta e duas páginas, edição com uma única história. Pronto? *Jetboy na ilha dos dinossauros*! Sacou? Vejo muitos homens das cavernas, um monstro bem grande, daqueles que você chama rex rei. Como? É, é um tiranossauro. Talvez um punhado de soldados japas retardatários. Você sabe. É, talvez até samurais. Quando? Desviados do caminho em 1100 d.C.? Jesus. Como quiser. Você sabe exatamente do que precisamos. Agora é o quê? Terça. Você tem até cinco da tarde de quinta, entendeu? Pare de reclamar. São cento e cinquenta pratas rápidas! Nos vemos quinta.

Desligou. Depois chamou um desenhista e disse o que queria para a capa.

Ed e Fred estavam voltando de uma entrega em Pine Barrens.

Dirigiam um caminhão basculante de sete metros. Na caçamba, até alguns minutos antes, havia cinco metros cúbicos de concreto seco que oito horas antes tinham sido quatro metros cúbicos e meio de água, areia, cascalho e cimento — e um ingrediente secreto.

O ingrediente secreto havia violado três das cinco Regras Invioláveis para conduzir um negócio anônimo e livre de impostos no estado.

Ele havia sido levado por outros empresários a um atacadista de material de construção, onde aprendeu como funcionava um misturador de cimento, de perto e pessoalmente.

Não que Ed e Fred tivessem alguma coisa a ver com aquilo. Foram chamados uma hora antes e convidados a dirigir um caminhão basculante pela floresta por duas mil pratas.

Estava escuro na floresta. Não parecia que estavam a noventa quilômetros de uma cidade com população de mais de quinhentas mil pessoas.

Os faróis iluminaram valas em que tudo, de velhos aviões até garrafas de ácido sulfúrico, estava disposto em grandes pilhas. Parte do lixo era recente. Algumas partes pegavam fogo. Outras brilhavam sem combustão. Uma poça de metal borbulhou e estourou quando passaram perto.

Então eles estavam novamente em meio aos pinheiros, sacudindo nas valas.

— Ei! — gritou Ed. — Pare!

Fred enfiou o pé no freio, fazendo o motor morrer.

— Merda! — exclamou. — Qual é o seu problema?

— Ali atrás. Juro que vi um cara empurrando uma bola de gude néon do tamanho de Cleveland!

— Eu não vou voltar de jeito nenhum — disse Fred.

— Ah, vamos! Você não vê coisas assim todo dia.

— Que merda, Ed! Um dia você ainda mata a gente!

Não era uma bola de gude. Eles não precisavam dos faróis para ver que não era uma mina magnética. Era um recipiente arredondado que brilhava sozinho, com cores girando. Escondia o homem que o empurrava.

— Parece um tatu-bola — disse Fred, que já tinha estado no Oeste.

O homem atrás da coisa piscou na direção deles, sem conseguir ver além dos faróis. Era esfarrapado e sujo, com uma barba manchada de tabaco e cabelos desgrenhados como palha de aço.

Eles chegaram mais perto.

— É minha! — disse o homem, se colocando na frente da coisa, com os braços abertos.

— Calma, velho — disse Ed. — O que você tem aí?

— Minha passagem para a vida mansa. Vocês são da Força Aérea?

— Claro que não. Vamos dar uma olhada nisso.

O homem pegou uma pedra.

— Não se aproximem! Eu encontrei isso onde estava o avião caído. A Força Aérea vai pagar uma grana para conseguir essa bomba atômica de volta!

— Isso não parece com nenhuma bomba atômica que eu tenha visto — disse Fred. — Olha o que está escrito na lateral. Não é nem inglês.

— Claro que não! Só pode ser uma arma secreta. Por isso eles estavam vestidos tão estranho.

— Quem?

— Eu já falei mais do que queria. Saiam do meu caminho.

Fred olhou para o velho maluco.

— Você despertou meu interesse. Conta mais — pediu.

— Sai do meu caminho, rapaz. Eu já matei um homem por causa de uma lata de milho!

Fred enfiou a mão no paletó. Ela surgiu com uma arma cujo cano parecia um tubo de escoamento.

— Ele caiu noite passada — disse o velho, com os olhos agitados. — Me acordou. Acendeu todo o céu. Eu passei o dia procurando por isso, imaginei que a floresta estaria cheia de gente da Força Aérea e policiais do estado, mas não apareceu ninguém. Encontrei um pouco antes de escurecer. Arrancou tudo. As asas da coisa foram completamente arrancadas quando caiu. Todas aquelas pessoas vestidas de modo estranho espalhadas por lá. Mulheres também.

Ele baixou a cabeça por um instante, envergonhado.

— De qualquer forma, estavam todos mortos. Devia ser um avião a jato, não encontrei hélices nem nada. E esta bomba atômica aqui estava jogada no meio dos destroços. Imaginei que a Força Aérea pagaria bem para ter ela de volta. Uma vez um amigo meu encontrou um balão meteorológico e deram a ele um dólar e vinte e cinco. Imagino que isto é um milhão de vezes mais importante que aquilo!

Fred riu.

— Um conto e vinte e cinco, é? Eu te dou dez dólares por isso.

— Eu posso conseguir um milhão!

Fred puxou o cão do revólver para trás.

— Cinquenta — disse o velho.

— Vinte.

— Não é justo. Mas eu aceito.

— O que você vai fazer com isso? — perguntou Ed.

— Levar para o dr. Tod — respondeu Fred. — Ele vai saber o que fazer com isso. Ele entende essas coisas de ciências.

— E se for uma bomba atômica?

— Bem, acho que bombas atômicas não têm tubos de spray. E o velho estava certo. A floresta estaria lotada de gente da Força Aérea se tivessem perdido uma bomba atômica. Cacete, só cinco delas já foram explodidas. Eles não podem ter mais de uma dúzia, e pode ter certeza que sabem onde está cada uma, o tempo todo.

— Bem, não é uma mina — disse Ed. — O que você acha que é?

— Não dou a mínima. Se valer dinheiro o dr. Tod vai dividir conosco. Ele é um cara justo.

— Para um vigarista — retrucou Ed.

Eles riram enquanto a coisa sacudia na caçamba do caminhão.

Os policiais levaram o ruivo a seu escritório e os apresentaram.

— Por favor, sente-se, doutor — disse A. E. Ele acendeu o cachimbo.

O homem parecia pouco à vontade, como deveria, após dois dias de interrogatório pelo Serviço de Inteligência do Exército.

— Eles me contaram o que aconteceu em White Sands e que você não queria falar com ninguém além de mim — informou A. E. — Então usaram tiopental em você e não fez efeito?

— Me deixou bêbado — disse o homem, cujos cabelos pareciam alaranjados e amarelados sob aquela luz.

— Mas você não falou?

— Eu disse coisas, mas não o que eles queriam ouvir.

— Altamente incomum.

— Química sanguínea.

A. E. suspirou. Olhou pela janela do escritório de Princeton.

— Então muito bem. Vou escutar sua história. Não estou dizendo que vou acreditar, mas *vou* escutar.

— Tudo bem — disse o homem, respirando fundo. — Vamos lá.

Ele começou a falar, de início lentamente, formando as palavras com cuidado, ganhando confiança à medida que continuava. Então começou a falar mais rápido, e seu sotaque se tornou evidente, um que A. E. não conseguiu identificar, algo como um nativo das ilhas Fiji que tivesse aprendido inglês com um sueco. A. E. encheu o cachimbo mais duas vezes, depois o deixou apagado após encher uma terceira. Ele se inclinou um pouco para a frente na cadeira, assentindo de vez em quando, os cabelos grisalhos formando uma auréola à luz da tarde.

O homem terminou.

A. E. se lembrou do cachimbo, achou um fósforo e acendeu. Colocou as mãos atrás da cabeça. Havia um pequeno furo perto do cotovelo esquerdo do suéter.

— Eles nunca vão acreditar em nada disso — falou.

— Não ligo, desde que façam alguma coisa! — disse o homem. — Desde que eu a consiga de volta.

A. E. olhou para ele.

— Se acreditarem em você, as implicações de tudo isso vão suplantam a razão pela qual está aqui. O fato de que *você* está *aqui*, se é que me entende.

— Bem, o que podemos fazer? Se minha nave ainda estivesse funcionando, eu mesmo estaria procurando. Fiz a segunda melhor coisa; pousei onde certamente chamaria atenção e pedi para falar com você. Talvez outros cientistas, institutos de pesquisa...

A. E. riu.

— Perdoe-me. Você não entende como as coisas são feitas aqui. Vamos precisar dos militares. Vamos *ter* os militares e o governo, querendo ou não, então é melhor que os tenhamos nos melhores termos possíveis, os nossos, desde o começo. O problema é que você tem que pensar em algo que seja *plausível* para eles e ainda assim os leve a fazer a busca.

“Vou falar com o pessoal do Exército sobre você, depois telefonar para uns amigos. Acabamos de sair de uma grande guerra mundial e muitas coisas podem passar despercebidas, ou se perder na confusão. Talvez possamos conseguir alguma coisa assim.

“Mas vai ser melhor fazer isso de um telefone público. Os policiais militares estarão junto, então terei que falar baixo.”

A. E. pegou o chapéu no canto de uma estante abarrotada de livros.

— Diga — perguntou ele —, você gosta de sorvete?

— Sólidos de lactose e açúcar densos em uma mistura mantida pouco abaixo do ponto de congelamento? — perguntou o homem.

— Eu garanto que é melhor do que soa, e muito refrescante — disse A. E. Eles passaram pela porta do escritório de braços dados.

Jetboy deu um tapinha na lateral danificada do avião. Estava no Hangar 23. Linc saiu do escritório limpando as mãos em um pano sujo de graxa.

— Ei, como foi? — perguntou.

— Ótimo. Eles querem a biografia. Será o grande livro da primavera, se eu conseguir terminar a tempo, ou pelo menos é o que dizem.

— Continua determinado a vender o avião? — perguntou o mecânico.
— É uma pena perdê-lo.

— Bem, essa parte da minha vida está encerrada. Se eu nunca mais voar, mesmo como passageiro, ainda vai ser pouco.

— O que quer que eu faça?

Jetboy olhou para o avião.

— Já sei. Coloque as extensões de asa de grande altitude e os tanques externos. Assim parece maior e mais impressionante. Imagino que algum museu provavelmente comprará; estou oferecendo primeiro a eles. Se isso não funcionar, colocaremos anúncios nos jornais. Tiramos as armas depois, se algum cidadão comprar. Verifique se está tudo no lugar certo. Não deve ter tido problemas desde San Francisco e eles fizeram uma bela reforma no Hickam Field. Avise sobre qualquer coisa que você achar necessário.

— Pode deixar.

— Ligo amanhã, a não ser que surja algo urgente.

AERONAVE HISTÓRICA À VENDA: jato bimotor de Jetboy. 2 motores de empuxo de 1200 lbs, velocidade de 600 mph a 25 mil pés, alcance 650 milhas, tanques externos 1000 w (tanques e ext. de asa inc.) comprimento 9,5 m, env. 9,9 m (14,7 m ext.). Aceito ofertas razoáveis. É ver e gostar. Em exibição no hangar 23 Campo de Aviação Bonham, Shantak, Nova Jersey.

Jetboy parou em frente à vitrine da livraria, olhando para as pirâmides de títulos novos. Dava para notar que o racionamento de papel havia acabado. No ano seguinte seu livro seria um deles. Não apenas uma revista em quadrinhos, mas a história de sua participação na guerra. Ele esperava que fosse suficientemente bom para não se perder na multidão.

Como alguém havia dito, parecia que qualquer barbeiro e/ou engraxate que fora convocado havia escrito um livro sobre como ganhara a guerra.

Havia seis livros de memórias de guerra em uma vitrine, de todo tipo de gente, desde um tenente-coronel até um general de divisão (talvez

aqueles barbeiros soldados não escrevessem tanto assim?).

Talvez eles tivessem escrito alguns, entre as duas dúzias de romances de guerra que cobriam a outra vitrine.

Havia dois livros perto da porta, pilhas deles em uma vitrine própria, best-sellers, que não eram romances ou memórias de guerra. Um se chamava *O gafanhoto torna-se pesado*, de alguém chamado Abendsen (Hawthorne Abendsen, obviamente um pseudônimo). O outro era um livro grosso intitulado *Growing Flowers by Candlelight in Hotel Rooms*, de alguém tão recatada a ponto de se identificar como “sra. Charles Fine Adams”. Devia ser um livro de poemas incompreensíveis que o público, em sua loucura, tinha adotado. Gosto não se discute.

Jetboy enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro e caminhou até o cinema mais próximo.

Tod viu a fumaça subindo do laboratório e esperou que o telefone tocasse. Pessoas corriam para dentro e para fora do prédio a oitocentos metros de distância.

Não havia acontecido nada durante duas semanas. Thorkeld, o cientista que ele contratou para os testes, apresentou relatórios todos os dias. A coisa não havia funcionado em macacos, cachorros, ratos, lagartos, sapos, insetos ou mesmo em peixes em suspensão na água. O dr. Thorkeld estava começando a pensar que os homens de Tod haviam pagado vinte dólares por um gás inerte em uma embalagem elegante.

Alguns momentos antes houve uma explosão. Agora ele estava esperando.

O telefone tocou.

— Tod... ah, meu Deus, é Jones, do laboratório, está...

A estática tomou conta da linha.

— Jesus Cristo! Thorkeld... Eles estão todos...

Houve uma batida no telefone do outro lado.

— Ah, meu...

— Calma — disse Tod. — Todos saíram do laboratório em segurança?

— Sim, sim. O... *ahhh*.

A ligação foi interrompida por um som de vômito.

Tod esperou.

— Desculpe, dr. Tod. O laboratório ainda está lacrado. O incêndio é pequeno, na grama do lado de fora. Alguém jogou uma guimba de cigarro.

— Diga o que aconteceu.

— Eu tinha saído para fumar. Alguém lá dentro deve ter feito besteira, derrubado alguma coisa. Eu... Eu não sei. É... A maioria deles está morta, acho. Espero. Não sei. Alguma coisa... Espere, espere. Ainda tem alguém se movendo no escritório, posso ver daqui, há...

Houve um estalo de alguém pegando um fone. O volume na linha diminuiu.

— Tog, Tog — disse uma voz, ou algo parecido.

— Quem está aí?

— Torgk...

— Thorkeld?

— Guh. Cof. Cof. Guh.

Houve um barulho como o de um saco cheio de lulas sendo jogado em um teto de chapa corrugada.

— Cof.

Depois o som de geleia sendo esvaziada em uma gaveta de escrivaninha abarrotada.

Houve um tiro e o telefone caiu da mesa.

— Ele... Ele atirou... Na coisa... Nele mesmo — disse Jones.

— Estou indo para aí — respondeu Tod.

Depois da limpeza, Tod estava de volta ao seu escritório. Não havia sido bonito. O reservatório estava intacto. O acidente foi com uma amostra. Os outros animais estavam bem. Era apenas com as pessoas. Três morreram imediatamente. Uma, Thorkeld, se matou. Duas outras ele e Jones *tiveram* que matar. Uma sétima pessoa estava desaparecida, mas não havia saído por portas ou janelas.

Tod se sentou em sua cadeira e pensou por um longo tempo. Depois se esticou e apertou um botão na mesa.

— Sim, doutor? — perguntou Filmore, entrando na sala com um punhado de telegramas e ordens de corretagem sob o braço.

Tod abriu o cofre da escrivaninha e começou a contar notas.

— Filmore. Gostaria que você fosse para Port Elizabeth, na Carolina do Norte, e me comprasse cinco balões vazios tipo B. Diga a eles que eu vendo carros. Consiga que vinte e oito mil metros cúbicos de hélio sejam entregues no armazém do sul da Pensilvânia. Separe o material e me dê uma lista completa do que temos; qualquer coisa de que precisarmos, vamos garantir com sobras. Ache o capitão Mack, veja se ainda tem aquele navio cargueiro. Vamos precisar de passaportes novos. Encontre Cholley Sacks; vou precisar de um contato na Suíça. Preciso de um piloto com brevê para pilotar balões. Alguns escafandros e oxigênio. Lastro, duas toneladas. Um visor de bomba. Cartas náuticas. E me traga uma xícara de café.

— Fred tem brevê de piloto para balões — afirmou Filmore.

— Aqueles dois nunca param de me surpreender — disse o dr. Tod.

— Achei que não daríamos mais golpes, chefe.

— Filmore — disse ele, olhando para o homem de quem era amigo havia mais de vinte anos. — Filmore, alguns golpes você *tem* que dar, querendo ou não.

*“Dewey era almirante na Baía de Manila,
Dewey era candidato outro dia
Úmidos estavam seus olhos quando ela disse sim;
Nós amamos um ao outro? Eu deveria dizer que sim!”*

As crianças no pátio do prédio pulavam corda. Havia começado no instante em que voltaram da escola.

De início isso incomodou Jetboy. Ele se levantou da máquina de escrever e foi à janela. Em vez de gritar, observou.

De qualquer modo a escrita não estava indo bem. O que parecia ser apenas fatos quando contou aos rapazes da inteligência, durante a guerra, tornava-se vanglória quando olhava as palavras escritas:

Três aviões, dois ME-109 e um TA-152 saíram das nuvens na direção do B-24 capenga. Ele tinha sofrido pesados danos com a artilharia antiaérea. Duas hélices estavam torcidas e a torre superior havia desaparecido.

Um dos 109 mergulhou, provavelmente para dar um 360° e disparar na parte de baixo do bombardeiro.

Eu dei uma volta longa com o avião e disparei um tiro em desvio a seiscentos e cinquenta metros e me aproximando. Eu vi três acertos, e o 109 se desintegrou.

O TA-152 tinha me visto e mergulhou para interceptar. Quando o 109 explodiu, eu reduzi e bati no freio aerodinâmico. O 152 passou a menos de cinquenta metros de distância. Vi a expressão de surpresa

no rosto do piloto. Disparei uma rajada dos vinte milímetros quando ele passou. Tudo da cabine para trás se partiu em um jorro.

Eu subi. O último 109 estava atrás do Liberator. Estava disparando com metralhadoras e canhão. Ele acabou com o atirador de cauda e a torre da barriga não conseguia se erguer o suficiente. O piloto do bombardeiro estava sinalizando para que os atiradores de meio pudessem fazer mira, mas a única arma de meio funcionando era a da esquerda.

Eu estava a mais de um quilômetro e meio, mas subi e virei à direita. Baixei o nariz e disparei uma rajada com o setenta e cinco milímetros logo antes da mira passar pelo 109.

O meio do caça desapareceu — eu podia ver a França através dele. A única imagem que guardei foi, ao olhar para baixo, ver o alto de um guarda-chuva aberto que alguém fechou de repente. O caça parecia um enfeite brilhante de árvore de Natal enquanto caía.

Então os poucos artilheiros que sobravam no B-24 abriram fogo contra mim, sem reconhecer meu avião. Transmiti meu código de identificação, mas o receptor deles devia estar inoperante.

Havia dois paraquedas alemães bem abaixo. Os pilotos dos dois primeiros caças deviam ter fugido. Voltei para a base.

Quando fizeram a manutenção descobriram que me restavam um de meus setenta e cinco milímetros e apenas doze cartuchos de vinte milímetros. Eu havia abatido três aviões inimigos.

Depois soube que o B-24 havia caído no Canal e não havia sobreviventes.

Quem se importa com uma coisa dessas?, pensou Jetboy. A guerra acabou. Alguém realmente vai querer ler O garoto com propulsão a jato

quando for publicado? Alguém além de idiotas ainda quer ler *Jetboy Comics*?

Não acho nem mesmo que *eu* seja necessário. O que posso fazer agora? Combater o crime? Posso metralhar carros em fuga cheios de assaltantes de banco. Isso seria uma luta *realmente* justa. Circo aéreo? Isso acabou com Hoover e, além do mais, não quero mais voar. Este ano mais pessoas vão voar de férias por companhias aéreas do que todos os que estiveram no ar nos últimos quarenta e três anos, incluindo pilotos do correio aéreo, de avião fumigador e de guerras.

O que posso fazer? Acabar com um truste? Processar os que lucraram com a guerra? *Aí está* um caminho sem futuro nenhum. Punir velhos malvados que estão roubando o Estado mantendo orfanatos e matando de fome e espancando crianças? Vocês não precisam de mim para isso, precisam de Batatinha, Alfafa e Buckwheat.

Diz que sim, diz que não,

Hitler num caixão.

Uni-Duni-Mussolini,

A sete palmos do chão!

cantaram as crianças do lado de fora, agora pulando com duas cordas em direções opostas. *Crianças têm energia demais*, pensou. Elas aceleraram um pouco, depois reduziram novamente.

No calabouço, quatro metros de fundo

Onde o velho Hitler dorme um sono profundo.

Garotos alemães fazem cócegas nos seus pés,

No calabouço, quatro metros de fundo!

Jetboy se afastou da janela. *Talvez o que eu precise seja ir ao cinema novamente.*

Desde o encontro com Belinda, ele não havia feito nada além de ler, escrever e assistir a filmes. Antes de voltar da guerra, os dois últimos filmes que vira, em um auditório militar lotado na França, no final de 1944, havia sido em uma sessão dupla barata. *That Nazty Nuisance*, um filme da United Artists feito em 1943, com Bobby Watson interpretando Hitler e um dos atores preferidos de Jetboy, Frank Faylen, havia sido o melhor dos deles. O outro era um grande lixo da PRC, *Jive Junction*, estrelado por Dickie Moore, sobre um bando de desocupados dançando em uma lanchonete.

A primeira coisa que fez após pegar seu dinheiro e achar um apartamento foi encontrar o cinema mais próximo, onde viu *Ninho da serpente*, sobre uma casa cheia de caipiras esquisitos, com Fred MacMurray e Marjorie Main, e um ator chamado Porter Hall interpretando gêmeos idênticos assassinos chamados Bert e Mert. “Qual é qual?”, pergunta MacMurray, e Marjorie Main pega um cabo de machado, acerta um deles no meio das costas e ele desmonta da cintura para cima em uma caricatura distorcida, mas permanece de pé. “Este é Mert”, diz Main, jogando o cabo do machado na pilha de lenha. “Ele tem problema nas costas.” Havia rádio e homicídio em abundância, e Jetboy achou que era o filme mais divertido que já havia visto.

Desde então ele fora ao cinema todos os dias, algumas vezes a três lugares diferentes e assistindo de seis a oito filmes por dia. Estava se ajustando à vida civil, como muitos soldados e marinheiros haviam feito, vendo filmes.

Ele viu *Farrapo humano*, com Ray Milland e Frank Faylen novamente, dessa vez como um enfermeiro em uma ala psiquiátrica; *Laços humanos*;

O regresso daquele homem, com William Powell em seu auge alcoólico; *Bring on the Girls, It's in the Bag*, com Fred Allen; *Chispa de fogo*; *Também somos seres humanos* (em 1943, Jetboy havia sido personagem de uma das colunas de Pyle, o homem que dera origem ao filme); um filme de terror chamado *A ilha dos mortos*, com Boris Karloff; um novo tipo de filme italiano chamado *Roma, cidade aberta*, em um cinema de arte, e *O destino bate à sua porta*.

E havia outros filmes, faroestes e policiais da Monogram, PRC e Republic, filmes que vira em salas de cinema 24 horas, mas que esquecia dez minutos após sair das sessões. Pela falta de estrelas e a aparência estranha dos atores principais, tinham sido as piores partes das sessões duplas feitas durante a guerra, todas começando exatamente aos cinquenta e nove minutos de projeção.

Jetboy suspirou. Tantos filmes, tanto de tudo que ele perdeu durante a guerra. Perdeu até mesmo os dias da vitória na Europa e sobre o Japão enquanto estava preso naquela ilha, antes que ele e o avião fossem encontrados pela tripulação do *USS Reluctant*. Do modo como os caras no *Reluctant* falavam, parecia que eles também haviam perdido a maior parte da guerra e dos filmes.

Ele estava animado para ver muitos filmes naquele outono, e para assisti-los no lançamento, igual a como todos faziam, do modo como costumava fazer no orfanato.

Jetboy se sentou à máquina de escrever. *Se eu não trabalhar, nunca terminarei este livro. Irei ao cinema de noite.*

Ele começou a datilografar todas as coisas empolgantes que havia feito em 12 de julho de 1944.

No pátio, mulheres chamavam crianças para jantar enquanto os pais voltavam do trabalho. Duas crianças continuavam a pular corda lá fora,

as vozes finas no ar da tarde:

*Hitler, Hitler parece assim,
Mussolini se curva assim,
Sonja Heni patina assim,
E Betty Grable erra assim!*

O armarinheiro da Casa Branca estava tendo um dia de cão.

Começou com um telefonema pouco antes das seis horas da manhã. Os nervosinhos no Departamento de Estado tinham alguns boatos da Turquia. Os soviéticos estavam deslocando todos os homens para os limites daquele país.

— Bem — disse o Homem Objetivo do Missouri —, liguem quando cruzarem a maldita fronteira, não antes.

E agora aquilo.

O Primeiro Cidadão de Independence observou a porta se fechar. A última coisa que viu foi o calcanhar de Einstein desaparecendo. Precisava de uma meia-sola.

Ele se sentou novamente na cadeira, tirou os óculos grossos do nariz e esfregou os olhos vigorosamente. Depois o presidente juntou as pontas dos dedos formando uma pirâmide, os cotovelos apoiados na escrivaninha. Olhou para a miniatura de arado na frente da mesa (ele havia substituído o modelo do M-1 Garand que ficou ali do momento em que tomou posse até o dia da vitória sobre o Japão). Havia três livros no canto direito da escrivaninha — uma Bíblia, um dicionário gasto e uma história ilustrada dos Estados Unidos. A mesa tinha três botões para chamar várias secretárias, mas ele nunca os usou.

Agora que a paz chegou estou lutando para impedir que dez guerras eclodam em vinte lugares, há ameaças de greves em todos os setores e isso é

péssimo, as pessoas estão exigindo mais carros e geladeiras, e estão tão cansadas quanto eu de guerra e de alertas de guerra.

E tenho de mexer em um ninho de vespas novamente, colocar todo mundo para caçar uma maldita bomba biológica que pode explodir e infectar todos os Estados Unidos e matar metade das pessoas ou mais.

Estaríamos melhor ainda lutando com porretes e pedras.

Quanto mais rápido eu voltar para o número 219 da North Delaware, em Independence, melhor eu e todo este inferno de país ficaremos.

A não ser que aquele filho da puta do Dewey queira concorrer para presidente de novo. Como Lincoln disse, prefiro engolir uma cadeira de balanço de chifres de cervo a deixar aquele desgraçado ser presidente.

É a única coisa que me manterá aqui quando tiver terminado o mandato do sr. Roosevelt.

Quanto mais cedo eu começar essa caçada, mais rapidamente poderemos deixar para trás a Guerra Mundial Número Dois.

Ele pegou o telefone.

— Ligue para o estado-maior — disse.

— Major Truman falando.

— Major, é o outro Truman, seu chefe. Coloque o general Ostrander na linha, por favor.

Enquanto esperava, olhou através do ventilador da janela (detestava ar-condicionado) para as árvores. O céu tinha aquele tipo de azul que rapidamente fica alaranjado no verão.

Ele olhou para o relógio na parede: 10h23, horário de verão no Leste. Que dia. Que ano. Que século.

— Aqui é o general Ostrander, senhor.

— General, acabaram de jogar outro monte de bosta em cima de nós...

Duas semanas depois chegou o bilhete:

“Deposite 20 milhões de dólares na conta nº 43Z21, Credit Suisse, Berna, até 2300 Zulu de 14 de setembro ou perca uma grande cidade. Você tem conhecimento desta arma; seu pessoal tem procurado por ela. Eu a tenho; usarei metade dela na primeira cidade. O preço sobe para 30 milhões de dólares para me impedir de usar uma segunda vez. Você tem minha palavra de que ela não será usada caso o primeiro pagamento seja feito, e serão enviadas instruções de onde a arma poderá ser recuperada.”

O Homem Objetivo do Missouri pegou o telefone.

— Coloque tudo em ação — disse. — Convoque o gabinete, reúna o estado-maior. E, Ostrander...

— Sim, senhor?

— Melhor entrar em contato com aquele garoto aviador, qual é mesmo o nome...?

— Está falando de Jetboy, senhor? Ele não está mais na ativa.

— Pro inferno com isso. Agora está!

— Sim, senhor.

Eram 14h24 de terça-feira, 15 de setembro de 1946, quando a coisa apareceu pela primeira vez nas telas de radar.

Às 14h31 ainda estava se movendo lentamente na direção da cidade a uma altitude de mais de dezoito mil metros.

Às 14h41 dispararam as primeiras sirenes de ataque aéreo, que não eram usadas na cidade de Nova York desde um treinamento de blecaute em abril de 1945.

Às 14h48 houve pânico.

Alguém na defesa civil apertou os botões errados. A energia foi cortada em todos os lugares, exceto em hospitais, delegacias e quartéis dos bombeiros. Trens do metrô pararam. Coisas desligaram e os sinais de trânsito deixaram de funcionar. Metade do equipamento de emergência, que não era verificado desde o fim da guerra, não funcionou.

As ruas foram tomadas por pessoas, e policiais precisaram tentar organizar o trânsito. Alguns dos policiais entraram em pânico ao receber máscaras contra gás. Linhas telefônicas ficaram congestionadas. Começaram brigas nos cruzamentos, pessoas foram pisoteadas em saídas de metrô e escadas de arranha-céus.

As pontes ficaram engarrafadas.

Foram dadas ordens conflitantes. Levem as pessoas para abrigos antibombas. Não, melhor evacuar a ilha. Dois guardas na mesma esquina gritaram ordens contraditórias para as multidões. A maioria das pessoas simplesmente ficou parada, observando.

A atenção delas logo foi atraída para algo no céu, ao sul. Era pequeno e brilhante.

A artilharia antiaérea começou a atirar três quilômetros abaixo dele, sem resultados.

Ele continuou se aproximando.

Quando os canhões em Jersey começaram a disparar, o pânico se instaurou.

Eram três da tarde.

— É realmente muito simples — disse o dr. Tod.

Ele baixou os olhos para Manhattan, que repousava diante dele como uma arca do tesouro. Virou-se para Filmore e ergueu um comprido

aparelho cilíndrico que parecia o filho de uma bomba com um cadeado de combinação.

— Se alguma coisa me acontecer, apenas enfie este detonador no encaixe dos explosivos — disse, indicando a parte tapada por fita com a abertura no recipiente coberto de inscrições parecidas com sânscrito —, gire até o número quinhentos e depois puxe esta alavanca.

Ele indicou a escotilha do compartimento de bombas.

— Ela cairá pelo próprio peso, e eu estava errado quanto ao visor de bombardeio. Precisão extrema não é nosso objetivo.

Ele olhou para Filmore pela grade do capacete de mergulho. Eles vestiam escafandros com tubos levando a um suprimento central de oxigênio.

— Se certifique, claro, de que todos estejam de capacete. O ar rarefeito faria com que seu sangue fervesse. E estes escafandros só precisam sustentar a pressão durante os poucos segundos em que a porta da bomba estiver aberta.

— Não espero problemas, chefe.

— Nem eu. Depois que bombardearmos Nova York, vamos nos encontrar com o navio, soltar o lastro, pousar e seguir para a Europa. Eles vão ficar mais do que contentes em nos pagar. Eles não têm como saber que estaremos usando toda a arma biológica. Uns sete milhões de mortos devem convencê-los de que não estamos para brincadeira.

— Veja aquilo — disse Ed, do assento do copiloto. — Lá embaixo. Fogo antiaéreo!

— Qual a nossa altitude? — perguntou o dr. Tod.

— Exatamente dezessete mil e seiscentos metros — respondeu Fred.

— Alvo?

Ed deu um suspiro e conferiu seu mapa.

— Vinte e cinco quilômetros à frente. O senhor acertou mesmo nas correntes de ar, dr. Tod.

Eles o haviam mandado esperar em um campo de pouso na periferia de Washington. Dessa forma estaria ao alcance da maioria das grandes cidades da Costa Leste.

Ele havia passado parte do dia lendo, parte dormindo, e o restante conversando sobre a guerra com alguns dos outros pilotos. Porém, a maioria era nova demais para ter lutado mais do que nos últimos dias do confronto.

A maioria era de pilotos de jatos, como ele, que fizeram o treinamento em P-59 Aircomets ou P-80 Shooting Stars. Uns poucos na sala de prontidão pertenciam a um esquadrão de P-51 a hélice. Havia um pouco de tensão entre os jóqueis de maçarico e os comedores de pistons.

Mas todos eles faziam parte de uma nova geração. Já se falava que no ano seguinte Truman transformaria a Força Aérea do Exército em algo separado, apenas Força Aérea. Aos dezenove anos, Jetboy sentia que o tempo o deixara para trás.

— Eles estão trabalhando em algo que vai superar a barreira do som — disse um dos pilotos. — A Bell está por trás disso.

— Um amigo meu em Muroc diz para esperar até que coloquem a Asa Voadora em operação. Já estão trabalhando em uma versão a jato dela. Um bombardeiro que pode percorrer quatro mil quilômetros a oitocentos quilômetros por hora, levar uma tripulação de treze, camas para sete e passar um dia e meio no ar! — informou outro.

— Alguém sabe alguma coisa sobre esse alerta? — perguntou um sujeito muito jovem e nervoso com divisas de segundo-tenente. — Os russos estão aprontando alguma?

— Ouvi dizer que vamos para a Grécia — disse alguém. — Litros de ouzo para mim.

— Mais provável vodca tcheca de casca de batata. Teremos sorte de chegar antes do Natal.

Jetboy se deu conta de que sentia mais falta do papo furado da sala de prontidão do que pensava.

O interfone zumbiu e uma corneta começou a berrar. Jetboy olhou para o relógio. Eram 14h25.

Ele percebeu que sentia falta de algo além do papo furado da Força Aérea. Era de voar. De repente tudo voltou. Quando ele voou para Washington na noite anterior havia sido apenas uma viagem de rotina.

Agora era diferente. Era como estar na guerra de novo. Ele tinha uma direção. Tinha um alvo. Tinha uma missão.

Ele também tinha um traje pressurizado experimental T-2 da Marinha. Era o sonho de um fabricante de espartilhos, todo de borracha e cordas, garrafas pressurizadas e um verdadeiro capacete espacial, que parecia saído da *Planet Comics*, sobre a cabeça. Eles o haviam ajustado na noite anterior, quando viram as asas de grande altitude e os tanques descartáveis no avião.

— Melhor apertarmos isso para você — disse o sargento de voo.

— Minha cabine é pressurizada — respondeu Jetboy.

— Bem, então para o caso de precisarem de você e para o caso de algo dar errado.

O traje ainda estava muito apertado e ainda não pressurizado. Os braços eram feitos para um gorila e o peito, para um chimpanzé.

— Você vai gostar de ter o espaço extra, caso aconteça uma emergência e essa coisa infle — disse o sargento.

— O senhor é quem manda — respondeu Jetboy.

Eles até mesmo pintaram o tronco de branco e as pernas de vermelho para combinar com seu modelo. O capacete azul e os óculos apareciam através da bolha de plástico transparente.

Enquanto subia com o restante do esquadrão, estava contente pelo traje. Sua missão era acompanhar o voo dos P-80 e se envolver apenas se fosse necessário. Ele nunca trabalhara muito bem em equipe.

O céu à frente era azul como a cortina de fundo em *Alegoria do triunfo de Vênus*, de Bronzino, com um pouco de nuvem ao norte. O sol estava sobre seu ombro esquerdo. O esquadrão subiu. Ele acenou com as asas. Eles se espalharam em formação quadrada e prepararam as armas.

Tchum, tchum, tchum, tchum, fizeram seus canhões de vinte milímetros.

Traçantes fizeram um arco à frente dos seis calibre .50 em cada P-80. Deixaram os aviões a hélice para trás e apontaram os narizes para Manhattan.

Eles pareciam um bando de abelhas raivosas circulando abaixo de um falcão.

O céu estava tomado por jatos e caças a hélice subindo como as paredes de nuvens de um furacão.

Acima, um objeto encrespado que pairava e se deslocava lentamente na direção da cidade. No ponto onde seria o olho do furacão havia uma tempestade de fogo antiaéreo, mais densa do que Jetboy havia visto sobre a Europa ou o Japão.

Estava explodindo baixo demais, apenas ao nível dos caças mais altos.

O Controle de Caças os chamou:

— Comando Clark Gable para todos os esquadrões. Alvo a cinco, cinco, zero... Repetindo, cinco, cinco, zero, anjos. Deslocando leste-nordeste a dois cinco nós. Fogo antiaéreo não consegue alcançar.

— Mande suspender — disse o líder do esquadrão. — Vamos tentar voar alto o bastante para tiro de deflexão. Esquadrão Hodiak, me siga.

Jetboy ergueu os olhos para o azul acima. O objeto continuava seu deslocamento gradual.

— O que há nele? — perguntou ao Comando Clark Gable.

— Comando para Jetboy. Algum tipo de bomba, foi o que nos disseram. Tem de ser uma embarcação mais leve que o ar de pelo menos catorze mil metros cúbicos para alcançar essa altitude. Câmbio.

— Estou começando a subir. Se os outros aviões não conseguirem chegar, os chame de volta também.

Houve silêncio no rádio, e depois:

— Entendido.

Enquanto os P-80 cintilavam acima dele como crucifixos de prata, Jetboy ergueu o nariz do avião.

— Vamos lá, garota — disse ele. — Vamos voar um pouco.

Os Shooting Stars começaram a se afastar, tombando no ar rarefeito. Jetboy só conseguia ouvir o som da própria respiração e pressão, e o gemido agudo de seus motores.

— Vamos lá, garota — disse ele. — Você consegue!

A coisa acima dele se revelou uma aeronave ordinária feita de meia dúzia de balões com uma gôndola abaixo. A gôndola parecia já ter sido um casco de lancha torpedeira. Era tudo o que podia ver. Além dela, o ar era roxo e frio. Próxima parada: espaço sideral.

O último dos P-80 escorregou de lado nas estrelas azuis do céu. Uns poucos haviam disparado rajadas aleatórias, dando 360° como os caças costumavam fazer abaixo dos bombardeiros durante a guerra. Disparavam enquanto subiam. Todas as traçantes ficaram abaixo dos balões.

Um dos P-80 quase perdeu o controle, caindo mais de três quilômetros antes de nivelar.

O avião de Jetboy protestou, gemendo. Estava difícil de controlar. Ele ergueu o nariz novamente, lutando com o avião.

— Tire todo mundo do caminho — disse ele para o Comando Clark Gable. — É agora que te damos uma folga — disse para o avião.

Ele soltou os tanques descartáveis. Eles caíram como bombas. Apertou o botão do canhão. *Tchum, tchum, tchum, tchum*. Depois novamente, e mais uma vez.

Suas traçantes desenharam um arco na direção do alvo, mas também ficaram abaixo. Ele disparou mais quatro rajadas até o canhão se esgotar. Depois esgotou os dois de cinquenta na cauda, mas não demorou para que todos os cem disparos fossem desperdiçados.

Ele virou e deu um mergulho, como um salmão afundando para tentar se livrar de um anzol, ganhando velocidade. Após um minuto, apontou para cima, colocando o JB-1 em uma comprida ascensão circular.

— Bem melhor, não? — perguntou.

Os motores cortaram o ar. O avião, aliviado do peso, se lançou para a frente e para cima.

Abaixo dele estava Manhattan com seus sete milhões de habitantes. Eles deviam estar assistindo lá embaixo, sabendo que aquelas poderiam ser as últimas coisas que veriam. Talvez isso fosse viver na Era Atômica, sempre olhando para cima e pensando: *Será?*

Jetboy esticou uma das botas e pisou forte em uma alavanca. Uma cápsula de canhão setenta e cinco milímetros deslizou para a câmara. Colocou a mão sobre a barra de carregamento automático e puxou os comandos um pouco mais para trás.

O jato vermelho cortou o ar como uma navalha.

Ele estava mais perto agora, mais perto do que os outros haviam chegado, e ainda assim não era perto o bastante. Ele só tinha cinco disparos para fazer o serviço.

O jato subiu, começando a estolar no ar rarefeito, como se fosse algum animal vermelho usando as garras para subir por uma comprida tapeçaria azul que escorregava um pouco cada vez que o animal avançava.

Ele apontou o nariz para cima.

O tempo pareceu parar, à espera.

Uma fina linha de traçantes de metralhadora correu da gôndola na sua direção, como uma amante.

Ele começou a disparar o canhão.

DO DEPOIMENTO DO PATRULHEIRO FRANCIS V.

(“FRANCIS, O POLICIAL FALANTE”) O’HOOEY, 15 DE SET. 1946, 18h45

Estávamos observando da rua na Sixth Avenue, tentando impedir que as pessoas entrassem em pânico e comessem a brigar. Então elas se acalmaram acompanhando as batalhas aéreas e tudo que acontecia acima.

Um observador de pássaros estava com um par de binóculos, então o confisquei. Acompanhei boa parte da coisa toda. Os jatos não estavam tendo sorte e a defesa antiaérea de Bowery também não estava adiantando. Ainda acho que o Exército devia ser processado, porque os caras da defesa antiaérea ficaram tão em

pânico que se esqueceram de colocar os temporizadores nos obuses, e ouvi alguns deles caindo no Bronx e explodindo um prédio inteiro de apartamentos.

De qualquer modo, esse avião vermelho, quer dizer, o avião do Jetboy, estava subindo e disparou todas as balas, eu achei, sem causar qualquer dano ao tal balão.

Eu estava na rua e o caminhão dos bombeiros parou com a sirene ligada e o tenente gritava para que eu subisse, que estávamos sendo mandados para o West Side cuidar de um acidente de trânsito e um tumulto.

Então entrei no caminhão e tentei ficar de olho no que estava acontecendo no céu.

O tumulto tinha basicamente acabado. As sirenes de ataque aéreo ainda soavam, mas todo mundo estava apenas olhando de boca aberta para o que se passava lá em cima.

O tenente mandou que pelo menos as pessoas fossem levadas para os prédios. Empurrei algumas por umas portas, depois dei outra olhada pelos binóculos.

E Jetboy tinha acertado alguns dos balões (ouvi dizer que usou o obus neles) e a coisa parecia maior — estava caindo um pouco. Mas ele ficou sem munição e não estava tão alto quanto a coisa e começa a dar voltas.

Eu me esqueci de dizer que o tempo todo o tal balão estava disparando tantas metralhadoras que parecia os fogos do Quatro de Julho, e o avião do Jetboy estava recebendo esses tiros sem parar.

Então ele simplesmente fez uma volta com o avião, retornou e bateu diretamente na, como é o nome?, na gôndola, isso, dos balões.

Eles meio que se fundiram. Ele devia estar muito lento na hora, tipo estolando, e o avião meio que apenas se enfiou na lateral da coisa.

E o balão parecia estar descendo um pouco, não muito, só um pouco. Então o tenente tirou os binóculos de mim, eu protegi os olhos e continuei a acompanhar o melhor que pude.

Houve um clarão de luz. Achei que a coisa toda tinha explodido e me encolhi atrás de um carro. Mas depois ergui os olhos e os balões ainda estavam lá.

— Cuidado! Para dentro! — gritou o tenente. Então todo mundo entrou em pânico de novo e se jogou sob os carros e pulou janelas. Pareceu um filme dos Três Patetas por um minuto.

Um pouco depois começaram a chover pedaços vermelhos de avião sobre as ruas, e também no Terminal Hudson...

Havia vapor e fogo por todo lado. A cabine estalou feito um ovo e as asas dobraram como um leque. Jetboy teve um espasmo quando os cabrestantes no traje pressurizado se inflaram. Ele foi arqueado e devia estar parecendo um gato assustado.

As paredes da gôndola haviam se aberto como uma cortina no ponto em que as asas do caça bateram. Uma onda de gelo se formou sobre a cabine destroçada quando o oxigênio vindo da gôndola saiu.

Jetboy soltou seus tubos. A garrafa de emergência tinha cinco minutos de ar. Ele se atrapalhou com o nariz do avião, como se lutasse contra barras de ferro em seus braços e pernas. Tudo o que você deveria ser capaz de fazer com aqueles trajes era se ejetar e puxar o anel do paraquedas.

O avião se arrastou como um elevador de carga com um cabo partido. Jetboy agarrou uma antena de radar com a mão enluvada, e a sentiu soltar do nariz do avião. Agarrou outra.

A cidade estava a quase vinte quilômetros abaixo dele, os prédios fazendo a ilha parecer um porco-espinho distante. O motor esquerdo do avião, esmagado e perdendo combustível, se soltou e caiu abaixo da gôndola. Ele o viu diminuindo.

O ar era roxo como uma ameixa — a superfície dos balões, brilhante como fogo ao sol, e as laterais da gôndola, curvadas e rasgadas como papelão barato.

A coisa toda estremeceu como uma baleia.

Alguém passou voando acima da cabeça de Jetboy pelo buraco no metal, arrastando tubos como os tentáculos de um polvo. A descompressão explosiva fez com que destroços voassem pelo ar.

O jato se inclinou.

Jetboy enfiou a mão no lado rasgado da gôndola e encontrou uma escora.

Sentiu o cinto do paraquedas prender no equipamento de radar. O avião se sacudiu e ele pôde sentir quanto era pesado.

Arrancou o cinto. As bolsas do paraquedas foram arrancadas dele, rasgando nas costas e na virilha.

Seu avião dobrou ao meio como uma cobra com as costas quebradas, depois caiu, as asas subindo e se tocando acima da cabine arrasada como se fosse uma pomba tentando voar. Então se torceu de lado, caindo em pedaços.

Abaixo dele havia o ponto minúsculo que era o homem que havia caído da gôndola, girando como um esguicho de jardim na direção da cidade iluminada bem abaixo.

Jetboy viu o avião cair sob seus pés. Estava pendurado no espaço a dezenove quilômetros de altura por uma das mãos.

Ele agarrou o pulso direito com a mão esquerda, se ergueu até colocar um pé na lateral, depois entrou.

Ainda havia duas pessoas lá dentro. Uma estava nos controles e a outra no centro atrás de uma grande coisa redonda. Enfiava um cilindro em uma reentrância nela. Havia uma torre de metralhadora destruída de um lado da gôndola.

Jetboy procurou seu .38 preso sobre o peito. Foi uma agonia esticar a mão, uma agonia tentar correr na direção do sujeito com o detonador.

Eles vestiam escafandros. Os trajes estavam inflados. Pareciam dez ou doze bolas de praia enfiadas em ceroulas compridas. Moviam-se tão lentamente quanto ele.

As mãos de Jetboy se fecharam em garra sobre a coronha do .38. Ele o arrancou do coldre.

A arma voou de sua mão, ricocheteou no teto e saiu pelo buraco pelo qual ele havia entrado.

O sujeito nos controles disparou um tiro contra ele. Jetboy pulou na direção do outro homem, aquele com o detonador.

Sua mão agarrou o pulso do escafandro do homem enquanto ele empurrava o detonador cilíndrico na lateral do recipiente redondo. Jetboy viu que o equipamento todo estava apoiado em uma escotilha com dobradiça.

O homem tinha apenas metade de um rosto — Jetboy enxergou metal liso de um lado, pelo capacete de mergulho gradeado.

O homem girou o detonador com as duas mãos.

Jetboy viu, pelo teto arrancado da cabine de pilotagem, outro balão começar a esvaziar e em seguida teve uma sensação de queda. Estavam caindo na direção da cidade.

Jetboy agarrou o detonador com as duas mãos. Seus capacetes se chocaram enquanto a nave cambaleava.

O sujeito nos controles estava colocando um paraquedas e andando na direção da abertura na parede.

Outro solavanco derrubou Jetboy e o homem com o detonador. O sujeito esticou a mão para a alavanca da escotilha atrás dele o melhor que pôde com o traje pesado.

Jetboy agarrou suas mãos e o puxou de volta.

Eles caíram juntos sobre o recipiente, as mãos presas nos trajes um do outro e no detonador da bomba.

O homem tentou novamente alcançar a alavanca. Jetboy o afastou. O recipiente rolou como uma bola de praia gigante quando a gôndola se inclinou.

Ele olhou diretamente no olho do homem de escafandro, que usou os pés para empurrar o recipiente de volta para a escotilha de bomba. A mão foi novamente na direção da alavanca.

Jetboy girou o detonador meia-volta no sentido contrário.

O homem com o escafandro levou a mão às costas e surgiu com uma arma .45 automática. Afastou a pesada mão enluvada de Jetboy do detonador, desfez a volta. Jetboy viu o cano se virar na sua direção.

— Morra, Jetboy! Morra! — disse o homem.

Ele apertou o gatilho quatro vezes.

DEPOIMENTO DO PATRULHEIRO FRANCIS V. O'HOOEY, 15 SET. 1946, 18h45

(CONTINUAÇÃO).

Então, quando os pedaços de metal pararam de cair, todos saímos correndo e olhamos para cima.

Vi o ponto branco abaixo do tal balão. Arranquei os binóculos do tenente.

Com certeza era um paraquedas. Torci para que fosse Jetboy que tivesse saído quando o avião dele bateu naquilo.

Eu não sei muito sobre essas coisas, mas sei que você não abre um paraquedas tão no alto ou vai se meter em uma enrascada.

Então, enquanto eu assistia, os balões e tudo o mais explodiram, de uma vez. Eles estavam lá, então houve a explosão, e depois só tinha fumaça e coisas voando pelos ares.

As pessoas ao redor começaram a aplaudir. O garoto tinha conseguido — tinha explodido a coisa antes que pudesse jogar a bomba atômica na ilha de Manhattan.

Depois o tenente mandou subir no caminhão, para tentarmos pegar o garoto.

Nós entramos e tentamos deduzir onde ele ia pousar. Por toda parte que passávamos, as pessoas estavam de pé em meio a restos de carros, incêndios, tudo, olhando para o alto e aplaudindo o paraquedas.

Percebi a grande mancha no ar depois da explosão, quando estávamos circulando havia dez minutos. Os outros jatos que tinham estado com Jetboy haviam voltado, voando pelo ar, e também alguns Mustang e Thunderjug. Era como um show aéreo.

De alguma forma chegamos perto da ponte antes de todo mundo. Foi bom, porque quando fomos perto da água vimos o sujeito caído a uns seis metros da praia. Ele despencou como uma pedra. Estava vestindo um escafandro e nós nadamos e agarramos parte do paraquedas, e um bombeiro agarrou alguns dos tubos e o puxamos para a praia.

Bem, não era Jetboy, era um que identificamos como Edward “Eddy Liso” Shiloh, um bandidinho.

E estava bem mal. Pegamos um alicate no caminhão de bombeiros, arrancamos seu capacete e ele estava roxo como uma beterraba. Tinha levado vinte e sete minutos para chegar no chão. Desmaiou, claro, por falta de ar, e estava tão queimado de frio que soube que tiveram de arrancar um dos pés, e que da mão esquerda só sobrou o polegar.

Mas ele pulou da coisa antes de explodir. Olhamos para cima de novo, esperando ver o paraquedas do Jetboy ou algo do tipo, mas não havia nada, só aquela grande mancha enevoadada, com todos os aviões zunindo ao redor.

Levamos Shiloh para o hospital.

Este é meu relatório.

DEPOIMENTO DE EDWARD “EDDY LISO” SHILOH, 16 DE SET., 1946

(FRAGMENTO).

[...] todos os cinco obuses em duas das bolsas de gás. Depois ele bateu o avião diretamente em nós. As paredes explodiram. Fred e Filmore foram arremessados sem os paraquedas.

Quando a pressão caiu, eu senti como se não conseguisse me mexer, o traje ficou apertado demais. Tentei pegar meu paraquedas. Vi que o dr. Tod estava com o detonador e enfiando na tal bomba.

Senti o avião cair para a lateral da gôndola. A próxima coisa que vi foi Jetboy de pé bem na frente do buraco aberto pelo avião.

Eu saquei minha arma quando vi que ele estava armado, mas ele derrubou a arma e foi na direção de Tod.

— Segura ele, segura ele! — Tod estava gritando pelo rádio do traje.

Eu dei um tiro, mas errei, então ele estava em cima de Tod e da bomba, e eu decidi que meu trabalho tinha terminado há cinco

minutos e não estava recebendo hora extra.

Então saí e o rádio transmitiu todo aquele ranger de dentes e gritos, e eles estavam lutando. Então Tod berrou, sacou a .45 e juro que ele colocou quatro tiros em Jetboy mais perto do que eu estou de você. Então eles caíram juntos e eu pulei pelo buraco do lado.

Só que fui idiota e puxei a corda cedo demais, meu paraquedas não abriu direito, se enrolou e eu comecei a passar mal. Pouco antes de eu desmaiar a coisa toda explodiu acima de mim.

O que me lembro depois disso é de acordar aqui e ter um sapato sobrando, entende o que quero dizer? [...]

[...] o que eles falaram? Bem, a maior parte estava truncada. Vejamos. Tod disse “Segura ele, segure ele” e eu atirei. Depois eu fui para o buraco. Houve gritos. Eu só consegui ouvir Jetboy quando os capacetes deles se chocaram, pelo rádio do traje de Tod. Eles deviam ter se chocado com força, porque ouvi os dois respirando pesado.

Então Tod pegou a arma, atirou quatro vezes e disse “Morra, Jetboy! Morra!”, eu pulei e eles devem ter lutado por um momento, e ouvi Jetboy dizer “Não posso morrer ainda. Eu não vi *Sonhos dourados*”.

Foi oito anos depois do dia em que Thomas Wolfe morreu, mas era seu tipo de dia. Por todo o território dos Estados Unidos e todo o hemisfério norte era um daqueles dias em que o verão se despede, quando o clima vem novamente dos polos e do Canadá em vez de vir do Golfo e do Pacífico.

Acabaram construindo um monumento para Jetboy — “o garoto que não podia morrer ainda”. Um veterano calejado de batalha, com dezenove

anos, que havia impedido um louco de explodir Manhattan. Depois que tudo se acalmou, eles compreenderam isso.

Mas demorou um pouco para que se lembrassem. E para voltarem a estudar ou comprar aquela geladeira nova. Demorou muito tempo para alguém se lembrar de como a vida era antes de 15 de setembro de 1946.

Quando as pessoas em Nova York olharam para cima e viram Jetboy explodir a aeronave inimiga, pensaram que seus problemas haviam terminado.

Elas não poderiam estar mais enganadas.

— Daniel Deck

Godot é meu copiloto:

A vida de Jetboy

Lippincott, 1963

Do alto do céu, a névoa fina começou a cair.

Parte dela se espalhou com o vento, seguindo a corrente, na direção leste.

Sob aquelas correntes, a névoa se reagrupou e pairou como chuva que evapora, lentamente assentando sobre a cidade abaixo, faixas se formando e reformando, se rompendo como nuvens perto de uma tempestade.

Onde quer que tenha caído, produziu um som como de uma suave chuva de outono.

O DORMINHOCO

Roger Zelazny

I. A LONGA CAMINHADA PARA CASA

Ele tinha catorze anos quando o sono se tornou seu inimigo, uma coisa sombria e terrível que aprendeu a temer como outros temiam a morte. Mas não era uma questão de neurose em uma de suas mais misteriosas formas. Em geral uma neurose tem elementos irracionais, enquanto seu medo vinha de uma causa específica e seguia um rumo tão lógico quanto um teorema de geometria.

Não que não houvesse irracionalidade em sua vida. Muito pelo contrário. Mas isso era uma consequência, e não a causa, de seu quadro. Pelo menos foi o que disse a si mesmo mais tarde.

Resumindo, o sono era sua ruína, sua nênese. Era seu inferno em prestações.

Croyd Crenson havia concluído oito séries na escola e não conseguiu passar pela nona. Não foi por qualquer falha dele. Embora não fosse dos primeiros da turma, também não era dos últimos. Era um garoto comum, com um corpo comum, rosto sardento, olhos azuis e cabelos castanhos e lisos. Gostava de brincar de guerra com os amigos até a guerra de verdade terminar; depois passaram a brincar cada vez mais de polícia e ladrão. Quando brincava de guerra ele esperava — não com muita paciência — pela chance de ser o grande piloto de caça Jetboy; depois da guerra, quando era polícia e ladrão, ele em geral era um ladrão.

Tinha começado a nona série, mas, como muitos outros, nunca passou do primeiro mês: setembro de 1946.

— O que você está olhando?

Ele se lembrava da pergunta da srta. Marston, mas não de sua expressão, porque não tirara os olhos do espetáculo. Não era incomum as crianças de sua turma olharem pela janela, e com frequência cada vez maior assim que chegavam a uma distância crível das três da tarde. Mas *era* incomum não se virarem rapidamente quando chamadas, simulando mais um pouco de atenção enquanto esperavam pelo sinal do final da aula.

Em vez disso, ele respondeu:

— Os balões.

Como três outros garotos e duas meninas que também tinham uma boa linha de visão estavam olhando na mesma direção, a srta. Marston — sua própria curiosidade despertada — foi até a janela. Parou lá e observou.

Eles estavam bem no alto — cinco ou seis deles, aparentemente —, coisinhas pequenas no final de um corredor de nuvens, se deslocando como se unidos. E havia um avião por perto, fazendo uma ultrapassagem rápida por eles. Lembranças em preto e branco de cinejornais, ainda frescas, vieram à mente. Realmente parecia que o avião estava atacando os peixes prateados.

A srta. Marston observou por algum tempo, depois se virou.

— Certo, turma — começou. — É apenas...

Então as sirenes soaram. A srta. Marston sentiu os ombros tensionarem involuntariamente.

— Ataque aéreo! — gritou uma garota chamada Charlotte, na primeira fila.

— Não é — disse Jimmy Walker, o aparelho nos dentes cintilando. — Não tem mais isso. A guerra acabou.

— Eu sei como é o som — disse Charlotte. — Sempre que tinha um blecaute...

— Mas não tem mais guerra — afirmou Bobby Tremson.

— Agora já chega, turma — disse a srta. Marston. — Eles talvez estejam fazendo um treinamento.

Mas ela olhou novamente pela janela e viu um pequeno clarão de fogo no céu antes de uma barreira de nuvens bloquear sua visão do combate aéreo.

— Fiquem em seus lugares — disse, enquanto vários alunos se levantavam e iam na direção da janela. — Vou na secretaria descobrir se há algum treinamento que não foi anunciado. Volto logo. Podem conversar se for em voz baixa.

Ela saiu, batendo a porta após passar. Croyd continuou a olhar para a cortina de nuvens, esperando que se abrisse novamente.

— É Jetboy — disse a Bobby Tremson, da outra fileira.

— Ah, até parece — respondeu Bobby. — O que ele estaria fazendo lá em cima? A guerra acabou.

— É um avião a jato. Vi nos noticiários, e é assim que funciona. E ele é o melhor.

— Você está inventando tudo isso — disse Liza, do fundo da sala.

Croyd deu de ombros.

— Tem alguém mau lá em cima, e ele está lutando contra. Eu vi o fogo. Teve tiros.

As sirenes continuavam a berrar. Da rua do lado de fora subiram sons de pneus travando, seguidos pelo ruído breve de uma buzina de carro e o baque surdo de uma colisão.

— Acidente! — gritou Bobby, e todos se levantaram e foram para a janela.

Croyd então se ergueu, não querendo ter a visão bloqueada; e como estava perto, conseguiu um bom lugar. Mas não olhou para o acidente,

continuou a fitar o céu.

— Entrou no porta-malas — disse Joe Sarzanno.

— O quê? — perguntou uma garota.

Croyd então ouviu as explosões distantes. Não dava mais para ver o avião.

— Que barulho é esse? — perguntou Bobby.

— Fogo antiaéreo — respondeu Croyd.

— Impossível!

— Eles estão tentando derrubar aquela coisa.

— Aham, sei. Como nos filmes.

As nuvens começaram a se fechar novamente. Mas enquanto isso acontecia, Croyd achou ter vislumbrado o jato novamente, indo em rota de colisão contra os balões. Sua visão então foi bloqueada antes que pudesse ter certeza.

— Caramba! — exclamou. — Pega eles, Jetboy!

Bobby riu e Croyd o empurrou com força.

— Ei! Olha quem você está empurrando!

Croyd se virou para ele, mas Bobby parecia não querer continuar a confusão. Estava olhando para a janela novamente, apontando.

— Por que todas aquelas pessoas estão correndo?

— Não sei.

— É o acidente?

— Não.

— Olha! Mais um!

Um Studebaker azul havia feito a curva rápido, desviado para não acertar os carros parados e terminou batendo em um Ford que se aproximava. Os dois carros ficaram inclinados. Outros veículos frearam e pararam para não bater neles. Várias buzinas começaram a soar. Os sons

abafados da defesa antiaérea continuaram em meio ao uivo das sirenes. As pessoas agora estavam correndo pelas ruas, sequer parando para olhar os acidentes.

— Acha que é a guerra de novo? — perguntou Charlotte.

— Não sei — disse Leo.

O som de uma sirene da polícia de repente se misturou aos outros barulhos.

— Jesus! — disse Bobby. — Aí vem outro!

Antes que ele terminasse de falar, um Pontiac havia entrado na traseira de um dos veículos parados. Três duplas de motoristas se enfrentavam de pé; uma dupla com raiva, as outras simplesmente conversando e eventualmente apontando para cima. Logo, todos se separaram e saíram apressados pela rua.

— Isso não é um treinamento — disse Joe.

— Eu sei — respondeu Croyd, olhando para a área onde uma nuvem tinha ficado cor-de-rosa por causa do brilho que escondia. — Acho que é alguma coisa muito ruim.

Ele se afastou da janela.

— Vou para casa — disse.

— Você vai se meter em confusão — afirmou Charlotte.

Ele olhou para o relógio.

— Aposto que o sinal toca antes que ela volte. Se não for agora, acho que não vão nos deixar sair com tudo o que está acontecendo, e eu quero ir para casa.

Ele se virou e foi até a porta.

— Eu também vou — disse Joe.

— Vocês dois vão se meter em confusão.

Eles seguiram pelo corredor. Quando se aproximavam da porta da frente, uma voz adulta, masculina, chamou do saguão:

— Vocês dois! Voltem aqui!

Croyd correu, abriu a grande porta verde com o ombro e continuou. Joe estava apenas um passo atrás dele enquanto descia os degraus. Agora, a rua inteira estava cheia de carros parados dos dois lados, até onde podia ver, em qualquer direção. Havia pessoas no alto dos prédios e em todas as janelas, a maioria olhando para cima.

Ele correu para a calçada e virou à direita. Sua casa ficava seis quarteirões ao sul, em um grupo irregular de casas geminadas. O caminho de Joe era metade disso, seguindo depois para leste.

Antes que alcançassem a esquina, foram detidos por um enxame de pessoas indo da rua lateral para a direita, interrompendo sua passagem, algumas virando na direção norte e tentando avançar, outras seguindo para o sul. Os garotos ouviram xingamentos e o barulho de uma briga mais adiante.

Joe esticou a mão e puxou a manga de um homem, que recolheu o braço com rispidez e olhou para baixo.

— O que está acontecendo? — gritou Joe.

— Alguma espécie de bomba — respondeu o homem. — Jetboy tentou deter os homens que estavam com ela. Acho que todos explodiram. A coisa pode disparar a qualquer momento. Talvez seja atômica.

— Onde ela caiu? — berrou Croyd.

O homem apontou para noroeste.

— Para lá.

Então o homem encontrou uma brecha e forçou passagem, desaparecendo em seguida.

— Croyd, se formos por cima do capô daquele carro acho que conseguimos atravessar a rua — disse Joe.

Croyd concordou e seguiu o outro garoto por cima do capô ainda quente de um Dodge cinza. O motorista os xingou, mas sua porta estava bloqueada pela pressão dos corpos e a porta do carona só abria alguns centímetros antes de bater no para-lama de um táxi. Contornaram o táxi e atravessaram pelo meio do cruzamento, passando por mais dois carros no caminho.

O tráfego de pedestres diminuía perto do meio do quarteirão seguinte e parecia haver uma grande área aberta à frente. Eles correram na direção dela, mas então pararam de repente.

Havia um homem caído na calçada. Estava tendo convulsões. A cabeça e as mãos tinham inchado muito e estavam vermelho-escuras, quase roxas. No momento em que o viram, sangue começou a escorrer do nariz e da boca; verteu dos ouvidos, vazou dos olhos e das unhas.

— Minha Nossa Senhora! — disse Joe, fazendo o sinal da cruz e recuando. — O que ele tem?

— Não sei — respondeu Croyd. — Melhor não chegarmos perto. Vamos passar por cima de mais uns carros.

Eles levaram dez minutos para chegar à esquina seguinte. Em algum momento do trajeto perceberam que as armas estavam silenciosas havia muito tempo, embora as sirenes de ataque aéreo, da polícia e as buzinas dos carros sustentassem uma barulheira constante.

— Sinto cheiro de fumaça — disse Croyd.

— Eu também. Se alguma coisa estiver pegando fogo, nenhum caminhão de bombeiros vai chegar lá.

— Toda essa droga de cidade podia pegar fogo.

— Talvez não esteja assim na cidade toda.

— Pode apostar que está.

Eles avançaram, se depararam com uma massa de corpos e foram empurrados até a esquina.

— Não podemos ir por aí! — gritou Croyd.

Mas não fez diferença, porque a multidão ao redor deles foi detida segundos depois.

— Acha que conseguimos engatinhar até a rua e passar por cima dos carros de novo? — perguntou Joe.

— Podemos tentar.

Eles conseguiram. Só que, dessa vez, abrir caminho de volta para a esquina demorou mais, já que outros tomavam o mesmo rumo. Croyd viu um rosto reptiliano atrás de um para-brisa, e mãos escamosas agarrando um volante que havia sido arrancado do painel enquanto o motorista caía lentamente de lado. Desviando os olhos, viu uma coluna de fumaça se erguer além dos edifícios a noroeste.

Quando chegaram à esquina, não havia como passar. As pessoas estavam amontoadas e oscilando. Alguém gritava de vez em quando. Ele sentia vontade de chorar, mas sabia que não adiantaria nada. Trincou os dentes e estremeceu.

— O que vamos fazer? — perguntou a Joe.

— Se ficarmos presos aqui até de noite, acho que podemos quebrar o vidro de um carro vazio e dormir nele.

— Eu quero ir para casa!

— Eu também. Vamos tentar ir o mais longe que pudermos.

Eles se arrastaram pela rua por quase uma hora, mas só avançaram outro quarteirão. Motoristas berravam e batiam nas janelas quando eles passavam por cima do teto dos carros. Outros carros estavam vazios. Uns poucos continham coisas desagradáveis de serem vistas. O tráfego na

calçada parecia perigoso. Estava rápido e barulhento, com brigas súbitas, muitos gritos e uma série de corpos caídos que haviam sido empurrados para umbrais de porta ou do meio-fio para a rua. Houve alguns segundos de hesitação e silêncio quando as sirenes pararam. Então surgiu o som de alguém falando em um megafone. Mas era distante demais. Só se conseguia distinguir a palavra “pontes”, o resto era incompreensível. O pânico recomeçou.

Viu uma mulher cair de um prédio à frente, do outro lado da rua, e teve que desviar os olhos antes que ela batesse no chão. O cheiro de fumaça continuava no ar, mas ainda não havia sinais de incêndio na vizinhança. À frente, viu as pessoas pararem e recuarem quando uma pessoa — não sabia dizer se homem ou mulher — explodiu em chamas no meio da multidão. Ele deslizou para o chão entre dois carros e esperou que o amigo o acompanhasse.

— Joe, estou morrendo de medo — falou. — Talvez a gente devesse engatinhar para baixo de um carro e esperar tudo terminar.

— Eu estava pensando nisso — respondeu o outro garoto. — Mas e se uma parte daquele prédio em chamas cair sobre um carro e ele pegar fogo?

— E daí?

— Se acertar o tanque de gasolina e ele explodir, espremidos como estão, vão todos explodir, como uma fileira de rojões.

— Caramba!

— Temos que continuar. Você pode ir para minha casa, se for mais fácil.

Croyd viu um homem fazer uma série de movimentos, como se estivesse dançando, e rasgar a própria roupa. Então ele começou a mudar

de forma. Alguém mais atrás na rua começou a uivar. Houve barulho de vidro se quebrando.

Durante a meia hora seguinte o trânsito na calçada diminuiu para o que em outras circunstâncias poderia ser chamado de normal. As pessoas pareciam ou ter chegado aos seus destinos ou levado o engarrafamento para outra parte da cidade. Agora, aqueles que passavam abriam caminho entre cadáveres. Os rostos haviam desaparecido atrás das janelas. Não se via ninguém no alto dos prédios. O som das buzinas dos carros havia se reduzido a surtos eventuais. Os garotos estavam em uma esquina. Haviam percorrido três quarteirões e atravessado a rua desde que saíram da escola.

— Eu viro aqui — disse Joe. — Quer vir comigo ou vai seguir em frente?

Croyd olhou para a rua.

— Parece melhor agora. Acho que consigo chegar.

— Até logo.

— Tchau.

Joe seguiu apressado. Croyd o observou por um momento, depois avançou. Mais adiante na rua um homem saiu correndo de uma porta, aos berros. Ele pareceu ficar maior e seus movimentos se tornaram mais erráticos à medida que seguia para o meio da rua. Então explodiu. Croyd pressionou as costas contra a parede de tijolos à sua esquerda e observou, com o coração acelerado, mas não houve mais nenhuma perturbação. Ouviu o megafone de novo, de algum ponto a oeste, e dessa vez as palavras eram mais claras: “As pontes estão fechadas para carros e pedestres. Não tentem usar as pontes. Voltem para suas casas. As pontes estão fechadas...”.

Ele tornou a avançar. Uma única sirene soou em algum lugar a leste. Um avião passou acima, voando baixo. Havia um corpo retorcido em um umbral à esquerda; ele desviou os olhos e acelerou o passo. Viu fumaça do outro lado da rua, procurou chamas e percebeu que se erguiam do corpo de uma mulher sentada no degrau de uma entrada, com as mãos na cabeça. Ela pareceu encolher enquanto ele observava e em seguida caiu para a esquerda com um barulho de chocalho. Ele cerrou os punhos e continuou.

Um caminhão do Exército saiu da rua lateral na esquina em frente. Ele correu até lá. Um rosto com capacete se virou para ele do lado do carona.

— Por que está na rua, filho? — perguntou o homem.

— Estou indo para casa.

— Onde fica?

Ele apontou para a frente.

— Dois quarteirões — disse.

— Vá direto para casa — ordenou o homem.

— O que está acontecendo?

— Estamos sob lei marcial. Todos têm que ficar em casa. É melhor também manter as janelas fechadas.

— Por quê?

— Parece que foi alguma espécie de bomba biológica que explodiu. Ninguém sabe ao certo.

— Era o Jetboy que...

— Jetboy está morto. Tentou detê-los.

Os olhos de Croyd de repente se encheram de lágrimas.

— Vá direto para casa.

O caminhão atravessou a rua e seguiu para oeste. Croyd atravessou correndo e desacelerou ao chegar à calçada. Começou a tremer. De

repente se deu conta da dor nos joelhos, arranhados ao engatinhar sobre os veículos. Enxugou os olhos. Sentia um frio terrível. Parou no meio do quarteirão e bocejou várias vezes. Cansado. Estava inacreditavelmente cansado. Começou a se mover. Seus pés pareciam mais pesados do que nunca. Parou novamente sob uma árvore. Ouviu um gemido acima da cabeça.

Quando ergueu os olhos, percebeu que não era uma árvore. Era alto e marrom, com raízes e esguio, mas havia um rosto humano imensamente alongado perto do alto, e era de lá que vinha o gemido. Enquanto se afastava, um dos galhos agarrou seu ombro, mas era uma coisa fraca e mais alguns passos o deixaram fora de alcance. Croyd choramingou. A esquina parecia estar a quilômetros de distância, e depois havia mais um quarteirão...

Ele estava com demorados acessos de bocejo e o mundo refeito perdera a capacidade de surpreendê-lo. E daí se um homem voava sem ajuda pelas ruas laterais? Ou se havia uma poça com rosto humano na sarjeta à sua direita? Mais corpos... Um carro virado... Uma pilha de cinzas... Fios telefônicos pendurados...

Ele se arrastou até a esquina. Apoiou-se em um poste, escorregou lentamente e se sentou encostado nele.

Queria fechar os olhos. Mas era tolice. Ele morava ali do lado. Só mais um pouco e poderia dormir na própria cama.

Agarrou o poste e se levantou com dificuldade. Mais uma travessia.

Chegou ao seu quarteirão, a visão embaçada. Só mais um pouco. Ele conseguia ver a porta...

Ouviu o som deslizante e rangente de uma janela se abrindo, ouviu seu nome ser chamado acima. Ergueu os olhos. Era Ellen, a filha pequena dos vizinhos, olhando para ele.

— Sinto muito pela morte do seu pai — disse ela.

Ele quis chorar, mas não conseguiu. Os bocejos esgotaram toda a sua força. Ele se apoiou na porta e tocou a campainha. A chave dentro do bolso parecia muito distante...

Quando seu irmão Carl abriu a porta, ele caiu a seus pés e descobriu que não conseguia se levantar.

— Estou tão cansado — disse a ele, e fechou os olhos.

II. O ASSASSINO NO CORAÇÃO DO SONHO

A infância de Croyd desapareceu enquanto dormia, naquele primeiro Dia do Wild Card. Quase quatro semanas se passaram antes que ele despertasse, e estava mudado, assim como o mundo ao redor. Não era apenas que estivesse quinze centímetros mais alto, mais forte do que imaginava possível e coberto com finos pelos vermelhos. Enquanto se olhava no espelho do banheiro, logo descobriu que os pelos tinham propriedades peculiares. Sentindo repulsa por sua aparência, desejou que não fossem vermelhos. Imediatamente começaram a desbotar até um tom louro-claro, e ele sentiu um formigamento não exatamente desagradável por toda a superfície do corpo.

Intrigado, desejou que virassem verdes, e viraram. Novamente o formigamento, dessa vez mais como uma onda de vibração passando. Ele quis preto, e enegreceram. Depois, mais uma vez claros. Só que dessa vez ele não parou em louro-claro. Mais claro, mais claro; giz, albino. Ainda mais claro... Qual era o limite? Começou a sumir de vista. Podia ver a parede de azulejos atrás, através de seu perfil esmaecido no espelho. Mais claro...

Sumiu.

Levou as mãos diante do rosto e não viu nada. Pegou a toalha de rosto molhada e a levou ao peito. Ela também ficou transparente, desaparecendo, embora ainda sentisse sua presença úmida.

Ele retornou ao louro-claro. Parecia o mais aceitável socialmente. Então se enfiou no que havia sido seu jeans mais largo e colocou uma camisa verde de flanela, que não conseguiu abotoar por completo. As calças só chegavam às canelas. Silenciosamente, desceu as escadas

descalço e foi até a cozinha. Estava faminto. O relógio do corredor lhe disse que eram quase três da manhã. Ele havia checado a mãe, o irmão e a irmã, mas não perturbou o sono deles.

Havia metade de um pão na caixa e ele o despedaçou, enfiando grandes porções na boca, mal mastigando antes de engolir. Chegou a morder o dedo, o que só o desacelerou um pouco. Encontrou um pedaço de carne e outro de queijo na geladeira e os comeu. Também bebeu quase um litro de leite. Havia duas maçãs no balcão e as comeu enquanto vasculhava os armários. Uma caixa de bolachas. Mastigou enquanto continuava a procurar. Seis biscoitos. Engoliu. Meio pote de manteiga de amendoim. Comeu de colher.

Nada. Ele não conseguiu encontrar mais nada e ainda sentia uma fome terrível.

Então a enormidade do seu banquete o chocou. Não havia mais comida na casa. Recordou a insanidade da tarde de sua volta da escola. E se estivesse faltando comida? E se tivesse recomeçado o racionamento? Ele havia acabado de comer a comida de todos.

Tinha de conseguir mais, para os outros, bem como para si. Foi até a sala da frente e olhou pela janela. A rua estava deserta. Ficou pensando na lei marcial sobre a qual ouvira falar no caminho da escola para casa — há quanto tempo? Aliás, por quanto tempo dormira? Tinha a sensação de que havia sido muito.

Destrancou a porta e sentiu o frescor da noite. Uma das luzes da rua que ainda funcionava brilhava através dos galhos nus de uma árvore próxima. Na tarde de todos os problemas, as árvores ainda tinham algumas folhas. Pegou a chave extra na mesa do corredor, saiu e trancou a porta atrás de si. Os degraus, que ele sabia que deviam estar frios, não pareceram particularmente gelados a seus pés nus.

Então parou e recuou para a sombra. Era assustador não saber o que havia lá fora.

Ele ergueu as mãos e as observou à luz do poste.

— Mais claro, mais claro, mais claro...

Elas sumiram até a luz passar através. Continuaram a desbotar. Seu corpo se arrepiou.

Quando desapareceram, ele baixou os olhos. Parecia não restar nada dele a não ser o formigamento.

Então subiu a rua apressado, uma sensação de enorme energia dentro de si. O estranho ser arbóreo desaparecera do quarteirão seguinte. As ruas estavam liberadas ao tráfego, embora ainda houvesse muito entulho no meio-fio e quase todos os veículos estacionados tivessem sofrido algum dano. Parecia que todo prédio pelo qual passava tinha pelo menos uma janela fechada com papelão ou madeira. Várias árvores da rua eram troncos destroçados, e o poste de metal na esquina seguinte estava muito curvado para um lado. Ele se apressou, surpreso com a rapidez com que avançava, e quando chegou à escola viu que permanecia intacta, a não ser por alguns vidros que faltavam. Prosseguiu.

Três mercearias que encontrou estavam bloqueadas com tábuas e cartazes de FECHADA ATÉ SEGUNDA ORDEM. Invadiu a terceira. As tábuas ofereceram pouca resistência quando as empurrou. Ele achou o interruptor e o acionou. Segundos depois, o desligou. O lugar estava arrasado. Havia sido totalmente saqueado.

Continuou a subir, passando pelos esqueletos de vários prédios incendiados. Ouviu vozes — uma rouca, outra aguda e musical — vindas de um deles. Momentos depois houve um clarão de luz branca e um grito. Simultaneamente, um pedaço de parede de tijolos desmoronou, caindo

sobre a calçada às suas costas. Não viu motivo para investigar. Em certo momento achou também ter escutado vozes saindo dos bueiros.

Perambulou por quilômetros naquela noite, até chegar perto da Times Square e perceber que estava sendo seguido. Inicialmente achou que era apenas um cachorro grande indo na mesma direção. Mas quando a criatura chegou perto e ele percebeu traços humanos, parou e o encarou. O cachorro se sentou a uma distância de cerca de três metros e olhou para ele.

— Você também é um — rosnou.

— Você consegue me ver?

— Não. Farejar.

— O que você quer?

— Comida.

— Eu também.

— Eu mostro a você onde. Você me dá um pouco.

— Certo. Mostre.

Ele o levou até uma área cercada onde havia caminhões do Exército estacionados. Croyd contou dez. Homens uniformizados estavam de pé ou descansando no meio deles.

— O que está acontecendo? — perguntou Croyd.

— Perguntas depois. Pacotes de comida nos quatro caminhões à esquerda.

Foi fácil cruzar o perímetro, entrar no fundo de um veículo, pegar uma braçada de pacotes e sair pelo outro lado. Ele e o homem-cão se esconderam em um umbral a dois quarteirões dali. Croyd se tornou visível e começaram a se empanturrar.

Depois, seu novo amigo — que queria ser chamado de Bentley — contou a ele os acontecimentos das semanas posteriores à morte de

Jetboy, enquanto Croyd dormia. Croyd ficou sabendo da corrida para Jersey, dos tumultos, da lei marcial, dos takisianos e das dez mil mortes que seu vírus havia causado. E ouviu a respeito dos sobreviventes transformados — os sortudos e os azarados.

— Você é um sortudo — concluiu Bentley.

— Eu não me sinto com sorte — disse Croyd.

— Pelo menos continuou humano.

— Então, já foi ver esse dr. Tachyon?

— Não. Ele tem estado muito ocupado. Mas eu vou.

— Eu também devia.

— Talvez.

— Como assim “talvez”?

— Por que você ia querer mudar? Você se deu bem. Pode ter o que quiser.

— Quer dizer roubar?

— Os tempos são difíceis. Você sobrevive do jeito que pode.

— Talvez.

— Sei onde tem roupas que cabem em você.

— Onde?

— Virando a esquina.

— Tudo bem.

Croyd não teve dificuldade em invadir pelos fundos a loja de roupas à qual Bentley o levou. Depois disso, desapareceu e voltou para pegar outro carregamento de pacotes de comida. Bentley o seguiu enquanto voltava para casa.

— Você se importa se eu te acompanhar?

— Não.

— Quero ver onde você mora. Eu posso arranjar várias coisas boas para você.

— É?

— Seria bom ter um amigo que me mantivesse alimentado. Acha que podemos dar um jeito?

— Acho.

Nos dias que se seguiram, Croyd se tornou o provedor da família. O irmão mais velho e a irmã não perguntavam como ele arrumava a comida ou, depois, o dinheiro que parecia não ter problemas para conseguir durante as escapadas noturnas. Nem a mãe, distraída pela dor da morte do marido, quis perguntar. Bentley — que dormia em algum lugar na vizinhança — se tornou seu guia e mentor naquelas empreitadas, bem como seu confidente em outras questões.

— Talvez eu devesse procurar o médico que você mencionou — disse Croyd, pousando a caixa de enlatados que pegara de um armazém e se sentando nela.

— Tachyon? — perguntou Bentley, se esticando de modo pouco canino.

— É.

— O que há de errado?

— Não consigo dormir. Já se passaram cinco dias desde que acordei desse jeito e não dormi desde então.

— E daí? Qual o problema com isso? Mais tempo para fazer o que quer.

— Mas já estou ficando cansado, e ainda assim não consigo dormir.

— Você vai sentir sono na hora certa. Não vale a pena incomodar Tachyon. Além disso, se ele tentar te curar, suas chances são apenas de uma em três ou quatro.

— Como sabe disso?

— Eu o procurei.

— Ah.

Croyd comeu uma maçã.

— Você vai tentar? — perguntou.

— Se conseguir tomar coragem — respondeu Bentley. — Quem quer passar a vida como cachorro? E, além disso, não exatamente um bom cachorro. Por falar nisso, quando passarmos por uma pet shop, queria que você entrasse e pegasse uma coleira antipulgas para mim.

— Claro. Fico pensando... Se eu conseguir dormir, vou dormir tanto tempo quanto antes?

Bentley tentou dar de ombros, mas desistiu.

— Quem sabe?

— Quem vai cuidar da minha família? Quem vai cuidar de você?

— Entendi. Se você parar de aparecer à noite vou esperar um pouco e depois tentar a cura. Quanto à sua família, melhor juntar uma grana. Uma hora as coisas vão ficar mais tranquilas e dinheiro é sempre a solução.

— Você tem razão.

— Você é forte pra caramba. Acha que conseguiria abrir um cofre?

— Talvez. Não sei.

— Podemos tentar um a caminho de casa. Conheço um bom lugar.

— Certo.

— E um pouco de talco antipulgas.

Era quase de manhã e ele estava sentado, lendo e comendo, quando começou a bocejar de forma incontrollável. Ao se levantar, havia um peso

em seus membros que não existia antes. Subiu as escadas e entrou no quarto de Carl. Sacudiu o irmão pelo ombro até que acordasse.

— Qual é, Croyd? — perguntou ele.

— Estou com sono.

— Então vai dormir.

— Já faz muito tempo. Talvez eu durma muito de novo.

— Ah.

— Aqui tem algum dinheiro, para tomar conta de todo mundo, caso isso aconteça.

Ele abriu a gaveta de cima do gaveteiro de Carl e enfiou um grande maço de notas sob as meias.

— Ahn, Croyd... Onde você conseguiu todo esse dinheiro?

— Não é da sua conta. Volte a dormir.

Ele foi para o quarto, se despiu e se enfiou na cama. Sentia muito frio.

Quando acordou, tinha gelo nas vidraças da janela.

Ao olhar para fora, viu que havia neve no chão sob um céu plúmbeo. Sua mão no peitoral era larga e morena, os dedos curtos e grossos.

Ao se examinar no banheiro, descobriu que tinha cerca de um metro e sessenta e cinco de altura, com uma complexão forte e musculosa, com cabelos e olhos escuros e sulcos rígidos como cicatrizes na frente das pernas, nas laterais dos braços, sobre os ombros, descendo as costas e subindo o pescoço. Demorou mais quinze minutos para aprender que podia elevar a temperatura da mão até o ponto em que a toalha que estava segurando pegasse fogo. Apenas mais alguns minutos e descobriu que podia gerar calor em todo lugar, até seu corpo inteiro reluzir — embora preferisse não ter deixado a pegada que havia gravado no linóleo nem o buraco que seu outro pé fez no tapete.

Daquela vez havia muita comida na cozinha, e ele comeu sem parar durante mais de uma hora até a fome passar. Vestiu uma calça e um casaco de moletom, refletindo sobre a variedade de roupas que precisaria manter se mudasse de forma cada vez que dormisse.

Agora não havia nenhuma dificuldade para conseguir comida. O enorme número de mortes ocorridas desde a liberação do vírus resultara em abundância nos depósitos locais, e as lojas tinham reaberto e voltado às suas rotinas de distribuição habituais.

Sua mãe passava a maior parte do tempo na igreja, e Carl e Claudia voltaram à escola, que reabriria pouco antes. Croyd sabia que ele mesmo não voltaria à escola. O estoque de dinheiro ainda era grande, mas, considerando que dessa vez ele dormiria nove dias a mais do que da primeira, achou que seria uma boa ideia ter algum extra. Ele se perguntou se conseguiria aquecer a mão o suficiente para abrir um buraco na porta de metal de um cofre. Ele tivera grande dificuldade para abrir o primeiro — quase chegara a desistir —, e Bentley havia garantido que era uma “lata”. Ele saiu e praticou em um pedaço de cano galvanizado.

Tentou planejar o ato com cuidado, mas avaliou mal. Teve de abrir oito cofres naquela semana antes de conseguir um bom dinheiro. A maioria deles tinha apenas papéis. Ele sabia que havia disparado alarmes e isso o deixava nervoso; esperava que suas digitais também mudassem quando dormia. Trabalhou o mais rápido possível e desejou que Bentley voltasse. Sentia que o homem-cachorro teria sabido o que fazer. Em várias oportunidades ele deu indícios de que sua ocupação anterior envolvera atividades não exatamente legais.

Os dias passaram mais rápido do que teria desejado. Croyd comprou um grande e variado guarda-roupa. À noite, caminhava pela cidade

observando os sinais de danos que permaneciam e o avanço das obras de recuperação. Acompanhou as notícias da cidade, do mundo. Não era difícil acreditar em um homem do espaço sideral quando o resultado do vírus estava ao seu redor. Perguntou a um cara com cabeça em forma de bala e dedos palmados onde poderia encontrar o dr. Tachyon. O homem lhe deu um endereço e um número de telefone. Ele os guardou na carteira, e não ligou nem foi. E se o médico o examinasse, dissesse para não se preocupar e o curasse? Àquela altura ninguém mais na família conseguia ganhar a vida.

Chegou o dia em que seu apetite aumentou novamente, o que para ele significava que seu corpo estava se preparando para outra mudança. Dessa vez observou com mais atenção o que sentia, para referências futuras. Demorou o restante daquele dia e a noite e parte do dia seguinte antes que comesçassem o frio e as ondas de sonolência. Ele deixou um bilhete desejando boa-noite aos outros, já que estavam fora quando a sensação tomou conta dele. E daquela vez trancou a porta do quarto, pois descobriu que várias vezes o haviam observado enquanto dormia e em dado momento até haviam levado uma médica — que, ao tomar conhecimento de seu histórico, prudentemente recomendara que simplesmente o deixassem dormir. Também sugerira que quando ele acordasse fosse procurar o dr. Tachyon, mas a mãe perdera o papel no qual ela havia escrito isso. A cabeça da sra. Crenson se distraía com facilidade naqueles dias.

Ele teve o sonho novamente — e dessa vez se deu conta de que era *novamente* — e foi a primeira vez que se lembrou dele: a apreensão era parecida com a que sentira no dia em que voltara da escola para casa pela última vez. Estava caminhando pelo que parecia uma rua vazia, ao crepúsculo. Algo se mexeu atrás dele, que se virou e olhou. Pessoas saíam

de umbrais, janelas, carros, bueiros e todas olhavam para ele, se moviam na sua direção. Croyd continuou em seu caminho e houve algo como um suspiro coletivo às suas costas. Quando olhou novamente, todos estavam correndo na direção dele, de forma ameaçadora, expressões de ódio nos rostos. Ele começou a correr, certo de que pretendiam destruí-lo. Eles o perseguiram...

Quando acordou, estava repugnante e não tinha poderes especiais. Estava sem pelos, tinha um focinho e estava coberto de escamas cinza-esverdeadas; os dedos eram alongados e tinham articulações extras, os olhos eram amarelos e estreitos; sentia dores nas coxas e na base da coluna se ficasse em pé muito tempo. Era mais fácil andar pelo quarto de quatro. Quando exclamou em voz alta sobre sua condição, sua fala tinha um sibilo pronunciado.

Era começo da noite e ouviu vozes no andar de baixo. Abriu a porta e chamou, e Claudia e Carl correram para seu quarto. Croyd entreabriu a porta e permaneceu atrás dela.

— Croyd! Você está bem? — perguntou Carl.

— Sim e não — sibilou. — Vou ficar bem. Agora estou morrendo de fome. Tragam comida. Muita.

— Qual é o problema? — perguntou Claudia. — Você não vai sair?

— Depois! Falar depois. Comida agora!

Ele se recusou a sair do quarto ou a deixar a família vê-lo. Eles levaram comida, revistas, jornais. Escutou rádio e andou de um lado para o outro, quadrúpede. Daquela vez o sono era algo a ser desejado em vez de temido. Ele se deitou na cama, torcendo para que viesse logo. Mas demorou quase uma semana.

Quando acordou novamente, estava com pouco mais de um metro e oitenta de altura, cabelos escuros, magro e com feições atraentes. Era tão forte quanto havia sido em ocasiões anteriores, mas após algum tempo concluiu que não possuía poderes especiais — até escorregar na escada enquanto corria para a cozinha e se salvar levitando.

Depois, notou um bilhete com a caligrafia de Claudia preso à sua porta. Tinha um número de telefone e dizia que podia encontrar Bentley assim. Ele o colocou na carteira. Tinha outro telefonema a dar antes.

O dr. Tachyon ergueu os olhos para ele e sorriu levemente.

— Podia ser pior — disse.

Croyd quase achou aquela avaliação engraçada.

— Como? — perguntou.

— Bem, você podia ter tirado um curinga.

— O que exatamente eu tirei, doutor?

— O seu é um dos casos mais interessantes que encontrei até agora. Em todos os outros o vírus simplesmente agiu como de costume e matou a pessoa ou a modificou, para o bem ou para o mal. No seu caso... Bem, a melhor analogia é uma doença terráquea chamada malária. O vírus que você tem parece reinfectá-lo periodicamente.

— Eu tirei um curinga uma vez...

— Sim, e pode acontecer novamente. Mas ao contrário de qualquer outro com quem isso aconteceu, você só precisa esperar. É só dormir que passa.

— Não quero ser um monstro de novo. Tem algum jeito de você mudar apenas essa parte?

— Temo que não. É parte de sua síndrome total. Só posso cuidar da coisa toda.

— E as chances de cura são de três ou quatro para uma?

— Quem lhe disse isso?

— Um curinga chamado Bentley. Ele meio que parecia um cachorro.

— Bentley foi um dos meus casos de sucesso. Ele agora voltou ao normal. Na verdade, acabou de sair daqui.

— Mesmo? Bom saber que alguém conseguiu.

Tachyon desviou os olhos.

— Sim — respondeu ele, depois de um instante.

— Me diz uma coisa.

— O quê?

— Se eu só mudo quando durmo, então posso evitar uma mudança permanecendo acordado, certo?

— Entendo o que quer dizer. Sim, um estimulante poderia adiar um pouco. Se você sentir que está acontecendo quando estiver em algum lugar, duas xícaras de café provavelmente vão segurar por tempo suficiente para você voltar para casa.

— Não tem nada mais forte? Algo que consiga segurar por mais tempo?

— Sim, há estimulantes poderosos; anfetaminas, por exemplo. Mas podem ser perigosos caso tome demais ou por muito tempo.

— Perigosos como?

— Nervosismo, irritabilidade, agressividade. Depois, psicose tóxica, com ilusões, alucinações, paranoia.

— Loucura?

— Sim.

— Bem, posso apenas parar se chegar perto disso, não?

— Não acho que seja tão fácil.

— Eu odiaria ser um monstro de novo, ou... Você não mencionou, mas não é possível que eu morra durante um dos comas?

— Existe essa possibilidade. É um vírus terrível. Mas você já passou por vários ataques, o que me leva a crer que seu corpo sabe o que está fazendo. Eu não me preocuparia demais com isso...

— É a parte do curinga que me incomoda mais.

— Essa é uma possibilidade que você simplesmente terá que aceitar.

— Certo. Obrigado, doutor.

— Gostaria que viesse ao Monte Sinai da próxima vez que sentir que está começando. Eu realmente gostaria de observar o processo.

— Eu prefiro que não.

Tachyon assentiu.

— Ou pouco depois de você acordar...

— Talvez — disse Croyd e apertou a mão dele. — Por falar nisso, doutor... Como se escreve “anfetamina”?

Croyd parou no apartamento dos Sarzanno depois, já que não via Joe desde aquele dia de setembro em que saíram juntos da escola. A necessidade de ganhar a vida reduzira bastante seu tempo livre desde então.

A sra. Sarzanno entreabriu a porta e olhou para ele. Depois que se identificou e tentou explicar sua mudança de aparência, ela ainda se recusou a abrir mais a porta.

— Meu Joe também mudou — disse ela.

— Ah, como ele está?

— Mudado. Só isso. Mudado. Vá embora.

Ela fechou a porta.

Ele bateu novamente, mas ninguém atendeu.

Croyd então foi embora e comeu três filés, pois não havia mais nada que pudesse fazer.

Croyd analisou Bentley — um homem pequeno com traços de raposa, cabelos escuros e olhos agitados — pensando que sua transformação anterior de fato combinava com seu comportamento geral. Bentley fez o mesmo por vários segundos, depois disse:

— É realmente você, Croyd?

— É.

— Venha. Sente e tome uma cerveja. Temos muito a conversar.

Ele deu um passo para o lado e Croyd entrou no apartamento lindamente mobiliado.

— Fiquei curado e voltei aos negócios, que estão péssimos — disse Bentley depois que tinham se sentado. — O que aconteceu com você?

Croyd contou a ele sobre as mudanças e os poderes que experimentara e sua conversa com Tachyon. A única coisa que nunca mencionou foi sua idade, já que todas as suas transformações o deixavam com uma aparência mais madura. Ele temia que Bentley não confiasse nele da mesma forma caso soubesse a verdade.

— Você fez errado esses outros arrombamentos — disse o pequeno homem, acendendo um cigarro e tossindo. — Tentativa e erro nunca dá certo. Você precisa de um pouco de planejamento, e isso deve ser ajustado ao seu talento especial a cada vez. Você diz que desta vez consegue voar?

— Sim.

— Certo. Há muitos lugares no alto de arranha-céus que as pessoas acham bastante seguros. Agora é a hora de atacarmos esses. Sabe, você

está na melhor situação possível. Mesmo que alguém te veja, não importa. Estará diferente da vez seguinte.

— E você me consegue as anfetaminas?

— Tudo o que você quiser. Volte aqui amanhã; mesma hora, mesma estação. Talvez eu tenha arrumado um trabalho para nós. E terei seus comprimidos.

— Obrigado, Bentley.

— É o mínimo que posso fazer. Se continuarmos juntos, ficaremos ricos.

Bentley planejou um bom trabalho, e três dias depois Croyd levou para casa mais dinheiro do que jamais tivera. Deu a maior parte dele para Carl, que estava cuidando das finanças da família.

— Vamos dar uma volta — disse Carl, escondendo o dinheiro atrás de uma fileira de livros e olhando significativamente para a sala, onde Claudia e sua mãe estavam.

Croyd assentiu.

— Claro.

— Você parece muito mais velho agora — disse Carl, que faria dezoito em poucos meses, assim que chegaram à rua.

— Eu me sinto muito mais velho.

— Não sei onde você continua arrumando o dinheiro...

— Melhor não.

— Certo. Não posso reclamar, já que estou vivendo dele também. Mas queria que você soubesse da mamãe. Ela está piorando. Ver papai ser despedaçado daquele jeito... Está cada vez mais grave desde então. Até agora você perdeu as piores partes, estava dormindo da última vez. Teve três noites em que ela simplesmente se levantou e saiu de camisola;

descalça, em fevereiro, pelo amor de Deus! E vagou como se estivesse procurando pelo papai. Felizmente, todas as vezes alguém que conhecíamos a viu e a trouxe de volta. Mamãe não parava de perguntar a ela, à sra. Brandt, se o tinha visto. De qualquer forma, o que estou querendo dizer é que está piorando. Já conversei com dois médicos. Eles acham que ela deveria passar um tempo em uma casa de repouso. Claudia e eu também achamos. Não podemos vigiá-la o tempo todo e ela pode se machucar. Claudia tem dezesseis anos. Nós dois podemos cuidar de tudo enquanto ela estiver longe. Mas vai ser caro.

— Eu consigo mais dinheiro — disse Croyd.

Quando finalmente conseguiu falar com Bentley no dia seguinte e disse que precisavam fazer outro trabalho logo, o pequeno homem pareceu contente, pois Croyd não estivera inclinado a participar de outro esquema em tão pouco tempo.

— Um dia ou dois para arrumar algo e acertar os detalhes — disse Bentley. — Falo com você.

— Certo.

No dia seguinte, o apetite de Croyd começou a aumentar e ele se viu bocejando de vez em quando. Então tomou um dos comprimidos.

Funcionou bem. Na verdade, melhor que bem. Foi uma sensação incrível a que tomou conta dele. Não conseguia se lembrar da última vez em que se sentiu tão bem. Tudo parecia estar dando certo, para variar. E todos os movimentos pareciam particularmente fluidos e graciosos. Também se sentia mais alerta, mais consciente do que de hábito. E, mais importante, não estava sonolento.

Apenas de noite, depois que todos haviam se recolhido, aquelas sensações começaram a passar. Ele tomou outro comprimido. Quando

começou a fazer efeito, ele se sentiu tão bem que saiu e levitou bem alto acima da cidade, flutuando na fria noite de março entre as brilhantes constelações da cidade e aquelas bem acima, sentindo como se tivesse uma chave secreta para o significado interno de tudo. Pensou brevemente na batalha de Jetboy no céu e voou sobre os restos do Terminal Hudson, que havia pegado fogo quando pedaços do avião de Jetboy caíram. Tinha lido que planejavam construir um monumento ali. Fora assim que ele se sentira quando caíra?

Ele desceu para deslizar entre os prédios — algumas vezes parando no teto de um, saltando, caindo, se salvando no último instante. Em uma dessas ocasiões, viu dois homens o observando de um umbral. Isso o deixou irritado, por alguma razão obscura. Voltou para casa e começou uma faxina. Empilhou jornais e revistas velhos e os amarrou em fardos, esvaziou cestos de lixo, varreu e esfregou, lavou toda a louça na pia. Voou com quatro carregamentos de lixo até o East River e os jogou, já que a coleta de lixo ainda não havia sido totalmente regularizada. Tirou o pó de tudo e a manhã o encontrou polindo a prataria. Depois lavou todas as janelas.

Foi de repente que se viu fraco e trêmulo. Ele se deu conta do que estava acontecendo e tomou outro comprimido e colocou um bule de café para passar. Os minutos se arrastaram. Era difícil permanecer sentado, confortável em uma posição. Ele não gostava do formigamento nas mãos. Lavou-as várias vezes, mas não passou. Finalmente, tomou outro comprimido. Olhou o relógio e escutou o som do bule de café. Quando ficou pronto, o formigamento e o tremor começaram a passar. Ele se sentiu muito melhor. Enquanto tomava o café pensou novamente nos dois homens no umbral. Estavam rindo dele? Sentiu um breve surto de raiva, embora não tivesse realmente visto seus rostos nem reparado em suas

expressões. Observando ele! Se tivessem mais tempo, poderiam ter jogado uma pedra...

Balançou a cabeça. Isso era tolice. Eram apenas dois caras. De repente ele quis correr para fora e caminhar pela cidade, talvez voar novamente. Mas podia perder o telefonema de Bentley, caso ligasse. Começou a andar de um lado para o outro. Tentou ler, mas não conseguiu se concentrar tão bem como de costume. Finalmente ligou para Bentley.

— Ainda não conseguiu nada? — perguntou.

— Ainda não, Croyd. Por que a pressa?

— Estou começando a sentir sono. Entende o que quero dizer?

— Ahn... Sim. Já tomou aquela parada?

— Aham. Precisei.

— Certo. Olhe, vá o mais devagar possível. Estou trabalhando em duas coisas. Vou tentar ter algo acertado até amanhã. Se não tiver nada, você para de tomar a coisa e vai dormir. Podemos fazer isso da próxima vez. Entendeu?

— Quero fazer desta vez, Bentley.

— Falo com você amanhã. Fique tranquilo.

Ele saiu e caminhou. Era um dia nublado, com neve e gelo em alguns pontos do chão. De repente se deu conta de que não havia comido desde o dia anterior. Isso não podia ser bom sinal, considerando o que passara a ser seu apetite normal. Deviam ser os comprimidos fazendo efeito, concluiu. Procurou um restaurante, decidido a se obrigar a comer algo. Enquanto caminhava, lhe ocorreu que não queria se sentar no meio de uma multidão e comer. A ideia de ter pessoas ao redor era perturbadora. Não, ele pediria para viagem...

Enquanto seguia na direção de um restaurante, foi detido por uma voz saindo de um umbral. Ele se virou tão rápido que o homem que havia

falado ergueu um braço e recuou.

— Não... — protestou o homem.

Croyd recuou um passo.

— Desculpa — murmurou.

O homem vestia um casaco marrom, o colarinho levantado. Usava um chapéu, a aba baixada o máximo possível sem bloquear a visão. Mantinha a cabeça inclinada para a frente. Ainda assim Croyd pôde ver um bico curvo, olhos cintilantes e uma pele que brilhava de modo nada natural.

— Poderia me fazer um favor, senhor? — pediu o homem em uma voz entrecortada e aguda.

— O que você quer?

— Comida.

Croyd enfiou a mão no bolso automaticamente.

— Não. Eu tenho dinheiro. Você não entende. Não posso entrar naquele lugar e ser servido, com essa aparência. Eu pago para você entrar e me trazer dois hambúrgueres.

— Eu ia entrar de qualquer forma.

Depois Croyd se sentou com o homem em um banco, comendo. Era fascinado por curingas, porque sabia que ele mesmo era, em parte, um. Começou a pensar em onde comeria se um dia acordasse daquele jeito e não houvesse ninguém em casa.

— Eu normalmente não venho mais tão para o norte da cidade — disse o outro. — Mas eu tinha que fazer uma coisa.

— Onde vocês costumam ficar?

— Há alguns de nós no Bowery. Ninguém nos incomoda lá. Há lugares onde você é servido e ninguém se importa com a sua aparência. Ninguém dá a mínima.

— Quer dizer que as pessoas poderiam... atacar você?

O homem deu uma breve risada estridente.

— As pessoas não são muito legais, garoto. Não quando você as conhece de perto.

— Eu te acompanho de volta — disse Croyd.

— Você pode estar correndo um risco.

— Tudo bem.

Na altura da 40th Street três homens em um banco ficaram encarando enquanto eles passavam. Croyd havia acabado de tomar mais dois comprimidos alguns quarteirões antes. (Tinha sido mesmo apenas alguns quarteirões antes?) Não queria ficar agitado de novo enquanto conversava com o novo amigo, John — pelo menos era como ele queria ser chamado —, então tomou mais dois para se acalmar na próxima depressão, caso estivesse para acontecer, e soube imediatamente quando viu os dois homens que planejavam algo ruim para ele e para John, então os músculos de suas costas se contraíram e ele cerrou os punhos dentro dos bolsos.

— *Cocoricó* — disse um dos homens, e Croyd começou a se virar, mas John colocou a mão em seu braço e disse:

— Vamos.

Eles se afastaram. Os homens se levantaram e foram atrás.

— *Quiquiquiqui* — disse um.

— *Quá-quá* — disse o outro.

Pouco tempo depois, uma guimba de cigarro passou por cima da cabeça de Croyd e caiu na sua frente.

— Ei, amante de aberrações!

Uma mão pousou em seu ombro.

Croyd ergueu o braço, segurou a mão e a apertou. Ossos estalaram dentro dela enquanto o homem começava a gritar. Os gritos pararam de

repente quando ele soltou a mão e estapeou o homem no rosto, derrubando-o na rua. O cara seguinte tentou dar um soco em seu rosto e Croyd desviou o braço dele para o lado com um movimento de mão que girou o homem de frente. Então esticou a mão esquerda, segurou as lapelas do homem, juntando-as e torcendo-as, e ergueu-o sessenta centímetros no ar. Croyd o lançou contra a parede de tijolos perto de onde estavam, depois o soltou. O homem caiu no chão, imóvel.

O último homem havia sacado uma faca e o xingava entre dentes trincados. Croyd esperou até ele estar quase em cima, depois levitou alto o suficiente e o chutou no rosto. O homem caiu de costas na calçada. Croyd se colocou em posição acima dele e se soltou, pousando em sua barriga. Chutou a faca para o bueiro, se virou e continuou a andar com John.

— Você é um ás — disse ele após um tempo.

— Nem sempre — retrucou Croyd. — Às vezes sou um curinga. Mudo sempre que durmo.

— Você não precisava ter sido duro assim com eles.

— Verdade. Eu podia ter sido muito mais. Se é assim que vai ser agora, precisamos cuidar uns dos outros.

— É. Obrigado.

— Escute. Gostaria que você me mostrasse os lugares no Bowery onde diz que ninguém nos incomoda. Posso precisar ir lá um dia.

— Claro. Eu mostro.

— Croyd Crenson. C-r-e-n-s-o-n. Lembre-se, certo? Porque se você me vir novamente, eu vou estar diferente.

— Vou lembrar.

John o levou a várias espeluncas e mostrou lugares onde alguns deles ficavam. Ele o apresentou a seis curingas, todos terrivelmente

deformados. Lembrando-se de sua fase lagarto, Croyd trocou apertos nem sempre de mãos com todos e perguntou se precisavam de algo. Mas eles balançaram a cabeça e o observaram. Croyd sabia que sua aparência não o favorecia.

— Boa noite — disse e saiu voando.

Seu medo de que os sobreviventes não infectados o estivessem observando, esperando para saltar sobre ele, aumentou enquanto voava ao longo do East River. Naquele exato instante alguém com um rifle e mira telescópica poderia estar fazendo pontaria.

Ele se moveu mais rápido. De certa forma, sabia que seu medo era ridículo. Mas era forte demais para que o deixasse de lado. Pousou na esquina, correu para a porta e entrou. Subiu as escadas às pressas e se trancou no quarto.

Ficou olhando para a cama. Queria se deitar nela. Mas e se dormisse? Seria o fim de tudo. O mundo terminaria para ele. Ligou o rádio e começou a andar. Seria uma longa noite...

Quando Bentley ligou no dia seguinte e disse que tinha um trabalho quente, mas que era um pouco arriscado, Croyd respondeu que não ligava. Ele teria de levar explosivos — significando que teria de aprender a usá-los antes do trabalho — porque aquele cofre era resistente demais mesmo para sua força aumentada. Também havia a possibilidade de haver um guarda armado...

Ele não pretendia matar o guarda, mas o homem o assustou ao entrar de arma em punho daquela forma. E devia ter calculado errado o detonador, porque a coisa explodiu antes da hora, motivo pelo qual um

pedaço de metal arrancou os dois primeiros dedos de sua mão esquerda. Mas ele havia enrolado a mão em um lenço, pegado o dinheiro e saído.

Parecia se lembrar de Bentley dizendo: “Meu Deus, garoto! Vá para casa e durma!”, pouco depois de dividir o dinheiro. Então levitou e foi na direção certa, mas teve de descer e invadir uma padaria, onde comeu três pães antes de conseguir continuar, a cabeça girando. Havia mais comprimidos em seu bolso, mas só de pensar neles um nó se fez em seu estômago.

Croyd deslizou a janela do quarto, que havia deixado destravada, e se arrastou para dentro. Cambaleou até a porta do quarto de Carl e jogou o saco de dinheiro sobre sua forma adormecida. Trêmulo, retornou ao quarto e trancou a porta. Ligou o rádio. Queria lavar a mão ferida no banheiro, mas ele parecia longe demais. Caiu na cama e não se levantou.

Estava caminhando pelo que parecia uma rua vazia, ao crepúsculo. Algo se mexeu atrás dele, que se virou e olhou. Pessoas saíam de umbral, janelas, carros, bueiros e todas olhavam para ele, se moviam na sua direção. Croyd continuou em seu caminho e houve algo como um suspiro coletivo às suas costas. Quando olhou novamente, todos estavam correndo na direção dele, de forma ameaçadora, expressões de ódio nos rostos. Ele se virou para eles, agarrou o homem mais próximo e o estrangulou. Os outros pararam, recuaram. Esmagou a cabeça de outro homem. A multidão se virou, começou a fugir. Ele perseguiu...

III. O DIA DA GÁRGULA

Croyd acordou em junho para descobrir que sua mãe estava em um sanatório, seu irmão se formara no ensino médio, sua irmã estava noiva e ele tinha o poder de modular sua voz de modo a rachar ou quebrar virtualmente qualquer coisa ao determinar a frequência certa por meio de uma espécie de resposta ressonante que carecia de vocabulário para explicar. Também estava alto, magro, de cabelos escuros e pálido, e seus dedos perdidos haviam crescido de novo.

Antecipando o dia em que não teria mais ninguém, falou outra vez com Bentley para deixar rapidamente acertado um grande trabalho para aquele período desperto, antes que o cansaço o derrotasse. Havia resolvido não tomar os comprimidos novamente ao se lembrar do pesadelo que foram seus últimos dias, da vez anterior.

Daquela vez prestou mais atenção no planejamento e fez perguntas melhores enquanto Bentley fumava um cigarro atrás do outro resolvendo uma série de detalhes. A perda dos pais e o iminente casamento da irmã o fizeram refletir sobre a transitoriedade das relações humanas, levando-o à conclusão de que Bentley talvez não estivesse sempre por perto.

Foi capaz de desligar o sistema de alarme e danificar a porta do cofre do banco o suficiente para entrar, embora não tivesse planejado estilhaçar todas as janelas em três quartos enquanto buscava a frequência certa. Ainda assim, conseguiu escapar com uma grande quantidade de dinheiro. Então alugou um cofre em um banco do outro lado da cidade, onde deixou o grosso da sua parte. Havia ficado um tanto incomodado com o fato de o irmão estar dirigindo um carro novo.

Alugou quartos em Village, Midtown, Morningside Heights, Upper East Side e Bowery, pagando um ano adiantado de aluguel. Levava as chaves em uma corrente no pescoço, junto com aquela do cofre no banco. Queria lugares que fossem de fácil acesso, não importando onde estivesse quando o sono chegasse. Dois dos apartamentos eram mobiliados; os outros quatro ele equipou com cobertores e rádios. Estava com pressa, então pensaria em conforto depois. Acordara tendo noção de vários acontecimentos que se deram durante seu sono mais recente e só podia atribuir isso a uma absorção inconsciente dos noticiários do rádio que deixou ligado da última vez. Decidiu repetir a prática.

Ele demorou três dias para encontrar, alugar e equipar os novos retiros. Como o lugar em Bowery era o último, ele procurou John, se identificou e jantou com ele. As histórias que ouviu de uma gangue de espancadores de curingas o deprimiram, e quando a fome, o frio e a sonolência tomaram conta dele naquela noite, tomou um comprimido para permanecer acordado e patrulhar a área. Apenas um ou dois não fariam diferença, decidiu.

Os agressores não apareceram naquela noite, mas Croyd estava deprimido com a possibilidade de acordar como um curinga da próxima vez. Então engoliu mais dois comprimidos no café da manhã para adiar um pouco o sono e usou o ímpeto de energia resultante para mobiliar seus quartos. Ao escurecer tomou mais três, para uma última noite na cidade, e a música que cantou enquanto caminhava pela 42nd Street, partindo janelas prédio após prédio, fez com que cachorros uivassem por vários quilômetros ao redor e acordou dois curingas e um ás equipado com audição UHF. Brannigan Ouvido de Morcego — que faleceu duas semanas depois sob uma estátua arremessada por Vincenzi Musculoso no dia em que foi abatido a tiros pela polícia de Nova York — foi atrás dele

para surrá-lo em retaliação pela dor de cabeça e acabou lhe pagando vários drinques e pedindo uma suave versão UHF de “Galway Bay”.

Na tarde seguinte, na Broadway, Croyd reagiu a um xingamento de um taxista fazendo o carro dele passar por uma série de vibrações até desmontar. Depois, seguindo na onda, lançou sua força sobre todos os outros que se revelaram inimigos tocando suas buzinas. Só quando o engarrafamento resultante o fez se lembrar daquela tarde diante da escola no primeiro Dia do Wild Card foi que ele se virou e fugiu.

Acordou no início de agosto em seu apartamento de Morningside Heights, lentamente se lembrando de como havia chegado lá e prometendo a si mesmo não tomar comprimidos daquela vez. Quando olhou os tumores em seu braço torcido, soube que não seria difícil manter a promessa. Queria voltar a dormir o mais rapidamente possível. Olhando pela janela, ficou grato por ser noite, já que era um longo caminho até Bowery.

Em uma quarta-feira de meados de setembro, ele despertou e se descobriu louro-escuro, altura, peso e constituição medianos e sem nenhuma marca visível de sua síndrome do Wild Card. Fez uma série de exames simples que a experiência ensinou serem capazes de revelar sua habilidade oculta. Nenhum tipo de poder especial foi descoberto.

Intrigado, vestiu as roupas mais adequadas que tinha à mão e saiu para o desjejum habitual. Pegou vários jornais no caminho e os leu enquanto devorava prato após prato de ovos mexidos, waffles e panquecas. Havia sido uma manhã fria quando saíra para a rua. Ao deixar o restaurante eram quase dez horas e estava agradável.

Foi de metrô para o centro, onde entrou na primeira loja decente de roupas que encontrou e fez uma mudança completa. Comprou dois

cachorros-quentes de um ambulante e os comeu enquanto voltava até a estação do metrô.

Saltou na altura da First Avenue, caminhou até a delicatessen mais próxima e comeu dois sanduíches de carne em conserva com panquecas de batata. Ele se perguntou se estaria protelando. Sabia que podia ficar sentado ali o dia inteiro comendo. Podia sentir o processo de digestão acontecendo como uma fornalha em seu ventre.

Ele se levantou, pagou e partiu. Caminharia o resto da distância. Quantos meses haviam se passado?, ele se perguntou, coçando a testa. Era hora de ver Carl e Claudia. Hora de ver como a mãe estava passando. Ver se alguém precisava de dinheiro.

Quando Croyd chegou à porta da frente da casa, parou, a chave na mão. Recolocou a chave no bolso e bateu. Momentos depois Carl abriu.

— Sim? — perguntou.

— Sou eu. Croyd.

— Croyd, nossa! Entra! Não te reconheci. Quanto tempo faz?

— Bastante.

Croyd entrou.

— Como está todo mundo? — perguntou.

— Mamãe está na mesma. Mas você sabe que nos disseram para não ter muitas esperanças.

— É. Precisa de dinheiro para ela?

— Não até mês que vem. Mas seria útil ter dois mil então.

Croyd passou um envelope para ele.

— Provavelmente ela só ia ficar mais confusa, se me visse tão diferente.

Carl balançou a cabeça.

— Ela ficaria confusa mesmo que você tivesse a mesma aparência, Croyd.

— Ah.

— Quer comer alguma coisa?

— Sim, claro.

Seu irmão o levou à cozinha.

— Bastante rosbife aqui. Dá um bom sanduíche.

— Ótimo. Como vão os negócios?

— Ah, estou me estabelecendo agora. Está melhor do que no começo.

— Bom. E Claudia?

— Ótimo que você tenha aparecido agora. Ela não sabia para onde enviar o convite.

— Qual convite?

— Ela se casa no sábado.

— Aquele cara de Jersey?

— É. Sam. Aquele do qual estava noiva. Ele administra um negócio de família. Ganha um bom dinheiro.

— Onde vai ser o casamento?

— Em Ridgewood. Pode ir comigo, vou de carro.

— O.k. De que tipo de presente eles gostariam?

— Eles fizeram uma lista. Vou pegar.

— Ótimo.

Croyd saiu naquela tarde e comprou um televisor Dumont com tela de dezesseis polegadas, pagou em dinheiro e mandou que fosse entregue em Ridgewood. Depois visitou Bentley, mas recusou um trabalho que soava arriscado por causa de sua aparente falta de talentos especiais daquela vez. Na verdade, era uma boa desculpa. Não queria realmente pegar um

trabalho e correr o risco de se dar mal — fisicamente ou com a lei — tão perto do casamento.

Jantou com Bentley em um restaurante italiano e depois ficaram várias horas bebendo uma garrafa de Chianti, falando de trabalho e pensando no futuro enquanto Bentley tentava lhe explicar o valor da solvência a longo prazo e a ideia de um dia se tornar respeitável — algo que ele mesmo nunca havia conseguido fazer.

Depois disso, caminhou a maior parte da noite, para estudar pontos fracos de prédios, para pensar sobre sua família mudada. Em algum momento depois da meia-noite, quando passava por Central Park West, uma forte coceira começou em seu peito e se espalhou pelo corpo todo. Após um minuto ele teve que parar e se coçar violentamente. Estava começando a época de alergias e ele se perguntou se sua nova encarnação o dera uma sensibilidade a algo no parque.

Seguiu para oeste na primeira oportunidade e saiu da região o mais rápido possível. Após uns dez minutos a coceira diminuiu. Em meia hora, havia desaparecido completamente. Mas suas mãos e o rosto pareciam ásperos.

Por volta de quatro da manhã parou em um restaurante 24 horas perto da Times Square, onde comeu sem pressa e leu um exemplar da revista *Time* que alguém deixou em um reservado. A seção médica tinha um artigo sobre suicídio entre curingas, o que o deprimiu consideravelmente. As citações que trazia o fizeram se lembrar de coisas que ouvira de muitos conhecidos, levando-o a pensar se algum deles estaria entre os entrevistados. Croyd compreendia muito bem os sentimentos, embora não pudesse partilhá-los, sabendo que não importava o que tirasse, sempre receberia outra carta na vez seguinte — e que muito frequentemente era um ás.

Todas as suas articulações rangeram quando se levantou e ele sentiu uma dor penetrante entre as omoplatas. Seus pés também pareciam inchados.

Voltou para casa antes do amanhecer, se sentindo febril. No banheiro, umedeceu uma toalha para colocar sobre a testa. Notou no espelho que o rosto parecia inchado. Ele se sentou na poltrona do quarto até ouvir Carl e Claudia se movimentando. Quando se levantou para tomar café com eles, seus membros pareciam de chumbo, e as articulações rangeram novamente enquanto descia a escada.

Claudia, magra e loura, o abraçou quando entrou na cozinha. Depois estudou seu novo rosto.

— Você parece cansado, Croyd.

— Não diga isso. Não posso ficar cansado tão cedo. Faltam dois dias para seu casamento e vou durar até lá.

— Mas você pode descansar sem dormir, não pode?

Ele assentiu.

— Então relaxe. Sei que deve ser difícil... Venha, vamos comer.

Enquanto tomavam o café, Carl perguntou:

— Quer ir ao escritório comigo conhecer o espaço?

— Outra hora — respondeu Croyd. — Tenho umas coisas a fazer.

— Claro. Talvez amanhã.

— Talvez.

Carl saiu pouco depois disso. Claudia encheu novamente a xícara de Croyd.

— Nós quase não vemos mais você — disse ela.

— Eu sei. Bem, você sabe como é. Eu durmo; às vezes meses. Quando acordo, nem sempre é uma visão bonita. Em outras vezes tenho que dar um jeito de pagar as contas.

— Nós somos gratos por isso — disse ela. — É difícil entender. Você era o caçula, mas agora parece um homem crescido. Você se comporta como um. Não teve direito a uma infância completa.

Ele riu.

— E você é o quê, uma senhora? Tem só dezessete anos e vai se casar.

Ela riu de volta.

— Ele é um cara legal, Croyd. Sei que vamos ser felizes.

— Ótimo. Espero que sim. Escute, se um dia quiser me encontrar, vou te dar o nome de um lugar onde pode deixar uma mensagem. Mas nem sempre posso responder rápido.

— Entendo. O que você faz, aliás?

— Fiz uma série de coisas. Agora estou entre trabalhos. Estou devagar dessa vez por causa do seu casamento. E como é o noivo, afinal?

— Ah, muito respeitável e correto. Estudou em Princeton. Foi capitão do Exército.

— Europa? Pacífico?

— Washington.

— Ah. Boas conexões.

Ela assentiu.

— Família tradicional — acrescentou.

— Bem... Que bom — opinou ele. — Você sabe que eu quero que você seja feliz.

Ela se levantou e o abraçou novamente.

— Senti sua falta — disse ela.

— Eu também.

— Agora tenho coisas a fazer. Vejo você mais tarde.

— Sim.

— Pegue leve hoje.

Quando ela saiu, ele esticou os braços ao máximo, tentando aliviar a dor nos ombros. Sua camisa rasgou atrás quando fez isso. Ele se olhou no espelho do corredor. Seus ombros estavam mais largos do que no dia anterior. De fato, seu corpo inteiro parecia mais largo, forte. Ele retornou ao quarto e se despiu. A maior parte do peito estava coberta por uma irritação vermelha. A simples visão dava vontade de coçar, mas ele se conteve. Em vez disso encheu a banheira e ficou imerso nela por um bom tempo. O nível da água diminuía visivelmente no momento em que saiu. Quando se examinou no espelho do banheiro, parecia estar ainda maior. Será que tinha absorvido parte da água através da pele? De qualquer forma a inflamação parecia ter desaparecido, embora sua pele ainda estivesse áspera nos pontos em que havia ficado inchada.

Croyd vestiu roupas que sobraram de uma vez anterior em que fora maior. Depois saiu e foi de metrô até a loja de roupas que visitara no dia anterior. Lá ele comprou novos trajes e retornou, sentindo-se ligeiramente nauseado enquanto o vagão balançava e sacudia. Notou que as mãos pareciam secas e ásperas. Quando as esfregou, cascas de pele morta se soltaram como caspa.

Ao sair do metrô, caminhou até chegar ao prédio dos Sarzanno. Mas a mulher que abriu a porta não era Rose, mãe de Joe.

— O que quer? — perguntou.

— Estou procurando por Joe Sarzanno.

— Não tem ninguém aqui com esse nome. Deve ser alguém que se mudou antes de virmos para cá.

— Então não sabe para onde eles foram?

— Não. Pergunte ao síndico. Talvez ele saiba.

Ela fechou a porta.

Ele tentou o apartamento do síndico, mas ninguém atendeu. Então foi para casa, se sentindo pesado e inchado. Na segunda vez que bocejou, sentiu um medo repentino. Parecia cedo demais para voltar a dormir. Aquela transformação era mais perturbadora que de hábito.

Ele colocou um bule de café fresco no fogão e andou de um lado para o outro esperando que passasse. Embora não houvesse certeza de que sempre acordaria com algum poder especial, a única coisa que havia sido constante era a mudança. Ele pensou em todas as mudanças pelas quais passara desde que tinha sido infectado. Aquela era a única em que não parecia nem curinga nem ás, mas normal. Ainda assim...

Quando o café ficou pronto, ele se sentou com uma xícara e se deu conta de que estivera coçando a coxa direita quase inconscientemente. Esfregou as mãos e mais pele seca descascou. Pensou em como seu corpo tinha aumentado. Pensou em todas as pequenas dores e rangidos, na fadiga. Era óbvio que ele *não* era completamente normal daquela vez, mas não estava certo de o que exatamente seria a anormalidade. Será que o dr. Tachyon poderia ajudá-lo? Ou pelo menos lhe dar alguma ideia do que estava acontecendo?

Ligou para o número que havia decorado. Uma mulher com voz alegre disse que Tachyon tinha saído, mas voltaria naquela tarde. Ela anotou o nome de Croyd, pareceu reconhecê-lo e mandou que fosse lá às três horas.

Ele terminou o bule de café; a coceira aumentando gradualmente por todo o corpo enquanto tomava a última xícara. Então subiu e abriu a água da banheira novamente. Enquanto enchia, se despiu e examinou o corpo. Toda a pele tinha a aparência seca e escamada das mãos. Onde quer que coçasse, ocorria uma pequena descamação.

Passou um bom tempo imerso. O calor e a umidade eram bons. Depois de alguns instantes se recostou e fechou os olhos. Muito bom...

Ele se sentou com um sobressalto. Havia começado a cochilar. Quase adormecera. Pegou a toalha e começou a se esfregar vigorosamente, não apenas para retirar todo o detrito. Quando terminou, se enxugou rapidamente enquanto a banheira esvaziava e foi apressado para o quarto. Encontrou os comprimidos no fundo de uma gaveta de roupas e tomou dois. Não importava o que estivesse acontecendo com seu corpo naquele momento, o sono era agora seu inimigo.

Retornou ao banheiro, limpou a banheira e se vestiu. Seria bom se deitar na cama por algum tempo. Descansar, como Claudia havia sugerido. Mas sabia que não podia.

Tachyon tirou uma amostra de sangue e a colocou em sua máquina. Na primeira tentativa a agulha só havia entrado um pouco e parado. A terceira agulha, empurrada com força considerável, penetrou uma camada subdérmica de resistência e o sangue foi colhido.

Enquanto esperava os resultados da máquina, Tachyon fez um exame a olho nu.

— Seus incisivos estavam tão compridos quando você acordou? — perguntou, olhando dentro da boca de Croyd.

— Pareciam normais quando os escovei — respondeu Croyd. — Eles cresceram?

— Dê uma olhada.

Tachyon ergueu um pequeno espelho. Croyd olhou. Os dentes tinham dois centímetros e meio de comprimento e pareciam afiados.

— Isso é novidade. Não sei quando aconteceu.

Tachyon levantou o braço esquerdo de Croyd às costas em uma chave de braço gentil, depois enfiou os dedos abaixo da escápula que se projetava. Croyd deu um berro.

— Tão ruim assim? — perguntou Tachyon.

— Meu Deus! — exclamou Croyd. — O que é isso? Tem algo quebrado aí atrás?

O médico balançou a cabeça, examinou algumas das cascas de pele ao microscópio, depois estudou os pés de Croyd.

— Estavam tão grandes quando você acordou? — perguntou.

— Não. Que porra está acontecendo, doutor?

— Vamos esperar mais um minuto até minha máquina terminar com seu sangue. Você já esteve aqui três ou quatro vezes...

— Sim — disse Croyd.

— Felizmente você veio uma vez logo ao acordar. Em outra, apareceu umas seis horas depois. Na primeira ocasião, tinha um nível alto de um hormônio muito particular que na época achei que podia estar associado ao próprio processo de mudança. Na vez seguinte, seis horas após acordar, ainda tinha traços do hormônio, mas em um nível muito baixo. Foram as únicas vezes em que foi evidente.

— E?

— O principal teste no qual estou interessado agora é conferir a presença do hormônio no sangue. Ah! Acredito que já temos alguma coisa.

Uma série de símbolos estranhos brilhou na tela da pequena unidade.

— Sim. De fato, sim — disse ele, estudando-os. — Você tem um alto nível da substância em seu sangue; ainda maior do que era pouco após despertar. Hum. Você também tem tomado anfetaminas novamente.

— Precisei. Estava começando a ficar sonolento, e tenho que chegar até sábado. Diga em palavras simples o que esse maldito hormônio significa.

— Significa que o processo de mudança ainda está ocorrendo. Por alguma razão você acordou antes que ele se completasse. Ele parece ter um ciclo regular, mas dessa vez foi interrompido.

— Por quê?

Tachyon deu de ombros, um movimento que parecia ter aprendido desde a última vez em que Croyd o viu.

— Algum acontecimento bioquímico de uma constelação de possibilidades foi deflagrado pela própria mudança. Acho que você provavelmente recebeu algum estímulo cerebral como efeito colateral de outra mudança que estava acontecendo no momento em que foi despertado. Qualquer que tenha sido essa mudança específica, ela foi concluída; mas o restante do processo não. Então seu corpo agora está tentando fazer você dormir de novo até terminar o processo.

— Em outras palavras, eu acordei cedo demais?

— Sim.

— O que devo fazer?

— Pare de tomar as drogas imediatamente. Durma. Deixe o processo seguir seu curso.

— Não posso. Preciso ficar acordado mais dois dias; na verdade um dia e meio basta.

— Suspeito que seu corpo irá lutar contra isso e, como já disse, ele parece saber o que está fazendo. Acho que você pode correr riscos ficando acordado muito mais tempo.

— Que tipo de risco? Pode chegar a me matar; ou só me deixará desconfortável?

— Croyd, simplesmente não sei. Seu quadro é único. Cada mudança segue um caminho diferente. A única coisa em que podemos confiar é que seu corpo fez algum tipo de ajuste ao vírus, algo dentro de você que faz com que sobreviva a cada surto. Se tentar ficar acordado por meios artificiais, é exatamente isso que estará combatendo.

— Eu já adiei o sono muitas vezes com anfetaminas.

— Sim, mas nessas vezes você estava apenas adiando o início do processo. Ele normalmente não começa até sua química cerebral registrar um estado de repouso. Mas agora ele já está em desenvolvimento e a presença do hormônio indica sua continuação. Não sei o que vai acontecer. Você pode transformar uma fase ás em uma fase curinga. Pode mergulhar em um coma realmente longo. Simplesmente não tenho como dizer.

Croyd pegou a camisa.

— Depois conto como foi.

Croyd não estava tão disposto a caminhar, como de costume. Pegou o metrô novamente. Sua náusea voltou, e dessa vez trouxe com ela uma dor de cabeça. E seus ombros ainda doíam muito. Foi à farmácia perto da estação do metrô e comprou um frasco de aspirinas.

Antes de ir para casa, parou no prédio onde os Sarzanno haviam morado. Dessa vez o síndico estava. Mas não pôde ajudar, pois a família de Joe não havia deixado endereço ao partir. Ao sair, Croyd deu uma espiada no espelho ao lado da porta e ficou chocado com o inchaço em seus olhos, as olheiras profundas abaixo. Agora estavam começando a doer, notou.

Voltou para casa. Havia prometido levar Claudia e Carl para jantar em um bom restaurante e queria estar na melhor forma possível para a

ocasião. Retornou ao banheiro e se despiu outra vez. Estava enorme, com uma aparência inchada. Então se deu conta de que, com todos os outros sintomas, se esquecera de dizer a Tachyon que não se aliviara em momento algum desde que acordou. Seu corpo devia estar procurando alguma utilidade para tudo o que comeu ou bebeu. Subiu na balança, mas ela só ia até cento e quarenta quilos e ele estava acima disso. Tomou três aspirinas e esperou que fizessem efeito logo. Coçou o braço e uma longa tira de carne se soltou, indolor e sem sangrar. Coçou mais levemente em outras áreas e a escamação continuou. Tomou uma chuveirada e escovou as presas. Penteou os cabelos e grandes mechas caíram. Parou de pentear. Por um momento sentiu vontade de chorar, mas foi distraído por um surto de bocejos. Foi ao quarto e tomou mais duas anfetaminas. Depois, lembrou-se de ter ouvido em algum lugar que a massa corporal devia ser levada em conta no cálculo das doses de medicamentos. Então tomou mais uma, só por garantia.

Croyd encontrou um restaurante pouco iluminado e deu algum dinheiro ao garçom para que os colocasse em um reservado nos fundos, fora da vista da maioria dos outros fregueses.

— Croyd, você realmente está parecendo... indisposto — dissera Claudia mais cedo, ao retornar.

— Eu sei. Fui ao médico esta tarde.

— O que ele disse?

— Que vou precisar de muito sono, logo depois do casamento.

— Croyd, se quiser faltar, eu vou entender. Sua saúde em primeiro lugar.

— Não quero faltar. Vou ficar bem.

Como podia explicar a ela quando ele mesmo não entendia completamente? Explicar que era mais do que o casamento da pessoa da família de quem mais gostava — que a ocasião representava a dissolução final de seu lar e que era improvável que um dia tivesse outro? Explicar que aquilo era o fim de uma fase de sua existência e o começo de um grande desconhecido?

Em vez disso, ele comeu. Seu apetite não diminuiu e a comida era particularmente boa. Carl assistiu com o fascínio de um voyeur, muito após ele ter terminado sua própria refeição, enquanto Croyd dava cabo de mais dois Chateaubriand para dois, parando apenas para pedir mais cestinhas de pão.

Quando enfim se levantaram, as articulações de Croyd estavam rangendo novamente.

Naquela noite ele se sentou na cama, sentindo dores. As aspirinas não estavam adiantando. Ele havia retirado suas roupas porque sentia todas apertadas novamente. Sempre que se coçava, a pele fazia mais do que escamar. Grandes pedaços dela caíam, mas eram secos e claros, sem sinal de sangue. Não espantava que parecesse pálido, pensou. No fundo de uma abertura particularmente grande no peito ele viu algo cinza e duro. Não conseguiu descobrir o que era, mas aquilo o assustou.

Finalmente, apesar da hora, telefonou para Bentley. Tinha que falar com alguém que conhecia sua situação. E Bentley costumava dar bons conselhos.

Bentley atendeu após vários toques e Croyd contou sua história.

— Sabe o que eu acho, garoto? — disse Bentley enfim. — Você devia fazer o que o médico mandou. Dormir.

— Não posso. Ainda não. Só preciso de pouco mais que um dia. Depois vai ficar tudo bem. Consigo ficar acordado até lá, mas está doendo

demaís, e minha aparência...

— Tá bem, tá bem. Vamos fazer o seguinte. Você aparece aqui lá pelas dez da manhã. Não posso fazer nada por você agora. Mas logo cedo vou falar com um homem que conheço e te arrumar um analgésico realmente forte. E quero dar uma olhada em você. Talvez tenha algum meio de melhorar um pouco sua aparência.

— Certo. Obrigado, Bentley. Fico muito grato.

— Sem problemas. Eu entendo. Também não foi divertido ser um cachorro. Boa noite.

— Boa noite.

Duas horas depois, Croyd sentiu cólicas terríveis, seguidas por diarreia; sua bexiga também pareceu que ia explodir. Isso continuou a noite toda. Quando ele se pesou às três e meia, havia caído para cento e vinte e cinco quilos. Às seis, pesava cento e nove. As cólicas eram constantes. A única vantagem, refletiu, era que isso desviava a atenção da coceira e das dores nos ombros e articulações. E também era suficiente para mantê-lo acordado sem ter que tomar mais anfetaminas.

Às oito horas, ele pesava noventa e oito quilos e se deu conta — quando Carl o chamou — de que finalmente havia perdido o apetite. Estranhamente, seu tamanho não havia diminuído nada. A estrutura do corpo em geral estava inalterada desde o dia anterior, embora naquele momento estivesse pálido quase ao ponto do albinismo — e isso, somado aos dentes proeminentes, dava-lhe a aparência de um vampiro gordo.

Às nove horas ele ligou para Bentley, pois continuava com cólicas e correndo para o banheiro. Contou que estava com diarreia e não podia ir pegar o remédio. Bentley disse que ele mesmo levaria assim que o homem o entregasse. Carl e Claudia já haviam saído de casa. Croyd os

evitou naquela manhã, alegando não estar bem do estômago. Pesava oitenta e nove.

Eram quase onze horas quando Bentley apareceu. Àquela altura Croyd havia perdido mais nove quilos e arrancado um grande pedaço de pele do abdômen inferior. A área de tecido exposto abaixo era cinzenta e escamosa.

— Meu Deus! — exclamou Bentley quando o viu.

— É.

— Você está careca em vários lugares.

— Sim.

— Vou conseguir uma peruca. Também vou falar com uma mulher que conheço. Ela é esteticista. Vamos arranjar algum creme para passar. Dar a você uma cor normal. Acho que também seria melhor usar óculos escuros quando for ao casamento. Diga a eles que está com conjuntivite. Você também está ficando corcunda. Quando isso aconteceu?

— Nem percebi. Eu estive... ocupado.

Bentley deu um tapinha no calombo entre os ombros dele e Croyd berrou.

— Desculpe. Talvez fosse melhor você tomar um comprimido imediatamente.

— Sim.

— Você também vai precisar de um sobretudo grande. Qual é o seu tamanho?

— Não sei... agora.

— Tudo bem. Conheço alguém que tem um armazém cheio. Vou mandar uma dúzia.

— Tenho que ir, Bentley. Estou com cólica de novo.

— O.k. Tome seu remédio e tente descansar.

Às duas horas Croyd pesava setenta quilos. O analgésico funcionara e ele estava sem dores pela primeira vez em muito tempo. Infelizmente, isso também o deixou sonolento, e ele teve de tomar anfetaminas mais uma vez. Em compensação, essa combinação lhe deu a primeira sensação boa desde que tudo havia começado, mesmo sabendo que era falsa.

Quando o carregamento de casacos foi entregue às três e meia, ele havia caído para cinquenta e nove quilos e se sentia muito leve. Em algum lugar no fundo do corpo seu sangue vibrava. Encontrou um casaco que se ajustava perfeitamente e o levou para o quarto, deixando os outros no sofá. A esteticista — uma loura alta cheia de laquê e que mascava chicletes — apareceu às quatro horas. Arrancou a maior parte do seu cabelo com um pente, raspou o restante e ajustou uma peruca. Depois maquiou o rosto, orientando-o sobre o uso dos cosméticos enquanto o fazia. Também recomendou que mantivesse a boca fechada o máximo possível para esconder as presas. Ele ficou contente com o resultado e lhe deu cem dólares. Ela então mencionou que havia outros serviços que poderia oferecer a ele, mas Croyd estava passando mal novamente e lhe desejou boa-tarde.

Às seis, suas entranhas começaram a se acalmar. Ele fora reduzido a cinquenta e dois e ainda se sentia muito bem. A coceira também finalmente havia parado, embora ele tivesse arrancado mais pele do tórax, antebraços e coxas.

Quando Carl chegou, gritou para o andar de cima.

— Que porra todos esses casacos estão fazendo aqui?

— É uma longa história — respondeu Croyd. — Pode ficar com eles, se quiser.

— Ei, são de caxemira!

— Sim.

— Este é do meu tamanho.

— Então fique com ele.

— Como está se sentindo?

— Melhor, obrigado.

Naquela noite ele sentiu que recobrou as forças e deu uma de suas longas caminhadas. Levantou bem alto a parte dianteira de um carro estacionado, para testar. Sim, parecia estar se recuperando. Com os cabelos e a maquiagem, tinha a aparência normal de uma pessoa gorda, desde que ficasse de boca fechada. Se tivesse um pouco mais de tempo teria procurado um dentista para fazer algo em relação às presas. Não comeu nada naquela noite ou de manhã. Sentia uma pressão estranha nas laterais da cabeça, mas tomou outro comprimido e não se transformou em dor.

Antes que ele e Carl partissem para Ridgewood, Croyd se permitira outro banho de imersão. Mais pele caíra, mas não tinha problema. As roupas cobririam seu corpo em retalhos. Pelo menos o rosto havia permanecido intacto. Fez a maquiagem cuidadosamente e ajustou a peruca. Quando estava totalmente vestido e havia colocado óculos de sol, achou que parecia apresentável. E o sobretudo minimizava um pouco o calombo nas costas.

A manhã estava fresca e nublada. O problema intestinal parecia ter passado. Tomou outro comprimido só por precaução, sem saber se realmente havia mais alguma dor a ser mascarada. Isso tornou necessário outra anfetamina. Mas tudo bem. Ele se sentia bem, embora um tanto nervoso.

Enquanto passavam pelo túnel, ele se viu esfregando as mãos. Para seu desalento, um grande pedaço de pele se soltou nas costas da mão

esquerda. Mas mesmo isso não era problema. Ele se lembrara de levar luvas.

Não sabia se era a pressão no túnel, mas sua cabeça estava começando a latejar novamente. Não era uma sensação dolorosa, meramente uma pressão pesada nos ouvidos e nas têmporas. O alto das costas também latejava e havia um movimento dentro. Ele mordeu o lábio e um pedaço dele se soltou. Ele xingou.

— Qual o problema? — perguntou o irmão.

— Nada.

Pelo menos não estava sangrando.

— Se você está se sentindo mal, posso levá-lo de volta. Odeio que esteja indo doente ao casamento. Especialmente com um bando pomposo como a turma de Sam.

— Vou ficar bem.

Ele se sentia leve. Havia uma pressão em muitos pontos dentro do corpo. A sensação de força vinda da droga se sobrepunha à sua verdadeira força. Tudo parecia correr perfeitamente. Ele cantarolou uma canção e tamborilou os dedos no joelho.

— ... casacos devem valer bastante — Carl estava dizendo. — São todos novos.

— Venda em algum lugar e fique com o dinheiro — ele se ouviu dizer.

— São roubados?

— Provavelmente.

— Você está cometendo algum crime, Croyd?

— Não, mas conheço pessoas.

— Vou ficar quieto.

— Ótimo.

— Mas você está meio que parecendo um criminoso, sabe? Com esse casaco preto e os óculos.

Croyd não respondeu. Estava escutando seu corpo, que lhe dizia que algo se soltava em suas costas. Esfregou os ombros no encosto do banco. Isso fez com que se sentisse melhor.

Quando foi apresentado aos pais de Sam, William e Marcia Kendall — um homem grisalho de aparência rude com um pouco de sobrepeso, e uma loura bem-conservada —, Croyd se lembrou de sorrir sem abrir a boca e fazer seus poucos comentários quase sem mover os lábios. Pareceram estudá-lo cuidadosamente, e ele teve certeza de que teriam dito mais, só que outros esperavam para ser cumprimentados.

— Quero conversar com você na festa. — Foram as últimas palavras de William.

Croyd suspirou enquanto se afastava. Havia conseguido. Não tinha intenção alguma de ir à festa. Estaria em um táxi voltando para Manhattan assim que a cerimônia religiosa terminasse, e em questão de horas estaria dormindo. Sam e Claudia provavelmente estariam nas Bahamas antes que ele acordasse.

Viu seu primo Michael, de Newark, e quase o abordou. Mas que inferno. Teria que explicar sua aparência e não valia a pena. Entrou na igreja e foi levado a um banco na frente, à direita. Carl conduziria Claudia. Pelo menos havia acordado tarde demais para ser escolhido para levá-la ao altar. Era preciso reconhecer que tinha timing.

Enquanto esperava o início da cerimônia, começou a observar a decoração do altar, os vitrais dos dois lados, os arranjos de flores. Outras pessoas entraram e foram acomodadas. Ele se deu conta de que suava. Olhou ao redor. Era o único vestindo sobretudo. Pensou se os outros

achariam aquilo estranho. Pensou se a transpiração estava fazendo a maquiagem escorrer. Desabotoou o casaco e o deixou aberto.

O suor continuou e seus pés começaram a doer. Finalmente ele se inclinou para a frente e afrouxou os cadarços. Ao fazer isso ouviu a camisa se rasgar nas costas. Algo parecia ter se soltado ainda mais ao redor dos ombros. Outro pedaço de pele, imaginou. Sentiu uma dor penetrante ao se ajeitar. Não conseguiu se recostar novamente no banco. Seu calombo parecia ter aumentado e qualquer pressão era dolorosa. Então assumiu uma posição inclinada para a frente, levemente curvado, como se rezasse. O organista começou a tocar. Mais pessoas entraram e foram acomodadas. Um acompanhante passou com um casal idoso por sua fila e lhe lançou um olhar esquisito no caminho.

Logo todos estavam sentados e Croyd continuava a suar. Escorria pelo lado do corpo e pelas pernas, era absorvido pelas roupas, que ficaram primeiro marcadas e depois encharcadas. Pensou que poderia ficar mais fresco se tirasse os braços das mangas do casaco e o deixasse apenas pendurado nos ombros. Isso foi um erro, pois enquanto se esforçava para soltar os braços ouviu o traje se rasgando em vários outros pontos. Seu sapato esquerdo se arrebitou de repente e dedos cinzentos se projetaram pelas laterais. Algumas pessoas olharam na sua direção com os sons. Ele ficou grato por ser incapaz de corar.

Não soube se foi o calor ou algo psicológico que deflagrou a coceira novamente. Não que fizesse diferença. A coceira era real, independentemente do que havia causado. Ele tinha analgésicos e anfetaminas no bolso, mas nada para irritação de pele. Cruzou as mãos com força, não para rezar, mas para se impedir de coçar — embora também tenha feito uma prece, já que as circunstâncias pareciam apropriadas. Não adiantou.

Viu o padre entrar, por entre cílios cobertos de transpiração. Ficou se perguntando por que o homem olhava tanto para ele. Parecia desaproveitar não episcopais suando em sua igreja. Croyd trincou os dentes. Se pelo menos tivesse o poder de ficar invisível, pensou. Desapareceria por alguns minutos, se coçaria loucamente, depois reapareceria e se sentaria quieto.

Com grande força de vontade ele conseguiu se manter quieto durante a “Marcha” de Mendelssohn. Não conseguiu se concentrar no que o padre dizia, depois disso, mas agora tinha certeza de que não conseguiria permanecer sentado durante a cerimônia inteira. Ele se perguntou o que aconteceria caso saísse imediatamente. Claudia ficaria constrangida? Por outro lado, tinha certeza de que se permanecesse ela ficaria. Sua aparência devia estar doentia o bastante para justificar. Ainda assim, seria um daqueles incidentes sobre os quais as pessoas passavam anos falando? (“O irmão dela saiu...”) Talvez pudesse aguentar um pouco mais.

Houve movimento em suas costas. Ele sentiu o casaco se esticar. Ouviu arquejos femininos atrás de si. Estava com medo de se mover, mas...

A coceira se tornou insuportável. Ele descruzou as mãos para coçar, mas em um gesto final de resistência agarrou o encosto do banco à sua frente. Para seu horror, houve um barulho alto de estalo quando a madeira se partiu sob seu aperto.

Seguiu-se um longo momento de silêncio.

O padre o encarava. Claudia e Sam haviam se virado para olhar para ele, que estava sentado agarrando um pedaço de encosto de banco de um metro e oitenta e sabendo que não podia sequer sorrir, ou suas presas apareceriam.

Ele soltou a madeira e se abraçou com força. Houve exclamações atrás quando seu casaco escorregou. Croyd enfiou os dedos nas laterais do

corpo com toda a força e se coçou.

Ouviu as roupas se rasgando e sentiu a pele partir até o alto da cabeça. Viu a peruca cair à sua direita. Jogou as roupas fora e coçou novamente, com força. Ouviu um grito atrás de si e soube que nunca se esqueceria da expressão no rosto de Claudia quando ela começou a chorar, mas não conseguia mais parar. Não até que suas grandes asas de morcego se abriram, as plumas altas e pontudas de suas orelhas se libertaram e os últimos restos de roupa e carne foram removidos de seu corpo escuro e escamoso.

O padre começou a falar novamente, algo que soava como um exorcismo. Houve guinchos e o som de passos rápidos. Sabia que não podia sair pela porta para onde todos se encaminhavam, então saltou no ar, circulou várias vezes para ter algum domínio dos novos membros, depois cobriu os olhos com o antebraço esquerdo e atravessou o vitral à sua direita.

Enquanto batia asas de volta a Manhattan, sentiu que se passaria um longo tempo antes que voltasse a ver a família. Esperava que Carl não se casasse tão cedo. Então se perguntou se um dia encontraria a garota certa...

Subiu, aproveitando uma corrente de ar ascendente, a brisa uivando ao seu redor. A igreja parecia um formigueiro agitado quando olhou novamente. Ele continuou a voar.

TESTEMUNHA

Walter Jon Williams

Quando Jetboy morreu, eu assistia a uma matinê de *Sonhos dourados*. Queria ver a atuação de Larry Parks, que todos diziam ser incrível. Eu a estudei cuidadosamente e fiz anotações mentais.

Jovens atores fazem coisas desse tipo.

O filme terminou, mas eu estava me sentindo bem, não tinha planos para as horas seguintes e queria ver Larry Parks novamente. Assisti ao filme uma segunda vez. Dormi na metade, e acordei com os créditos rolando. Eu estava sozinho no cinema.

Quando fui para o saguão, os lanterninhas haviam sumido e as portas estavam trancadas. Tinham saído correndo e esquecido de avisar o projecionista. Saí para uma radiante e agradável tarde de outono e vi que a Second Avenue estava deserta.

A Second Avenue nunca está deserta.

As bancas de jornal estavam fechadas. Os poucos carros que via estavam estacionados. O letreiro do cinema havia sido desligado. Podia ouvir buzinas de carro raivosas à distância e, acima delas, o ronco de motores potentes de aviões. Havia um cheiro ruim vindo de algum lugar.

Nova York tinha o clima tenso que as cidades às vezes ganham durante um ataque aéreo, deserta, apreensiva e nervosa. Eu tinha presenciado ataques aéreos durante a guerra, normalmente do lado atacado, e não gostava nada do clima. Comecei a caminhar na direção de meu apartamento, a um quarteirão e meio dali.

Nos primeiros trinta metros vi o que estava causando o cheiro ruim. Vinha de uma poça rosa-avermelhada que parecia muitos litros de sorvete de cor esquisita derretendo na calçada e escorrendo para o esgoto.

Olhei mais de perto. Havia alguns ossos dentro da poça. Um maxilar humano, parte de uma tíbia, uma órbita vazia. Estavam se dissolvendo em uma espuma rosa-claro.

Havia roupas sob a poça. Um uniforme de lanterninha. Sua lanterna rolara para o bueiro e as partes metálicas estavam se dissolvendo junto com os ossos.

Meu estômago se revirou quando a adrenalina bateu. Comecei a correr.

Chegando ao meu apartamento percebi que devia estar acontecendo alguma espécie de emergência e liguei o rádio para conseguir informações. Enquanto esperava o Philco esquentar, fui conferir a comida enlatada no armário — tudo que encontrei foram duas latas de sopa de tomate. Minhas mãos tremiam tanto que derrubei uma das latas atrás do armário e ela rolou de lado para trás da geladeira. Empurrei a lateral da geladeira para pegar a lata e de repente foi como se a luz mudasse, e a geladeira voou por metade do aposento e quase atravessou a parede. A panela que eu tinha colocado embaixo para conter o gelo derretido virou.

Peguei a lata de sopa. Minhas mãos ainda tremiam. Recoloquei a geladeira no lugar e estava leve como uma pena. A luz continuava a

mudar de forma esquisita. Consegui erguer a geladeira com uma das mãos.

O rádio finalmente esquentou e soube do vírus. Pessoas que se sentissem doentes deviam ir aos hospitais de campanha montados pela Guarda Nacional por toda a cidade. Havia um em Washington Square Park, perto de onde eu morava.

Não me sentia doente, mas por outro lado podia fazer malabarismo com a geladeira, o que não era exatamente um comportamento normal. Caminhei até Washington Square Park. Havia vítimas por todo lado — algumas simplesmente caídas na rua. Não consegui olhar para a maioria. Era pior do que qualquer coisa que vira na guerra. Sabia que, como estava saudável e me movimentando, os médicos me colocariam no fim da lista de tratamento e se passariam dias antes que conseguisse ajuda, então caminhei até um encarregado, disse que havia sido do exército e perguntei o que podia fazer para ajudar. Imaginei que se comesse a morrer pelo menos estaria perto do hospital.

Os médicos me pediram para ajudar a instalar uma cozinha. Pessoas gritavam, morriam e mudavam diante dos olhos dos médicos, e não havia nada que pudessem fazer a respeito. Alimentar as vítimas era tudo em que conseguiam pensar.

Fui até um caminhão de duas toneladas e meia da Guarda Nacional e comecei a pegar caixas de comida. Cada uma pesava uns vinte quilos e empilhei seis, uma em cima da outra, e as tirei do caminhão com um braço só. Minha percepção da luz continuava a mudar de forma estranha. Esvaziei o caminhão em cerca de dois minutos. Outro caminhão havia ficado atolado na lama ao tentar cruzar o parque, então o peguei e levei-o para onde deveria estar, depois descarreguei e perguntei aos médicos se precisavam de mim para mais alguma coisa.

Havia um brilho estranho ao meu redor. As pessoas me disseram que quando fiz uma das proezas eu brilhei, que meu corpo foi cercado por uma aura dourada luminosa. Olhar para o mundo através de minha própria radiância fazia com que a luz parecesse mudar.

Não pensei muito nisso. O cenário ao meu redor era devastador e continuou assim durante dias. As pessoas tiravam a rainha de espadas ou o curinga, se tornando monstros, morrendo, se transformando. A lei marcial havia sido instaurada na cidade — era como na época da guerra. Passados os primeiros tumultos nas pontes, não houve mais distúrbios. A cidade viveu com blecautes, toques de recolher e patrulhas durante quatro anos e as pessoas simplesmente retomaram os hábitos da guerra. Os boatos eram ensandecidos — um ataque marciano, liberação acidental de gás venenoso, bactérias espalhadas por nazistas ou por Stálin. E ainda por cima, milhares de pessoas juravam ter visto o fantasma de Jetboy voando, sem o avião, sobre as ruas de Manhattan. Continuei a trabalhar no hospital, transportando cargas pesadas. Foi onde conheci Tachyon.

Ele apareceu para entregar um soro experimental que esperava que pudesse aliviar alguns sintomas e meu primeiro pensamento foi: *Ah, Jesus, uma bicha conseguiu passar pelos guardas com um remédio caseiro criado pela sua tia Nelly.* Era um cara magrelo com um longo cabelo vermelho-metálico abaixo dos ombros, e eu sabia que não podia ser cor natural. Ele se vestia como se tivesse conseguido suas roupas no Exército da Salvação no bairro dos teatros; um paletó laranja brilhante, como um líder de banda, suéter carmesim, chapéu de Robin Hood com uma pena, calções com meias estampadas de losangos e sapatos bicolores, que pareceriam estranhos até em um cafetão. Estava indo de leito em leito com uma bandeja cheia de seringas, observando cada paciente e enfiando

agulhas nos braços das pessoas. Pousei a máquina de raios X que carregava e corri para detê-lo antes que pudesse causar algum mal.

Então percebi que entre as pessoas que o acompanhavam havia um general de três estrelas, o coronel da Aeronáutica da Guarda Nacional que dirigia o hospital e o sr. Archibald Holmes, que era um da antiga turma de Franklin D. Roosevelt na Agricultura e que reconheci imediatamente. Ele fora responsável por um grande órgão de ajuda na Europa, depois da guerra, mas Truman o mandara para Nova York assim que a peste atacou. Eu me aproximei de uma das enfermeiras e perguntei o que estava acontecendo.

— É um novo tipo de tratamento — disse ela. — Aquele dr. Tach alguma coisa trouxe.

— O tratamento é *dele*? — perguntei.

— Sim — respondeu ela, franzindo o cenho para mim. — Ele é de outro planeta.

Olhei para os calções e o chapéu de Robin Hood.

— Fala sério.

— É verdade. Ele é.

De perto era possível ver olheiras sob seus estranhos olhos roxos, o cansaço que transparecia em seu rosto. Ele estava se esforçando demais desde a catástrofe, como todos os médicos ali — como todo mundo exceto eu. Eu me sentia cheio de energia apesar de só ter algumas poucas horas de sono por noite.

O coronel da Aeronáutica da Guarda Nacional olhou para mim.

— Eis outro caso. Este é Jack Braun.

Tachyon olhou para mim.

— Seus sintomas? — perguntou. Tinha uma voz grave, com um leve sotaque da Europa Central.

— Sou forte. Consigo levantar caminhões. E acontece um brilho dourado quando faço isso.

Ele pareceu empolgado.

— Um campo de força biológico. Interessante. Gostaria de examiná-lo mais tarde. Depois que a crise atual passar — disse ele, uma expressão de desgosto passando por seu rosto.

— Claro, doutor. Quando quiser.

Ele caminhou para o leito seguinte. O sr. Holmes, o homem do órgão de ajuda, não o seguiu. Ficou e me observou, mexendo com a piteira.

Enfiei os polegares no cinto e tentei parecer útil.

— Posso ajudar em alguma coisa, sr. Holmes?

Ele pareceu levemente surpreso.

— Sabe quem eu sou?

— Eu me lembro do senhor indo a Fayette, Dakota do Norte, em 1933 — respondi. — Pouco depois do New Deal. O senhor estava na Agricultura na época.

— Há muito tempo. O que está fazendo em Nova York, sr. Braun?

— Eu era ator até os teatros serem fechados.

— Ah — respondeu ele, assentindo. — Logo os teatros voltarão a funcionar. O dr. Tachyon diz que o vírus não é contagioso.

— Isso vai tranquilizar algumas pessoas.

Ele olhou para a entrada da barraca.

— Vamos sair e fumar.

— Vamos.

Depois de segui-lo, limpei as mãos e aceitei um cigarro customizado de sua cigarreira de prata. Ele acendeu os dois e olhou para mim por cima do fósforo.

— Quando a emergência tiver passado, gostaria de fazer mais alguns testes com você. Apenas descobrir o que consegue fazer.

Dei de ombros.

— Claro, sr. Holmes. Alguma razão em especial?

— Talvez possa lhe arranjar um emprego. No palco mundial.

Algo passou entre mim e o sol. Ergui os olhos e um calafrio desceu pelo meu pescoço.

O fantasma de Jetboy estava voando, escuro contra o céu, seu cachecol branco de piloto adejando ao vento.

Cresci em Dakota do Norte. Nasci em 1924, durante tempos difíceis. Havia problemas com os bancos, problemas com o excesso de produção das fazendas, que mantinham os preços baixos. Quando veio a Depressão, as coisas foram de mal a pior. O preço dos grãos era tão baixo que alguns fazendeiros literalmente tiveram de pagar as pessoas para levar o produto. Havia leilões de fazendas quase toda semana no tribunal — fazendas que valiam cinquenta mil dólares eram vendidas por algumas centenas. Metade da Main Street estava fechada.

Aqueles foram os dias da Farm Holidays, fazendeiros retendo grãos para forçar aumento de preços. Eu me levantava no meio da noite para levar café e comida para meu pai e meus primos, que patrulhavam as estradas de modo a garantir que ninguém vendesse grãos sem que eles soubessem. Se alguém aparecia com grãos, eles tomavam o caminhão e esvaziavam; se vinha um caminhão de gado, atiravam no gado e jogavam no acostamento para apodrecer. Alguns dos figurões que estavam ganhando uma fortuna comprando trigo abaixo do preço enviaram a Legião Americana para acabar com a paralisação nas fazendas, carregando cabos de machado e usando seus pequenos chapéus — e todo

o distrito se rebelou, deu aos legionários a maior surra de suas vidas e os mandou correndo de volta para a cidade.

Um bando de fazendeiros alemães conservadores estava de repente falando e agindo como radicais. Roosevelt foi o primeiro democrata em que minha família votou.

Eu tinha nove anos quando vi Archibald Holmes pela primeira vez. Ele estava trabalhando como mediador para o sr. Henry Wallace, do Departamento de Agricultura, e foi a Fayette conversar com os fazendeiros sobre alguma coisa — controle de preços ou de produção, provavelmente, ou conservação, a pauta do New Deal que manteve nossa fazenda fora do leilão. Fez um pequeno discurso nos degraus da prefeitura ao chegar e por alguma razão eu não o esqueci.

Era um homem impressionante mesmo então. Bem-vestido, grisalho embora ainda não tivesse quarenta anos, fumava cigarros com piteira, como Roosevelt. Tinha um jeito sulista de falar que soava estranho para mim, como se houvesse algo ligeiramente vulgar no modo como pronunciava o R. Pouco depois de sua visita as coisas começaram a melhorar.

Anos mais tarde, depois que passei a conhecê-lo bem, ele continuou sendo o sr. Holmes. Nunca consegui chamá-lo pelo primeiro nome.

Talvez meu desejo de viajar tenha se originado da visita do sr. Holmes. Senti que tinha que haver algo além de Fayette, algo além do modo Dakota do Norte de ver as coisas. Se seguisse a visão da minha família, eu teria minha própria fazenda, casaria com uma garota da região, produziria muitas crianças e passaria os domingos escutando o pastor falar sobre o inferno e os dias de semana trabalhando nos campos em benefício do banco.

Eu me indignava com a ideia de que não havia nada além disso. Sabia, talvez apenas por instinto, que existia outro tipo de vida lá fora e queria minha parcela.

Eu fiquei alto, de ombros largos e louro, com mãos grandes que ficavam bem ao redor de uma bola de futebol americano, o que meu assessor de imprensa depois chamou de “beleza rústica”. Joguei futebol americano, e bem, não dei muita importância para a escola, e durante os longos invernos escuros atuei em teatros comunitários e concursos. Havia um considerável circuito de teatro amador em inglês e alemão e eu fazia ambos. Interpretava principalmente melodramas vitorianos e espetáculos históricos, e recebi boas críticas.

As garotas gostavam de mim. Eu tinha boa aparência, era um cara comum e todas achavam que seria o fazendeiro ideal para elas. Tomei cuidado de nunca ter ninguém especial. Levava camisinhas no bolso e tentava manter pelo menos três ou quatro garotas ao mesmo tempo. Não cairia na armadilha que meus velhos pareciam ter planejado para mim.

Todos crescemos patriotas. Era uma coisa natural naquela parte do mundo: há um forte amor ao país que vem associado a climas cruéis. Não era nada muito falado, o patriotismo simplesmente existia, parte de tudo o mais.

O time de futebol local se saiu bem e comecei a vislumbrar uma maneira de sair da Dakota do Norte. No final da minha temporada no último ano de escola recebi uma oferta de bolsa na Universidade de Minnesota.

Nunca fui. Em vez disso, no dia seguinte à formatura, em maio de 1942, marchei para o recrutamento e me ofereci para a Infantaria.

Nada de mais. Todos os garotos da minha turma marcharam comigo.

Terminei na 5ª Divisão na Itália e tive uma guerra medonha na Infantaria. Chovia o tempo todo, nunca havia abrigo adequado e cada movimento nosso era acompanhado por alemães invisíveis sentados na colina seguinte com binóculos Zeiss colados nos olhos, ao que inevitavelmente se seguia aquele horrendo som zumbido de um 88 caindo... Senti medo o tempo todo e parte do tempo fui um herói, mas a maior parte passei me escondendo com a boca na terra enquanto os obuses caíam assoviando, e após alguns meses daquilo sabia que não voltaria inteiro, e talvez não voltasse de modo algum. Não existiam turnos, como no Vietnã; um fuzileiro simplesmente ficava na linha até a guerra terminar, até morrer ou até estar tão aterrorizado que não podia retornar. Aceitei esses fatos e continuei com o que tinha que fazer. Fui promovido a suboficial e acabei ganhando uma Estrela de Bronze e três Corações Púrpura, mas medalhas e promoções importavam menos do que de onde viria o próximo par de meias secas.

Um de meus camaradas era um homem chamado Martin Kozokowski, cujo pai era um pequeno produtor teatral em Nova York. Certa noite, dividíamos uma garrafa de um vinho tinto medonho e um cigarro — fumar foi outra coisa que o exército me ensinou — e mencionei minha carreira de ator em Dakota do Norte e, em um surto de boa vontade embriagada, ele disse:

— Nossa, venha para Nova York depois da guerra e eu e meu pai o colocaremos no palco.

Era uma fantasia sem sentido, já que àquela altura nenhum de nós podia ter certeza de que voltaríamos, mas pegou, falamos sobre isso mais tarde e, pouco a pouco, como acontece com alguns sonhos, se tornou realidade.

Depois do dia da vitória na Europa, fui para Nova York e o velho Kozokowski me conseguiu alguns papéis enquanto eu trabalhava em vários empregos de meio expediente, todos fáceis quando comparados ao trabalho de fazenda e à guerra. O teatro era cheio de garotas intelectuais e intensas que não usavam batom — não usar batom era considerado uma espécie de ousadia — e que o levavam para casa se você as ouvisse falar sobre Anouilh, Pirandello ou psicanálise, e a melhor coisa nelas era que não queriam se casar e produzir pequenos fazendeiros. Os reflexos do tempo de paz retornaram aos poucos. Dakota do Norte começou a se apagar e depois de um tempo passei a pensar se afinal a guerra não tinha suas vantagens.

Uma ilusão, claro, porque certas noites ainda acordo com os 88 assoviando em meus ouvidos, o terror se contorcendo em minhas entranhas, o velho ferimento em minha panturrilha latejando e me lembro de como deitava de costas em um buraco de morteiro com lama até o pescoço, esperando que a morfina fizesse efeito enquanto olhava para o céu para ver um grupo de Thunderbolts prateados com o sol refletindo nas asas grossas, os aviões saltando as montanhas mais facilmente do que eu conseguia saltar de um jipe. E me lembro de como era ficar deitado ali, morrendo de inveja, porque os pilotos de caça estavam em seu céu sereno enquanto eu sangrava em meu curativo de campanha e esperava morfina e plasma, e pensava que se um dia apanhasse um daqueles desgraçados em terra faria com que pagasse por aquilo...

Quando o sr. Holmes começou os testes, comprovou exatamente o quanto eu era forte, que era mais forte do que qualquer um já visto antes, ou mesmo imaginado. Se eu me preparasse suficientemente bem, podia

levantar até quarenta toneladas. Balas de metralhadoras amassavam contra meu peito. Projéteis de canhão de vinte milímetros, capazes de perfurar blindagem, me derrubavam pela transferência de energia, mas eu me levantava novamente sem ferimentos.

Eles tiveram medo de usar algo maior que um vinte milímetros nos testes. Eu também. Se fosse atingido por um canhão *de verdade*, em vez de apenas por uma metralhadora grande, provavelmente viraria mingau.

Eu tinha meus limites. Após algumas horas dos testes, começava a ficar cansado. Enfraquecia. Balas começavam a doer. Precisava parar e descansar.

Tachyon deduzira corretamente ao falar de um campo de força biológico. Era como um halo dourado que me cercava quando eu estava em ação. Eu não controlava, exatamente — se alguém disparasse uma bala nas minhas costas de surpresa, o campo de força se ligava sozinho. O brilho diminuía à medida que eu me cansava.

Nunca fiquei suficientemente cansado para ele sumir por completo, não quando o queria aceso. Tinha medo do que poderia acontecer e sempre tomava o cuidado de descansar, se precisasse.

Quando o resultado dos testes chegou, o sr. Holmes me chamou ao seu apartamento em Park Avenue South. Era um lugar grande, o quinto andar inteiro, mas muitos dos aposentos passavam uma sensação de falta de uso. Sua esposa havia morrido de câncer de pâncreas em 1940 e desde então ele desistira de quase toda a vida social. A filha estava estudando longe.

O sr. Holmes me ofereceu um drinque e um cigarro e perguntou o que eu achava do fascismo e o que podia fazer em relação a isso. Lembrei todos aqueles babacas oficiais da ss e paraquedistas da Luftwaffe, a Força

Aérea alemã, e pensei no que poderia fazer em relação a eles agora que era a pessoa mais forte do planeta.

— Imagino que agora daria um belo soldado — respondi.

Ele me lançou um sorriso estreito.

— Você *gostaria* de ser um soldado novamente, sr. Braun?

Entendi imediatamente o que ele queria dizer. Havia uma emergência. O mal estava solto no mundo. Talvez eu pudesse fazer algo a respeito. E ali estava um homem que se sentara à direita de Franklin Delano Roosevelt, que por sua vez se sentara à direita de Deus, no meu entendimento, me *pedindo* para fazer algo a respeito.

Claro que me ofereci. Provavelmente demorei três segundos para me decidir.

O sr. Holmes apertou minha mão. Depois fez outra pergunta.

— Como se sentiria trabalhando com um homem de cor?

Dei de ombros.

Ele sorriu.

— Ótimo. Nesse caso, terei de apresentá-lo ao fantasma de Jetboy.

Eu devo ter parecido confuso. O sorriso dele aumentou.

— Na verdade, o nome dele é Earl Sanderson. É uma figura.

Por coincidência eu conhecia o nome.

— O Sanderson que costumava jogar futebol pela Rutgers? Um atleta incrível.

O sr. Holmes pareceu surpreendido. Talvez não acompanhasse esportes.

— Ah. Acho que vai descobrir que ele é um pouco mais que isso.

Earl Sanderson Jr. teve uma vida muito diferente da minha, no Harlem, Nova York. Era onze anos mais velho do que eu, e acho que nunca me

equiparei a ele.

Earl Jr. era cabineiro, um homem inteligente, autodidata, admirador de Frederick Douglass e Du Bois. Foi fundador do Niagara Movement, que se tornou a NAACP, Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, e depois da Irmandade de Cabineiros de Vagão-Leito. Um homem durão e inteligente, absolutamente à vontade no Harlem tempestuoso da época.

Earl Jr. era um jovem brilhante e seu pai insistiu em que não desperdiçasse isso. No ensino médio, ele se destacou academicamente e como atleta, quando seguiu os passos de Paul Robeson para a Rutgers, em 1930, pôde escolher que tipo de bolsa desejava.

Com dois anos de universidade, ingressou no Partido Comunista. Quando o conheci, mais tarde, fez parecer como se fosse a única escolha razoável.

— A Depressão estava aumentando — disse ele. — Os policiais estavam atirando em organizadores de sindicatos por todo o país e os brancos estavam descobrindo como era ser tão pobres quanto os de cor. Tudo o que tínhamos da Rússia na época eram fotografias das fábricas funcionando com capacidade plena, e aqui nos Estados Unidos as fábricas estavam fechadas e os operários, passando fome. Achei que era só uma questão de tempo até a revolução. O PC era o único em que as pessoas, ao trabalharem pelos sindicatos, também trabalhavam pela igualdade. Tinha um slogan: “Negros e brancos, unam-se e lutem”, e aquilo soava correto para mim. Estavam se lixando para a segregação: olhavam você nos olhos e o chamavam de “camarada”. O que era mais do que qualquer outro já tinha me oferecido.

Ele tinha todos os motivos do mundo para ingressar no PC em 1931. Depois todos esses motivos se rebelariam e acabariam conosco.

Não sei bem por que Earl Sanderson se casou com Lillian, mas entendo muito bem por que Lillian correu atrás de Earl por todos aqueles anos.

— Jack, ele simplesmente *brilhava* — disse-me ela.

Lillian Abbott conheceu Earl quando ele estava no terceiro ano do ensino médio. Depois daquele primeiro encontro, passou todo minuto livre com ele. Comprou seus jornais, pagou sua entrada nos teatros com o troco, foi a reuniões radicais. Incentivou-o em eventos esportivos. Ingressou no PC um mês depois que ele. E algumas semanas após deixar a Rutgers, *summa cum laude*, o desposou.

— Não dei nenhuma escolha a Earl — disse ela. — A única forma que ele tinha de me fazer parar de falar nisso era se casar comigo.

Nenhum deles sabia no que estava se metendo, claro. Earl estava envolvido em questões maiores do que ele, na revolução que acreditava estar vindo, e talvez achasse que Lillian merecia um pouco de felicidade naquela época de amargura. Não custou nada a ele dizer sim.

Para Lillian, custou quase tudo.

Dois meses depois do casamento, Earl estava em um barco rumo à União Soviética para estudar um ano na Universidade Lênin, aprendendo a ser um respeitável agente do Comintern. Lillian ficou em casa, trabalhando na loja da mãe, indo a reuniões do partido que pareciam um pouco sem graça sem Earl. Aprendendo, sem grande entusiasmo pela tarefa, a ser a esposa de um revolucionário.

Após um ano na Rússia, Earl foi cursar direito na Columbia. Lillian o sustentou até se formar e ir trabalhar como advogado para A. Philip Randolph, da Irmandade de Cabineiros de Vagões-Leito, um dos sindicatos mais radicais dos Estados Unidos. Earl sênior deve ter ficado orgulhoso.

Enquanto a Depressão diminuía, o envolvimento de Earl com o PC murchava — talvez a revolução terminasse não acontecendo, no fim das contas. A greve na General Motors foi encerrada a favor dos trabalhadores enquanto Earl aprendia a ser um revolucionário na Rússia. A Irmandade foi reconhecida pela Pullman Company em 1938 e Randolph finalmente começou a gerar um salário — havia trabalhado todos aqueles anos de graça. O sindicato e Randolph estavam tomando muito do tempo de Earl, e seu comparecimento às reuniões do partido começou a diminuir.

Quando o pacto germano-soviético foi assinado, Earl se desfilou do PC em frustração. Fazer acordo com fascistas não era seu estilo.

Earl me contou que depois de Pearl Harbor a Depressão terminou para os brancos quando começou a contratação nos fornecedores da Defesa, mas poucos negros conseguiram empregos. Randolph e seu pessoal finalmente se cansaram. Randolph ameaçou uma greve nas ferrovias — em plena época de guerra — combinada com uma marcha rumo a Washington. Franklin Roosevelt enviou seu mediador, Archibald Holmes, para conseguir um acordo. Isso resultou na Ordem Executiva 8802, pela qual fornecedores do governo eram proibidos de discriminar por etnia. Foi um dos marcos legais na história dos direitos civis e um dos maiores sucessos da carreira de Earl. Ele sempre falava disso como uma das realizações que lhe davam mais orgulho.

Na semana seguinte à Ordem 8802, a classificação de Earl para recrutamento foi alterada para 1-A. Seu trabalho com o sindicato das ferrovias não o protegeria. O governo estava se vingando.

Earl decidiu se oferecer como voluntário para a Força Aérea. Sempre quisera voar.

Tinha passado da idade para ser piloto, mas ainda era um atleta e seu condicionamento o levou a ser aprovado nos exames físicos. Seu registro foi classificado como AFP, Antifascista Prematuro, categorização oficial para alguém pouco confiável o bastante para não gostar de Hitler antes de 1941.

Foi designado para o 332º Grupo de Caça, uma unidade inteiramente negra. O processo de seleção de aviadores negros era tão severo que a unidade terminou cheia de professores, pastores, médicos, advogados — e todas essas pessoas brilhantes também possuíam reflexos de pilotos de primeira categoria. Como nenhum dos grupos aéreos no exterior queria pilotos negros, o grupo permaneceu meses treinando em Tuskegee. Eles acabaram tendo três vezes mais treinamento do que o normal e, quando finalmente se deslocaram para bases na Itália, o grupo conhecido como “Águias Solitárias” explodiu no Teatro de Operações Europeu.

Voaram com seus Thunderbolts sobre a Alemanha e os países dos Bálcãs, incluindo os alvos mais difíceis. Realizaram mais de quinze mil missões e, durante esse período, *nem um único bombardeiro escoltado* foi abatido pela Luftwaffe. Depois que a notícia correu, grupos de bombardeiros começaram a pedir especificamente que o 332º escoltasse suas aeronaves.

Um dos principais pilotos era Earl Sanderson, que terminou a guerra com cinquenta e três abates “não confirmados”. Os abates não eram confirmados porque não eram feitos registros para os esquadrões negros — as Forças Armadas temiam que os pilotos negros pudessem ter totais superiores aos dos brancos. Seu medo era justificado — aquele número colocava Earl acima de todo piloto americano, exceto Jetboy, que era outra enorme exceção a um monte de regras.

No dia em que Jetboy morreu, Earl voltou para casa com o que achava ser uma gripe severa, e acordou no dia seguinte como um ás negro.

Ele conseguia voar, quando desejasse, a até oitocentos quilômetros por hora. Tachyon chamou isso de “telecinesia de projeção”.

Earl também era bastante resistente, embora não tão resistente quanto eu — como acontecia comigo, as balas ricocheteavam nele. Mas tiros de canhão podiam feri-lo e eu sabia que ele temia a possibilidade de uma colisão no ar com um avião.

E ele era capaz de projetar uma muralha de força diante dele, uma espécie de onda de choque que arrancava tudo que vinha à frente. Homens, veículos, paredes. Um som como um trovão e tudo era arremessado trinta metros adiante.

Earl passou duas semanas testando seus talentos antes de permitir que o mundo soubesse deles, voando sobre a cidade com seu capacete de piloto, jaqueta de couro preta de aviador e botas. Quando finalmente deixou que as pessoas soubessem, o sr. Holmes foi um dos primeiros a telefonar.

Conheci Earl no dia seguinte em que fechei acordo com o sr. Holmes. Já havia me mudado para um dos aposentos livres do sr. Holmes e recebera uma chave do apartamento. Estava subindo na vida.

Eu o reconheci imediatamente.

— Earl Sanderson — saudei-o, antes que o sr. Holmes nos apresentasse, e apertei sua mão. — Lembro de ler sobre você quando jogou pela Rutgers.

Earl recebeu aquilo com serenidade.

— Você tem uma boa memória.

Nós nos sentamos e o sr. Holmes explicou formalmente o que queria de nós, e de outros que esperava recrutar mais tarde. Earl não gostava do termo “ás”, significando alguém com habilidades úteis, em oposição a “curinga” — significando alguém muito desfigurado pelo vírus. Considerava que os termos impunham um sistema de classe aos que haviam recebido o Wild Card e não queria nos colocar no alto de alguma pirâmide social. O sr. Holmes chamou nossa equipe oficialmente de Exóticos pela Democracia. Nós nos tornaríamos símbolos dos ideais americanos do pós-guerra para dar crédito à tentativa americana de reconstruir a Europa e a Ásia, continuando a luta contra o fascismo e a intolerância.

Os Estados Unidos criariam uma Era de Ouro no pós-guerra e a partilhariam com o restante do mundo. Nós seríamos seu símbolo.

Parecia ótimo. Eu queria participar.

No caso de Earl, a decisão foi um pouco mais difícil. Holmes havia conversado com ele antes e pedido que fizesse o mesmo tipo de acordo que mais tarde Branch Rickey pediu a Jackie Robinson: Earl teria de se manter longe da política interna. Teria de anunciar que rompera com Stálin e o marxismo, que estava comprometido com uma mudança pacífica. Foi pedido que mantivesse seu temperamento sob controle, que absorvesse a inevitável raiva, o racismo e a condescendência, e que fizesse isso sem retaliação.

Mais tarde, Earl me contou que foi uma luta interna. Ele conhecia seus poderes e sabia que podia mudar as coisas simplesmente estando onde fatos importantes estivessem acontecendo. Policiais sulistas não poderiam dispersar reuniões de integração se alguém presente pudesse esmagar companhias inteiras de patrulheiros estaduais. Fura-greves seriam lançados longe por sua onda de força. Se ele decidisse ir a um

restaurante segregado, todo o Corpo de Fuzileiros não poderia retirá-lo — pelo menos não sem destruir o prédio inteiro.

Mas o sr. Holmes havia chamado atenção para o fato de que se ele usasse seus poderes dessa forma, não seria Earl Sanderson quem pagaria o preço. Se Earl Sanderson fosse visto reagindo violentamente à provocação, negros inocentes seriam pendurados em galhos de carvalho por todo o país.

Earl deu ao sr. Holmes a garantia que ele desejava. A partir do dia seguinte, nós dois começamos a fazer muita história.

O Exóticos pela Democracia (EPD) nunca fez parte do governo dos Estados Unidos. O sr. Holmes lidava com o Departamento de Estado, mas pagava a Earl e a mim do próprio bolso, e eu morava em seu apartamento.

A primeira coisa foi lidar com Perón. Ele fora eleito presidente da Argentina em uma eleição fraudada e estava a caminho de se transformar em uma versão sul-americana de Mussolini, e a Argentina, em um refúgio de fascistas e criminosos de guerra. O Exóticos pela Democracia voou rumo ao sul para descobrir o que podíamos fazer a respeito.

Olhando retrospectivamente, fico impressionado com a nossa confiança. Estávamos determinados a derrubar o governo constitucional de uma grande nação estrangeira e não achávamos que seria nada de mais... Até mesmo Earl foi em frente sem pensar duas vezes. Havíamos acabado de passar anos combatendo fascistas na Europa e não víamos nenhum problema em ir para o sul e acabar com eles lá.

Quando partimos, tínhamos outro homem conosco. David Harstein parecia simplesmente ter dado um jeito de embarcar no avião. Lá estava ele, um enxadrista judeu do Brooklyn, um daqueles jovens de cabelos

encaracolados e fala rápida que você via por toda a Nova York vendendo seguros contra inundação, pneus de carros usados ou ternos sob medida feitos de alguma nova fibra milagrosa que era tão boa quanto caxemira, e de repente ele era um membro do EPD e dava as cartas. Era impossível não gostar dele. Era impossível não concordar com ele.

Ele era um exótico, com certeza. Transpirava feromônios que deixavam todos em paz com ele e com o mundo, criava uma atmosfera de serenidade e insinuação. Podia convencer um stalinista albanês a ficar de ponta-cabeça e cantar o hino americano — pelo menos enquanto ele e seus feromônios estivessem no aposento. Depois, quando nosso stalinista albanês voltasse ao normal, imediatamente se denunciaria e daria um tiro em si mesmo.

Decidimos manter em segredo os poderes de David. Espalhamos uma história de que ele era uma espécie de super-humano ardiloso, como O Sombra do rádio, e que era nosso batedor. Na verdade, sua função era ir para encontros com as pessoas e fazer com que concordassem conosco. Funcionava bastante bem.

Perón ainda não se firmara no poder, estando no cargo havia apenas quatro meses. Demoramos duas semanas para organizar o golpe que acabou com ele. Harstein e o sr. Holmes iam para reuniões com oficiais do exército, e antes que terminassem os coronéis estavam jurando entregar a cabeça de Perón em uma bandeja, e mesmo que depois comesçassem a pensar melhor nas coisas, sua noção de honra não os deixava recuar nas promessas.

Na manhã antes do golpe, descobri algumas das minhas limitações. Havia lido quadrinhos quando estava no exército e vi como, quando os bandidos estavam tentando fugir de um carro em alta velocidade, o Super-Homem pulava na frente do veículo, que ricocheteava nele.

Tentei isso na Argentina. Havia um major peronista que tinha de ser impedido de chegar ao seu posto de comando e saltei na frente do seu Mercedes. Fui lançado sessenta metros contra uma estátua do próprio Juan P.

O problema foi que eu não era mais pesado que o carro. Quando coisas colidem, é o objeto com menos momento linear que cede, e o peso é um componente do momento. Não importa quão *forte* o objeto mais leve seja.

Fui mais inteligente depois disso. Peguei a estátua de Perón e a arremessei contra o carro. Isso resolveu o problema.

Há algumas outras coisas sobre o trabalho de ás que você não aprende lendo revistas em quadrinhos. Eu me lembro de ases dos quadrinhos agarrando canos de canhões de tanques e dando nós neles.

Até que é possível fazer isso, mas você precisa ter alavancagem. Precisa fincar os pés em algo sólido de modo a ter em que fazer pressão. Era muito mais fácil para mim mergulhar sob o tanque e o arrancar das lagartas. Depois ia para o outro lado, colocava os braços ao redor do cano do canhão, apoiando-o no ombro, e apertava. Usava o ombro como o ponto de apoio de uma alavanca e dobrava o cano contra mim.

Era o que fazia quando estava com pressa. Quando tinha tempo eu abria caminho a pancada pelo fundo do tanque e o rasgava de dentro para fora.

Mas estou divagando. De volta a Perón.

Havia duas coisas fundamentais que precisavam ser feitas. Não era possível influenciar alguns peronistas leais, e um deles era comandante de um batalhão blindado aquartelado em um complexo fortificado na periferia de Buenos Aires. Na noite do golpe, peguei um dos tanques e o joguei de lado em frente ao portão, depois simplesmente apoiei o ombro

nele e o mantive no lugar enquanto os outros tanques se amassavam até o estrago tentando movê-lo.

Earl imobilizou a Força Aérea de Perón. Simplesmente voou atrás dos aviões na pista e arrancou os estabilizadores.

A democracia venceu. Perón e sua vagabunda louca fugiram para Portugal.

Eu me dei algumas horas de folga. Enquanto multidões de classe média iam para as ruas festejar, eu estava em um quarto de hotel com a filha do embaixador francês. Escutando o clamor do povo através da janela, sentindo o gosto de champanhe e Nicolette em minha língua, concluí que aquilo era melhor que voar.

Nossa imagem foi construída naquela campanha. Eu usava meu antigo uniforme do exército a maior parte do tempo, e é assim que sou lembrado pela maioria das pessoas. Earl usava fardas castanhas de oficial da Força Aérea com a insígnia arrancada, botas, capacete, óculos, cachecol e sua velha jaqueta de couro de aviador com o símbolo do 332º no ombro. Quando não estava voando, tirava o capacete e colocava uma velha boina preta que guardava no bolso. Com frequência, quando éramos convidados a fazer aparições, pediam a Earl e a mim para vestir as fardas para que todos nos reconhecessem. O público pareceu nunca se dar conta de que na maioria do tempo vestíamos terno e gravata, exatamente como todo mundo.

Meu tempo passado com Earl costumava ser em situação de combate, e por esse motivo nos tornamos grandes amigos... As pessoas em combate se tornam íntimas muito rapidamente. Eu falava sobre minha vida, minha guerra, sobre mulheres. Ele era um pouco mais reservado — talvez não tivesse certeza de como eu reagiria ao ouvir de suas escapadas com

garotas brancas —, mas finalmente uma noite, quando estávamos no norte da Itália procurando por Bormann, ele me contou tudo sobre Orlena Goldoni.

— Eu tinha que pintar uma meia-calça nela pela manhã — disse Earl. — Tinha de maquiar as pernas para que parecesse que estava usando meias de seda. E tinha que pintar a costura atrás com um delineador — contou, sorrindo. — Era um trabalho de pintura que sempre gostei de fazer.

— Por que você apenas não deu uma meia-calça para ela? — perguntei. Não era difícil consegui-las. Soldados escreviam a amigos e parentes nos Estados Unidos pedindo que as enviassem.

— Eu dei muitos pares a ela — disse Earl, dando de ombros. — Mas Lena as repassava às camaradas.

Earl não tinha guardado uma foto de Lena, não onde Lillian pudesse encontrar, mas eu a vi nos filmes depois, quando foi apresentada como a versão europeia de Veronica Lake. Cabelos louros despenteados, ombros largos, voz rouca. A persona de Lake na tela era agradável, mas a de Goldoni era atraente. As meias de seda eram de verdade nos filmes, como também as pernas dentro delas, e o filme fez uso das pernas de Lena o máximo que o diretor ousou. Lembro-me de pensar em como Earl devia ter se divertido pintando-as.

Ela era cantora de cabaré em Nápoles quando se conheceram, em uma das poucas boates que permitiam a entrada de soldados negros. Ela tinha dezoito anos, negociava no mercado clandestino e havia sido mensageira dos comunistas italianos. Earl deu uma olhada nela e jogou a cautela no lixo. Talvez tenha sido a única vez na vida em que se entregou. Começou a correr riscos. Escapar do campo à noite, driblando patrulhas da polícia

militar para ficar com ela, voltar furtivamente no começo da manhã e estar no campo pronto para decolar para Bucareste ou Ploesti...

— Sabíamos que não era para sempre. Sabíamos que a guerra ia terminar mais cedo ou mais tarde — disse Earl. Havia uma espécie de distanciamento em seus olhos, a lembrança de uma dor, e pude ver o quanto deixar Lena lhe custara. Deu um longo suspiro. — Éramos adultos em relação a isso. Então nos despedimos. Fui dispensado e voltei a trabalhar para o sindicato. E não nos vimos desde então. Agora ela está no cinema. Não vi nenhum dos filmes — disse ele, balançando a cabeça.

No dia seguinte, pegamos Bormann. Eu o segurei pelo hábito de monge e sacudi-o até seus dentes chacoalharem. Nós o entregamos ao representante do Tribunal Aliado de Crimes de Guerra e nos demos alguns dias de folga.

Earl parecia mais nervoso do que nunca. Desaparecia de vez em quando para dar telefonemas. A imprensa estava sempre atrás de nós e Earl se sobressaltava sempre que um flash era disparado. Na primeira noite ele sumiu de nosso quarto de hotel e não o vi durante três dias.

Normalmente era eu quem tinha esse tipo de comportamento, sempre me esgueirando para passar algum tempo com uma mulher. Earl fazer isso me pegou de surpresa.

Ele passou o fim de semana com Lena em um pequeno hotel ao norte de Roma. Vi as fotos deles juntos nos jornais italianos na manhã de segunda-feira — de algum modo a imprensa havia descoberto. Fiquei imaginando se Lillian soubera, no que estaria pensando. Earl apareceu de cenho franzido por volta de meio-dia de segunda, bem na hora de seu voo para a Índia: ele ia a Calcutá ver Gandhi. Acabou se colocando entre o Mahatma e as balas que um fanático disparou contra ele nos degraus do

templo — e de repente os jornais só falavam da Índia, deixando de lado o que acabara de acontecer na Itália. Não sei se Earl explicou isso a Lillian.

O que quer que tenha dito, suponho que Lillian acreditou nele. Ela sempre acreditava.

Anos gloriosos, aqueles. Com a rota de fuga fascista para a América do Sul fechada, os nazistas foram obrigados a permanecer na Europa, onde era mais fácil encontrá-los. Após Earl e eu termos desencavado Bormann de seu mosteiro, arrancamos Mengele de um sótão de fazenda na Baviera e chegamos tão perto de Eichmann na Áustria que ele entrou em pânico e se jogou nos braços de uma patrulha soviética, e os russos o fuzilaram imediatamente. David Harstein entrou no Escorial com um passaporte diplomático e convenceu Franco a fazer um discurso ao vivo pelo rádio no qual ele renunciava e convocava eleições, e depois David permaneceu com ele no avião até a Suíça. Portugal convocou eleições pouco depois e Perón teve que se refugiar em Nanquim, onde se tornou conselheiro militar do generalíssimo. Nazistas estavam fugindo da Península Ibérica às dezenas e os caçadores de nazistas apanharam muitos deles.

Eu estava ganhando muito dinheiro. O sr. Holmes não me pagava um salário polpudo, mas eu recebi muito para ser o garoto-propaganda do Chesterfield e vender minha história para a *Life*, além de fazer várias palestras remuneradas — o sr. Holmes contratou para mim um redator de discursos. Minha metade do apartamento da Park Avenue era de graça e nunca tinha de pagar por uma refeição, se não quisesse. Recebi grandes quantias por artigos escritos em meu nome, coisas como “Por que acredito na tolerância”, “O que a América significa para mim” e “Por que precisamos da ONU”. Agentes de Hollywood faziam ofertas inacreditáveis

por contratos longos, mas eu ainda não estava interessado. Estava conhecendo o mundo.

Tantas garotas visitavam meu quarto que a associação dos locatários pensou em instalar uma porta giratória.

Os jornais começaram a chamar Earl de “Águia Negra”, em função do apelido do 332º, “Águias Solitárias”. Ele não gostou muito. Para os poucos que conheciam seu talento, David Harstein era “o Embaixador”. Eu era “Menino de Ouro”, claro. Não me importava.

O EPD ganhou outro membro, Blythe Stanhope van Renssaeler, que os jornais apelidaram de “Especialista”. Era uma pequena e respeitável dama de Boston, da alta sociedade, tensa e casada com um congressista desprezível de Nova York com quem tinha três filhos. Era o tipo de beleza que você levava algum tempo para perceber, e então ficava pensando em como não reparara antes. Acho que ela nunca soube realmente como era encantadora.

Ela podia absorver mentes. Lembranças, habilidades, tudo.

Blythe era uns dez anos mais velha do que eu, mas isso não me incomodava e não demorou para que eu comesse a flertar com ela. Eu tinha muitas outras companhias femininas e todos sabiam disso, de modo que se ela sabia alguma coisa de mim — e talvez não soubesse, porque minha mente não era suficientemente importante para ser absorvida —, não me levou a sério.

Seu horrível marido Henry acabou a expulsando de casa e ela foi ao nosso apartamento em busca de um lugar para ficar. O sr. Holmes não estava e eu me encontrava bem embriagado após algumas doses do seu conhaque vinte e um anos, então lhe ofereci uma cama — na verdade a minha. Ela gritou comigo, merecidamente, e saiu furiosa.

Droga, não tinha sido minha intenção que ela pensasse que a oferta era permanente. Ela devia saber.

Assim como eu devia saber. Em 1947, a maioria das pessoas preferia se casar a ficar na vontade. Eu era uma exceção. E Blythe era tensa demais para que se pudesse brincar com ela — passava metade do tempo à beira de um colapso nervoso, com todo aquele conhecimento na cabeça, e se havia uma coisa de que ela não precisava era um caipira de Dakota a assediando na noite em que seu casamento acabou.

Em pouco tempo Blythe e Tachyon estavam juntos. Não foi muito bom para minha autoestima ser trocado por um ser de outro planeta, mas fiquei conhecendo Tachyon muito bem e decidi que ele era legal, apesar de sua preferência por brocados e cetim. Se ele fazia Blythe feliz, estava ótimo para mim. Imaginei que ele devia ter algo de bom para convencer uma intelectual como Blythe a viver em pecado.

A expressão “ás” pegou logo após Blythe ter se juntado à EPD, então de repente éramos os Quatro Ases. O sr. Holmes era o Ás na Manga da Democracia, ou Quinto Ás. Éramos boas pessoas e todos sabiam disso.

Era impressionante a quantidade de bajulação que recebíamos. O público simplesmente não *permitia* que fizéssemos algo errado. Mesmo preconceituosos inveterados se referiam a Earl Sanderson como “nosso garoto voador de cor”. Quando ele falava sobre segregação, ou o sr. Holmes falava sobre populismo, as pessoas escutavam.

Earl manipulava sua imagem de forma consciente, acho. Era inteligente e sabia como funcionava a imprensa. A promessa que fizera ao sr. Holmes com tanta dificuldade foi plenamente justificada pelos acontecimentos. Ele estava conscientemente se transformando em um herói negro, um modelo imaculado de inspiração. Atleta, acadêmico, líder sindical, herói de guerra, marido fiel, ás. Foi o primeiro negro na

capa da *Time*, o primeiro na *Life*. Substituíra Robeson como o grande ideal negro, como o próprio Robeson reconheceu ironicamente quando disse: “Eu não sei voar, mas Earl Sanderson não sabe cantar”.

Robeson estava enganado, aliás.

Earl estava voando mais alto do que nunca. Ele não havia percebido o que acontece aos ídolos quando as pessoas descobrem sobre seus pés de barro.

Os fracassos dos Quatro Ases aconteceram no ano seguinte, em 1948. Quando os comunistas estavam prestes a tomar a Tchecoslováquia, voamos às pressas para a Alemanha e então a coisa toda foi suspensa. Alguém no Departamento de Estado havia decidido que a situação era complicada demais para ser resolvida por nós e pedira ao sr. Holmes para não intervir. Depois ouvi um boato de que o governo estivera recrutando seus próprios ases talentosos para operações secretas, e que eles haviam sido enviados e feito besteira. Não sei se é verdade ou não.

Então, dois meses depois do fiasco na Tchecoslováquia, fomos enviados à China para salvar cerca de um bilhão de pessoas para a democracia.

Não estava claro na época, mas nosso lado já havia perdido. No papel ainda era possível um resgate — o Kuomintang do generalíssimo ainda controlava todas as maiores cidades, seus exércitos eram bem equipados em comparação com Mao e suas forças, e sabia-se que o generalíssimo era um gênio. Se não era, por que o sr. Luce havia feito dele Homem do Ano da *Time* duas vezes?

Por outro lado, os comunistas marchavam rumo ao sul a um ritmo constante de trinta e cinco quilômetros por dia, sob chuva ou sol, verão ou inverno, redistribuindo terras enquanto avançavam. Nada podia detê-los — certamente não o generalíssimo.

No momento em que fomos chamados a intervir, o generalíssimo havia renunciado — ele fazia isso de tempos em tempos apenas para provar a todos que era indispensável. Então os Quatro Ases se reuniram com o novo presidente do KMT, um homem chamado Chen, que estava sempre paranoico sobre não ser substituído assim que o Grande Homem decidisse fazer outra entrada dramática para salvar o país.

Na época, a posição dos Estados Unidos era ceder o norte da China e a Manchúria, que o KMT já havia perdido, com exceção das grandes cidades. A ideia era salvar o Sul para o generalíssimo, dividindo o país. O Kuomintang teria uma chance de se instalar no Sul enquanto se organizava para uma retomada e os comunistas ficariam com as cidades no Norte sem precisar lutar por elas.

Estávamos todos lá, os Quatro Ases e Holmes — Blythe havia sido incluída como conselheira científica e acabou dando pequenas palestras sobre saneamento, irrigação e vacinação. Mao estava lá, e Chu En-lai, e o presidente Chen. O generalíssimo estava em Cantão, emburrado em sua tenda, e o Exército Popular de Libertação (EPL) estava sitiando Mukden, na Manchúria, e marchando paulatinamente para o sul, comandado por Lin Biao.

Earl e eu não tínhamos muito a fazer. Tínhamos que observar e basicamente o que observávamos eram os delegados. O pessoal do KMT era incrivelmente educado, se vestia bem, tinha empregados uniformizados que circulavam a serviço deles. Sua interação uns com os outros parecia um minueto.

O pessoal do EPL parecia soldados. Eram inteligentes, orgulhosos, militares no sentido em que soldados de verdade são militares, sem toda a formalidade afetada de luvas brancas do KMT. O EPL havia ido para a guerra e não estava acostumado a perder. Percebi isso de cara.

Foi um choque. Tudo o que eu sabia sobre a China era o que tinha lido em Pearl Buck. Isso e a genialidade confirmada do generalíssimo.

— *Esses caras estão lutando contra aqueles caras?* — perguntei a Earl.

— *Aqueles caras não estão lutando contra ninguém* — respondeu Earl indicando a turma do KMT. — Estão tentando se proteger e fugindo. Isso é parte do problema.

— Não gosto dessa situação — falei.

Earl pareceu um pouco triste.

— Eu também não — falou e cuspiu. — Os funcionários do KMT têm roubado terras dos camponeses. Os comunistas estão devolvendo a terra e isso significa que conseguiram apoio popular. Mas assim que tiverem vencido a guerra irão tomá-las de volta, exatamente como Stálin fez.

Earl conhecia história. Eu apenas lia os jornais.

Ao longo de duas semanas o sr. Holmes definiu uma base para negociação, e então David Harstein entrou na sala e logo Chen e Mao estavam sorrindo um para o outro como velhos colegas de escola, e em uma maratona de negociação a China foi formalmente dividida. O KMT e o EPL receberam ordens de ser amigos e depor armas.

Tudo desmoronou em dias. O generalíssimo, que sem dúvida havia sido informado de nossa perfídia pelo ex-coronel Perón, renegou o acordo e retornou para salvar a China. Lin Biao nunca parou de marchar para o sul. E após uma série de enormes batalhas, a genialidade confirmada do generalíssimo terminou em uma ilha protegida pela frota dos Estados Unidos — junto com Perón e sua vagabunda loura, que tiveram de se mudar novamente.

O sr. Holmes me disse que quando atravessou o Pacífico de volta com a partilha no bolso, enquanto o acordo era desfeito atrás dele e as multidões jubilosas em Hong Kong, Manila, Oahu e San Francisco se

tornavam cada vez menores, ficou se lembrando de Neville Chamberlain e seu pedacinho de papel, e de como a “paz na Europa” de Chamberlain se transformara em conflagração e Chamberlain, no idiota da história, triste exemplo de um homem que tinha boas intenções mas esperança em excesso, e confiara demais em homens com maior experiência em traição que ele.

O sr. Holmes não era diferente. Não se dera conta de que enquanto continuava a viver e trabalhar pelos mesmos ideais, pela democracia e pelo liberalismo, por justiça e integração, o mundo mudava ao seu redor, e como ele não mudava junto, o mundo o transformaria em pó.

Àquela altura o público ainda estava inclinado a nos perdoar, mas se lembrava de que o havíamos desapontado. Seu entusiasmo havia diminuído um pouco.

E talvez o tempo dos Quatro Ases tivesse passado. Os grandes criminosos de guerra haviam sido apanhados, o fascismo estava derrotado e havíamos descoberto nossas limitações na Tchecoslováquia e na China.

Quando Stálin bloqueou Berlim, Earl e eu voamos para lá. Eu estava novamente em uniforme de combate, Earl em sua jaqueta de couro. Ele fez patrulhas acima dos arames russos e o exército me deu um jipe com motorista para usar. Stálin acabou recuando.

Nossas atividades, porém, estavam se tornando pessoais. Blythe ia a conferências científicas por todo o mundo e passava a maior parte do tempo que sobrava com Tachyon. Earl marchava em manifestações pelos direitos civis e discursava por todo o país. O sr. Holmes e David Harstein trabalharam naquele ano eleitoral na candidatura de Henry Wallace.

Eu falei ao lado de Earl em encontros da Liga Urbana Nacional e para ajudar o sr. Holmes disse algumas coisas boas sobre o sr. Wallace, e recebi

um monte de dinheiro para dirigir o último modelo Chrysler e falar sobre americanismo.

Depois da eleição, fui para Hollywood trabalhar para Louis Mayer. O dinheiro era mais inacreditável do que qualquer coisa com a qual havia sonhado e eu estava ficando cansado de passar tempo no apartamento do sr. Holmes. Deixei a maior parte das minhas coisas lá, imaginando que não demoraria a voltar.

Estava faturando dez mil por semana e tinha conseguido um agente, um contador, uma secretária para atender o telefone e alguém para cuidar da publicidade; tudo o que tinha de fazer àquela altura era ter aulas de teatro e dança. Nem tinha que trabalhar ainda, porque eles estavam com problemas no roteiro do meu filme. Nunca tinham precisado escrever um roteiro sobre um super-homem loiro.

O roteiro que acabaram fazendo era levemente baseado em nossas aventuras na Argentina e se chamava *Golden Boy: O menino de ouro*. Pagaram uma grana a Clifford Odets para usar esse título, e considerando o que aconteceu a Odets e a mim depois, essa ligação tinha alguma ironia.

Não gostei do roteiro quando recebi. Eu era o herói e isso era ótimo. Eles me chamaram de “John Brown”. Mas o personagem de Harstein havia sido transformado no filho de um ministro protestante de Montana, e o personagem de Archibald Holmes, em vez de ser um político da Virgínia, se transformara em um agente do FBI. A pior parte era o personagem de Earl Sanderson — ele se transformara em um zero à esquerda, um negro subserviente que só aparecia em algumas cenas, e mesmo assim para receber ordens de John Brown e responder com um seco “Sim, senhor” e uma saudação. Liguei para o estúdio para falar sobre isso.

— Não podemos colocá-lo em muitas cenas — me disseram. — Do contrário não poderemos cortá-lo para a versão sulista.

Eu perguntei ao meu produtor executivo sobre o que ele estava falando.

— Se lançamos um filme no Sul, não podemos ter pessoas de cor ou os exibidores não passam. Escrevemos cenas de modo a podermos fazer uma versão sulista cortando todas as com crioulos.

Fiquei chocado. Não sabia que faziam coisas assim.

— Veja bem — eu disse. — Fiz discursos para o NAACP e a Liga Urbana Nacional. Apareci na *Newsweek* com Mary McLeod Bethune. Não posso ser considerado parte disso.

A voz do outro lado da linha se tornou grosseira.

— Leia seu contrato, sr. Braun. O senhor não tem que aprovar o roteiro.

— Não quero aprovar o roteiro. Quero apenas um roteiro que reconheça certos fatos sobre minha vida. Se eu seguir este roteiro, minha credibilidade desaparece. Você está fodendo com minha *imagem*!

Depois disso a coisa ficou desagradável. Fiz certas ameaças e o produtor executivo fez certas ameaças. Recebi um telefonema do meu contador me dizendo o que aconteceria se os dez mil por semana parassem de entrar e meu agente me disse que eu não tinha direito legal de me opor a nada.

Enfim liguei para Earl e lhe contei o que estava acontecendo.

— *Quanto* você disse que eles estão pagando? — perguntou ele.

Eu repeti.

— Veja. O que você faz em Hollywood é problema seu. Mas você é novo aí, e é uma mercadoria desconhecida para eles. Você quer defender o que é certo, isso é bom. Mas se for embora, não fará nenhum bem a mim nem à Liga Urbana Nacional. Fique no negócio, ganhe alguma influência e

depois a use. E se você se sentir culpado, a NAACP sempre pode usar parte desses dez mil semanais.

Então ficou assim. Meu agente conseguiu um acordo com o estúdio para que eu fosse consultado sobre mudanças no roteiro. Consegui tirar o FBI da história, deixando o personagem de Holmes sem nenhuma afiliação governamental, e tentei tornar o personagem de Sanderson um pouco mais interessante.

Vi o copião e era bom. Gostei da minha atuação — pelo menos era descontraída, e até pude me colocar na frente de uma Mercedes acelerando e vê-la ricochetear em meu peito. Foi feito com efeitos especiais.

O filme foi para a lata e eu fui de um almoço com três martinis direto para a festa de encerramento sem pausa para ficar sóbrio. Acordei três dias depois em Tijuana com uma dor de cabeça terrível e a suspeita de que havia feito algo idiota. A bela lourinha que dividia o travesseiro comigo me contou o que era. Havíamos acabado de nos casar. Enquanto ela estava no banho, tive que olhar a certidão de casamento para descobrir que seu nome era Kim Wolfe. Era uma pequena celebridade da Geórgia que estava tentando a vida em Hollywood havia seis anos.

Após algumas aspirinas e umas doses de tequila, o casamento não pareceu uma ideia tão ruim. Com minha nova carreira e tudo o mais, talvez fosse a hora de sossegar.

Comprei a antiga casa de campo pseudoinglesa de Ronald Colman, em Summit Drive, Beverly Hills, e me mudei com Kim e nossas duas secretárias, o cabeleireiro de Kim, dois motoristas, duas empregadas domésticas... De repente eu estava pagando salários a todas essas pessoas e não estava bem certo sobre de onde vinha o dinheiro.

O filme seguinte foi *A história de Rickenbacker*. Victor Fleming seria o diretor, com Fredric March como Pershing e June Allyson como a enfermeira pela qual eu me apaixonaria. De todas as pessoas, Dewey Martin iria interpretar Richthofen, cujo peito teutônico eu encheria de chumbo americano — não importava que o verdadeiro Richthofen tivesse sido morto por outra pessoa. A produção seria filmada na Irlanda, com um orçamento enorme e centenas de extras. Insisti em aprender a pilotar para poder fazer eu mesmo algumas das cenas. Dei um interurbano para Earl a respeito disso.

— Ei. Finalmente aprendi a voar.

— Alguns caipiras demoram um pouco — falou ele.

— Victor Fleming vai me transformar em um ás.

— Jack, você já é um ás — disse ele, parecendo se divertir.

O que me fez pensar, porque de algum modo, no meio da correria, me esquecera de que não havia sido a MGM que me transformara em um astro.

— Você tem razão — respondi.

— Você deveria vir a Nova York mais vezes — disse Earl. — Descobrir o que está acontecendo no mundo real.

— É. Vou fazer isso. Podemos conversar sobre voar.

— Vamos.

Passei três dias em Nova York, a caminho da Irlanda. Kim não estava comigo — conseguira trabalho, graças a mim, e havia sido emprestada à Warner Brothers para um filme. De qualquer forma, era muito sulista e na única vez em que estivera com Earl ficara muito desconfortável, então não me importei que não estivesse lá.

Passei sete meses na Irlanda — o clima era tão ruim que a filmagem demorou muito. Encontrei com Kim em Londres duas vezes, uma semana

cada vez, mas passei o resto do tempo sozinho. Era fiel, à minha maneira, o que queria dizer que não dormia com nenhuma garota mais de duas vezes seguidas. Eu me tornei um piloto suficientemente bom para que os pilotos dublês me cumprimentassem algumas vezes.

Quando voltei à Califórnia, passei duas semanas em Palm Springs com Kim. *O menino de ouro* seria lançado em dois meses. Em meu último dia em Springs acabara de sair da piscina quando um assessor parlamentar, suando de terno e gravata, foi na minha direção e me deu um documento cor-de-rosa.

Era uma intimação. Eu deveria comparecer perante o Comitê da Câmara sobre Atividades Antiamericanas na terça-feira bem cedo. O dia seguinte.

Fiquei mais aborrecido do que qualquer outra coisa. Pensei que evidentemente haviam chamado o Jack Braun errado. Telefonei para a Metro e falei com alguém do Departamento Jurídico. Ele me surpreendeu dizendo:

— Ah, achamos que receberia a intimação em breve.

— Espere um pouco. Como você sabia?

Houve um instante desconfortável de silêncio.

— Nossa política é colaborar com o FBI. Olhe, um de nossos advogados vai encontrá-lo em Washington. Apenas diga ao comitê o que sabe e poderá estar de volta à Califórnia semana que vem.

— Ei, o que o FBI tem a ver com isso? E por que vocês não me avisaram que isso ia acontecer? E que porra o comitê acha que eu sei, afinal?

— Algo sobre a China — disse o homem. — Pelo menos era sobre isso que os investigadores estavam nos perguntando.

Eu bati o telefone e liguei para o sr. Holmes. Ele, Earl e David haviam recebido suas intimações mais cedo e estavam tentando falar comigo desde então, mas não haviam conseguido me achar em Palm Springs.

— Eles vão tentar acabar com os Ases, caipira — disse Earl. — Melhor pegar o primeiro voo para o Leste. Precisamos conversar.

Fiz meus preparativos, e então Kim entrou, vestindo seus trajes brancos de tênis, voltando da aula. Ela ficava melhor suada do que qualquer outra mulher que já tinha conhecido.

— Qual é o problema? — perguntou. Apenas apontei para o papel rosa.

A reação de Kim foi imediata e me pegou de surpresa.

— Não faça o que os Dez fizeram — disse rapidamente. — Eles conversaram entre si, adotaram uma defesa agressiva e nenhum deles conseguiu trabalho desde então.

Ela esticou a mão para o telefone.

— Vou ligar para o estúdio. Precisamos conseguir um advogado para você.

Eu a observei enquanto pegava o telefone e começava a discar. Um arrepio desceu pela minha nuca.

— Gostaria de saber o que está acontecendo — falei.

Mas eu sabia. Eu sabia mesmo então, e meu conhecimento tinha uma precisão e uma clareza aterrorizantes. Tudo em que conseguia pensar era como desejava não enxergar as escolhas tão claramente.

Para mim, o Medo chegara tarde. O comitê perseguiu Hollywood pela primeira vez em 1947, com os Dez de Hollywood. O comitê estava supostamente investigando uma infiltração comunista na indústria cinematográfica — uma ideia ridícula, já que nenhum comunista

conseguiria qualquer publicidade nos filmes sem o conhecimento e a autorização expressa de pessoas como o sr. Mayer e os irmãos Warner. Os Dez eram todos comunistas ou ex-comunistas, e eles e seus advogados concordaram com uma defesa baseada nos direitos de liberdade de expressão e associação garantidos pela Primeira Emenda.

O comitê passou por cima deles como uma manada de búfalos sobre um canteiro de margaridas. Os Dez foram acusados de desacato ao Congresso por sua recusa em cooperar e, após seus recursos terem sido negados anos depois, acabaram na cadeia.

Os Dez acharam que a Primeira Emenda os protegeria, que as acusações de desacato seriam descartadas em no máximo algumas semanas. Em vez disso, os recursos se arrastaram por anos e os Dez foram presos, e durante aquela época nenhum deles conseguiu trabalho.

Surgiu a lista de boicote. Meus velhos conhecidos, a Legião Americana, que haviam aprendido táticas um pouco mais sutis desde que tinham se lançado contra a Holiday Association com cabos de machado, publicaram uma lista de comunistas conhecidos ou suspeitos para que nenhum empregador os contratasse por nenhum motivo. Caso empregasse alguém, a própria pessoa se tornava suspeita e seu nome podia ser acrescentado à lista.

Nenhum daqueles convocados pelo comitê havia cometido algum crime definido em lei, nem nunca havia sido acusado de contravenções. Não eram investigados por atividade criminosa, mas por associação. O comitê não tinha mandado constitucional para investigar aquelas pessoas, a lista de boicote era ilegal, as provas apresentadas nas sessões do comitê eram, em grande medida, rumores, e inaceitáveis em um tribunal... Nada disso importou. Ainda assim aconteceu.

O comitê havia permanecido parado por um tempo, em parte porque seu presidente, Parnell, havia sido preso por fraude em salários, em parte porque os recursos dos Dez de Hollywood ainda estavam sendo julgados nos tribunais. Mas sentiram falta de toda aquela enorme publicidade que haviam recebido quando foram atrás de Hollywood e o público tivera um frenesi com o julgamento dos Rosenberg e o caso Alger Hiss, então concluíram que chegara a hora de outra investigação espalhafatosa.

O novo presidente da comissão, John S. Wood, da Geórgia, decidiu ir atrás da maior caça do planeta.

Nós.

O advogado da MGM me encontrou no aeroporto de Washington.

— Eu o aconselho a não falar com o sr. Holmes ou o sr. Sanderson.

— Não seja ridículo.

— Eles tentarão convencê-lo a uma defesa baseada na Primeira ou na Quinta Emenda — disse o advogado. — A defesa pela Primeira Emenda não vai funcionar, foi recusada em todos os recursos. A Quinta é uma defesa contra se incriminar e, a não ser que você tenha feito algo ilegal, não pode usá-la se não quiser *parecer* culpado.

— E você não vai conseguir trabalho, Jack — disse Kim. — A Metro não vai sequer lançar seus filmes. A Legião Americana faria piquetes nas exhibições por todo o país.

— Como eu sei que vou conseguir trabalho caso fale? — perguntei. — Para entrar na lista de boicote basta ser *convocado*, pelo amor de Deus.

— Fui autorizado pelo sr. Mayer a lhe dizer que permanecerá como seu funcionário caso coopere com o comitê — disse o advogado.

Eu balancei a cabeça.

— Vou falar com o sr. Holmes esta noite — disse, sorrindo para ele. — Deus do céu, somos Ases. Se não conseguirmos derrotar um deputado provinciano da Geórgia, não *merecemos* conseguir trabalho.

Então eu me encontrei com o sr. Holmes, Earl e David no Statler. Kim disse que eu não estava sendo razoável e manteve distância.

Houve divergência desde o início. Earl disse que, para começar, o comitê não tinha direito de nos convocar e que deveríamos simplesmente nos recusar a cooperar. O sr. Holmes falou que não podíamos desistir, que deveríamos nos defender diante do comitê — que não tínhamos nada a esconder. Earl lhe disse que um tribunal ilegal não era lugar para uma defesa racional. David só queria que seus feromônios funcionassem no tribunal.

— Que se dane tudo isso — falei. — Vou apelar para a Primeira. Liberdade de expressão e associação é algo que todo americano entende.

Algo em que eu não acreditei por um único segundo, aliás. Só sentia que precisava dizer algo otimista.

Não fui chamado naquele primeiro dia — fiquei fazendo hora com David e Earl no saguão, andando de um lado para o outro e roendo os nós dos dedos, enquanto o sr. Holmes e seu advogado faziam como o rei Canuto e tentavam impedir que a malvada maré ácida comesse a carne de seus ossos. David continuava tentando passar pelos guardas, mas sem sorte — os guardas do lado de fora estavam dispostos a deixá-lo entrar, mas aqueles do lado de dentro, não expostos a seus feromônios, continuavam a mantê-lo de fora.

A imprensa havia sido autorizada a entrar, claro. O comitê gostava de desfilar sua virtude diante das câmeras dos noticiários, e os noticiários davam todo espaço ao circo.

Não soube o que estava acontecendo do lado de dentro até o sr. Holmes sair. Ele caminhava como um homem que tivera um derrame, um pé cuidadosamente diante do outro. Estava cinza. Suas mãos tremiam e ele se apoiava no braço do advogado. Parecia ter envelhecido vinte anos em poucas horas. Earl e David correram até ele, mas eu só consegui ficar olhando aterrorizado enquanto os outros o ajudavam a cruzar o corredor.

O Medo me pegara pelo pescoço.

Earl e Blythe colocaram o sr. Holmes no carro, depois Earl esperou que minha limusine da MGM chegasse e entrou atrás conosco. Kim parecia emburrada, espremida no canto para que ele não encostasse nela, e se recusou até mesmo a dizer olá.

— Bem, eu estava certo — disse ele. — Não deveríamos ter cooperado em nada com esses desgraçados.

Eu ainda estava chocado com o que vira no corredor.

— Não consigo entender por que estão fazendo isso.

Ele me olhou com uma expressão divertida.

— Caipiras — disse, um comentário resignado sobre o universo, e depois balançou a cabeça. — Você precisa bater na cabeça deles com uma pá para que prestem atenção.

Kim bufou. Earl não deu qualquer indício de ter ouvido.

— Eles têm fome de poder, caipira. E foram mantidos por muitos anos fora do poder por Roosevelt e Truman. Vão tomá-lo de volta e estão alimentando a histeria para conseguir isso. Olhe para os Quatro Ases e o que você vê? Um negro comunista, um judeu liberal, um liberal de Roosevelt, uma mulher vivendo em pecado. Acrescente Tachyon e você tem um alienígena que está subvertendo não apenas o país, mas nossos cromossomos. Provavelmente há outros igualmente poderosos sobre os

quais ninguém sabe. E todos têm poderes sobrenaturais, então quem sabe do que são capazes? E não são controlados pelo governo, têm alguma agenda política liberal, então isso ameaça a base de poder da maioria das pessoas no comitê bem ali.

“Do modo como vejo, o governo tem seus próprios ases agora, pessoas sobre as quais não ouvimos falar. Isso significa que somos dispensáveis, somos independentes demais e não somos confiáveis politicamente. China, Tchecoslováquia e os nomes dos outros ases são apenas uma desculpa. A questão é que se conseguirem acabar publicamente conosco, provarão que podem acabar com qualquer um. Será um reino de terror que irá durar uma geração. Ninguém, nem mesmo o presidente, estará imune.”

Balancei a cabeça. Escutei as palavras, mas meu cérebro não as aceitava.

— O que podemos fazer? — perguntei.

Earl me encarou.

— Porra nenhuma, caipira.

Virei o rosto.

Meu advogado da MGM tocou uma gravação da audiência de Holmes para mim naquela noite. O sr. Holmes e seu advogado, um velho amigo da família, da Virgínia, chamado Cranmer, estavam acostumados aos antigos ritos de Washington e aos ritos da lei. Esperavam por um processo ordeiro, os cavalheiros do comitê fazendo perguntas educadas aos cavalheiros testemunhas.

O quadro não tinha relação com a realidade. O comitê mal deixou o sr. Holmes falar — em vez disso, gritaram com ele, ataques cheios de terríveis insinuações e boatos e não foi deixado que ele respondesse.

Recebi uma cópia da transcrição. Partes dela eram assim:

SR. RANKIN: Quando olho para este repulsivo homem do New Deal sentado diante deste comitê, com seus modos pretensiosos, roupas da Bond Street e sua piteira efeminada, tudo que é americano e cristão em mim se revolta. O homem do New Deal! Esse maldito New Deal permeia ele como um câncer, e eu quero gritar: “Você é tudo o que há de errado com a América. Saia e volte para a China Vermelha que é seu lugar, seu socialista do New Deal! Na China eles darão boas-vindas a você e à sua traição”.

PRESIDENTE: O tempo de Sua Excelência terminou.

SR. RANKIN: Obrigado, sr. presidente.

PRESIDENTE: Sr. Nixon?

SR. NIXON: Quais são os nomes dessas pessoas no Departamento de Estado que você consultou antes de sua viagem à China?

TESTEMUNHA: Devo lembrar ao comitê que aqueles com os quais lidei eram funcionários públicos americanos agindo de boa-fé...

SR. NIXON: O comitê não está interessado em seus históricos. Apenas em seus nomes.

A transcrição prossegue, oitenta páginas no total. O sr. Holmes aparentemente apunhalara o generalíssimo pelas costas e perdera a China para os vermelhos. Foi acusado de ser leniente com o comunismo, assim como Henry Wallace, aquele simpatizante da esquerda que ele apoiara à presidência. John Rankin, de Mississippi — provavelmente a voz mais bizarra no comitê —, acusou o sr. Holmes de fazer parte da conspiração dos judeus vermelhos que havia crucificado Nosso Salvador. Richard Nixon, da Califórnia, continuou pedindo nomes — queria saber

as pessoas que o sr. Holmes havia consultado no Departamento de Estado para que pudesse fazer a elas o que já havia feito a Alger Hiss. O sr. Holmes não deu qualquer nome e apelou para a Primeira Emenda. Foi quando o comitê realmente se levantou em indignação moral: eles o atacaram durante horas e no dia seguinte enviaram uma acusação de desacato ao Congresso. O sr. Holmes estava a caminho da penitenciária.

Ele estava indo para a prisão sem haver cometido um único crime.

— Jesus, preciso falar com Earl e David.

— Já o aconselhei contra isso, sr. Braun.

— Que se dane. Temos que nos planejar.

— Escute-o, querido.

— Que se dane. — O som de uma garrafa batendo em um copo. — Tem que haver um jeito de sairmos dessa.

Quando cheguei à suíte do sr. Holmes, ele havia tomado um sedativo e fora colocado na cama. Earl me disse que Blythe e Tachyon haviam recebido suas intimações e chegariam no dia seguinte. Não conseguíamos entender o porquê. Blythe nunca teve qualquer participação nas decisões políticas e Tachyon não teve nada a ver com a China ou a política americana.

David foi chamado na manhã seguinte. Estava sorrindo quando entrou. Ele se vingaria por todos nós.

SR. RANKIN: Gostaria de garantir ao cavalheiro judeu de Nova York que ele não encontrará qualquer preconceito por causa de sua raça. Qualquer homem que acredita nos princípios

fundamentais do cristianismo e os segue, seja católico ou protestante, tem meu respeito e minha confiança.

TESTEMUNHA: Gostaria de dizer ao comitê que faço objeções à caracterização de “cavalheiro judeu”.

SR. RANKIN: Você faz objeções a ser chamado de judeu ou de cavalheiro? O que o incomoda?

Depois desse início difícil, os feromônios de David começaram a penetrar na sala e, embora ele não tenha conseguido fazer o comitê dançar em uma roda cantando “Hava Nagila”, fez com que afavelmente cancelassem as intimações, encerrassem as audiências, redigissem um documento louvando os Ases como patriotas, enviassem uma carta ao sr. Holmes se desculpando por seu comportamento, retirassem as acusações de desacato contra os Dez de Hollywood e em geral fez com que passassem por idiotas durante várias horas, bem na frente das câmeras dos noticiários. John Rankin chamou David de “pequeno amigo hebreu da América”, para ele um grande elogio. David saiu com um sorriso de orelha a orelha e demos tapinhas em suas costas e voltamos ao Statler para uma celebração.

Tínhamos aberto a terceira garrafa de champanhe quando o detetive do hotel abriu a porta e assessores do Congresso distribuíram uma nova rodada de intimações. Ligamos o rádio e ouvimos o presidente John Wood fazer um discurso ao vivo sobre como David usara “controle mental do tipo praticado no Instituto Pavlov, na Rússia comunista” e como essa forma letal de ataque seria plenamente investigada.

Eu me sentei na cama e fiquei olhando para as bolhas subindo pela taça de champanhe.

O Medo voltara.

Blythe foi na manhã seguinte. Suas mãos tremiam. David foi impedido de se aproximar por guardas no saguão usando máscaras de gás.

Havia caminhões com símbolos de guerra química do lado de fora. Mais tarde descobri que se tentássemos fugir, usariam fosgênio em nós.

Estavam construindo uma gaiola de vidro na sala de audiências. David testemunharia isolado, usando um microfone. O controle do microfone estava nas mãos de John Wood.

Aparentemente o comitê estava tão abalado quanto nós, pois o interrogatório foi um tanto desarticulado. Perguntaram a ela sobre a China, e como ela tinha ido em missão científica, não tinha nada a dizer para eles sobre as decisões políticas. Depois perguntaram sobre a natureza do seu poder, como exatamente ela absorvia mentes e o que fazia com elas. Foi tudo bastante educado. Afinal, Henry van Renssaeler ainda era um deputado e a cortesia profissional determinava que não sugerissem que sua esposa controlava a mente dele.

Eles dispensaram Blythe e chamaram Tachyon. Ele vestia um casaco pêssogo e botas altas com borlas. Ignorara completamente os conselhos de seu advogado — entrou com a postura de um aristocrata cujo dever cumprido com relutância era corrigir os equívocos da massa.

Ele calculou tudo errado e o comitê o fez em pedaços. Eles o denunciaram como alienígena ilegal, depois o massacraram por ser o responsável por liberar o Wild Card e para completar exigiram os nomes dos ases de que havia tratado, apenas para o caso de eles serem infiltrados malignos influenciando as mentes dos Estados Unidos em benefício de Tio Joe Stálin. Tachyon se recusou.

Eles o deportaram.

Harstein foi no dia seguinte, acompanhado por um destacamento de fuzileiros com trajes de guerra química. Assim que o colocaram na gaiola de vidro o fizeram em pedaços, como haviam feito com o sr. Holmes. John Wood ficou com o botão do microfone e não o deixou falar, nem mesmo para responder quando Rankin o chamou publicamente de judeu repulsivo. Quando enfim teve oportunidade de dizer algo, David denunciou o comitê como sendo um bando de nazistas. O sr. Wood considerou aquilo como desacato ao Congresso.

No final da audiência David também estava indo para a prisão.

O Congresso entrou em recesso de fim de semana. Earl e eu iríamos comparecer na segunda-feira seguinte.

Ficamos sentados na suíte do sr. Holmes na noite de sexta-feira, ouvindo rádio, e todas as notícias eram péssimas. A Legião Americana estava organizando manifestações de apoio ao comitê por todo o país. Havia uma série de intimações para pessoas de toda a nação que se sabia terem habilidades de ases — nenhum curinga deformado foi convocado, pois não pegava bem nas fotos. Meu agente deixara uma mensagem me dizendo que a Chrysler queria seu carro de volta e que o pessoal do Chesterfield telefonara e estava preocupado.

Eu tomei uma garrafa de uísque. Blythe e Tachyon estavam se escondendo em algum lugar. David e o sr. Holmes pareciam zumbis, sentados no canto, olhos fundos, absortos em sua própria agonia. Nenhum de nós tinha nada a dizer, a não ser Earl.

— Vou apelar para a Primeira Emenda e que se danem — disse ele. — Se me colocarem na prisão, voarei para a Suíça.

Fiquei encarando minha bebida.

— Eu não posso voar, Earl — falei.

— Claro que pode, caipira. Você mesmo disse.

— *Eu não posso voar, droga!* Me deixe em paz.

Eu não conseguia mais suportar aquilo e levei outra garrafa comigo para a cama. Kim queria conversar e apenas virei de costas e fingi estar dormindo.

— Sim, sr. Mayer.

— Jack? Isso é terrível, Jack, simplesmente terrível.

— É, sim. Esses desgraçados, sr. Mayer. Eles vão acabar com a gente.

— Apenas faça o que os advogados dizem, Jack. Você ficará bem. Tenha coragem.

— Coragem? — reagi, rindo. — *Coragem?*

— É a coisa certa, Jack. Você é um herói. Não podem tocar em você. Apenas diga a eles o que sabe e os Estados Unidos o amarão por isso.

— Quer que eu seja um dedo-duro.

— Jack, Jack. Não fale desse jeito. É uma coisa patriótica que quero que você faça. A coisa certa. Quero que você seja um herói. E quero que saiba que sempre há um lugar na Metro para um herói.

— Quantas pessoas irão comprar ingressos para ver um dedo-duro, sr. Mayer? Quantas pessoas?

— Passe o telefone para o advogado, Jack. Quero falar com ele. Seja um bom garoto e faça o que ele diz.

— Não farei porra nenhuma.

— Jack? O que eu faço com você? Deixe-me falar com o advogado.

Earl estava flutuando do lado de fora da minha janela. Gotas de chuva brilhavam nos óculos colocados no alto do capacete de aviador. Kim olhou furiosa para ele e saiu do quarto. Eu levantei da cama, fui até a

janela e a abri. Ele entrou voando, pousou as botas no carpete e acendeu um cigarro.

— Você não parece muito bem, Jack.

— Estou de ressaca, Earl.

Ele tirou do bolso um *Washington Star* dobrado.

— Tem uma coisa aqui que vai deixar você sóbrio. Já viu o jornal?

— Não. Não vi porra nenhuma.

Ele o abriu. A manchete dizia: STÁLIN ANUNCIA APOIO AOS ASEs.

Eu me sentei na cama e peguei a garrafa.

— Jesus.

Earl jogou o jornal no chão.

— Ele quer acabar conosco. Nós o deixamos fora de Berlim, pelo amor de Deus. Ele não tem motivo para nos amar. Ele está recrutando os próprios talentos do Wild Card por lá.

— Desgraçado, desgraçado. — Fechei os olhos. Cores latejaram na parte de trás de minhas pálpebras. — Tem um cigarro?

Ele me deu um e acendeu com seu Zippo da guerra. Recostei na cama e esfreguei a barba por fazer no meu queixo.

— Pelo que vejo, vamos ter dez anos ruins — disse Earl. — Talvez tenhamos até que deixar o país. — Ele balançou a cabeça. — E então seremos heróis novamente. Isso não pode durar tanto.

— Você sabe mesmo animar uma pessoa.

Ele riu. O cigarro tinha um gosto horrível. Eu afastei o gosto com uísque.

O sorriso sumiu do rosto de Earl e ele balançou a cabeça.

— São as pessoas que serão chamadas depois de nós; é delas que tenho pena. Vai ter uma caça às bruxas neste país durante anos. A NAACP está pagando um advogado para mim. Estou pensando em dispensá-lo. Não

quero nenhuma organização associada a mim. Só vai complicar a vida deles depois.

— Mayer ligou.

— Mayer — disse Earl com uma careta. — Se pelo menos os caras que mandam nos estúdios tivessem levantado a voz quando os Dez se apresentaram perante o comitê. Se tivessem mostrado um pouco de coragem, nada disso teria acontecido. — Ele me lançou um olhar. — Seria melhor você arrumar um novo advogado. A não ser que apele para a Quinta. — Earl franziu o cenho. — A Quinta é mais rápida. Eles apenas perguntam seu nome, você diz que não vai responder e pronto.

— Então que diferença faz um advogado?

— Bem pensado — disse ele, me dando um sorriso cansado. — Realmente *não* faz nenhuma diferença, não é? O que dissermos ou não dissermos. O comitê fará o que quiser de qualquer jeito.

— É. Acabou.

Enquanto ele me observava, seu rosto se abriu em um sorriso suave. Por um momento vi o brilho que Lillian dissera que o cercava. Ali estava ele, prestes a perder tudo pelo que tinha lutado, prestes a ser usado como uma arma que golpearia o movimento pelos direitos civis, o antifascismo, o anti-imperialismo, o trabalhismo e tudo o mais que importava para ele, sabendo que seu nome seria anátema, que qualquer um a quem ele tivesse se ligado logo estaria enfrentando o mesmo tratamento... E ele de alguma forma aceitava isso, entristecido, claro, mas ainda inteiro. O Medo sequer chegara perto de tocá-lo. Earl não temia o comitê, a desgraça, a perda de sua posição e seu status. Não lamentava um só instante sua vida, um momento dedicado às suas crenças.

— Acabou? — disse ele, um fogo nos olhos. — Que merda, Jack, não acabou — falou, rindo. — Uma audiência de comitê não é a guerra.

Somos ases. Eles não podem tirar isso de nós. Certo?

— É. Acho.

— É melhor eu deixar que você cure sua ressaca — disse ele, indo para a janela. — De qualquer modo é hora do meu exercício matinal.

— Vejo você mais tarde.

Ele ergueu o polegar enquanto passava uma perna pelo peitoril da janela.

— Cuide-se, caipira.

— Você também.

Levantei da cama para fechar a janela no momento em que o chuvisco se transformava em tempestade. Olhei para a rua abaixo. Pessoas corriam para se abrigar.

— Earl *realmente era um comunista*, Jack. Ele foi do partido por anos, chegou a estudar em Moscou. Escute, querido — disse, agora implorando —, *você não pode ajudá-lo*. Ele vai ser crucificado, não importa o que você faça.

— Posso mostrar a ele que não está sozinho na cruz.

— Maravilha. Que maravilha. Eu me casei com um mártir. Apenas me diga, como você vai ajudar seus amigos apelando para a Quinta? Holmes não voltará para a vida pública. David se colocou na cadeia. Tachyon vai ser deportado. E Earl está condenado, sem dúvida alguma. Você não pode sequer carregar a cruz deles.

— Quem está sendo sarcástico agora?

Então gritando:

— *Quer largar essa garrafa e prestar atenção em mim?* É algo que seu país quer que você faça! É a coisa certa!

Eu não conseguia mais aguentar, então fui dar uma caminhada na fria tarde de fevereiro. Não havia comido nada o dia todo e tinha uma garrafa de uísque nas minhas veias, e o tráfego continuava zumbindo enquanto eu andava, a chuva batendo em meu rosto, encharcando meu paletó leve da Califórnia e eu não percebia nada disso. Só pensava naqueles rostos, Wood, Rankin e Francis Case, os rostos, os olhos com ódio e o desfile constante de insinuações, então comecei a correr para o Capitólio. Eu ia encontrar o comitê e acabar com ele, bater suas cabeças, fazer com que saíssem correndo morrendo de medo. Eu levei a democracia à Argentina, por Deus, e podia levá-la a Washington da mesma forma.

As janelas do Capitólio estavam escuras. Chuva fria brilhava sobre o mármore. Não havia ninguém lá. Contornei procurando uma porta aberta, depois enfim invadi por uma entrada lateral e fui diretamente à sala do comitê. Escancarei a porta e entrei.

Estava vazia, claro. Não sabia por que estava tão surpreso. Só havia algumas luzes acesas. A gaiola de vidro de David brilhava à luz suave como uma peça de cristal refinado. Equipamentos de câmera e rádio estavam em seus lugares. O martelo do presidente brilhava em latão e verniz. De alguma forma, enquanto estava parado como um imbecil no silêncio abafado da sala, minha raiva sumiu.

Eu me sentei em uma das cadeiras e tentei me lembrar do que estava fazendo ali. Era evidente que os Quatro Ases estavam condenados. Éramos guiados pela lei e pela decência e o comitê, não. A única forma pela qual poderíamos combatê-los seria violando a lei, enfrentando seus rostos arrogantes e fazendo a sala do comitê em pedaços, rindo enquanto os congressistas se jogavam no chão em busca de abrigo sob suas mesas. E se fizéssemos isso nos tornaríamos aquilo que combatíamos, uma força

extralegal de terror e violência. Nós nos tornaríamos aquilo que o comitê dizia que éramos. E isso só pioraria as coisas.

Os Ases seriam derrotados e nada podia impedir isso.

Enquanto descia os degraus do Capitólio, me senti completamente sóbrio. Não importava o quanto tivesse bebido, o álcool não me impedia de saber o que sabia, de ver a situação em toda a sua clareza chocante e esmagadora.

Eu sabia, soube o tempo todo e não podia fingir que não.

Entrei no saguão na manhã seguinte com Kim de um lado e o advogado do outro. Earl estava lá, com Lillian ao lado agarrando a bolsa.

Não consegui olhá-los. Passei por eles, os fuzileiros com máscaras de gás abriram a porta, entrei na sala de audiência e anunciei minha intenção de depor perante o comitê como testemunha amigável.

Depois o comitê desenvolveu um procedimento para testemunhas amigáveis. Haveria primeiramente uma sessão fechada, apenas a testemunha e o comitê, uma espécie de ensaio geral para que todos soubessem sobre o que falariam e qual informação seria dada, para que as coisas corressem bem durante a sessão pública. Aquele procedimento não havia sido criado quando testemunhei, portanto, tudo foi um pouco desajeitado.

Eu suava sob os holofotes, tão aterrorizado que mal conseguia falar — tudo o que conseguia ver eram aqueles nove pares de olhinhos perversos me encarando do outro lado da sala, e tudo o que conseguia ouvir eram suas vozes, ribombando dos alto-falantes como a voz de Deus.

Wood começou, fazendo as perguntas iniciais: quem eu era, onde morava, o que fazia para viver. Depois começou a falar das pessoas que eu

conhecia, começando por Earl. Seu tempo acabou e ele me passou para Kearney.

— Tem consciência de que o sr. Sanderson foi um dia membro do Partido Comunista?

Sequer ouvi a pergunta. Kearney teve de repetir.

— Ahn? Ah. Sim, ele me contou.

— Sabe se ele ainda é membro?

— Acredito que rompeu com o partido depois da coisa germano-soviética.

— Em 1939.

— Se foi quando a coisa germano-soviética aconteceu. 1939. Acho.

Eu me esqueci de todos os elementos de técnica teatral que jamais conhecera. Estava mexendo na gravata, murmurando ao microfone, suando. Tentando não olhar para aqueles nove pares de olhos.

— Tem conhecimento de qualquer ligação comunista mantida pelo sr. Sanderson posteriormente ao pacto germano-soviético?

— Não.

Então veio.

— Ele não mencionou a você nenhum nome pertencente a grupos comunistas ou ligados aos comunistas?

Eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça. Nem parei para pensar.

— Houve uma garota, acho, na Itália. Que ele conheceu na guerra. Acho que o nome dela era Lena Goldoni. É atriz agora.

Aqueles pares de olhos sequer piscaram. Mas pude ver sorrisinhos em seus rostos. E pude ver com o canto do olho os repórteres de repente se curvando sobre seus blocos.

— Poderia soletrar o nome, por favor?

E essa foi a estaca no caixão de Earl. O que quer que pudesse ter sido dito sobre Earl até então, pelo menos o teria revelado fiel a seus princípios. A traição a Lillian insinuava outras traições, talvez a seu país. Eu o destruíra com algumas poucas palavras e na época mal sabia o que estava fazendo.

Eu tagarelei. Ansioso para terminar, disse tudo que passou pela minha cabeça. Falei sobre amar a América e sobre como só dissera aquelas coisas boas sobre Henry Wallace para satisfazer o sr. Holmes, e claro que foi algo idiota de se fazer. Eu não queria mudar o modo de vida do Sul, o modo de vida do Sul era um bom modo de vida. Eu vi... *E o vento levou* duas vezes, um grande filme. A sra. Bethune era apenas uma amiga de Earl com a qual tirei uma foto. Velde assumiu o interrogatório.

— Tem conhecimento dos nomes de algum suposto ás que possa estar vivendo neste país hoje?

— Não. Nenhum, quero dizer, além daqueles que já receberam intimações do comitê.

— Sabe se Earl Sanderson conhece algum nome?

— Não.

— Ele não falou sobre nada com você?

Tomei um gole de água. Quantas vezes eles repetiriam aquilo?

— Se ele conhece o nome de algum ás, não o mencionou em minha presença.

— Sabe se o sr. Harstein conhece algum nome?

Sem parar.

— Não.

— Acredita que o dr. Tachyon conhece algum nome?

Já tinham abordado aquilo. Eu estava apenas confirmando o que eles sabiam.

— Ele tratou de muitas pessoas afetadas pelo vírus. Suponho que saiba seus nomes. Mas ele nunca mencionou nenhum nome para mim.

— A sra. van Renssaeler sabe da existência de algum outro ás?

Comecei a balançar a cabeça, então um pensamento me ocorreu e eu gaguejei:

— Não. Não ela mesma, não.

Velde prosseguiu.

— O sr. Holmes... — começou, e então Nixon sentiu algo ali, na forma como eu respondera à pergunta, e pediu a Velde permissão para interromper. Nixon era o crânio, sem dúvida. Seu jovem rosto de esquilo ansioso olhou para mim atentamente por cima do microfone.

— Eu poderia pedir que a testemunha esclarecesse sua declaração?

Fiquei horrorizado. Tomei outro gole de água e tentei pensar em um jeito de sair daquilo. Não consegui. Pedi a Nixon que repetisse a pergunta. Ele o fez. Minha resposta saiu antes que ele tivesse terminado.

— A sra. van Renssaeler absorveu a mente do dr. Tachyon. Ela saberia qualquer nome que ele soubesse.

O mais estranho era que eles não haviam descoberto sobre Blythe e Tachyon até então. Precisaram que o grande atleta de Dakota aparecesse para juntar as peças para eles.

Eu deveria ter sacado uma arma e atirado nela. Teria sido mais rápido.

O presidente Wood me agradeceu ao final do depoimento. Quando o presidente do comitê dizia obrigado significava que você estava limpo no que dizia respeito a eles, e outras pessoas podiam ficar perto de você sem medo de se transformar em párias. Significava que você poderia ter um emprego nos Estados Unidos da América.

Saí da sala de audiência com meu advogado de um lado e Kim do outro. Não olhei nos olhos dos meus amigos. Em uma hora estava em um avião voltando para a Califórnia.

A casa em Summit estava cheia de buquês de congratulações dos amigos que fiz na indústria cinematográfica. Havia telegramas de todo o país dizendo como eu havia sido corajoso, como havia sido patriota. A Legião Americana estava muito bem representada.

Em Washington, Earl estava apelando para a Quinta.

Eles nem deram atenção à Quinta nem o deixaram ir. Fizeram uma pergunta insinuante atrás da outra e o obrigaram a recorrer à Quinta em cada uma delas. Você é comunista? Earl respondeu com a Quinta. É um agente do governo soviético? A Quinta. Está ligado a espões soviéticos? A Quinta. Conhece Lena Goldoni? A Quinta. Lena Goldoni foi sua amante? A Quinta. Lena Goldoni era uma agente soviética? A Quinta.

Lillian estava sentada em uma cadeira logo atrás. Sentada muda, agarrando sua bolsa, enquanto o nome de Lena era repetido.

E finalmente Earl se cansou. Ele se inclinou para a frente, o rosto tomado de raiva.

— Tenho coisas melhores a fazer do que me incriminar diante de um bando de fascistas! — rosnou e imediatamente determinaram que ele abrisse mão da Quinta ao falar e fizeram as perguntas todas novamente. Quando, tremendo de fúria, ele anunciou que simplesmente reafirmaria a Quinta e continuaria a se recusar a responder, eles o acusaram de desacato.

Ele se juntaria ao sr. Holmes e a David na prisão.

Pessoas da NAACP se reuniram com ele naquela noite. Disseram para se afastar do movimento pelos direitos civis. Ele havia feito a causa recuar

cinquenta anos. Deveria manter distância no futuro.

O ídolo caíra. Sua imagem havia sido moldada como a de um super-homem, um herói sem falhas, e assim que mencionei Lena o povo de repente se deu conta de que Earl Sanderson era humano. Eles o culpavam por isso, por sua própria ingenuidade de acreditar nele e por sua própria perda de fé repentina, e em tempos passados poderiam tê-lo apedrejado ou enforcado na macieira mais próxima, mas no final o que fizeram foi pior.

Deixaram que vivesse.

Earl sabia que estava acabado, era um morto-vivo, que dera a eles uma arma que foi usada para esmagá-lo e a tudo em que ele acreditava, que havia destruído a imagem heroica que criou com tanto cuidado, que acabara com as esperanças de todos que haviam acreditado nele... Ele levou esse pensamento consigo até o dia de sua morte, e isso o paralisou. Ainda era jovem, mas estava inválido e nunca mais voaria tão alto ou tão longe.

No dia seguinte o comitê convocou Blythe. Não quero nem pensar no que aconteceu em seguida.

O menino de ouro estreou dois meses depois das audiências. Eu me sentei ao lado de Kim na estreia e, no instante em que o filme começou, percebi que dera terrivelmente errado.

O personagem de Earl Sanderson havia desaparecido, simplesmente cortado do filme. O personagem de Archibald Holmes não era do FBI, mas também não era independente, pertencia àquela nova organização, a CIA. Alguém fez muitas novas filmagens. O regime fascista na América do Sul havia sido transformado em um regime comunista na Europa Oriental, comandado por homens morenos com sotaques espanhóis. Sempre que

um dos personagens dizia “nazista” era dublado para “comuna”, e a dublagem era alta, ruim e nada convincente.

Passei a recepção em um estupor chocado. Todos ficavam me dizendo como eu era um grande ator, como era um grande filme. O cartaz do filme dizia *Jack Braun: Um herói em quem a América pode confiar!* Eu queria vomitar.

Saí cedo e fui para a cama.

Continuei a receber dez mil por semana enquanto o filme fracassava totalmente nas bilheterias. Disseram que o filme de Rickenbacker seria um grande sucesso, mas que naquele momento estavam tendo problemas com o roteiro do meu filme seguinte. Os dois primeiros roteiristas haviam sido convocados pelo comitê e acabaram na lista de boicote por não fornecer nomes. Isso me fez querer chorar.

Depois que os recursos dos Dez de Hollywood foram rejeitados, o ator que eles chamaram em seguida foi Larry Parks, o homem que eu estava assistindo quando o vírus atingiu Nova York. Ele deu nomes, mas não os deu com suficiente boa vontade e sua carreira chegou ao fim.

Eu parecia não conseguir me livrar da coisa. Algumas pessoas não falavam comigo nas festas. Algumas vezes ouvia fragmentos de conversas. “Às Judas”. “Dedo-Duro de Ouro”. “Testemunha Amigável”, dito como se fosse um nome ou título.

Comprei um Jaguar para tentar me sentir melhor.

Enquanto isso, os norte-coreanos cruzaram o paralelo 38 e as forças dos Estados Unidos estavam sendo esmagadas em Taejŏn. Eu não estava fazendo nada além de aulas de interpretação duas vezes por semana.

Liguei direto para Washington. Eles me deram uma patente de tenente-coronel e me levaram em um avião especial.

A Metro achou que era um grande golpe publicitário.

Recebi um helicóptero especial, um daqueles primeiros Bell, com um piloto dos pântanos da Louisiana que decididamente era meio suicida. Havia um desenho meu nas laterais, com um joelho levantado e um braço erguido, como se fosse o Super-Homem voando.

Eu era levado para trás das linhas norte-coreanas e dava umas porradas. Era muito simples.

Eu demolia colunas inteiras de tanques. Qualquer peça de artilharia vista pelo nosso lado era transformada em rosquinhas. Fiz quatro generais norte-coreanos prisioneiros e resgatei o general Dean dos coreanos que o haviam capturado. Empurrei comboios de suprimentos de encostas de montanhas. Eu era feroz, determinado e raivoso, estava salvando vidas americanas e era muito bom nisso.

Uma foto minha saiu na capa da *Life*. Ela me mostrava com aquele sorriso estreito de Clint Eastwood, segurando um T-34 acima da cabeça. Há um norte-coreano muito surpreso na torre. Eu brilho como um meteoro. A fotografia foi intitulada *O superaastro de Pusan*, com “superaastro” sendo uma palavra nova na época.

Eu estava muito orgulhoso do que fazia.

Nos Estados Unidos, *Rickenbacker* era um sucesso. Não um sucesso tão grande quanto todos haviam esperado, mas era espetacular e rendeu um bom dinheiro. As plateias pareciam um pouco ambíguas em suas reações ao astro. Mesmo aparecendo na capa da *Life*, havia algumas pessoas que não conseguiam me ver como um herói.

A Metro relançou *O menino de ouro*. Fracassou novamente.

Não me importei muito. Estava mantendo o perímetro de Pusan. Estava lá com os soldados, sob fogo metade do tempo, dormindo em uma barraca, comendo enlatados e parecendo alguém saído de um cartum de Bill Mauldin. Acho que era um comportamento estranho para um

tenente-coronel. Os outros oficiais odiavam, mas o general Dean me apoiava — em dado momento ele mesmo estava atirando em tanques com uma bazuca — e eu era um sucesso com os soldados.

Eles me levaram de avião à ilha Wake para que Truman pudesse me dar a Medalha de Honra e MacArthur foi no mesmo avião. Ele pareceu preocupado o tempo todo, não perdeu tempo conversando comigo. Parecia muito velho, nas últimas. Acho que não gostava de mim.

Uma semana depois saímos de Pusan e MacArthur desembarcou a Divisão X em Inchon. Os norte-coreanos correram para lá.

Cinco dias mais tarde eu estava de volta à Califórnia. O exército me informou, bem secamente, que meus serviços não eram mais necessários. Tenho quase certeza de que foi coisa do MacArthur. Ele queria ser o superastro da Coreia e não gostaria de dividir a glória. E na época provavelmente havia outros ases — ases legais, quietos, anônimos — trabalhando para os Estados Unidos.

Eu não queria partir. Durante algum tempo, particularmente após MacArthur ter sido esmagado pelos chineses, continuei a telefonar para Washington com novas ideias de como podia ser útil. Podia atacar os campos de pouso na Manchúria que estavam nos dando tantos problemas. Ou poderia ser o homem de frente para uma ofensiva. As autoridades foram muito educadas, porém estava claro que não me queriam.

Mas tive notícias da CIA. Depois de Dien Bien Phu, quiseram me mandar à Indochina para acabar com Bao Dai. O plano parecia amador — não tinham ideia de quem ou o que queriam que tomasse o lugar de Bao Dai, para começar; esperavam apenas que “forças liberais anticomunistas nativas” se levantassem e assumissem o controle — e o cara encarregado da operação continuava a usar jargão da Madison

Avenue para disfarçar o fato de que não sabia nada sobre o Vietnã ou qualquer das pessoas com as quais estava lidando.

Recusei a oferta. Depois daquilo, meu único envolvimento com o governo federal passou a ser pagar meus impostos todo mês de abril.

Enquanto eu estava na Coreia os recursos dos Dez de Hollywood se esgotaram. David e o sr. Holmes foram para a prisão. David cumpriu três anos. O sr. Holmes cumpriu apenas seis meses e foi solto por razões de saúde. Todos sabem o que aconteceu com Blythe.

Earl fugiu para a Europa e apareceu na Suíça, onde renunciou à cidadania americana e se tornou um cidadão do mundo. Um mês depois estava morando com Orlena Goldoni no apartamento dela em Paris. Ela havia se tornado uma grande estrela. Imagino que Earl decidiu que, como não havia mais razão para esconder o relacionamento, podia exibi-lo.

Lillian permaneceu em Nova York. Talvez Earl mandasse dinheiro para ela. Não sei.

Perón voltou à Argentina em meados da década de 1950, junto com sua vagabunda oxigenada. O Medo indo para o Sul.

Fiz filmes, mas nenhum deles terminou fazendo o sucesso que se esperava. A Metro continuava resmungando sobre meu problema de imagem.

As pessoas não conseguiam acreditar que eu era um herói. Eu também não conseguia e isso afetava minha interpretação. Em *Rickenbacker* eu estivera convicto. Depois disso, nada.

Kim tinha a própria carreira. Não a via muito. Finalmente o detetive dela conseguiu uma foto minha na cama com a dermatologista que fazia sua maquiagem toda manhã e Kim ficou com a casa em Summit Drive, as

empregadas, o jardineiro, os motoristas e a maior parte do meu dinheiro, e terminei em uma pequena casa de praia em Malibu com o Jaguar na garagem. Algumas vezes, minhas festas duravam semanas.

Me casei duas vezes depois disso e o mais longo durou apenas oito meses. Eles me custaram o restante do dinheiro que havia ganhado. A Metro me dispensou e trabalhei para a Warner. Os filmes foram cada vez piores. Fiz o mesmo faroeste umas seis vezes.

Finalmente enfrentei a realidade. Minha carreira no cinema havia terminado anos antes e eu estava falido. Procurei a NBC com a ideia de uma série de televisão.

Tarzan dos macacos durou quatro anos. Eu era produtor executivo e na tela servia de escada para um chimpanzé. Fui o primeiro e único Tarzan loiro. Tinha muito ibope e a série me sustentou pelo resto da vida.

Depois disso, fiz o que todo ex-ator de Hollywood faz. Entrei no mercado imobiliário. Vendi casas de atores na Califórnia por algum tempo e então abri uma empresa e comecei a construir prédios de apartamentos e shopping centers. Quase sempre usava o dinheiro de outras pessoas — não correria o risco de falir de novo. Levantei shoppings em metade das pequenas cidades do Meio-Oeste.

Fiz uma fortuna. Mesmo depois de não precisar mais de dinheiro, continuei nisso. Não tinha muito mais a fazer.

Quando Nixon foi eleito, me senti enojado. Não entendia como as pessoas podiam acreditar naquele homem.

Depois que o sr. Holmes saiu da prisão, começou a trabalhar como editor da *New Republic*. Morreu em 1955, câncer de pulmão. Sua filha herdou o dinheiro da família. Suponho que minhas roupas ainda estavam nos armários dele.

Duas semanas após Earl fugir do país, Paul Robeson e W. E. B. Du Bois ingressaram no Partido Comunista americano, recebendo as carteiras do partido em uma cerimônia pública na Herald Square. Anunciaram que se juntavam aos protestos pelo tratamento dispensado a Earl pelo comitê.

O comitê chamou muitos negros para suas sessões. Até mesmo Jackie Robinson foi intimado e apareceu como testemunha amigável. Diferentemente das testemunhas brancas, nunca era pedido aos negros que citassem nomes. O comitê não queria criar mais mártires negros. Em vez disso, as testemunhas eram incentivadas a denunciar os pontos de vista de Sanderson, Robeson e Du Bois. Muitas fizeram isso.

Ao longo da década de 1950 e da maior parte da de 1960 foi difícil ter noção do que Earl estava fazendo. Vivia discretamente com Lena Goldoni em Paris e Roma. Ela era uma grande estrela, politicamente atuante, mas Earl não aparecia muito.

Ele não estava se escondendo, acho. Apenas ficando fora de vista. Existe uma diferença.

Mas havia boatos. De que havia sido visto na África em várias guerras pela independência. De que combatera na Argélia contra os franceses e o Exército Secreto. Quando questionado, Earl se recusava a confirmar ou negar suas atividades. Era cortejado por pessoas e causas de esquerda, mas raramente se comprometia publicamente. Acho que, como eu, não queria ser usado novamente. Mas também acho que tinha medo de prejudicar uma causa se ligando a ela.

O reino de terror finalmente acabou, como Earl disse que aconteceria. Enquanto eu balançava em cipós na selva como Tarzan, John e Robert Kennedy acabaram com a lista de boicote, passando por um piquete da Legião Americana para ver *Spartacus*, um filme roteirizado por um dos Dez de Hollywood.

Ases começaram a sair dos esconderijos, ingressando na vida pública. Mas agora usavam máscaras e apelidos, como nos quadrinhos que havia lido durante a guerra e achado tão bobos. Não era mais bobo. Eles não correriam riscos. O Medo poderia voltar um dia.

Foram escritos livros sobre nós. Recusei todas as entrevistas. Algumas vezes a pergunta era feita em público e eu ficava tenso e dizia: “Eu me recuso a falar sobre isto neste momento”. Minha própria Quinta Emenda.

Nos anos 1960, quando o movimento pelos direitos civis começou a ganhar força no país, Earl foi a Toronto e se instalou na fronteira. Ele se encontrou com líderes negros e jornalistas, falou apenas sobre direitos civis.

Mas, àquela altura, Earl era irrelevante. A nova geração de líderes negros invocava sua memória e citava seus discursos e os Panteras copiavam sua jaqueta de couro, botas e boina, mas sua existência continuada, como um ser humano em vez de como símbolo, era um pouco perturbadora. O movimento teria preferido um mártir morto cuja imagem pudesse ser usada para qualquer propósito a um homem vivo e fervoroso que dava suas próprias opiniões em voz alta e clara.

Talvez ele tivesse sentido isso quando foi convidado a ir ao Sul. O pessoal da imigração provavelmente teria permitido. Mas ele hesitou demais e então Nixon se tornou presidente. Earl não entraria em um país comandado por um antigo integrante do comitê.

Nos anos 1970, Earl se instalou permanentemente no apartamento de Lena em Paris. Panteras exilados como Cleaver tentaram unir forças com ele e fracassaram.

Lena morreu em 1975 em um acidente de trem. Deixou seu dinheiro para Earl.

Ele dava entrevistas esporádicas. Eu as rastreava e lia. Segundo um entrevistador, uma das condições para entrevistá-lo era que não fossem feitas perguntas sobre mim. Talvez ele quisesse que certas lembranças tivessem morte natural. Me sentia grato por isso.

Há uma história, quase uma lenda, espalhada por aqueles que marcharam para a cidade de Selma em 1965, durante a cruzada pelo direito ao voto... De que quando os policiais avançaram com gás lacrimogêneo, cassetetes e cães, e os manifestantes começaram a cair diante da onda de patrulheiros brancos, alguns deles juraram que olharam para o céu e viram um homem voando, uma figura negra de jaqueta de avião e capacete, mas que o homem simplesmente pairou e depois sumiu, incapaz de agir, incapaz de decidir se usar seus poderes teria ajudado sua causa ou a prejudicado. A mágica não voltara, nem mesmo em um momento tão crucial, e depois daquilo não restou mais nada em sua vida além da cadeira em uma cafeteria, o cachimbo, o jornal e a hemorragia cerebral que finalmente o levou para seja lá o que nos espere no céu.

Com frequência, eu penso se acabou, se as pessoas realmente esqueceram. Mas hoje os ases fazem parte da vida, parte do cenário e o mundo inteiro é criado com a mitologia dos ases, a história dos Quatro Ases e seu traidor. Todos conhecem o Ás Judas e sua aparência.

Em um dos meus períodos de otimismo, eu me vi em Nova York a trabalho. Fui ao Aces High, o restaurante do Empire State frequentado pela nova geração de ases. Fui recebido à porta por Hiram, o ás que costumava chamar a si mesmo de Bolão até sua verdadeira identidade ser revelada, e imediatamente percebi que me reconheceu e que eu estava cometendo um grande erro.

Foi bastante educado, admito, mas seu sorriso lhe custou muito esforço. Ele me levou a uma mesa em um canto escuro onde as pessoas não me veriam. Pedi uma bebida e um filé de salmão.

Quando o prato chegou, o filé estava cercado por um arrumado círculo de moedas de dez centavos. Eu as contei. Trinta peças de prata.

Eu me levantei e saí. Pude sentir os olhos de Hiram em mim o tempo todo. Nunca mais voltei.

Não podia culpá-lo.

Quando eu estava fazendo *Tarzan*, as pessoas me chamavam de bem conservado. Depois, quando estava vendendo e construindo imóveis, todos me diziam o quanto o trabalho me fazia bem. Eu parecia muito jovem.

Quando olho no espelho agora, vejo o mesmo cara jovem que percorria as ruas de Nova York a caminho de testes de atuação. O tempo não acrescentou uma ruga, não me mudou fisicamente de modo algum. Hoje tenho cinquenta e cinco e pareço ter vinte e dois anos. Talvez nunca vá envelhecer.

Ainda me sinto um dedo-duro. Mas só fiz o que meu país mandou.

Talvez eu vá ser o Ás Judas para sempre.

Algumas vezes fico pensando em voltar a ser um ás, vestir uma máscara e um traje para ninguém me reconhecer. Chamar a mim mesmo de Homem Músculo, Garoto Praiano, Gigante Loiro ou algo assim. Sair e salvar o mundo, ou pelo menos uma pequena parte dele.

Mas então penso: não. Tive meu tempo e acabou. E quando tive a chance, não consegui salvar sequer minha própria integridade. Ou Earl. Ou qualquer um.

Deveria ter ficado com as moedas. Afinal, eu as mereci.

RITOS DE DEGRADAÇÃO

Melinda M. Snodgrass

Uma página de jornal passou voando pela grama seca do pequeno parque em Neuilly e pousou na base de uma estátua de bronze do almirante D’Estaing. Sacudiu intermitentemente, como um animal exausto parando para respirar; em seguida, o vento gelado de dezembro a apanhou mais uma vez e a carregou adiante, deslizando rapidamente.

O homem jogado em um banco de ferro no meio do parque observou o papel se aproximando com o ar de quem encara uma decisão monumental. Então, com o cuidado exagerado de um bêbado de longa data, esticou o pé e o pegou.

Enquanto se curvava para pegar o papel esfarrapado, uma torrente de vinho tinto da garrafa aninhada entre suas coxas escorreu pela perna. Uma sequência de xingamentos composta de diversos idiomas europeus e pontuada de tempos em tempos por uma estranha palavra cantada saiu de seus lábios. Tampando a garrafa, ele limpou a mancha que se espalhava com um grande lenço roxo e pegou o jornal, a edição de Paris do *Herald Tribune*, e começou a ler. Seus claros olhos de cor lilás passaram pelas colunas enquanto devorava as palavras.

J. Robert Oppenheimer foi acusado de ter simpatias comunistas e de possível traição. Fontes próximas da Comissão de Energia Atômica confirmam que estão sendo tomadas providências para rescindir sua autorização de segurança e afastá-lo da presidência da Comissão.

O homem amassou o papel compulsivamente, reclinou-se no banco e fechou os olhos.

— Malditos sejam, malditos sejam todos eles — sussurrou em inglês.

Como em resposta, seu estômago deu um ronco alto. Ele franziu o cenho com raiva e tomou um longo gole do vinho tinto barato. A bebida desceu amargamente pela língua e explodiu com calor causticante em seu estômago vazio. Os roncões diminuíram e ele suspirou.

Um volumoso sobretudo cor de pêssego decorado com enormes botões de latão e várias sobrevestes estavam jogados sobre seus ombros, como um manto. Por baixo, vestia um paletó azul-celeste e calças azuis apertadas enfiadas em botas de couro surradas na altura dos joelhos. O colete era de um azul mais escuro do que o paletó e as calças, bordado com padrões intrincados em fios de ouro e prata. Todas as peças de roupa estavam manchadas e amarrotadas, e havia remendos na camisa de seda branca. Um violino e um arco repousavam a seu lado no banco, e o estojo do instrumento (sugestivamente aberto) estava no chão a seus pés. Sob o banco havia uma mala gasta e uma bolsa de couro vermelha, estampada em folha de ouro com uma palma, duas luas, uma estrela e um estreito bisturi dispostos em graciosa harmonia no centro.

O vento recomeçou, agitando os galhos das árvores e balançando seus cachos emaranhados até a altura dos ombros. Cabelos e sobrancelhas eram de um vermelho-metálico, e a barba por fazer, que escurecia as bochechas e o queixo, era do mesmo tom incomum. A página de jornal

sacudia em sua mão, e ele abriu os olhos e a observou. A curiosidade superou a raiva e, com um gesto, abriu o papel e continuou.

A ESPECIALISTA MORRE

Blythe van Renssaeler, também conhecida como A Especialista, morreu ontem no sanatório Wittier. Integrante do infame grupo Quatro Ases, foi internada no sanatório Wittier pelo marido, Henry van Renssaeler, pouco depois de comparecer perante o Comitê da Câmara sobre Atividades Antiamericanas...

O texto embaçou quando seus olhos ficaram marejados. As lágrimas se acumularam lentamente até que uma delas transbordou e escorreu depressa pelo nariz fino e comprido. Ficou absurdamente pendurada na ponta, mas ele não fez nenhum movimento para retirá-la. Estava paralisado, mantido em uma inércia medonha que não tinha nada a ver com dor. Isso viria depois; tudo o que sentia no momento era um grande vazio.

Eu deveria saber, deveria ter sentido, pensou. Pousou o jornal sobre o joelho e acariciou suavemente a matéria com o indicador esguio, como um homem afagaria o rosto de sua amada. Percebeu de um modo muito abstrato que havia mais, fatos sobre a China, sobre Archibald, sobre os Quatro Ases e o vírus.

E todos eles errados!, pensou com selvageria, e sua mão se contraiu sobre a página em um espasmo.

Rapidamente alisou o papel e voltou a acariciá-lo. Ele se perguntou se a morte dela teria sido tranquila. Se a haviam retirado daquele cubículo imundo e a levado para o hospital...

O aposento fedia a suor e medo, a fezes e ao enjoativo cheiro adocicado de putrefação, e acima de tudo pairava o odor pungente de antisséptico. Muito do suor e do medo estava sendo gerado por três jovens residentes que se apertavam como ovelhas perdidas no centro da enfermaria. Junto à parede sul uma cortina isolava um leito dos demais pacientes, mas não podia bloquear os grunhidos inumanos que se erguiam por trás daquela frágil barreira.

Perto dali, uma mulher de meia-idade estava curvada sobre seu breviário, lendo o serviço de vésperas. Um rosário madrepérola pendia de seus dedos finos e periodicamente gotas de sangue caíam nas páginas. Quando isso acontecia, os lábios se moviam em uma prece rápida e ela limpava o sangue. Se o sangramento constante se limitasse a um verdadeiro estigma, ela poderia ser canonizada, mas ela sangrava por todos os orifícios. Escorria sangue de suas orelhas, embaraçando os cabelos e sujando os ombros do hábito, da boca, do nariz, dos olhos, do reto... de toda parte. Um médico exausto a apelidara de Irmã Maria Hemorragia na sala de descanso, certa noite, e a gargalhada resultante só podia ser justificada por exaustão extrema. Todos os profissionais de saúde da região de Manhattan estavam em regime de trabalho quase ininterrupto desde o Dia do Wild Card, em 15 de setembro de 1946, e cinco meses de trabalho incessante estavam cobrando seu preço.

Ao lado havia um homem negro, que um dia fora bonito, flutuando em um banho de solução salina. Dois dias antes, começara a trocar a pele novamente e agora só lhe restavam vestígios de derme. Seus músculos brilhavam nus e infeccionados e Tachyon ordenou que fosse tratado como vítima de queimadura. Ele sobrevivera a uma daquelas trocas. Não se sabia se sobreviveria a outra.

Tachyon liderava uma sombria procissão de médicos na direção da cortina.

— Irão se juntar a nós, cavalheiros? — chamou ele com a voz grave e agradável pontuada por um sotaque oscilante e musical que lembrava a Europa Central ou a Escandinávia. Os residentes avançaram com relutância.

Uma enfermeira impassível abriu a cortina, revelando um velho macilento. Seus olhos fitaram com desespero os médicos e horríveis sons abafados saíram de seus lábios.

— Este é um caso interessante — disse Mandel, erguendo o prontuário. — Por alguma razão bizarra, o vírus está fazendo com que todas as cavidades no corpo deste homem se fechem. Em alguns dias seus pulmões não serão capazes de inalar ar, nem haverá espaço para o devido funcionamento de seu coração...

— Então por que não acabar com isso? — perguntou Tachyon, tomando a mão do homem e percebendo o aperto que respondia às suas palavras.

— O que está sugerindo? — reagiu Mandel, baixando a voz para um sussurro urgente.

Tachyon pronunciou cada palavra claramente.

— Nada pode ser feito. Não seria mais humano poupá-lo dessa morte lenta?

— Não sei o que se passa por medicina em seu mundo; ou talvez saiba, a julgar por esse vírus infernal que vocês desenvolveram; mas aqui não assassinamos nossos pacientes.

Tachyon sentiu os músculos de seu maxilar se contraírem de raiva.

— Vocês sacrificam um cachorro ou um gato por misericórdia, mas negam a seu próprio povo a única droga conhecida que realmente alivia o

sofrimento e forçam as pessoas a terem mortes agonizantes. Ah... malditos sejam!

Ele afastou o jaleco, revelando um traje espalhafatoso de brocados de ouro fosco, e se sentou na beirada da cama. O homem ergueu as mãos em desespero e Tachyon as segurou. Entrou facilmente em sua mente.

Morrer, me deixe morrer, veio o pensamento marcado com a sensação de dor e medo, e ainda assim havia uma certeza tranquila no pedido do homem.

Não posso. Eles não permitirão, mas posso lhe dar sonhos. Ele se moveu rapidamente, bloqueando os centros de dor e raciocínio do cérebro do homem. Em sua própria mente, visualizou uma parede concreta, construída com cintilantes blocos de energia brancos e prateados. Estimulou os centros de prazer do homem, permitindo que mergulhasse em sonhos que ele mesmo concebia. A construção era temporária; duraria apenas alguns dias, mas seria o suficiente — antes disso, aquele curinga teria morrido.

Ele se ergueu e baixou os olhos para o rosto sereno do homem.

— O que você fez? — cobrou Mandel.

Tach lançou um olhar arrogante para o outro médico.

— Apenas mais um pouco de magia takisiana demoníaca.

Com um altivo aceno de cabeça para os residentes, ele saiu da enfermaria. No corredor, havia leitos junto às paredes e um atendente avançava checando os pacientes. Shirley Dashette o chamou do posto das enfermeiras. Eles haviam passado várias noites agradáveis explorando as diferenças e semelhanças entre os modos takisiano e humano de fazer amor, mas naquela noite ele não conseguiu oferecer nada mais do que um sorriso e a falta de reação física o alarmou. Talvez fosse hora de dar uma descansada.

— Sim?

— O dr. Bonners gostaria de uma consulta. A paciente está em choque e eventualmente fica histérica, mas não tem nenhum problema físico e ele pensou...

— Que poderia ser um dos meus.

Ah, Deus, não deixe que seja outro curinga, suspirou internamente. *Acho que não consigo encarar outra monstruosidade.*

— Onde ela está?

— Quarto 223.

Ele sentia a exaustão remoendo seus nervos e deixando os músculos trêmulos. E bem perto da exaustão vinham o desespero e a autopiedade. Com um xingamento abafado, ele deu um murro no tampo da mesa e Shirley recuou.

— Tach? Você está bem? — perguntou ela, a mão fria tocando seu rosto.

— Sim. Claro.

Ele se forçou a endireitar os ombros, apertou o passo e se dirigiu para o corredor.

Bonners estava agarrado a outro médico quando Tachyon abriu a porta, e franziu o cenho para ele, mas pareceu mais do que disposto a permitir que assumisse o caso quando a mulher na cama deu um grito lancinante e lutou contra as correias. Tach correu para o lado dela, colocou uma mão gentil em sua testa e se fundiu à sua mente.

AH DEUS! A eleição, será que Riley cumpriria o acordo? Deus era testemunha de que ele pagara o bastante. Comprara uma vitória, mas estaria ferrado se tivesse comprado uma vitória esmagadora... Mamãe, estou com medo... O frio de uma manhã de inverno e o som de uma lâmina de patim deslizando pelo gelo... Uma mão segurando a dela... mão errada.

Onde estava Henry? Deixá-la agora... quantas horas mais.. . ele devia estar aqui... Outra contração vindo. NÃO. Ela não podia ouvir isso. Mamãe... Henry... DOR!

Ele recuou e se chocou ofegante contra o armário.

— Deus do céu, dr. Tachyon, está tudo bem?

A mão de Bonners estava em seu braço.

— Não... Sim... Dentro do normal.

Ele se empertigou com cautela. Seu corpo ainda doía pela empatia da lembrança do primeiro trabalho de parto daquela mulher. Mas de onde vinha aquela segunda personalidade, aquele *homem* frio e severo?

Afastando-se da mão de Bonners, ele voltou à mulher e se sentou na beirada da cama. Com mais cuidado dessa vez, realizou rapidamente alguns exercícios calmantes e de fortalecimento e golpeou com todo o seu poder psíquico. As frágeis defesas mentais dela desmoronaram com o ataque e, antes que pudesse arrastá-lo para seu redemoinho mental, ele agarrou sua mente.

Como uma flor em botão, veludo delicado tremulando à brisa com apenas um toque de...

Ele se obrigou a abandonar o prazer quase sensual do compartilhamento mental e retornar à tarefa. Totalmente no comando, logo percorreu a cabeça dela. O que descobriu adicionou uma nova faceta à saga do Wild Card.

Nos primeiros dias do vírus o que eles mais viram foi morte. Quase vinte mil na região de Manhattan. Dez mil pelos efeitos do vírus e outros dez mil como resultado de tumultos, saques e da Guarda Nacional. Depois vieram os curingas: monstros hediondos nascidos da fusão do vírus com as estruturas mentais individuais. E finalmente apareceram os ases. Ele tinha visto uns trinta deles. Pessoas fascinantes com poderes exóticos —

a prova viva de que a experiência era um sucesso. Apesar do custo terrível, haviam criado superseres. E agora existia uma nova, com um poder único entre os outros ases.

Ele recuou, deixando apenas um único fio de controle, como rédeas nas mãos de um cavaleiro experiente.

— Sim, você estava certo, doutor, ela é uma das minhas.

Bonnars agitou as mãos em um gesto de completa e total confusão.

— Mas como... Quero dizer, você normalmente não... faz exames?

Tach relaxou e sorriu com a confusão do colega.

— Acabei de fazer. E é algo impressionante; de alguma forma esta mulher foi capaz de absorver todo o conhecimento e as lembranças do marido — disse, o sorriso sumindo quando pensou em outro detalhe. — Talvez devêssemos mandar alguém até a casa dela para descobrir se o pobre Henry é uma casca sem mente cambaleando pelo quarto. Pelo que sei, ela pode tê-lo sugado por completo. Mentalmente falando, claro.

Bonnars pareceu nauseado e saiu. O outro médico foi com ele.

Tachyon tirou-os do pensamento, bem como o destino de Henry van Renssaeler, e se concentrou na mulher na cama. Sua mente e sua psique estavam rachados como um lago descongelando e teria de ser feita uma restauração muito rápida para impedir que a personalidade se estilhaçasse sob o estresse e ela afundasse na loucura. Depois tentaria um trabalho mais permanente, mas isso seria, na melhor das hipóteses, um remendo. Seu pai seria ideal para aquilo, já que consertar mentes partidas era seu dom. Mas como estava longe de Takis, a mulher dependeria das habilidades inferiores de Tach.

— Aqui, minha querida — murmurou ele, enquanto começava a mexer nas faixas amarradas que a mantinham presa à cama. — Vamos deixá-la

mais confortável, e depois vou começar a lhe ensinar algumas disciplinas mentais para impedir que enlouqueça totalmente.

Ele reiniciou a ligação mental plena. A mente dela flutuou sob a dele, confusa, incapaz de compreender a magnitude da mudança que havia lhe ocorrido.

Estou louca... Isso não podia ter acontecido... Surtei.

Não, o vírus...

Ele realmente está aqui... Não consigo suportar.

Então não suporte. Veja, aqui e aqui, redirecione e o coloque bem abaixo.

NÃO! Tire-o daqui, fora!

Não é possível; controle é a única solução.

A defesa ganhou vida como a ponta de um fogo incandescente e criou sua gaiola intrincada ao redor de “Henry”.

Houve uma sensação de encantamento e paz, mas ele sabia que estavam apenas na metade do caminho. A defesa surgiu do poder dele, não de qualquer compreensão real por parte dela; para manter a sanidade, ela mesma teria de aprender a criá-la. Ele recuou. O corpo da mulher tinha relaxado e a respiração se tornara mais regular. Tach retornou à tarefa de soltá-la, assoviando uma música animada por entre os dentes.

Pela primeira vez desde que havia sido chamado ao quarto, ele pôde olhar, realmente olhar para a paciente. A mente da mulher já o encantara e o corpo fez o pulso dele acelerar. Cabelos castanho-escuros à altura dos ombros cascadeavam sobre o travesseiro até o peito, um contraponto perfeito ao cetim champanhe de sua camisola fina e à pele de alabastro. Cílios longos e negros adejaram em suas bochechas e depois se ergueram, revelando olhos de um profundo azul-escuro.

Ela o olhou atentamente por alguns segundos, depois perguntou:

— Eu o conheço ou não? Nunca vi seu rosto, mas... eu... o sinto.

Seus olhos se fecharam novamente, como se a confusão fosse demais.

Ele afastou os cabelos dela da testa.

— Sou o dr. Tachyon, e sim, você me conhece. Partilhamos a mente.

— Mente... *Mente*. Eu toquei a mente de Henry, mas foi medonho, medonho!

Ela deu um pulo e se sentou, trêmula, como um pequeno animal assustado.

— Ele fez tantas coisas terríveis e desprezíveis, eu não tinha ideia, e pensei que ele fosse... — começou ela, antes de interromper o fluxo de palavras e agarrar o braço dele. — Agora tenho de viver com isso. Nunca vou me livrar dele. As pessoas deveriam escolher com mais cuidado... É melhor, eu acho, não saber o que existe dentro delas.

Os olhos dela se fecharam brevemente e a testa se franziu. De repente os cílios se ergueram e suas unhas se cravaram no bíceps dele.

— Gostei de sua mente — anunciou ela.

— Obrigado. Acredito poder dizer com alguma certeza que tenho uma mente extraordinária. De longe, a melhor que você provavelmente conhecerá.

Ela riu, um som grave e rouco estranhamente incongruente com sua aparência delicada. Ele riu junto, satisfeito de ver a cor retornando às faces.

— A *única* que provavelmente conhecerei. As pessoas o consideram vaidoso? — prosseguiu ela em um tom mais relaxado, e se recostou novamente nos travesseiros.

— Não, não vaidoso. Arrogante algumas vezes, autoritário, mas nunca vaidoso. Veja, meu rosto não permite.

— Não sei sobre isso — disse a mulher, esticando a mão e passando os dedos suavemente pela bochecha dele. — Me parece um belo rosto.

Tachyon recuou, com prudência, embora lhe custasse fazê-lo. Ela pareceu magoada e se recolheu.

— Blythe, mandei alguém verificar seu marido.

Ela virou o rosto, recostando a bochecha no travesseiro.

— Sei que você despreza o que descobriu a respeito dele, mas precisamos nos certificar que ele está bem.

Tach se levantou da cama e ela estendeu as mãos para ele, que as segurou e entrelaçou seus dedos.

— Não posso voltar para ele, não posso!

— Você pode tomar esse tipo de decisão pela manhã — disse Tach, acalmando-a. — Neste momento quero que durma um pouco.

— Você salvou minha sanidade.

— Foi um prazer.

Ele fez sua melhor medida e pressionou a pele macia da face interna do pulso dela contra os lábios. Foi um comportamento inconsciente, mas ficou satisfeito com seu autocontrole.

— Por favor, volte amanhã.

— Trarei seu café na cama e lhe darei pessoalmente a porcaria de cereal matinal deste estabelecimento. Poderá me falar mais sobre minha mente maravilhosa e meu belo rosto.

— Apenas se você prometer corresponder.

— Quanto a isso, você não tem nada a temer.

Eles flutuaram em um mar branco-prateado sustentado pelos mais suaves toques mentais. Era quente, maternal e sensual, tudo ao mesmo tempo, e ele estava vagamente consciente de seu corpo reagindo ao

primeiro partilhamento verdadeiro que experimentava em meses. Ele se obrigou a voltar a atenção para a sessão. A defesa pairava entre eles como um vaga-lume peripatético.

De novo.

Não consigo. Difícil.

Necessário. De novo agora.

O vaga-lume retomou seu curso errático, traçando as linhas e as espirais complexas de uma defesa mental. Houve um surto de escuridão, como uma onda de lama fedorenta, e a defesa se desfez em pedaços. Tachyon retornou a seu corpo bem a tempo de segurar Blythe enquanto ela caía em direção ao concreto do terraço.

Sua mente doía pelo esforço.

— Você *precisa* contê-lo.

— Não consigo. Ele me odeia e quer me destruir. — Soluções pontuaram as palavras.

— Vamos tentar novamente.

— Não!

Ele a segurou, um braço sobre os ombros, o outro segurando as mãos esguias.

— Vou estar com você. Não vou deixar que ele a machuque.

Ela respirou fundo e assentiu de leve.

— Certo, estou pronta.

Eles recomeçaram. Dessa vez ele permaneceu em uma ligação mais próxima. De repente teve consciência de um redemoinho de poder sugando sua mente, sua identidade, arrastando-o cada vez mais fundo para ela. Houve uma sensação de estupro, de violação, de perda. Ele rompeu o contato e saiu cambaleando pelo terraço. Quando recobrou a noção do que o cercava, se viu em um abraço íntimo com um pequeno

salgueiro tristemente murcho em um canteiro de concreto, e Blythe soluçava infeliz com o rosto apoiado nas mãos.

Ela parecia absurdamente jovem e vulnerável em seu casaco Dior de lã preta com colarinho de pele. A austeridade da cor destacava a palidez de sua pele e o colarinho erguido fazia com que parecesse uma princesa russa perdida. A sensação de violação murchou diante da óbvia perturbação dela.

— Desculpe, desculpe. Não foi minha intenção. Só queria estar mais próxima de você.

— Tudo bem — disse ele, beijando suas bochechas. — Estamos ambos cansados. Tentaremos novamente amanhã.

E assim fizeram; trabalhando dia após dia até que no final da semana ela conquistara um controle seguro sobre seu indesejado passageiro mental. Henry van Renssaeler ainda não aparecera no hospital; em vez disso, uma discreta empregada negra trouxera as roupas de Blythe. Isso foi bom para Tachyon. Estava contente que o homem tivesse saído incólume da experiência, mas o contato íntimo com a mente do deputado Van Renssaeler não fora agradável, e para ser honesto sentia ciúmes dele. Van Renssaeler tinha direito a Blythe, mente, corpo e alma, e Tachyon desejava aquela posição. Teria feito dela sua *genamiri* com toda a honra e todo o amor e a mantido segura e protegida, mas tais desejos eram inúteis. Ela pertencia a outro homem.

Certa noite ele foi tarde ao quarto dela e a encontrou lendo na cama. Levava nos braços trinta rosas cor-de-rosa de caule longo e, enquanto ela ria e protestava, começou a cobri-la com os botões perfumados. Assim que o lençol de flores estava concluído, se deitou ao lado dela.

— Seu danado! Se me furar com espinhos...

— Eu arranquei todos.

— Você é maluco. Quanto tempo isso levou?

— Horas.

— E não tinha nada melhor a fazer com seu tempo?

Ele se virou, abraçando-a.

— Prometo que não negligencieei meus pacientes. Fiz isso de madrugada.

Ele roçou os lábios em sua orelha e quando ela não o rejeitou, passou para a boca. Os lábios se moveram sobre os dela, provando a doçura e a promessa, e a excitação correu por ele quando Blythe enlaçou seu pescoço.

— Faz amor comigo? — sussurrou contra os lábios dela.

— É assim que você pede a todas as suas garotas?

— Não! — exclamou, magoado pelo riso na voz dela. Ele se sentou e espanou pétalas de seu paletó rosa-fosco.

Ela arrancou as pétalas de várias rosas.

— Você tem uma reputação e tanto. Segundo o dr. Bonners, você dormiu com todas as enfermeiras deste andar.

— Bonners é um velho intrometido; além disso, algumas delas não são suficientemente bonitas.

— Então você admite — disse ela, usando o caule despetalado para apontar para ele.

— Admito que gosto de me deitar com garotas, mas com você seria diferente.

Ela se recostou, uma das mãos sobre os olhos.

— Ah, me poupe, senhor, já ouvi isso antes.

— Onde? — perguntou ele, de repente curioso, sentindo que ela não falava de Henry.

— Na Riviera, quando eu era muito mais jovem e muito mais tola.

Ele se aconchegou.

— Ah, me conte.

Uma rosa o acertou no nariz.

— Não, conte-me você sobre a sedução em Takis.

— Prefiro flertar dançando.

— Por que dançando?

— Porque é muito romântico.

Ela jogou as cobertas de lado e vestiu um penhoar âmbar.

— Mostre — ordenou, abrindo os braços.

Ele deslizou o braço pela cintura dela e tomou sua mão direita.

— Vou ensinar a você “Tentação”. É uma valsa muito bonita.

— Faz jus ao nome?

— Vamos tentar e você me diz.

Ele alternou entre cantarolar em uma voz suave de barítono e dar instruções enquanto avançavam pela dança intrincada.

— Céus! Todas as danças de vocês são tão complicadas?

— Sim, isso demonstra como somos sujeitos inteligentes e graciosos.

— Vamos novamente, e dessa vez apenas cantarole. Acho que peguei os passos básicos e você pode simplesmente me empurrar quando eu errar.

— Irei *conduzi-la*, como cabe a um homem com sua dama.

Ele a girava com um braço, olhando para seus olhos azuis risonhos, quando um “hã-hã” ofendido quebrou o clima. Blythe arfou e pareceu se dar conta da cena escandalosa que formava; pés nus, cabelos soltos cascadeando pelos ombros, seu leve penhoar rendado revelando demais do decote. Voltou apressada para a cama e puxou as cobertas até o queixo.

— Archibald — murmurou.

— Sr. Holmes — disse Tachyon, se recompondo e estendendo a mão.

O homem da Virgínia a ignorou e encarou o alienígena com sobrelanceiras franzidas. Ele havia sido escolhido pelo presidente Truman para coordenar os trabalhos de ajuda em Manhattan e nas semanas imediatamente posteriores à catástrofe dividiram o palanque durante várias entrevistas coletivas agitadas. Holmes parecia bem menos amistoso naquele momento.

Ele foi até a cama e deu um beijo paternal na testa de Blythe.

— Estive fora da cidade e ao retornar descobri que você estava doente. Nada sério, espero.

— Não — respondeu ela, com uma risada que saiu um pouco alta e tensa demais. — Eu me tornei um ás. Não é incrível?

— Um ás! Quais são suas habilidades... — Ele se interrompeu de repente e encarou Tachyon. — Se puder nos dar licença, gostaria de conversar com minha afilhada sozinho.

— Claro. Blythe, eu a verei pela manhã.

Quando ele retornou, sete horas depois, ela havia partido.

Foi embora, disse a recepção; um velho amigo da família, Archibald Holmes, a buscara cerca de uma hora antes. Por um momento ele pensou em dar uma passada no apartamento dela, mas decidiu que isso só causaria problemas. Blythe era esposa de Henry van Renssaeler e nada mudaria isso. Tentou dizer a si mesmo que não importava e voltou a concentrar suas atenções em uma jovem enfermeira da maternidade.

Tentou tirar Blythe da cabeça, mas nos momentos mais estranhos se pegava recordando o toque dos dedos dela em seu rosto, o azul profundo dos olhos, o cheiro de seu perfume e, mais do que tudo, sua mente. Aquela lembrança de beleza e gentileza o assombrava, pois ali, entre os

psicocegos, ele se sentia muito isolado. Simplesmente não era possível se comunicar telepaticamente com todos que encontrava, e o que teve com ela foi o primeiro contato *real* desde sua chegada à Terra. Suspirou e desejou poder vê-la novamente.

Ele alugou um apartamento em uma mansão reformada perto do Central Park. Era uma abafada tarde de domingo, em agosto de 1947, e ele caminhava pelo aposento único de camisa de seda e cueca samba-canção. Todas as janelas estavam abertas na esperança de uma brisa, sua chaleira assoviava de modo estridente no fogão e *La Traviata* de Verdi tocava alto no fonógrafo. O extremo nível de decibéis era determinado por seu vizinho de baixo, que era viciado em álbuns de Bing Crosby e escutava “Moonlight Becomes You” sem parar. Tachyon desejou que Jerry tivesse conhecido a atual namorada na ensolarada Coney Island; sua seleção musical parecia determinada pela hora e pelo lugar onde conhecia suas paixões.

O alienígena acabara de pegar uma gardênia e estava considerando a melhor posição para ela no jarro de flores, quando bateram à porta.

— Tudo bem, Jerry — gritou ele, indo na direção da entrada. — Eu desligo, mas só se você concordar em dar um tempo de Bing. Por que não fazemos uma trégua e tentamos algo não cantado? Glenn Miller ou algum outro. Só não me obrigue a escutar aquele leporino novamente.

Ele escancarou a porta e ficou de queixo caído.

— Acho que seria mesmo uma boa ideia se você baixasse o volume — disse Blythe van Renssaeler.

Ele a encarou por vários segundos, depois esticou a mão e puxou a fralda da camisa discretamente para baixo. Ela sorriu e Tachyon percebeu

que tinha covinhas. Como não havia notado aquilo antes? Achara que o rosto dela estava gravado de forma indelével em sua mente.

Blythe balançou a mão diante do rosto dele.

— Alô, lembra de mim? — disse ela, tentando manter um tom leve, mas havia uma intensidade assustadora em sua voz.

— Cla... Claro. Entre.

Ela não se moveu.

— Tenho uma mala.

— Estou vendo.

— Fui expulsa de casa.

— Você ainda assim pode entrar... Com mala e tudo.

— Não quero que você se sinta... Bem, em uma armadilha.

Ele colocou a gardênia atrás da orelha dela, pegou a mala de sua mão e a puxou para dentro. As pregas do vestido de seda pêssego-claro roçaram em suas pernas, arrepiando os pelos com o contato elétrico. Moda feminina era um passatempo de Tachyon e ele notou que era um Dior original, a saia até os tornozelos sustentada por uma série de anáguas de chiffon. Ele percebeu que provavelmente podia enlaçar a cintura dela com as mãos. O corpete era sustentado por duas alças finas, deixando a maior parte das costas nuas. Ele gostou do modo como suas omoplatas se moviam sob a pele branca. Sentiu que seu corpo estava respondendo.

Constrangido, correu para o closet.

— Deixe-me vestir uma calça. Há água pronta para o chá, e baixe o volume da gravação.

— Você toma chá com leite ou limão?

— Nenhum dos dois. Tomo com gelo. Estou quase morrendo — disse ele, andando pelo quarto, enfiando a camisa dentro das calças.

— Está um lindo dia.

— Está um lindo dia *quente*. Meu planeta é bem mais fresco que o seu. Ela desviou os olhos e brincou com um cacho de cabelo.

— Sei que você é um alienígena, mas parece estranho falar sobre isso.

— Então não falamos — disse ele, ocupando-se do chá enquanto a estudava discretamente com o canto do olho. — Você parece muito tranquila para uma mulher que acabou de ser colocada para fora — comentou finalmente.

— Tive minha crise de choro no táxi — respondeu Blythe, com um sorriso triste. — Pobre homem, achou que estava com uma maluca de carteirinha nas mãos. Especialmente já que...

Ela se interrompeu, aceitando a xícara e usando o gesto para evitar o olhar inquisidor dele.

— Não estou me queixando, de modo algum, mas por que você... Ahn...

— Procurei você? — completou ela, andando pela sala e baixando o som do fonógrafo. — Essa parte é muito triste.

Ele voltou a atenção para a música novamente e se deu conta de que era a cena de despedida entre Violetta e Alfredo.

— Ahn... Sim, é.

Ela se virou para encará-lo e seus olhos estavam preocupados.

— Vim para cá porque Earl está envolvido demais em suas causas, marchas, greves e ações, e David, pobre garoto, teria ficado aterrorizado com a ideia de ganhar uma mulher mais velha e histérica. Archibald teria insistido para que eu desse um jeito nas coisas e ficasse com Henry; felizmente não estava em casa quando apareci, mas Jack estava e me quis... Bem, um pouco demais.

Ele balançou a cabeça como um garanhão atormentado por mosquitos.

— Blythe, quem são essas pessoas?

— Como você pode ser tão mal informado? — implicou ela, e fez uma pose dramática; tão dramática que fez das suas palavras um deboche. — Nós somos os Quatro Ases.

De repente ela começou a tremer, derramando o chá.

Tach foi até ela, pegou a xícara de sua mão e a apertou junto ao peito. As lágrimas deixaram uma mancha quente e molhada em sua camisa e ele se projetou para a mente dela, mas Blythe pareceu sentir sua intenção e o expulsou com violência.

— Não, não faça isso, não até eu ter explicado o que fiz. Ou provavelmente sentirá um choque terrível.

Ele esperou enquanto ela tirava um lenço bordado da bolsa, assoava com determinação e enxugava os olhos. Quando ergueu a cabeça novamente, estava calma, e ele admirou sua dignidade e seu controle.

— Você deve achar que sou uma típica mulher cabeça de vento. Bem, não vou entediá-lo mais. Vou começar do começo e ser bastante lógica.

— Você partiu sem se despedir — cortou ele.

— Archibald achou que era melhor e nunca consigo dizer não quando ele fica todo paternal e autoritário — disse ela, então se censurou: — Não consigo negar nada. Quando ele soube o que eu podia fazer, me disse que eu tinha um grande dom. Que podia preservar conhecimento inestimável. Insistiu para que me juntasse ao seu grupo.

Tachyon estalou os dedos.

— Earl Sanderson e Jack Braun.

— Isso mesmo.

Ele se levantou e começou a andar pela sala.

— Estiveram envolvidos em algo na Argentina e capturaram Mengele e Eichman, mas *quatro*?

— David Harstein, conhecido como o Embaixador...

— Eu o conheço, tratei dele há poucas... Deixe para lá, continue.

— E eu — disse ela, sorrindo com um constrangimento infantil. — A Especialista.

Ele se afundou novamente no sofá e a encarou.

— O que ele... O que *você* fez?

— Usei meu talento, como Archibald recomendou. Quer saber alguma coisa sobre relatividade, tecnologia de foguetes, física nuclear, bioquímica?

— Ele tem mandado você pelo país absorvendo mentes — concluiu Tach. Depois explodiu: — Maldição, quem você tem na cabeça?

Ela se juntou a ele no sofá.

— Einstein, Salk, Von Braun, Oppenheimer, Teller; e Henry, claro, mas preferiria esquecer isso — disse ela, sorrindo. — E esse é o cerne do problema. Henry não aceitava muito bem uma esposa com vários ganhadores do Nobel em casa, muito menos uma esposa que sabia todos os seus podres, então esta manhã me colocou na rua. Não me importaria muito, se não fosse pelas crianças. Não sei o que ele vai falar para as crianças sobre a mãe, e... ah, droga — sussurrou ela, batendo os punhos nos joelhos. — Eu *não* vou começar a chorar novamente. Então, estava tentando pensar no que fazer. Tinha acabado de me livrar de Jack e estava soluçando no banco de trás de um táxi, quando pensei em você.

De repente Tachyon se deu conta de que ela estava falando alemão. Ele travou o maxilar, pressionando a língua no céu da boca para conter a náusea.

— Parece bobagem, mas de certa forma me sinto mais próxima de você do que de qualquer outra pessoa no mundo; o que é estranho, considerando que você sequer é deste mundo.

O sorriso dela era meio sereia, meio Mona Lisa, mas não houve resposta física ou reação emocional. Ele estava nauseado e com raiva demais.

— Algumas vezes eu não consigo entender vocês! Não tem ideia dos perigos inerentes a esse vírus?

— Não, como poderia ter? — ela interrompeu. — Henry nos tirou da cidade poucas horas depois do início da crise e não voltamos até ele achar que o perigo havia passado.

Ela retornara ao inglês.

— Bem, ele estava errado, não é?

— Sim, mas não é culpa minha!

— Não estou dizendo que é!

— Então por que está com tanta raiva?

— Holmes — soltou ele. — Você o chamou de paternal, mas se ele tivesse qualquer afeto por você, não teria encorajado essa loucura.

— O que há de tão louco nisso? Sou jovem, muitos desses homens são velhos. Estou preservando um conhecimento inestimável.

— Arriscando a própria sanidade.

— Você me ensinou...

— Você é humana! Não é preparada para lidar com o estresse de mentes de alto nível. As técnicas que ensinei no hospital para manter sua personalidade separada da do seu marido foram inadequadas, nem de perto fortes o bastante.

— Então me ensine o que preciso saber. Ou me cure.

O desafio o conteve.

— Não posso... Pelo menos não ainda. O vírus é terrivelmente complexo, descobrir uma linhagem oposta para anular... — disse ele,

dando de ombros. — Conseguir um trunfo para o Wild Card, digamos assim, pode levar anos. Estou trabalhando sozinho.

— Então vou voltar para Jack — disse ela, pegando a mala e se arrastando na direção da porta. Era uma mistura estranhamente atraente de dignidade e farsa enquanto a bolsa pesada a desequilibrava. — E se enlouquecer talvez Archibald encontre um bom psiquiatra para mim. Afinal, sou uma dos Quatro Ases.

— Espere... Você não pode simplesmente ir embora.

— Então você vai me ensinar?

Ele pressionou o canto dos olhos com o polegar e o dedo médio e apertou com força a base do nariz.

— Vou tentar.

A mala caiu no chão e ela se aproximou lentamente. Ele a deteve com a mão livre.

— Uma última coisa. Não sou um santo, muito menos um de seus monges humanos — disse ele, apontando para a alcova separada por cortina onde ficava sua cama. — Alguma hora vou desejá-la.

— Que tal agora?

Ela empurrou a mão dele para o lado e colou seus corpos. O corpo dela não era particularmente exuberante. Na verdade, poderia ser descrito como acanhado, mas qualquer defeito que Tachyon pudesse encontrar desapareceu quando as mãos dela tocaram seu rosto e seus lábios se aproximaram.

— Um lindo dia — suspirou Tachyon com satisfação, esfregando o rosto e tirando meias e roupa de baixo.

Blythe sorriu para ele do espelho do banheiro, onde passava creme no rosto.

— Um terráqueo que o ouvisse dizer isso decidiria que você é absolutamente maluco. Um dia passado na companhia de uma criança de oito anos, uma de cinco e uma de três não é considerado um prêmio pela maioria dos homens.

— Seus homens são idiotas.

Ele ficou olhando para o nada por um momento, lembrando-se da sensação de mãos meladas em seus bolsos enquanto um bando de priminhos vasculhava os doces que levava ali, a pressão de uma bochecha macia e roliça de bebê contra a dele quando se despediu prometendo fielmente *voltar novamente para brincar*.

Ele afastou o passado e a flagrou fitando-o atentamente.

— Saudades de casa?

— Pensando.

— Saudades de casa.

— Crianças são uma diversão e um prazer — disse ele às pressas, antes que ela pudesse retomar a constante discussão. Pegando uma escova, passou-a pelos cabelos compridos. — Na verdade, várias vezes pensei se os seus não foram trocados ou se você não estava traindo o velho Henry desde o começo.

Seis meses antes, quando Blythe foi expulsa de casa, Van Renssaeler instruíra os empregados a proibir a entrada da esposa, afastando-a dos filhos. Tach rapidamente deu um jeito na situação. Toda semana, quando sabiam que o deputado não estava em casa, iam à cobertura e Tachyon controlava a mente dos empregados e eles passavam horas brincando com Henry Jr., Brandon e Fleur. Ele então ordenava à babá e à faxineira que se esquecessem da visita. Dava-lhe grande satisfação ridicularizar o odiado Henry, embora, para uma vingança completa, o homem devesse ter conhecimento do desafio à sua autoridade.

Jogando a escova de lado, pegou o jornal vespertino e entrou sob as cobertas. Na primeira página havia uma foto de Earl recebendo uma medalha por ter salvado Gandhi. Jack e Holmes estavam de pé ao fundo, o homem mais velho aparentemente exultante, enquanto Jack parecia desconfortável.

— Tem uma foto do banquete desta noite — acrescentou ele. — Mas ainda não entendo por que toda a agitação. Foi só uma tentativa.

— Não partilhamos sua postura insensível com relação a assassinato.

A voz dela foi abafada pelas dobras da camisola de flanela que passava pela cabeça.

— Eu sei, e ainda me parece estranho. — Ele girou o corpo e se apoiou em um cotovelo. — Você sabia que até vir para a Terra, eu nunca tinha ido a lugar *nenhum* sem guarda-costas?

A cama velha rangeu um pouco quando ela se instalou.

— Isso é horrível.

— Estamos acostumados. Assassinato é um estilo de vida na minha classe. É como as famílias disputam hierarquia. Aos vinte anos, eu já tinha perdido catorze membros de minha família próxima por assassinato.

— Quão próximo é próximo?

— Minha mãe... Acho. Eu só tinha quatro anos quando ela foi encontrada ao pé das escadas perto dos aposentos das mulheres. Sempre suspeitei que minha tia Sabina estivesse por trás daquilo, mas não havia provas.

— Pobre garotinho — disse ela, envolvendo seu rosto com a mão. — Você se lembra dela?

— Só imagens fugazes. O barulho de seda e renda e principalmente o cheiro de seu perfume. E seus cabelos, como uma nuvem dourada.

Blythe se virou e se aninhou mais, o traseiro pressionando a virilha dele.

— O que mais é tão diferente entre Takis e a Terra?

Era uma tentativa óbvia de mudar de assunto, e ele ficou grato por isso. Falar sobre a família que havia abandonado sempre o deixava triste e com saudades de casa.

— Mulheres, para começar.

— Somos melhores ou piores?

— Apenas diferentes. Vocês vivem livremente após chegar à idade de procriação. Nunca permitiríamos isso. Um ataque bem-sucedido a uma mulher grávida poderia destruir anos de planejamento cuidadoso.

— Isso também é horrível.

— Também não relacionamos sexo a pecado. Para nós, pecado é reprodução casual, que poderia atrapalhar o plano. Mas prazer é algo totalmente diferente. Por exemplo: pegamos jovens homens e mulheres atraentes da classe inferior, as pessoas não psi, e os treinamos para servir aos homens e mulheres das grandes famílias.

— Vocês nunca saem com as mulheres de sua própria classe?

— Claro. Até os trinta anos crescemos, treinamos e estudamos juntos. Apenas quando a mulher chega aos anos reprodutivos é que é isolada para ser mantida em segurança. E ainda nos reunimos para funções familiares: bailes, caçadas, piqueniques, mas sempre dentro do perímetro seguro da propriedade.

— Quanto tempo os garotinhos ficam com as mães nos aposentos das mulheres?

— Todas as crianças permanecem até os treze anos.

— Eles voltam a se ver?

— Claro, elas são nossas *mães*!

— Não entre na defensiva. Isso tudo é muito fora do meu mundo.

— É um jeito de dizer — disse ele, levantando a camisola e correndo a mão pela perna dela.

— Então vocês têm brinquedinhos sexuais — comentou Blythe enquanto as mãos dele exploravam seu corpo e ela acariciava seu pênis que enrijecia. — Parece uma boa ideia.

— Quer ser meu brinquedinho sexual?

— Achei que já fosse.

Foi um arrepio que o despertou. Tachyon se sentou e descobriu que Blythe não estava ali e as cobertas estavam jogadas no chão. Percebeu vozes por trás da cortina de contas. O vento batia no prédio, produzindo um uivo agudo ao passar pelas rachaduras e pelas frestas nas janelas. Os pelos em sua nuca se arrepiaram, mas não tinha nada a ver com frio. Eram aquelas vozes guturais atrás da cortina, lembrando-lhe das histórias de assustar crianças sobre fantasmas ancestrais inquietos se apossando do corpo vivo de descendentes diretos. Ele estremeceu e passou pelas contas que tilintaram atrás dele, então viu Blythe de pé no centro da sala tendo uma discussão animada consigo mesma.

— Estou lhe dizendo, Oppie, precisamos desenvolver...

— Não! Já falamos sobre isso, nossa prioridade é o artefato. Não podemos nos distrair com essa bomba de hidrogênio agora.

Tachyon passou um longo tempo paralisado de horror. Coisas assim já haviam acontecido antes, quando ela estava cansada ou estressada, mas nunca de tal forma. Sabia que precisava encontrá-la rapidamente para que não se perdesse, e se obrigou a tomar uma atitude. Ele se aproximou em dois passos, agarrando-a com firmeza e buscando sua mente. E quase se retirou aterrorizado, pois em seu interior havia um redemoinho

assustador de personalidades conflitantes, todas lutando pela supremacia, enquanto Blythe rodopiava desamparada no centro. Ele se lançou na direção dela e foi bloqueado por Henry. Tachyon o jogou de lado, furioso, e a segurou dentro da defesa protetora de sua própria mente. As outras seis personalidades os orbitaram, lutando contra as defesas. A força de Blythe se combinou à dele e juntos baniram Teller para seu compartimento e Oppenheimer para o dele; Einstein se retirou resmungando, enquanto Salk pareceu apenas confuso.

Blythe desabou contra ele e o peso repentino foi demais para seu corpo exausto. Os joelhos fraquejaram e Tachyon caiu sentado no piso de madeira, Blythe aninhada em seu colo. Podia ouvir na rua o leiteiro fazendo entregas e se deu conta de que levaria horas para restaurar o equilíbrio dela.

— Maldito seja, Archibald — murmurou, mas pareceu pouco, tão pouco quanto sua capacidade de ajudar.

— Você não quer fazer isso — murmurou David Harstein. A mão de Tach congelou. — Seria melhor o cavalo.

O takisiano assentiu e rapidamente moveu a peça de xadrez. Então ficou de queixo caído ao ver o movimento.

— Ladrão! Seu ladrão miserável!

Harstein ergueu a mão em um gesto impotente e apaziguador.

— Foi apenas uma sugestão.

O tom do jovem era suave e ofendido, mas seus olhos castanho-escuros estavam brilhando de diversão.

Tachyon resmungou e se remexeu até recostar no sofá.

— Acho bastante preocupante que uma pessoa em sua posição se rebaixe a usar seus dons de forma tão desprezível. Você deveria dar o

exemplo aos outros ases.

David sorriu e pegou sua bebida.

— Essa é a imagem pública. Certamente com meu criador posso retornar a meus hábitos preguiçosos e boêmios.

— Não.

Houve um momento de silêncio tenso enquanto Tach se recordava de imagens que gostaria de esquecer, e David, com concentração deliberada, deu ao tabuleiro de bolso um deslocamento infinitesimal para a esquerda.

— Sinto muito.

— Tudo bem — disse, dando um sorriso reconfortante para o homem mais jovem. — Vamos continuar com o jogo.

David concordou e curvou a cabeça de cabelo escuro e espetado sobre o tabuleiro. Tach tomou um gole de seu *irish coffee* e permitiu que o calor enchesse sua boca antes de engolir. Estava envergonhado de sua reação exagerada à provocação. Afinal, o garoto não tinha feito por mal.

Ele havia conhecido David no hospital, no começo de 1947. No Dia do Wild Card, Harstein estivera jogando xadrez na mesa externa de um café. Nenhum sintoma se manifestou então, mas meses depois ele foi levado ao hospital se contorcendo e tendo convulsões. Tach receou que aquele homem intenso e belo fosse mais uma das muitas vítimas, mas, contra todas as expectativas, ele se recuperou. Haviam feito exames: o corpo de David transpirava feromônios poderosos, feromônios que tornavam quase impossível resistir a ele. Foi recrutado por Archibald Holmes, apelidado de Embaixador por uma imprensa deslumbrada e começou a usar seu impressionante carisma para solucionar greves, negociar tratados e ser mediador junto a líderes mundiais.

David era o preferido de Tachyon entre os ases do sexo masculino, e o ensinara a jogar xadrez. Era uma prova tanto de suas crescentes

habilidades quanto da capacidade de ensino de David que o homem tivesse recorrido aos seus poderes para não deixar Tach ganhar. O alienígena sorriu e decidiu se vingar pela interferência.

Ele iniciou uma exploração, deslizou por baixo das defesas de David e acompanhou enquanto aquela bela mente pesava e avaliava possíveis jogadas. A decisão foi tomada, mas antes que Harstein pudesse colocá-la em prática, Tach deu uma pequena torção, apagando a decisão e colocando outra em seu lugar.

— Xeque.

David olhou para o tabuleiro e então o jogou no chão com um grito enquanto Tach subia no sofá, enfiava a cabeça em uma almofada e gargalhava.

— E *me* acusa de roubar. Eu não consigo controlar meu poder, mas *você!* Entrar na cabeça de um homem e...

Uma chave tilintou na fechadura e Blythe chamou:

— Crianças, crianças, pelo que estão brigando agora?

— Ele está roubando — disseram os dois homens ao mesmo tempo, apontando um para o outro.

Tach a tomou nos braços.

— Você está congelando. Vou lhe fazer um chá. Como foi a conferência?

— Nada mau — disse ela, retirando o chapéu de pele e sacudindo a neve das extremidades prateadas. — Com Werner de cama com laringite, eles ficaram gratos pelas minhas informações.

Ela se inclinou e deu um beijo leve na bochecha com barba por fazer de David.

— Olá, querido, como foi na Rússia?

— Sombrio — respondeu ele, começando a catar as peças espalhadas.
— Sabe, não parece justo.

— O quê?

Jogando o casaco no sofá, ela tirou as botas enlameadas e se aninhou sobre as almofadas com os pés enfiados sob a pele de raposa prateada.

— Earl vai capturar Bormann na Itália e salvar Gandhi de um hindu fanático, e você tem que se sentar em um hotel vagabundo e ir a uma conferência sobre foguetes.

— Eles também precisam cuidar de quem apenas senta e fala. Como você bem sabe. Além disso, você já teve sua dose de glória. E a Argentina?

— Isso foi há mais de um ano e tudo que fiz foi falar com os peronistas enquanto Earl e Jack intimidavam os totalitários na rua. Quem você acha que a imprensa notou? Nós? Improvável. Você tem que *relampejar* para ser notado, neste ramo.

— E exatamente que ramo é este? — interrompeu Tachyon, colocando uma caneca de chá fumegante nas mãos de Blythe.

David se inclinou para a frente, a cabeça se projetando dos ombros caídos, como uma ave inquisidora.

— Impedir um desastre. Usar esses dons para melhorar a condição humana.

— É assim que começa, mas até onde vai? Minha experiência com super-raças, sendo eu mesmo membro de uma, é que pegamos o que queremos e que se dane o resto. Quando uma pequena minoria em Takis começou a desenvolver poderes mentais, rapidamente começaram a se reproduzir entre elas para garantir que ninguém mais tivesse chance de conseguir os poderes. Isso nos deu o comando de um planeta, e somos apenas oito por cento da população.

— Conosco será diferente — disse Harstein, seu riso seco debochando da declaração.

— Espero que sim. Mas me tranquiliza mais saber que há apenas algumas dúzias de vocês, ases, e que Archibald não incorporou todos a essa grande força pela democracia. — Seus lábios finos se retorceram um pouco nas últimas palavras.

Blythe estendeu a mão e afastou a franja da testa dele.

— Você desaprova?

— Eu me preocupo.

— Por quê?

— Acho que você e David deveriam agradecer por ficar longe dos holofotes. A fúria dos que não têm contra os que têm nunca é bonita, e sua raça tem uma tradição de suspeita e hostilidade para com o estranho. Vocês, ases, estão além do estranho. O que diz um de seus livros sagrados? Não deixarás viver uma feiticeira?

— Mas somos apenas pessoas — objetou Blythe.

— Não, não são... Não mais, e os outros não se esquecerão disso. Tenho conhecimento de trinta e sete de vocês, pode haver mais, e vocês não podem ser detectados, não como os curingas. Histeria nacional é uma erva daninha particularmente virulenta e de crescimento rápido. As pessoas estão vendo comunistas por toda parte e provavelmente não vai demorar muito para que transfiram essa desconfiança para alguma outra minoria aterrorizadora; como um grupo de pessoas invisível, secreto e assustadoramente poderoso.

— Acho que você está exagerando.

— Estou? Veja essas audiências do comitê — disse ele, apontando para uma pilha de jornais. — E há dois dias um júri federal indiciou Alger Hiss

por perjúrio. Esses não são atos de um país saudável e estável. E isso durante seu mês de êxtase e renascimento.

— Não, essa é a Páscoa. Este é o primeiro nascimento.

A piada ruim de David afundou no silêncio pesado que tomou a sala, rompido apenas pelo chiado do vento, que jogava neve contra as janelas.

Harstein suspirou e se espreguiçou.

— Que bando melancólico nós somos. Que tal jantar e encontrar um espetáculo para assistir? Satchmo está tocando na cidade.

Tachyon balançou a cabeça.

— Tenho que voltar ao hospital.

— Agora? — reclamou Blythe.

— Preciso, querida.

— Então vou com você.

— Não, que bobagem. Deixe David levá-la para jantar.

— Não — respondeu ela, os lábios apertados em uma linha obstinada.

— Se você não me deixar ajudar, pelo menos posso fazer companhia.

Ele suspirou e olhou para o teto enquanto ela calçava as botas.

— Mulher teimosa — observou David debaixo da mesa de centro, onde estava caçando as peças de xadrez espalhadas. — Todos nós já descobrimos que não adianta discutir com ela.

— Experimente *viver* com ela.

O delicado chapeuzinho redondo se dobrou sob dedos subitamente rígidos.

— Acredite, podemos resolver esse problema.

— Não comece — avisou Tach.

— E não use esse tom paternalista desaprovador comigo! Não sou uma criança, nem uma de suas damas takisianas protegidas.

— Caso fosse, se comportaria melhor; e quanto a ser uma criança, certamente está agindo como uma, e ainda por cima mimada. Já tivemos essa discussão antes e *não* vou fazer o que você quer.

— Nós *não* tivemos uma discussão. Você sempre me ignora, muda de assunto, se recusa a discutir a questão...

— Estão me esperando no hospital — disse ele, indo na direção da porta.

— Está vendo? — Ela se dirigiu ao constrangido Harstein. — Ele me ignorou ou ele me ignorou?

O jovem deu de ombros e enfiou o jogo de xadrez no bolso de seu desajeitado paletó de veludo cotelê. Pela primeira vez ele parecia não ter palavras.

— David, por gentileza, leve minha *genamiri* para jantar e tente devolvê-la com um humor um pouco melhor.

Blythe lançou um olhar suplicante para Harstein, enquanto Tachyon olhava com régio desprezo para a parede distante.

— Ei, pessoal, acho que vocês deveriam dar uma bela caminhada romântica pela neve, resolver as coisas, jantar, fazer amor e parar de brigar. Seja o que for, não pode ser um problema tão sério.

— Você tem razão — murmurou Blythe, a rigidez do corpo diminuindo sob o efeito relaxante dos feromônios.

David tocou as costas de Tach e fez com que ele passasse pela porta. Erguendo a mão de Blythe, colocou-a com firmeza na de Tachyon e fez um leve gesto de bênção acima de suas cabeças.

— Agora vão, meus filhos, e não voltem a pecar.

Ele os seguiu escada abaixo até a rua, depois disparou na direção do metrô antes que os esforços de pacificação de seus poderes se dissipassem.

— Agora entende por que não quero você trabalhando comigo?

A lua conseguira se esgueirar sob as nuvens e a pálida luz prateada batendo sobre a neve fazia a cidade parecer quase limpa. Estavam no limite do Central Park, o hálito se fundindo em nuvens brancas e macias enquanto ela o encarava, séria.

— Sei que você está tentando me proteger e preservar, mas não acho isso necessário. E após vê-lo esta noite... — disse ela e hesitou, buscando uma forma de suavizar as palavras seguintes. — Acho que posso lidar com isso melhor do que você. Você cuida de seus pacientes, Tach, mas suas deformidades e loucuras... Bem, elas também o enojam.

Ele estremeceu.

— Blythe, tenho tanta vergonha. Acha que eles sabem, que podem sentir?

— Não, não, amor — respondeu ela, acariciando seus cabelos, acalmando-o como faria com um de seus filhos pequenos. — Só vejo isso porque sou muito próxima de você. Eles veem apenas a compaixão.

— O Ideal sabe que tentei reprimir isso, mas nunca vi tantos horrores — disse Tach, livrando-se dos braços reconfortantes dela e andando pela calçada. — Não toleramos deformações. Nas grandes casas, criaturas como essas seriam destruídas.

Houve um barulho leve e ele se virou para encará-la. Blythe pressionava a boca com a mão enluvada e seus olhos estavam arregalados, buracos cintilantes ao brilho de um poste próximo.

— E agora você sabe que sou um monstro.

— Acho que sua cultura é monstruosa. Toda criança é preciosa, independentemente de suas deficiências.

— Minha irmã pensava igual, e nossa cultura monstruosa também a destruiu.

— Conte-me.

Ele começou a desenhar padrões aleatórios em um banco do parque coberto de neve.

— Ela era a mais velha, uns trinta anos a mais que eu, mas éramos muito próximos. Ela se casou fora da casa, em uma daquelas raras tréguas familiares. Seu primeiro filho nasceu com defeitos e foi sacrificado, e Jadlan nunca se recuperou. Ela se matou meses depois. — A mão deslizou pelo banco, apagando os desenhos. Blythe a segurou e aqueceu os dedos gelados entre suas mãos enluvadas. — Isso me levou a refletir sobre toda a estrutura da minha sociedade. Então foi tomada a decisão de se fazer um teste de campo do vírus na Terra, e esse foi o fim. Não pude mais me omitir.

— Sua irmã deve ter sido especial, diferente, como você.

— Meu primo diz que é a linhagem Sennari que carregamos. É um atavismo recessivo que, segundo ele, nunca deveríamos ter mantido. Mas eu a estou entediando com essa conversa de linhagem e seus dentes estão batendo. Vamos para casa para você se aquecer.

— Não, não até resolvermos isso — disse ela, e ele não fingiu não entender. — Posso ajudar e insisto em que me deixe partilhar isso com você. Me dê sua mente.

— Não, isso seriam oito personalidades. É demais.

— Deixe que isso eu decido. Estou lidando bastante bem com sete.

Ele soltou um murmúrio grosseiro e ela enrijeceu, ultrajada.

— Assim como lidou bem em fevereiro, quando encontrei Teller e Oppenheimer tendo uma batalha sobre a bomba de hidrogênio enquanto você ficava parada feito um zumbi no centro da sala?

— Será diferente. Tenho amor por você, sua mente não me fará mal. E além do trabalho... Quando tiver suas lembranças e seu conhecimento,

você não ficará mais solitário.

— Não fico mais solitário, não desde que você apareceu.

— Mentiroso. Eu vi o modo como você olha para o nada, e a música triste que tira daquele violino quando acha que não estou escutando. Deixe que eu ofereça a você uma pequena parte de casa — disse ela, colocando a mão sobre sua boca. — Não discuta.

Então ele não discutiu e se permitiu ser convencido. Mais por amor a ela do que por aceitar realmente seus argumentos. E mais tarde naquela noite, enquanto as pernas dela se apertavam em sua cintura, as unhas arranhavam suas costas escorregadias de suor e ele tinha um violento orgasmo, ela se projetou e também sugou sua mente.

Houve um terrível momento revoltante de *violação, roubo, perda*, e então acabou, e do espelho da mente dela voltaram duas imagens. O amado toque feminino e gentil que era Blythe e uma imagem assustadoramente familiar e igualmente amada que era *ele*.

— Malditos sejam todos!

Tachyon cruzou a pequena antecâmara, se virou e encarou Prescott Quinn, com o indicador em riste.

— É ultrajante, inadmissível nos convocar desta forma. Com que direito eles ousam nos tirar de casa e nos mandar correndo para Washington com duas horas, *duas horas*, de antecedência?

Quinn sugou ruidosamente o bocal do cachimbo.

— Com o direito da lei e do costume. Eles são membros do Congresso e esse comitê tem o poder de convocar e interrogar testemunhas.

Ele era um velho corpulento com uma barriga impressionante que esticava a corrente do relógio, com direito a símbolo Phi Beta Kappa, sobre o negro de seu colete.

— Então nos chamem para testemunhar; embora só Deus saiba sobre o quê; e acabem com isso. Viemos às pressas para cá noite passada apenas para ouvir que a audiência havia sido adiada, e agora eles nos deixam esperando por *três* horas.

Quinn grunhiu e coçou as grossas sobrancelhas brancas.

— Se você acha que esta é uma espera demorada, meu jovem, tem muito a aprender sobre o governo federal.

— Tach, sente-se, tome um café — murmurou Blythe, parecendo pálida, mas serena em um vestido de tricô preto, chapéu com véu e luvas.

David Harstein entrou lentamente na antecâmara e os dois fuzileiros de guarda à porta ficaram tensos e o observaram atentamente.

— Graças a Deus, um sopro de sanidade em meio a loucura e pesadelos.

— Ah, David, querido — disse Blythe, apertando as mãos com força nos ombros dele. — Você está bem? Foi terrível ontem?

— Não, foi ótimo... Exceto ficar sendo chamado de “cavalheiro judeu de Nova York” pelo nazista do Rankin. Eles me interrogaram sobre a China: eu disse que havíamos feito de tudo para negociar um acordo entre Mao e Chiang. Eles concordaram, claro. Então sugeri que encerrassem essas audiências, e aceitaram com alegria e aplausos, e...

— E então você saiu da sala — interrompeu Tach.

— Sim — disse ele, baixando a cabeça e encarando as mãos cruzadas.
— Agora estão construindo uma gaiola de vidro e serei reconvocado. Malditos sejam!

Um assistente pomposo entrou e chamou a sra. Blythe van Renssaeler. Ela se assustou, deixando a bolsa cair no chão. Tach a pegou e pressionou o rosto ao de Blythe.

— Fique tranquila, querida. Você é mais do que capaz de lidar com eles sozinha, quanto mais com todos vocês juntos. E não se esqueça, *eu* estou com você.

Ela deu um sorriso discreto. Quinn a tomou pelo braço e a acompanhou até a sala de audiência. Tachyon teve um rápido vislumbre de costas, câmeras e uma confusão de mesas, tudo banhado por uma forte luz branca dos holofotes de televisão. Então a porta se fechou com um baque surdo.

— Jogo? — perguntou David.

— Claro, por que não?

— Não estou atrapalhando? Não prefere preparar seu depoimento?

— Qual depoimento? Eu não sei nada sobre a China.

— Quando eles pegaram você? — perguntou David, as mãos hábeis deslizando, montando o tabuleiro.

— Ontem à tarde, por volta de uma hora.

— É uma palhaçada — disse o Embaixador com uma patente falta de diplomacia, e bateu com força um peão no peão quatro da Rainha.

Eles ainda estavam jogando quando Blythe e Quinn retornaram. O tabuleiro foi arremessado com o salto rápido do alienígena, mas David não o censurou. Blythe estava pálida como a morte, e trêmula.

— O que eles fizeram? — cobrou Tach, as palavras arranhando a garganta. Ela não respondeu, simplesmente tremeu nos seus braços, como um animal ferido.

— Dr. Tachyon, isso vai um pouco além da China. Precisamos conversar.

— Um momento.

Ele se inclinou para ela e pressionou os lábios em sua têmpora. Podia sentir a pulsação ali. Passou rapidamente sob suas defesas e enviou uma

maré calmante por sua mente. Blythe relaxou com um último estremecimento e afrouxou o aperto na lapela de seu paletó pêssego-claro.

— Sente-se com David, meu amor. Tenho que falar com o sr. Quinn.

Sabia que estava sendo paternalista, mas o estresse podia abalar a estrutura frágil que ela construía para manter separadas as personalidades divergentes, e o que descobrira naquela rápida incursão havia sido um edifício desmoronando.

O advogado o chamou de lado.

— A China foi apenas a desculpa, doutor. A questão agora é o vírus. Acho que este comitê abraçou a ideia de que os ases são uma força subversiva e podem estar refletindo o sentimento do país como um todo.

— Dr. Tachyon — chamou o assistente. Quinn o dispensou com um gesto brusco.

— Que absurdo!

— Ainda assim, agora entendo por que você está aqui. Meu conselho é que apele para a Quinta.

— O que significa?

— Sua recusa a responder a toda e qualquer pergunta, incluindo seu nome. Tal resposta seria interpretada como abrir mão da Quinta.

Tach se empertigou em toda a sua altura pouco impressionante.

— Não temo esses homens, sr. Quinn. Não permanecerei sentado me condenando pelo silêncio. Vamos acabar com essa tolice agora!

A sala era uma pista de obstáculos de luzes, cadeiras, mesas, pessoas e cabos sinuosos. Em certo momento, ele prendeu o calcanhar, tropeçou e se levantou com um xingamento baixo. Por um instante a sala se apagou e ele viu o grande espaço com piso de parquet e iluminado por candelabros do salão de baile Ilkazam e ouviu os risos abafados de

parentes e amigos enquanto se perdia em meio às complexidades da dança Príncipe Perplexo. Por causa de seu erro, a dança tivera uma interrupção brusca e atrapalhada, e acima da música ele podia ouvir a voz anasalada de seu primo Zabb descrevendo em detalhes cruéis exatamente qual passo errara. Um rubor subiu às suas faces e produziu uma linha de suor em seu lábio superior. Ele enxugou a umidade com um lenço e então percebeu que o desconforto não se devia unicamente a lembranças; por causa das luzes da televisão, a sala fervia.

Enquanto se sentava na dura cadeira de madeira de espaldar reto, Tach notou a estrutura da gaiola de vidro que estava sendo construída para receber David. Parecia algo ameaçador, como um patíbulo pela metade, e ele rapidamente desviou os olhos para os homens que ousavam julgar a ele e sua *genamiri*. Só se destacavam por suas expressões de pomposidade soturna. Fora isso, não passavam de um grupo de homens de meia-idade ou idosos vestindo ternos escuros de caimento ruim. Uma expressão de desprezo régio tomou seus traços e ele se reclinou na cadeira, sua própria descontração um deboche ao poder deles.

— Gostaria que tivesse me escutado na questão de suas roupas — murmurou Quinn, abrindo a mala.

— Você recomendou que me vestisse bem. Eu me vesti.

Quinn espiou o paletó de fraque e as calças pêssego-claro, o colete bordado em tons de verde e ouro e as botas altas e macias com suas borlas douradas.

— Preto teria sido melhor.

— Não sou um trabalhador qualquer.

— Diga seu nome para o comitê — disse o presidente Wood, sem erguer os olhos de seus papéis.

Ele se inclinou para o microfone.

— Sou conhecido em seu mundo como dr. Tachyon.

— Seu nome verdadeiro completo.

— Tem certeza de que deseja isso?

— Eu perguntaria se não desejasse? — rosnou Wood, irritado.

— Como queira — disse o alienígena, sorrindo levemente e começando a recitar sua linhagem completa. — Tisianne brant Ts'ara sek Halima sek Ragnar sek Omian. Assim termina minha linhagem materna, sendo Omian de certa forma um recém-chegado ao clã Ilkazam, tendo se casado vindo dos Zaghloul. Meu avô materno foi Taj brant Parada sek Amurath sek Ledaa sek Shahriar sek Naxina. Seu pai foi Bakonur brant Sennari...

— Obrigado — disse Wood, apressado. Ele olhou para os colegas à mesa. — Talvez para os propósitos desta audiência possamos lidar com seu *nom de plume*?

— *De guerre* — ele corrigiu docemente, desfrutando da irritação de Wood.

Seguiram-se várias perguntas inúteis e digressivas sobre onde ele morava e trabalhava; depois John Rankin, de Mississippi, começou.

— Agora, pelo que entendo, dr. Tachyon, o senhor não é cidadão dos Estados Unidos da América.

Tach lançou um olhar incrédulo para Quinn. Houve risinhos abafados dos jornalistas reunidos e Rankin o olhou com raiva.

— Não, senhor.

— Então é um alienígena. — Satisfação permeava as palavras.

— Inegavelmente — respondeu ele, lentamente. Recostando-se de maneira relaxada na cadeira, começou a brincar com as dobras da gravata.

Case, de Dakota do Sul, se adiantou.

— E você entrou ou não ilegalmente neste país?

— Não parecia haver um centro de imigração em White Sands, mas por outro lado eu não perguntei, já que estava preocupado com questões mais urgentes na época.

— Mas nos anos desde então em nenhum momento solicitou a cidadania americana?

A cadeira foi arrastada para trás e Tach se levantou.

— O Ideal me dê paciência. Isso é absurdo. Não tenho qualquer desejo de me tornar cidadão de seu país. Considero seu mundo fascinante e mesmo se minha nave fosse capaz de viagem hiperespacial, eu permaneceria, pois tenho pacientes que precisam de mim. O que não tenho é tempo nem inclinação de latir e rolar para a diversão deste tribunal ignorante. Por favor, continuem com seus joguinhos, mas me deixem trabalhar...

Quinn o puxou de volta para a cadeira e colocou a mão sobre o microfone.

— Continue assim e você vai acabar pesquisando este mundo por trás dos muros de uma penitenciária federal — sibilou ele. — Aceite isso. Esses homens têm poder sobre você e os meios de exercê-lo. Agora se desculpe e vamos ver se conseguimos sair desta confusão.

Ele obedeceu, mas de má vontade, e o interrogatório continuou. Foi Nixon, da Califórnia, que os levou ao cerne da questão.

— Pelo que entendo, doutor, foi sua família que desenvolveu esse vírus que custou as vidas de tantas pessoas. Isso é correto?

— Sim.

— Perdão?

Ele pigarreou e disse de modo mais claro dessa vez.

— Sim.

— E então você veio...

— Para tentar impedir sua liberação.

— E o que tem que corrobore essa alegação, Tachyon? — concedeu Rankin.

— Os diários de bordo da minha nave detalhando minha discussão com a tripulação da outra nave.

— E você consegue obter esses diários? — retomou Nixon.

— Estão em minha nave.

Um assistente subiu ao palanque e houve uma conferência apressada.

— Relatórios indicam que sua nave resistiu a todos os esforços de entrada.

— Assim foi ordenado.

— Você a abriria e permitiria que a Força Aérea retirasse os diários?

— Não — disse Tach, e eles se encararam por um longo momento. — Vocês vão devolver minha nave, e então eu poderia dar a vocês os diários?

— Não.

Ele se recostou novamente na cadeira e deu de ombros.

— Bem, de qualquer forma eles não adiantariam muito para vocês; não estávamos falando em inglês.

— E quanto a esses outros alienígenas? Podemos interrogá-los?

A boca de Rankin se retorceu como se estivesse contemplando algo particularmente desagradável e viscoso.

— Temo que estejam todos mortos — disse Tach, baixando a voz enquanto mais uma vez lutava contra a culpa que as lembranças despertavam. — Avaliei equivocadamente a determinação deles. Lutaram contra o feixe de tração e se fragmentaram na atmosfera.

— Muito conveniente. Tão conveniente que fico pensando se não teria sido planejado dessa forma.

— Foi o fracasso de Jetboy que liberou o vírus.

— Não suje o nome do grande herói americano com suas calúnias! — berrou Rankin, abraçando completamente o modo pregador sulista. — Digo a este comitê e ao país que você permaneceu neste mundo para estudar os efeitos de sua experiência maldosa. Que esses outros alienígenas estavam agindo como camicases prontos para morrer de modo a que você parecesse um herói e vivesse entre nós, aceito e reverenciado, mas na verdade tratando-se de um alienígena subversivo buscando abalar esta grande nação com a utilização desses perigosos elementos selvagens...

— Não! — disse ele, de pé, os braços plantados na mesa, inclinando-se na direção de seus inquisidores. — Ninguém lamenta mais os acontecimentos de 1946 do que eu. Sim, falhei... Falhei em deter a nave, falhei em localizar o globo, falhei em convencer as autoridades do perigo, falhei em ajudar Jetboy e tenho de viver com esses fracassos o resto da minha vida. Só o que posso fazer é me oferecer... Meus talentos, minha experiência no trabalho com esse vírus, para desfazer o que criei; eu sinto muito... Sinto muito.

Ele se interrompeu, engasgou e bebeu, grato, a água oferecida por Quinn.

O calor era tangível, enroscando em seu corpo, arrancando o fôlego dos pulmões e o deixando tonto. Ele se forçou a não desmaiar e, tirando o lenço do bolso, enxugou os olhos e soube que havia cometido outro erro. Os machos daquela cultura eram treinados para reprimir emoções. Ele acabara de violar outro de seus tabus. Caiu pesadamente na cadeira.

— Se de fato se arrepende, dr. Tachyon, então demonstre a este comitê. O que peço a você é uma lista completa dos chamados “ases” de que tenha tratado ou ouvido falar. Nomes... Se possível, endereços e...

— Não.

— Estaria ajudando seu país.

— Este não é meu país e não irei colaborar com sua caça às bruxas.

— Você está neste país ilegalmente, doutor. Poderia ser do interesse desta nação que seja deportado. Portanto, eu pensaria com cuidado na resposta, se fosse você.

— Ela não demanda mais reflexão... Não trairei meus pacientes.

— Então este comitê não tem mais perguntas para esta testemunha.

Nas portas da frente do Capitólio, eles se depararam com um homem pálido de traços angulosos.

Blythe soltou um pequeno ruído e agarrou o braço de Tach.

— Boa tarde, Henry — resmungou Quinn, e o alienígena se deu conta de que era o marido da mulher que partilhara sua cama e sua vida por dois anos e meio.

Ele era familiar. Tach lutava contra aquela persona sempre que se juntava a Blythe em união telepática ou física. Verdade que Henry havia sido relegado a um canto inutilizado da mente dela, como madeira descartada em um sótão empoeirado, mas a mente estava lá, e não era uma mente muito agradável.

— Blythe.

— Henry.

Ele lançou um olhar frio a Tachyon.

— Se puder nos dar licença, gostaria de falar com minha esposa.

— Não, por favor, não me deixe — disse ela, os dedos agarrando seu paletó, e ele os soltou com cuidado antes que pudessem destruir o vinco, então segurou calorosamente a mão dela.

— Acho que não.

O deputado agarrou o ombro de Tach e empurrou. Foi um erro de avaliação. Ele podia ser pequeno, mas estudara com um dos maiores mestres de defesa pessoal de Takis e sua resposta foi quase mais automática do que consciente. Não se importou com a sutileza das artes marciais, simplesmente ergueu o joelho, acertando as bolas de Van Renssaeler, e quando ele se curvou, seu punho o acertou no rosto. O deputado caiu no chão como se acertado por um martelo e Tach levou os nós dos dedos à boca.

Os olhos azuis de Blythe estavam desfocados, olhando perdidos para seu marido caído, e Quinn franzia o cenho como um Zeus de cabelos brancos. Várias pessoas correram para ajudar o político e Quinn, se recuperando rapidamente, os guiou escadaria abaixo.

— Aquele foi um golpe muito baixo — resmungou ele enquanto fazia sinal para um táxi. — Não é muito justo chutar um homem nas bolas.

— Não estou interessado em justiça. Você luta para vencer e, caso fracasse, você morre.

— Você vem de um mundo muito estranho, se esse foi o código que lhe ensinaram — resmungou Quinn novamente. — E como se já não tivesse problemas suficientes, aposto que Henry vai processá-lo por agressão e violência física.

— Considere-se contratado, Prescott — disse Blythe, erguendo a cabeça do ombro de Tach. Ela estava apertada entre os dois homens no táxi e Tach podia sentir o leve tremor que ainda corria seu corpo.

— Talvez devesse pensar em pedir divórcio. Não entendo por que já não fez isso.

— As crianças. Sabia que nunca mais as veria se me divorciasse de Henry.

— Bem, pense a respeito.

— Para onde estamos indo?

— O Mayflower. Belo hotel, vocês vão gostar.

— Quero ir para a estação. Vamos para casa.

— Não aconselho. Tenho o pressentimento de que isto ainda não terminou, e meus pressentimentos são infalíveis.

— Já demos nossos depoimentos.

— Mas Jack e Earl ainda vão comparecer, Harstein tem que depor novamente e pode haver algo que exija que sejam chamados de novo. Vamos ficar até tudo acabar. Vai poupar a vocês outra viagem, se eu estiver certo.

Tach concordou de má vontade, afundando no encosto para ver a cidade passar.

Na noite de domingo ele estava totalmente enjoado de Washington, totalmente enjoado do Mayflower e totalmente enjoado das profecias funestas de Quinn. Blythe tentou manter a fantasia de que estavam tendo ótimas miniférias e o arrastou pela cidade para olhar os prédios de mármore e a estatuaria sem sentido, mas seu mundo de sonhos se despedaçou no final de sexta-feira, quando David foi acusado de desacato ao Congresso e o caso transferido para um grande júri.

O garoto se abrigara na suíte deles, alternando entre a total confiança de que não haveria indiciamento e o medo de ser condenado e preso. A segunda opção parecia mais provável, pois tinha sido terrivelmente agressivo com o comitê no último dia de depoimento, chegando ao ponto

de compará-los com a elite de Hitler. O clima não era de tolerância. Tachyon quase enlouquecera tentando reprimir os planos mais vingativos de David contra o comitê e tentando acalmar Blythe, que parecia ter esquecido totalmente o inglês como primeiro idioma, falando quase exclusivamente em alemão.

Seus esforços eram dificultados pelo fato de que estavam virtualmente sitiados no quarto; cercados e assediados por um bando de repórteres que não se detiveram mesmo após Blythe ter esvaziado um bule de café sobre um jornalista que tentara entrar se fazendo passar por serviço de quarto. Apenas Quinn podia penetrar em sua fortaleza e ele era tão uniformemente pessimista que Tach estava prestes a jogá-lo por uma janela.

Naquele momento, com o amanhecer colorindo o céu a leste, Tach estava deitado escutando as batidas regulares do coração de Blythe e o sussurro suave de sua respiração, aninhada a seu lado. Tinham feito amor longa e freneticamente, como se ela temesse perder contato com ele. Também havia sido perturbador, pois ele descobrira um grande volume de fissuras entre as várias personalidades. Tentara fazê-la se concentrar em uma nova construção, mas estava emocionalmente fragmentada demais para que funcionasse. Apenas descanso e um alívio do estresse restaurariam o equilíbrio, e Tach decidiu que, com ou sem comitê, deixariam Washington naquele dia.

Uma batida furiosa na porta da suíte o arrancou da cama à uma da tarde. Confuso, nem pensou em vestir o robe, escolhendo enrolar a colcha na cintura e ir para a porta. Era Quinn e a expressão no rosto dele varreu os últimos vestígios de sono de sua cabeça.

— O quê? O que aconteceu?

— O pior. Braun arruinou vocês todos.

— Ahn?

— Testemunha amigável. Ele lançou todos vocês aos lobos para se salvar.

Tach se jogou em uma cadeira.

— E mais, vão chamar Blythe novamente.

— Quando? Por quê?

— Amanhã, logo depois de Earl. Jack muito generosamente ofereceu a informação de que, além de Von Braun, Einstein e o resto dos gênios, ela também tem *seus* pensamentos e lembranças. Querem os nomes dos outros ases e, se não conseguem com você, vão conseguir com ela.

— Ela vai se recusar.

— Poderia ser presa.

— Não... Eles não fariam... Não uma mulher.

O advogado apenas balançou a cabeça.

— *Faça* alguma coisa. Você é o advogado. Eu recusei primeiro, que me mandem para a cadeia.

— Há outra opção.

— Qual?

— Dar a eles o que querem.

— Não, essa não é uma opção. *Você* tem que mantê-la fora daquela sala de audiências.

O velho suspirou e coçou furiosamente a cabeça até os cabelos se projetarem como os espinhos de um porco-espinho ameaçado.

— Certo, verei o que posso fazer.

Não foi o suficiente, e na manhã de terça-feira eles estavam de volta ao Capitólio. Earl havia marchado para dentro, apelado para a Quinta e marchado para fora com uma expressão de total desprezo e repulsa. Não

esperava nada do governo do homem branco e não se desapontara. Era então a vez de Blythe. À porta, dois jovens guardas dos fuzileiros tentaram deter Tachyon. Sabia que estava sendo injusto atacando as pessoas erradas, mas a tentativa de separá-lo de Blythe o fez perder o controle e ele dominou a mente de ambos com violência. Ordenou que dormissem e eles estavam roncando antes de chegarem ao chão. Aquela demonstração de seu poder teve um profundo efeito em vários observadores e rapidamente encontraram para ele um lugar no fundo da sala, entre o pessoal da imprensa. Tach tentou protestar, querendo ficar com Blythe, mas dessa vez foi Quinn quem se opôs.

— Não, você ficar lá com ela será como sacudir uma bandeira vermelha para um touro. Cuidarei dela.

— Não é apenas a questão legal. A mente dela... Está muito frágil — disse ele, apontando com a cabeça para Rankin. — Não permita que ele acabe com ela.

— Vou tentar.

— Minha querida.

Os ombros dela pareciam magros e ossudos sob suas mãos e, quando Blythe ergueu a cabeça, os olhos eram como dois hematomas escuros no rosto branco.

— Lembre, a liberdade e a segurança deles depende de você. Por favor, não diga nada.

— Não se preocupe, não direi — falou ela, com um lampejo de sua antiga coragem. — Eles também são meus pacientes.

Tachyon a observou se afastar, uma das mãos pousando levemente no braço de Quinn, e o pânico tomou conta dele. Quis correr atrás dela e segurá-la mais uma vez. Imaginou se a sensação era sua precognição errática despertando ou apenas sua mente confusa.

— Agora, sra. Van Renssaeler, vamos entender esta cronologia, certo?
— disse Rankin.

— Certo.

— Quando descobriu que tinha esse poder?

— Fevereiro de 1947.

— E quando abandonou seu marido, o deputado Henry van Renssaeler?

Ele reforçou a palavra deputado, olhando rapidamente à esquerda e à direita para ver se seus colegas compreendiam.

— Não o abandonei, ele me expulsou de casa.

— E talvez tenha sido porque descobriu que você estava se envolvendo com outro homem, um homem que sequer era humano?

— Não! — exclamou Blythe.

— Objeção! — gritou Quinn ao mesmo tempo. — Este não é um julgamento de divórcio...

— O senhor não tem base para objetar, sr. Quinn, e devo lembrá-lo de que algumas vezes este comitê considerou necessário investigar o histórico de advogados. É de se questionar por que vocês escolheriam representar inimigos deste país.

— Porque é um princípio do direito anglo-americano que um réu tenha alguém que o proteja do poder do governo federal...

— Obrigado, sr. Quinn, mas não acho que precisemos de aulas de jurisprudência — interrompeu o deputado Wood. — Pode continuar, sr. Rankin.

— Obrigado, senhor. Vamos deixar isso de lado por enquanto. Quando se tornou uma dos chamados Quatro Ases?

— Acho que foi em março.

— De 1947?

— Sim. Archibald me mostrou como poderia usar meu poder para preservar conhecimento inestimável e entrei em contato com vários cientistas. Eles concordaram e eu...

— Começou a sugar suas mentes.

— Não é assim.

— Não acha um tanto repulsivo, quase vampiresco, o modo pelo qual come o conhecimento e as habilidades de um homem? Também é uma fraude. Você não nasceu com uma grande mente, nem estudou ou trabalhou para chegar à sua posição. Apenas pega dos outros.

— Eles se dispuseram. Nunca teria feito isso sem permissão.

— E o deputado Van Renssaeler lhe deu sua permissão?

Tachyon podia ouvir as lágrimas embargando a voz dela.

— Isso foi diferente. Eu não compreendia... Não conseguia controlar.

Ela baixou o rosto para as mãos enluvadas.

— Vamos continuar. Chegamos ao momento em que você abandonou marido e filhos — disse ele, acrescentando em um tom de conversa, obviamente dirigido aos outros membros do comitê: — Também acho inacreditável que uma mulher abandone seu papel natural e se comporte dessa forma. Bem, isso é irrelevante...

— Eu não os abandonei — interrompeu Blythe.

Ele ignorou a observação.

— Semântica. Quando foi isso?

Blythe afundou na cadeira, desesperançada.

— Dia 23 de agosto de 1947.

— E onde tem morado desde 23 de agosto de 1947?

Ela ficou em silêncio.

— Vamos lá, sra. Van Renssaeler. A senhora concordou em responder a perguntas perante este comitê. Não pode voltar atrás agora.

— Em Central Park West, 117.

— E de quem é esse apartamento?

— Do dr. Tachyon — sussurrou.

Com isso houve uma agitação na imprensa, pois eles haviam sido muito discretos. Apenas os outros três ases e Archibald sabiam que moravam juntos.

— Então, após violar seu marido e roubar sua mente, a senhora saiu e vive em pecado com um inumano de outro planeta que criou o vírus que lhe deu esse poder. Há algo bastante conveniente em tudo isso — disse Rankin, inclinando-se para a frente sobre a mesa e gritando na direção dela: — Agora escute, madame, e é melhor responder, pois está correndo um grande perigo. Tomou a mente e as lembranças desse Tachyon?

— S-sim.

— E trabalhou com ele?

— Sim.

Suas respostas foram quase inaudíveis.

— E reconhece que Archibald Holmes formou os Quatro Ases como um elemento subversivo projetado para sabotar aliados leais dos Estados Unidos?

Blythe se balançou na cadeira, as mãos agarrando a barra superior com uma intensidade desesperada, os olhos percorrendo de modo vago a sala lotada. Seu rosto parecia se contorcer, tentando se reacomodar em diferentes aparências, e havia um ruído elétrico quase psíquico saindo de sua mente. Ele penetrou na cabeça de Tachyon e os escudos dele se ergueram.

— Está escutando, sra. Van Renssaeler? É melhor que esteja. Estou começando a pensar que você e seu poder sugador são um perigo para esta nação. Talvez seja melhor que vá para a cadeia antes que pegue esse

conhecimento indevidamente obtido e o venda para os inimigos deste país.

Blythe tremia tanto que parecia improvável que conseguisse permanecer ereta na cadeira, e lágrimas escorriam pelo rosto. Tach se levantou e começou a passar em meio à multidão que os separava.

— Não, não, por favor... Não. Me deixe em paz.

Ela passou os braços ao redor do próprio corpo, tentando se proteger, e balançou para a frente e para trás.

— Então me dê esses nomes!

— Tudo bem... Tudo bem.

Rankin se afastou do microfone, sua caneta produzindo um pequeno ritmo satisfeito sobre o bloco à sua frente.

— Há Croyd...

Para Tachyon o tempo pareceu se distender, esticar, quase ficar imóvel. Várias filas de pessoas ainda o separavam de Blythe e naquele éon ele tomou sua decisão. Sua mente se projetou, imobilizando-a como uma borboleta. A voz dela engasgou e ela emitiu um engraçado barulhinho seco. Para ele foi semelhante a segurar um floco de neve ou alguma escultura de vidro particularmente delicada. Sob seu aperto, sentiu toda a estrutura da mente se fragmentar e *Blythe* caiu rodopiando para dentro de uma escura e assustadora caverna da alma. Libertados, os outros sete surgiram por todos os lados. Rindo, censurando, posando, vociferando, pareciam correr pelo sistema nervoso central dela, fazendo seu corpo se contorcer como uma marionete enlouquecida. Palavras se projetaram dela: fórmulas, palestras em alemão, discussões entre Teller e Oppenheimer, discursos de campanha e takisiano se misturaram em um caldo rodopiante.

No instante em que sentiu a mente dela fraquejar, ele a soltou, mas era tarde demais. Cadeiras e pessoas foram jogadas de qualquer jeito para o lado enquanto ele abria caminho até ela e a pegava nos braços. A sala estava em completo caos, com Wood batendo o martelo, repórteres gritando e se empurrando e, acima de tudo, o monólogo maníaco de Blythe. Ele a pegou, projetou novamente o poder coercivo de sua mente e a conduziu ao esquecimento. Blythe desabou em seus braços e um silêncio assustador se abateu sobre a sala.

— Acredito que o comitê não tenha mais perguntas para esta testemunha. — As palavras saíram rascantes e seu ódio se projetava dele como uma força tangível. Os nove homens se remexeram, desconfortáveis, e então Nixon murmurou em uma voz quase inaudível:

— Não, sem mais perguntas.

Horas depois, ele estava sentado no apartamento embalando-a no colo e cantarolando como teria feito com um de seus priminhos em Takis. Seu cérebro estava esgotado da luta para levá-la de volta à sanidade; nenhum de seus esforços produzira qualquer resultado. Ele se sentia jovem e desamparado; queria bater os pés no chão e uivar como um garoto de quatro anos. Imagens de seu pai surgiam em forma de zombaria; grande, sólido e poderoso, ele tinha a formação e o talento natural para lidar com aquelas doenças mentais. Mas estava a centenas de anos-luz e não tinha ideia de onde estava o seu herdeiro errante.

Houve uma batida peremptória na porta. Transferindo seu fardo frouxo e sem resistência para o braço esquerdo, ele cambaleou até a porta e recuou um passo quando seus olhos flamejantes se concentraram nos dois policiais e na figura toda encapotada atrás deles. Henry van Renssaeler ergueu o rosto machucado e olhou para Tachyon.

— Tenho um mandado de internação para minha esposa. Por favor, entregue-a.

— Não... Não, você não entende. Só eu posso ajudá-la. Ainda não tenho a construção, mas conseguirei. Precisa apenas de um pouco mais de esforço.

Os policiais corpulentos se adiantaram, e gentil, mas implacavelmente, tiraram-na de seus braços protetores. Tachyon saiu tropeçando atrás deles enquanto desciam as escadas, Blythe caída nos braços de um dos policiais. Van Renssaeler não fez qualquer movimento para tocá-la.

— Só mais um tempinho — pediu, chorando. — Por favor, apenas me deem mais um tempinho.

Desmoronou, agarrando-se ao corrimão, enquanto a porta da rua se fechava atrás deles.

Ele só a viu uma vez após a internação. O recurso contra a ordem de deportação estava sendo negado pelos tribunais e, vendo o fim se aproximar, ele dirigiu até o sanatório particular no norte do estado de Nova York.

Não o deixaram entrar no quarto. Ele poderia ter passado à força com controle mental, mas desde aquele dia abominável não havia conseguido usar seus poderes. Então espiou através de uma janelinha na porta pesada, olhando para uma mulher que já não conhecia. Os cabelos pendiam em cachos emaranhados ao redor do rosto retorcido enquanto ela percorria o pequeno quarto falando para uma plateia invisível. Sua voz era baixa e rouca; obviamente suas cordas vocais haviam sido danificadas pelas tentativas constantes de sustentar um timbre masculino.

Incapaz de se conter, ele se projetou telepaticamente, mas o caos de sua mente o mandou abruptamente de volta. Pior havia sido a sensação infinitesimal de Blythe gritando por ajuda de algum lugar profundo e oculto. Sua culpa foi tão intensa que ele passou vários minutos no banheiro vomitando, como se isso de alguma forma pudesse limpar sua alma.

Cinco semanas depois ele havia sido colocado a bordo de um navio rumo a Liverpool.

— *Le pauvre.*

Uma senhora robusta de ar matronal, com duas garotinhas ao lado, olhava para a figura caída no banco. Vasculhou a bolsa e tirou uma moeda. Ela caiu com um barulho abafado no estojo do violino. Recolhendo as crianças, ela foi embora, e Tachyon pegou a moeda com dois dedos sujos. Não era muito, mas compraria outra garrafa de vinho, e outra noite de esquecimento.

Ele se levantou, guardou o instrumento, pegou sua maleta médica e enfiou a página de jornal dobrada na camisa. Mais tarde, durante a noite, ela o protegeria do frio. Deu alguns passos vacilantes, então parou, oscilando. Segurando as duas maletas com uma das mãos, tirou a página e olhou a manchete pela última vez. O vento frio do Leste recomeçou, puxando o papel com urgência. Ele o soltou e o jornal deslizou para longe. Caminhou, sem olhar para onde o papel ficou pendurado, oscilando desamparadamente contra as pernas de ferro do banco. Poderia esfriar, mas confiaria no vinho para mantê-lo isolado da temperatura.

INTERLÚDIO UM

De Ases Vermelhos, anos sombrios

Elizabeth H. Crofton

New Republic, maio de 1977

A partir do momento, em 1950, em que proferiu seu famoso discurso de Wheeling, na Virgínia Ocidental, de “Tenho aqui em minhas mãos uma lista de cinquenta e sete wild cards que sabemos viver e trabalhar clandestinamente hoje nos Estados Unidos”, não restou muita dúvida de que o senador Joseph R. McCarthy havia substituído os membros sem rosto do Comitê da Câmara sobre Atividades Antiamericanas (HUAC) como o líder da histeria antiwild cards que se espalhou pela nação no início daquela década de 1950.

Sem dúvida o HUAC podia reivindicar o crédito por desacreditar e destruir os Exóticos pela Democracia de Archibald Holmes, os “Quatro Ases” dos anos tranquilos do pós-guerra e os símbolos mais visíveis da devastação que o vírus Wild Card tinha causado ao país (é preciso reconhecer que havia dez curingas para cada ás, mas, assim como negros, homossexuais e viciados, durante todo aquele período os curingas foram

homens invisíveis, ignorados com determinação por uma sociedade que teria preferido que eles não existissem). Quando os Quatro Ases caíram, muitos acharam que o circo havia terminado. Estavam enganados. Estava apenas começando, e sob a direção de Joe McCarthy.

A caçada aos “Ases Vermelhos” que McCarthy incentivou e empreendeu não produziu nenhuma vitória espetacular que rivalizasse a do HUAC, mas, no fim, o trabalho de McCarthy afetou muito mais gente e se mostrou duradouro, enquanto o triunfo do HUAC foi efêmero. O CRISE-A (Comitê de Recursos Internos do Senado para Empenho dos Ases) nasceu em 1952 como fórum para as caçadas aos ases de McCarthy, mas acabou se tornando uma parte permanente da estrutura de comitês do Senado. Com o tempo, o CRISE-A, assim como o HUAC, se transformaria em um mero fantasma do que havia sido, e décadas mais tarde, sob a presidência de homens como Hubert Humphrey, Joseph Montoya e Gregg Hartmann, evoluiria para um tipo de animal legislativo totalmente diferente. Contudo, o CRISE-A de McCarthy era tudo o que a sigla significava: crise. Entre 1952 e 1956, mais de duzentos homens e mulheres responderam a intimações do CRISE-A, normalmente sem provas mais concretas do que a denúncia de informantes anônimos de que eles, em alguma ocasião, haviam exibido poderes do Wild Card.

Foi uma verdadeira caça às bruxas moderna, e como os seus ancestrais em Salem, os que eram levados à presença de Joe McCarthy, o Caçador, pelo não crime de ser um ás tinham sérios problemas para provar sua inocência. Como você prova que *não pode* voar? Nenhuma das vítimas do CRISE-A jamais encontrou uma resposta satisfatória para essa pergunta. E a lista de boicote estava sempre à espera daqueles cujos depoimentos fossem considerados insatisfatórios.

Os destinos mais trágicos eram os de pessoas que na verdade *eram* vítimas do vírus Wild Card e reconheciam seus poderes de ás abertamente diante do comitê. Desses casos, nenhum foi mais comovente que o de Timothy Wiggins, ou o “sr. Arco-Íris”, como era apresentado ao subir ao palco. “Se sou um ás, imagina o que seria um dois de paus”, disse Wiggins a McCarthy quando foi intimado em 1953, e a partir daquele momento “dois de paus” entrou no vocabulário como o termo para um ás cujos poderes são triviais ou inúteis. Com certeza esse era o caso de Wiggins, um artista míope e gordinho de quarenta e oito anos cujo poder, a habilidade para mudar a cor de sua pele, o havia levado a ser uma atração de segunda nos menores resorts de Catskill, onde seu número consistia em tocar um ukulele e cantar versões em falsete de músicas como “Red, Red Robin, Yellow Rose of Texas” e “Wild Card Blues”, acompanhando cada interpretação com as mudanças de cor apropriadas. Ás ou dois de paus, o sr. Arco-Íris não recebeu piedade de McCarthy ou do CRISE-A. Na lista de boicote e sem conseguir trabalho, Wiggins se enforcou no apartamento da filha, no Bronx, menos de catorze meses após seu depoimento.

Outras vítimas tinham as vidas arruinadas e destruídas: perdiam empregos e carreiras para a lista de boicote, perdiam amigos e cônjuges e inevitavelmente perdiam a custódia dos filhos nos recorrentes divórcios. Pelo menos vinte e dois ases foram descobertos no auge das investigações do CRISE-A (o próprio McCarthy costumava dizer que tinha “exposto” duas vezes mais, porém, incluía nesse total inúmeros casos em que os “poderes” dos acusados foram determinados apenas por boatos e provas circunstanciais, sem um fiapo de evidências concretas), abrangendo criminosos perigosos como uma dona de casa do Queens que levitava enquanto dormia, um estivador que podia meter a mão em uma banheira

e fazer a água ferver em menos de sete minutos, uma professora anfíbia da Filadélfia (ela manteve as guelras escondidas sob as roupas, até o dia em que se entregou de forma imprudente ao salvar uma criança que se afogava) e até um italiano barrigudo dono de uma quitanda que demonstrava uma habilidade impressionante de fazer seu cabelo crescer quando quisesse.

Embaralhados em meio a tantos wild cards, o CRISE-A chegou a encontrar alguns ases genuínos em meio aos dois de paus, entre eles Lawrence Hague, o corretor de ações telepata cuja confissão provocou pânico em Wall Street, e a mulher conhecida como “mulher pantera” de Weehawken, cuja metamorfose diante das câmeras dos cinejornais aterrorizou os espectadores em cinemas de costa a costa. Mas isso não foi nada perto do caso do misterioso homem detido enquanto roubava o distrito de comércio de diamantes de Nova York, com os bolsos cheios de pedras preciosas e anfetaminas. Esse ás desconhecido tinha reflexos quatro vezes mais rápidos que os de um homem normal, assim como força surpreendente e uma aparente imunidade a tiros de armas de fogo. Depois de arremessar um carro de polícia a meio quarteirão de distância e mandar doze policiais para o hospital, ele enfim foi dominado com gás lacrimogêneo. O CRISE-A o intimou de imediato, mas o homem não identificado mergulhou em um profundo sono comatoso antes de prestar seu depoimento. Para decepção de McCarthy, o homem não conseguiu ser despertado — até o dia, oito meses mais tarde, em que sua cela especial reforçada e de segurança máxima foi encontrada repentina e misteriosamente vazia. Um perplexo prisioneiro com boa conduta jurou ter visto o homem atravessar a parede, mas a descrição que deu não combinava com a do prisioneiro desaparecido.

A conquista de efeito mais duradouro de McCarthy, se é que pode ser considerada como tal, foi a aprovação das chamadas “Leis Wild Cards”. A Lei de Controle de Poderes Exóticos, aprovada em 1954, foi a primeira. Ela exigia o registro imediato no governo federal de toda pessoa que tivesse poderes do Wild Card; quem não fizesse isso era punido com penas que chegavam a dez anos de prisão. Depois dessa, veio o Ato de Recrutamento Especial, que dava ao Gabinete de Recrutamento e Serviço Militar o poder de convocar ases registrados para servir ao governo por período indefinido. Persistem rumores de que vários ases, em cumprimento às novas leis, foram realmente convocados para servir no Exército, no FBI e no Serviço Secreto no fim dos anos 1950, mas, se isso for verdade, as agências que empregaram seus serviços mantiveram seus nomes, poderes e até a própria existência desses agentes como um segredo muito bem guardado.

Na verdade, apenas dois homens foram abertamente convocados depois do Ato de Recrutamento Especial durante todos os vinte e dois anos de duração desse estatuto: Lawrence Hague, que entrou a serviço do governo depois que as acusações de manipulação do mercado de ações foram abandonadas, e um ás ainda mais célebre, cujo caso virou manchete em toda a nação. David “Embaixador” Harstein, o carismático negociador dos “Quatro Ases”, recebeu um aviso de convocação menos de um ano após deixar a prisão em que fora confinado pelo CRISE-A por desacato ao Congresso. Harstein nunca se apresentou para o serviço. Em vez disso, desapareceu completamente da vida pública no início de 1955, e nem a caçada do FBI por todo o país conseguiu descobrir qualquer pista do homem que o próprio McCarthy chamou de “o maior subversivo dos Estados Unidos”.

As Leis Wild Cards foram a maior vitória de McCarthy, mas ironicamente sua aprovação plantou as sementes da ruína dele. Quando estes projetos de lei muito divulgados foram enfim ratificados, o estado de ânimo do país pareceu mudar. McCarthy repetiu inúmeras vezes ao público que as leis eram necessárias para lidar com ases ocultos que ameaçavam a nação. Bem, respondeu a nação, as leis foram aprovadas e o problema está resolvido, e já não aguentamos mais isso.

No ano seguinte, McCarthy apresentou o projeto de Lei de Contenção de Doenças Alienígenas, que pedia a esterilização compulsória de todas as vítimas do vírus Wild Card, tanto curingas quanto ases. Isso foi demais até para seus partidários mais ferrenhos. O projeto sofreu uma derrota retumbante, tanto na Câmara quanto no Senado. Em um esforço para se reerguer e voltar às manchetes, McCarthy comandou no CRISE-A uma imprudente investigação sobre o Exército, com o propósito de revelar os “ases na manga”, que os boatos insistiam em afirmar terem sido recrutados secretamente em anos anteriores ao Ato de Recrutamento Especial. Mas a opinião pública foi radicalmente contra ele durante as audiências Exército-McCarthy, que culminaram em uma censura a ele feita pelo Senado.

No início de 1955, muitos achavam que McCarthy podia ter força o bastante para ganhar de Eisenhower a indicação para concorrer à presidência pelo Partido Republicano, porém, na época da eleição de 1956, o clima político tinha mudado tanto que ele mal foi mencionado.

Em 28 de abril de 1957, ele foi internado no Centro Médico da Marinha, em Bethesda, Maryland, um homem desequilibrado que falava sem parar sobre as pessoas que julgava terem-no traído. Em seus últimos dias, insistia que sua derrocada fora toda culpa de Harstein, que o Embaixador

estava à solta, cruzando o país de um lado a outro, envenenando as pessoas contra McCarthy com um nefasto controle mental alienígena.

Joe McCarthy morreu em 2 de maio e a nação não deu a mínima. Mas seu legado sobreviveu: o CRISE-A, as Leis Wild Cards, uma atmosfera de medo. Harstein até podia estar à solta, mas não apareceu para comemorar sua morte. Como muitos outros ases de seu tempo, ele permaneceu escondido.

CAPITÃO CÁTODO E O ÁS SECRETO

Michael Cassutt

INTERIOR ESTRATOJATO. PONTE. DIA.

Os motores RUGEM enquanto o Curinga Lobo faz uma CURVA BARULHENTA com o estratojato. As mãos de Cátodo estão amarradas. Podemos escutar BATIDAS na escotilha.

Marty (voz de)

Capitão! Estamos ficando sem ar!

Nos controles, o Curinga Lobo se vira e olha para ele com desprezo.

Curinga Lobo

A escolha é sua, capitão. Entregue os códigos, ou todos os seus amigos vão morrer sufocados.

Cátodo

Você também vai morrer, Curinga!

Curinga Lobo

Vou mirar o estratojato para a montanha e cair fora.

Cátodo

Eu sabia. Os Curingas são todos uns covardes.

Curinga Lobo

Insultos, Cátodo. Inúteis... e no alvo errado.

O Curinga Lobo arranca o próprio rosto. É uma máscara, claro. Por baixo dela... o rosto bigodudo e arrogante de ROWAN MERCADO, a nênese takisiana de Cátodo.

Cátodo

Mercado! Eu devia ter imaginado.

Karl von Kampen fechou o roteiro e o colocou virado para baixo sobre a mesa. Era cedo em uma manhã de segunda-feira, agosto de 1956. A temperatura fora do escritório dos Estúdios Republic, do *Capitão Cátodo* — perto das Montanhas de Santa Monica, em San Fernando Valley —, já passava dos trinta graus e bateria facilmente nos quarenta. Um ar-condicionado barulhento prometia mais frio do que produzia.

Mas ali, naquele seu escritório de canto, Karl sentiu um arrepio.

Um roteiro do *Capitão Cátodo* não precisava chegar ao nível de *Macbeth*. Não era preciso ter a maravilha conceitual de um H. G. Wells. Não tinha de ser tão empolgante quanto um *Demônios submarinos*.

Mas aquela velha fórmula do vilão mascarado? O que tinha passado na cabeça de Willy Ley?

Karl se levantou da cadeira e se espreguiçou, não só para aliviar a tensão crescente, mas simplesmente para mudar a geometria do ambiente. Seu escritório era tão simples e organizado quanto, ele esperava, a paisagem interior de sua mente: uma mesa e uma cadeira simples, uma máquina de escrever na qual redigia os rascunhos de seus memorandos e um arquivo cheio com seis semanas de roteiros do *Capitão Cátodo*, nem mais nem menos.

Karl era um homem pequeno com cabelos louro-esbranquiçados e olhos azuis; um espécime ariano perfeito, não fosse pelos ombros arqueados — ele nunca chegara perto de ser um atleta — ou, algo mais perceptível, seu andar claudicante, herança de um ferimento recebido em um bombardeio em Peenemunde durante a guerra.

Ele ficou aliviado quando ouviu o telefone tocar. Era sua assistente, Abigail.

— Ligaram do set — disse ela, e Karl sabia o que ela diria antes mesmo de ouvir as palavras. — Brant está atrasado de novo.

Brant Brewer, o próprio Capitão Cátodo.

Karl pegou um dos muitos pares de óculos escuros na gaveta, saiu do escritório e parou ao lado de Abigail antes que ela tivesse recolocado o fone no gancho.

— Entre em contato com Saul Greene e avise a ele que o sr. Von Kampen não está satisfeito.

Greene era o agente de Brewer. Karl sabia que o telefonema seria um esforço inútil; raramente se encontrava o agente sem o cliente. Mas uma advertência poderia dar uma acordada em Brewer.

— O sr. Von Kampen vai ficar ainda menos satisfeito quando souber que Harold Dann, da Kellogg's, estará às nove horas no set.

Dann era o chefe dos compradores da Kellogg's, a empresa de cereais que estava negociando para ser a patrocinadora de *Cátodo*, o que dobraria o orçamento da série... e deixaria Karl rico.

— Dê um jeito de atrasá-lo — disse Karl.

Com uma raiva que o deixou à beira da violência, pegou a edição matutina do *Herald* na mesa de Abigail. A reportagem sobre um corpo transformado em pedra perto do observatório do Griffith Park imediatamente chamou sua atenção.

— Ah, o Assassino Medusa atacou de novo. — A série de mortes horrendas já durava três meses. Todos curingas, transformados em pedra. — E o Sol também nasceu hoje de manhã.

— Karl, você é mau.

— A palavra certa é “cínico”. — Ele se divertia fingindo saber mais inglês do que Abigail, que tinha se formado em uma faculdade do Leste.

— Eu disse mau, e mantenho minha escolha.

Abigail tinha vinte e cinco anos, era magra e de cabelos escuros. Era fácil imaginá-la como a única repórter mulher em uma redação cheia de homens metidos a engraçados. Karl amava a voz dela, assim como sua indiferença revigorante em relação às convenções no ambiente de trabalho, como as que proibiam uma secretária de se dirigir a seu chefe pelo primeiro nome.

— A única diferença entre essas mortes e os assassinatos habituais de curingas é que as vítimas não são garotas, mas rapazes.

— Aposto que são atores — disse Karl com amargura. — Mortos por produtores. — Ele deu um sorriso de despedida para Abigail e colocou os óculos escuros no rosto. — Como você disse... mau!

Karl não estava sendo justo consigo mesmo. Apesar de ter um senso de humor alemão afiado, aguçado por experiências brutais na guerra, ele simpatizava com qualquer pessoa que tivesse uma fraqueza e fosse vulnerável.

Qualquer um que escondesse uma habilidade do Wild Card. Karl tinha até um nome para a dele: *fokus*, assim mesmo, com a grafia alemã. O *fokus* lhe dava o dom de uma visão ampliada, a habilidade de fazer um zoom e aproximar as coisas, e frequentemente de enxergar através de qualquer objeto em seu campo de visão. Não era apenas uma habilidade física. Na verdade, era um estado mental, um momento em que o tempo se estendia.

Algo que ele ainda lutava para controlar.

Enquanto atravessava o asfalto quente, uma olhada rápida para as montanhas na extremidade norte do vale despertou o *fokus*. De repente, o distante monte Wilson, com seu observatório e uma sequência de torres de transmissão de rádio e TV, apareceu em close.

Mais uma piscada e Karl viu a cúpula branca do grande refletor de dois metros e meio... sua pintura descascada. Outra piscada, a torre da Rádio KNX... uma de suas lâmpadas vermelhas de segurança queimada.

Havia uma satisfação quase sexual em exercitar o *fokus*. Tinha que ser em particular, claro, uma concessão fácil, já que o *fokus* exigia circunstâncias especiais, como um alvo convidativo, próximo ou distante.

Era um poder que não chamava a atenção para Karl, exceto por uma coisa: suas íris ficavam vermelhas, em vez de azuis. Por isso os óculos escuros sempre à mão, não importava quantas vezes o haviam provocado por parecer pretensioso.

Os óculos eram uma marca de Karl von Kampen tanto quanto seu sotaque alemão. Às vezes ele se perguntava qual era o maior problema na Hollywood de 1956: ser um ás, ou ter trabalhado para Hitler?

Entrar no set era como adentrar uma caverna escura e convidativa. Por um instante, Karl conseguiu esquecer sua preocupação constante com dinheiro e a pressão por causa de seu chefe, Frederick Ziv.

Ele pôde tirar os óculos.

O primeiro a notar a presença de Karl ali foi Eugene Olkewitz, o ator rechonchudo e frequentemente bêbado que interpretava Turk, o curinga com cara de cachorro e ajudante do Capitão Cátodo.

— Lá vem o Führer! *Wie geht's?* — disse ele, dando um tapinha nas costas de Karl.

— É isso o que vim aqui descobrir.

Karl não gostava de Olkewitz. Comparado a Brewer, Eugene era muito profissional, sempre pontual, nunca errava as marcações nem esquecia suas falas, mas levava aquele papel secundário muito a sério, e a menina

do figurino disse que ele costumava levar a máscara de cachorro para casa. Ele dizia que gostava de ensaiar caracterizado, mas...

— Estamos resolvendo as coisas sem Brant para a primeira cena — disse Olkewitz. — Vamos filmar nossas cenas, certo, meu bem?

“Meu bem” se referia a “Nora”, a atriz Dotty Doyle, uma beleza escultural de olhos azuis cujas pernas magníficas eram constantemente exibidas em seu uniforme de estratojato da equipe de Cátodo. Karl fez uma anotação mental para parabenizar o figurinista, que obviamente entendia que um programa infantil podia mostrar muito mais pele do que seria considerado apropriado em uma série dirigida a adultos.

— Não sou seu bem, Gene. — Dotty sequer se voltou para ele, colocando-se bem na frente de Karl. — E não vamos conseguir fazer nada desse jeito.

Aquela era Dotty: informada, tranquila, séria... o tipo de princesa nórdica que os pais de Karl teriam recebido muito bem como parceira do filho.

Karl deu a volta nos bastidores e foi até o cenário. As luzes tinham sido desligadas enquanto trabalhadores removiam o painel de controles do estratojato de Cátodo.

— Ela tem razão, Karl — disse o diretor, Marshall Korshak, aborrecido. — O resto do dia inteiro é com o Cátodo.

Korshak ficava nervoso até quando as coisas iam bem. Ele viera para *Cátodo do Hopalong Cassidy*. Karl deu um sorriso forçado.

— Podia ser pior, Marshall. Podíamos ter cavalos.

— Os cavalos estão sempre lá quando precisamos. Ou você arranja outro, e ninguém percebe a diferença.

Naquele instante, um assistente de produção passou correndo por eles.

— Ele chegou! — disse o rapaz, e seguiu em frente para evitar sentir o efeito colateral da explosão que viria. O mesmo impulso de autodefesa fez Korshak anunciar que precisava mijar.

Karl se preparou para o encontro. Mas, assim que seus olhos se ajustaram à mudança brusca na luz, ele se deu conta de que não era Brant Brewer, o Capitão Cátodo. Era Harold Dann, da Kellogg's.

Dann beirava os quarenta anos, era moreno, corpulento e começava a ficar careca. E tinha os dentes mais brancos que Karl já vira em um humano que não fosse ator. Dann, na verdade, sorria a cada frase... como se estivesse sendo pago por segundo de deslumbramento.

Ele foi apresentado a Olkewitz e Dotty. Os olhos de Dann se arregalaram ao ver pela primeira vez a companheira feminina de Cátodo.

— Acho que devíamos botar *você* na caixa de cereais.

— Se pernas e peitos venderem flocos de milho, por que não?

Antes que a conversa ficasse mais animada, Karl ouviu:

— Qual o problema de vocês, gente? Não veem que temos um programa imortal para gravar?

Brant Brewer, conhecido por milhões de jovens americanos como o Capitão Cátodo, flagelo dos takisianos e seus perversos asseclas curingas, surgiu das sombras e parou no meio do cenário, as mãos nos quadris, um modelo de força, justiça e valores americanos. Estava usando seu uniforme de voo azul-marinho, com a letra C e um raio bordados. Sempre que Karl via seu Capitão, não importava com quanta raiva estivesse, desejava a possibilidade de transmissão em cores.

Ou isso ou a capacidade de lançar raios explosivos de seus olhos com o *fokus*.

— Brant, você está duas horas atrasado.

— A menina do cabelo e maquiagem não me deixava sair do trailer.

O sorriso de Brewer era tão deslumbrante quanto o de Dann, mas completamente natural. Karl não duvidava de que a cabeleireira e maquiadora tivesse uma queda pelo astro; a maioria das mulheres na equipe tinha, e sem dúvida alguns dos homens.

— Você chega horas atrasado todos os dias e isso está acabando com a gente.

— Estamos fazendo as cenas, Karl.

— Estamos dando um jeito de fazer as cenas *sem você*! E elas nunca ficam tão boas quanto poderiam.

Brewer brandiu um roteiro.

— Como isso pode ficar bom? Sou um homem de uniforme que enrola e derrota idiotas mascarados. Não posso atirar neles. Não posso jogá-los pela escotilha. Tudo o que posso fazer é falar duro com eles e mandá-los comer todo o espinafre.

Quando discutiam, Brewer retornava a seu sotaque cajun original, assim como Karl ficava mais germânico. Era incrível que conseguissem se comunicar.

— Nosso público são crianças pequenas. Elas já veem violência o suficiente na vida real.

— As crianças não merecem esse monte de bosta. Você *realmente* lê esses roteiros, Karl? — A expressão de Brant mudou de desafio para pena. — Esqueça as simplificações... dramáticas. Será que as crianças americanas merecem ver ases e curingas retratados dessa forma? Será que botar uma máscara de cachorro em Gene Olkewitz é melhor do que escalar um verdadeiro...

— Pare com isso! — Karl podia perceber que Brewer estava, como sempre, mudando de assunto, desviando de seus próprios erros para a covardia de Hollywood em relação ao Wild Card. — Você sabe que não

podemos usar curingas de verdade. Quantas vezes vamos ter que discutir isso? A série está bem montada e fechada. Você faz parte dela ou não. Continue a se atrasar para as gravações e vai ser dispensado.

— Você quer ficar conhecido como o homem que demitiu o Capitão Cátodo?

Karl deu um tapinha na parte da frente da fantasia do Capitão Cátodo.

— O Capitão Cátodo é qualquer pessoa que vista esse uniforme!

Então a expressão de Brewer mudou outra vez, irradiando calor e amizade eterna.

— Você é o chefe. — Ele olhou ao redor, como se procurasse aliados, e viu Korshak. — Estamos ou não fazendo televisão aqui?

Karl ainda estava tão abalado com o encontro que levou um momento para perceber que havia alguém atrás dele batendo palmas: Dann.

— Está sentado em uma mina de ouro aqui, sr. Von Kampen.

— A série vai bem.

— E deve continuar a ir bem, mas a grana de verdade não virá dos jovens olhinhos que sintonizam o programa toda tarde. Ela virá do que esses jovens forcem seus pais a comprarem. Revistas em quadrinhos do Capitão Cátodo, brinquedos, os... pijamas, capacetes, os modelos do estratojato, os bonecos.

— E o cereal do café da manhã.

— É melhor você colocar o seu ator na linha. — Ele não estava sorrindo.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Karl teve que encarar a sessão de gravação da trilha sonora dos cinco episódios da semana seguinte de *Cátodo*.

Chamar aquilo de sessão de gravação era um exagero, claro. Toda trilha incidental era padrão, já pré-gravada. O uso de cada trecho era mecânico... toda aparição de um vilão ou falso clímax recebia o mesmo toque melodramático. Para Karl, as repetições eram como picadas de inseto: pequenas, mas frequentes e incômodas.

Quando deixou o estúdio, ele encontrou o homem de que precisava.

— Jack!

Jack Braun, o famoso Ás Judas, mais recentemente astro de *Tarzan dos macacos*, de Ziv, ostentava um bronzeado impressionante e parecia bizarramente jovem de calças cáqui e camisa branca. Seu Wild Card, é claro.

— Oi, Karl. Como vai seu Capitão? — O sorriso falso de Braun revelava que ele sabia tudo sobre as faltas de Brant. Bem, Braun ainda tinha amigos em todos os cantos do estúdio Republic.

— É exatamente a respeito dele que quero conversar com você, Jack.

Os olhos de Braun se estreitaram.

— Você seria louco se me desse o papel, Karl. Este ás é uma carta marcada, para usar uma metáfora.

— Sei disso. Trocar de ator agora seria caro e arriscado demais. Eu queria saber por que Brant Brewer não consegue chegar na hora no set.

— Estou ocupado demais com *Tarzan* para prestar atenção na vida dele.

— Você está ligado em tudo o que acontece aqui.

— Porque é a única maneira de sobreviver! Acredite em um homem que teve que aprender do jeito mais difícil.

— Então me ensine.

— Você está indo bem sozinho.

Karl apenas cruzou os braços. Ele tinha experiência o bastante com atores para saber quando estavam representando. Hoje era: Jack Braun, o manipulador relutante de Hollywood.

Não durou muito. Braun puxou um cartão.

— Está bem. O homem de quem precisa se chama Edison Hill. Você pode encontrá-lo aqui toda tarde, depois das duas.

Karl leu o nome no verso do cartão.

— O Menagerie, píer de Santa Monica. Esse Hill é um bêbado ou uma bicha? — O píer era um conhecido ponto de encontro de homossexuais e um dos lugares mais frequentados pela pequena população de curingas da cidade.

— Nenhum dos dois, até onde eu sei. Não vai dar um soco na sua cara se você lhe pagar uma bebida, mas ele é apenas um sujeito que sabe das coisas, ou sabe como descobrir. O Menagerie é como se fosse o escritório dele.

Karl nunca se encontrava com Braun sem sentir vontade de contar que era um ás como ele, para no mesmo instante se dar conta da futilidade desse gesto.

— Sabe, Jack, um dia desses, toda essa... insanidade vai acabar. Devíamos trabalhar juntos.

Braun deu um sorriso verdadeiramente caloroso e também de um ceticismo de quem entendia das coisas.

— Seria ótimo pensar assim, não seria?

Ele quase perdeu a entrada do Menagerie. Ficava no meio da descida, ao lado do infame carrossel do píer de Santa Monica e cercado por estandes de jogos, barraquinhas de comida e shows de aberrações, quase todos propriedade e geridos por curingas. O interior do clube era mal

iluminado e apertado, com cheiro de serragem e cerveja choca. No palco, uma mulher curinga dançava entediada, girando as franjas do sutiã de lantejoulas e balançando o traseiro ao ritmo da música.

— Eu venho aqui há anos — disse Hill. — Tenho um fraco pela beleza nua e crua.

Ele era magro, alto e bonito como um ator coadjuvante de filme B, completo com o bigode estilo Dick Powell. Parecia ter crescido em algum lugar muito a leste de Los Angeles.

— Tem algumas... pessoas incríveis aqui — disse Karl.

— Pode demorar um pouco para se acostumar — respondeu Hill.

Era o meio da tarde, não exatamente horário de maior movimento em nenhum clube, e o Menagerie estava praticamente vazio. Mesmo assim, a dançarina no palco era muito bonita, apesar de Karl ter notado, quando ela tirou o sutiã, que tinha bocas no lugar dos mamilos. Ele não queria pensar no que poderia estar por baixo do biquíni fio dental.

— O que você faz quando não está aqui? — perguntou ele a Hill, genuinamente curioso.

— Você pode dizer que sou um espectro — disse Hill. Então acrescentou: — *Ghost writer*. Escrevo projetos, discursos... Um pouco disso e daquilo. Algumas histórias de detetive para revistas policiais.

— Dá para viver bem?

— Algumas histórias que vendo para as *pulp fictions* pagam razoavelmente bem. Mas eu era da Marinha, antes da guerra. Descobriram uma mancha no meu pulmão e fui reformado.

— Você não voltou à ativa durante a guerra?

— Tentei várias vezes, mas eles não me aceitaram. — Hill pousou o copo e entrelaçou os dedos. — Então, como posso ajudá-lo?

Karl relatou brevemente seus problemas com Brant Brewer.

— Acha que ele é um comuna?

— Duvido. — Karl conhecia comunistas de verdade em Hollywood; Brant Brewer não se parecia em nada com eles.

— Homossexual?

Karl abriu as mãos.

— Bem, ele é ator. — Querendo dizer que a homossexualidade era sempre uma possibilidade.

— Está bem, vamos ficar de olho nessa. — Hill olhou despreocupadamente para a esquerda e a direita. Quando falou, Karl mal pôde ouvi-lo. — E tem o fator Wild Card.

— Não há sinais, mas...

— Meus honorários são vinte dólares por dia, mais despesas. Quarenta antecipados. Normalmente eu cobraria metade disso, mas quando o caso envolve wild cards... — Hill fez um gesto na direção das pessoas que estavam no Menagerie.

— Está bem. — Karl contou cuidadosamente quatro notas de dez.

— Você vai receber um relatório completo. Onde Brewer mora, como passa seus dias, o que ele faz e com quem. Vai gostar do estilo, senão do conteúdo.

Eles combinaram de se encontrar em uma cafeteria na esquina da Franklin com a Western às oito horas da manhã seguinte. Se Hill precisasse entrar em contato com Karl imediatamente, telefonaria para o escritório se identificando como sr. Edwards. Se Karl precisasse de Hill, deveria ligar para o serviço de mensagens que recebia recados para ele.

Hill pegou o chapéu, desceu da banqueta, ajustou os punhos da camisa, o colarinho e os vincos do chapéu de feltro. Então cumprimentou Karl com um aceno de dois dedos ao sair.

As gravações terminaram às dezenove horas, uma hora depois do horário previsto (hora extra em dobro para a equipe, graças ao atraso de Brewer). Mas com a possibilidade de que o sr. Dann, da Kellogg's, surgisse a qualquer momento, Karl preferiu evitar mais brigas e pediu a Abigail que chamasse um táxi para ele.

Ele morava em um apartamento duplex em Hills, acima de Hollywood. Sua senhoria era uma atriz do cinema mudo chamada Estelle Blair, que se aposentara após o advento do som, esquecida para sempre graças ao Wild Card, que a havia transformado em uma mulher invisível; um fantasma com voz de menininha localizado apenas por um robe e chinelos sem corpo.

Karl tinha visto uma foto de Estelle nos tempos do cinema mudo. Loura e de pernas compridas, era uma jovem deusa de lábios provocantes. Ele se perguntou como ela estaria agora, aos cinquenta.

Será que *ela* própria sabia?

Era uma pessoa difícil de lidar... exceto para Karl. Ela, ou melhor, seu robe, estava lá para recebê-lo quando ele chegou.

— Você trabalha demais — disse ela. — Já jantou?

— Já, no estúdio. — Ele sempre dizia isso para Estelle, mesmo que não tivesse. Não queria ser obrigado a aceitar um convite para jantar e a responder às perguntas dirigindo-se a um bocado de comida que se tornava invisível quando Estelle o engolia.

Ele recebeu sua correspondência, pegando-a do que parecia ser apenas ar, e entrou em casa.

A mobília ali era tão espartana quanto no escritório de Karl. Um sofá, uma mesa baixa, várias cadeiras. O quarto era igualmente econômico e parcamente mobiliado, assim como a cozinha.

Além de usar táxis duas vezes por dia, a única concessão de Karl a seu status de produtor era a maior televisão do mercado, uma Zenith X2552 de dezessete polegadas, completa, com console. Ele fazia questão de ver as edições finais de *Cátodo* em uma tela do mesmo tamanho ou até menor, já que era assim que o público veria o programa.

Karl normalmente ligava a Zenith no momento em que entrava em casa... não apenas era com a caixa que ele ganhava a vida, mas agora tinha se tornado sua companhia, na maioria das noites.

Mas antes que Karl pudesse ligar o aparelho, viu entre suas correspondências uma carta de Herb Cranston. O ex-diretor de operações de White Sands, o primeiro humano a ficar cara a cara com o dr. Tachyon, estava na cidade naquela noite e sugeria que jantassem no Musso's, às oito horas.

Karl deu uma olhada no relógio. Oito e meia, mas o Musso's ficava bem perto.

Ele telefonou para chamar um táxi.

— Ah, se não é Herr Kampen.

Karl havia entrado no Musso's pela porta dos fundos e estava examinando o salão à procura de Herb Cranston; um processo complicado, com os reservados. O homem-foguete estava sentado ao balcão, e à sua frente havia um prato com o que pareciam sobras de bolo de carne. E alguns coquetéis.

— Só recebi sua mensagem agora.

— Já comeu?

— Já.

— Bem, então por mais que eu goste do ambiente daqui, ouvi falar muito dos curingas de Santa Monica.

— Eles deviam botar uma placa: TERRA DOS CURINGAS.

Karl levou vários segundos para entender que Cranston estava realmente interessado em visitar o píer e ver como era o submundo triste da vida dos curingas. Normalmente, teria recusado, tanto por ignorância quanto por repulsa. Ele tinha ido ao píer algumas vezes, e era o bastante. Curingas prostitutas andando no carrossel e chamando os homens que passavam. Rostos horrendos em barraquinhas vendendo suvenires baratos e alimentos fritos. Brigas de faca entre membros de gangues de curingas. Deformidade, desespero e drogas se misturavam aos cheiros de maresia, graxa e peixe podre.

Mas naquela noite duas coisas tinham mudado. Ele queria muito ver Cranston... e conhecia um clube de curingas.

Era estranho visitar um lugar como o Menagerie duas vezes na vida, quanto mais duas vezes no mesmo dia.

O píer de Santa Monica parecia mais glamoroso à noite, com as luzes coloridas reluzentes e a música vinda do carrossel. Vários comuns se misturavam aos curingas, tomando sorvete e comendo cachorro-quente enquanto circulavam entre os brinquedos, barraquinhas e shows de aberrações.

No interior do Menagerie, as dançarinas curingas eram mais atraentes, ou talvez apenas em maior número e variedade.

— Isso dá um novo significado à expressão “dançarina exótica” — disse Cranston. Ele adorava fazer trocadilhos. Quando trabalhavam juntos em White Sands, o inglês de Karl era básico demais para entender a maior parte deles. Agora não tinha mais essa desculpa.

Havia também um público considerável para uma noite de meio de semana. Ou pelo menos era o que Karl imaginava. O píer e sua vida

noturna não estavam entre suas especialidades.

Enquanto um trio de dançarinas se apresentava no palco (elas se chamavam Garotas Americanas e eram, sucessivamente, vermelha, branca e azul por baixo de suas fantasias inspiradas na bandeira americana), uma mulher-felina espetacular se sentou à mesa de Karl e Cranston.

— Estão interessados em companhia?

Cranston dispensou a garota e começou a falar de trabalho.

— As coisas em Tomlin finalmente estão andando.

— Ainda tentando descobrir os segredos de Tachyon? Fazendo engenharia reversa com uma nave takisiana?

— Claro que não! Wright Field não tem nada melhor para fazer... deixe que eles desperdicem seu tempo! — Animado pelo álcool e precisando ser ouvido acima do burburinho, Cranston praticamente gritou. Então, constrangido, disse mais baixo: — Karl, estamos de novo no negócio de criar nossos próprios projetos... e produzi-los. Preste atenção no céu. Logo você vai ver algo feito na Terra voando. — Ele tomou mais um gole, então sorriu. — Igual a seu estratojato.

— Meus parabéns.

— Alguns dos nossos amigos de White Sands estão conosco. Até Willy Ley. — Ley tinha deixado a Alemanha antes da guerra e se tornara jornalista especializado em reportagens populares sobre foguetes, motivo pelo qual Karl o chamara para trabalhar em *Cátodo*. — O cara de quem precisamos mesmo é você. Você era o mais promissor do grupo.

— Meu amigo, você está tão equivocado quanto bêbado. Aquele “grupo” incluía Von Braun, Rudolf, Dornberger e muitos outros...

— Não quis dizer em termos de realizações. Sabemos que você saiu da escola direto para a Peenemunde. E, droga, nenhum de nós conseguiu

nem sair do lugar em White Sands, não depois que *Baby* apareceu.

Cranston e Von Braun e um punhado de engenheiros ex-nazistas tinham sido enviados para se encontrar com Tachyon e sua nave takisiana em forma de concha quando ela aterrissou em White Sands. Karl e o restante, entretanto, foram mantidos afastados, ocupados com exercícios calistênicos, relatórios sem-fim e aulas de inglês.

— Foi Willy que pediu para você fazer isso?

Cranston deu de ombros.

— Ele só disse que devíamos perguntar.

— Ele não devia ter feito isso sem falar comigo.

— Aí eu não teria conseguido surpreender você! — Cranston sorriu. Estava bêbado o suficiente para começar a ficar sentimental. Karl se lembrava dele como um sujeito que bebia muito. — Nós dois, que sorte... o Wild Card nunca nos pegou.

— É.

O Wild Card *havia* contaminado Karl von Kampen, é claro. Em 1947, ele acompanhou Walter Dornberger em uma visita à Bell Aircraft em Buffalo e estava concentrado no tédio de criar projetos para um bombardeiro que provavelmente jamais seria construído quando começou a sentir o que achava — esperava — ser uma gripe. Após dias de febre e delírios, ele se recuperou e descobriu que sua visão tinha sido alterada: antes quase cego de tão míope, agora via a nível microscópico, ou ao nível dos melhores telescópios óticos.

Ele tinha *fokus*.

Havia um efeito colateral: por vários minutos depois do *fokus*, os olhos de Karl reluziam com um vermelho demoníaco. No início ele achou que fosse temporário... mas em algumas semanas, enquanto lutava para controlar o novo “talento”, percebeu que provavelmente seria

permanente, um sinal de seu status de ás. Foi aí que passou a usar óculos escuros.

Odiando o trabalho na Bell e odiando Buffalo ainda mais, Karl resolveu realizar o sonho de sua vida. Escreveu para o famoso diretor Fritz Lang, o homem que tinha feito o primeiro filme de foguetes, *A mulher na Lua*. Lang era amigo de Dornberger e tinha um fraco por projetistas de foguete alemães esquecidos, como Karl von Kampen. O cineasta se ofereceu para dar uma indicação, se Karl um dia fosse para Los Angeles...

Karl empacotou todos os pertences e, na semana seguinte, já estava em Hollywood. Lá, seu *fokus* o tornou de grande valia para qualquer equipe de câmera. Ele foi promovido de assistente de câmera para operador, depois para cinegrafista e em seguida para produtor de *Cátodo*.

Antes que Karl pudesse avaliar o efeito de sua mentira sobre Cranston, a mulher-felina voltou.

— Estão mais amistosos agora que já quebramos o gelo? — perguntou ela, deslizando para o colo de Cranston.

Cranston parecia mais receptivo.

— Você é mesmo persistente, hein?

— Não sei bem o que isso quer dizer. É uma palavra muito grande. — Ela brincou com a orelha de Cranston, para o evidente deleite do engenheiro. — E eu gosto de coisas grandes.

Karl percebeu que também estava gostando da encenação da mulher-felina. Ela notou seu interesse.

— Você é bonito demais para ficar sozinho. Está vendo alguém aqui que gostaria de conhecer?

— Não no momento, obrigado.

A jovem curinga deu uma risada ronronante.

— Ah, é tímido. Mas, afinal, o que vocês dois fazem?

— Ele é um cientista que projeta foguetes — disse Karl, tentando dirigir a atenção da mulher-felina de volta para Cranston.

Para não ficar atrás, Cranston disse:

— Karl aqui é o produtor de *Capitão Cátodo*.

Karl quis matá-lo. Uma coisa era ir a um clube de curingas; outra bem diferente era ser reconhecido em um.

Entretanto, a mulher-felina pareceu gostar.

— Então você conhece Brant e Gene!

— Bastante bem — disse Karl, tentando esconder a surpresa. — Você também conhece?

— É claro! Gene disse que ia tentar conseguir me botar no programa! Turk precisa de uma garota, não acha? Cães e gatos... as crianças iam adorar. E pense em quanto você ia economizar em maquiagem! — Ela deu uma risada rouca. — Só estou fazendo isso para pagar o aluguel, sabe, na verdade eu sou atriz.

Claro que era. Ele sabia também o tipo de atriz. Tinha ouvido falar que havia um mercado crescente para filmes eróticos com curingas.

— Não sabia que eles frequentavam esse lugar — disse Karl. — Eles vêm muito aqui? — Ele usou o *fokus* em seu belo rosto felino... percebeu as gotas cintilantes de umidade em sua penugem... uma sobrancelha erguida... a boca levemente aberta. Em um comum, seriam sinais claros de hesitação.

Ou medo.

A mulher-felina tinha falado demais e de repente pareceu se dar conta disso.

— Não diria que são frequentadores habituais. Eles são só... caras que conheci. Com licença. — Ela se levantou do colo de Cranston.

O projetista de foguetes não pareceu se importar muito com a saída dela.

— Vai ser um longo caminho de volta até Mojave.

— Nesse estado, você vai ter sorte se conseguir chegar a Lankershim.

Karl acompanhou Cranston até a ponta do píer onde uma fila de táxis aguardava. Ele deixou o ex-colega no Roosevelt Hotel e depois disse ao motorista que pegasse a Hollywood Boulevard e fosse até Gower. De lá, ele foi a pé. Era pouco mais de um quilômetro, subindo direto a Gower até a Scenic, depois alguns quarteirões para leste até Beachwood. Ele precisava de tempo para dissipar a bebida. Tempo para pensar.

Podia continuar como estava... inventando episódios de uma série infantil de TV até que ela morresse. Depois outra, depois outra. Até que *ele* morresse. Ou, pior que morrer, saísse de moda. Ele podia vender sua parte do *Cátodo* para a Kellogg's e usar o dinheiro para se sustentar pelo resto da vida. Nada mais de histórias bobas nem de ases traiçoeiros superados por um idiota de uniforme azul.

Ou ele podia aceitar a oferta de Cranston e retomar o trabalho de sua vida.

Mas ele não podia fazer nada até resolver o problema com Brant Brewer.

Seu astro estava frequentando uma boate de curingas. O que podia ser uma explicação para os atrasos cada vez mais frequentes. Mas o que Gene Olkewitz estava fazendo com ele? Pelo que Karl sabia, os dois não passavam de colegas de set. E Olkewitz era sempre pontual.

Na esquina de Gower com Franklin, parou para usar um telefone público e deixou um recado urgente para Edison Hill.

Às oito e meia da manhã seguinte, Karl estava sentado na cafeteria na esquina da Franklin com a Western. Animado pela caminhada da noite anterior e contando com o sol e o exercício para aliviar a ressaca, Karl foi até lá a pé, ansioso para saber o que Edison Hill descobrira.

Mas Edison Hill não estava.

Só lhe restava esperar e ler as novas reportagens do *Herald* sobre o Assassino Medusa. Tinham acontecido sete assassinatos nos últimos vinte meses. Todas as vítimas homens, todos curingas entre vinte e cinco e cinquenta anos. Nenhum deles uma vítima óbvia, como vagabundos, viciados ou garotos de programa. Eram cidadãos tão respeitáveis quanto qualquer curinga poderia ser: ex-militares, advogados, contadores, arquivistas, mecânicos, um dono de posto de gasolina em Glendale e até um bombeiro e dois ex-professores que perderam os empregos quando o Wild Card se manifestou. (Nenhum pai queria curingas perto de seus filhos.)

Nada disso era especialmente relevante para Karl. Ele queria saber sobre o belo, charmoso e misterioso Brant Brewer... o homem que tinha nas mãos seu futuro.

Às nove ele desistiu de esperar, deixou um dólar no balcão e ligou para um táxi. Tinha dado quarenta dólares para um homem que conhecera em um bar de curingas! Teria uma conversa com Jack Braun quando o encontrasse novamente.

Karl von Kampen detestava se sentir idiota.

Ele foi deixado, como sempre, diante do portão principal. Para sua surpresa, Abigail o esperava no estacionamento. Ele a encarou através dos óculos.

— Por que você não está no escritório?

— Porque Saul Greene está à sua espera.

— Deixe-me adivinhar...

— Brant está atrasado de novo.

A cabeça de Karl começou a doer e dessa vez não era culpa de nenhuma ressaca.

— Diga algo mais animador.

— Ontem à noite acharam outro cara morto em Silver Lake... transformado em pedra, Karl.

— Se Saul Greene me criar algum problema, *ele* vai ser achado petrificado em Silver Lake. Mande que ele me encontre no set.

Karl não queria encarar o agente gigantesco em seu escritório; e precisava assegurar o nervoso Korshak de que ele não seria culpado pelos atrasos.

Como era de se esperar, a vaga de Brant Brewer ainda estava vazia, mas ao lado dela havia um Hudson Hollywood preto de duas portas, o tipo de carro que Karl compraria... se fosse comprar um. Pertencia a Saul Greene.

Que de algum modo conseguiu chegar ao set ao mesmo tempo que ele.

— Hoje o dia vai ser quente de novo — disse Greene.

Nas melhores circunstâncias, Karl já não tinha paciência para Greene e aquele tipo de conversa.

— Por que você está aqui e não seu cliente?

— Brant está passando por problemas pessoais. Problemas médicos.

— Então ele está no hospital.

— Ainda não. Sua vida não corre risco...

— Só sua carreira.

Greene tomou Karl pelo cotovelo e conseguiu afastá-lo alguns metros.

— Karl, você e eu nunca fomos grandes amigos.

— Na verdade, somos quase inimigos mortais.

— Mas este é um negócio que funciona com base em amizades, algumas bem improváveis.

— Você quer ser meu amigo, Saul? É essa a questão?

— Eu, não. Mas... você entende bem os atores, Karl?

— Pago a eles muito dinheiro para aparecerem e dizerem suas falas. O que mais preciso saber?

O grandalhão balançou a cabeça, como se estivesse corrigindo o erro de uma criança.

— Os melhores são vazios por dentro, presas fáceis para qualquer entusiasmo ou moda que surja. É o que os torna bons no que fazem... se tornarem outras pessoas.

— Então de algum modo Brant Brewer está incorporando alguém que se atrasa cronicamente?

— Não. Estou dizendo que ele precisa de... compreensão. Flexibilidade.

— Já estamos reorganizando praticamente todos os dias de filmagem, Saul. Você já testou essa teoria com Harold Dann? Não sei por quê, mas suspeito que nosso novo patrocinador não vai ser compreensivo sobre programas que atrasam, ou não existem!

— Você não precisa botar a Kellogg's nisso. Eles só estão interessados em dinheiro.

— E você é o quê? Um altruísta?

— Sou amigo de Brant Brewer. E estou pedindo a você, como alguém que poderia ser seu amigo, para dar um tempo. — Greene se inclinou para mais perto de Karl. Nada em seus modos sugeria amizade. — Pare de mandar alguém segui-lo.

— Nossa conversa acabou, Saul. — Karl levou a mão à porta do set. Só a luz vermelha alertando que as câmeras estavam rodando evitou que ele a abrisse.

— Gostaria que acontecesse com você, Karl? Não concorda que ainda é um momento ruim para que sua, sua... vida particular venha a público? O que isso faria com sua carreira?

Karl encarou o agente.

— Não *me* ameace.

Greene então sorriu e estendeu as mãos.

— Estou apenas dando um conselho de amigo. — Ele se virou, então voltou a cabeça e disse sobre o ombro: — Por falar nisso, você fica bem com esses óculos.

Karl fugiu para o santuário escuro de seu estúdio com as mãos trêmulas e o estômago ardendo.

Saul Greene sabia seu segredo.

Quando Brewer apareceu, pouco antes do almoço, Karl já tinha voltado para o escritório com ordens de não ser incomodado. Havia fumaça no ar, aparentemente vinda de algum incêndio nas colinas. Sirenes distantes. Karl achava tudo aquilo irritante.

Mas agora estava sentindo mais simpatia em relação a Edison Hill. Pelo menos tinha parado de achar que ele era um vigarista. Jack Braun não teria recomendado alguém assim.

Em um impulso, mandou que Abigail arranjasse o endereço residencial e o telefone de Hill. Não gostava de esperar.

Depois tentou se concentrar no roteiro dos próximos episódios de *Cátodo*. Mas suas preocupações com Brewer e Greene e com a Kellogg's, combinadas com a bobagem das histórias mais recentes, além do zumbido monótono do ar-condicionado, deixaram-no frustrado e infeliz.

Ele pensou em seu trabalho com Brant Brewer. Tinha visto apenas o rosto do ator em uma foto 18 x 24, junto com uma breve lista de créditos

que iam de papéis secundários na Broadway até shows ao vivo na TV e algumas participações como ator convidado em outras séries da Ziv. De cabelos negros e olhos azuis, Brewer tinha cara de herói. E na sequência de testes para o papel, mostrou que também sabia falar como um.

Karl e Brewer assinaram um contrato por intermédio de Saul Greene antes mesmo que chegassem a ter uma conversa. E as dificuldades de produzir mais de cem episódios de quinze minutos, com orçamento apertado, em cada uma das duas temporadas tornaram impossível que fossem além disso. Eles nunca foram amigos, nunca jantaram ou beberam juntos. Suas únicas interações sociais tinham sido em eventuais festas de fim de ano.

Ele sabia ainda menos sobre o restante de seu elenco. Olkewitz era outro cliente de Greene que tinha, Karl lembrava, feito os testes caracterizado, já vestindo a máscara de cachorro.

Karl não teria se importado em conhecer Dotty Doyle melhor, mas sua condição de ás complicava sua vida amorosa; o *fokus* desviava seus desejos sexuais normais para sua forma particular de voyeurismo. Além disso, Karl não queria ser conhecido como um produtor que dava em cima das atrizes.

Ao perceber que já eram quase cinco da tarde e que ainda não tinha comido, foi até a antessala de seu escritório, que estava vazia, exceto por um bilhete com o endereço residencial, o telefone de Edison Hill e as palavras: “Tentei este. Número fora de serviço”.

Karl se irritou com a ausência de Abigail, até que se lembrou de duas coisas: ele a autorizara a sair para uma consulta médica. E era a coisa toda com Edison Hill que o estava aborrecendo.

No melhor estilo alemão, ele resolveu tomar uma atitude.

O endereço de Hill era Lookout Mountain, 8777, uma coincidência interessante: Fritz Lang vivia em Lookout Mountain quando Karl o visitou, uma década antes. O local ficava a menos de dez quilômetros dos estúdios do *Capitão Cátodo*.

Mas levou mais de uma hora para chegar lá. A estrada que seguia para o sul pelo Laurel Canyon estava bloqueada por caminhões dos bombeiros em Mulholland Drive.

O motorista do táxi de Karl sugeriu um caminho alternativo que os fez dar uma volta pelos três lados de uma praça, entrar na Woodrow Wilson, pegar um desfiladeiro secundário e depois subir de novo o Laurel pelo norte.

Mais caminhões dos bombeiros obstruíam parcialmente o cruzamento das estradas de Laurel Canyon e Lookout Mountain, mas ainda era possível passar por eles e subir a estrada estreita.

Entretanto, depois de várias curvas, o táxi de Karl chegou ao bloqueio definitivo: um trio de viaturas policiais de Los Angeles.

— Está proibido seguir adiante — disse um policial.

— Eu moro aí. — Ele detestava mentir, mas precisava chegar à casa de Hill.

— Meu amigo, se você mora aí, é melhor ligar para seu corretor de seguros... Quatro casas pegaram fogo e o incêndio ainda não foi totalmente controlado.

Karl retirou os óculos escuros e examinou a parte mais alta da estrada. Várias das casas pequenas e estranhas do cânion, estruturas verticais que, para Karl, lembravam casas em árvores, estavam danificadas ou destruídas. Árvores nas colinas tinham se transformado em troncos fumegantes. Até a sinalização da rua estava coberta de fuligem.

— Mas os caminhões dos bombeiros estão lá embaixo em Laurel.

O policial encarou Karl.

— O senhor deveria dar a volta. Fumaça faz mal aos olhos.

Karl tentou insistir, mas então o motorista ficou impaciente. Depois de uma manobra trabalhosa sob o escrutínio de vários policiais, o táxi seguiu de volta pela estrada.

— Aqui — disse Karl assim que saíram de vista.

Ele pagou o motorista e voltou a pé na direção do que costumava ser a casa de Edison Hill.

Uma das estradas laterais, que formavam algo parecido com uma teia, permitiu que Karl driblasse o bloqueio policial e subisse em paralelo à Lookout Mountain. Ele emergiu do meio de arbustos intocados pelo fogo e viu a cena lá embaixo.

Na encosta enegrecida acima do que antes era o número 8777 da Lookout Mountain havia um objeto estranho... um bloco de pedra que, visto através do *fokus* de Karl, parecia ser a estátua de um homem encolhido de medo... um homem com um bigode fino.

Era uma caminhada longa e cansativa pelo Laurel Canyon, passando pela Hollywood Boulevard (que não tinha nada além de casas naquela extremidade oeste), até a Sunset. Lá ele foi ao Schwab's e ligou para um táxi.

Quando o carro chegou e o estava levando para o leste, na direção de casa, ele considerou mandar o motorista virar para o norte, para a Base Tomlin, da Força Aérea.

Karl von Kampen estava cansado de Hollywood.

Enquanto subia as escadas de seu duplex, sentiu o cheiro agradável de perfume de jasmim, bem melhor do que a fumaça e as cinzas do Laurel Canyon. O ar fresco lhe deu mais ânimo. Ele parou e olhou para trás. Ao

fazer isso, entrou outra vez em *fokus*, espontaneamente, e foi recompensado com uma sequência de imagens nítidas e distantes. Um tordo americano pousado em um cabo telefônico. Uma bola chutada por uma criança da vizinhança em um pequeno quintal nos fundos de casa e imobilizada em pleno voo. Uma nuvem de fumaça saída de um cigarro mais longe, lá embaixo em Beachwood. Uma nuvem de mariposas ao redor de uma lâmpada de rua. Na encosta, um coioote abaixado. Tudo isso ligado por tiras de concreto rachado, folhagem, tubulações e o borrão de carros em movimento.

Mesmo que Saul Greene ou Brant Brewer fosse o Assassino Medusa, ele já tinha enfrentado desafios maiores. Tinha construído foguetes. Tinha sobrevivido ao bombardeio aéreo britânico. Tinha sobrevivido ao Wild Card. Tinha virado um produtor de Hollywood.

Sem dúvida podia encontrar um jeito de controlar Brant Brewer.

A meio caminho da porta, ele foi agarrado. Uma mão em seu braço. Uma mão *invisível*.

— Volte — disse Estelle Blair.

Foi um desafio fazer a volta como se nada tivesse acontecido e ao mesmo tempo tentar identificar um agressor em potencial. Karl não sabia se conseguiria, até que chegou à calçada sem sentir a lâmina de uma faca ou uma bala nas costas.

— Estelle... — disse ele.

— Bem atrás de você.

— O que está acontecendo?

— Dois homens de aparência suspeita e roupas em excesso para esse calor. Começaram a bisbilhotar por aí há mais ou menos uma hora. Eu os ouvi e me tornei mais difícil de achar, se entende o que quero dizer.

Karl ainda estava fazendo o caminho de volta para Beachwood, na direção do mercado da esquina, e de um grupo de pessoas.

— Entendi.

— Acho que iam esperá-lo chegar e depois entrar em casa atrás de você. Um deles estava armado.

Um carro foi ligado. Instantes depois, um Hudson Hollywood passou pela rua de Karl e rapidamente virou na direção sul, para Beachwood.

Havia dois homens de chapéu e sobretudo no interior, um deles grande o bastante para ser Saul Greene.

— Você se meteu em alguma encrenca, Karl?

— É o que parece. — Ele sentira náusea e apreensão nas ruínas carbonizadas da casa de Edison Hill... agora sentia puro medo. Quem quer que tivesse matado Hill, de algum modo havia feito a ligação entre eles.

— Talvez você não esteja enxergando direito por causa dos óculos escuros.

— Pode ser.

Era possível que Estelle também conhecesse seu segredo. Ela podia tê-lo espionado pelos últimos três anos. Uma estupidez a dele ter escolhido como senhoria a única pessoa imune ao *fokus*.

— Bem, meu pai lá em Iowa, que descanse em paz, tinha um método para lidar com pessoas inconvenientes: “Faça com eles antes que façam com você”.

— Estelle — disse Karl. — Eu não poderia concordar mais.

Brant Brewer morava na Drexel Avenue, não longe do Farmer’s Market e do Gilmore Field, ao norte da Miracle Mile, em Wilshire.

O carro parou no Gilmore Field, onde os Hollywood Stars estavam jogando uma partida amadora de beisebol. Karl resolveu caminhar os quatro quarteirões até o endereço de Brewer. Isso lhe daria tempo para refletir mais sobre suas poucas opções.

O sol estava se pondo, oferecendo uma promessa de alívio do calor opressivo, mas a névoa no ar permaneceria por dias. Karl estava grato por ser uma noite sem lua — tinha sido lua cheia naquela noite terrível em Peenemunde, para ajudar ainda mais os bombardeiros britânicos.

Apesar de ter dois andares, a casa de Brewer era de tamanho modesto, situada em um belo terreno por trás de uma cerca, bem escondida da rua.

Karl se aproximou caminhando colado à cerca, usando o *fokus* através das barras e dos arbustos para ver além. Ele viu o Hollywood de Greene estacionado na entrada de carros circular, junto a outros veículos. Com o *fokus*, viu a tinta que descascava na parede da casa e um grilo que fazia grande esforço para atravessar uma rachadura no calçamento.

Não havia obstáculos visíveis. Tampouco armas visíveis.

Karl tinha um plano, e era digno do Capitão Cátodo. Esperava viver o bastante para apresentar o esquema para Willy Ley.

Deu uma última olhada na tranquila vizinhança ao redor e em seguida abriu o portão e caminhou até a porta da frente. Quando começou a ouvir música e risos vindos do interior, recuou. Ainda podia abortar toda a missão... Se a próxima meia hora seguisse o roteiro previsto, aquelas pessoas estariam em perigo.

Também havia a tentação de simplesmente deixar para lá. Assinar o contrato com a Kellogg's e se livrar de Brewer. Que os fabricantes de cereais se preocupassem se Brewer acertava ou não suas marcações de cena.

Não. Brewer não apenas trouxera o caos para a vida de Karl; ele e Saul-Greene quase certamente tinham matado Edison Hill, e quem sabe quantos mais? Eram monstros, versões reais dos curingas vilões perversos de *Capitão Cátodo*. Precisavam ser impedidos...

Karl bateu na porta. No instante seguinte, um surpreso Gene Olkewitz a abriu. Ou melhor, Turk a abriu. Olkewitz estava usando a máscara de cachorro.

Karl meio que esperava aquilo, mas ainda ficou chocado por descobrir que o bom ajudante do capitão não interpretava seu papel apenas para as câmeras.

— É agora que eu digo “*guten abend*”? — perguntou Karl. — Ou devo latir? O que você está fazendo aqui? Por que está usando essa máscara?

— Bocetas curingas — disse Olkewitz, dando um sorriso desagradável. — As garotas curingas são um espetáculo, Führer. E tão *agradecidas*. — O ator se virou como se fosse chamar ajuda. Um Saul Greene irritado abria caminho entre as pessoas.

— Você enlouqueceu? — disse Greene.

— Você queria me ver, Saul. Até foi na minha casa! — Karl sorriu para mostrar que ele, como todo mundo em Hollywood desde antes do cinema mudo, conhecia a velha piada.

Greene apenas gritou:

— Brant!

Brewer caminhava através de um grupo de convidados, todos curingas. E que bando! Uma garota-lagarto. Uma coisa escamosa com pés. Um homem que parecia perfeitamente comum, exceto por um par de antenas na cabeça. Ele também viu a mulher-felina do Menagerie, que se contorcia no colo de um homem gordo com um rosto que parecia ter sido esculpido em carvalho.

Havia mais uma meia dúzia. A festa era o oposto da Arca de Noé. Nenhum curinga tinha um par perfeito. Karl sentiu como se estivesse de volta ao Menagerie. Só faltavam o cheiro de batata frita e o tilintar da música do carrossel. Em vez disso, havia tapeçarias; elegantes sofás brocados; pinturas modernas nas paredes; uma vitrola.

— Não vejo uma televisão — disse Karl quando Brewer o alcançou. — Onde você se assiste?

— Acredita que eu nunca vi um episódio?

Entre as muitas coisas chocantes que Karl descobrira nos últimos dias, aquela era a maior. Que tipo de ator deixava passar a chance de se ver?

— Bem, por que ver televisão em preto e branco quando você tem um público tão interessante como este toda noite? — disse Brewer enquanto Karl notava a deliciosamente real Nora/Dolly com um vestido rosa apertado, os cabelos modelados em um ninho dourado, lábios cor de sangue e os olhos azuis como um mar tropical. Ele nunca a tinha visto tão desejável, nem mesmo em suas fantasias mais vergonhosas.

Ela cumprimentou Karl de longe, então acenou com a cabeça na direção do canto da sala, onde Harold Dann sorria de volta para eles, erguendo um drinque na direção de Karl. Ele não via o homem da Kellogg's havia dias. Duas dançarinas do Menagerie estavam com ele: as Garotas Americanas, a azul no braço esquerdo e a vermelha no direito.

Karl se virou para Brewer e Greene.

— Pelo que vejo, estão comemorando alguma coisa.

Será que ele tinha confundido um acordo por baixo dos panos típico de Hollywood — agente e ator tentando roubar *Capitão Cátodo* pelas suas costas — com assassinato?

Antes que Brewer pudesse responder, Karl foi agarrado por Greene e Olkewitz, cada um segurando-o por um cotovelo.

— Por que não vamos conversar em outro lugar?

Enquanto era arrastado pelo meio das pessoas, Karl captou o olhar de Dolly.

— Vá embora daqui. Tire todos eles daqui. Diga a eles... diga a eles que a polícia está chegando. Uma batida!

— Ah — disse ela.

Eles chegaram ao escritório e fecharam a porta, ficando apenas os três. Olkewitz ficou de guarda do lado de fora.

— Ou você é louco ou o homem mais corajoso do mundo — disse Greene.

— Eu não posso ser os dois?

Brewer virou-se para seu agente.

— Saul...

— Cale a boca, Brant! — Greene olhou para Karl. — Na verdade você é muito burro, Karl. Pelo menos para um projetista de foguetes.

— Não sabia que ser burro era uma sentença de morte em Hollywood. Nossa, as ruas iam ficar vazias...

Greene lhe deu um tapa com as costas da mão, uma atitude violenta que surpreendeu Karl tanto quanto machucou.

— Acha que isso é escolha nossa? Você tem sorte! Seu ás o *ajuda*!

— Já chega, Saul!

Brant parecia genuinamente preocupado. Ele segurou Greene e gentilmente afastou o agente corpulento.

— O que vocês são? — perguntou Karl, sentindo gosto de sangue e tocando com a língua um dente mole. — Uma espécie de time?

Brewer não era um ator bom o bastante para ocultar sua reação.

— Nós precisamos um do outro. Saul os petrifica. Enquanto faz isso, eu me alimento. — Ele se virou para o parceiro grande e mal-humorado. — Temos sorte de ter nos encontrado.

— Brant... — O rosto de Greene estava molhado de suor.

— Ele merece saber, Saul! — Brewer parecia aliviado com a oportunidade de confessar. — Ele nos fez ganhar muito dinheiro.

— O quê, um astro de programas infantis e um agente de quarta categoria? — Karl não resistiu e se virou para Greene. — Você só fica com dez por cento do que é sugado de suas vítimas?

Greene ergueu o braço para dar um segundo tapa, mas Brewer o deteve.

— Pare com isso, Saul! — Ele se colocou entre o agente e Karl. — Você já ouviu falar dos viciados em heroína e do que eles passam? Eu trocaria este vício pela heroína na hora. — Ele passou um dedo pela testa, secando o suor. — E o calor só piora tudo.

— Mas o que você pega? Sangue? Ossos...

Greene soltou uma gargalhada.

— Isso, vá em frente, conte a ele!

Surpreendentemente, Brant pareceu envergonhado... incapaz de articular as palavras.

— Saul transforma os corpos e eu tomo as almas. As... personalidades. Não consigo ser um herói... Não consigo interpretar um humano de verdade até fazer isso.

Se não estivesse tão apavorado, Karl teria rido. Então Brant Brewer era o supremo ator, um verdadeiro receptáculo vazio. Por um instante, Karl sentiu pena do homem, até de Greene. Todos no mundo pensavam conhecer o preço físico que o Wild Card cobrava... mas e as alterações

mentais? Que tormentos e torturas tinham sido infligidos em cérebros humanos pelo vírus takisiano?

Então Saul Greene agarrou Karl por trás, um abraço de urso do qual ele sabia que jamais conseguiria escapar.

— Seu amigo Hill se revelou um herói. E você também resolveu ser um. — Karl se sentia ficando pesado, mais denso. Estaria virando pedra?

— Como eu disse, Karl, burrice.

Karl enfiou a mão no bolso.

— Sintam esse cheiro! — disse ele, forçando as palavras. — É gás, e já se espalhou pela casa. Só precisa de um pouco de fogo para explodir até a lua. — Ele conseguiu tirar um isqueiro do bolso.

Brant pareceu preocupado.

— Saul, cuidado com ele!

Mas Saul Greene sorriu e gritou:

— Gene!

A porta se abriu e Olkewitz entrou carregando uma figura que se debatia dentro de um lençol. Ele jogou a trouxa no chão e se sentou sobre ela.

Greene não largara Karl.

— Podemos não enxergar sua amiga invisível, Karl, mas Gene tem um nariz e tanto para um comum: ele a farejou.

A trouxa no chão se retorcia enquanto Brant Brewer delicadamente retirava o isqueiro da mão endurecida de Karl.

— Está tudo bem, Estelle — disse Karl. Ela tinha sido pega. Estava tudo acabado...

Brant parecia surpreso.

— Era esse o seu plano? Entrar aqui e nos explodir?

— Meu plano... — disse Karl, tentando se desvencilhar de Greene. — Era entrar aqui e tentar botar algum juízo na cabeça de vocês! Podem me matar como mataram os outros... mas se eu morrer, não vai ser apenas mais um curinga assassinado. Sou alemão! Sou seu produtor! Eu sou um ás. Quem vai entrar no meu lugar? Alguém mais forte e pior. E quando isso acontecer, quanto tempo vocês acham que conseguem sobreviver? Não seria melhor simplesmente... fazer um tipo de trégua?

Ele se sentia falando para as paredes. Estava preso ao chão, pesado, a pele endurecendo. Tentou usar o *fokus*, mas não conseguiu.

Tudo o que podia fazer era fechar os olhos e morrer.

De repente, a porta se abriu. Houve uma comoção e um grito de Greene:

— Brant!

Karl abriu os olhos e viu que ele e Estelle tinham sido deixados sozinhos. A coberta já tinha sido jogada de lado.

— Você consegue se mexer?

— Consigo — disse Karl, apesar de não ser fácil. Era como se tivesse ficado sentado por horas na mesma posição, como se seus pés, pernas e até as coxas estivessem dormentes.

— Acho que a gente devia dar o fora daqui!

Cheio de dores e com a ajuda invisível e pouco substancial de Estelle, ele andou lentamente e com passos pesados até a sala.

Dolly, Dann e os convidados curingas tinham entendido o recado. As únicas pessoas presentes eram Brant Brewer, Saul Greene e Eugene Olkewitz. Brewer estava na escada, com um isqueiro na mão erguida, para não deixar que Greene o pegasse. Sua pose naquele momento era a mesma que podia ser vista todas as noites em *Capitão Cátodo*.

— Abaixei isso, Brant!

Olkewitz estava entre os dois, ainda com a máscara de cachorro.

— Se afaste, Saul!

Karl começou a correr na direção da porta e saiu aos tropeções para a noite quente de agosto, desesperado para se afastar o máximo possível de Estelle e da casa. Quando chegou ao portão, ouviu o que pareceu ser um pedaço de madeira podre se quebrando...

A casa explodiu em um clarão. Uma mão gigantesca acertou Karl e o empurrou contra um carro estacionado.

Surdo devido à explosão, com as mãos e os joelhos machucados pelo impacto, Karl se encolheu contra a lateral do carro enquanto a bola de fogo crescia acima.

Ele se levantou e se obrigou a olhar, apesar de o próprio ar parecer estar em chamas.

— Estelle!

— Aqui, querido! — A voz veio de trás dele. — Não estou me sentindo muito...

Karl ouviu um baque surdo quando algo caiu no gramado. Ele encarou o desafio de tentar carregar uma mulher invisível nos braços.

Atrás dele, a casa de Brant Brewer estava totalmente envolvida pelas chamas, atingida de tal forma que o segundo andar já havia desabado sobre o primeiro. Nenhum esquadrão de bombeiros conseguiria fazer alguma coisa... quando eles chegassem, não haveria nada além de cinzas.

Duas semanas mais tarde, a caminho da base aérea Tomlin, o ônibus que levava Karl von Kampen parou no lado norte de Palmdale para abastecer.

Esticando as pernas, ainda rígidas por causa do toque de Medusa de Saul Greene, Karl viu a manchete do jornal que o frentista estava lendo:

A ZIV TV apresenta o novo Cátodo
George Reeves, que atuou em... *E o vento levou...*
e em *A um passo da eternidade*.

A oferta da Kellogg's morrera com Brant Brewer. Ótimo. Harold Dann tinha ido embora de Los Angeles e voltado para Michigan no primeiro avião, sem dúvida ansioso para dar o fora antes que alguém fizesse perguntas inconvenientes sobre o que ele estava fazendo naquela festa. Karl não ligava. Ele queria deixar Hollywood, tinha até dado sua Zenith nova para Estelle. Ele devia muito mais a ela, não apenas por salvar sua vida, mas por ajudá-lo a entender por que Brant Brewer tinha se matado.

— Ser um curinga já é bem ruim — disse ela. — Os índices de suicídio são assustadores. Mas atores são as pessoas mais inseguras que se pode imaginar. Nunca sabem por que fazem sucesso ou são populares, apenas que são, durante algum tempo. Brant Brewer deve ter se dado conta de que *Capitão Cátodo* era o máximo que conseguiria ser. E de que quando você descobriu a verdade sobre ele, estava acabado.

Karl von Kampen botou de volta os óculos escuros e olhou para o futuro.

POWERS

David D. Levine

Às 9h35 da manhã do dia 2 de maio de 1960, uma batida inesperada soou à porta do escritório de Franciszek Majewski. A mesa de Frank era a mais próxima da porta; ele apagou o cigarro e se preparou para receber.

— Um momento — disse ele.

A maior parte dos documentos de Frank já estava guardada de maneira apropriada em pastas de cores diferentes para cada classificação, todas perfeitamente alinhadas com as bordas da mesa. Ele guardou aqueles em que estava trabalhando em suas respectivas pastas, e então olhou para os dois colegas de escritório para se assegurar de que tinham feito o mesmo. Apesar de ser cedo naquela manhã de primavera, a sala sem janelas já estava abafada com o calor de Washington. Frias luzes fluorescentes zumbiam acima de arquivos de metal surrados herdados das Forças Armadas, linóleo verde e branco arranhado, mesas cinza marcadas por décadas de queimaduras de cigarro. Os quatro grandes cofres ao longo da parede dos fundos estavam adequadamente identificados por cartões verdes de “abertos”, suas portas fechadas, mas sem trancas durante o horário de trabalho.

Frank estava preparando uma estimativa da Inteligência sobre a capacidade soviética de produção de bombardeiros. Suas pastas continham documentos em russo, alemão, polonês e inglês: reportagens, telegramas interceptados, relatórios de oficiais de campo relatando a descoberta de seus agentes. Estes, apesar de mais recentes e empolgantes, também eram os mais suspeitos... mesmo se os fatos apresentados não fossem desinformação intencional, podiam estar errados, mal interpretados ou ser completamente fabricados por agentes desesperados por dinheiro ou ação. Nada era certo naquele negócio, por isso se chamavam “estimativas”, mas por meio de correlação cuidadosa da informação disponível, um analista inteligente podia produzir uma versão muito próxima da verdade.

O homem à porta era Robert Amory Jr., alto, magro e, ao contrário de Frank, ainda de posse de todo o seu cabelo.

— Que surpresa agradável! — disse Frank, enquanto apertava sua mão.

Robert, o homem que o havia recrutado para a CIA, tinha sido seu superior imediato antes de ser promovido a diretor adjunto da Inteligência. Ele tinha na mão uma pasta vermelha com uma etiqueta de CONFIDENCIAL.

— Preciso falar com você, Frank — disse ele. — Em particular. Venha comigo.

Frank engoliu em seco, tirou os óculos com armação de metal e os limpou com o lenço para disfarçar o desconforto.

Enquanto andavam pelo corredor, seus passos ecoando no piso de lajotas, Frank sentiu o suor escorrer pelo corpo, além do que se esperaria em um dia úmido e quente. Qualquer distúrbio na rotina era

preocupante, e ter a atenção dos superiores era ainda pior. Seria aquele o dia que temia havia tantos anos?

Robert conduziu Frank até uma sala subterrânea pela qual ele jamais havia passado, fechando e trancando a pesada porta à prova de som após entrarem. Quando estavam sentados a uma mesinha que ocupava quase toda a antessala, Robert ofereceu um cigarro — ele fumava Marlboro, que Frank achava forte demais, mas aceitou um de bom grado para acalmar os nervos.

Robert bateu o filtro do cigarro em um pesado cinzeiro de vidro com o emblema da CIA e em seguida extraiu da pasta uma folha de papel.

— Assine aqui.

— O-o q-que é isso? — A pulsação de Frank se acelerou por trás do botão do colarinho.

— Preciso inscrever você em um novo compartimento.

“Inscrever” era o processo de autorizar um agente a ter acesso a determinado compartimento de informações confidenciais. A folha continha uma descrição resumida do compartimento, um projeto de reconhecimento fotográfico que envolvia voos a grandes altitudes sobre a União Soviética, e a declaração habitual de que Frank entendia que a divulgação não autorizada de qualquer informação daquele compartimento implicaria penas que poderiam chegar à prisão perpétua. Robert já havia preenchido o nome de Frank, a data de nascimento e o número do Seguro Social, e Frank assinou com uma sensação de alívio.

Ainda não sabia por que estavam aumentando seu nível de acesso a dados confidenciais, mas qualquer que fosse a razão, significava que seu segredo ainda estava seguro.

Depois que Robert também assinou e guardou o formulário, ele pegou outra pasta em uma das gavetas da sala subterrânea. “Bem-vindo ao

AQUATONE”. Cada compartimento era identificado por um criptônimo, ou codinome, que começava com um prefixo de dois caracteres chamado dígrafo designando sua área geográfica ou operacional. O AQ de AQUATONE indicava que era alguma espécie de recurso técnico.

Robert sacou da pasta uma foto 18 x 24 e a empurrou até o lado oposto da mesa.

— Essa informação não sai desta sala sob nenhuma circunstância. AQUATONE é um de nossos projetos mais secretos.

Com o carimbo de ALTAMENTE CONFIDENCIAL AQUATONE, a foto mostrava um avião... um avião muito estranho. As asas eram bizarramente longas e delgadas, a fuselagem fina como um charuto; poderia ser um planador, exceto pela turbina a jato na cauda. Estava todo pintado de preto, sem qualquer marca ou insígnia que o identificasse.

— Este é o Lockheed U-2 — disse Robert. — Ele tem um teto de voo de setenta mil pés, velocidade máxima de 950 km/h e pode permanecer no ar por até oito horas sem precisar reabastecer. Temos usado esse avião para sobrevoar a Rússia já faz quase cinco anos.

Frank percebeu que a cinza de seu cigarro estava prestes a cair e a jogou no cinzeiro.

— Que tipo de fotos se pode conseguir a essa altitude?

Setenta mil pés era quase no espaço sideral.

Robert deu um sorrisinho maldoso.

— Ótimas fotos. E os soviéticos não têm nada que possa detê-lo. — Ele encarou Frank. — Pelo menos era o que achávamos. Mas, no domingo, um de nossos U-2 não voltou para casa. — Ele entregou a pasta a Frank.

Frank pousou o cigarro no cinzeiro e leu os documentos que ela continha, todos com o carimbo ALTAMENTE CONFIDENCIAL AQUATONE. O avião tinha decolado de Peshawar, no Paquistão, e deveria sobrevoar

Stalingrado, Arcangel e Murmansk à procura de provas da construção de instalações de lançamento de mísseis balísticos intercontinentais, mantendo silêncio absoluto no rádio. Mas agora já haviam se passado mais de vinte e quatro horas do horário previsto para sua aterrissagem em Bodo, na Noruega, e ele devia ser considerado perdido.

— O que aconteceu?

— Não sabemos. É um avião muito temperamental; pode ter sido falha técnica ou erro do piloto. — A última folha na pasta era outra fotografia, um homem com aparência arrogante vestido em um macacão de piloto amarrado com cadarços como se fosse um espartilho antigo. — Esse é o piloto, Francis Gary Powers. É um dos nossos. Todos os pilotos e a equipe de apoio são pessoal da Agência.

O piloto tinha um queixo marcante e olhos escuros. Parecia um pouco mais velho do que o filho de Frank, talvez uns trinta anos.

— Sabemos que o avião caiu em algum lugar na União Soviética. Quero que você descubra o que os soviéticos sabem. Eles o abateram? Será que sequer sabem que caiu? Eles encontraram os destroços, e, se encontraram, o que aprenderam com eles? O avião está equipado com uma unidade de autodestruição, é claro, mas ela pode ter falhado.

— E o piloto?

Um olhar duro, direto.

— Equipado com uma agulha com curare. — Ele tragou e soltou a fumaça pelo nariz. — Mas para conseguir que o avião voe tão alto e tão longe... ele é basicamente feito de papel higiênico, Frank. Se cair, as chances de sobrevivência são de uma em um milhão.

Frank pegou seu cigarro no cinzeiro. Esquecido, ele tinha queimado quase até o filtro. Ele deu um último trago amargo e o apagou.

— Por que eu?

Apesar de o coração de Frank ter desacelerado quando percebeu que seus segredos pessoais não eram a razão daquela visita, ainda se incomodava com a atenção que a missão atrairia.

— Eu conheço você, Frank. O russo é sua língua nativa. Você é observador, e confio em seu julgamento. E se for bem-sucedido nisso, pode ser um grande passo em sua carreira. — Ele deu uma piscadela conspiratória.

— Obrigado. — Frank tentou sorrir.

Naquela noite, Frank chegou em casa às 23h10. Enfiou a chave na fechadura e abriu a porta tentando fazer o mínimo de barulho possível. Mas sua esposa estava acordada, de robe e chinelos, roendo as unhas enquanto olhava fixamente pela janela da sala. Ela se virou para ele quando entrou, o rosto redondo de *babushka* iluminado pelo alívio que imediatamente se transformou em raiva.

— Onde você estava? — perguntou ela com voz tensa.

— Me desculpe por chegar tão tarde, *kochanie* — disse ele e se aproximou para beijá-la no rosto. — Recebi uma missão nova hoje. Fiquei tão enrolado que me esqueci de ligar para avisar.

Na verdade, ele havia passado a maior parte do tempo na sala subterrânea do AQUATONE, onde não tinha linhas telefônicas.

Ela lhe deu um abraço apertado.

— Estava tão preocupada com você, *serduszko* — sussurrou ela ao pé de seu ouvido. — Fiquei com medo de que o CRISE-A tivesse descoberto você.

— Hoje não, *kochanie*. — Ele acariciou seus cabelos. — Hoje não. Nosso segredo está a salvo... por enquanto.

Frank se lembrava de cada detalhe do dia em que aquele segredo se manifestou. Era um belo dia de primavera, em 1952. Frank estava atravessando a C Street, obedecendo ao sinal aberto, quando olhou para a esquerda e viu um Packard 1950 verde quase em cima dele. Frank estava a segundos de se tornar uma massa ensanguentada na rua. De repente, ouviu um ruído alto ressonar em sua cabeça e o carro pareceu reduzir a velocidade até se arrastar.

Frank recuou, sentindo como se estivesse mergulhado em cola, sem conseguir respirar. No instante seguinte, o carro passou correndo. Frank ficou parado e tremendo na rua sem saber o que tinha acontecido e passou a mão pela cabeça suada. Ela voltou cheia de cabelo grudado. Ele sempre soube que ficaria careca, como o pai, mas não imaginava que aconteceria tão rápido.

Outro incidente como aquele ocorreu alguns meses depois, quando o vaso favorito de sua esposa caiu da mesa, e um mês depois disso, quando uma de suas sobrinhas foi ameaçada por um cão perigoso. Frank não tinha se tornado um analista bem-sucedido ignorando informações, por mais inesperadas ou absurdas, e logo teve certeza de que suas experiências não eram apenas subjetivas. Ele tinha desenvolvido uma habilidade extraordinária.

Um ás.

Mas o Joe Caçador McCarthy acabara de começar suas audiências, alegando que um número crescente de ases infestava o governo e isso estava criando um clima nocivo. Parte do trabalho de Frank era entender e prever tendências políticas em outros países, e ele sabia que a vida de um ás no governo em pouco tempo ficaria extremamente desagradável. E, apesar de ter apenas oito anos quando os bolcheviques tomaram o poder na Rússia e forçaram seus pais, nascidos na Polônia, a fugir para os

Estados Unidos, sabia que se destacar da multidão em tempos difíceis podia ser fatal.

No início ele não contou nem à esposa sobre suas habilidades. Mas ela era inteligente e observadora, e quando percebeu como, em momentos de estresse, ele às vezes parecia “piscar”, Frank se viu obrigado a lhe confessar seu segredo. Ironicamente, ela ainda não sabia que ele trabalhava para a CIA.

As audiências de McCarthy agora tinham terminado, mas o medo e a desconfiança em relação aos ases persistiam. Qualquer um que descobrisse ter poderes incomuns era obrigado por lei a se apresentar ao CRISE-A, que os designava para posições em que seus poderes pudessem ser usados para o bem da nação. Mas o CRISE-A só tinha reconhecido dois casos: Lawrence Hague, o corretor de ações telepata, e David Harstein, conhecido como o Embaixador. Nenhum deles jamais voltou a ser visto em público.

Sophia fungou e secou os olhos na manga do robe.

— Me desculpe por brigar com você — disse ela. — Toda vez que você se atrasa eu fico com medo que tenha ido para... você sabe, Nevada.

Uma das teorias mais absurdas sobre o que acontecia com os ases que desapareciam no CRISE-A era que os transportavam para uma instalação ultrassecreta no deserto de Nevada, um lugar do qual nunca tinham permissão para sair, exceto para desempenhar suas obrigações.

— Você sabe que isso é apenas um boato — disse ele.

Mas Frank sabia que os campos de trabalhos forçados na Rússia eram reais, apesar de o governo soviético tentar mantê-los em segredo do próprio povo. Os Estados Unidos nunca fariam uma coisa dessas... fariam?

Outro carro passou. Seu farol entrou pelas frestas da persiana, projetando um arco de luz no teto do quarto, e Frank deu um suspiro e se levantou. Apesar da exaustão e da hora tardia, o sono não vinha.

Enquanto Sophia roncava suavemente na outra cama, Frank vestiu o robe, calçou os chinelos e foi até o escritório. Aquele aposento, com os cálidos painéis de madeira, tinha sido o quarto de seus filhos, e a cúpula da luminária que ele ligou ao entrar ainda era pintada com desenhos infantis de aviões. Mas Jenna, a mais nova, tinha se casado e saído de casa havia três anos.

Ele se sentou diante do tabuleiro de xadrez e abriu *Cem partidas escolhidas*, de Botvinnik, na página marcada “Partida número 89, Tolush vs. Botvinnik, 1945”. Arrumou as peças no tabuleiro com eficiência e começou a jogar a partida do livro, parando no décimo movimento das brancas para pensar as alternativas discutidas por Botvinnik. Tentava apenas ler e jogar as partidas em sua mente, mas segurar e mover as peças tornava as estratégias e os ataques dos jogadores mais claros.

O xadrez tinha lógica. Apesar de a estratégia e os planos dos jogadores estarem ocultos, as regras eram conhecidas por todos, os movimentos eram feitos abertamente, e até um xeque tinha de ser anunciado. Mas a vida real era cheia de perigos ocultos. Se o CRISE-A estivesse vigiando Frank, ele podia nunca saber até ser tarde demais.

Depois de terminar de jogar a partida, Frank bocejou, guardou de volta as peças no estojo, devolveu o livro à estante e foi para o quarto. Quando passou pelo espelho do corredor, os faróis de outro carro que passava iluminaram rapidamente seus membros magros e a barriga que crescia cada vez mais, e ele parou.

Houve uma época, não muito depois de seu poder se manifestar, quando considerou se apresentar ao CRISE-A. Na juventude, ele tinha

fantasias de levar a vida de um destemido agente secreto, com aventuras empolgantes e um codinome. Mas mesmo na época ele já era velho e com a vida encaminhada demais para aventuras, e agora o homem no espelho estava com cinquenta e um anos e parecia ter sessenta.

Frank balançou a cabeça, afastando a imagem, enquanto entrava no quarto e fechava a porta.

Frank se barbeou com uma navalha, usando sabão de barbear em barra, uma caneca e um pincel de pelos de texugo, assim como fazia seu pai. Até o barbeiro de Frank usava um aparelho de barba Gillette e creme de barbear em spray — ele dizia que era mais fácil, limpo e seguro —, mas Frank gostava de se barbear cortando bem rente e da sensação de controle que tinha com uma navalha. A maneira antiga era melhor e sem dúvida mais barata.

Mas às 8h15 da manhã da quinta-feira 5 de maio, Frank lamentou esse hábito quando ouviu a voz de Nikita Krushev no rádio falando sobre uma “aeronave inimiga” ter sido “abatida”. A voz do premier foi imediatamente coberta por uma tradução em inglês, mas Frank já havia escutado o suficiente... demais, na verdade.

Enquanto cuidava do corte no pescoço com um lápis hemostático, Frank xingava baixinho em russo, polonês e inglês. Ele trabalhara mais de catorze horas na quarta-feira, mas não encontrara nada em nenhuma das fontes que estudou que o levasse à conclusão de que os soviéticos sequer soubessem da existência do U-2 caído, e ele tinha entregado um relatório dizendo isso ao deixar o escritório às nove da noite anterior.

Tinha falhado.

O cérebro de Frank se revirava com dúvidas e recriminações enquanto apertava a gravata em torno do pescoço ainda por barbear e úmido com

restos de espuma. O que deixara passar? Havia aquele dado ambíguo, alguma coisa sobre um aumento nas forças de segurança na cidade de Vladimir, mas, apesar de ter achado estranho, não conseguiu correlacionar isso com nenhuma outra coisa, por isso não incluiu a informação no relatório. Talvez devesse ter investigado mais a fundo.

No rádio, Krushev continuava a censurar os americanos pela “invasão agressiva”, acusando-os de “brincar com fogo” e tentando “torpedear” o encontro de cúpula em Paris que se aproximava. Frank girou o dial para mudar de estação.

Era aquele troglodita Elvis Presley, ameaçando “te apertar mais forte do que um urso-pardo”.

Frank não sabia bem quem, Elvis ou Krushev, era a maior ameaça para os Estados Unidos. Indignado, ele desligou o rádio.

Antes mesmo que Frank conseguisse pendurar o chapéu, Galen, seu colega de escritório, o avisou que Robert Amory queria vê-lo assim que chegasse. A secretária de Robert o conduziu até uma sala de reuniões lotada. O ar na sala estava azul de fumaça e Frank não conhecia metade dos homens ali.

Um que não podia deixar de reconhecer era Allen W. Dulles, diretor da CIA. Com seus cabelos e bigodes brancos, óculos sem armação e colarinho antiquado, parecia mais um banqueiro do que um espião. Naquele momento sua expressão estava sombria; o maxilar apertando com força a haste do cachimbo.

— Ainda bem que chegou, Frank — disse Robert depois de fazer as apresentações. — Vamos explicar a situação para o presidente... — Ele puxou o punho da camisa e olhou para o relógio. — Em vinte e cinco minutos, e eu gostaria que você estivesse presente.

A boca de Frank ficou seca.

— Sinto muito por não...

Robert o interrompeu com um aceno.

— Vamos conversar mais tarde sobre o que deu errado. Agora precisamos estar preparados para o que vamos enfrentar.

A sala de reuniões da Ala Oeste usada para o briefing, com seu papel de parede de estampas coloniais e retratos a óleo de generais da Guerra de Independência, lembrava Frank uma sala de espera de dentista. Mas quando o presidente Eisenhower entrou, ele sentiu um choque elétrico. Aquilo era de verdade. Aquilo era história.

Frank nunca havia estado no mesmo aposento que um presidente. O rosto familiar embaixo da careca de Eisenhower parecia cansado e ele mancava levemente ao andar, mas os olhos por trás dos óculos de armação grossa de plástico transparente pareciam penetrantes e inteligentes.

— Bem, senhores — disse ele para todos na sala. — Parece que temos um problema.

A questão a ser debatida era se deviam “confessar”, como disse o presidente, admitir que o avião perdido estava em uma missão de espionagem, ou permanecer fiéis à história inventada para acobertar a verdade, que o U-2 era um avião de pesquisa da Nasa que, por acidente, entrara no espaço aéreo russo. Todos os homens da CIA defendiam veementemente manter o acobertamento; como Dulles dizia: “Apesar de todas as nações espionarem, nenhuma gosta de admitir”. Mas Thomas Gates, o secretário de Defesa, estava preocupado: se Krushev tivesse provas físicas de espionagem, a mentira americana seria desmascarada.

— Não queremos chegar a Paris com essa mancha — disse ele.

Mas o presidente não parecia estar escutando.

— O que eu quero saber é onde está o piloto. Há alguma possibilidade de ter sobrevivido?

Frank ficou impressionado por ver tamanha preocupação com um homem vinda de um general que tinha comandado dezenas de milhares.

Kelly Johnson, da Lockheed, um homem pálido de pele ruborizada, tomou a palavra.

— Bem, senhor — disse o engenheiro, esfregando a testa com um lenço. — A aeronave é equipada com assento ejetável e kit de sobrevivência... mas honestamente, senhor, eles estão lá apenas para tranquilizar os pilotos. — A expressão de Eisenhower se fechou com essa afirmação. — Por razões de segurança, os protocolos de operação exigem que a aeronave passe todo o tempo sobre a Rússia em seu teto de voo ou próximo dele, que é, como sabe, de setenta mil pés. E ninguém jamais caiu de uma altitude como essa e sobreviveu.

Os olhos do presidente se fecharam com força e ele inclinou a cabeça para a frente por um instante. Quando a ergueu, parecia dez anos mais velho.

— Muito bem — disse ele, com os olhos sempre indo de um lado para outro de modo que visse todos na sala. — Se esse é o caso, vamos ficar com a história de acobertamento. Obrigado por seu tempo, senhores.

Enquanto todos na sala se levantavam arrastando as cadeiras sobre o linóleo, Eisenhower balançou a cabeça e murmurou:

— Que Deus tenha piedade de todos nós.

Se Frank estivesse um metro e meio mais distante não teria ouvido isso, e ele ficou tocado pela empatia do homem.

Na sexta-feira, os superiores de Frank pareciam tê-lo perdoado por sua falha, apesar de ele mesmo não ter se perdoado e trabalhar o dia inteiro tentando descobrir o que os soviéticos sabiam do U-2. O *Pravda* tinha publicado fotos dos destroços, e Grechko, o ministro interino da Defesa soviético, fizera um discurso no Soviete Supremo dizendo que o “pirata aéreo americano” tinha sido “abatido”, mas não havia indicação de que os russos soubessem da missão ou das características do U-2.

Existia, porém, uma pequena informação incômoda, ou melhor, falta de informação, que o preocupava. Havia um oficial da KGB em ascensão, um homem ambicioso denominado Geada, que parecia ter sumido da face da Terra em 1º de maio, mesmo dia em que o U-2 desaparecera. Até aquele momento, porém, Frank não tinha nada que ligasse o homem ao U-2 além de uma vaga intuição. Enquanto trancava seus papéis no cofre antes de sair para o fim de semana, decidiu que pesquisaria mais a fundo na segunda-feira.

No sábado, 7 de maio, Frank estava no beco dos fundos de seu prédio lavando seu adorado Rambler 56 quando Sophia abriu a janela do quarto e falou:

— Frank, é alguém chamado Robert. Ele diz que precisa falar com você imediatamente.

Frank jogou a esponja no balde e subiu correndo a escada, dois degraus de cada vez. Ofegante e com as mãos ainda molhadas de água com sabão, ele atendeu a ligação no escritório.

— Você precisa vir para o escritório *agora*. — Robert não parecia satisfeito.

— Sim, senhor.

Não fazia sentido pedir por mais detalhes em uma linha não segura.

Quando Frank chegou ao escritório de Robert, o diretor adjunto entregou a ele um maço amarelo de folhas de fax, sem proferir uma palavra sequer. Eram a transcrição de um discurso que Krushev fizera no Soviete Supremo algumas horas antes.

“Camaradas”, foi como começou o premier, “preciso lhes contar um segredo. Quando fiz meu relatório, deliberadamente evitei mencionar que o piloto estava vivo e bem, e que encontramos os destroços do avião.”

Frank ergueu os olhos, horrorizado.

— Continue a ler — disse Robert.

“Fizemos isso de propósito”, a fala de Krushev continuou, “porque se tivéssemos contado toda a história, os americanos já teriam pensado em outra versão. O piloto está bem e em segurança. Neste momento está em Moscou. O nome dele é Francis G. Powers. Segundo seu depoimento, ele é primeiro-tenente da Força Aérea dos Estados Unidos, onde serviu até 1956, quando se juntou à CIA...”

Havia mais. Muito mais. Nomes, datas, planos de voo, informações precisas. Fotos das câmeras do avião que Krushev descrevera como “decentes”. Até a agulha com ponta embebida em curare com a qual Powers deveria se matar. A história falsa de um avião de pesquisa meteorológica que saíra de sua rota por acidente tinha sido completamente detonada.

Powers seria julgado por espionagem. Se condenado, e os tribunais soviéticos não eram conhecidos por sua leniência, encararia um pelotão de fuzilamento.

Frank largou as folhas sobre a mesa à sua frente e massageou as têmporas. Precisava desesperadamente de um cigarro, mas, na pressa, os esquecera em casa. Naquele instante a porta se abriu de supetão, e Allen

Dulles entrou na sala, com o cachimbo preso entre os dentes. Parecia prestes a falar com Robert, mas então percebeu a presença de Frank.

— O que *ele* está fazendo aqui?

Frank ficou paralisado, posto em xeque pelo olhar do diretor.

— Frank é um de nossos melhores analistas para a União Soviética — protestou Robert.

Dulles o interrompeu, tirando o cachimbo da boca e apontando a haste para Frank.

— Ele falhou completamente em descobrir que Krushev tinha o U-2, muito menos o Powers! Eu o quero *fora* desta operação. Consiga alguém que possa me dizer o que realmente está acontecendo por lá!

Com um último olhar feroz para Frank, ele se virou e foi embora.

Após um momento de choque silencioso, Robert se jogou em sua cadeira.

— Eu nunca o vi com tanta raiva — disse ele. — Nunca.

Frank agarrou a borda da mesa.

— Fiz o melhor que pude com a inteligência disponível, senhor — disse ele, surpreso por sua voz ter saído firme.

Robert pegou um maço de Marlboro na gaveta de sua mesa. Agradecido, Frank também aceitou um.

— Não é só você, Frank. — Robert soltou uma baforada de fumaça ao acender o cigarro. — Tem mais alguma coisa acontecendo por aqui, e seja lá o que for, estão me deixando de fora. — Ele soltou uma nuvem de fumaça. — Sinto muito, Frank. Você realmente fez tudo o que pôde. Infelizmente estava no campo de visão de Allen na hora errada.

Frank deu uma tragada profunda, mas isso não ajudou muito. Apesar de seu coração estar desacelerando, sabia que tinha acabado de causar um grande estrago em sua carreira e talvez igualmente na de Robert.

— Eu também sinto muito.

Pelo menos, disse para si mesmo, não estaria mais no centro das atenções.

Nos dias seguintes, a crise se aprofundou. A Casa Branca emitiu uma nota oficial culpando o “sigilo excessivo” russo, que tornava necessários os voos do U-2, e censurava os soviéticos por atacar um “avião civil desarmado”. Krushev respondeu que Eisenhower era um fantoche dos “militaristas do Pentágono” e de seus “sócios nos monopólios” que eram os verdadeiros governantes do país.

Enquanto isso, em Washington, os democratas aproveitaram a oportunidade para atacar um enfraquecido presidente republicano, dizendo que era “de uma estupidez quase inacreditável” mandar um avião espião sobrevoar a União Soviética imediatamente antes do encontro da cúpula de Paris. Um senador chegou a acusar Powers de ser um agente duplo, o que provocou uma resposta negativa do próprio Eisenhower.

Durante todo esse tempo, o Departamento de Estado negociava com os soviéticos para tentar libertar Powers. Mas estava claro que os russos sabiam estar com as cartas na mão. Recusaram-se a negociar e aceleraram os procedimentos para o julgamento de Powers por espionagem.

Malinovsky, ministro da Defesa soviético, ameaçou que bases aéreas de “cúmplices” dos Estados Unidos usadas em missões de sobrevoo do U-2 podiam facilmente ser “destruídas”. Gates, o secretário de Defesa americano, em uma declaração com palavras cuidadosamente escolhidas, afirmou que os Estados Unidos “defenderiam seus aliados em caso de ataque”.

Finalmente, piscando diante das luzes das câmeras de TV e de cinejornais, Eisenhower fez um pronunciamento.

— Com um peso no coração — disse ele —, tenho que anunciar que os Estados Unidos estão se retirando das conversações de paz entre as quatro potências em Paris. Nas atuais circunstâncias, as perspectivas de paz parecem remotas.

Enquanto ele falava, o Comando Aéreo Estratégico elevou sem alardes sua prontidão para o nível DEFCON 3.

Noite de terça-feira, 10 de maio. Ou talvez nas primeiras horas da manhã de quarta. Frank encarava o tabuleiro de xadrez. Uma espiral de fumaça subia do cigarro entre seus dedos enquanto contemplava a posição final da partida número 90: Romanovsky vs. Botvinnik em 1945. Frank simpatizou com Romanovsky, que cometeu um erro grosseiro no décimo movimento, mas conseguiu consertá-lo. Porém, as jogadas surpreendentes do grande mestre Botvinnik o confundiram. Se ele tivesse conseguido se manter no jogo... mas não conseguira. Romanovsky perdera a concentração e o jogo, e Botvinnik acabou por se tornar campeão russo e, três anos mais tarde, campeão mundial.

O rangido da porta do escritório assustou Frank e o tirou de seu devaneio. Era Sophia, iluminada pela luminária decorada com aviões.

— Venha para a cama, *serduszko* — disse ela. — É tarde.

Frank deu um suspiro, apagou o cigarro e começou a guardar as peças de xadrez em sua caixa.

— Desculpe, *kochanie*. Não consigo parar de pensar naquele piloto do U-2.

Apesar de ter sido afastado do projeto U-2, Frank não conseguia tirar Powers da cabeça. Onde os soviéticos o estavam mantendo? O que

havam descoberto por meio dele? Iam mesmo executá-lo por espionagem? O homem desaparecido da KGB, Geada, incomodava Frank como uma dor de dente. Ele não tinha fatos novos sobre o homem, mas sua intuição insistia que Geada e Powers estavam ligados de alguma forma.

— Talvez você devesse tomar um relaxante muscular.

Frank balançou a cabeça.

— Coitado do rapaz, ele é só um pouco mais velho do que nosso filho.

— Não há nada que você possa fazer para ajudar.

— Bem — Frank estava com o último peão branco na mão —, tenho pensado sobre isso...

— Frank! — O choque em sua voz fez ele se voltar para ela. O rosto de Sophia estava rígido de medo e raiva. — Você não pode estar cogitando se entregar ao CRISE-A!

— Eu tenho uma habilidade única, *kochanie*. Talvez agora seja a hora de usá-la. Pelo bem do país. — Ele estendeu os braços para confortá-la.

— Loucura! — Ela evitou o abraço e caminhou até o outro lado da sala, os braços cruzados apertados contra o peito. — Você não é o Menino de Ouro, Frank, você é um avô! Um burocrata de meia-idade que está ficando careca! Você não gosta nem de comida apimentada! — Ela se virou e ele viu lágrimas escorrendo por seu rosto. — E pense nas crianças! O que as pessoas vão dizer se souberem que o pai delas é... um *deles*?

Frank baixou os olhos para o último peão, ainda em sua mão, e para o compartimento forrado de veludo com sua forma. Cada peça tinha um lugar, e um peão não cabia no espaço projetado para uma rainha. Ele deu um suspiro.

— Você tem razão, é claro.

Os chinelos de Sophia deslizaram pelo chão e ela o abraçou por trás e pressionou seu calor suave contra as costas dele. Frank pôs o peão na mesa e se virou para tomá-la nos braços. Ficaram assim por um tempo, balançando lentamente enquanto se abraçavam.

— Agora venha para a cama — disse finalmente Sophia.

Frank apagou a luz, deixando no escuro o peão em pé ao lado do tabuleiro de xadrez.

Sexta-feira, 13 de maio. Frank estava sentado sozinho em seu escritório, um gorduroso cachorro-quente de rua pela metade esquecido na mesa. Havia duas semanas que não almoçava direito. Em vez disso, cada momento livre era passado pensando no problema de Powers.

Nos últimos dias, a situação internacional já tensa tinha piorado bastante, com bombardeiros soviéticos entrando no espaço aéreo do Alasca e do Canadá e aumentando a intensidade das atividades em bases de lançamento de mísseis de média distância, ameaçando a Turquia e o Paquistão. Mas Frank estava com a atenção voltada para o desaparecido e misterioso Geada. Ele não era mais o único agente da KGB que sumira; outros também haviam saído de cena. Ao relacionar essa informação com as últimas interceptações de transmissões sobre orçamentos de transporte e segurança, Frank tinha deduzido o local do epicentro dessa atividade misteriosa: Vladimirsky Central, uma prisão de segurança máxima na cidade russa de Vladimir.

Powers tinha que estar lá.

Frank estava quase pronto para apresentar essa descoberta aos superiores; só precisava de mais alguns fatos para sustentar sua intuição. Dulles não ia gostar de saber que ele ainda estava envolvido no caso Powers, mas se Frank pudesse produzir um relatório sólido o suficiente,

não teria alternativa se não aceitar suas conclusões. Se tomaria alguma providência a partir dessas conclusões era outra questão, mas isso estava além do controle de Frank.

Ele remexeu nas folhas de papel finas, rosa, pardas e amarelas marcadas com carimbos de CONFIDENCIAL e ALTAMENTE CONFIDENCIAL à procura de provas definitivas. Aquela era a inteligência mais recente... Frank tinha perturbado os agentes de controle de documentos de tal modo que eles lhe davam tudo o que pudessem só para se livrar dele. Era possível que fosse o primeiro a ver aquela informação.

Então, quando leu o relatório de um agente no sonolento subúrbio moscovita de Noginsk dizendo que Roman Andreyevich Rudenko, promotor-geral da União Soviética, tinha sido visto com os generais Borisoglebsky, Vorobyev e Zakharov em um vagão privativo de um trem que seguia para o Leste, sua boca ficou seca.

Rudenko era o equivalente soviético do procurador-geral dos Estados Unidos. Borisoglebsky, Vorobyev e Zakharov formavam a divisão militar da Suprema Corte da União Soviética. E Noginsk ficava no caminho de Vladimir.

Julgamentos de espionagem na União Soviética eram realizados em segredo. Se aqueles quatro estivessem em Vladimir, o julgamento de Powers poderia estar acontecendo naquele exato momento. E Frank talvez fosse a única pessoa que soubesse.

Mas o agente em Noginsk fizera poucos relatórios; Frank não tinha como determinar o quanto aquele era confiável. Precisava de mais informação para ter certeza. Folheando as pilhas e pilhas de papel, examinando e descartando cada folha o mais rápido possível, logo formou um monte de folhas soltas no chão a seus pés.

Então alguma coisa que havia acabado de ler despertou algo em seu cérebro, justo quando seus dedos largaram a folha. Ele remexeu no monte de papel para encontrá-la de novo, amassando e rasgando outros papéis em sua pressa, então a ergueu sob a luz. Era um telegrama interceptado da Central de Prisões para o comandante da orquestra e coral do Exército Vermelho.

“INFELIZMENTE DEVE CANCELAR SUA APRESENTAÇÃO 17 DE MAIO 1960 NA PRISÃO DE VLADIMIR”, dizia em letras cirílicas maiúsculas. “PÁTIO DE EXERCÍCIOS NÃO DISPONÍVEL NESSE DIA.”

Prisão de Vladimir. Suprema Corte. Promotor-geral. Julgamento secreto. Pátio de exercícios.

Execução por pelotão de fuzilamento.

Era uma prova tênue, sem dúvida. Mas Frank havia ignorado suas intuições antes e o resultado fora apenas infâmia e vergonha. Sua especialidade profissional, durante toda a vida, tinha sido produzir estimativas a partir de fatos aparentemente sem conexão, e ele raramente teve tanta certeza sobre uma conclusão.

A data indicada era dali a quatro dias. Três, considerando a diferença de fuso horário entre Washington e Moscou. Para ter alguma chance de salvar Powers, precisava informar seus superiores *imediatamente*.

Frank juntou os documentos de que precisava para confirmar suas conclusões e saiu apressado pela porta. Não parou nem para pegar o chapéu.

Robert estava em um avião rumo a Genebra para uma reunião da OTAN, por isso Frank reuniu coragem e foi falar com Dulles.

— O diretor está em uma reunião na Casa Branca — disse a secretária.
— Ele só volta amanhã.

Mas o caminho de Frank foi barrado pelo guarda na mesa da segurança da Ala Oeste.

— Sinto muito, senhor, o diretor Dulles está em reunião com o presidente. Por favor, aguarde aqui.

— Por quanto tempo? — Frank agarrava a pasta cheia de documentos como se fosse o fio de seu destino.

— Não tenho como dizer, senhor.

Frank se sentou na cadeira indicada, mas só por um instante. Então se levantou e começou a andar de um lado para outro.

Ele olhou para o relógio na parede: 16h15, 23h15 no horário de Moscou. Em quarenta e cinco minutos seria sábado lá. Se Frank estivesse certo, a execução de Powers estava marcada para terça-feira, provavelmente ao amanhecer. Faltavam mais ou menos oitenta horas.

Se ele pudesse apenas voltar o relógio...

Frank parou de repente.

— Sinto muito — disse ao guarda. — Não posso esperar. Vou ter que encontrar outro jeito.

Frank saiu e virou no corredor. Havia outro segurança ali, mas ele estava olhando para fora e Frank estava às suas costas.

Aquilo era loucura. Se fizesse mesmo o que estava pensando em fazer, sua vida mudaria para sempre. Talvez nunca mais visse a esposa e os filhos. E Powers era apenas um homem, um homem que tinha noção ao embarcar no U-2 de que podia nunca voltar de sua missão.

Mas Frank fizera o juramento de defender os Estados Unidos de todos os inimigos, dentro e fora do país. Powers não era apenas um homem... sua vida simbolizava muito mais e resgatá-lo poderia evitar um confronto muito maior. A esposa de Frank talvez não entendesse. Mas o que ele fazia pelo país, fazia por ela e pelos filhos.

Ele agarrou a pasta e se concentrou.

Um farfalhar parecido com o ruído de um vento forte abafou o tique-taque do relógio e outros sons. Do lado de fora da janela, uma bandeira que tremulava congelou.

Frank abriu caminho pelo ar espesso, parecendo geleia, e passou pela segurança da Ala Oeste, que estava sentado à mesa sem piscar. A porta atrás dele pareceu pesada como chumbo, mas depois dela havia um corredor longo e estreito que estava vazio, a não ser por dois fuzileiros armados em rígida posição de sentido ao lado da terceira porta à esquerda.

Por trás daquela porta, como Frank imaginou, havia uma sala de reuniões pequena e escura onde três homens imóveis estavam sentados em torno de uma mesa, olhando fixamente e com expressão sombria para uma tela de projeção no alto. Com a luz do projetor, Frank reconheceu Dulles e Eisenhower; o terceiro parecia vagamente familiar, apesar de Frank não saber seu nome.

Frank olhou diretamente para o presidente, que estava sentado congelado com o retângulo reluzente da tela refletido em seus óculos. Em um instante, Frank se revelaria para ele, e sua vida civil estaria acabada.

Ou podia desistir e ir embora agora mesmo, e ninguém jamais saberia.

Ninguém além do próprio Frank.

Ele respirou profundamente, e o rugido em seu ouvido foi substituído pelo som mais suave da ventoinha do projetor. No instante seguinte, houve outra respiração súbita e ofegante, esta de Dulles, quando percebeu o surgimento repentino de Frank.

— Que diabos!

Imediatamente ele correu para cobrir com a mão a lente do projetor.

Aquele gesto inesperado chamou a atenção de Frank para a tela. Antes que Dulles conseguisse bloquear a luz, ele identificou as palavras AQUATONE e CAPTURADO e RAMPART e PILOTO.

AQUATONE era o criptônimo para o U-2, Frank sabia. E “RA” era o dígrafo para criptônimos relacionados ao vírus Wild Card. Se RAMPART fosse o codinome do piloto do U-2 capturado, isso significava...

— Temos um problema — disse o terceiro homem enquanto acendia as luzes da sala. — Esse homem sabe quem e o que é RAMPART.

De repente, Frank se lembrou de onde conhecia o terceiro homem. Lawrence Hague, o corretor de ações que tinha sido a primeira pessoa recrutada pelo CRISE-A. Um telepata. Ele estava cinco anos mais velho do que quando Frank o vira nos cinejornais, mas aqueles olhos penetrantes e a testa alta eram inconfundíveis. Ainda bem que Frank entrou naquela sala já com a intenção de se revelar.

— Sim, acabei de deduzir a partir de informações do slide projetado que Francis Gary Powers é um ás — disse ele. Para sua própria surpresa, sua voz estava firme. — Vim aqui dizer a vocês que ele já foi julgado e condenado à morte.

A expressão de Eisenhower era grave.

— Como conseguiu entrar aqui?

— Também sou um ás. — Pronto, ele tinha falado. Agora não havia retorno.

— Um ás atrapalhado, talvez... — reclamou Dulles.

Eisenhower se levantou, interrompendo Dulles.

— O que você disse sobre Powers ter sido condenado?

Frank imediatamente expôs a informação da inteligência e sua interpretação dos fatos.

Dulles estava extremamente cético.

— Esse homem não conseguiria encontrar o próprio rabo nem com um mapa e uma lanterna. — Ele torceu o nariz.

— Sei que esta análise tem muitas questões problemáticas — retrucou Frank. — Mas meu erro antes foi não seguir minha intuição. — Ele se virou e falou diretamente para Eisenhower. — Senhor presidente, eu nasci na Rússia antes da Revolução. Tive contato com esses bolcheviques desde seus primeiros dias. Sei como funcionam, sei como pensam e dediquei minha vida a estudar sua política e seu governo. O senhor tem de acreditar que eu *sei* que Powers ou já foi condenado por espionagem ou será em breve, e vai ser executado por um pelotão de fuzilamento no pátio de exercícios da Prisão Central Vladimirsky na terça-feira, dia 17 de maio.

— É esse o seu poder de ás? — perguntou Eisenhower. — Algum tipo de... superdedução?

— Não, senhor presidente. Análise é minha *profissão*. Meu *poder* é fazer o tempo parar. Tudo para, menos eu; do ponto de vista dos outros, pareço me mover instantaneamente. — Ele tinha ensaiado esse discurso em sua mente mil vezes. — Posso fazer uma demonstração, com a permissão do senhor...

Dulles revirou os olhos, mas Eisenhower olhou para Hague, que assentiu.

Frank se concentrou. O mundo começou a rugir, e os três homens congelaram. Abrindo caminho pelo ar pesado e resistente, foi até cada um deles e removeu as carteiras do bolso interno de seus paletós. Ele foi até o canto mais distante da sala antes de liberar o tempo para retomar seu curso normal.

— Aqui — disse ele.

Todos os três homens levaram um susto e giraram para encará-lo, então tatearam os bolsos e foram ficando cada vez mais agitados. Frank ergueu as carteiras. Hague assentiu levemente para ele em sinal de aprovação.

Aquele era o momento pelo qual ele esperava havia cinco anos. Queria saborear seu triunfo... mas apenas se sentia cansado, exausto até o último fio de cabelo, dez anos mais velho. O máximo que conseguia fazer era permanecer de pé.

— Senhor presidente — disse com voz rouca —, eu já vi o quanto Powers significa para o senhor. Por favor, acredite em mim... no que eu sei, no que descobri, no que posso fazer. Deixe-me ajudá-lo de todas as maneiras que eu puder.

Dulles foi o primeiro a se recuperar.

— Senhor, isto é um ultraje — bradou para Eisenhower.

Mas o presidente o ignorou e, em vez disso, se virou para Hague.

— Este homem está dizendo a verdade?

— Pelo que ele compreende, sim.

— Alguma mancha em sua carreira? — Esta pergunta foi dirigida a Dulles.

— Ele falhou em identificar que os soviéticos estavam com Powers.

— Ele não foi o único. Mais alguma coisa?

Dulles olhou com raiva para Frank antes de responder.

— Não que seja de meu conhecimento.

Eisenhower encarou Frank longamente, refletindo, e apesar de sua própria exaustão, Frank percebeu que aquele homem realmente carregava o peso do mundo nos ombros, e fazia isso havia quase oito anos.

— Certo — disse ele por fim. — Sr... Mazursky, é isso?

— Majewski, senhor.

Eisenhower se aprumou.

— Sr. Majewski, pelos poderes conferidos pela Lei de Controle de Poderes Exóticos e pelo Recrutamento Especial, eu o ponho sob o comando do Comitê de Recursos Internos do Senado para Empenho dos Ases a partir deste momento. O senhor conhece seus direitos e responsabilidades sob essa lei?

— Sim, senhor.

— O sr. Hague aqui é o diretor do CRISE-A e, a partir de agora, você está subordinado a ele. Larry, por favor, inscreva o sr. Majewski no RAMPART.

Hague puxou uma folha de papel de sua maleta e pediu a Frank que soletrasse seu nome e desse sua data de nascimento e número do Seguro Social. A folha tinha a logomarca do CRISE-A no cabeçalho e se parecia com o formulário de autorização de segurança da CIA, exceto que a descrição do compartimento era apenas algumas breves palavras escritas à mão — “Francis Gary Powers, habilidades e histórico”, a tinta ainda úmida —, e a declaração sobre divulgação não autorizada incluía as palavras “qualquer tipo de divulgação constitui traição” e seu autor está “sujeito a execução imediata, sem julgamento”. Frank engoliu em seco e assinou o formulário, que depois também foi assinado por Hague, Dulles e o próprio Eisenhower.

Hague então explicou que Gary Powers, código de identificação “Olho de Águia”, era na verdade um ás, e o maior recurso de vigilância dos Estados Unidos.

— O poder de ás dele é uma incrível visão à distância — disse Hague.
— Melhor que nossas mais potentes câmeras telescópicas. E ele teve anos de treinamento para entender o que vê. Powers é insubstituível e *precisa* ser resgatado ileso.

Eisenhower agradeceu Hague por sua apresentação e tomou a palavra.

— Esta reunião foi convocada com o objetivo de considerar as alternativas para Olho de Águia e para o controle e a redução de danos diante de sua perda. Entretanto, agora que você está aqui, acredito que tenhamos uma chance de resgatá-lo. A combinação única de seu conhecimento sobre a Rússia, treinamento da CIA e poderes de ás parece ter caído do céu para esta situação. Se eu lembro bem, o russo é sua língua nativa, não?

— *Da* — respondeu Frank. Seu coração batia mais forte à medida que compreendia o que Eisenhower estava prestes a sugerir.

Mas Dulles, que estava remoendo sua raiva em silêncio, naquele momento explodiu:

— Senhor presidente! O senhor não pode estar pensando em mandar este homem para a Rússia! Ele não é um agente, é um analista! Não tem treinamento em estratégias, evasão, resistência a interrogatórios...

— Allen — disse Eisenhower —, cale a boca.

Um tom indefinível de comando em sua voz congelou e imobilizou Dulles.

— Olho de Águia é tão crítico para a segurança desta nação que, por seu resgate, estou pronto para arriscar a vida de nosso novo recurso. — Um frio penetrou no fundo das entranhas de Frank quando percebeu que o presidente estava se referindo a ele. — E para qualquer dano colateral resultante. De qualquer modo, o sr. Majewski não está mais sob seu comando.

Ele desviou os olhos de Dulles, no que Frank interpretou como um gesto intencional de desprezo.

— Sr. Majewski — prosseguiu Eisenhower, agora concentrando a atenção em Frank —, sinto muito por colocar tamanha responsabilidade

sobre o senhor e por expô-lo a uma situação tão perigosa, mas, como tenho certeza de que sabe, seu país precisa do senhor e de suas habilidades únicas. O sr. Hague vai lhe dar o máximo possível em termos de treinamento e assistência antes de sua partida para a missão.

Frank abriu a boca, mas nada saiu. Após algumas tentativas, ele simplesmente assentiu.

O peão que chega à última casa, disse a si mesmo, se torna uma rainha.

Hague o levou até um prédio de escritórios na F Street, supostamente um escritório de advocacia e administração de imóveis, mas que na verdade era a sede do CRISE-A. Lá ele foi submetido a uma bateria de exames médicos, aplicados com educação, mas também firmeza e eficiência por uma equipe que incluía o dr. Thatcher, um homem careca de um metro e meio, barrigudo, de pele totalmente branca, olhos apertados e amarelados e presas, que extraiu sangue de Frank em uma seringa e o *provou* antes de fazer longas anotações em taquigrafia. Era a primeira vez que Frank ficava no mesmo aposento que um curinga, mas tentou permanecer calmo.

Imediatamente depois, Frank foi submetido a uma série de exercícios com o objetivo de estabelecer os limites de seus poderes de ás. Segurou um cronômetro (qualquer coisa que tocasse sua pele era levada com ele para fora do tempo) e manteve o tempo parado pelo máximo que pôde, o que se mostrou ser um total de onze minutos, apesar de parecer muito mais. Com o tempo parado, ele correu e levantou pesos de até catorze quilos. E fez algo que nunca sequer cogitara: levou outro ser humano com ele para fora do tempo, um voluntário que caminhou lentamente enquanto Frank segurava sua mão. O voluntário disse que a experiência tinha sido estranha e assustadora, um turbilhão semiconsciente e

delirante, sem qualquer controle. Era como acordar de um sonho em que estava dirigindo em alta velocidade, mas não sentiu efeitos negativos ao voltar ao estado normal. Quando se juntou um segundo voluntário, Frank foi incapaz de dar até mesmo um único passo.

Depois de todos os testes, ele repetiu o exame médico. Ninguém lhe disse nada sobre o que haviam descoberto, se é que haviam descoberto alguma coisa. Então ele teve permissão de telefonar para a esposa, apesar de o fazer sob supervisão severa, e apenas para lhe dizer que estava em missão especial e não poderia voltar para casa por pelo menos alguns dias.

Àquela altura já eram quase duas da madrugada. Os escritórios do CRISE-A tinham pequenos dormitórios, sem janelas e muito simples, mas, fora isso, confortáveis o suficiente; a porta também não trancava, nem por dentro nem por fora. Frank tirou a gravata e os sapatos e se esticou na cama para descansar um pouco, certo de que sua mente estava cheia demais de perguntas e experiências novas para dormir.

Quando deu por si, estava sendo acordado por um secretário educado que lhe disse serem seis horas. Ele também deu a Frank uma mala grande e surrada com as iniciais cirílicas Ya.G. Ela continha várias mudas de roupa (pesadas, mal ajustadas e mal-acabadas, com etiquetas em russo), sapatos, lenços e outros itens, e o que pareceu aos olhos de Frank um passaporte russo autêntico com sua própria fotografia e o nome de Jacek Grabowski.

Enquanto se barbeava com uma lâmina cega e um sabão grosseiro feitos na Rússia, Frank pensou que era uma coisa boa o fato de não estar acostumado ao creme de barbear suave e lubrificado em aerossol que seu barbeiro insistia para que experimentasse.

No momento em que saiu do banheiro, foi levado às pressas para uma reunião com Hague e vários outros homens com expressões sérias, que lhe deram uma pasta grossa, cheia de papéis: um plano detalhado para o resgate de Powers. Para que tudo funcionasse a tempo, ele teria de partir para a base aérea de Andrews em uma hora. Ele tinha alguma pergunta?

Frank leu o plano enquanto tomava uma xícara de café horrível e comia um donut velho; plano que parecia levar em conta tudo o que ele e o CRISE-A haviam descoberto sobre suas habilidades no dia anterior... ao forçá-las ao máximo. Poderia dar certo, pensou, desde que nada inesperado acontecesse e Frank mantivesse o mesmo nível de desempenho.

Mas havia uma parte que Frank era contra. Ele seria acompanhado por um agente de campo experiente para ajudá-lo a entrar e sair do país, mas o plano exigia que o agente acompanhasse Frank até o interior da prisão e depois, quando Frank resgatasse Powers usando seu talento, o agente teria que dar seu jeito de sair de lá por conta própria.

— Vou para a Rússia tirar um homem de uma prisão à prova de fuga — disse Frank, pressionando o indicador com força sobre o mapa da cadeia. — Não vou deixar outro homem para trás em seu lugar.

As mãos de Hague se entrelaçaram sobre a mesa.

— Esse é o trabalho dele, Frank. E o seu é seguir minhas ordens.

Frank encarou o olhar duro de Hague.

— Não vou fazer isso.

Eles se encararam por um longo momento, enquanto suor escorria pelo corpo de Frank por baixo do pesado paletó soviético. Mas foi Hague quem piscou primeiro.

— Está bem — disse ele, e se virou para um dos outros planejadores do CRISE-A. — Vamos usar o plano alternativo no qual Frank entra e sai da

prisão sozinho.

Frank ficou atônito por Hague ter aceitado tão fácil e rapidamente.

— Não fique tão surpreso — disse Hague, apesar de Frank não ter dito nada. — Eu posso ver claramente até que ponto você vai ceder. — Ele ficou de pé e estendeu a mão. — Acho que você é um tolo sentimental, mas eu lhe desejo boa sorte e boa viagem.

Os planejadores também se levantaram.

Os joelhos de Frank tremiam tanto que ele teve dificuldade para se manter de pé, mas conseguiu.

— Obrigado, senhor. Farei o meu melhor.

O avião no qual Frank embarcou na base aérea de Andrews era um grande Hércules C-130, e ele era o único passageiro.

— Tudo isso para mim? — perguntou ao piloto, um militar da Marinha magro, de olhos azul-claros e com a pele marcada pelo sol, cuja etiqueta de identificação dizia A. DEARBORN.

— Eu voou para onde me mandam. — Ele deu de ombros.

A decolagem foi difícil, com o compartimento de carga vazio chacoalhando e os quatro motores roncando como tornados, mas o voo logo se estabilizou.

— São quinze horas até Helsinque — disse Dearborn. — Incluindo uma escala para reabastecer em Keflavik.

Frank dormiu um pouco, mas, apesar da exaustão, dos protetores de ouvido e do terno de lã soviético, o barulho e o frio o acordaram após algumas horas. Ele releu o plano de resgate até ter certeza de que havia memorizado todos os detalhes. Fez um levantamento do conteúdo de sua mala e contou cada botão em cada camisa. Quando Dearborn passou os controles para o copiloto para descansar e foi oferecer um sanduíche para

Frank, este já havia percorrido todo o caminho do terror ao tédio, passando pelo desespero.

— Imagino que não tenha um tabuleiro de xadrez neste avião, não é?

— Você está com sorte. — Dearborn puxou um diminuto jogo de sua bolsa de viagem, cujas pequenas peças de madeira se encaixavam em furos no tabuleiro. — É sempre bom encontrar outro jogador nesses voos longos — disse Dearborn enquanto arrumava o tabuleiro. — Qual o seu nível?

— Eu... eu não sei. Não costumo jogar contra outras pessoas.

— Ah, então você joga por correspondência? — Dearborn, jogando com as brancas, moveu o peão da rainha.

— Não, eu, ah, só... estudo os jogos dos grandes mestres. Eu os arrumo no tabuleiro e analiso.

Foi surpreendentemente doloroso confessar seu hobby. Ele sabia que o xadrez não era apenas um passatempo intelectual; também era um jogo, para ser jogado com outras pessoas como um tipo de interação social. Mas esse aspecto simplesmente não o interessava.

— Na verdade, não jogo uma partida de xadrez de verdade há... mais ou menos uns dez anos. — Ele moveu o peão da rainha para enfrentar Dearborn.

— Nada como o presente, então. — Dearborn moveu o peão do bispo da rainha na clássica abertura do Gambito da Rainha.

Naquele momento, Frank podia recusar o Gambito da Rainha avançando seu peão do rei, mantendo o controle do centro, ou aceitá-lo e comer o peão que Dearborn acabara de mover e ganhar mais liberdade para agir depois.

Ele se viu incapaz de decidir.

Esticou a mão... então recuou. Repetiu o gesto. A dúvida o consumia.

Após tantos anos de estudos e análises detalhados de algumas das maiores partidas de xadrez da história... ao enfrentar um adversário ele não conseguia nem lidar com uma abertura clássica em um jogo sem importância nem compromisso.

Dulles estava certo. Ele era um analista, não um agente de campo. O que em nome de Deus pensava estar fazendo ali?

— Ei — disse Dearborn. — Tudo bem com você?

— Sim — mentiu Frank e assoou o nariz para esconder as lágrimas. O lenço russo era grosseiro e áspero. Ele o dobrou, enfiou-o de volta no bolso, respirou fundo e capturou o peão de Dearborn.

Ele já tinha aberto mão de tanto controle sobre sua vida. Por que não abrir mão do controle do centro? Isso podia ajudá-lo no final do jogo.

A partida prosseguiu. Dearborn era um jogador enfadonho e conservador, que não conseguia ver além de alguns poucos movimentos à frente, mas de algum modo sempre parecia estar no lugar certo para enfrentar os ataques de Frank.

— Acho que é pura sorte — disse ele ao capturar o cavalo de Frank.

— Não há sorte no xadrez. — Frank avançou o cavalo que restava. — Xeque.

— Talvez. Mas, de algum modo, sempre tenho sorte. Podia ser eu lá, agora, em vez de Francis Gary Powers. — Ele comeu o cavalo de Frank com seu bispo.

— É? — Frank empurrou a rainha uma casa adiante para ameaçar aquele bispo.

— Sim. Fui sondado pelo programa U-2, passei por todos os exames e entrevistas, consegui as liberações, tudo. Mas então peguei caxumba, *caxumba*, acredita? E perdi o prazo para começar o treinamento. Quando estava liberado para voltar a voar, não tinham mais vagas. — Ele moveu o

bispo ameaçado até o outro lado do tabuleiro, mas, assim que soltou a peça, se arrependeu.

— Ah... não era *aí* que eu queria ter deixado. Maluquice. — Ele franziu o cenho, examinando o tabuleiro, e de repente exclamou: — Ei, xeque-mate!

Frank torceu para que não fosse um mau presságio.

Frank foi recebido em Helsinque por um homem corpulento de rosto grande e sisudo que se apresentou em russo como Pyotr Andreivich Malinov. Ele levou a mala de Frank até um enorme sedã Volvo cinza, e Frank achou que fosse apenas o motorista até a porta se fechar e ele lhe entregar o código de confirmação. Era o oficial de campo de Frank, um agente confiável da CIA de longa data que havia trabalhado várias vezes com o CRISE-A.

— Qual seu codinome? — perguntou-lhe Frank. — Como devo chamá-lo?

— Você vai se dirigir a mim como Pyotr Andreivich Malinov. Se não souber meu nome verdadeiro, não corre risco de cometer um deslize e me chamar por ele. E você, pelo que me consta, é apenas Jacek Grabowski, primo um pouco simplório de minha esposa que estou acompanhando até Moscou para a exposição agrícola como um favor para ela. Se fizerem perguntas estranhas, aja como se fosse burro. — Era evidente que ele achava que aquilo seria bem fácil para Frank.

Começou a protestar — era um analista da CIA, era graduado em economia e política internacional —, mas se manteve em silêncio. Sua vida dependia daquele homem, que sabia o que fazia. Não tinha sentido antagonizá-lo.

“Malinov” mal falou com Frank enquanto seguiam de carro até a estação de trem de Helsinque e, assim que se instalaram em suas poltronas de segunda classe, ele puxou o chapéu sobre os olhos e dormiu. Frank foi tomado pela raiva. Aquele era o homem que devia protegê-lo? Mas estava morto de cansaço e, apesar da poltrona desconfortável e das muitas preocupações, em pouco tempo seus olhos também começaram a se fechar.

Antes de adormecer completamente, Frank achou ter escutado Malinov lhe desejar boa-noite. Talvez o homem nem estivesse dormindo.

Frank acordou assustado com um cutucão forte nas costelas. Quatro guardas de fronteira russos com capacetes de aço e metralhadoras penduradas nas costas por cima dos longos sobretudos verdes, abriam caminho pelo vagão.

— Passaporte — sussurrou Malinov.

Mas o passaporte de Frank não estava no bolso do casaco. Rapidamente procurou nos outros bolsos do casaco, nos bolsos das calças, embaixo dele na poltrona.

— Me... me desculpe. — Sua pulsação martelava nos ouvidos.

— Encontre-o — murmurou Malinov.

Dois dos guardas se aproximaram.

— Passaportes — disse um deles bruscamente.

Malinov entregou seu passaporte.

— Mil perdões, mas meu primo parece ter perdido o dele. — Ele bateu com o indicador na têmpora em um gesto significativo e sorriu. — Ele é polonês.

Frank jamais teria imaginado que seria capaz de sentir outras emoções em meio a tanto terror, mas descobriu que a raiva pela ofensa étnica conseguiu brotar mesmo enquanto tateava os bolsos. Malinov e os

guardas riram à custa de Frank, o que se transformou em gargalhada quando o documento surgiu no bolso da camisa dele.

O guarda abriu o passaporte fraudulento de Frank.

— Por favor, me confirme sua data de nascimento.

O coração de Frank quase parou. Não conseguia se lembrar da data de nascimento que constava no documento falso. Seria a dele mesmo? Se não fosse, qual seria? Segundos agonizantes se arrastaram... dessa vez, era ele que estava congelado, enquanto o resto do mundo se movia.

— Polonês — repetiu Malinov e deu de ombros.

Dessa vez, até o homem na poltrona do outro lado do corredor se juntou aos risos. Ainda rindo, o guarda devolveu o passaporte a Frank e seguiu pelo corredor.

— Você não precisava me insultar desse jeito — disse Frank quando os guardas foram para o vagão seguinte. O ritmo de seu coração tinha desacelerado para apenas duas vezes a velocidade normal.

— O riso reduz as desconfianças — respondeu Malinov. — E isso tirou você de uma encrenca. — Ele deu de ombros. — O que mais queria que eu fizesse?

Mais tarde ele se deu conta de que podia ter usado seu poder para procurar o passaporte, ou para examiná-lo enquanto o guarda o tinha nas mãos. Mas isso não lhe ocorreu quando poderia ter sido de alguma ajuda. Oito anos escondendo seus poderes, fingindo não ser diferente de ninguém, fizeram com que, no momento crucial, ele se esquecesse do que era capaz.

O que em nome de Deus pensava estar fazendo ali?

Talvez, no fim das contas, Dulles tivesse razão.

Na terça-feira, 17 de maio, às três da manhã, horário de Moscou, Frank estava parado tremendo sob a chuva diante do portão da Prisão Central de Vladimírsky e se sentindo muito pequeno.

Os muros da prisão se erguiam altos; a chuva que respingava no rosto de Frank formava halos brilhantes ao redor dos holofotes instalados em intervalos ao longo do topo dos muros. Guardas armados com cães patrulhavam o perímetro; o interior era uma confusão de portas operadas por controle remoto, projetadas para tornar impossível uma fuga. Aquela era a prisão mais segura da Rússia.

Frank entraria ali andando e depois sairia da mesma forma, com Powers.

Mesmo com a habilidade de Frank, o resgate só seria possível graças ao agente infiltrado dentro da prisão. O mapa detalhado fornecido por ele indicava a Frank alguns lugares para descansar, fora de vista, quando seu poder estivesse diminuído; a lista de horários precisos a cumprir que tinha agarrada na mão, enfiada fundo no bolso do casaco, ia fazê-lo passar por aquelas portas trancadas.

O primeiro desses horários era 3h05; ainda faltavam cinco minutos. Frank conferiu o relógio, mas nem seus poderes podiam fazer aquele ponteiro dos minutos andar mais rápido.

A chuva de Moscou tinha gosto de concreto e enxofre.

Finalmente bateu 3h05. Frank respirou fundo e se concentrou.

O rugido do tempo imobilizado atacou seus ouvidos exaustos. Gotas de chuva se detiveram em meio à queda, cada uma delas se revelando um disco achatado irregular, sem nada da forma de uma gota de chuva. Frank abriu caminho pelo ar pegajoso. As gotas suspensas batiam em seu rosto ou eram absorvidas pelo casaco.

Ele simplesmente passou pelo portão externo, uma cancela com faixas diagonais vigiada por dois guardas paralisados em seus sobretudos, em meio à chuva imóvel. A porta da prisão em si não estava trancada, nem as duas portas seguintes, e os guardas nelas não apresentaram problemas. Mas abrir e fechar as portas exigia um esforço considerável. Mais pesadas e duras que portas normais, para Frank cada uma parecia pesar quase cinquenta quilos. Ele estava literalmente trabalhando contra o tempo.

Então veio o primeiro dos obstáculos sérios: um cubículo de passagem com portas pesadas de aço e vidro dos dois lados, cada uma trancada por uma fechadura com barra de segurança que só podia ser aberta apertando um botão na cabine do guarda que ficava entre as portas. Mas o espião tinha prometido destrancar as duas por um minuto, entre 3h05 e 3h06, e Frank passaria despercebido.

Ele olhou instintivamente para o relógio ao se aproximar da primeira porta e sentiu um momento de pânico: ele marcava 3h13. Mas claro que aquilo refletia seu tempo pessoal. O relógio na parede estava congelado em alguns segundos após as 3h05. Ele pôs seu peso contra a porta e, com pesada relutância, ela se abriu. A segunda passagem também estava destrancada, graças a Deus!, mas foi preciso ainda mais esforço para abri-la.

Depois de fechar a segunda porta, Frank se apoiou contra a parede de concreto e inspirou diversas vezes, ofegante. Mas não havia como descansar estando fora do tempo. Até respirar era trabalhoso. Ele tinha de chegar ao primeiro local de esconderijo antes de ficar cansado demais para continuar.

As luzes frias no interior da zona de segurança agrediram os olhos de Frank enquanto ele se esgueirava pelo ar denso e resistente a caminho da segurança de um armário de produtos de limpeza e manutenção. Quando

chegou lá, sua visão estava começando a ficar turva, e foi um esforço destravar o trinco e abrir a porta. Assim que ele a fechou e mergulhou em uma bendita escuridão, liberou seu poder. Tremendo, ele se deixou deslizar pela porta até sentar no chão, ofegando o mais silenciosamente possível. O armário sujo e escuro era frio e cheirava a água sanitária, mas ainda era melhor do que o rugido e a imobilidade sobrenaturais do mundo fora do tempo.

O horário seguinte do agente infiltrado era às 3h15. Dez minutos de descanso não dariam conta. Dez minutos de espera impotente dentro de um armário escuro, tremendo de medo cada vez que uma pessoa passava pisando firme e fazendo barulho do outro lado da porta, eram demais.

Ele imaginava a porta se abrindo de repente, enchendo o espaço apertado e atulhado de luz e exclamações de surpresa. Se isso acontecesse, podia congelar novamente o tempo e escapar, mas acabaria com o plano e podia provocar um alarme. E onde se esconderia antes do próximo horário possível de saída?

Finalmente, finalmente, os ponteiros fluorescentes marcaram 3h15. Contente por deixar aquele armário fedorento, e com medo de enfrentar o rugido do tempo congelado, ele se concentrou e conjurou seu poder.

Teve de usar toda a sua força para abrir a porta petrificada.

Nunca antes Frank passara tanto tempo fora do tempo. Cada passo era como escalar uma montanha; cada porta que abria e fechava era a rocha de Sísifo.

ÁREA DE SEGURANÇA MÁXIMA, diziam as letras cirílicas pintadas com estêncil na porta onde deveria estar no próximo horário marcado. Era uma porta de correr, operada eletricamente e, apesar de destrancada como prometera o agente infiltrado, Frank não teve forças para abri-la. Ele encontrou um cassetete de aço encostado em um canto e o usou como

alavanca para abrir a porta o bastante para que pudesse se espremer e atravessá-la. Depois teve de guardar de volta o cassete no lugar, com cuidado para colocá-lo na mesma posição inicial. Droga, qual das extremidades estava para cima? Estava cada vez mais difícil raciocinar.

Já do outro lado, ele se virou... e imediatamente deu de cara com um rosto sombrio e carrancudo. Ele recuou em pânico e bateu com a cabeça na porta de metal às suas costas antes que a razão superasse a reação instintiva. O homem grande e musculoso no uniforme de coronel do Exército soviético, cuja etiqueta de identificação dizia POLYAKOV, estava congelado como tudo o mais na prisão, petrificado no ato de se dirigir com raiva para a porta da qual Frank acabara de surgir. Frank se apoiou contra a porta por um instante, esfregando a cabeça e se censurando pela burrice.

Espere. Polyakov? Aquele nome não era estranho.

Era um dos nomes listados pela CIA como uma das possíveis identidades do oficial da KGB conhecido como Geada pela agência americana. E agora ali estava ele, na Prisão Central de Vladimirsky, na ala de segurança máxima onde Powers estava sendo mantido. Frank estivera certo todo o tempo, e agora tinha até o nome daquele homem.

Ele se permitiu um momento de triunfo e satisfação, estalando os dedos embaixo do nariz imobilizado do agente da KGB antes de passar por ele e seguir pelo corredor. A cela de Powers, de número 37, era a primeira à direita, com o nome POVRZ, “Powers” em cirílico, escrito a giz acima da porta.

Agora não havia nada entre Frank e o sucesso.

Mas a porta não abria.

Frank tentou de novo, empurrando a tranca para baixo com toda a força. Ela não se moveu.

O agente infiltrado devia ter providenciado para que a porta ficasse destrancada entre 3h10 e 3h40. Todo o resto tinha corrido exatamente como planejado.

Frank tentou abrir a tranca mais uma vez. Nada.

Procurou ansiosamente por outro modo de abrir a porta, mas ela era de aço maciço e pesado, o mecanismo e as engrenagens de sua tranca bem protegidos e reforçados, e não havia nada naquele corredor de concreto vazio que pudesse usar contra ela. Chegar tão longe e superar tanta coisa só para ser vencido por uma simples fechadura!

Não, espere. A chave. Polyakov, congelado no momento em que vinha da cela de Powers, tinha que ter a chave.

Frank caminhou com dificuldade através do ar que parecia ainda mais denso que antes. Não demorou muito para localizar o volume das chaves no bolso da calça de Polyakov, mas a posição de sua perna e seu braço petrificados tornavam impossível que Frank as pegasse. Ele cogitou mover o braço à força ou usar seu canivete para cortar o bolso, mas as duas ações assustariam Polyakov e o fariam disparar o alarme. E Frank tinha outro horário marcado em dez minutos para passar de volta com Powers na saída.

Ele *precisava* pegar a chave com Polyakov, e de uma maneira que ele não percebesse.

Ele se moveu até uma posição atrás de Polyakov, se certificando de que não estivesse no campo de visão de ninguém. A porta de correr estava cerca de vinte centímetros aberta, mas os olhos de Polyakov estavam baixos... teria que correr o risco.

Ele liberou o tempo para correr em seu ritmo normal.

— ... matar o idiota que a deixou destrancada... — murmurava Polyakov enquanto andava.

Parar o tempo assim tão depressa de novo era como tentar parar o jato no meio de uma mijada demorada e forte, mas de algum modo Frank conseguiu. Ele inspirou o ar pegajoso e então foi até o lado de Polyakov.

O bolso agora estava acessível, graças a Deus! Ele pescou as chaves de lá, torcendo para que Polyakov, no meio de um passo, não percebesse a intrusão, e se arrastou de volta até a cela de Powers. A chave marcada com o número 37 entrou na fechadura, apesar de o ato de destrancá-la e abri-la parecer o de puxar um vagão de trem morro acima.

Powers estava deitado de lado na cama. Estava com aparência péssima, os olhos fundos e a boca em uma expressão angustiada, mas sem dúvida era ele.

O coração de Frank bateu forte e sua visão começou a borrar. O rugido em seus ouvidos aumentara e se transformara no barulho de uma locomotiva a toda velocidade. Ele precisava desesperadamente de descanso.

Mas, com as duas portas abertas e as chaves nas mãos, não podia arriscar. Precisava achar uma maneira de seguir em frente.

Frank ergueu Powers de pé à força. Isso provavelmente criaria alguns hematomas, mas não havia alternativa. Caminhando de costas e conduzindo o piloto inanimado pelas duas mãos, ele guiou Powers pela porta, passou pelo congelado Polyakov e pela porta de correr. Então voltou para fechar e trancar a porta da cela, recolocar as chaves no bolso de Polyakov e fechar de volta a porta que encerrava aquele grupo de celas.

— Eu queria poder ver a sua cara — disse ofegante para Polyakov enquanto empurrava com todo o seu peso a tranca da porta — quando descobrir que Powers evaporou misteriosamente de uma cela trancada.

Ele devia levar Powers para o armário da limpeza onde tinha descansado primeiro, mas não tinha condições de chegar tão longe. Já estava começando a se apoiar em Powers mesmo enquanto o conduzia pelo corredor, a visão turvando e os passos cada vez mais vacilantes.

Ali havia um banheiro. Teria de servir.

Ele entrou conduzindo Powers, mal se lembrando de acertar seu relógio com o do corredor antes de fechar e trancar a porta às suas costas.

Tão, tão cansado...

Não, não podia repousar. Ainda não.

Deitou Powers no chão como se fosse uma marionete rígida em tamanho natural. Apoiou-se com todo o peso sobre o peito do piloto e tampou com firmeza sua boca e seu nariz.

Então liberou o tempo.

— Mmmrrrrph! — Powers se remexeu e tentou se desvencilhar de Frank.

De seu ponto de vista, ele tinha sumido do nada de sua cela e agora estava sendo agarrado e sufocado por um estranho. Mas mesmo enfraquecido por dezessete dias sob custódia soviética, ele ainda era mais forte que Frank.

— Fique quieto! — sussurrou Frank no ouvido de Powers, em inglês. — Vim aqui para resgatá-lo!

Powers parou de lutar, apesar de todos os músculos estarem rígidos pela tensão.

— Humf?

— Sou do CRISE-A — murmurou. — Lawrence Hague me enviou. Estou a par de AQUATONE e RAMPART. Ainda estamos dentro da prisão e se formos descobertos aqui morreremos os dois. Está entendendo?

Powers balançou lentamente a cabeça, os olhos arregalados acima da mão trêmula de Frank.

Frank soltou Powers e se encostou na parede, deixando os olhos se fecharem de cansaço. Ele se sentia com mil anos de idade.

— Você é um ás? — perguntou Powers. Ele tinha um sotaque arrastado da Virgínia.

— Sou. Consigo parar o tempo. Mas só por alguns minutos...

— Mais útil do que ser o *Sr. Visão*. — A voz de Powers exalava amargura. Então ele inspirou fundo e soltou o ar. — Humm... Qual o seu nome?

— Franciszek Majewski. É Francis em polonês, inclusive. Como você. Powers revirou os olhos.

— Por favor, me chame de Gary. Só meus pais me chamam de Francis.

— Eu sou Frank.

Eles apertaram as mãos.

Na sexta-feira, 20 de maio, às onze da manhã, Frank entrou no Salão Oval, e o presidente saiu de trás da mesa para cumprimentá-lo. Dulles e Hague, também presentes, ficaram parados de pé. Apesar de honrado pelo gesto, Frank não pôde evitar perceber que Eisenhower não apertou sua mão.

— Não tem problema, senhor presidente — disse ele. — Não sou contagioso.

Frank sabia que estava com um aspecto terrível. Apesar de ter dormido durante quase toda a viagem de volta, incluindo na limusine durante a maior parte do caminho desde a base aérea de Andrews, ele ainda se sentia fraco; tinha perdido muito do cabelo que lhe restava, estava com

leves dores nas juntas, e seu andar tinha se tornado o arrastar de pés de um velho.

Esperava que alguns dias ou semanas de descanso trouxessem de volta sua vitalidade, mas temia que não. Usar seu poder sempre o havia envelhecido de modo não natural, muito mais do que os minutos ou horas que passava fora do tempo, e o esforço sem precedentes que fizera na missão de resgate de Powers com certeza tinha lhe custado muito. Era possível que tivesse perdido cinco anos naquela noite infernal.

— Bem-vindo de volta aos Estados Unidos, Frank — disse Eisenhower, que o acompanhou até uma das grandes poltronas perto da lareira. — Estamos todos orgulhosos do trabalho que você fez por seu país.

Eisenhower deu uma olhada para Dulles e Hague. Hague sorriu e assentiu levemente em satisfação. Dulles, com ar furioso, encarava a ponta de seus sapatos pretos.

Eisenhower pigarreou.

— Allen?

Dulles levou um bom tempo para encarar Frank.

— Você fez um bom trabalho — reconheceu por fim.

— Obrigado — disse Frank, aceitando uma xícara de café servida pelo próprio presidente. — Houve alguma... reação à fuga de Powers?

Essa pergunta o havia atormentado durante toda a viagem de volta. Será que Krushev, já com raiva por causa da invasão de seu território pelo avião espião, iria se sentir ainda mais provocado com o desaparecimento misterioso de Powers de sua prisão mais segura? Será que a missão de Frank tivera como resultado apenas atrasar um pouco o relógio do dia do juízo final?

Eisenhower balançou a cabeça em negativa.

— Admitiram ter perdido Powers, não podiam deixar de fazer isso, depois da coletiva dele em Helsinque. Mas não mencionaram publicamente nada sobre *como* ele escapou, e mesmo em particular eles têm andado menos hostis.

Hague se sentou na poltrona diante de Frank.

— Eles sabem que deve ter sido um ás quem ajudou Powers a escapar — disse ele. — Mas, politicamente, não podem admitir que nossos ases são melhores que os deles. Vão ter que engolir o orgulho e ficar quietos.

Mas Dulles não estava tão otimista.

— Eles também ficaram quietos em relação aos sobrevoos dos U-2 por cinco anos.

Eisenhower lançou um olhar para Dulles.

— Dê um tempo com esse seu pessimismo, Allen. Este é um momento de comemoração. — Ele sacou do bolso uma folha de papel dobrada e a entregou a Frank. Era uma recomendação oficial, no papel timbrado do CRISE-A, assinada pelo presidente e selada com uma fita vermelha. — Isto vai para sua ficha, Frank. Eu adoraria fazer um desfile em carro aberto para você, mas... — Ele deu de ombros. — Você sabe como é.

O homem estendeu a mão.

Após um instante, Frank entendeu o que a mão aberta significava e devolveu o papel. Claro que não podia guardar uma cópia. Como um agente do CRISE-A, ele não existia mais.

Frank engoliu em seco.

— Sei que o senhor não pode reconhecer publicamente meu trabalho, mas... — Sua voz começou a vacilar, e ele fez uma pausa para tentar recuperar a compostura. Eisenhower esperou pacientemente. — Tudo o que peço é que digam à minha esposa que eu morri como um herói a

serviço de meu país. — Ele esperava que as instalações secretas em Nevada tivessem pelo menos ar-condicionado.

Hague piscou.

— Você acha que vamos mandá-lo para a Área 51? — Ele sorriu e balançou a cabeça, e Frank se lembrou de que Hague conseguia ler seus pensamentos. — Não, Frank, isso não passa de um mito. — Ele e Dulles trocaram olhares. — Bem, pelo menos a parte de manter ases prisioneiros lá. Você não vai simplesmente desaparecer. Na verdade, você vai para casa assim que tivermos o seu relatório.

— Você vai continuar na CIA como disfarce — disse Dulles, apesar de ser evidente que ele não gostava da ideia. — E vai desempenhar missões para o CRISE-A apenas quando necessário. Você provavelmente vai passar tantas noites em casa quanto antes. Talvez mais.

— É como ser um espião em seu próprio país — prosseguiu Hague. — E, no seu caso, já sabemos que você consegue manter um segredo.

O peão que chega à última casa se torna uma rainha, pensou Frank. Mas mesmo uma rainha podia ser capturada... ou podia morrer de velhice em cinco anos. Tudo dependia de como a peça era movida. Mas por enquanto ele podia voltar para casa, longe do tabuleiro e guardado em segurança no espaço reservado a ele.

— Obrigado, senhor — disse ele.

— Não, obrigado a *você* — respondeu Eisenhower, e de novo estendeu a mão, dessa vez para apertar a de Frank.

— Bem-vindo ao CRISE-A, agente especial Paratempo.

O JOGO DA CARAPAÇA

George R.R. Martin

Quando se mudou para o alojamento, em setembro, a primeira coisa que Thomas Tudbury fez foi pendurar a foto autografada do presidente Kennedy e a capa esfarrapada da revista *Time* de 1944 que trazia Jetboy como Homem do Ano.

Em novembro, a foto de Kennedy estava toda furada pelos dardos de Rodney. Rod tinha decorado seu lado do quarto com uma bandeira confederada e uma dúzia de pôsteres da *Playboy*. Ele odiava judeus, negros, curingas e Kennedy, e também não gostava muito de Tom. Durante todo o primeiro semestre, ele se divertiu; cobria a cama de Tom com espuma de barbear, escondia seus lençóis, sumia com seus óculos e enchia a gaveta de sua mesa com cocô de cachorro.

No dia em que Kennedy foi morto, em Dallas, Tom voltou para o dormitório lutando para segurar as lágrimas. Rod tinha lhe deixado um presente, usando uma caneta vermelha. Agora, toda a parte de cima da cabeça de Kennedy estava coberta de sangue e, sobre os olhos, Rod desenhara pequenos X vermelhos. Sua língua saía pelo canto da boca.

Thomas Tudbury olhou fixamente para aquilo por um longo tempo. Não chorou. Não ia se permitir chorar. Ele começou a fazer as malas.

O estacionamento dos calouros ficava a meio caminho do campus. A fechadura do porta-malas de seu Mercury 54 estava quebrada, então ele jogou as malas no banco traseiro. Deixou o carro esquentar por bastante tempo no frio de novembro. Devia ter sido uma cena estranha para quem passava por ali; um sujeito baixinho e acima do peso, com corte de cabelo rente e óculos de armação de chifre com a cabeça apoiada no alto do volante como se estivesse prestes a vomitar.

Enquanto saía do estacionamento, viu o Old Cutlass novinho em folha de Rodney.

Tom botou o carro em ponto morto e ficou ali parado por um tempo, refletindo. Olhou ao redor; não havia ninguém à vista. Todos estavam em casa, vendo as notícias. Passou nervosamente a língua pelos lábios e tornou a olhar para o Oldsmobile. Os nós de seus dedos ficaram mais brancos, agarrando o volante. Ele encarava concentrado, então franziu o cenho e *apertou*.

Os painéis da porta cederam primeiro, empurrados lentamente para dentro com a pressão. Os faróis explodiram com pequenos estampidos, um depois do outro. O friso cromado caiu ruidosamente no chão. O para-brisa traseiro se estilhaçou de repente e voaram cacos de vidro para todos os lados. Os para-choques entortaram e caíram, o metal fazendo um ruído em protesto. Os dois pneus traseiros estouraram ao mesmo tempo, os painéis laterais foram empurrados para dentro, depois o capô; o para-brisa se desintegrou completamente. A caixa do motor cedeu, em seguida as paredes do tanque de combustível, então óleo, gasolina e fluido de transmissão formaram uma poça sob o veículo. Àquela altura, Tom estava mais confiante e isso tornava tudo mais fácil. Em sua mente ele tinha o

Old preso em um punho gigante invisível, um punho *forte*, e apertava com toda a força. O barulho de vidro se quebrando e o grito do metal torturado encheram o estacionamento, mas não havia ninguém para ouvir. Ele esmagou metodicamente o Oldsmobile até virar uma bola de metal.

Quando acabou, engrenou a primeira e deixou de vez faculdade, Rodney e a infância para trás.

Em algum lugar, um gigante chorava.

Tachyon despertou desorientado e nauseado, a ressaca latejando ao ritmo dos gemidos mastodônticos. As formas no quarto escuro eram estranhas e desconhecidas. Será que os assassinos tinham vindo novamente naquela noite, será que a família estava sendo atacada? Ele precisava encontrar seu pai. Zonzo, levantou-se e ficou de pé. A cabeça girava, e ele apoiou a mão na parede para se equilibrar.

A parede era perto demais. Aquele não era seu quarto, estava tudo errado, o cheiro... e então as memórias voltaram. Ele teria preferido os assassinos.

Ele se deu conta de que tinha sonhado com Takis outra vez. A cabeça doía, a garganta estava áspera e seca. Tateando pela escuridão, encontrou a correntinha do interruptor da luz do teto. A lâmpada balançou muito quando ele deu um puxão, fazendo as sombras dançarem. Tachyon fechou os olhos para tentar diminuir a náusea. Havia um gosto ruim no fundo da boca. Seu cabelo estava emaranhado e imundo; as roupas, amarrotadas. E pior de tudo: a garrafa estava vazia. Olhou ao redor, impotente. Um quarto de seis metros quadrados no segundo andar de uma pensão chamada QUARTOS, em uma rua chamada Bowery. Para confundir, a vizinhança já tinha um dia sido conhecida como Bowery, Angelical lhe

contara. Mas isso tinha sido antes. A área agora tinha um nome diferente. Ele foi até a janela e abriu as persianas. A luz amarela da rua encheu o quarto. Do outro lado da calçada, o gigante tentava agarrar a Lua e chorava porque não conseguia alcançá-la.

Pequenino, era como o chamavam. Tachyon imaginava que aquilo constituísse humor humano. Pequenino devia ter mais de quatro metros de altura, se conseguisse ficar de pé. Seu rosto era inocente e sem rugas, emoldurado por um emaranhado de cabelos escuros e macios. Suas pernas eram delgadas e de proporções perfeitas. E essa era a piada: pernas delgadas e perfeitamente proporcionais não conseguiam nem de longe suportar o peso de um homem de quatro metros de altura. Pequenino ficava sentado em uma cadeira de rodas de madeira, uma grande coisa mecanizada que deslizava pelas ruas do Bairro dos Curingas sobre quatro pneus carecas retirados dos destroços de um caminhão. Quando viu Tach na janela, ele gritou incoerentemente, quase como se o reconhecesse. Tachyon se virou e se afastou da abertura, tremendo. Mais uma noite no Bairro dos Curingas. Precisava de uma bebida.

Seus aposentos fediam a mofo e vômito, e estava muito frio. QUARTOS não era tão bem aquecido quanto os hotéis que havia frequentado nos velhos tempos. Involuntariamente, se lembrou do Mayflower em Washington, onde ele e Blythe... mas não, era melhor não pensar naquilo. Que horas seriam, afinal de contas? Tarde o bastante. O sol já tinha se posto, e o Bairro dos Curingas florescia à noite.

Pegou o sobretudo no chão e o vestiu. Mesmo imundo, ainda era um casaco maravilhoso, de um belo tom de rosa, com dragonas douradas franjadas nos ombros e laços dourados de fios trançados para prender a longa fileira de botões. Um casaco de músico, dissera-lhe o homem do

brechó da Goodwill. Ele se sentou na beira de seu colchão aos pedaços para calçar as botas.

O banheiro ficava no final do corredor. Sua urina soltou vapor ao jorrar contra o vaso sanitário; as mãos tremiam tanto que mal conseguia apontar direito. Ele jogou água fria cor de ferrugem no rosto e secou as mãos em uma toalha suja.

Quando saiu, Tach parou por um instante embaixo do letreiro rachado que dizia QUARTOS e ficou olhando para Pequenino. Ele se sentiu amargo e envergonhado. E sóbrio demais. Não havia nada que pudesse fazer em relação a Pequenino, mas podia resolver sua sobriedade. Deu as costas para o gigante choroso, meteu as mãos bem fundo nos bolsos do casaco e saiu caminhando apressado pela Bowery.

Nos becos, curingas e bêbados passavam sacos de papel pardo de mão em mão e encaravam quem passava com olhos embaciados. Tabernas, casas de penhores e lojas de máscaras prosperavam. O Famoso Museu de Dez Centavos dos Wild Cards do Bowery (eles ainda o chamavam assim, apesar de o ingresso agora custar vinte e cinco centavos) já estava fechando. Tachyon o havia visitado uma vez, dois anos antes, em um dia em que estava se sentindo especialmente culpado. Ao lado de meia dúzia de curingas de aparência particularmente bizarra, de vinte fetos de “monstruosos bebês curinga” flutuando em potes de vidro com formol e de um cinejornal sensacionalista sobre o Dia do Wild Card, o museu tinha uma exposição de dioramas com bonecos de Jetboy, dos Quatro Ases, de uma orgia no Bairro dos Curingas... e dele.

Um ônibus de turismo passou, rostos rosados comprimidos contra as janelas. Sob as luzes de néon de uma pizzaria ali perto, quatro jovens de jaqueta de couro preto e rostos cobertos por máscaras de borracha encararam Tachyon com visível hostilidade. A atenção o deixou

desconfortável. Tach evitou seus olhares e mergulhou na mente do mais próximo: *Bicha magrela olha só aquele cabelo pintado com certeza ele acha que tá numa banda marcial e gosta de tocar a porra do seu tambor mas espera merda tem melhor vamos encontrar um bom pra gente essa noite e vamos arranjar um que vai gemer quando a gente bater nele.* Tachyon interrompeu o contato, enojado, e apertou o passo. Era notícia velha, e um esporte novo: vá até a Bowery, compre umas máscaras, dê uma surra em um curinga. A polícia não parecia se importar.

O Chaos Club e seu famoso Show de Curingas estava cheio como sempre. Enquanto Tachyon se aproximava, uma grande limusine cinza parou junto ao meio-fio. O porteiro, que usava um fraque preto por cima da bela pelagem branca, abriu a porta com a cauda e ajudou um homem gordo de smoking a sair. Sua acompanhante era uma adolescente de seios fartos com um vestido de noite tomara que caia e um colar de pérolas, o cabelo louro em um penteado alto e bufante.

No quarteirão seguinte, uma mulher-cobra se oferecia, sentada no degrau de uma varanda. Suas escamas reluziam nas cores do arco-íris.

— Não precisa ficar com medo, Ruivo — disse ela. — Ainda é macio por dentro.

Ele balançou a cabeça.

O Funhouse ficava em um edifício comprido com enormes janelas panorâmicas para a calçada, mas o vidro transparente tinha sido substituído por vidro espelhado que não permitia ver o interior. Randall estava parado na frente, tremendo, de casaca, capa e máscara. Parecia perfeitamente normal, até você notar que ele jamais tirava a mão direita do bolso.

— Ei, Tacky — chamou ele. — O que acha de Ruby?

— Desculpe, mas eu não a conheço — disse Tachyon.

Randall franziu o cenho.

— Não, o cara que matou Oswald.

— Oswald? — disse Tach, confuso. — Que Oswald?

— Lee Oswald, o cara que atirou em Kennedy. Ele foi morto ao vivo na TV esta tarde.

— Kennedy morreu? — perguntou Tachyon. Kennedy foi quem permitira sua volta aos Estados Unidos, e Tach admirava a família. Pareciam quase takisianos. Mas assassinato era algo inerente à liderança. — Os irmãos dele vão vingá-lo — disse, e então se lembrou de que as coisas não funcionavam assim na Terra. Além disso, aquele homem, Ruby, aparentemente já o havia vingado. Que estranho que ele tivesse sonhado com assassinos.

— Eles prenderam Ruby — Randall estava dizendo. — Se fosse eu, dava uma medalha para o filho da puta. — Ele fez uma pausa. — Uma vez ele apertou minha mão. Quando estava disputando a eleição contra Nixon, ele veio ao Chaos Club fazer um discurso. Depois, na hora de ir embora, apertou a mão de todo mundo.

O porteiro tirou a mão direita do bolso. Era rígida e quitinosa como a de um inseto, e no meio tinha um agrupamento de olhos inchados e cegos.

— Ele nem vacilou — disse Randall. — Deu um sorriso e disse que esperava que eu me lembrasse de votar.

Tachyon conhecia Randall fazia um ano, mas era a primeira vez que via a sua mão. Queria fazer o mesmo que Kennedy, segurar aquela garra retorcida, acolhê-la, apertá-la. Tentou tirar a mão do bolso do casaco, mas sentiu bile no fundo da garganta e tudo o que conseguiu fazer foi desviar os olhos e dizer:

— Ele era um bom homem.

Randall tornou a esconder a mão.

— Entre, Tacky — disse Randall com simpatia. — Angelical teve que sair para encontrar um homem, mas ela disse a Des para deixar sua mesa reservada.

Tachyon assentiu e deixou que Randall abrisse a porta para ele. Lá dentro, entregou o casaco e os sapatos para a garota da chapelaria, uma curinga de corpinho magro cuja máscara de coruja com penas escondia o que o Wild Card tinha feito com seu rosto. Então ele empurrou a porta interna e entrou, seus pés com meia deslizando com suave familiaridade pelo piso espelhado. Quando olhou para baixo, outro Tachyon o encarou de volta, enquadrado por seus pés; um Tachyon muito gordo com a cabeça parecendo uma bola de praia.

Suspenso do teto espelhado, um lustre de cristal reluzia com centenas de pontos de luz, espalhando seus reflexos pelas lajotas do piso, pelas paredes e pelas alcovas espelhadas, pelos talheres e canecas prateados e até sobre as bandejas dos garçons. Alguns dos espelhos refletiam a verdade; outros eram espelhos distorcidos, de parque de diversões. Quando se olhava para o lado, no Funhouse, nunca se sabia o que veria refletido. Aquele era o único estabelecimento no Bairro dos Curingas que atraía tanto curingas quanto comuns. No Funhouse os comuns podiam se ver retorcidos e deformados e rir, e brincar de serem curingas; e um curinga, se tivesse muita sorte, podia olhar para o espelho certo e se ver como tinha sido um dia.

— Seu reservado está à sua espera, dr. Tachyon — disse Desmond, o maître.

Des era um homem grande e avermelhado; sua tromba grossa, rosada e enrugada estava enroscada em torno de uma carta de bebidas. Ele a

ergueu e com um dedo que pendia da extremidade pediu que Tachyon o seguisse.

— Vai tomar o conhaque de sempre esta noite?

— Vou — disse Tach, desejando ter algum dinheiro para a gorjeta.

Naquela noite, tomou o primeiro drinque por Blythe, como sempre, mas o segundo foi por John Fitzgerald Kennedy.

O resto foi por ele mesmo.

No fim da Hook Road, depois da refinaria abandonada e dos armazéns de importação e exportação, depois de passar pelo pátio da ferrovia com seus vagões de carga vermelhos abandonados, pela passagem subterrânea sob a autoestrada, pelos terrenos baldios cheios de mato e lixo e pelos grandes tanques de óleo de soja, Tom encontrou seu refúgio. Estava quase escuro quando ele chegou, e o motor do Merc fazia barulhos nada promissores. Mas Joey saberia dar um jeito naquilo.

O ferro-velho erguia-se acima das águas poluídas de óleo da baía de Nova York. Por trás de uma cerca grossa de metal de três metros de altura encimada por três fileiras emaranhadas de arame farpado, uma matilha de cães de guarda acompanhou seu carro, latindo uma recepção barulhenta que teria apavorado qualquer um que não conhecesse tão bem os animais. O pôr do sol derramava uma estranha luz cor de bronze sobre as montanhas de automóveis enferrujados, amassados e arrebitados, os hectares de sucata, montanhas e vales de lixo e destroços. Finalmente Tom chegou ao largo portão duplo. De um lado, uma placa de metal avisava: ENTRADA PROIBIDA; do outro lado, outra placa alertava: CUIDADO COM OS CÃES. O portão estava fechado e trancado com uma corrente.

Tom parou e buzinou.

Logo além da cerca ele podia ver o barraco de quatro aposentos que Joey chamava de lar. Havia um grande letreiro montado no topo do telhado corrugado de zinco, com spots de luz amarela para iluminar as letras. Dizia: PEÇAS DE AUTOMÓVEIS E FERRO-VELHO DI ANGELIS. A pintura estava gasta e descascando, resultado de duas décadas de sol e chuva; a própria madeira tinha rachado e uma das lâmpadas estava queimada. Ao lado da casa estavam estacionados um velho caminhão de lixo amarelo, um guincho e o orgulho e a alegria de Joey, um Cadillac cupê 1959 vermelho-sangue com barbatanas de tubarão na traseira e um motor envenenado monstruoso projetando-se acima do capô recortado.

Tom buzinou de novo. Dessa vez com o sinal particular deles, o tema “Supermouse é seu amigo, vai salvá-lo do perigo!” dos desenhos animados do Supermouse que assistiam quando crianças.

Um quadrado de luz amarela se projetou pelo ferro-velho quando Joey saiu com uma cerveja em cada mão.

Ele e Joey não se pareciam em nada. Tinham origens diferentes, viviam em mundos diferentes, mas se tornaram melhores amigos no dia de levar os animais de estimação à escola, no terceiro ano primário. Foi quando ele descobriu que tartarugas não podiam voar, o dia em que se deu conta do que era e do que podia fazer.

Stevie Bruder e Josh Jones o pegaram no pátio do colégio. Estavam fazendo-o de bobinho jogando suas tartarugas de um para o outro enquanto Tommy corria entre eles, com o rosto vermelho e chorando. Quando se entediaram, arremessaram as duas tartarugas no quadrado riscado no muro que indicava a área onde a bola devia ser lançada nos jogos de beisebol. O pastor-alemão de Stevie comeu uma delas. Quando

Tommy tentou impedir o cachorro, Stevie bateu nele e o deixou caído com os óculos quebrados e um corte no lábio.

Teriam feito pior não fosse por Joey Sucateiro, um garoto mirrado com cabelos negros despenteados, dois anos mais velho do que seus colegas de classe, mas que já tinha repetido duas vezes, mal sabia ler, e diziam que estava sempre fedendo porque seu pai, Dom, era o dono do ferro-velho. Joey não era tão grande quanto Stevie Bruder, mas não dava a mínima, nem naquele dia nem em qualquer outro. Ele apenas pegou Stevie pelas costas da camisa, o girou e lhe deu um chute no saco. Em seguida deu um chute no cachorro também, e teria chutado Josh Jones, mas Josh saiu correndo. Enquanto fugia, uma tartaruga morta se ergueu do solo, flutuou até o outro lado do pátio e o acertou bem na parte de trás do pescoço gordo e vermelho.

Joey viu o que aconteceu.

— Como você fez isso? — perguntou Joey, surpreso. Até aquele instante, nem o próprio Tommy tinha se dado conta de que *ele* era a razão de suas tartarugas conseguirem voar.

Aquilo virou um segredo dos dois, o cimento que mantinha firme aquela improvável amizade. Tommy ajudava Joey com o trabalho de casa e a estudar para as provas. Joey se tornou o protetor de Tommy contra a brutalidade casual do playground e do pátio do colégio. Tommy lia revistas em quadrinhos para Joey até que sua leitura melhorou tanto que ele não precisou mais do amigo. Dom, um homem de idade com cabelos grisalhos, barriga de cerveja e bom coração, se orgulhava disso; ele não sabia ler, nem mesmo italiano. A amizade durou por todo o primário e também o ensino médio, que Joey abandonou. Ela sobreviveu à descoberta das garotas, resistiu à morte de Dom DiAngelis e à mudança

da família de Tom para Perth Amboy. Joey DiAngelis ainda era o único que sabia o que Tom era.

Joey arrancou a chapinha de outra cerveja com o abridor de garrafas que trazia preso ao pescoço. Sob a camiseta sem mangas crescia uma barriga de cerveja como a de seu pai.

— Você é inteligente demais para ficar nesse trabalho de merda na loja de conserto de TVs — disse ele.

— É um emprego — respondeu Tom. — Fiz isso no verão passado e agora posso fazer em horário integral. Não importa o tipo de trabalho que tenho. O que importa é o que faço com meu, uh, talento.

— Talento? — zombou Joey.

— Você sabe o que quero dizer, seu babaca. — Tom pôs a garrafa vazia em cima do caixote de laranjas ao lado da poltrona. A maior parte dos móveis de Joey não era o que podia ser chamado de elegante; ele os pegava entre os objetos do ferro-velho.

— Tenho pensado no que o Jetboy disse no fim, tenho tentado entender o que significa. Acho que ele estava dizendo que havia coisas que ainda não tinha feito. Porra, eu ainda não fiz *nada*. Um tempo atrás eu pensei no que poderia fazer pelo país, sabe? Bem, cacete, nós dois sabemos a resposta.

Joey se balançou para trás na cadeira, bebendo sua cerveja no gargalo e sacudindo a cabeça. Atrás dele, a parede estava coberta de estantes que Dom fizera para os garotos quase dez anos antes. A prateleira de baixo tinha apenas revistas masculinas. O restante era de revistas em quadrinhos. Os quadrinhos deles. *Superman* e *Batman*, *Action Comic* e *Detective*, *Classics Illustrated* que Joey tinha usado nos trabalhos de classe, quadrinhos de terror e policiais e quadrinhos de batalhas aéreas.

E, o melhor de tudo, o tesouro dos dois, uma coleção quase completa de *Jetboy*.

Joey percebeu para onde ele estava olhando.

— Nem pense — disse ele. — Você não é nenhum *Jetboy*, porra.

— Não — disse Tom. — Sou mais do que ele era. Sou...

— Um otário — sugeriu Joey.

— Um ás — disse solenemente. — Como os Quatro Ases.

— Eles não eram um grupo negro de *doo-wop*?

Tom corou.

— Você não sabe nada. Eles não eram cantores, eram...

Joey o interrompeu com um gesto brusco.

— Sei que porra eles eram, Tuds. Dá um tempo. Eles eram uns merdas idiotas como você. Todos foram presos ou baleados ou algo assim, não foram? Menos a porra do dedo-duro, qual o nome dele? — Ele estalou os dedos. — Você sabe, o cara do *Tarzan*.

— Jack Braun — disse Tom. Ele tinha feito um trabalho sobre os Quatro Ases para a escola. — E aposto que há outros, escondidos por aí. Como eu. Eu sempre me escondi. Agora chega.

— Então você acha que é só ir até o *Bayonne Times* e dar a porra de um espetáculo? Seu babaca. É a mesma coisa que dizer a eles que você é comunista. Vão mandar você morar no Bairro dos Curingas e vão quebrar todas as janelas da casa do seu pai. Podem até convocar você para servir, idiota.

— Não — disse Tom. — Eu já pensei em tudo. Os Quatro Ases eram alvos fáceis. Não vou deixar que saibam quem eu sou ou onde moro. — Ele usou a garrafa de cerveja que segurava para gesticular vagamente na direção das estantes. — Vou manter minha identidade em segredo. Como nos quadrinhos.

Joey riu alto.

— Sensacional! E vai usar um uniforme justinho também, seu merda?

— Que saco — disse Tom. Ele estava começando a ficar irritado. — Cala a porra dessa boca.

Joey só ficou balançando e rindo.

— Você fala demais, vamos lá — disse Tom com raiva enquanto se levantava. — Levante esse seu rabo gordo daí e vamos lá para fora. Vou te mostrar como sou burro. Vamos, já que sabe tanto.

Joey DiAngelis ficou de pé.

— Eu tenho que ver isso.

Lá fora, Tom esperava com impaciência, alternando o peso do corpo de uma perna para a outra. Sua respiração soltava vapor no ar frio de novembro enquanto Joey foi até a grande caixa de metal ao lado da casa e ligou um interruptor. No alto dos postes, as luzes do ferro-velho se acenderam. Os cães se reuniram ao redor, farejando, e os seguiram quando começaram a andar. O gargalo de uma garrafa de cerveja se projetava do bolso da jaqueta preta de couro de Joey.

Era apenas um ferro-velho, cheio de lixo, sucata e destroços de carros, mas naquela noite parecia tão mágico para Tommy quanto era aos dez anos. Em uma colina, com vista para as águas negras da baía de Nova York, um velho Packard branco assomava como um forte fantasmagórico. E ele tinha sido exatamente isso quando ele e Joey eram crianças; seu santuário, sua fortaleza, seu posto avançado da cavalaria, estação espacial e castelo, tudo em uma coisa só. Ele reluzia ao luar, e as águas abaixo estavam cheias de promessas enquanto batiam contra a orla. Escuridão e sombras jaziam pesadas no ferro-velho, transformando as pilhas de lixo e metal em misteriosas montanhas escuras, com um labirinto de vielas cinzentas entre elas. Tom os conduziu por aquele

labirinto, passou pelo grande monte de lixo no qual brincavam de rei da montanha e duelavam com espadas feitas com peças do ferro-velho, cruzando o local dos tesouros onde tinham encontrado tantos brinquedos quebrados e pilhas de vidro colorido e garrafas recicláveis e uma vez até uma caixa de papelão cheia de revistas em quadrinhos.

Caminharam pelas fileiras de carros enferrujados e amassados empilhados; Fords, Chevys, Hudsons e DeSotos, um Corvette com um capô destruído, espremido como uma sanfona, um monte de fuscas mortos, um elegante carro funerário preto, tão morto quanto os passageiros que havia transportado. Tom olhou para todos eles com atenção. Por fim, parou.

— Aquele — disse ele, apontando para a carcaça depenada de um velho Studebaker Hawk. Ele não tinha mais motor, nem pneus; o para-brisa era uma teia de aranha de vidro quebrado, e mesmo no escuro eles podiam ver os pontos em que a ferrugem acometera os para-choques e as laterais. — Não vale nada, certo?

Joey abriu sua cerveja.

— Vá em frente, é todo seu.

Tom respirou fundo e olhou diretamente para o carro. Suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo. Ele encarou intensamente, concentrado. O carro tremeu um pouco. Sua dianteira se ergueu alguns centímetros vacilantes acima do chão.

— Uaaaaaaau! — disse Joey com ironia, dando um soco de leve no ombro de Tom. O Studebaker caiu com um estrondo metálico, e um para-choque se soltou. — Que impressionante.

— Que saco, fica quieto e me deixa em paz — disse Tom. — Eu consigo, vou mostrar, só cala a porra da boca por um minuto. Eu tenho treinado. Você não sabe as coisas que posso fazer.

— Prometo ficar de bico calado — disse Joey, rindo. Ele deu um gole na cerveja.

Tom virou-se para o Studebaker. Tentou bloquear tudo, se esquecer de Joey, dos cães, do ferro-velho; o Studebaker se tornou seu mundo. Seu estômago estava rígido de tensão. Ele se obrigou a relaxar, respirou fundo várias vezes, foi abrindo os punhos. *Vamos lá, vamos lá, calma, não fique nervoso, vá em frente, você já fez mais do que isso, isso é fácil, fácil.*

O carro se ergueu lentamente, subindo em meio a uma chuva de ferrugem. Tom o fez girar, e cada vez mais rápido. Então, com um sorriso de triunfo, arremessou-o a dez metros de distância. Ele bateu em uma pilha de Chevys e fez tudo desmoronar em uma avalanche de metal.

Joey terminou sua cerveja.

— Nada mal. Há alguns anos você mal conseguia me fazer passar por cima de uma cerca.

— Estou ficando cada vez mais forte — disse Tom.

Joey DiAngelis assentiu e jogou de lado a garrafa vazia.

— Ótimo. Então eu não vou ser problema para você, não é? — Ele deu um empurrão forte em Tom com as duas mãos.

Tom cambaleou um passo para trás, de cara feia.

— Pare com isso, Joey.

— Me faça parar — respondeu Joey. Ele o empurrou de novo, mais forte. Dessa vez, Tom quase caiu no chão.

— Droga, *pare* com isso — reclamou Tom. — Não tem graça, Joey.

— Não? — Ele sorriu. — Eu acho engraçado pra cacete. Mas, ei, você pode me parar, não? Use a droga do seu poder. — Ele chegou mais perto e deu um tapa de leve na face de Tom. — Me faça parar, ás — disse ele, e lhe deu um tapa mais forte. — Vamos lá, Jetboy, me faça parar. — O

terceiro tapa foi ainda mais forte. — Vamos lá, super, está esperando o quê?

O quarto tapa machucou de verdade; o quinto quase virou a cabeça de Tom para trás. Joey parou de sorrir. Tom sentia a cerveja em seu hálito.

Tentou segurar a mão dele, mas Joey era forte demais, rápido demais; ele se livrou de Tom e deu outro tapa.

— Quer lutar boxe, ás? Vou fazer picadinho de você. Babaca. Bundão. — O tapa quase arrancou a cabeça de Tom e o fez lacrimejar de dor. — *Me faça parar*, otário — gritou Joey.

Ele fechou a mão e deu um soco no estômago de Tom com tanta força que ele se dobrou ao meio e perdeu o fôlego.

Tom tentou se concentrar para agarrar e empurrar, mas era como se estivesse novamente no pátio da escola; Joey estava em todo lugar, seus punhos o socando por todos os lados, e tudo o que podia fazer era levantar as mãos e tentar bloquear os golpes, e isso não adiantava muito. Joey era bem mais forte; ele o empurrava e socava, gritando o tempo todo, e Tom não conseguia pensar, não conseguia se concentrar, não conseguia fazer nada além de sentir dor, e estava recuando, cambaleante, e Joey vinha atrás, os punhos erguidos, e o acertou com um *uppercut* que pegou bem em sua boca com uma força que machucou seus dentes. De repente, Tom estava caído de costas no chão, com a boca cheia de sangue.

Joey estava parado acima dele, franzindo a testa.

— Merda — disse ele. — Eu não queria machucar sua boca. — Ele se agachou, pegou Tom pela mão e o puxou com força para levantá-lo.

Tom secou o sangue do lábio com as costas da mão. Também havia sangue na frente da camisa.

— Olhe para mim. Você acabou comigo — disse ele, chateado, e encarou Joey. — Isso não foi justo. Você não pode esperar que consiga

fazer alguma coisa enquanto está me socando, droga.

— Aham — disse Joey. — E enquanto você estiver se concentrando e apertando os olhos, acha que vai ser deixado em paz pela porra dos vilões? — Ele deu um tapinha nas costas de Tom. — Eles vão arrebentar todos os seus dentes. Isso se você tiver sorte e eles não te derem um tiro. Você não é nenhum Jetboy, Tuds. — Ele estremeceu. — Vamos, está frio pra cacete aqui.

Quando acordou na escuridão quente, Tach se lembrava de pouca coisa da bebedeira, mas era assim que preferia. Fez força para se sentar. Os lençóis sobre os quais estava deitado eram de cetim, macios e sensuais e, sob o odor de vômito velho, ainda conseguia sentir um traço leve de algum perfume floral.

Sem muita firmeza, se livrou das cobertas e se sentou na beira da cama com dossel. O chão sob seus pés descalços era acarpetado. Ele estava nu, o ar desconfortavelmente quente em sua pele. Esticou a mão, encontrou o interruptor e estreitou os olhos com a claridade. O quarto era rosa e branco, atulhado de móveis vitorianos, e tinha paredes grossas, à prova de som. Um quadro a óleo de John F. Kennedy sorria do alto, de cima da lareira; a um canto havia uma estátua de gesso da Virgem Maria com um metro de altura.

Angelical estava sentada em uma poltrona estofada de rosa perto da lareira apagada, piscando de forma sonolenta para ele e cobrindo o bocejo com as costas da mão.

Tach se sentia enjoado e envergonhado.

— Tirei você da cama de novo, não foi?

— Tudo bem — respondeu ela.

Seus pés repousavam sobre uma pequena banquetta. As solas eram feias e machucadas, escuras e inchadas apesar dos sapatos com forro especial que usava. Fora isso, ela era linda. Seus cabelos negros caíam até a cintura, e sua pele tinha uma qualidade radiante e corada, um brilho quente de vida. Seus olhos eram escuros e límpidos, mas a coisa mais incrível, o que nunca deixava de surpreender Tachyon, era o calor que emanava, a afeição da qual ele não se sentia nada merecedor. Depois de tudo o que fizera a ela, e ao resto deles, de algum modo aquela mulher chamada Angelical o perdoara e se importava com ele.

Tach levou a mão à têmpora. Alguém com uma serra elétrica estava tentando remover a parte de trás de seu crânio.

— Minha cabeça — reclamou. — Com os preços que cobram, o mínimo que vocês deviam fazer era retirar as resinas e venenos das bebidas que vendem. Em Takis, nós...

— Eu sei — disse Angelical. — Em Takis já foram desenvolvidos vinhos que não dão ressaca. Você já me contou essa.

Tachyon deu um sorriso cansado. Ela parecia impossivelmente bem-disposta, vestindo nada além de uma túnica curta de cetim que deixava suas pernas expostas até a coxa. Era de um vermelho-vinho profundo, lindo contra sua pele. Mas quando ela se levantou, ele viu a bochecha que ela apoiara na poltrona para dormir. O hematoma já estava escurecendo, uma mancha roxa na face.

— Angel... — começou ele.

— Não é nada — disse ela e empurrou o cabelo para encobrir a marca. — Suas roupas estavam imundas. O Mal as levou para lavar. Por isso você é meu prisioneiro durante algum tempo.

— Quanto tempo eu dormi? — perguntou Tachyon.

— O dia inteiro — respondeu Angelical. — Não se preocupe com isso. Uma vez eu tive um cliente tão bêbado que dormiu por cinco meses. — Ela se sentou à penteadeira, pegou o telefone e pediu o café da manhã: torrada e café para ela, ovos, bacon e café forte com conhaque para Tachyon. Com aspirina para acompanhar.

— Não — protestou ele. — Essa comida toda. Vou passar mal.

— Você precisa comer. Nem homens do espaço conseguem viver apenas de conhaque.

— Por favor...

— Se quer beber, vai ter que comer antes — disse ela rispidamente. — Esse é o acordo, lembra?

Do acordo, sim. Ele se lembrava. Angelical lhe fornecia o dinheiro para o aluguel, comida e uma conta aberta no bar, toda a bebida de que precisasse para apagar suas memórias. Em troca tinha apenas que comer e lhe contar histórias. Ela adorava ouvi-lo falar. Ele contou anedotas familiares, discursou sobre costumes takisianos, encheu-a de casos, lendas e romances, com histórias de bailes e intrigas e beleza muito distantes da sordidez do Bairro dos Curingas.

Às vezes, depois que o bar fechava, ele dançava para ela, desenhando os movimentos intrincados da pavana de Takis pelo piso espelhado da casa noturna enquanto ela assistia e o aplaudia. Uma vez, quando os dois tinham bebido vinho muito além da conta, ela o convenceu a demonstrar a dança nupcial, um balé erótico que a maioria dos takisianos só dançava uma vez, na noite do casamento. Foi a única vez em que Angelical dançou com ele, acompanhando os passos, hesitante no começo, depois cada vez mais rápido, balançando e girando pelo salão até que seus pés descalços ficaram esfolados e rachados e começaram a deixar manchas vermelhas sobre as lajotas de espelho. Na dança nupcial, o casal de dançarinos se

juntava no fim, desabando em um enlace longo e triunfante. Mas isso era em Takis. Ali, quando chegou o momento, ela parou de dançar e se afastou, e ele foi lembrado mais uma vez de que Takis estava muito longe.

Dois anos antes, Desmond o encontrara nu e inconsciente em um beco do bairro. Alguém havia roubado suas roupas enquanto dormia, e ele estava delirando de febre. Des chamou ajuda para levá-lo até o Funhouse. Quando voltou a si, estava deitado em uma cama de armar em um quartinho dos fundos, cercado por barris de cerveja e caixas de vinho.

— Você sabe o que estava bebendo? — perguntou-lhe Angelical quando o levaram até o escritório dela. Ele não sabia; tudo de que se lembrava era que precisava tanto de uma bebida que sentia uma dor por dentro, e o homem negro e idoso no beco generosamente oferecera para dividir com ele. — Álcool puro.

Ela mandou que Des trouxesse uma garrafa de seu melhor conhaque.

— Se um homem quer beber até morrer, é problema dele, mas pelo menos você pode fazer isso com um pouco de classe.

O conhaque espalhou fios delgados de calor por seu peito e fez com que suas mãos parassem de tremer. Quando esvaziou a garrafa, Tach a agradeceu efusivamente, mas ela recuou quando ele tentou tocá-la. Ele perguntou por quê.

— Vou mostrar — disse ela, lhe oferecendo a mão. — Devagar.

O beijo dele foi um leve roçar de lábios, não nas costas da mão, mas no interior de seu pulso, para sentir sua pulsação, a corrente de vida em seu interior, porque ela era tão linda, e boa, e porque ele a desejava.

No instante seguinte, viu com triste desalento a pele dela escurecer, ficar roxa e então negra. *Mais uma das minhas*, pensou.

Ainda assim, por alguma razão tornaram-se amigos. Não amantes, claro, exceto às vezes nos sonhos dele; os vasos capilares dela se rompiam

à menor pressão e, para seu sistema nervoso hipersensível, até o toque mais leve era doloroso. Uma leve carícia a deixava preta e azulada; provavelmente morreria se fizesse amor. Mas amigos, sim. Ela nunca lhe pedia nada que ele não pudesse dar, e assim não tinha como decepcioná-la.

O café da manhã foi servido por uma mulher negra corcunda chamada Ruth, que tinha penas azul-claras na cabeça, em vez de cabelos.

— O homem trouxe isso para a senhora esta manhã — disse ela a Angelical depois de arrumar a mesa, entregando-lhe um pacote quadrado grosso, embrulhado em papel pardo. Angelical o aceitou em silêncio, enquanto Tachyon bebia seu café com conhaque e erguia a faca e o garfo para encarar com desânimo os implacáveis bacon e ovos.

— Não faça essa cara de morte — disse Angelical.

— Acho que não contei da vez que a espaçonave da Rede chegou a Takis e o que minha bisavó Amurath disse para o embaixador de Ly'bahr — começou ele.

— Não — disse ela. — Continue. Gosto da sua bisavó.

— Você é a única. Ela me apavora — disse Tachyon, e contou a história.

Tom acordou bem antes do amanhecer, enquanto Joey ainda roncava no quarto dos fundos. Ele passou um bule de café em um coador velho e botou um muffin na torradeira. Enquanto o café coava, ele dobrou a cama de armar. Cobriu seus muffins com manteiga e geleia de morango e olhou ao redor em busca de algo para ler. Os quadrinhos atraíram seu olhar.

Ele se lembrava do dia em que os encontraram. A maioria tinha sido dele, originalmente, incluindo a coleção de *Jetboy* que ganhou do pai. Ele amava aquelas revistas. Então, um dia em 1954, chegou em casa da escola

e viu que eles haviam sumido, uma estante inteira e dois caixotes cheios de gibis simplesmente desapareceram. A mãe dele disse que umas mulheres da Associação de Pais e Mestres tinham ido lá e dito a ela como quadrinhos eram coisas terríveis. Mostraram uma cópia do livro de certo dr. Wertham sobre como os quadrinhos transformavam as crianças em delinquentes juvenis e homossexuais, e como glorificavam ases e curingas, por isso sua mãe deixou que elas levassem a coleção de Tom. Ele berrou e gritou e deu um ataque, mas não adiantou nada.

A Associação de Pais e Mestres tinha recolhido quadrinhos de todas as crianças da escola. Planejavam queimar tudo no sábado, no pátio do colégio. Aquilo estava acontecendo por todo o país; havia até rumores de uma lei que banisse as revistas em quadrinhos, ou pelo menos aquelas sobre horror, crimes e pessoas com poderes estranhos.

Wertham e a Associação de Pais e Mestres acabaram acertando: na noite de sexta-feira, por causa das revistas em quadrinhos, Tommy Tudbury e Joey DiAngelis se tornaram criminosos.

Tom tinha nove anos; Joe, onze, mas ele dirigia o caminhão do pai desde os sete. No meio da noite, ele roubou o caminhão, e Tom fugiu para encontrá-lo. Quando chegaram à escola, Joey arrombou uma janela, Tom subiu em seus ombros, olhou para o interior da sala de aula, se concentrou, agarrou a caixa com sua coleção, ergueu-a no ar e a fez flutuar até a caçamba do caminhão. Então aproveitou e pegou mais quatro ou cinco caixas. A Associação de Pais e Mestres nunca percebeu. Ainda tinham o bastante para queimar. Se Dom DiAngelis ficou curioso sobre a origem de todos aqueles gibis, nunca perguntou nada. Apenas criou as estantes para guardá-los, cheio de orgulho do filho que sabia ler. A partir daquele dia, se tornou a coleção deles, em conjunto.

Tom pôs o café e o muffin sobre o caixote de laranja, foi até a estante e pegou alguns números de *Jetboy*. Ele os releu enquanto comia, *Jetboy na Ilha dos Dinossauros*, *Jetboy e o Quarto Reich* e sua favorita, *Jetboy e os alienígenas*. Na folha de rosto, o título era: “Trinta minutos sobre a Broadway”. Tom a leu duas vezes enquanto bebia o café que esfriava. Demorou-se em alguns dos melhores quadros. Na última página havia um retrato do alienígena Tachyon chorando. Tom não sabia se aquilo tinha acontecido ou não. Ele fechou a revista e terminou seu muffin. Passou um tempo ali sentado, pensativo.

Jetboy era um herói. E ele era o quê? Nada. Um fracote, um covarde de merda. A porra de seu poder não tinha feito droga nenhuma por ninguém. Era inútil, assim como ele.

Desanimado, vestiu o casaco e saiu. O ferro-velho parecia frio e feio ao amanhecer, e soprava um vento gelado. Alguns metros a leste, a baía estava verde e revolta. Tom subiu até o velho Packard em sua colina. A porta rangeu quando ele a abriu. Lá dentro, os bancos estavam rachados e tinham cheiro de podre, mas pelo menos ele estava protegido daquele vento. Tom se inclinou para trás, apoiou os joelhos no painel e ficou olhando para o sol nascente. Ficou sentado imóvel por um bom tempo; do outro lado do ferro-velho, calotas e pneus velhos flutuavam e saíam zunindo para mergulhar nas águas verdes revoltas da baía de Nova York. Ele via a Estátua da Liberdade em sua ilha, e as silhuetas indistintas das torres de Manhattan a nordeste.

Eram quase 7h30, seus membros estavam rígidos, e Tom Tudbury tinha perdido a conta do número de calotas que havia arremessado quando se endireitou e se sentou com uma expressão estranha no rosto. A geladeira com a qual ele estivera fazendo malabarismo a dez metros de altura caiu no chão com um estrondo. Ele passou os dedos pelo cabelo e tornou a

erguer a geladeira, moveu-a cerca de vinte metros e a deixou cair em cima do telhado de zinco corrugado de Joey. Então fez o mesmo com um pneu, uma bicicleta retorcida, seis calotas e um carrinho vermelho.

A porta da casa se abriu de repente com grande estrondo, e Joey saiu correndo no frio vestindo nada além de cuecas samba-canção e uma camiseta sem mangas. Ele parecia estar com muita raiva. Tom pegou os pés descalços de Joey, puxou-os do chão e o derrubou de bunda, com força; Joey xingou.

Tom o agarrou e o sacudi no ar, de cabeça para baixo.

— Merda, onde está você, Tudbury? — gritou Joey. — Pare com isso, seu babaca. Me ponha no chão.

Tom imaginava duas mãos invisíveis e jogava Joey de uma para outra.

— Quando eu descer, vou te dar tanta porrada que vai ter que comer por um canudinho pelo resto da vida — ameaçou Joey.

A manivela estava dura devido aos anos sem uso, mas Tom finalmente conseguiu baixar a janela do Packard. Ele botou a cabeça para fora.

— Oi, rapazes, oi, oi, oi — disse ele, às gargalhadas.

Joey balançava suspenso três metros e meio acima do chão, brandindo o punho.

— Vou arrebentar você e essa sua mágica, seu merdinha — gritou ele. Tom arrancou as cuecas de Joey e as pendurou em um poste telefônico. — Você vai morrer, Tudbury.

Tom respirou fundo e baixou Joey até o chão, com muita delicadeza. Era a hora da verdade. Joey veio correndo em sua direção, gritando obscenidades. Tom fechou os olhos, pôs as mãos no volante e *subiu*. O Packard se moveu embaixo dele. Gotas de suor cobriam sua testa. Ele se isolou do mundo, se concentrou, contou de dez a um, lentamente.

Quando finalmente abriu os olhos, quase esperava ver o punho de Joey acertando seu nariz, mas não havia nada a contemplar além de uma gaiivota empoleirada no capô do Packard, de cabeça encolhida enquanto espiava através do para-brisa rachado. Ele estava flutuando. Estava voando.

Tom botou a cabeça para fora da janela. Joey estava cinco metros abaixo, irritado, com as mãos nos quadris e uma expressão nada satisfeita no rosto.

— Agora — berrou lá para baixo. — O que foi mesmo que você disse ontem à noite?

— Espero que você consiga ficar aí em cima o dia inteiro, seu filho da puta — disse Joey. Ele brandiu o punho inutilmente. Cabelos negros e lisos caíam sobre os olhos. — Ah, merda, o que isso prova? Se eu tivesse uma arma, você já estaria morto.

— Se você tivesse uma arma, eu não estaria com a cabeça para fora da janela — disse Tom. — Na verdade, seria melhor que eu não tivesse uma janela. — Ele refletiu sobre aquilo por um segundo, mas era difícil pensar enquanto estava lá em cima. O Packard era pesado. — Vou descer — disse ele para Joey. — Você, ah, está mais calmo?

Joey sorriu.

— Melhor descer e descobrir, Tuds.

— Sai do caminho. Não quero que essa porcaria te esmague.

Joey se afastou para o lado, de bunda de fora e todo arrepiado, e Tom fez o Packard pousar tão suavemente quanto uma folha de outono em um dia sem vento. Ele estava abrindo a porta quando Joey estendeu os braços, o agarrou e puxou e o empurrou de costas contra a lateral do carro, sua outra mão fechada em um punho.

— Eu devia... — começou ele. Então sacudiu a cabeça, riu e deu um soco de leve no ombro de Tom. — Ô ás, devolve a porra da minha cueca.

Quando estavam dentro de casa de novo, Tom requentou o resto do café.

— Vou precisar de você para fazer o trabalho — disse ele enquanto preparava ovos mexidos, presunto e mais alguns muffins. Usar sua telecinesia sempre abria o apetite. — Você estudou mecânica e solda e toda essa merda. Eu faço a parte elétrica.

— Parte elétrica? — perguntou Joey, aquecendo as mãos sobre a xícara. — Porra, mas para quê?

— As luzes e câmeras de TV. Não quero nenhuma janela pela qual as pessoas possam atirar. Sei onde podemos conseguir câmeras baratas, e você tem um monte de suportes aqui, eu vou consertá-los. — Ele se sentou e atacou os ovos com voracidade. — Também vou precisar de alto-falantes. Algum tipo de mesa de som e amplificação. Um gerador. Será que vai ter espaço para botar uma geladeira?

— Aquele Packard é grande pra cacete — disse Joey. — Se tirar os bancos, cabem três geladeiras.

— Não o Packard. Vou achar um carro mais leve. Podemos cobrir as janelas com partes de portas e laterais velhas ou algo assim.

Joey afastou o cabelo dos olhos.

— Que se fodam as portas e laterais. Tenho blindagem militar. Da guerra. Eles desmontaram um monte de navios na base da Marinha em 1946 e 1947, e Dom fez um lance pelo metal e comprou vinte toneladas dessa porra. Um puta desperdício de dinheiro, quem vai querer comprar blindagem de navio de guerra? Ainda está tudo parado lá no fundo pegando ferrugem. É necessário uma arma de dezesseis polegadas para

penetrar aquela bosta, Tuds. Você vai estar tão seguro quanto... merda, não sei. Enfim, seguro.

Tom sabia.

— Seguro — disse ele em voz alta. — Como uma tartaruga em sua carapaça!

Só restavam dez dias até o Natal, e Tach estava sentado em um reservado perto da janela bebericando um *irish coffee* contra o frio de dezembro e olhando através do vidro espelhado para a Bowery. O Funhouse só abriria em uma hora, mas a porta dos fundos estava sempre aberta para os amigos de Angelical. No palco, um par de curingas malabaristas que se chamavam Cosmos e Caos jogavam bolas de um lado para outro. Cosmos flutuava um metro acima do palco em posição de lótus, seu rosto sem olhos sereno. Ele era totalmente cego, mas nunca perdia o ritmo nem deixava cair uma bola. Seu parceiro de seis braços, Caos, pulava de um lado para outro como um lunático, dando gargalhadas, contando piadas ruins e mantendo uma cascata de pinos flamejantes voando às suas costas com dois braços enquanto os outros quatro jogavam bolas de boliche para Cosmos. Tach dispensou a eles apenas um breve olhar. Por mais talentosos que fossem, suas deformidades o incomodavam.

Mal deslizou para seu reservado.

— Quantos desses já bebeu? — perguntou o segurança, olhando para o *irish coffee*. Os pequenos tentáculos que pendiam de seu lábio inferior se expandiam e contraíam em uma pulsação cega de verme, e seu grande queixo mal barbeado e deformado conferia a seu rosto uma expressão de desprezo agressivo.

— Não vejo como isso pode ser da sua conta.

— Você não serve para nada, não é mesmo?

— Eu nunca disse o contrário.

Mal deu um resmungo.

— Você vale tanto quanto um saco de merda. Não entendo por que Angel precisa de um homem do espaço afeminado circulando por aí acabando com a bebida dela...

— Angel não precisa. Eu disse isso a ela.

— Essa mulher não escuta ninguém — concordou Mal.

Ele fechou o punho. Um punho muito grande. Antes do Dia do Wild Card, ele tinha sido o oitavo no ranking dos pesos-pesados. Depois disso, chegou até o terceiro lugar na lista de desafiantes ao título... até que baniram os wild cards dos esportes profissionais e acabaram de vez com os sonhos dele. A medida tinha como alvo os ases, disseram, para manter a competitividade dos jogos, mas não foram feitas exceções para curingas. Mal agora estava mais velho, os cabelos ralos ficando grisalhos, mas ainda parecia forte o bastante para quebrar Floyd Patterson ao meio, e mau o bastante para encarar Sonny Liston de cima.

— Veja só isso — rosnou ele, aborrecido, olhando pela janela. Pequenino estava lá fora em sua cadeira. — Que merda ele está fazendo aqui? Eu disse para ele não aparecer mais.

Mal foi na direção da porta.

— Você não pode simplesmente deixá-lo em paz? — disse Tachyon às suas costas. — Ele é inofensivo.

— Inofensivo? — Mal se voltou para encará-lo. — Os gritos dele assustam todos os turistas, e quem vai pagar por toda a sua bebida grátis?

Mas então a porta se abriu e Desmond surgiu, o sobretudo dobrado sobre o braço, sua tromba meio erguida.

— Deixe-o em paz, Mal — disse o maître de forma aborrecida. — Agora vá.

Resmungando, Mal se afastou. Desmond se aproximou e se sentou no reservado de Tachyon.

— Bom dia, doutor — disse ele.

Tachyon fez um leve aceno com a cabeça e terminou a bebida. O uísque todo tinha ficado no fundo da xícara e o esquentou enquanto descia por sua garganta. Ele se viu encarando o próprio rosto no tampo espelhado da mesa, um rosto desgastado, envelhecido, acabado, *vulgar*, com olhos vermelhos e injetados, cabelos ruivos compridos emaranhados e gordurosos, os traços distorcidos pelo excesso de álcool. Aquele não era ele, não podia ser, ele era bonito, de feições agradáveis, atraentes, seu rosto era...

A tromba de Desmond serpenteou e seus dedos se fecharam em torno do pulso dele, puxando-o para a frente.

— Você não ouviu nem uma palavra do que eu disse, não é? — perguntou Des em voz baixa, com uma urgência provocada pela raiva. Exausto e meio atônito, Tach se deu conta de que Desmond estivera falando com ele e começou a murmurar desculpas.

— Deixa pra lá — disse Des, soltando seu pulso. — Me escute. Eu estava pedindo sua ajuda, doutor. Posso ser um curinga, mas eu tive uma boa educação. Já li sobre você. Você tem certas... habilidades, digamos.

— Não — interrompeu Tach. — Não como você está pensando.

— Seus poderes foram muito bem documentados — disse Des.

— Eu não... — começou Tach, sem jeito. Ele estendeu as mãos. — Isso faz tempo. Eu os perdi, quero dizer, não consigo mais. — Ele olhou para baixo, para seus próprios traços envelhecidos, querendo poder encarar

Des nos olhos, mas incapaz de suportar a imagem da deformidade do curinga.

— Você não quer, isso sim — disse Des. Ele se levantou. — Achei que se falasse com você antes do bar abrir, talvez conseguisse encontrá-lo sóbrio. Vejo que me enganei. Esqueça o que eu disse.

— Eu o ajudaria, se pudesse.

— Não estava pedindo por mim — disse Des ríspidamente.

Quando ele foi embora, Tachyon foi até o bar cromado e comprido e pegou uma garrafa inteira de conhaque. O primeiro copo o fez se sentir melhor; o segundo fez suas mãos pararem de tremer. No terceiro, tinha começado a chorar. Mal se aproximou e olhou para ele enojado.

— Nunca vi um homem chorar tanto quanto você — disse ele, dando um lenço sujo para Tachyon antes de ir ajudar a abrir a casa.

Ele estava no ar por quatro horas e meia quando a notícia do incêndio chegou através da estática do rádio da polícia ao lado de seu pé direito. Não *muito alto* no ar, é verdade, apenas a uns dois metros do chão, mas era o bastante. Tom descobrira que dois ou vinte metros não faziam tanta diferença assim. Quatro horas e meia, e ele ainda não se sentia nem um pouco cansado. Na verdade, se sentia *sensacional*.

Ele estava seguro, preso com cinto ao assento anatômico que Joey arrancara de um Triumph TR-3 destruído e montara sobre um eixo bem no centro do VW. A única luz era o brilho pálido de uma série de telas de TV que o cercavam por todos os lados. Entre as câmeras e os motores que as movimentavam em seus trilhos, o gerador, o sistema de ventilação, o equipamento de som, os painéis de controle, a caixa de válvulas sobressalentes e a pequena geladeira, ele mal tinha espaço para se mexer. Mas não havia problema. Tom era mais um *claustrófilo* que um

claustrofóbico; ele gostava de ficar ali dentro. Em volta do exterior do fusca, Joey montara uma camada dupla de placas grossas de blindagem de navio. Era melhor que a porra de um tanque. Joey já havia dado uns tiros ali com a Luger que Dom tomara de um oficial alemão durante a guerra. Um tiro muito no alvo talvez conseguisse acertar uma das câmeras ou luzes, mas era impossível acertar Tom dentro de sua carapaça. Ele estava mais do que seguro, estava *invulnerável*, e quando se sentia seguro e confiante a esse ponto, não havia limite para o que era capaz de fazer.

A carapaça ficou mais pesada que o Packard quando terminaram de montá-la, mas isso pareceu não fazer diferença. Quatro horas e meia sem tocar o chão, deslizando de um lado para outro pelo ferro-velho em silêncio e quase sem esforço, e Tom não tinha nem mesmo começado a suar.

Quando escutou a notícia no rádio, foi tomado por uma onda de excitação. “É isso!”, pensou. Devia esperar por Joey, mas ele tinha ido até a Pompeii Pizza buscar o jantar (pepperoni, cebolas e queijo extra) e não havia tempo a perder, aquela era a sua chance.

O círculo de luz na parte de baixo da carapaça projetava longas sombras sobre os montes de lixo e metal retorcido enquanto Tom erguia a carapaça mais alto no ar, três, quatro, cinco metros. Seus olhos se alternavam nervosos entre uma tela e outra, vendo o chão se afastar. Em uma tela feita com o tubo de imagem de uma velha TV Sylvania, a imagem começou a correr na vertical. Tom mexeu em um botão e consertou aquilo. As palmas das mãos estavam suadas. Seis metros, ele começou a avançar até a carapaça chegar à beira-mar. Diante dele havia só escuridão; a noite estava enevoadá demais para ver Nova York, mas ele sabia que a cidade estaria ali, se pudesse alcançá-la. Em suas pequenas

telas em preto e branco, as águas da baía pareciam ainda mais escuras que o normal, um oceano de nanquim revoltado e infinito assomando à sua frente. Ele teria de seguir às cegas até ver as luzes da cidade. E se perdesse o controle, ia se juntar a Jetboy e a JFK bem mais cedo do que planejava; mesmo se conseguisse soltar a escotilha rápido o bastante para conseguir evitar afundar, ele não sabia nadar.

Mas ele *não* ia perder o controle, pensou de repente. Por que estava hesitando? Ele não ia perder o controle nunca mais, ia? Tinha que acreditar naquilo.

Apertou os lábios e, com a mente, fez a carapaça avançar suavemente sobre a água. As ondas salgadas abaixo dele subiam e desciam. Ele nunca se esforçara para erguer nada sobre a água antes; era uma sensação diferente e Tom sentiu um instante de pânico. A carapaça balançou e despencou um metro antes que ele se controlasse e a ajustasse. Procurou se acalmar, deu impulso para cima e subiu. *Alto*, pensou, ele chegaria pelo alto, apareceria *voando* como o Jetboy, como o Águia Negra, como a porra de um ás. A carapaça seguiu em frente, cada vez mais rápido, deslizando através da baía com ágil tranquilidade à medida que Tom ganhava confiança. Ele nunca havia se sentido tão incrivelmente poderoso, tão bem, tão *certo*, droga.

A bússola estava funcionando bem. Em menos de dez minutos, as luzes da região do Battery e de Wall Street erguiam-se à sua frente. Tom deu impulso para subir mais alto e flutuou acima da cidade, acompanhando a margem do Hudson. O tumulto de Jetboy surgiu e passou abaixo dele. Tinha ido até lá dezenas de vezes. Ficava parado olhando para o rosto da grande estátua de metal. Ele se perguntou o que a estátua pensaria se pudesse olhar para o alto e vê-lo naquela noite.

Ele tinha um mapa das ruas de Nova York, mas não foi necessário. As chamas eram visíveis a mais de um quilômetro de distância. Mesmo dentro da carapaça Tom sentiu as ondas de calor quando passou sobre o local. Ele começou a descer cuidadosamente. Seus ventiladores zumbiam e as câmeras foram direcionadas a seu comando. Lá embaixo havia caos e gritaria, sirenes e berros, a multidão, os bombeiros apressados, os bloqueios da polícia e as ambulâncias, grandes caminhões com escadas retráteis que jogavam água naquele inferno. No início, ninguém o notou pairando quinze metros acima da calçada, até que desceu o bastante para suas luzes atingirem as paredes do prédio. Então ele os viu olhar para o alto e apontar, e se sentiu zozzo de tanta excitação.

Mas não teve tempo para curtir a sensação. No canto do olho, ele a notou em uma de suas telas. Ela apareceu de repente em uma janela do quinto andar, debruçada para fora e tossindo, o vestido já começando a pegar fogo. Antes que pudesse agir, as chamas a atingiram, ela gritou e pulou.

Ele a pegou em pleno ar, sem pensar, sem hesitar, sem refletir se conseguiria ou não fazer aquilo. Ele simplesmente *fez*, pegou-a, segurou-a e a levitou suavemente até o chão. Os bombeiros a cercaram, apagaram seu vestido e a levaram para uma ambulância. E agora, Tom via, *todo mundo* estava olhando para ele lá no alto, para a forma estranha e escura que flutuava no ar naquela noite, com seu círculo de luzes brilhantes. A faixa de rádio da polícia estava ativa; ele ouviu que achavam ser uma nave espacial. Sorriu.

Um policial subiu em sua viatura com um megafone e começou a se dirigir a ele. Tom desligou o rádio para ouvir melhor em meio ao rugir das chamas. Ele estava mandando Tom descer e se identificar, perguntando quem e o que ele era.

Isso era fácil. Tom ligou o próprio microfone.

— Sou o Tartaruga — disse ele.

O vw não tinha pneus nem rodas. Em seu lugar, Joey fixara os maiores alto-falantes que puderam encontrar, acionados com o maior amplificador do mercado. Pela primeira vez, a voz do Tartaruga foi ouvida no solo, um retumbante “SOU O TARTARUGA!” que ecoou pelas ruas e pelos becos, um trovão em movimento com ruídos e estalos produzidos pela distorção. Mas a maneira que ele falou não tinha soado muito bem. Tom aumentou o volume ainda mais e injetou um pouco mais de graves na voz.

— EU SOU O TODO-PODEROSO TARTARUGA — anunciou para todos.

Então voou uma quadra para oeste, chegou às águas escuras e poluídas do Hudson, e imaginou duas mãos invisíveis de cinco metros de largura. Ele as baixou até a água, juntou-as em concha e encheu, então as ergueu. Um jato de água projetou-se de volta pela rua. Quando ele despejou a primeira cascata sobre as chamas, gritos e aplausos altos vieram da multidão lá embaixo.

— Feliz Natal — desejou Tachyon, bêbado, quando o relógio marcou meia-noite, e o público recorde da noite de Natal começou a pular, gritar e bater nas mesas.

No palco, Humphrey Bogart contava uma piada infame com uma voz estranha. Todas as luzes da casa diminuíram por alguns segundos; quando voltaram ao normal, Bogart tinha sido substituído por um homem corpulento de rosto e nariz redondos.

— Quem é esse agora? — perguntou Tachyon à gêmea a seu lado.

— W. C. Fields — murmurou ela, e enfiou a língua na orelha dele.

A gêmea à direita estava fazendo algo ainda mais interessante por baixo da mesa, onde sua mão de algum modo havia encontrado o caminho para o interior das calças dele. As gêmeas eram o presente de Natal de Angelical para ele.

— Você pode fingir que elas são eu — dissera a ele, apesar de, claro, as gêmeas não serem nada como ela.

Boas meninas, as duas, peitudas e divertidas, e absolutamente desinibidas, apesar de um pouco tolas. Elas o lembravam brinquedos sexuais takisianos. A da esquerda tinha contraído o Wild Card, mas vestia a máscara de gata até na cama, e não havia deformidade visível para perturbar o doce prazer de sua ereção.

W. C. Fields, quem quer que fosse, fez algumas observações cínicas sobre o Natal e crianças pequenas. O público o expulsou do palco sob vaias. O Projecionista tinha um repertório impressionante de rostos, mas era péssimo em contar piadas. Tach não ligava. Tinha toda a diversão de que precisava.

— Jornal, doutor? — O vendedor estendeu um exemplar do *Herald Tribune* sobre a mesa com uma mão grossa de três dedos. Sua carne era quase azul de tão negra e parecia oleosa. — Todas as notícias natalinas — disse ele, ajeitando a desconfortável pilha de jornais que levava embaixo do braço. Duas presas pequenas e curvas se projetavam dos cantos de sua boca grande e sorridente. Sob um chapéu de abas estreitas, seu crânio era coberto de tufo denso de cabelos ruivos curtos. Nas ruas, o chamavam de Morsa.

— Não, obrigado, Jube — disse Tach com dignidade embriagada. — Esta noite não estou com vontade de lidar com a estupidez humana.

— Ei, vejam — disse a gêmea da direita. — O Tartaruga!

Tachyon olhou ao redor, momentaneamente confuso, perguntando-se como aquela enorme carapaça blindada podia ter conseguido entrar no Funhouse, mas claro que ela estava se referindo ao jornal.

— Melhor comprar para ela, Tacky — disse a gêmea da esquerda, rindo. — Senão ela vai ficar tristonha.

Tachyon deu um suspiro.

— Vou levar um. Mas só se não tiver que aturar nenhuma de suas piadas, Jube.

— Ouvi uma nova sobre um curinga, um polonês e um irlandês perdidos em uma ilha deserta, mas só por isso não vou contá-la — respondeu o Morsa com um largo sorriso.

Tachyon procurou moedas, mas não achou nada nos bolsos além de uma mão pequena e feminina. Jube piscou.

— Eu pego com Des — disse ele.

Tachyon abriu o jornal sobre a mesa no momento em que a casa noturna irrompeu em aplausos quando Cosmos e Caos subiram ao palco.

Uma foto granulada do Tartaruga ocupava duas colunas. Tachyon achou que aquilo parecia um picles voador, um pepino pequeno cheio de protuberâncias e coberto de pequenos amassados. O Tartaruga tinha capturado um homem no Harlem que atropelara e matara um menino de nove anos e fugira sem prestar socorro, interceptando sua fuga e erguendo o carro cinco metros acima do solo, onde ele ficou flutuando com o motor funcionando e os pneus girando loucamente até que a polícia finalmente aparecesse. Em um boxê, um porta-voz da Aeronáutica negava o boato de que a carapaça fosse um tanque voador robô experimental.

— Era de se pensar que eles a essa altura já teriam arranjado algo mais interessante sobre o que escrever — disse Tachyon.

Era a terceira grande reportagem sobre o Tartaruga naquela semana. As colunas de cartas, as páginas de editoriais, tudo era Tartaruga, Tartaruga, Tartaruga. Até a televisão zumbia com especulações sobre o Tartaruga. Quem era ele? O que era ele? Como fazia aquilo?

Um repórter chegara a procurar por Tach para lhe fazer essa pergunta.

— Telecinesia — contou-lhe Tachyon. — Não é nenhuma novidade. Na verdade, é quase comum.

Telecinesia tinha sido a habilidade que mais se manifestara entre os infectados pelo vírus em 1946. Ele viu dezenas de pacientes que podiam mover cliques de papel e lápis, e uma mulher que podia erguer o peso do próprio corpo por dez minutos de cada vez. Até a habilidade de voo de Earl Sanderson tinha origens na telecinesia. O que ele não comentara foi que telecinesia *naquela* escala era algo sem precedentes. Claro, quando a reportagem foi publicada, distorceram metade do que ele disse.

— Ele é um curinga, sabia? — sussurrou a gêmea da direita, a de máscara de gata cinza-prateada. Ela estava debruçada sobre o ombro dele, lendo sobre o Tartaruga.

— Um curinga? — disse Tach.

— Ele se esconde dentro de um casco, não é? Por que faria isso se não fosse bizarro demais para ser visto? — Ela tinha tirado a mão de dentro das calças dele. — Posso dar uma olhada nesse jornal?

Tach o empurrou na direção dela.

— Agora todos gostam dele. Também gostavam dos Quatro Ases.

— Era um grupo de negros, não era? — disse ela, voltando a atenção para as manchetes.

— Ela está fazendo um álbum de recortes — disse a irmã. — Todos os curingas acham que ele é um deles. Bobagem, não é? Aposto que é só uma máquina, alguma espécie de disco voador da Aeronáutica.

— Não é, não — disse sua gêmea. — Diz bem aqui. — Ela apontou para uma reportagem ao lado com uma unha comprida e pintada de vermelho.

— Não ligue para ela — disse a gêmea da esquerda. Ela se aproximou de Tachyon, mordiscando seu pescoço enquanto a mão ia para debaixo da mesa. — Ei, algum problema? Você está todo mole.

— Mil perdões — disse Tachyon, deprimido.

Cosmos e Caos estavam jogando machados, facas e facões de um lado para outro do palco, a cascata reluzente multiplicada ao infinito pelos espelhos à sua volta. Ele estava com uma garrafa de um bom conhaque na mão e mulheres bonitas e receptivas dos dois lados, mas de repente, por alguma razão que não podia explicar, aquela não parecia assim uma noite tão boa. Ele encheu o copo até a borda e cheirou os inebriantes vapores alcoólicos.

— Feliz Natal — murmurou para ninguém em especial.

Sua consciência voltou com os tons raivosos da voz de Mal. Tach, grogue, levantou a cabeça do tampo espelhado da mesa piscando para seu reflexo inchado. Os malabaristas, as gêmeas e o público tinham ido embora havia muito tempo. Seu rosto estava grudento por ter ficado em cima de uma poça de bebida derramada.

As gêmeas o divertiram e acariciaram, e uma delas havia chegado a ir para baixo da mesa, e de nada adiantou. Então Angelical apareceu e as mandou embora.

— Vá dormir, Tacky — disse ela. Mal se aproximara para perguntar se ela queria que ele arrastasse Tacky para a cama. — Hoje não. Você sabe que dia é hoje. Deixe que ele durma aqui até passar.

Ele não se lembrava de quando caíra no sono.

Sua cabeça estava prestes a explodir, e os gritos de Mal não estavam ajudando em nada.

— Não estou nem aí para *o que* prometeram a você, seu merda, você não vai vê-la — berrava o segurança. Uma voz mais suave disse algo em resposta. — Você vai receber a porra da sua grana, mas é só isso que vai levar — retrucou Mal.

Tach ergueu os olhos. Nos espelhos, viu os reflexos escuros: estranhas formas retorcidas delineadas à luz pálida do amanhecer, reflexos de reflexos, centenas deles, lindos, monstruosos, incontáveis, seus filhos, seus herdeiros, a descendência de seus fracassos, um mar vivo de curingas. A voz suave disse mais alguma coisa.

— Ah, pode enfiar isso no meu rabo de curinga — disse Mal. Seu corpo parecia um bastão retorcido, e a cabeça, uma abóbora. Aquilo fez Tach sorrir. Mal empurrou alguém e levou a mão às costas procurando sua arma.

Os reflexos e os reflexos dos reflexos, as sombras delgadas e as inchadas, as de rosto redondo e as finas como facas, as negras e as brancas, todas se moveram ao mesmo tempo, enchendo o salão de barulho; um grito rouco de Mal, o estampido de tiros. Instintivamente, Tach se agachou para se proteger e bateu a testa com força na beira da mesa. Sentiu lágrimas de dor aflorarem em seus olhos e ficou ali encolhido no chão, espiando os reflexos de pés enquanto o mundo se desintegrava em uma cacofonia cortante. Vidro se estilhaçava e caía, espelhos se quebravam por todos os lados, lâminas prateadas voavam pelo ar, demais até mesmo para Cosmos e Caos pegarem, estilhaços escuros devoravam os reflexos, tirando pedaços das formas de sombras retorcidas, respingadas de sangue contra os espelhos quebrados.

Tudo terminou tão repentinamente quanto começara. A voz suave disse algo e ouviu-se o som de passos e de vidro se quebrando ao ser pisado. No instante seguinte, um grito abafado veio de suas costas. Tach estava embaixo da mesa, bêbado e apavorado. Seu dedo doía: ele viu que estava sangrando, cortado por uma lasca de espelho. Tudo em que conseguia pensar era nas superstições humanas estúpidas sobre espelhos quebrados e azar. Ele pôs a cabeça entre os braços desejando que o pesadelo terrível terminasse.

Quando acordou de novo, estava sendo sacudido com força por um policial.

Mal estava morto, contou um detetive. Mostraram-lhe uma foto do corpo do segurança estendido sobre uma poça de sangue e uma confusão de vidro quebrado. Ruth também estava morta, e um dos faxineiros, um ciclope pouco inteligente que nunca tinha feito mal a ninguém. Eles lhe mostraram um jornal. O Massacre do Papai Noel, era como estavam chamando, e a reportagem era sobre três curingas que tinham encontrado a morte aos pés da árvore na manhã de Natal.

A srta. Fascetti tinha sumido, disse-lhe o outro detetive, ele sabia alguma coisa sobre isso? Achava que ela podia estar envolvida? Ela era criminosa ou vítima? O que podia dizer sobre ela? Ele disse que não conhecia aquela pessoa, até que lhe explicaram que estavam perguntando sobre Angela Fascetti e talvez ele a conhecesse como Angelical. Ela desaparecera, e Mal fora morto a tiros, e a coisa mais assustadora de todas era que Tach não sabia de onde viria seu próximo drinque.

Eles o detiveram por quatro dias e o submeteram a interrogatórios insistentes, repassando várias vezes as mesmas perguntas até que Tachyon começou a gritar com eles, reivindicando, exigindo seus direitos,

exigindo um advogado, pedindo uma bebida. Eles lhe deram apenas o advogado. O advogado disse que não podiam detê-lo sem acusação, então o acusaram de ser testemunha material, de vadiagem, de resistência à prisão, e tornaram a interrogá-lo.

No terceiro dia, suas mãos estavam tremendo e ele tinha alucinações acordado. Um dos detetives, o bonzinho, prometeu-lhe uma garrafa de bebida em troca de sua cooperação, mas de algum modo suas respostas nunca pareciam ser o suficiente, e a garrafa não chegava. O mal-humorado ameaçou segurá-lo ali para sempre a menos que contasse a verdade. Achei que fosse um pesadelo, Tach lhe contou, chorando. Eu estava bêbado, estava dormindo. Não, eu não consegui vê-los, só os reflexos, distorcidos, multiplicados. Não sei quantas pessoas eram. Não sei do que se tratava. Não, ela não tinha inimigos, todo mundo adorava Angelical. Não, ela não tinha matado Mal, isso não fazia sentido. Mal a adorava. Um deles tinha voz suave. Não, não sei qual deles. Não, não me lembro do que disseram. Não, não sei se eram curingas ou não, eles pareciam curingas, mas os espelhos distorcem, alguns deles, nem todos, entende? Não, eu não conseguiria identificá-los se os visse, na verdade, nunca cheguei a vê-los. Tive de me esconder embaixo da mesa, entende? Os assassinos tinham chegado, era isso que meu pai sempre me dizia, não havia nada que eu pudesse fazer.

Quando viram que ele estava contando tudo o que sabia, retiraram as acusações e o liberaram. Para as ruas sombrias do Bairro dos Curingas e o frio da noite.

Ele desceu a pé a Bowery sozinho, tremendo. O Morsa anunciava as edições noturnas dos jornais em sua banca na esquina da Hester.

— Leiam tudo sobre o assunto! — gritava. — O Tartaruga aterroriza o Bairro dos Curingas.

Tach parou para encarar sem qualquer expressão as manchetes. POLÍCIA PROCURA O TARTARUGA, dizia o *Post*. TARTARUGA ACUSADO DE ATAQUE, anunciava o *World-Telegram*. Então os aplausos já tinham terminado. Ele deu uma lida no texto. O Tartaruga tinha passado as duas noites anteriores rondando pelo Bairro dos Curingas, erguendo pessoas no ar a trinta metros de altura para interrogá-las, ameaçando soltá-las se não gostasse de suas respostas. Quando a polícia tentou prendê-lo na noite anterior, o Tartaruga depositou duas de suas viaturas no telhado do Freakers, na Chatham Square. DETENHAM O TARTARUGA, dizia o editorial no *World-Telegram*.

— Você está bem, doutor? — perguntou o Morsa.

— Não — disse Tachyon, largando o jornal. Não tinha mesmo como pagar por ele.

Barreiras policiais bloqueavam a entrada do Funhouse, e a porta estava trancada com um cadeado. FECHADO POR PRAZO INDETERMINADO, dizia a placa. Ele precisava de uma bebida, mas os bolsos de seu casaco estavam vazios. Pensou em Des e em Randall e se deu conta de que não tinha ideia de onde moravam, ou de quais seriam seus sobrenomes.

Arrastando-se de volta para a QUARTOS, Tach subiu as escadas, exausto. Quando parou no escuro, quase imediatamente percebeu que no quarto fazia um frio congelante; a janela estava aberta, e um vento cortante expulsava os velhos cheiros de urina, mofo e bebida. Ele tinha feito aquilo? Confuso, entrou no quarto, e alguém saiu de trás da porta e o agarrou.

Aconteceu tão depressa que ele mal teve tempo de reagir. O antebraço que apertava sua traqueia era uma barra de ferro, sufocando seu grito, e

uma mão deu uma chave em seu braço direito às costas, com força. Ele estava sem fôlego, o braço quase se quebrando, e então foi arrastado na direção da janela aberta, com velocidade, e Tachyon pôde apenas se contorcer sem muita força dentro de braços muito mais fortes que os dele. O batente da janela o acertou na boca do estômago e arrancou seu último fôlego, e de repente ele estava caindo, de ponta-cabeça, preso e indefeso no abraço de ferro de seu agressor, e os dois mergulhavam na direção da calçada lá embaixo.

Pararam repentinamente um metro e meio acima do concreto, com um solavanco que provocou um resmungo do homem às suas costas.

Tach tinha fechado os olhos antes do momento do impacto. Tornou a abri-los quando começaram a flutuar para o alto. Acima do halo amarelo da luz do poste pairava um círculo de luzes muito mais fortes dispostas em uma escuridão que cobria as estrelas de inverno.

O braço em torno de sua garganta tinha afrouxado o bastante para que Tachyon soltasse um gemido.

— Você — disse Tachyon com voz rouca enquanto faziam a volta na carapaça e paravam suavemente em cima dela.

O metal estava gelado, sua temperatura penetrava o tecido das calças de Tachyon. Quando o Tartaruga começou a subir direto para o céu noturno, o captor de Tachyon o soltou. Ele inspirou profundamente o ar frio e se virou para ver um homem de jaqueta de couro com fecho de zíper, calças pretas e uma máscara de borracha de sapo.

— Quem...? — engasgou ele.

— Sou o ajudante fodão do Todo-poderoso Tartaruga — disse o homem de máscara de sapo, um tanto empolgado.

— DOUTOR TACHYON, EU PRESUMO — ribombaram os alto-falantes da carapaça, muito acima dos becos do Bairro dos Curingas. — SEMPRE QUIS

CONHECÊ-LO. COSTUMAVA LER SOBRE VOCÊ QUANDO ERA CRIANÇA.

— Abaixe isso — reclamou Tach sem energia.

— AH, CLARO. Melhorou? — O volume diminuiu bastante. — Aqui é muito barulhento, e por trás de toda essa blindagem nem sempre consigo ter noção do volume de minha voz. Desculpe se o assustei, mas não podíamos arriscar que se negasse a vir. Precisamos de você.

Tach permaneceu exatamente onde estava, tremendo, abalado.

— O que vocês querem? — perguntou sem ânimo.

— Ajuda — declarou o Tartaruga.

Eles ainda estavam subindo; as luzes de Manhattan se espalhavam ao redor, e as torres dos edifícios Chrysler e Empire State se erguiam acima da cidade. Estavam mais alto que as duas. O vento estava frio e cortante, e Tach se agarrou à carapaça para se proteger.

— Me deixem em paz. Não tenho ajuda nenhuma para oferecer a vocês. Não tenho ajuda para oferecer a ninguém.

— Cacete, ele está chorando — informou o homem de máscara de sapo.

— Você não entende — disse o Tartaruga. A carapaça começou a deslizar para oeste, seu movimento firme e silencioso. O voo era impressionante e assustador ao mesmo tempo. — Você tem que ajudar. Já tentei por minha conta, mas não estou chegando a lugar nenhum. Mas você, seus poderes, eles podem fazer a diferença.

Tachyon estava perdido em sua própria autocomiseração, com frio, exausto e desesperado demais para responder.

— Eu quero uma bebida — pediu Tachyon.

— Merda — disse o cara de sapo. — Dumbo tinha razão sobre esse cara, ele não passa da porra de um bebum.

— Ele não está entendendo — continuou o Tartaruga. — Depois que explicarmos, ele vai aceitar. Dr. Tachyon, estamos falando da sua amiga Angelical.

Ele precisava tanto de uma bebida que chegava a doer.

— Ela era boa para mim — disse ele, lembrando-se do perfume doce de seus lençóis de cetim e de suas pegadas sangrentas nas lajotas espelhadas. — Mas não há nada que eu possa fazer. contei à polícia tudo o que sabia.

— Pare com essa merda, seu babaca — disse o cara de sapo.

— Quando eu era criança, lia sobre você nos quadrinhos *Jetboy* — explicou o Tartaruga. — *Trinta minutos sobre a Broadway*, lembra? Diziam que você era tão inteligente quanto Einstein. Eu talvez possa salvar sua amiga Angelical, mas não vou conseguir sem seus poderes.

— Não faço mais aquilo. Não *posso*. Eu machuquei uma pessoa, alguém que eu amava, mas eu dominei sua mente, só por um instante e por um bom motivo, ou pelo menos eu achei que fosse um bom motivo, mas isso... a destruí. Não posso fazer de novo.

— Buá, buá — troçou o cara de sapo. — Vamos jogá-lo lá embaixo, ele não vale porra nenhuma.

Ele tirou algo de um dos bolsos de sua jaqueta de couro. Tach ficou surpreso ao ver que era uma garrafa de cerveja.

— Por favor — disse Tachyon enquanto o homem usava um abridor de garrafas para destampar a cerveja. — Um gole — suplicou Tach. — Só um gole. — Ele odiava o gosto de cerveja, mas precisava de alguma coisa, de qualquer coisa. Já fazia dias. — Por favor.

— Vá se foder — disse o cara de sapo.

— Tachyon — disse o Tartaruga. — Você pode obrigá-lo.

— Não, não posso — respondeu Tach. O homem levou a garrafa aos lábios verdes de borracha. — Não posso — repetiu Tach. Cara de sapo continuou a beber. — Não. — Podia ouvir a cerveja descer pela garganta dele. — Por favor, só um pouco.

O homem baixou a garrafa de cerveja e a sacudiu, pensativo.

— Só sobrou um gole — disse ele.

— Por favor. — Ele estendeu as mãos, trêmulo.

— Não — retrucou o cara de sapo, e começou a virar a garrafa de cabeça para baixo. — Claro que se você estiver mesmo com sede, pode entrar na minha mente e pronto, certo? Me *obrigar* a dar a porra da garrafa para você. — Ele inclinou a garrafa um pouco mais. — Vá em frente, eu te desafio a fazer isso, tente.

Tach observou o último gole de cerveja respingar sobre a carapaça do Tartaruga e escorrer para o vazio.

— Merda — disse o homem de máscara de sapo. — Você está mal mesmo, não é?

Ele tirou outra garrafa do bolso, abriu-a e a passou para Tach, que a agarrou com as duas mãos. A cerveja estava gelada e azeda, mas ele nunca provara nada tão maravilhoso. Ele a esvaziou em um só gole demorado.

— Tem mais alguma ideia brilhante? — perguntou o cara de sapo ao Tartaruga.

À frente deles havia a escuridão do rio Hudson e as luzes de Nova Jersey um pouco para oeste. Estavam descendo. Abaixo deles, com vista para o Hudson, havia uma ampla construção de aço, vidro e mármore que Tachyon de repente reconheceu, apesar de jamais ter posto os pés em seu interior: o túmulo de Jetboy.

— Aonde estamos indo? — perguntou ele.

— Vamos encontrar com um homem para falar sobre um resgate — disse o Tartaruga.

O túmulo de Jetboy ocupava toda a quadra, no local onde caíram os destroços de seu avião. Ele também enchia as telas de Tom, que permanecia sentado na escuridão quente de sua carapaça, banhado em um brilho fosforescente. Os motores zumbiram quando as câmeras se moveram nos trilhos. As grandes asas com aletas do túmulo se curvavam para cima, como se o próprio prédio estivesse prestes a decolar. Através de janelas altas e estreitas, eles tiveram alguns vislumbres da réplica em tamanho natural do JB-1 pendurada no teto, suas laterais vermelhas iluminadas por luzes ocultas. Acima das portas tinham sido gravadas as últimas palavras do herói, cada letra entalhada no mármore italiano negro e preenchida com aço inoxidável. O metal brilhou quando a luz branca dos refletores da carapaça deslizou pela legenda:

NÃO POSSO MORRER AINDA
EU NÃO VI SONHOS DOURADOS

Tom baixou a carapaça diante do monumento e pairou um metro e meio acima do amplo espaço calçado com mármore no alto das escadas. Ali perto, um Jetboy de aço de seis metros de altura olhava para longe, para além da West Side Highway e do rio Hudson, com os punhos em riste. Tom sabia que o metal usado na escultura viera de destroços de aviões acidentados. Ele conhecia o rosto da estátua melhor do que o de seu próprio pai.

O homem que tinham ido encontrar surgiu das sombras na base da estátua, uma forma escura e atarracada encolhida dentro de um sobretudo grosso, com as mãos bem fundo nos bolsos. Tom posicionou

uma luz nele; uma câmera se moveu para lhe dar uma visão melhor. O curinga era um homem corpulento, de ombros arqueados e bem-vestido. Seu sobretudo tinha gola de pele, e o chapéu de feltro estava puxado para baixo. Em vez de nariz, ele tinha uma tromba de elefante no meio do rosto. Sua extremidade tinha vários dedos, protegidos por uma pequena luva de couro.

O dr. Tachyon deslizou do topo da carapaça, se desequilibrou e aterrissou de bunda no chão. Tom ouviu a risada de Joey. Então Joey também desceu, em um pulo, e ajudou Tachyon a ficar de pé.

O curinga baixou os olhos para o alienígena.

— Então vocês terminaram o convencendo a vir. Estou surpreso.

— Nós fomos convincentes pra cacete — disse Joey.

— Des — disse Tachyon, aparentando confusão. — O que está fazendo aqui? Você conhece essas pessoas?

O cara de elefante retorceu a tromba.

— Desde anteontem, sim, de certa forma. Eles me procuraram. Era tarde da noite, mas um telefonema do Todo-poderoso Tartaruga atíça o interesse de qualquer pessoa. Ele ofereceu ajuda e eu aceitei. Cheguei a contar a eles onde você morava.

Tachyon passou a mão por seus cabelos sujos e emaranhados.

— Sinto muito por Mal. Você tem alguma notícia de Angelical? Sabe o quanto ela é importante para mim.

— Sei exatamente, em dólares e centavos — disse Des.

O queixo de Tachyon caiu, e ele assumiu uma expressão de mágoa. Tom sentiu pena dele.

— Eu queria ter falado com você — disse Tach. — Não sabia onde encontrá-lo.

Joey riu.

— O nome dele está na porra da lista telefônica, babaca. Não tem muitos sujeitos por aí chamados Xavier Desmond. — Ele olhou para a carapaça. — Porra, como ele vai achar a mulher se não conseguiu nem achar o amigo?

Desmond assentiu.

— Um excelente argumento. Isso não vai dar certo. Olhem só para ele! — Sua tromba apontava. — Ele não vai servir para nada. Estamos perdendo um tempo precioso.

— Nós tentamos do seu jeito — respondeu Tom. — E não estamos chegando a lugar nenhum. Ninguém fala nada. Ele pode conseguir a informação que precisamos.

— Não estou entendendo nada — interrompeu Tachyon.

Joey emitiu um ruído de insatisfação. Ele tinha pegado uma cerveja em algum lugar e estava abrindo a chapinha.

— O que está acontecendo? — perguntou Tach.

— Se você estivesse minimamente interessado em qualquer coisa além de conhaque e vadias baratas, talvez soubesse — disse Des friamente.

— Conte a ele o que você nos contou — ordenou Tom. Quando soubesse, sem dúvida Tachyon ajudaria, pensava ele. *Tinha* que ajudar.

Des soltou um suspiro profundo.

— Angelical era viciada em heroína. Você sabe que ela sentia dores. Talvez tenha notado, uma vez ou outra, doutor? A droga era a única coisa que a fazia aguentar o dia. Sem ela, teria enlouquecido com a dor. E seu vício não era igual ao de um drogado qualquer. Ela usava heroína pura, sem misturas, em quantidades que teriam matado um usuário normal. Você viu quão pouco isso a afetava. O metabolismo dos curingas é algo curioso. Tem ideia de como heroína é cara, dr. Tachyon? Deixa pra lá, estou vendo que não faz ideia. Angelical ganhava uma boa grana com o

Funhouse, mas nunca era o bastante. Seu fornecedor lhe deu crédito até ela ficar completamente endividada, então exigiu... digamos que uma nota promissória. Ou um presente de Natal. Ela não tinha escolha. Era isso ou ficar sem seu suprimento. Ela esperava conseguir o dinheiro, com o otimismo de sempre. Não conseguiu. Na manhã de Natal, o fornecedor apareceu para receber. Mal não estava disposto a deixar que a levassem. Eles insistiram.

Tachyon estava com os olhos apertados por causa do brilho das luzes. A imagem dele na tela começou a correr para cima.

— Por que ela não me contou? — disse ele.

— Acho que não queria colocar mais um peso nas suas costas, doutor. Isso podia ter acabado com a diversão dos seus porres de coitadinho.

— Você contou à polícia?

— A polícia, ah, sim. Os melhores de Nova York. Os mesmos caras que parecem especialmente indiferentes se um curinga é espancado ou morto, mas são tão competentes se um turista é roubado. Aqueles que regularmente prendem, abusam e brutalizam qualquer curinga que tenha a ousadia de viver em qualquer lugar fora de seu bairro. Talvez pudéssemos ir falar com o policial que comentou que estuprar uma mulher curinga é mais uma falta de bom gosto do que um crime — disse Des com raiva. — Dr. Tachyon, onde o senhor acha que Angelical comprava suas drogas? Acha que algum traficantezinho ordinário teria acesso à heroína pura nas quantidades de que ela precisava? A polícia *era* a fonte. O chefe do esquadrão de narcóticos do Bairro dos Curingas, para ser mais exato. Ah, não estou dizendo que todo o departamento esteja envolvido. O Departamento de Homicídios pode estar conduzindo uma investigação de verdade. Mas o que acha que eles diriam se contássemos

que Bannister é o assassino? Acha que iam prender um dos deles? Apenas pelo meu testemunho, o testemunho de um curinga qualquer?

— Vamos pagar essa promissória — disse Tachyon bruscamente. — Vamos dar a esse homem o dinheiro ou o Funhouse ou o que quer que ele queira.

— A nota promissória — disse Desmond, desanimado — não era pelo Funhouse.

— Qualquer coisa, entregue a ele!

— Ela prometeu a única coisa que ainda tinha e que ele queria — disse Desmond. — Ela mesma. Sua beleza e sua dor. É esse o boato que corre nas ruas, se você souber ouvir. Vai ter uma festa de Ano-Novo muito especial em algum lugar da cidade. Só para convidados. Cara. Uma emoção única. Bannister vai possuí-la primeiro. Ele deseja isso há muito tempo. Mas os outros convidados terão sua vez. Hospitalidade do Bairro dos Curingas.

A boca de Tachyon se mexeu por um momento, sem fazer qualquer som.

— A *polícia*? — conseguiu finalmente dizer. Ele parecia tão chocado quanto Tom ficara quando Desmond contou para ele e Joey.

— Acha que eles gostam de nós, doutor? Somos aberrações. Somos *doentes*. O Bairro dos Curingas é um inferno, um beco sem saída, e sua polícia é a mais brutal, corrupta e incompetente da cidade. Não acho que o que aconteceu no Funhouse foi planejado, mas aconteceu, e Angelical sabe demais. Eles não podem deixá-la viver, então vão se divertir um pouco com sua boceta de curinga.

Tom Tudbury se inclinou na direção do microfone.

— Eu posso resgatá-la — disse ele. — Esses filhos da puta nunca lidaram com nada como o Todo-poderoso Tartaruga. Mas eu não consigo

achá-la.

Des disse:

— Ela tem muitos amigos. Mas nenhum de nós consegue ler mentes, ou obrigar um homem a fazer algo que não queira.

— Eu *não consigo* — protestou Tachyon. Ele pareceu se ensimesmar, querendo escapar deles, e por um instante Tom achou que o homenzinho ia fugir. — Vocês não entendem.

— Que merda de fracote deprimente — gritou Joey.

Ao ver Tachyon desmoronar em suas telas, Tom Tudbury finalmente perdeu a paciência.

— Se você fracassar, fracassou — disse ele. — E se não tentar, vai fracassar do mesmo jeito, então que porra de diferença isso faz? Jetboy fracassou, mas pelo menos ele *tentou*. Ele não era um ás, não era a merda de um takisiano, era só um cara com um jato, mas fez o que podia.

— Eu quero. Eu... apenas... *não consigo*.

Des soltou um barrido de repulsa. Joey deu de ombros.

Dentro de sua carapaça, Tom estava incrédulo, atônito. Ele não ajudaria. Ele tinha se recusado a acreditar naquilo, não podia ser. Joey o alertara. Desmond também. Mas Tom tinha insistido, tinha certeza, aquele era o dr. Tachyon, claro que ele ajudaria, talvez estivesse passando por alguns problemas, mas quando lhe explicassem a situação, quando explicassem o que estava em jogo e o quanto precisavam dele, ele *teria* que ajudar. Mas ele estava dizendo não. Era a última cartada.

Ele aumentou o botão do volume até o máximo.

— SEU FILHO DA PUTA — trovejou, e o som fez tremer todo o local. Tachyon se encolheu. — SEU ALIENÍGENA DE MERDA QUE NÃO SERVE PRA PORRA NENHUMA! — Tachyon recuava pela escada aos tropeções, mas o Tartaruga deslizou atrás dele, com os alto-falantes berrando. — ERA TUDO MENTIRA, NÃO ERA? TUDO NAS REVISTAS EM QUADRINHOS, NOS JORNAIS, NÃO PASSAVAM DE

MENTIRAS. DURANTE TODA A MINHA VIDA ME BATERAM E ME CHAMARAM DE FRACO DE MERDA E DE COVARDE, MAS VOCÊ É O COVARDE, SEU BABACA, SEU CHORÃO DE MERDA, VOCÊ NEM TENTA, NÃO DÁ A MÍNIMA PRA NINGUÉM, NÃO DÁ A MÍNIMA PRA SUA AMIGA ANGELICAL NEM PARA KENNEDY NEM PARA O JETBOY NEM PRA NINGUÉM, VOCÊ TEM A PORRA DESSES PODERES TODOS E NÃO É NADA, NÃO VAI FAZER NADA, VOCÊ É PIOR QUE OSWALD OU BRAUN OU QUALQUER UM DELES. — Tachyon descia os degraus cambaleando, com as mãos nos ouvidos, gritando algo incompreensível, mas Tom não estava ouvindo. Sua raiva agora tinha vida própria. Tom usou seu poder e deu um tapa na cara de Tachyon que fez sua cabeça girar. — BABACA! — gritava Tom — *É VOCÊ QUE SE ESCONDE NUMA CARAPAÇA.*

Golpes invisíveis caíram com fúria sobre Tachyon. Ele tropeçou, caiu e rolou um terço das escadarias, tentou ficar de pé outra vez, foi derrubado de novo e caiu de ponta-cabeça na rua.

— BABACA! — trovejou o Tartaruga. — CORRA, SEU MERDA! VÁ EMBORA DAQUI, OU VOU JOGÁ-LO NA PORRA DO RIO! CORRA, SEU MERDA, ANTES QUE O TODO-PODEROSO TARTARUGA FIQUE PUTO DE VERDADE! CORRA, PORRA! É VOCÊ QUEM ESTÁ NUMA CARAPAÇA! É VOCÊ QUEM ESTÁ NUMA CARAPAÇA!

E ele correu. Seguiu cegamente em disparada de um poste de luz a outro até se perder nas sombras. Tom Tudbury o observou sumir nas suas várias telas de TV. Estava se sentindo enjoado e cansado. Sua cabeça latejava. Ele precisava de uma cerveja ou de uma aspirina, ou das duas coisas. Quando ouviu sirenes se aproximando, ergueu Joey e Des e os pôs sobre sua carapaça, apagou as luzes e subiu direto noite adentro, alto, bem alto no interior da escuridão, do frio e do silêncio.

Tach teve uma noite de sono tenebrosa, se revirando de um lado para outro como um homem em um delírio febril, gritando, chorando, despertando várias vezes de pesadelos só para tornar a dormir e retornar a eles. Sonhou que estava de volta a Takis e que seu odiado primo Zabb estava se gabando de um novo brinquedo sexual, mas quando o mostrou,

era Blythe, e ele a estuprou bem na frente de Tach, que observou tudo, impotente, incapaz de intervir; o corpo dela se contorcia embaixo dele e escorria sangue de sua boca, de seus ouvidos e de sua vagina. Ela começou a se transformar nas figuras de mil curingas, cada um mais horrível do que o anterior, e Zabb seguiu em frente, estuprando todos em meio a seus gritos e sua luta. Mas depois, quando Zabb se levantou de cima do cadáver coberto de sangue, não era mais o rosto de seu primo, era o seu próprio, macilento e dissoluto, um rosto *vulgar*, com olhos avermelhados e inchados, cabelos ruivos compridos, emaranhados e gordurosos, feições distorcidas pelo excesso de álcool ou talvez por um espelho do Funhouse.

Ele acordou por volta do meio-dia, com o barulho terrível de Pequenino chorando perto de sua janela. Era mais do que podia aguentar. Foi aos tropeções até a janela, abriu-a e gritou para que o gigante ficasse quieto, para que parasse e o deixasse em paz, por favor, mas Pequenino continuou e não parou, tanta dor, tanta culpa, tanta vergonha, por que não podiam deixá-lo sossegado, não aguentava mais, não, cale a boca, cale a boca, *por favor, cale a boca*, e de repente Tach soltou um grito, projetou sua mente e mergulhou na cabeça do Pequenino e o fez se calar.

O silêncio foi ensurdecedor.

A cabine telefônica mais próxima ficava em uma loja de doces a um quarteirão de distância. A lista telefônica tinha sido destruída por algum vândalo. Ele discou para a telefonista e descobriu o endereço de Xavier Desmond na Christie Street, a apenas uma curta caminhada de distância. O apartamento ficava no quarto andar de um prédio sem elevador, acima de uma loja de máscaras. Tachyon estava sem fôlego quando chegou no apartamento.

Des abriu a porta após a quinta batida.

— Você — disse ele.

— O Tartaruga — disse Tach. Sua garganta estava seca. — Ele conseguiu alguma coisa ontem à noite?

— Não — respondeu Des. Sua tromba se retorceu. — A mesma história de sempre. Já estão ligados nele, sabem que não vai deixá-los cair. Pagam para ver o blefe. Fora realmente matar alguém, não há nada a fazer.

— Me diga a quem perguntar — disse Tach.

— Você?

Tach não conseguia olhar o curinga nos olhos. Ele assentiu.

— Deixe-me pegar meu casaco — disse Des. Ele saiu do apartamento todo agasalhado para o frio e carregando um chapéu de pele e uma capa de chuva bege surrada. — Cubra seu cabelo com o chapéu — disse para Tachyon. — E deixe esse casaco ridículo aqui. Você não quer ser reconhecido.

Tach obedeceu. Quando estavam saindo, Des entrou na loja de máscaras para o toque final.

— Uma galinha? — perguntou Tach quando Des lhe entregou a máscara. Ela tinha penas amarelo-vivo, um bico laranja protuberante e uma crista mole no alto.

— Quando vi, soube que era perfeita para você — disse Des. — Vista.

Um grande guindaste estava se posicionando na Chatham Square para retirar os carros de polícia do telhado do Freakers. O clube estava aberto. O porteiro era um curinga de mais de dois metros de altura sem pelos e com presas. Ele agarrou Des pelo braço quando eles tentaram passar pelas luzes de néon da dançarina de seis seios que rebojava acima da porta.

— Não é permitida a entrada de curingas — disse ele bruscamente. — Cai fora, elefante.

Projete-se e agarre a mente dele, pensou Tachyon. Antigamente, antes de Blythe, ele teria feito aquilo instintivamente. Mas agora hesitava e, hesitante, estava perdido.

Des levou a mão ao bolso traseiro da calça, sacou uma carteira e extraiu dela uma nota de cinquenta dólares.

— Você estava olhando os carros de polícia sendo retirados — disse ele. — Nunca me viu passar.

— Claro — disse o porteiro. A nota sumiu em uma garra que fazia as vezes de mão.

— Às vezes o dinheiro é o maior poder de todos — disse Des enquanto entravam na penumbra cavernosa do interior.

Um público esparsos de meio-dia estava sentado ali, comendo o almoço grátis e vendo uma stripper rodopiar por uma passarela comprida por trás de uma barreira de arame farpado. Ela estava coberta de pelos cinzentos sedosos, exceto nos seios, que tinham sido totalmente depilados. Desmond examinou os reservados ao longo da parede dos fundos, pegou Tach pelo ombro e o conduziu até um canto escuro, onde um homem de japona estava sentado com uma caneca de cerveja.

— Estão deixando curingas entrarem agora? — perguntou o homem, mal-humorado, quando eles se aproximaram. Ele tinha um ar taciturno e um rosto com marcas de catapora.

Tach penetrou em sua mente. *Porra, o que é isso agora? O homem-elefante do Funhouse e quem é o outro? Malditos curingas... de qualquer modo é muita cara de pau.*

— Onde Bannister está escondendo Angelical? — perguntou Des.

— Angelical é a mulher do Funhouse, certo? Não conheço nenhum Bannister. Isso é uma brincadeira? Vá se foder, curinga, eu não quero fazer parte disso.

Em seus pensamentos surgiram imagens confusas; Tach viu espelhos estilhaçando, lâminas de prata voando pelo ar, sentiu o empurrão de Mal e o viu levar a mão às costas para pegar a arma, viu como ele estremeceu e girou quando as balas o acertaram, ouviu a voz suave de Bannister dizer a eles para matar Ruth, viu o armazém perto do Hudson onde eles a estavam escondendo, os hematomas em seus braços quando eles a agarraram, sentiu o medo do homem, medo de curingas, medo de ser pego, medo de Bannister, o medo *deles*. Tach estendeu a mão e apertou o braço de Desmond.

Desmond se virou para ir embora.

— Ei, espere aí — disse o homem com o rosto marcado pela catapora. Ele exibiu um distintivo enquanto saía do reservado. — Sou agente da Narcóticos disfarçado, e você está drogado, senhor, fazendo perguntas de merda como essa. — Des ficou parado enquanto o homem o revistava de cima a baixo. — Vejam só — disse ele, mostrando um saquinho de pó branco de um dos bolsos de Desmond. — O que será isso? Você está preso, sua aberração.

— Isso não é meu — disse Desmond calmamente.

— O cacete que não é — respondeu o homem, e em sua cabeça os pensamentos corriam um atrás do outro *pequeno acidente resistiram à prisão o que eu podia fazer hein? os curingas vão reclamar, mas quem dá ouvidos pra porra de um curinga mas o que vou fazer com o outro?* Ele olhou para Tachyon. *Nossa, olha como treme esse homem-galinha talvez o merda esteja mesmo sob efeito de alguma coisa isso ia ser ótimo.*

Tremendo, Tach percebeu que chegara a hora da verdade.

Não sabia ao certo se conseguiria fazer aquilo. Era diferente do Pequenino; aquilo tinha sido puro instinto, mas agora estava acordado e sabia o que estava fazendo. Antigamente era tão fácil, tão fácil quanto usar as mãos. Mas agora aquelas mãos tremiam e havia sangue nelas, e em sua mente também... ele pensou em Blythe e em como a mente dela se despedaçara sob seu toque, como os espelhos do Funhouse, e por um segundo longo e terrível nada aconteceu, até que o medo azedou em sua garganta e o gosto familiar do fracasso encheu sua boca.

Então o homem com rosto marcado abriu um sorriso simplório, tornou a se sentar em seu reservado, apoiou a cabeça na mesa e dormiu como uma criança.

Des entendeu na hora.

— Obra sua?

Tachyon assentiu.

— Você está tremendo. Está tudo bem, doutor? — perguntou Des.

— Acho que sim — disse Tachyon. O policial tinha começado a roncar alto. — Acho que talvez eu esteja bem, Des. Pela primeira vez em anos. — Ele olhou para o rosto do curinga, foi além da deformidade e viu o homem por baixo dela. — Eu sei onde ela está — disse, e os dois foram em direção à saída. Na jaula, uma hermafrodita de seios fartos e barba tinha começado a dançar e se contorcer. — Temos que agir rápido.

— Posso reunir vinte homens em uma hora.

— Não — disse Tachyon. — O lugar onde ela está sendo mantida não fica no Bairro dos Curingas.

Des parou com a mão na porta.

— Entendi. E fora daqui, curingas e homens mascarados chamam muita atenção, não é?

— Exatamente — disse Tach.

Ele não externou sua outra preocupação, da retaliação que com certeza viria se os curingas ousassem enfrentar a polícia, mesmo policiais tão corruptos quanto Bannister e seus comparsas. Ele mesmo assumiria o risco, não tinha mais nada a perder, mas não podia permitir que outros fizessem o mesmo.

— Você consegue entrar em contato com o Tartaruga? — perguntou.

— Posso levá-lo até ele — respondeu Des. — Quando?

— Agora.

Em uma ou duas horas o policial adormecido acordaria e iria direto falar com Bannister. E dizer o quê? Que Des e um homem com máscara de galinha tinham feito algumas perguntas e que ele estava prestes a prendê-los quando de repente ficou com muito sono? Será que ousaria admitir isso? Se admitisse, o que Bannister pensaria? O bastante para mudar Angelical de lugar? O bastante para matá-la? Eles não podiam arriscar.

Quando saíram da penumbra do Freakers, o guindaste tinha acabado de baixar na calçada o segundo carro de polícia. Soprava um vento frio, mas, por trás de sua máscara de galinha, o dr. Tachyon tinha começado a suar.

Tom Tudbury acordou com o barulho baixo e abafado de alguém batendo em sua carapaça.

Ele afastou o cobertor surrado e bateu com a cabeça ao se sentar.

— Ah, droga — xingou, tateando na escuridão até encontrar a luz.

As batidas continuaram, um *bum bum bum* surdo contra a blindagem que fazia eco. Tom sentiu uma pontada de pânico. *A polícia, pensou, eles me encontraram, vieram me prender.* Sua cabeça doía. Era frio e abafado

ali dentro. Ligou o aquecedor portátil, os ventiladores e as câmeras. Suas telas ganharam vida.

Lá fora fazia um dia claro e frio de dezembro, e a luz do sol pintava cada tijolo sujo com grande nitidez. Joey havia tomado o trem de volta para Bayonne, mas Tom tinha ficado; o tempo deles estava se esgotando, não tinha alternativa. Des encontrou um lugar seguro para ele, um pátio interno nas profundezas do Bairro dos Curingas, cercado por prédios residenciais em ruínas e cujas pedras do calçamento emanavam fedor de esgoto, totalmente escondido da rua. Quando aterrissou, pouco antes do amanhecer, suas luzes iluminaram por um instante algumas das janelas escuras, e rostos cautelosos vieram espiar o que havia entre as sombras; rostos precavidos, assustados, não exatamente humanos, vistos de relance e sumindo logo, quando decidiram que a coisa lá fora não era da conta deles.

Bocejando, Tom se ergueu em seu assento e examinou a imagem das câmeras até descobrir a origem da comoção. Des estava ao lado da porta aberta de um porão, de braços cruzados, enquanto o dr. Tachyon martelava a carapaça com um cabo de vassoura.

Aturdido, Tom ligou seus microfones.

— VOCÊ.

Tachyon recuou.

— Por favor.

Ele baixou o volume.

— Desculpa. Você me pegou de surpresa. Achei que nunca mais fosse vê-lo. Quero dizer, depois de ontem à noite. Eu não machuquei você, machuquei? Não era minha intenção, eu só...

— Eu entendo — disse Tachyon. — Mas agora não temos tempo para recriminações nem desculpas.

A imagem de Des começou a correr para cima. Maldito controle do vertical.

— Nós sabemos onde esconderam ela — informou o curinga enquanto a imagem corria na tela. — Quero dizer, se o dr. Tachyon puder mesmo ler mentes, como diziam.

— Onde? — perguntou Tom.

A imagem de Des continuava correndo sem parar na vertical.

— Um armazém à beira do Hudson — respondeu Tachyon. — Perto da base de um píer. Não sei ao certo o endereço, mas eu o vi claramente nos pensamentos dele. Vou reconhecer.

— Ótimo! — disse Tom com entusiasmo.

Ele desistiu de seus esforços para ajustar o controle do vertical e deu um tapa na tela. A imagem firmou.

— Então nós os pegamos. Vamos lá. — A expressão no rosto de Tachyon o tomou de surpresa. — Você vem, não vem?

Tachyon engoliu em seco.

— Vou — confirmou. Tinha uma máscara nas mãos e a vestiu.

Ainda bem, pensou Tom; por um segundo achou que teria de ir sozinho.

— Suba.

Com um grande suspiro de resignação, e as botas sem apoio arranhando a blindagem, o alienígena subiu no topo da carapaça. Tom agarrou os braços de seu assento com força e empurrou para o alto. A carapaça se ergueu com tanta facilidade quanto uma bolha de sabão. Ele ficou eufórico. Aquele era o seu dever, pensou; devia ser assim que Jetboy se sentia.

Joey tinha instalado uma buzina monstro na carapaça. Tom a tocou enquanto flutuavam acima dos prédios, assustando alguns pombos,

alguns bêbados e Tachyon, com o tema característico: *Vai salvá-lo do perigo*.

— Talvez fosse prudente ser um pouco mais sutil em relação a isso — disse Tachyon diplomaticamente.

Tom riu.

— Não acredito, um homem do espaço que quase sempre está vestido como Pinky Lee montado em cima de mim, e ele me diz que eu devia ser sutil.

Ele riu de novo enquanto as ruas do Bairro dos Curingas se estendiam por toda a volta.

Fizeram a aproximação final através de um labirinto de ruelas nas docas. A última era um beco sem saída, que terminava em um muro de tijolos com os nomes de gangues e declarações de amor pichadas. O Tartaruga se ergueu acima do muro, e eles emergiram na área de carga nos fundos do armazém. Um homem de jaqueta de couro estava sentado à beira do cais de carga e ergueu-se em um salto quando eles apareceram flutuando. Seu salto foi muito mais alto do que previu, cerca de uns três metros acima. Ele abriu a boca, mas, antes que pudesse gritar, Tach o havia dominado; ele caiu no sono em pleno ar. O Tartaruga o escondeu no alto de um telhado próximo.

Quatro grandes entradas de carga davam para o cais, todas fechadas com corrente e cadeado, seus portões de metal corrugado marcados com faixas largas e marrons de ferrugem. INTRUSOS SERÃO DENUNCIADOS, diziam as letras na porta lateral estreita.

Tach pulou para o chão e aterrissou com facilidade, seus nervos tinindo.

— Vou entrar. Espere um minuto e então venha atrás de mim.

— Um minuto — veio dos alto-falantes. — Combinado.

Tach tirou as botas, abriu uma fresta na porta e deslizou para dentro do armazém com os pés envoltos em meias roxas, conjurando toda a discrição e fluidez de movimentos que lhe foram ensinados muito tempo atrás, em Takis. Lá dentro, havia fardos de aparas de papel bem amarrados com arame fino e empilhados até uma altura de nove, dez metros. Tachyon caminhou furtivamente por uma passagem cheia de curvas na direção do som de vozes. Uma grande empilhadeira amarela bloqueava a passagem. Ele se curvou e entrou rastejando embaixo dela para espiar do outro lado de um enorme pneu.

Contou um total de cinco. Dois estavam jogando cartas, sentados em cadeiras de praia e usando uma pilha de livros de bolso sem capa como mesa. Um homem bastante gordo estava ajustando uma gigantesca máquina de picar papel junto da parede dos fundos. Os dois últimos estavam debruçados sobre uma mesa comprida com sacos de pó branco empilhados em fileiras organizadas diante deles. O homem alto de camisa de flanela pesava algo em um pequeno conjunto de balanças. A seu lado, supervisionando, havia um homem magro e começando a ficar careca usando uma capa de chuva que parecia ser cara. Ele tinha um cigarro na mão, e sua voz era suave e macia. Tachyon não conseguia entender direito o que diziam. Não havia sinal de Angelical.

Ele mergulhou no esgoto que era a mente de Bannister e a viu. Entre a máquina de picar papel e a enfardadeira. De onde estava, ele não conseguia ver o local, pois as máquinas obstruíam seu campo de visão, mas ela estava lá. Um colchão imundo tinha sido jogado sobre o chão de concreto, e ela estava deitada nele, os tornozelos inchados e machucados onde as algemas esfolavam sua pele.

— ... cinquenta e oito, cinquenta e nove, sessenta — contou Tom.

Os portões de carga eram grandes o bastante. Ele apertou e o cadeado se desintegrou em pedaços de ferrugem e metal retorcido. A corrente caiu com um tinido e o portão estremeceu e se ergueu sob o ruído dos trilhos enferrujados. Tom acendeu todas as suas luzes enquanto a carapaça deslizava para a frente. Lá dentro, pilhas altas de papel bloqueavam o caminho. Não havia espaço para passar entre elas. Ele as empurrou, *com força*, mas quando estavam começando a desmoronar lembrou-se de que podia passar por cima delas. Ele deu um impulso para cima na direção do teto.

— Que porra é essa? — disse um dos jogadores de cartas quando ouviram o ruído alto e agudo do portão de carga se abrindo.

No instante seguinte, todos estavam em movimento. Os dois jogadores ficaram de pé; um deles puxou uma arma. O homem de camisa de flanela ergueu os olhos de suas balanças. O homem gordo virou-se da picadora de papel gritando alguma coisa, mas era impossível entender o que dizia. Fardos de papel começaram a desmoronar perto da parede mais distante, batendo nas pilhas vizinhas e as derrubando, em uma reação em cadeia que se espalhou por todo o armazém.

Sem hesitar um instante, Bannister foi na direção de Angelical. Tach entrou em sua mente e o deteve no meio de um passo, com o revólver já sacado.

Então uma dúzia de fardos de papel picado despencou na traseira da empilhadeira. O veículo se moveu só um pouco e a mão de Tachyon ficou presa e esmagada embaixo de um enorme pneu preto. Ele gritou pelo choque e pela dor e perdeu Bannister.

Lá embaixo, dois homenzinhos estavam atirando em sua direção. O primeiro tiro o assustou tanto que Tom perdeu a concentração por uma fração de segundo, e a carapaça despencou mais de um metro antes que retomasse o controle. Então as balas começaram a acertar inofensivamente a carapaça e a ricochetear por todo o armazém. Tom sorriu.

— SOU O TODO-PODEROSO TARTARUGA — anunciou a todo volume enquanto fardos de papel caíam por todo lado. — SEUS BABACAS, VOCÊS ESTÃO FODIDOS, RENDAM-SE AGORA.

O babaca mais próximo não se rendeu. Ele atirou de novo e uma das telas de Tom ficou escura.

— AH, MERDA — disse ele, esquecendo-se de desligar o microfone.

Agarrou o braço do sujeito e tirou a arma de sua mão, e pelo modo como o imbecil gritava, ele provavelmente deslocara seu ombro, droga. Tinha que tomar cuidado com isso. O outro sujeito começou a correr e pulou por cima de uma pilha desmoronada de papel. Tom o pegou no meio do salto, levou-o direto até o teto e o pendurou em uma viga. Seus olhos iam de tela em tela sem parar, mas uma delas agora estava escura, e na que havia ao lado, o maldito controle de vertical estava com problema de novo, por isso ele não tinha ideia do que estava acontecendo. Não havia tempo para consertar aquilo. Um sujeito de camisa de flanela estava colocando sacos em uma mala, ele viu na tela grande, e pelo canto do olho percebeu um cara gordo subindo na empilhadeira...

Com a mão esmagada embaixo do pneu, Tachyon se contorcia com a dor excruciante e tentava não gritar. Bannister... tinha que deter Bannister antes que ele alcançasse Angelical. Ele travou os dentes e tentou expulsar a dor, juntá-la em uma bola e arrancá-la de si da maneira

que haviam lhe ensinado, mas era difícil, tinha perdido a disciplina, podia sentir os ossos esmigalhados da mão, os olhos estavam turvos de lágrimas, e então ele ouviu o motor da empilhadeira dar a partida, e de repente ela começou a avançar, passou bem em cima de seu braço e vinha na direção de sua cabeça, os sulcos do pneu maciço parecendo uma parede sombria de morte que corria em sua direção... e passou a centímetros do topo de seu crânio quando se ergueu no ar.

A empilhadeira fez um belo voo até o outro lado do armazém e se cravou na parede, com uma ajudinha do Todo-poderoso Tartaruga. O homem gordo saltou em pleno ar e aterrissou sobre uma pilha de livros de bolso sem capas. Só então Tom percebeu Tachyon estendido no chão no lugar onde estivera a empilhadeira. Ele segurava a mão de modo engraçado, e sua máscara de galinha estava esmagada e suja; ele viu Tom e, enquanto se esforçava para ficar de pé, gritava alguma coisa. Ele saiu correndo, mesmo cambaleante. Aonde estava indo com tanta pressa?

Franzindo o cenho, Tom deu um tapa com as costas da mão na tela que não estava funcionando, e a rolagem vertical parou de repente. Por um instante, a imagem na TV ficou clara e nítida. Um homem de capa de chuva estava parado acima de uma mulher deitada em um colchão. Ela era muito bonita, e havia um sorriso estranho em seu rosto, triste e quase resignado, enquanto ele pressionava o revólver contra sua testa.

Cambaleando, Tach fez a volta na máquina de picar papel, seus pés fraquejando, o mundo apenas um borrão. Seus ossos esmigalhados se chocavam uns contra os outros a cada passo. Ele os encontrou; Bannister tocando-a de leve com a pistola, a pele já escurecendo no local onde a bala penetraria, e através de suas lágrimas e medos e uma névoa de dor,

ele avançou sobre a mente de Bannister e a dominou... bem a tempo de senti-lo apertar o gatilho e estremecer quando o revólver deu um coice em sua mente. Ele ouviu a explosão por dois pares de ouvidos.

— Nããããããã! — gritou.

Ele fechou os olhos, caiu de joelhos. Fez Bannister jogar a arma longe, mas isso agora não ia fazer nenhuma diferença, tarde demais, ele tinha chegado tarde demais, tinha falhado, *falhado* de novo, Angelical, Blythe, sua irmã, todo mundo que amava, todos mortos. Ele se encolheu no chão e sua mente se encheu de imagens de espelhos quebrados, da dança nupcial dançada em sangue e dor, e isso foi a última coisa em que pensou antes de ser tomado pela escuridão.

Ele acordou com o cheiro asséptico de um quarto de hospital e a sensação de um travesseiro sob a cabeça, a fronha dura de tão engomada. Abriu os olhos.

— Des — disse sem forças.

Tentou se sentar, mas parecia estar amarrado. O mundo estava borrado e fora de foco.

— Você está com uma tração, doutor — explicou Des. — Seu braço direito estava quebrado em dois lugares, e a mão está ainda pior.

— Sinto muito — disse Tach. Ele teria chorado, mas não lhe restara lágrimas. — Sinto tanto. Nós tentamos, eu... eu sinto muito, eu...

— *Tacky* — disse ela com aquela voz suave e rouca.

E lá estava ela, de pé ao seu lado, vestida com uma camisola de hospital, o cabelo negro emoldurando um sorriso triste. Ela o havia penteado para a frente para esconder a testa; sob a franja havia um machucado roxo-esverdeado, e a pele em torno de seus olhos estava

vermelha e esfolada. Por um instante ele achou que estava morto, ou louco, ou sonhando.

— Está tudo bem, Tacky. Estou bem. Estou aqui.

Ele ergueu os olhos para ela, estarrecido.

— Você morreu. Eu ouvi o tiro. Eu o havia dominado naquele momento, mas foi tarde demais, eu senti o coice da arma na mão dele.

— Você sentiu um tranco? — perguntou ela.

— Tranco?

— Não mais que alguns centímetros. Assim que ele atirou. Foi o bastante. Fiquei com queimaduras de pólvora muito feias, mas a bala penetrou no colchão a vinte centímetros da minha cabeça.

— O Tartaruga — disse Tach com voz rouca.

Ela assentiu.

— Ele desviou a arma no exato momento em que Bannister apertou o gatilho. E você fez o filho da puta jogar o revólver longe antes que pudesse atirar de novo.

— Você os pegou — disse Des. — Alguns homens escaparam na confusão, mas o Tartaruga entregou três deles, incluindo Bannister. Além de uma mala com dez quilos de heroína pura. E descobriram que o armazém pertence à máfia.

— À máfia? — perguntou Tachyon.

— O crime organizado — explicou Des. — Bandidos, dr. Tachyon.

— Um dos homens capturado no armazém já fez acordo — disse Angelical. — Ele vai testemunhar sobre tudo, as propinas, a operação de drogas e os assassinatos no Funhouse.

— Talvez a gente consiga até uma polícia decente no Bairro dos Curingas — acrescentou Des.

Os sentimentos de Tachyon estavam muito além do alívio. Queria agradecer a eles, queria chorar por eles, mas nem as lágrimas nem as palavras saíam. Estava fraco e feliz.

— Eu não falhei — conseguiu dizer por fim.

— Não — disse Angelical. Ela olhou para Des. — Pode esperar lá fora? — Quando estavam sozinhos, ela se sentou na beira da cama. — Quero mostrar uma coisa a você, algo que eu devia ter mostrado há muito tempo. — Ela segurou diante dele um medalhão de ouro. — Abra.

Foi difícil abri-lo com uma só mão, mas ele conseguiu. Lá dentro havia uma pequena fotografia redonda de uma mulher idosa acamada. Seus membros eram murchos e esqueléticos, pareciam varas enroladas em carne sarapintada, e seu rosto estava horivelmente contorcido.

— O que há de errado com ela? — perguntou Tachyon, com medo da resposta. *Outro curinga*, pensou, mais uma vítima de seus fracassos.

Angelical baixou o olhar para a velha retorcida, deu um suspiro e fechou o medalhão com um movimento rápido.

— Quando ela tinha quatro anos, em Little Italy, foi atropelada enquanto brincava na rua. Um cavalo pisoteou seu rosto e a roda da carroça esmagou sua espinha. Isso deve ter sido, ah, em 1886. Ela ficou completamente paralisada, mas sobreviveu. Se é que dá para chamar aquilo de vida. Aquela garotinha passou os sessenta anos seguintes na cama, com gente para alimentá-la, banhá-la e ler para ela, sem nenhuma companhia além das irmãs de caridade. Às vezes, tudo o que ela desejava era morrer. Ela sonhava como seria ser bela, ser amada e desejada, poder dançar, conseguir *sentir* coisas. Ah, como ela queria *sentir*. — Ela sorriu. — Eu devia ter agradecido há muito tempo, Tacky, mas é difícil para mim mostrar essa foto para alguém. Mas sou grata, e agora estou duplamente

em dívida com você. Você nunca mais vai precisar pagar por uma bebida no Funhouse.

Ele a encarou.

— Eu não quero beber. Não mais. Isso acabou.

E era verdade, ele sabia; se ela era capaz de viver com sua dor, que desculpa ele podia ter para desperdiçar sua vida e seus talentos?

— Angelical — disse ele de repente —, posso fazer para você algo melhor que heroína. Eu era... eu *sou* bioquímico, há drogas em Takis, posso sintetizá-las, analgésicos, anestésicos neurológicos. Se me deixar conduzir alguns testes em você, talvez consiga fazer algo especialmente para seu metabolismo. Vou precisar de um laboratório, é claro. Montar tudo vai ser caro, mas a droga pode ser feita por centavos.

— Vou ter algum dinheiro — disse ela. — Estou vendendo o Funhouse para Des. Mas isso que você está dizendo é ilegal.

— Que se danem essas leis idiotas! Se você não falar nada, eu também não falo.

As palavras jorraram como uma torrente: planos, sonhos, esperanças, todas as coisas que ele havia perdido ou afogado em conhaque e álcool, e Angelical o encarava admirada, sorrindo, e quando o efeito das drogas que lhe haviam aplicado começou a passar e o braço dele voltou a latejar, o dr. Tachyon se lembrou da antiga disciplina e fez a dor ir embora, e de algum modo pareceu que parte de sua culpa e pesar foram com ela, e ele estava inteiro outra vez, e vivo.

A manchete dizia: TARTARUGA E TACHYON DESMANTELAM REDE DE TRÁFICO DE HEROÍNA. Tom estava colando a reportagem no álbum de recortes quando Joey voltou com as cervejas.

— Eles não botaram a parte do Todo-poderoso — observou Joey, deixando uma garrafa junto ao cotovelo de Tom.

— Pelo menos meu nome apareceu primeiro.

Ele limpou os dedos sujos de grossa pasta branca com um guardanapo e deixou o álbum de recortes de lado. Embaixo, havia alguns esboços que fizera da carapaça.

— Agora — disse ele —, onde é que vamos botar o toca-discos, hein?

INTERLÚDIO DOIS

Do *New York Times*,
1º de setembro de 1966

CLÍNICA NO BAIRRO DOS CURINGAS ABRE NO DIA DO WILD CARD

A abertura de um hospital de pesquisa com financiamento privado, especializado no tratamento do vírus takisiano Wild Card, foi anunciada ontem pelo dr. Tachyon, cientista alienígena que ajudou a desenvolver o vírus. O dr. Tachyon atuará como chefe da equipe na nova instituição, localizada na South Street, com vista para o East River.

O instituto será conhecido como Clínica Blythe van Renssaeler, em homenagem à falecida sra. Blythe Stanhope van Renssaeler. A sra. Van Renssaeler, membro do Exóticos pela Democracia de 1947 a 1950, faleceu em 1953 no Sanatório Wittier. Ela era conhecida como “a Especialista”.

A Clínica Van Renssaeler abrirá as portas ao público em 15 de setembro, vigésimo aniversário da liberação do vírus Wild Card sobre Manhattan. Serão oferecidos serviço de pronto-socorro e tratamento psicológico de pacientes ambulatoriais, com 196 leitos no hospital. “Estamos aqui para servir à vizinhança e à cidade”, disse o dr. Tachyon na tarde da coletiva de imprensa nos degraus do Túmulo de Jetboy, “mas nossa prioridade máxima será o tratamento daqueles que passaram tanto tempo às margens, os curingas, cujas necessidades médicas singulares e com frequência desesperadas foram ignoradas em larga escala pelos hospitais existentes. O vírus Wild Card foi disseminado vinte anos atrás, e essa ignorância deliberada e contínua sobre ele é criminosa e imperdoável”. O dr. Tachyon comentou esperar que a Clínica Van Renssaeler possa se tornar o principal centro referente à pesquisa do vírus Wild Card e encabeçar esforços para aperfeiçoar a cura, conhecido como vírus “trunfo”.

A clínica será alojada em um prédio histórico construído em 1874 às margens do rio. O prédio já foi um hotel, conhecido como Refúgio do Marinheiro, de 1888 a 1913. De 1913 a 1942 foi o Lar do Sagrado Coração para Garotas Rebeldes, transformando-se em seguida em uma pensão barata.

O dr. Tachyon revelou que a compra do prédio e a restauração completa de suas instalações internas foram financiadas por uma doação da Fundação Stanhope de Boston, chefiada pelo sr. George C. Stanhope. O sr. Stanhope era o pai da sra. Van Renssaeler. “Se Blythe estivesse viva, sei que adoraria poder trabalhar ao lado do dr. Tachyon”, declarou o sr. Stanhope.

Inicialmente, o trabalho na clínica será financiado por honorários e doações particulares, mas o dr. Tachyon admitiu ter voltado há pouco de Washington, onde se reuniu com o vice-presidente Hubert H. Humphrey. Fontes próximas ao vice-presidente indicam que o governo está considerando o financiamento parcial da clínica do Bairro dos Curingas por meio dos escritórios do Comitê de Recursos Internos do Senado para Empenho dos Ases (CRISE-A).

Uma multidão de aproximadamente quinhentas pessoas, muitas das quais claramente vítimas do vírus Wild Card, aplaudiu com entusiasmo o anúncio do dr. Tachyon.

A NOITE LONGA E OBSCURA DE FORTUNATO

Lewis Shiner

Ele só conseguia pensar em como ela era linda quando estava viva.

— Vou ter que pedir para o senhor identificar o cadáver — disse o legista.

— É ela — respondeu Fortunato.

— Nome?

— Erika Naylor. Erika com k.

— Endereço?

— Park Avenue, 16.

O homem assobiou.

— Classe alta. Parentes próximos?

— Não sei. Ela era de Minneapolis.

— Certo. Elas todas vêm de lá. O senhor acha que tem uma faculdade de putas ou alguma coisa parecida por lá?

Fortunato olhou para o ferimento comprido e horrível na garganta da garota e deixou que o legista fitasse seus olhos.

— Ela não era puta — retrucou.

— Claro — disse o médico, mas deu um passo para trás e baixou os olhos para a prancheta. — Vou colocar aqui “modelo”.

Gueixa, pensou Fortunato. Era uma de suas gueixas. Inteligente, engraçada, linda, chef e massagista, além de psicóloga não licenciada, criativa e sensual na cama.

Era a terceira de suas garotas a ser metodicamente cortada, no último ano.

Ele saiu para a rua sabendo que estava com uma péssima aparência. Tinha um metro e noventa e cinco de altura, magro de anfetaminas, e quando relaxava a postura parecia que o peito afundava na espinha. Lenore esperava por ele, aconchegada em seu casaco preto de pele falsa, embora o sol tivesse finalmente saído. Quando ela o viu, colocou-o direto em um táxi e deu o próprio endereço ao taxista, West 19th.

O olhar de Fortunato passeava através da janela pelas garotas de cabelos longos em jeans bordados, os pôsteres de luz negra nas vitrines das lojas, o giz brilhante riscado sobre todas as calçadas. Era quase Páscoa, dois invernos depois do Verão do Amor, mas só de pensar na primavera ficava tão gelado quanto o piso ladrilhado do necrotério.

Lenore pegou sua mão e a apertou, e Fortunato recostou-se no banco e fechou os olhos.

Ela era nova. Uma de suas garotas a resgatara de um cafetão do Brooklyn chamado Willie Martelo, e Fortunato pagara cinco mil dólares por seu “passe”. Todos nas ruas sabiam que, se Willie tivesse negado, Fortunato gastaria os cinco mil para matá-lo, sendo esse o atual valor de mercado de uma vida humana.

Willie trabalhava para a família Gambione, e Fortunato havia batido de frente com eles mais de uma vez. Ser negro (ou mestiço, não fazia diferença) e independente deu a Fortunato um lugar de destaque nas fantasias paranoicas de Dom Carlo. A única coisa que Dom Carlo odiava mais eram os curingas.

Fortunato poderia até ter suspeitado que o velho estivesse por trás dos assassinatos, não fosse uma coisa: ele cobiçava demais a operação de Fortunato para mexer logo com as mulheres.

Lenore viera de uma cidade provinciana nas montanhas da Virgínia, onde os mais velhos ainda falavam o inglês elisabetano. Ela trabalhara para Willie por menos de um mês, tempo insuficiente para estragar sua beleza. Tinha cabelos ruivos escuros até a cintura, olhos verdes néon, e uma boca pequena, quase delicada. Estava sempre vestida de preto e pensava ser uma bruxa.

Quando Fortunato a entrevistou, ficou comovido com sua entrega, sua absorção completa à sensualidade, uma contradição com sua aparência tranquila e sofisticada. Ele a aceitou para treinamento e ela estava com ele havia três semanas, fazendo programas apenas eventualmente, realizando a transição de talentosa garota de programa para aprendiz de gueixa, que levaria no mínimo dois anos.

Ela o levou ao seu apartamento e parou com a chave na fechadura.

— Hã, espero que você não ache muito estranho.

Ele esperou na entrada enquanto ela caminhava pela sala e acendia velas. Cortinas pesadas pendiam da janela, e ele não via quaisquer eletrodomésticos, apenas um telefone — sem TV, relógios, nem sequer uma torradeira. No centro desértico da sala ela havia pintado uma imensa estrela de cinco pontas no meio de um círculo, direto no chão de

madeira de lei. Por trás dos aromas sensuais de incenso e almíscar subia o leve fedor sulfuroso de um laboratório químico.

Ele trancou a porta e a seguiu até o quarto. O apartamento exalava sexualidade. Fortunato mal podia mover os pés pelo grosso carpete vinho; a cama tinha um dossel com cortinas de veludo vermelho e era tão alta que havia degraus para subir nela.

Lenore pegou um baseado no criado-mudo, acendeu e passou para Fortunato.

— Já volto — ela disse.

Ele tirou a roupa e deitou com as mãos atrás da cabeça, o baseado pendendo da boca. Tragou com vontade e ficou olhando os dedos dos pés se esticarem. O teto acima era azul-escuro, com constelações aplicadas em verde-amarelado fosforescente. Signos do zodíaco, pelo que conseguia enxergar. Magia, astrologia e gurus estavam muito na moda. As pessoas em festas badaladas no Village sempre perguntavam umas às outras de que signo eram e falavam sobre karma. Ele achava que a Era de Aquário tinha sido apenas uma grande ilusão. Nixon estava na Casa Branca, crianças estavam sendo alvejadas no sudeste da Ásia, e ele ainda ouvia a palavra “crioulo” todos os dias. Mas tinha clientes que amariam aquele lugar.

Se o maluco com uma faca não acabasse com seu negócio.

Lenore ajoelhou-se ao lado dele na cama, nua.

— Sua pele é tão bonita.

Ela correu a ponta dos dedos sobre o peito dele, fazendo-o se arrepiar.

— Nunca vi uma cor como essa antes. — Como ele não respondeu, ela disse: — Me disseram que sua mãe é japonesa.

— E meu pai era um cafetão do Harlem.

— Você está puto da vida com tudo isso, não é?

— Eu amo essas garotas. Amo todas vocês. Vocês são mais importantes para mim que dinheiro ou família ou... qualquer outra coisa.

— E?

Ele achava que não tinha mais o que dizer até as palavras começarem a brotar.

— Eu me sinto tão... tão terrivelmente impotente. Algum filho da puta maluco está matando minhas garotas e não tem nada que eu possa fazer.

— Talvez sim. Talvez não. — Seus dedos se entrelaçaram nos pelos púbicos dele. — Sexo é poder, Fortunato. É a coisa mais poderosa do universo. Nunca se esqueça disso.

Com o pênis de Fortunato na boca, ela trabalhou gentilmente com a língua, como se ele fosse um picolé. Ele endureceu instantaneamente, e sentiu o suor brotar na testa. Apagou o baseado com a ponta dos dedos úmidos e jogou-o para fora da cama. Seus calcanhares deslizavam na maciez gelada dos lençóis e o perfume de Lenore era inebriante. Pensou em Erika, morta, e isso o fez ter vontade de foder Lenore intensa e demoradamente.

— Não — falou ela, tirando a mão dele de seus seios. — Você me tirou das ruas, me ensinou o que *você* sabe. Agora é minha vez.

Ela o empurrou para que deitasse de costas com os braços para cima, e com as unhas pintadas de preto percorreu a pele macia sobre suas costelas. Então começou a mover-se sobre seu corpo, tocando-o com os lábios, os seios, a ponta dos cabelos, até sua pele ficar quente o bastante para brilhar no escuro. E, finalmente, sentou com as pernas abertas sobre ele e deixou que a penetrasse.

Estar dentro dela lhe deu a onda de uma droga. Ele arqueava os quadris e ela pressionava, se apoiando nos braços, seu cabelo caindo como uma

cascata em torno da cabeça. Então, lentamente, ela ergueu os olhos e o encarou.

— Eu sou *Shakti* — disse ela. — Eu sou a deusa. Eu sou o poder.

Ela sorriu ao falar e, em vez de soar maluca, apenas fez com que a desejasse ainda mais. Então sua voz rompeu-se em suspiros curtos e agitados enquanto ela gozava, estremecendo, jogando a cabeça para trás e fazendo um vaivém intenso contra ele. Fortunato tentou trocar de posições para gozar também, mas ela era mais forte do que imaginara, enterrando os dedos em seus ombros até ele relaxar, acariciando-o novamente com uma lentidão angustiante.

Ela gozou mais duas vezes antes de tudo ficar vermelho e ele sentir que não conseguiria segurar mais. Mas ela também sentiu e, antes que Fortunato se desse conta, se afastou e levou a mão entre as pernas dele, penetrando um dedo até a raiz de seu pênis. Era tarde demais para parar, e o orgasmo o tomou com tanta força que sua bunda desencostou toda da cama. Ela pressionou seu peito com a mão esquerda e continuou pressionando com a direita, parando o esperma antes que ele pudesse jorrar, forçando-o de volta para dentro.

Ela me matou, ele pensou enquanto sentia o fogo líquido voltar com força para dentro de sua virilha, queimando por todo o caminho até a medula espinhal e acendendo-a como um pavio.

— *Kundalini* — sussurrou ela, o rosto suado e concentrado. — Sinta o poder.

A centelha disparou coluna acima e explodiu em seu cérebro.

Por fim, ele reabriu os olhos. O tempo tinha saído das rodas dentadas do projetor e ele via tudo em quadros únicos, desconexos. Lenore o abraçava. As lágrimas corriam de seu rosto e caíam no peito dele.

— Eu flutuei — disse Fortunato, quando finalmente encontrou a voz.
— Lá em cima, no teto.

— Achei que você tivesse morrido — disse Lenore.

— Vi nós dois. Tudo parecia feito de luz. O quarto estava branco e pareceu durar uma eternidade. Tinha linhas e ondulações em todo lugar.

Ele se sentia um pouco como se estivesse sob o efeito de muita cocaína, e um pouco como se tivesse metido o dedo na tomada.

— O que você fez comigo?

— Ioga tântrica. Eu achei que... sei lá. Ia te dar um barato. Nunca soube de alguém reagir dessa maneira antes. — Ela se virou para ele. — Você saiu mesmo? Saiu do corpo?

— Acho que sim.

Ele sentia o cheiro de menta do xampu que ela usava. Segurou seu rosto e a beijou. A boca de Lenore era macia e úmida, e sua língua roçou contra os dentes dele. Ele ainda estava duro como pedra e começou a tremer de desejo por ela.

Girou para ficar por cima e Lenore o guiou para penetrá-la. Ele a sentia ardendo de vontade.

— Fortunato — sussurrou ela, seus lábios ainda tão próximos que roçavam nos dele ao falar —, se você gozar, vai perder a sensação. Vai ficar tão fraco que não vai conseguir se mexer.

— Querida, não dou a mínima. Nunca desejei tanto alguém.

Ele se apoiou nos cotovelos para poder olhar para ela, os quadris investindo freneticamente. Cada nervo estava vivo, e ele sentiu o poder tomando-o por inteiro antes de recuar aos poucos e se reunir em algum lugar no centro do seu corpo, a ponto de explodir, deixando-o seco, fraco, indefeso, drenado...

Fortunato se afastou, rolou para a beira da cama e se curvou, abraçando os joelhos.

— Meu Deus! — gritou ele. — Que porra está acontecendo comigo?

Lenore queria ficar com ele, mas Fortunato a mandou para a aula de gueixa mesmo assim. Prometeu que estaria ali quando ela voltasse.

O apartamento parecia imenso e vazio sem ela, e ele teve uma visão assustadora de Lenore sozinha na rua com o assassino de Erika ainda à solta.

Não, disse para si mesmo. *Não aconteceria de novo, não tão rápido.*

Encontrou um espalhafatoso robe oriental no armário e o vestiu, perambulou pelo apartamento, medindo o zumbido inaudível de seus nervos. Por fim, parou na frente da estante de livros da sala de estar.

Kundalini, ela dissera. O nome não lhe era estranho e, quando viu um livro chamado *A serpente em ascensão*, ligou os pontos. Pegou o livro e começou a lê-lo.

Leu sobre a Grande Irmandade Branca de Ultima Thule, que ficava em algum lugar na Tartária. O *Livro de Dyzan* perdido e o *vama chara*, o caminho da esquerda. A *kali yuga*, a última e mais corrupta das eras, que agora tinha chegado. “Faça o que desejar, pois dessa maneira você satisfaz a deusa.” *Shakti*. Sêmen como o *rasa*, o sumo, do poder: o *yod*. Sodomia que revivia os mortos. Metamorfos, corpos astrais, obsessões implantadas que levavam ao suicídio. Paracelso, Aleister Crowley, Mehmet Karagoz, L. Ron Hubbard.

A concentração de Fortunato era total. Absorvia cada palavra, cada diagrama, folheava para trás e adiante para fazer comparações, estudar as ilustrações. Quando terminou, viu que haviam passado vinte e três minutos desde que Lenore saíra.

O tremor em seu peito era medo.

No meio da noite, ele se esticou para tocar o rosto de Lenore e seus dedos voltaram molhados.

— Está acordada? — disse ele.

Ela se virou e aconchegou-se bem junto dele. O calor da pele nua o eletrificou e tranquilizou ao mesmo tempo, como o gosto de um uísque caro. Deslizou os dedos pelos cabelos dela e beijou seu pescoço perfumado.

— Por que está chorando?

— É bobagem — respondeu ela.

— O quê?

— Eu acredito de verdade naquela coisa. *Magick*. A Grande Obra, como Crowley chamava. — Ela pronunciava magia com um *a* longo e Crowley com um *o* longo como em *corvo*. — Fiz ioga e aprendi a Cabala, o tarô e o sistema enoquiano. Jejuei e fiz o Ritual do Não Nascido, e estudei Abramelin. Mas nada nunca aconteceu.

— O que você está tentando fazer?

— Sei lá. Ter uma visão. *Samadhi*. Queria ver algo além de um maldito ponto de ônibus da Greyhound na Virgínia, onde tentam linchar crianças por deixar o cabelo crescer. Queria sair de mim mesma. Queria que acontecesse comigo o que aconteceu com você hoje à tarde. E aconteceu com você, sem que você sequer quisesse

— Li alguns dos seus livros hoje — ele disse. Na verdade, ele havia lido duas dúzias deles, quase metade da coleção de Lenore. — Não sei o que está havendo, mas não acho que seja mágica. Não como a mágica daquele cara, o Crowley. O que você fez comigo provocou aquilo, mas acho que era algo que já estava dentro de mim.

— Você diz aquela coisa de germe, não é? Aquele vírus Wild Card?

Seu corpo ficou tenso assim que disse aquilo.

— Não consigo pensar em outra explicação.

— Tem aquele doutor, não sei o nome dele. Ele pode te examinar. Provavelmente poderia até te curar, se for isso que você quer.

— Não. Você não entende. Quando li aqueles livros, pude sentir todos aqueles poderes dos quais eles falam. Como se eu fosse um mergulhador e lesse sobre um mergulho complicado que nunca fiz, mas sei que posso fazer, se praticar. Você disse que eu não queria, e talvez não quisesse, não de início. Mas agora eu quero.

Havia uma imagem entre os órgãos sexuais gigantes e as contorções impossíveis em um livro japonês: o mágico tântrico, testa inchada com o poder de seu esperma retido, dedos torcidos em *mudras* de poder. Ele fitou essa imagem até os olhos arderem.

— Agora eu quero.

— Você definitivamente pegou um Wild Card — comentou o homenzinho. — Um ás, eu diria.

Fortunato não tinha nada contra os brancos em geral, mas não conseguia suportar as gírias deles.

— Dá pra falar a minha língua?

— Sua genética foi reescrita pelo vírus takisiano. Aparentemente, estava adormecido em seu sistema nervoso central, provavelmente na espinha. A intromissão aparentemente deu uma boa sacudida, suficiente para ativar o vírus.

— E agora, o que vai acontecer?

— Na minha opinião, você tem duas opções.

O homenzinho se sentou na maca diante de Fortunato e botou os cabelos longos e ruivos atrás da orelha. Parecia fazer parte de uma banda de rock ou trabalhar em uma loja de discos. Não convencia como médico.

— Posso tentar reverter os efeitos do vírus. Sem garantias, tive até agora apenas trinta por cento de sucesso. Às vezes as pessoas acabam piores que antes.

— Ou?

— Ou pode aprender a viver com o seu poder. Não seria o único. Posso te dar o contato de algumas pessoas na mesma situação.

— Ah, é? Como o “Todo-poderoso Tartaruga”? Para eu poder voar por aí e tirar pessoas de carros esmagados? Acho que não.

— O que você faz com suas habilidades depende só de você.

— De que tipo de “habilidades” o senhor está falando?

— Não posso dizer ao certo. Parece que ainda estão se manifestando. O eletroencefalograma mostra forte telecinesia. O cromatógrafo mostra um corpo astral muito poderoso que eu espero que você consiga manipular.

— Mágica, é o que o senhor está dizendo.

— Não, não exatamente. Mas o Wild Card age de formas inesperadas. Às vezes ele precisa de um mecanismo muito específico para ser controlado conscientemente. Não me surpreenderia se precisasse desse ritual tântrico para fazê-lo funcionar em você.

Fortunato levantou-se e tirou uma nota de cem do rolo em seu bolso.

— Para a clínica — disse ele.

O homenzinho olhou para o dinheiro por um longo tempo, e então enfiou na sua jaqueta de Sgt. Pepper.

— Obrigado — disse ele, como se doesse dizer aquela palavra. — Lembre-se do que eu falei. Pode me ligar a qualquer momento.

Fortunato assentiu e saiu do consultório para observar os esquisitões do Bairro dos Curingas.

Ele tinha seis anos quando Jetboy explodiu sobre Manhattan, havia crescido com medo do vírus, com a memória dos dez mil que morreram no primeiro dia do novo mundo. Seu pai foi um deles, deitado na cama enquanto sua pele se abria e se regenerava continuamente; o ciclo completo não demorava mais de um ou dois minutos. Até uma das rachaduras partir seu coração, espirrando sangue por todo o apartamento no Harlem. E, mesmo no caixão, onde o seu velho esperava deitado a sua vez para um funeral de dois minutos e uma cova coletiva, ele continuou se abrindo e se regenerando, se abrindo e se regenerando.

A lembrança nunca se apagou, mas com o tempo foi deixada de lado em favor de memórias novas. Aos poucos, Fortunato ficou confiante que nada ia acontecer com ele. Para aqueles não afetados pelo vírus, a vida continuou da forma que sempre foi.

Não demorou a perceber que teria de encontrar uma maneira de se sustentar. Ouvindo a mãe reclamar sobre as mulheres americanas, teve a ideia da prostituta como gueixa; aos catorze anos, trouxe para casa uma porto-riquenha estonteante do colégio para ser treinada por sua mãe. Aquele foi o começo de tudo.

Ergueu os olhos e viu que a noite havia chegado enquanto caminhava a esmo pelo Bairro dos Curingas. Os tons cinza e pastéis ficaram néon, as roupas dos transeuntes mudaram para estampas vivas e de oncinha. Bem diante dele, manifestantes bloquearam a rua com um caminhão-plataforma. Havia tambores, amplificadores e guitarras lá em cima, e um par de pesados cabos de extensão saindo das portas abertas do Chaos Club.

Naquele instante, o palco estava vazio, exceto por uma mulher com cabelos ruivos encaracolados e um violão acústico. Atrás dela, uma faixa com as letras S.N.C.C. Fortunato não fazia ideia do que seria aquela sigla. A mulher tinha um público que cantava junto com ela uma ou outra canção folk. Eles entraram no refrão umas duas vezes sem o violão, e então ela fez uma reverência, eles aplaudiram, e ela saiu por trás do caminhão.

Não era bonita como Lenore; o nariz era um pouco largo, a pele não era tão boa. Estava completamente uniformizada, de jeans azul e camisa masculina que não lhe favorecia. Mas tinha uma aura de energia que ele podia sentir, mesmo sem querer.

As mulheres eram o fraco de Fortunato. Era incapaz de resistir a elas. Mesmo tão para baixo como se sentia, não pôde evitar parar e dar uma olhada nela e, antes que percebesse, ela estava em pé ao seu lado, sacudindo uma lata de café com algumas moedas no fundo.

— Ei, cara, que tal uma doação?

— Hoje não — respondeu Fortunato. — Política não é muito a minha praia.

— Você é negro, Nixon é presidente, e você não é muito de política? Irmão, tenho notícias para te dar.

— Tudo isso é por ser negro? — Fortunato não viu outro rosto negro na multidão.

— Não, cara, é sobre os curingas. Opa, pisei num calo ou algo assim? — Como Fortunato não respondeu, ela continuou: — Você sabe a expectativa média de vida de um curinga no Vietnã? Menos de dois meses. Se você pegar o percentual de curingas na população americana e dividi-lo pelo percentual de curingas no Vietnã, sabe o que dá? Quase cem vezes mais curingas lá. Cem vezes, cara.

— Tá, tudo bem, e o que você quer que eu faça?

— Uma doação. Vamos contratar advogados para parar com isso. É o FBI, cara. O FBI e o CRISE-A. É como ter o McCarthy de volta. Eles têm listas de todos os curingas e estão mandando pra lá de propósito. Se conseguem andar e carregar uma arma, nem precisam passar por exames médicos de verdade, é direto pra Saigon. É genocídio, puro e simples.

— Tá, tudo bem. — Ele pescou uma nota de vinte do bolso e jogou na lata.

— Sabe o que eu queria? — Ela nem havia percebido o valor da nota. — Queria que todos esses merdas de ases ajudassem os seus, sabe? Que custaria para o Ciclone, ou um daqueles outros babacas, destruir esses arquivos? Nada, cara, nada mesmo, mas eles estão ocupados demais sendo manchetes dos jornais.

Ela começou a se afastar e então olhou para a lata.

— Ei, obrigada, cara. Você é bacana. Olha, pegue um folheto. Se quiser contribuir mais, é só ligar.

— Claro — respondeu Fortunato. — Qual o seu nome?

— Me chamam de C. C. — disse ela. — C. C. Ryder.

— É o mesmo C. C. ali de cima? — Ele apontou para a faixa com S.N.C.C.

C.C. balançou a cabeça.

— Você é engraçado, cara — disse ela, sorrindo e desaparecendo na multidão.

Fortunato dobrou o folheto, enfiou no bolso e virou-se para a direção do Bowery. Todo aquele papo sobre curingas o fez se sentir desconectado. Logo descendo a rua havia um clube com paredes espelhadas chamado Funhouse, cujo dono era um cara chamado Desmond, que tinha uma tromba no lugar do nariz. Era um dos clientes de Fortunato, sempre

querendo uma gueixa com pele mais macia ou cabelo mais escuro ou um rosto mais delicado do que Fortunato conseguia encontrar. Não suportava a ideia de vê-lo naquele momento.

Nas ruas laterais, as pessoas não usavam mais máscaras, e rostos com feições invertidas ou cabeças do tamanho de melões-cantalupo o encaravam de volta de forma desafiadora. *Seus novos irmãos e irmãs*, falou para si mesmo. Para cada ás havia dez desses, espreitando em becos, enquanto os sortudos vestiam capas e tinham frases de efeito toscas, voando por aí, lutando entre si. Os ases ocupavam as manchetes e os programas de entrevista, e os esquisitos e aleijados, o Bairro dos Curingas. O Bairro dos Curingas e as selvas vietnamitas, se a história de C. C. fosse verdadeira.

Mas o único lugar onde Fortunato desejava estar era o apartamento de Lenore, fazendo amor com ela. E dessa vez ele gozaria, e se isso o deixasse fraco, não importava, e as coisas voltariam ao normal, como sempre foram.

Exceto que, cedo ou tarde, o assassino atacaria novamente. O Vietnã estava a meio mundo de distância, mas o assassino estava bem ali, talvez naquele mesmo quarteirão.

Ele parou, olhou para cima e viu que seu subconsciente o levava direto para o beco onde lhe disseram que Erika havia sido encontrada.

Pensou sobre o que C. C. disse. Usar o poder para ajudar os seus.

Quando Lenore o arrancou para fora do corpo, ele viu coisas que nunca tinha visto, redemoinhos e padrões de energia que não conseguia nomear. Se pudesse sair de novo, poderia enxergar algo que a polícia deixara passar.

Um bebum em um sobretudo longo e sujo encarou Fortunato. Demorou um segundo para ele perceber que o homem tinha orelhas longas e moles

de bassê e um nariz preto e úmido. Fortunato o ignorou, fechando os olhos e tentando lembrar a sensação.

Era o mesmo que pensar em si na Lua. Precisava de Lenore, mas tinha medo de levá-la até ali. Será que seria capaz de fazer no apartamento dela e voar até ali? Conseguiria manter por tanto tempo? O que aconteceria ao seu corpo físico se conseguisse?

Perguntas demais. Ligou para ela de um telefone público e lhe disse onde encontrá-lo.

— Você tem uma arma? — perguntou ele.

— Sim. Desde que... você sabe.

— Traga.

— Fortunato? Você está metido em alguma encrenca?

— Ainda não — retrucou ele.

Quando voltou ao beco com Lenore, já havia atraído uma multidão. Todos estavam vestidos com roupas doadas pelo Exército da Salvação: calças largas, camisas de flanela rasgadas e manchadas, jaquetas com cor de graxa ressecada. Uma velha baixinha parecia uma estátua de museu de cera que havia começado a derreter. À sua direita estava um adolescente, ao lado de uma pilha de latas de lixo, vibrando. Quando as vibrações chegaram a certo tom, as latas se chocaram como uma série de címbalos convulsivos, e a mulher se virou, furiosa, e as chutou. Os outros tinham deformações menos visíveis: um homem com ventosas nas pontas dos dedos, uma garota cujo rosto ficou anguloso com sulcos da pele endurecida.

Lenore agarrou o braço de Fortunato.

— E agora? — sussurrou ela.

Fortunato a beijou. Ela tentou se afastar quando a plateia de aberrações começou um riso abafado, mas Fortunato insistiu, abrindo os lábios dela com a língua, passando a mão na parte inferior de suas costas, e finalmente ela começou a ofegar, e ele sentiu o poder se agitando na base de sua espinha. Ele desceu os lábios para o ombro de Lenore, suas unhas compridas enterradas no pescoço dele, e então levantou os olhos até avistar o homem-cão. Sentiu o poder fluindo nos olhos e na voz, e murmurou:

— Vá embora.

O homem-cão virou-se e saiu do beco. Mandou os outros embora, um por um, e então disse:

— Agora. — E guiou as mãos dela para dentro de suas calças. — Faz comigo o que você fez da última vez.

Ele deslizou as mãos sob o suéter de Lenore e passou-as lentamente sobre os seios. A mão direita dela se fechou sobre ele e a esquerda abraçou sua cintura, confortando-o com o peso de sua pistola S&W calibre .32. Ele fechou os olhos quando o calor começou a se formar, deixando a parede de tijolos atrás dele suportar seu peso. Em segundos estava pronto para gozar, seu corpo astral sacudindo-se como um balão em uma mão frouxa.

E então, como se pulasse de um carro em movimento, ele se libertou.

Cada tijolo e papel de bala cintilava com a claridade. Quando ele se concentrou, o rumor do tráfego diminuiu e foi abafado até ficar quase inaudível.

Encontraram Erika em uma soleira de porta no fundo do beco, braços e pernas decepados, empilhados como lenha no colo, a cabeça presa ao corpo por menos da metade da espessura do pescoço. Fortunato podia ver

as manchas de sangue bem fundo nas moléculas do concreto, ainda brilhando fraco com a sua essência de vida. A madeira do batente da porta ainda mantinha um traço de seu perfume, e um único fio de seu cabelo loiro acinzentado.

O murmúrio da rua reduziu até uma vibração tão baixa que Fortunato conseguia sentir os picos de ondas individuais passando por ele. Agora podia ver a reentrância que o corpo de Erika havia feito no degrau de concreto, os rastros infinitesimais que seus sapatos deixaram no asfalto. E, além disso, as pegadas do assassino.

Elas iam da rua ao corpo de Erika e voltavam, e no meio-fio se juntaram às as marcas de um carro. Ele não tinha ideia de que tipo de carro era, mas podia ver os rastros que deixou, densos, pretos e fibrosos, como se tivesse queimado pneu por todo o caminho.

Ele parou por um instante e olhou para trás, para o seu corpo material congelado nos braços de Lenore. Então deixou que os rastros do carro o puxassem para a rua, atravessando a Second Avenue, depois para o sul, até a Delancey. Sentia-se cada vez mais fraco, sua visão turvando, e os barulhos da cidade ao fundo começando a atrapalhar sua audição. Ele se concentrou com mais intensidade, arrancando as últimas reservas de força do seu corpo físico.

O carro virou para o norte na Bowery e parou diante de um decadente armazém cinzento. Fortunato avançou para a calçada, viu as pegadas quando saíram do carro até a porta do prédio em frente.

Ele as seguiu escada acima. Sentiu como se tivesse preso a uma tira elástica gigantesca e esticada no limite. Cada degrau exigia mais dele que o anterior. Por fim, as pegadas desapareceram na entrada para um loft, e ele sabia que estava acabado.

O barulho do trânsito aumentou a velocidade em torno dele, e Fortunato zuniu de volta pelo caminho que o levava até ali, irresistivelmente atraído de volta para seu corpo. Exultante, exausto, como se tivesse drenado a si mesmo no sexo, retornou a si como um mergulhador em uma piscina. Lenore cambaleou sob seu repentino peso morto, e então ele deslizou para o chão, inconsciente.

— Não — disse ela, e se afastou. — Não posso.

Ela tinha olheiras roxas sob os olhos e seu corpo estava lânguido de exaustão. Fortunato perguntou-se como Lenore havia sido capaz de colocá-lo em um táxi e ajudá-lo a subir as escadas até o apartamento.

— Não entendo — comentou ele.

— Você acumula uma carga e então o sexo absorve tudo. Entende? O poder, o *shakti*. Só que com a *magick* tântrica você absorve a energia de volta. Não apenas a sua, mas qualquer energia que eu passe para você.

— Então, quando você goza, você entrega essa *shakti*.

— Exato.

— E você já me deu tudo que tem.

— Isso mesmo, garotão. Não tem mais o que tirar de mim.

Fortunato esticou a mão para pegar o telefone.

— O que você está fazendo?

— Sei onde está o assassino — disse ele, discando. — Se você não pode me dar a força para pegá-lo, vou ter que arrumar em outro lugar.

Ele não gostou de como as palavras saíram, mas estava cansado demais para se importar. Cansado e algo mais. Seu cérebro estava acelerado por conhecer seu poder, e sentia que ele o mudava, assumia o controle.

O telefone tocou do outro lado da linha, e então ouviu Miranda atendê-lo. Ele cobriu o bocal com a mão e virou-se para Lenore.

— Você vai me ajudar?

Ela fechou os olhos e fez algo com a boca que foi quase um sorriso.

— Acho que uma puta deve ser esperta o bastante para não ter ciúmes.

— Gueixa — retrucou Fortunato.

— Tudo bem — disse Lenore. — Mostro a ela o que fazer.

Eles cheiraram uma carreira de cocaína cada e dividiram uma forte maconha vietnamita. Lenore jurou que apenas ajudaria a sintonizá-los. Miranda, alta, cabelos pretos, exuberante, a mais fisicamente forte de suas mulheres, tirou lentamente a roupa até ficar apenas com a cintaliga, as meias e o sutiã preto tão fino que ele podia ver as formas ovais e escuras de seus mamilos.

Quarenta minutos depois, Lenore estava desmaiada ao pé da cama. Miranda, com a cabeça pendendo sobre a beirada, braços esticados imitando um crucifixo, fechou os olhos.

— Chega — sussurrou ela. — Não consigo mais gozar. Acho que nunca mais vou conseguir.

Fortunato ficou de joelhos. Estava coberto com um brilho de suor e pensou poder ver uma luz dourada irradiando sob sua pele. Olhou-se no espelho sobre a penteadeira de Lenore e não ficou alarmado, nem mesmo surpreso, quando viu que sua testa havia começado a inchar com o poder.

Ele estava pronto.

O táxi o deixou a duas quadras de distância, na Delancey. Por segurança, tinha a arma calibre .32 de Lenore enfiada na parte de trás da calça, escondida pelo blazer preto de linho. Mas, se pudesse, faria o serviço com as próprias mãos. De qualquer forma, os policiais não teriam chance de colocar o assassino de volta nas ruas.

Seus olhos não conseguiam focalizar direito e tinha de manter as mãos nos bolsos, pois não confiava nelas. Por algum motivo, não estava com medo algum. Sentiu-se novamente com quinze anos, quando começou a transar com as garotas treinadas por sua mãe. Por meses ele teve medo de tentar, por conta do que sua mãe poderia dizer ou fazer; assim que começou, não se importou mais.

Era o mesmo agora. Estava inconsequente, saturado com o aroma obscuro e a pressão quente e úmida do sexo, mal funcionando no mundo real. *Vou enfrentar um assassino*, disse a si mesmo, mas eram apenas palavras. No fundo, ele sabia que estava protegendo suas mulheres e era apenas isso que importava.

Subiu as escadas para o loft. Já passava da meia-noite, mas ele podia ouvir pela porta de aço um aparelho de som berrando “Street Fighting Man”, dos Rolling Stones. Ele bateu na porta com o punho cerrado.

Engoliu em seco, e a garganta ficou gelada.

A porta se abriu.

Do outro lado surgiu um garoto de dezessete, dezoito anos, pálido, magro, mas bem definido. Tinha cabelos loiros e longos e um rosto que poderia ter sido bonito, exceto por uma erupção de espinhas em volta do queixo, disfarçada de modo tosco com maquiagem. Vestia uma camisa amarela com bolinhas pretas e calças boca de sino de brim.

— O que você quer? — perguntou ele por fim.

— Falar com você — retrucou Fortunato. Sua boca estava seca e seus olhos ainda não focalizavam direito.

— Sobre o quê?

— Erika Naylor.

O rapaz não reagiu.

— Nunca ouvi falar.

— Eu acho que já.

— Você é policial? — Fortunato não respondeu. — Então cai fora.

Ele começou a fechar a porta. Fortunato se lembrou do beco, quando fez os curingas irem embora.

— Não — falou, olhando com firmeza nos olhos sem brilho do rapaz.

— Me deixe entrar.

O rapaz hesitou, surpreso, mas não cedeu. Fortunato empurrou a porta com o ombro, lançando o rapaz para trás no loft e derrubando-o no chão.

O cômodo estava escuro e a música, ensurdecadora. Fortunato encontrou um interruptor de luz e o acionou, em seguida deu um passo involuntário para trás quando seu cérebro registrou o que viu.

Era o apartamento de Lenore deformado à perversão, o ocultismo moderno e sexy transformado em tortura, assassinato e estupro. Como no apartamento dela, havia uma estrela de cinco pontas no chão, mas aquela era apressada, desigual, riscada nas tábuas com algo afiado e então respingada com sangue. Em vez de veludo, velas e madeira exótica, havia um colchão listrado de cinza em um canto, uma pilha de roupas sujas e uma dúzia ou mais de fotos polaroide pregadas na parede com um grampeador industrial.

Ele sabia o que estava prestes a encontrar, mas foi até a parede de qualquer forma. Das catorze mulheres nuas e desmembradas, ele reconheceu três. A última, no canto inferior direito, era Erika.

Ele não conseguia pensar com a música naquela altura. Olhou ao redor, buscando o toca-discos, e viu o rapaz loiro erguer-se sobre pernas trêmulas e sair tropeçando em direção à porta.

— Pare! — gritou Fortunato, mas era inútil sem contato visual.

Furioso e em pânico, Fortunato atacou. Agarrou o garoto pela cintura e o jogou na parede de gesso vazia.

E, de repente, estava tentando segurar um animal furioso, cheio de joelhos e unhas e dentes. Fortunato afastou-se por instinto e observou a lâmina de uma enorme faca reluzir entre eles, talhando a jaqueta, a camisa e a pele, saindo manchada de vermelho.

Vou morrer, pensou Fortunato. A arma estava enfiada na parte de trás de sua calça, muito longe para alcançá-la antes de a lâmina dar uma segunda estocada, cortando mais fundo, deslizando até o fim. Matando-o.

Ele olhou para a lâmina. Antes de saber o que estava fazendo, olhou firme para ela, concentrado, como havia feito ao ler os livros no apartamento de Lenore e também no beco do Bairro dos Curingas.

E o tempo desacelerou.

Ele conseguiu ver não apenas seu próprio sangue na faca, mas o sangue dos outros, de Erika e de todas as outras mulheres nas fotografias, removido, mas ainda preso à memória do metal.

Ele se afastou do insano garoto loiro, movendo-se com lentidão pelo ar denso, mas ainda assim mais rápido do que o garoto ou sua faca. Levou o braço atrás, sentiu o cabo da arma sob os dedos. A música dos Rolling Stones, mais lenta, transformou-se em um canto fúnebre enquanto ele sacava a arma, apontava para o garoto, via os olhos pálidos arregalarem-se.

Não o mate, pensou repentinamente. *Não até saber por quê*. Deslocou o cano até apontar para o ombro direito do rapaz e puxou o gatilho.

O ruído começou como uma vibração na mão de Fortunato, acelerou como um foguete, tornou-se um rugido, um curto estrondo de trovão, e então o tempo voltou a andar, o rapaz recuando com o impacto da bala, mas seus olhos demonstrando nada, e ele passou a faca de sua inútil mão direita para a esquerda e se lançou para a frente de novo.

Possuído, pensou Fortunato com horror e atirou na altura do coração.

Cambaleando para trás, Fortunato abriu a camisa e viu que o corte longo e superficial atravessando seu peito já havia parado de sangrar, nem precisaria de pontos. Fechou com violência a porta e cruzou a sala para chutar a tomada do toca-discos. Então, no silêncio abafado, virou-se para encarar o morto.

A energia formou ondas e cresceu em seu interior. Ele viu o sangue das mulheres nas mãos do garoto morto, o rastro que saía do pentagrama tosco no chão, os vestígios onde o rapaz ficara de pé, as sombras onde as mulheres morreram, e lá, vagamente, como se algo tivesse sido apagado, as marcas deixadas por algo mais.

Linhas de energia perduravam dentro do pentagrama, como ondas de calor cintilando em uma autoestrada no deserto. Fortunato cerrou os punhos, sentiu o suor frio gotejar do peito. O que *realmente* aconteceu aqui? O garoto tinha de alguma forma conjurado um demônio? Ou a loucura dele fora apenas um instrumento para algo imensamente maior, alguma coisa infinitamente pior do que alguns assassinatos aleatórios?

O rapaz poderia ter falado, mas estava morto.

Fortunato foi até a porta, pousou a mão na maçaneta, fechou os olhos e recostou a cabeça contra o metal frio. *Pense*, disse para si mesmo.

Limpou as impressões digitais da pistola e a jogou perto do corpo. *Deixe que a polícia tire suas conclusões*. As polaroides dariam bastante pano para manga.

Ele virou para partir novamente, mas não conseguia deixar aquela sala.

Você tem o poder, disse para si mesmo. *Será que consegue ir embora, sabendo que tem o poder e se recusa a usá-lo?*

O suor escorria de seu rosto e dos braços.

O poder estava no *yod*, no *rasa*, no esperma. Um poder incrível, mais do que ele saberia como controlar naquele momento. O suficiente para trazer os mortos à vida.

Não, ele pensou. *Não posso fazer isso*. Não só porque o pensamento o deixou enjoado, mas porque sabia que aquilo o mudaria. Seria um caminho sem volta, o caminho que o faria abrir mão de uma vez por todas de sua humanidade.

Mas o poder já o modificara. Ele já vira coisas que, sem ele, nunca teria entendido. *O poder corrompe*, disseram a ele, mas agora vira como isso era ingênuo. *O poder esclarece*. *O poder transforma*.

Ele desafivelou o cinto do rapaz morto, abriu o zíper do jeans boca de sino e arrancou-o. O rapaz havia cagado e mijado neles ao morrer, e o cheiro fez Fortunato recuar. Lançou as calças em um canto e virou o rapaz de bruços.

Não posso fazer isso, pensou. Mas já estava excitado e as lágrimas rolavam em seu rosto quando ajoelhou entre as pernas do garoto morto.

Ele gozou quase imediatamente. Isso o deixou fraco, mais debilitado do que pensou ser possível. Arrastou-se para longe do rapaz, puxando as calças para cima, nauseado, enjoado e exausto.

O cadáver do rapaz começou a se contorcer.

Fortunato foi até a parede e se colocou de pé. Estava tonto e sua cabeça latejava de dor. Viu algo no chão, algo que havia caído das calças do rapaz. Era uma moeda, um centavo do século XVIII, tão reluzente que parecia avermelhada na luz implacável do loft. Ele enfiou a moeda no bolso, para caso depois relevasse ter algum significado.

— Olhe pra mim — disse ao cadáver.

As mãos do rapaz morto arranhavam o chão, arrancando lascas sangrentas. Devagar ele se ergueu sobre as mãos e os joelhos e, em seguida, levantou-se, cambaleando. Virou-se para Fortunato e encarou-o com olhos vazios.

Eram olhos horríveis. Diziam que a morte era o nada, que mesmo alguns segundos dela eram demais.

— Fale comigo — ordenou Fortunato. Não estava mais com raiva, mas a memória do sentimento o fez continuar. — Branquelo maldito, diga alguma coisa. Fale o que isso significa. Me diga o porquê.

O cadáver encarava Fortunato. Por um instante, algo tremeluziu, e o rapaz morto disse:

— TIAMAT.

Apesar de sussurrada, a palavra foi perfeitamente clara. Então o garoto morto sorriu. Com as duas mãos cravou os dedos na própria garganta, rasgando a pele do pescoço e, enquanto Fortunato assistia, partiu-o ao meio.

Lenore estava dormindo. Fortunato jogou as roupas no lixo e ficou no chuveiro por trinta minutos, até a água quente acabar. Depois, sentou-se à luz das velas na sala de Lenore e começou a ler.

Encontrou o nome TIAMAT em um texto sobre os elementos sumérios da *Magick* de Crowley. A serpente, Leviatã, KUTULU. Monstruosa, maligna.

Não tinha dúvidas de que havia encontrado apenas um único tentáculo de algo que desafiava sua compreensão.

Então, por fim, dormiu.

Acordou com o som de Lenore fechando as fivelas de uma mala.

— Você não entende? — ela tentou explicar. — Sou como uma... uma tomada na qual você se conecta para recarregar quando chega em casa. Como posso viver assim? Você conseguiu o que eu sempre quis, o poder para fazer *Magick* de verdade. E foi por pura sorte, sem nem querer. E todo o estudo, trabalho e prática que fiz durante a vida toda não significou merda nenhuma, porque não fui infectada por nenhum maldito vírus alienígena.

— Eu te amo — disse Fortunato. — Não vá.

Ela lhe disse para ficar com os livros, com o apartamento também, se quisesse. Disse que escreveria, mas ele não precisava de *Magick* para saber que estava mentindo.

Então ela foi embora.

Fortunato dormiu por dois dias, e no terceiro Miranda o encontrou, e eles fizeram amor até ele estar forte o suficiente para contar a ela o que havia acontecido.

— Desde que ele esteja morto — comentou Miranda —, o resto não me importa.

Quando ela o deixou naquela noite para encontrar um cliente, ele ficou sentado na sala por mais de uma hora, incapaz de se mover. Em breve, ele sabia, teria de começar a procurar pelo outro ser cujos traços viu no loft do garoto morto. Só de pensar nisso já ficava paralisado de ódio.

Por fim, pegou o *Magick*, de Crowley, e o abriu no capítulo v. “Cedo ou tarde”, Crowley escreveu, “o crescimento suave e natural dá lugar à depressão: a Noite Obscura da Alma, um cansaço infinito e aversão à obra.” Mas, no final, viria uma “condição nova e superior, uma condição possível apenas pelo processo da morte”.

Fortunato fechou o livro. Crowley sabia, mas estava morto. Sentia como se fosse o último homem na rocha estéril de um planeta.

No entanto, não era o último homem. Era um dos primeiros de algo novo, algo que tinha o potencial para ser melhor do que o humano.

Aquela mulher na manifestação, C. C. Ela disse que você devia ajudar os seus pares. O que lhe custaria salvar centenas de curingas de morrer no calor e na umidade putrefata do Vietnã? Não muito. Não muito mesmo.

Ele encontrou o folheto no bolso da jaqueta. Devagar, cada vez mais confiante, discou os números no telefone.

TRANSFIGURAÇÕES

Victor Milán

O vento noturno de novembro açoitava suas calças, batendo nas pernas finas como gravetos enquanto ele se esgueirava para dentro de um pequeno bar próximo ao campus. A escuridão latejava como uma ferida, pulsando em vermelho, azul e ruído. Ele parou, hesitando à porta, com o desajeitado casaco xadrez laranja e verde com o qual a mãe o mandara para o MIT três anos antes pendurado em seus ombros estreitos como um anão morto. *Não seja covarde, Mark*, disse a si mesmo. *É em nome da ciência.*

A banda batalhava com “Crown of Creation” enquanto ele buscava instintivamente o canto mais escuro com uma xícara de chá na mão — ao menos havia aprendido que era antiquado pedir coca ou café.

Fora isso, não aprendeu nenhum dos movimentos, depois de semanas de pesquisa. Do jeito que estava vestido, com calças curtas e camisa de poliéster em tom pastel do tipo que sempre sobra dos lados como uma vela ao vento, correria o risco de ser confundido com um agente da Narcóticos — aquele era o outono logo após Woodstock, o ano em que Gordon Liddy criou a Agência de Combate às Drogas, DEA, a fim de dar a

Nixon um problema que desviasse atenção da guerra. Mas Berkeley e San Francisco eram cidades modernas, cidades universitárias; *eles* reconheciam um aluno de ciências na hora.

O Glass Onion não tinha exatamente uma pista de dança; os corpos sacudiam-se no vermelho crepuscular e no incandescer índigo entre as mesas ou se espremiavam em um vão diante do minúsculo palco, com um chiado de miçangas e franjas de camurça, e o ocasional brilho opaco das joias indianas. Ele permaneceu o mais longe possível do centro da ação, mas, sendo Mark, inevitavelmente trombava em todos por quem passava, deixando uma trilha de olhares irritados e tímidos “desculpa” para trás. Com as orelhas salientes queimando, estava prestes a alcançar seu objetivo, a pequena mesa bamba feita de uma bobina de cabos da empresa Ma Bell com uma única cadeira de auditório verde amassada atrás e uma vela apagada dentro de um pote de manteiga de amendoim no centro, quando deu um encontrão em alguém.

A primeira coisa que aconteceu foi que seus imensos óculos de tartaruga escorregaram do nariz e desapareceram na escuridão. Em seguida, ao perder o equilíbrio, agarrou com as duas mãos a pessoa na qual trombou. A xícara de chá atingiu o chão com estrondo.

— Ah, nossa, ah, por favor, me desculpe, sinto muito... — saíram de sua boca como bolas de chiclete de uma máquina de doces quebrada.

Ele percebeu que havia certa maciez na pessoa que suas mãos magras estavam agarrando com tanto fervor, e um cheiro de almíscar e patchuli destacou-se do miasma geral e abriu caminho até seu olfato. Ele recriminou a si mesmo: *você tinha que atropelar uma mulher bonita*. Pelo menos ela *cheirava* bonito.

Então ela deu um tapinha em seu braço, murmurando desculpas, e eles se agacharam juntos para procurar a xícara de chá e os óculos, enquanto

os corpos rodavam e rodopiavam ao redor, e então as cabeças se chocaram e recuaram entre desculpas, e os dedos febris de Mark encontraram os óculos milagrosamente intactos, e os encaixaram de volta na frente dos olhos, e ele piscou e se viu a dez centímetros do rosto de Kimberly Ann Cordayne.

Kimberly Ann Cordayne: sim, a garota dos seus sonhos. Amor platônico de infância desde que a viu pela primeira vez, de aventalzinho, aos cinco anos, pedalando seu triciclo pela modesta rua em uma área residencial ao sul da Califórnia, onde moravam. Ficou tão hipnotizado pela sua perfeição de cinema que a bola de sorvete de framboesa caiu da casquinha para acabar derretendo na calçada quente, e ele nem percebeu. Ela pedalava com os dedos dos pés expostos e passou com o nariz arrebitado, sem nem se dar conta da existência dele. Daquele dia em diante, seu coração tinha dona.

Esperança e desespero cresceram como uma onda dentro dele. Mark se empertigou, a língua presa demais para emitir palavras. E ela gritou:

— Mark! Mark Meadows! Porra, como é bom te ver. — E o abraçou.

Ele ficou parado, piscando como um idiota. Nenhuma mulher que não fosse de sua família o havia abraçado antes. Ele engolia em seco convulsivamente. *E se eu tiver uma ereção?* Muito atrasado, ele deu leves tapinhas nas costas dela, na altura da cintura.

Ela se afastou, segurando-o à distância de um braço.

— Me deixe olhar para você, cara. Uau, você está igualzinho.

Ele recuou. A gozação começaria agora, pela sua magreza, sua falta de jeito, seu corte de cabelo à escovinha, as espinhas ainda espalhadas por suas feições mirradas, ainda com traços da adolescência — e seu defeito mais recente e mais inconveniente, sua incapacidade total e absoluta de sequer chegar perto de ser descolado. No colégio, Kimberly Ann evoluiu

da indiferença para se transformar no seu principal tormento — ou melhor, uma sucessão de atletas em cujos bíceps avantajados ela se pendurava, arrulhando elogios, assumiu esse papel.

Mas ali estava ela, puxando-o para aquela mesa de canto.

— Vamos lá, vamos falar dos velhos tempos ruins.

Era uma oportunidade pela qual ele esperara, sem perspectivas, por três quartos de sua vida. Cara a cara com seu ideal de amor e beleza, enquanto a banda no palco atacava com “Blackbird”, dos Beatles — e ele não conseguia pensar em porcaria nenhuma para dizer.

Kimberly Ann, no entanto, estava mais do que feliz em falar. Sobre as mudanças pelas quais passou desde a boa e velha escola Rexford Tugwell. Sobre as pessoas extraordinárias que conheceu na Universidade Wittier, como elas a deixaram ligada e abriram seus olhos. Como desistiu no meio do último ano e foi para lá, para a Área da Baía de San Francisco, a meca brilhante do Movimento. Como ela se encontrou desde então.

Talvez ele não tivesse mudado, mas ela definitivamente sim. O rabo de cavalo preto e liso, as saias plissadas, o batom cor de pele e as unhas pintadas haviam sumido, a perfeição careta da filha única de um promissor executivo do Bank of America. O cabelo de Kimberly havia crescido muito, passando bastante da altura dos ombros, uma cabeleira grande, excêntrica e volumosa à la Yoko Ono. Vestia uma bata com babados e enfeites de cogumelos e planetas, uma saia volumosa com um tingimento que lembrava Mark dos shows de fogos de artifício da Disneylândia. Sabia que seus pés estavam descalços, pois tinha pisado em um deles. Ela parecia mais linda do que ele jamais poderia imaginar.

E aqueles olhos claros, olhos de céu de inverno, que tantas vezes o ignoraram no passado, agora brilhavam com tanta ternura que ele mal

aguentava encará-los. Era o paraíso, mas de alguma forma não conseguia acreditar. Sendo Mark, tinha de perguntar.

— Kimberly — começou.

Ela levantou dois dedos.

— Espere um pouco, cara. Deixei esse nome pra trás com minha vida burguesa. Agora me chamo Girassol.

Ele assentiu.

— Tudo bem... Girassol.

— O que traz você aqui, cara?

— É uma experiência.

Ela o encarou por cima da borda do copo de geleia cheio de vinho, subitamente desconfiada.

— Acabei de terminar meu trabalho de conclusão de curso no MIT — ele explicou em um fôlego só. — Agora estou aqui para fazer o doutorado em bioquímica na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

— E o que isso tem a ver com esse lugar?

— Bem, estava trabalhando para entender como o DNA codifica as informações genéticas. Publiquei alguns artigos sobre isso. — Na verdade, ele era comparado ao Einstein, no MIT, mas jamais diria isso. — Mas neste verão encontrei algo que me interessou muito mais. A química da mente.

Os olhos não demonstraram nada.

— Psicodélicos. Drogas psicoativas. Li todo o material: Leary, Alpert, a coleção do Solomon. Isso realmente... como é mesmo a expressão? Realmente me deixou ligado.

Ele se curvou para a frente, os dedos indo instintivamente para as canetas hidrográficas no protetor plástico dentro do bolso em seu peito. Empolgado, ele nem notou que falava cuspiando sobre a mesa de bobina.

— É uma área vital de pesquisa. Acho que poderia nos levar a responder questões muito importantes: quem somos, como e por quê.

Ela olhou para ele sem parecer saber se sorria ou franzia a testa.

— Ainda não manjei nada.

— Estou fazendo um trabalho de campo para estabelecer um contexto para minha pesquisa. Na cultura das drogas... a, hum, contracultura. Tentando achar a maneira como o uso de alucinógenos altera a perspectiva das pessoas.

Ele umedeceu os lábios.

— É realmente empolgante. Todo um mundo que eu não sabia que existia *bem aqui*. — Um gesto nervoso abarcou as fronteiras esfumaçadas do Onion. — Mas, de alguma forma, eu não consigo... bem, fazer contato de verdade. Comprei todos os discos do Grateful Dead, mas ainda me sinto um excluído. Eu... eu quase sinto que gostaria de fazer parte de todas essas culturas hippie.

— Hippie? — retrucou ela com um riso de deboche. — Mark, onde você esteve? Estamos em 1969. O movimento hippie morreu faz dois anos. — Ela balançou a cabeça. — Você já experimentou alguma dessas drogas que está tentando estudar?

— Não. Eu... bem... não estou pronto para chegar a esse estágio — respondeu ele, enrubescido.

— Pobre Mark. Você é tão careta. Acho que isso vai dar um trabalho, tentar te mostrar o que está acontecendo, Mr. Jones.

A referência a Bob Dylan lhe passou batida, mas de repente seu rosto se iluminou, seu nariz e bochechas e todo o resto se iluminaram de alegria, e ele mostrou seus dentes avantajados.

— Quer dizer que vai me ajudar? — Ele agarrou a mão dela, soltando logo em seguida, como se temesse deixar marcas. — Você vai me mostrar

as coisas por aí?

Ela concordou com a cabeça.

— Maravilha! — Ele pegou a xícara de chá, bateu contra os dentes, percebeu que estava vazia e tornou a baixá-la. — Por quê? Quer dizer, eu... bem, você nunca, hum, *falou* comigo assim antes.

Ela segurou sua mão e ele achou que o coração pararia.

— Ah, Mark — disse ela, terna, serena. — Sempre precisando analisar. É que desde que meus olhos se abriram, percebi que todos são belos à sua maneira, exceto os porcos que oprimem o povo. E eu vejo você... careta ainda. Mas você não se vendeu, cara. Eu consigo ver, consigo ler na sua aura. Ainda é o bom e velho Mark.

A cabeça dele rodopiava como um carrossel fora de controle. Cético, o lado esquerdo do cérebro trazia à tona hipóteses de que ela estava com saudades de casa, que ele era parte de sua infância e do passado do qual ela se desligou, talvez, de forma tão definitiva. Ele o ignorou. Era Kimberly Ann, invulnerável, inatingível. A qualquer momento ela reconheceria o impostor que ele era.

Não foi o que aconteceu. Eles conversaram noite adentro, ou melhor, ela falou e ele escutou, querendo acreditar, mas ainda incapaz de fazê-lo. Quando a banda enfim fez um intervalo, alguém botou o lado A do novo álbum do Destiny na vitrola. A *gestalt* ficou marcada de uma vez por todas: a escuridão e as luzes coloridas dançando no cabelo e no rosto da mulher mais linda do seu mundo, e atrás dela o barítono rouco de Tom Marion Douglas cantando sobre o amor e a morte e o deslocamento de antigos deuses e destinos que era melhor não mencionar. Aquilo, aquela noite mudou Mark. Mas ele ainda não sabia.

Estava quase saciado demais com o milagre para ficar extasiado ou mesmo surpreso quando, no meio da segunda e dolorosa parte do show,

Kimberly levantou-se de repente, agarrando a mão dele.

— Isso aqui está um saco. Esses caras não sabem o que fazem. Por que não vamos para o meu apê, bebemos um pouco de vinho, ficamos um pouco altos? — Os olhos dela o desafiavam, e houve um pouco daquela velha arrogância, o antigo gelo, enquanto ela calçava rapidamente as botas de couro com cadarços vermelhos. — Ou você é careta demais para isso?

Ele sentiu como se tivesse uma bola de algodão no meio da língua.

— Hum, eu... não. Ficaria mais do que feliz.

— Bacana. Ainda há esperança para você.

Atordoadado, Mark a seguiu para fora do bar até uma loja de bebidas com uma imensa grade correndo sobre as janelas, onde um proprietário careca e pálido lhes vendeu uma garrafa de vinho Ripple com uma expressão de repugnância em seus olhos caídos. Mark era virgem. Ele tinha suas fantasias, as revistas *Playboy* com as páginas grudadas empilhadas entre artigos científicos sob a cama caindo aos pedaços em seu apartamento nas proximidades de Chinatown. Mas nem mesmo em fantasia ele ousou imaginar-se dormindo com a resplandecente Kimberly Ann. E agora ele pairava pelas ruas como se não tivesse peso, sem nem perceber os malucos e os sem-teto que trocavam cumprimentos com Girassol quando passavam.

E mal percebeu quando Girassol disse:

— ... conhecer o meu velho. Você vai amar, ele é um cara muito legal.

Então as palavras chocaram-se contra o cérebro como um martelo de chumbo. Ele tropeçou. Kimberly agarrou-o pelo braço, rindo.

— Pobre Mark. Sempre tão tenso. Venha, estamos quase lá.

Então ele entrou no pequeno apartamento de um cômodo com fogão elétrico de uma boca e uma torneira vazando no banheiro. Em uma

parede, um colchão velho com uma colcha estampada de madras estava recostado em uma porta escorada em blocos de concreto. De pernas cruzadas na colcha, embaixo de um pôster gigante do sagrado Che, estava sentado Philip, o Velho de Girassol. Tinha olhos pretos e intensos e vestia uma camiseta preta esticada sobre o peito musculoso com um punho vermelho-sangue e a palavra *Huelga* escrita embaixo. Estava assistindo a vídeos de uma manifestação em uma pequena TV portátil velha com uma antena feita de cabide.

— Bem na hora — disse ele quando entraram. — O Rei-Lagarto botou a cabeça no lugar. Esses ases de terno e gravata que lutam contra a guerra trabalhando para o sistema, como o Tartaruga, não sabem o que é enfrentar a *Amérika* fascista. Quem é você?

Depois de Girassol arrastá-lo para um canto e explicar com sussurros ríspidos que Mark não era um espião da polícia, mas um velho, velho amigo, e não me envergonhe, seu idiota, ele concordou em apertar a mão de Mark. Ao passar por ele, o rapaz esticou o pescoço para a TV; o homem barbudo sendo entrevistado parecia familiar.

— Quem é ele?

Philip fez uma careta.

— Tom Douglas, quem mais? Vocalista do Destiny. O Rei-Lagarto.

Ele esquadrinhou Mark da cabeça aos mocassins.

— Talvez você nunca tenha ouvido falar dele.

Mark piscou, sem dizer palavra. Conhecia o Destiny e Douglas, pois em sua pesquisa comprou o novo álbum deles, *Black Sunday*, capa toda marrom dominada por um imenso sol negro. Mas ficou envergonhado demais para dizê-lo.

Os olhos de Girassol ficaram distantes.

— Você precisava ter visto ele hoje na manifestação. Enfrentando os porcos como o Rei-Lagarto. Muito bacana.

Terminadas as amenidades, os dois arrumaram um dispositivo de vidro e tubos de borracha, fecharam o recipiente cheio de droga e acenderam. Se Girassol tivesse oferecido um baseado, Mark teria aceitado. Mas agora estava se sentindo novamente forasteiro e alienígena, como se fosse um estranho no próprio corpo, e recusou. Sentou-se em um canto, desengonçado, perto de uma pilha de *Daily Workers*, o jornal do Partido Comunista, enquanto seus anfitriões ficaram na cama fumando a droga, e o atarracado e intenso Philip dava uma palestra sobre a Necessidade da Luta Armada até Mark não aguentar mais e tomar a garrafa inteira do vinho doce enjoativo — ele também não bebia —, e por fim Kimberly começou a se aconchegar ao seu Velho e a acariciá-lo de uma maneira que deixou Mark muito desconfortável, e ele murmurou desculpas, saiu aos tropeços e de alguma forma encontrou seu caminho para casa. Quando a primeira luz da aurora vazou pelas janelas de seu apartamento sombrio, ele regurgitou o conteúdo da garrafa de Ripple em sua privada rachada e levou quinze descargas até ficar limpa novamente.

E assim começou o cortejo de Mark a Girassol, nome de batismo Kimberly Ann Cordayne.

I want you... As palavras derramavam-se ao vento, insolentes, sugestivas, a voz vinda do radinho japonês, uma mistura de âmbar derretido e goles de uísque. Wojtek Grabowski fechou bem sua jaqueta sobre o peito largo e tentou não ouvir.

O guindaste deu ré como um dinossauro zumbi, balançou a viga mestra na direção dele, que fez um gesto para o operador com movimentos exagerados. *I want you...* a voz insistia. Sentiu um lampejo de

irritação. “Uma música das antigas, de 1966, a primeira música do Destiny”, o locutor falara com sua voz de adolescente profissional. *Esses americanos*, Wojtek pensou, *acham que 1966 é história antiga*.

— Desliga essa merda de *boogie-woogie* — rosnou alguém.

— Vá se foder — retrucou o dono do rádio. Tinha vinte anos, dois metros de altura e seis meses que voltara do Vietnã. Fuzileiro naval. Batalha de Khe Sahn. A discussão terminou.

Grabowski queria que o garoto desligasse o rádio, mas não gostava de chamar atenção. Ele era tolerado — um trabalhador confiável que conseguia beber mais do que o homem mais forte do lugar em uma sexta-feira à noite. Mas ele se mantinha reservado.

Enquanto a viga mestra descia, a equipe se juntava para colocá-la no lugar e o vento frio da baía atravessava o náilon fino e a pele envelhecida, ele pensou como era estranho estar ali — ele, o filho do meio de uma próspera família de Varsóvia, o filho enfermo, o mais estudioso. Seria médico, professor. Seu irmão Kliment — meio invejado, muito admirado, grande, destemido, animado, com um bigode preto de soldado de cavalaria — iria para a Academia de Oficiais, seria um herói.

Então vieram os alemães. Kliment tomou um tiro na cabeça do chefe do Exército Vermelho na floresta de Katyn. A irmã Katja desapareceu nos bordéis militares da Wehrmacht, o Exército alemão. A mãe morreu no último bombardeio de Varsóvia, enquanto os soviéticos se escondiam no Vístula e deixavam os nazistas fazerem o trabalho sujo por eles. O pai, um funcionário de segunda categoria do governo, sobreviveu à guerra por poucos meses até receber a própria bala na nuca, eliminado pelo regime “marionete” de Lublin.

O jovem Wojtek, com sonhos universitários destruídos para sempre, passou seis anos e meio como guerrilheiro nas florestas, terminando

como fugitivo, exilado em uma terra estrangeira com apenas uma esperança: manter o coração pulsando.

I want you. A repetição estava começando a dar nos nervos. Crescera com Mozart e Mendelssohn. E a mensagem... Não era uma canção de amor, era uma canção de desejo, um convite ao pecado.

Amor significava mais para ele — um momento de umidade fresca, fluindo diante de sua visão, arrastado pela mão gélida do vento. Lembrou-se de seu casamento com Anna, sua garota guerrilheira, naquilo que os *stukas*, bombardeiros de mergulho alemães, deixaram da igreja de um vilarejo, e depois o próprio padre ergueu sua batina esfarrapada e executou a *Tocata e fuga* de Bach no órgão, milagrosamente intacto, enquanto uma garota magrela de fome se esforçava para controlar os foles. No dia seguinte eles caíram em uma emboscada dos fascistas, mas naquela noite, naquela noite...

Outra viga mestra levantou-se. Anna foi embora antes dele, escondida por espiões britânicos solidários em junho de 1945, seguindo para os Estados Unidos com um filho no ventre. Ele lutou o quanto pôde, então foi atrás dela.

Agora ele morava em uma terra que amava quase como a uma amante. Era só o que lhe restava. Em vinte e três anos, não encontrou sinal da mulher que amara e da criança que ela devia ter parido. E, Virgem Santa, como ele a procurou.

I waaaaaant you...

Ele cerrou os olhos. *Se eu precisar escutar essa letra ridícula mais uma vez...*

... to die with me.

A música diminuiu até virar um lamento sombrio. Por um momento, ele ficou paralisado, como se o vento tivesse transformado o suor em gelo

dentro da camisa. O que parecia uma simples música melosa era infinitamente mais... mais maléfica. Ali estava um homem, o porta-voz ungido da juventude, para quem as bajulações do amor... ou mesmo da luxúria... eram reduzidas a uma *Totentanz*, um ritual de morte.

A viga mestra bateu em uma pilastra e soou como um sino rachado. Grabowski saiu de seu transe, gesticulando para o homem do guindaste parar. Ao mesmo tempo, ele se esforçou e ouviu o locutor dizer o nome: Tom Douglas.

Era um nome do qual se lembraria.

Mark esperava que estivessem flertando. Dois dias depois, Girassol o encontrou vindo de uma reunião com seu orientador e o levou para um passeio no parque. Ela o deixava acompanhá-la a boates e sessões de bate-papo até tarde da noite, a reuniões de protesto no People's Park, a shows. Sempre como seu amigo, seu protegido, o amigo de infância que ela transformou em sua cruzada pessoal para resgatá-lo da carestia. Mas, infelizmente, não no cobiçado papel de seu Velho.

Mesmo assim, ele encontrou motivo para ter esperança. Nunca mais viu Philip, o machão. De fato, nunca viu nenhum dos namorados de Girassol mais de uma vez. Eram todos intensos, apaixonados, brilhantes (era doloroso admitir isso). Empenhados. E musculosos; *aquela* parte do gosto de Kimberly não havia mudado. Aquilo causava em Mark muitos momentos de desespero, mas lá no fundo de seu peito magro ele acalentava a ideia de que algum dia ela sentiria a necessidade de um porto seguro, e viria para ele como uma ave marinha para a terra firme.

Mas, ainda assim, ele nunca, nunca cruzou o abismo que se abria entre ele e o mundo pelo qual ansiava — o mundo que Girassol habitava e personificava.

Sobreviveu àquele inverno com a esperança e os biscoitos de aveia e gotas de chocolate que sua mãe enviou.

E com música. Veio de um lar onde cantavam junto com Mitch Miller, e Lawrence Welk ocupava o mesmo pináculo que Kennedy. Nunca foi permitido que rock ‘n’ roll maculasse o ar da casa de seus pais. Ele mesmo havia negligenciado tanto o rock como tudo que estivesse fora de seu laboratório e de suas fantasias secretas. Nunca soube da invasão dos Beatles, da prisão de Mick Jagger por licantropia no show da ilha de Wight, do Verão do Amor e da explosão do *acid rock*.

Agora, conhecia tudo isso de uma só vez. Os Stones. Os Beatles. Jefferson Airplane. Grateful Dead. Spirit, Cream e os Animals e a santíssima trindade: Janis, Jimi e Thomas Marion Douglas.

Tom Douglas, principalmente. Sua música era depressiva como uma velha ruína, sombria, agourenta, obscura. Apesar de sua real afinidade ser com o som mais suave de The Mamas & The Papas, de um tempo que já virara história, Mark foi atraído pelo toque de Douglas — humor cínico, distorções obscuras —, mesmo que a fúria nietzschiana implícita na música o repelisse. Talvez esse Douglas fosse tudo que Mark Meadows não era. Famoso, vibrante, corajoso, descolado e irresistível às mulheres. E um ás.

Ases e o Movimento: de muitas maneiras, eles invadiram a corrente principal da formação flutuante da consciência pública, como os aviões que o pai de Mark conduziu para a batalha ao norte do Vietnã. Havia mais ases no rock ‘n’ roll do que em qualquer outro segmento da população. Seus poderes em geral não eram sutis. Alguns tinham a capacidade de projetar imagens estonteantes de luz, outros faziam músicas excêntricas sem precisar de instrumentos. A maioria, porém, fazia jogos mentais com o público por meio de ilusão ou pura

manipulação emocional. Entre eles, Tom Douglas — o Rei-Lagarto — era o mestre das viagens mentais.

A primavera chegou. O orientador acadêmico de Mark pressionou-o, querendo resultados. Mark começou a se desesperar, odiando-se pela falta de determinação, ou qualquer que fosse o defeito da própria masculinidade que o impediu de precipitar-se à cena das drogas, incapaz de continuar sua pesquisa até fazê-lo. Sentia-se como a mosca preservada em um cubo de acrílico que seus pais inexplicavelmente possuíam quando ele era criança.

Em abril ele se retirou do mundo para o microcosmo, para a realidade dos artigos dentro de suas paredes descascadas. Tinha todos os discos do Destiny, mas não podia tocá-los agora, ou dos Dead, dos Stones, ou do mártir Jimi. Eram uma provocação, um desafio que estava além de suas capacidades.

Comia seus biscoitos de chocolate e bebia refrigerante, e emergia do quarto apenas para satisfazer um vício nostálgico de infância: o amor pelos quadrinhos. Não apenas os clássicos, fábulas do Super-Homem e do Batman dos dias de inocência, antes de a humanidade ser tomada pelo vírus Wild Card, mas também seus sucessores modernos, que retratavam façanhas romanceadas dos ases reais, como livros baratos de Velho Oeste. Devorava-os com fervor de viciado. Funcionavam como um substituto para o desejo que começara a corroê-lo por dentro.

Não desejo por poderes meta-humanos; nada tão exótico. Nem sua ânsia de aceitação no misterioso mundo da contracultura, nem o desejo pelo corpo esbelto e sem sutiã da ex-Kimberly Ann Cordayne que o mantinha acordado por muitas noites agitadas. O que Mark Meadows desejava mais do que qualquer outra coisa no mundo era uma

personalidade de fato. A capacidade de fazer, alcançar, deixar uma marca; boa ou má, pouco importava.

Em uma noite próxima ao fim de abril, o refúgio de Mark foi perturbado por uma batida na porta do apartamento. Ele estava deitado em seu colchão fino com lençóis nunca trocados, o longo nariz enterrado nas páginas de um quadrinho da Cosh, o *Tartaruga* número 92. Sua primeira reação foi medo, então raiva pela intrusão. Tinha decidido que o mundo era demais para ele; estava resolvido a deixá-lo em paz. Por que o mundo não fazia o mesmo com ele?

Novamente a batida, insistente, ameaçando o fino verniz da madeira sobre o vazio. Ele suspirou.

— O que você quer? — Soou quase como um choramingo.

— Vai me deixar entrar ou vou ter que derrubar essa coisa de papel machê que o babaca do seu senhorio chama de porta?

Por um momento, Mark permaneceu deitado. Então deixou a revista ao lado da cama no chão de madeira manchado e rumou para a porta com as meias encardidas e gastas.

Ela estava lá com as mãos no quadril. Vestia outra saia com estampa de fogos de artifício e uma blusa rosa desbotada, e contra o frio primaveril da baía trajava uma jaqueta jeans da Levi's com a águia da União dos Trabalhadores Rurais estampada nas costas e um símbolo da paz costurado no lado esquerdo do peito. Irrompeu pela sala e bateu a porta com força.

— Olhe para esta merda — disse ela com um gesto que dividia as paredes na altura do peito. — Como um ser humano consegue viver desse jeito? Vivendo de açúcar processado — um aceno de cabeça apontando um prato com biscoitos meio comidos e um copo de refrigerante sem gás da semana anterior — e enchendo a cabeça com bobagens totalitárias

chauvinistas. — Outro gesto de lâmina afiada na direção das revistas do *Tartaruga* que jaziam amassadas em uma pilha no chão. Ela balançou a cabeça. — Você está se acabando, Mark. Se afastou dos amigos, as pessoas que te amam. Não dá para ser assim.

Mark ficou sem reação. Ela nunca lhe parecera tão bela, embora estivesse o repreendendo, falando como a mãe dele — ou melhor, como o pai. E então seu corpo magro começou a vibrar como um instrumento, arrebatado por ela ter dito que o amava. Não era o tipo de amor que ele ansiava e ardia por ela. Mas, emocionalmente, não estava em condições de escolher.

— É hora de você sair do casulo, Mark. Já pra fora do seu quarto-incubadora. Antes de você virar uma daquelas coisas de *A noite dos mortos-vivos*.

— Tenho trabalho pra fazer.

Ela arqueou uma sobrancelha e empurrou a *Tartaruga* 92 com a ponta da bota.

— Você vem com a gente.

— Aonde? — Ele piscou. — Quem?

— Você não soube. — Um balançar de cabeça. — Claro que não. Está trancado aqui no quarto como uma espécie de monge. O Destiny está de volta à cidade. Vão dar um show no Fillmore hoje à noite. Meu pai mandou dinheiro. Tenho ingressos para nós, você, eu e Peter. Então pode se vestir; vamos sair agora para não ficarmos uma eternidade na fila. E, pelo amor de Deus, tente não se vestir de forma tão careta.

Peter parecia um surfista e achava que era Karl Marx. Sua aparência lembrava Mark de um ex-namorado de Kimberly Ann, o capitão da equipe de futebol que arrebatou o nariz de Mark no colégio por ficar

olhando a moça com muita avidez. Parado lá fora em um casaco surrado de tweed e sua única calça jeans, respirando o ar úmido e a fumaça de carburador, ouvia Peter lhe dando a mesma palestra sobre o Processo Histórico que todos os namorados de Girassol lhe davam. Quando Mark não concordou com empolgação o suficiente — nunca via muito sentido nesses manifestos para formar uma opinião —, Peter lhe lançou um olhar azul nórdico e gélido, e resmungou:

— Vou acabar com você.

Mais tarde, Mark descobriu que a fila estava cheia de aspirantes a Marx. Naquele momento, isso fez com que ele desejasse que um buraco se abrisse na calçada gasta do lado de fora do auditório. Não ajudava muito que Girassol ficasse sorrindo para os dois como se tivessem acabado de ganhar um prêmio para ela.

Felizmente, Peter entrou em uma discussão aos berros com os policiais que os revistaram à procura de bebidas na porta, desviando sua ira de Mark. Com consciência pesada, Mark torceu para que os policiais batessem na cabeça loura de Peter com um cassetete e o levassem em cana.

Mas o Destiny estava terminando a mais tumultuada de todas as suas turnês. Tom Douglas, cujo consumo de álcool e drogas psicodélicas era tão lendário quanto seus poderes de ás, estava ficando cada vez mais bêbado antes de cada show. O Rei-Lagarto estava causando estragos; o show de New Haven na semana anterior havia culminado em uma revolta que devastou o antigo campus de Yale e metade da cidade. De sua maneira desajeitada, os policiais estavam tentando evitar confrontos naquela noite. A revista podia não ser a melhor maneira, mas os policiais — e a gerência do Fillmore — não estavam interessados em deixar os garotos mais loucos do que Tom Douglas os deixaria de qualquer forma.

Então o público era revistado quando chegava, mas com cuidado. Peter e sua cabeça dourada passaram ilesos.

O primeiro show do Destiny de Mark foi tudo o que ele poderia imaginar elevado à décima potência. Douglas, como de costume, entrou duas horas atrasado no palco — e, como de costume, estava tão chapado que mal conseguia ficar em pé, muito menos evitar cair na multidão de fãs. Mas os três músicos que formavam o restante do Destiny estavam entre os mais talentosos artistas do rock. Sua experiência cobria uma profusão de pecados. E, aos poucos, em torno da base sólida da música que tocavam, as incoerências e os gestos rudimentares de Douglas formavam algo mágico. A música foi uma explosão de ácido que dissolveu a prisão acrílica de Mark até chegar à sua pele e entrar por baixo dela.

No fim do show as luzes foram apagadas como se uma grande porta fosse fechada. Em algum lugar, um tambor começou uma batida lenta, densa. Da escuridão irrompeu um choro agonizante de guitarra. Um único fecho de luz azul caiu para iluminar Douglas, sozinho com o microfone no centro do palco, suas calças de couro reluzindo como pele de serpente. Começou a cantar, um lamento suave e baixo que aumentou em urgência e volume, a introdução de sua obra-prima, “Serpent Time”. Sua voz cresceu em um grito repentino, as luzes e a banda surgiram de uma vez em torno dele, como uma borrasca contra as pedras, e eles foram lançados a uma odisseia nos domínios mais longínquos da noite.

Finalmente ele assumia o aspecto do Rei-Lagarto. Uma aura preta pulsava dele como calor de uma fornalha, e arrebatou o público. Seu efeito era ludibriador, ilusório, como uma nova e estranha droga: elevou alguns espectadores ao auge do êxtase, outros ele lançava em um desespero profundo; alguns viam o que mais desejavam, outros encaravam direto a garganta do Inferno.

E no centro daquele esplendor da meia-noite, Tom Douglas parecia ficar impossivelmente grande, e naquele instante e novamente tremeluziam no lugar de suas feições quase belas a cabeça e as abas reluzentes de uma cobra-real gigante, negra e ameaçadora, dando botes à esquerda e à direita enquanto ele cantava.

Quando a música chegou ao clímax em um uivo de voz, órgão e guitarra, Mark flagrou-se com lágrimas correndo sem parar pelo rosto magro, uma mão segurando a de Girassol, a outra a de um estranho, e Peter sentado melancólico no chão com o rosto enterrado nas mãos, murmurando algo sobre a decadência.

O dia seguinte foi o último de abril. Nixon invadiu o Camboja. A reação alastrou-se nos campi da nação como uma bomba napalm.

Mark encontrou Girassol ao longo da baía, ouvindo discursos no meio de uma multidão enfurecida no parque Golden Gate.

— Não posso fazer isso — gritou ele por sobre o barulho da oratória. — Não posso cruzar a linha... não posso sair de mim mesmo.

— Ah, *Mark*! — retrucou Girassol, balançando a cabeça de modo furioso e choroso. — Você é tão egoísta. Tão... tão *burguês*.

Ela virou as costas e perdeu-se na multidão de corpos cantantes.

Aquela foi a última imagem que teve dela por três dias.

Ele a procurou, perambulando por grupos raivosos, as ondas de placas denunciando Nixon e a guerra, por entre a fumaça de maconha que pairava como perfume em torno de uma cerca viva de madressilvas. Seus trajes supercaretas atraíam olhares hostis; só no primeiro dia ele já precisou escapar de diversos encontros potencialmente feios, desesperando-se cada vez mais por sua incapacidade de fazer parte da massa pulsante de humanidade em torno dele.

O ar estava carregado de revolução. Podia senti-la se formando como uma força estática, quase sentia o cheiro do ozônio. E não era o único.

Ele a encontrou em uma vigília noturna, poucos minutos antes da meia-noite do dia 3 de maio. Estava sentada de pernas cruzadas em uma pequena área de grama empalidecida que sobrevivera ao ataque violento de milhares de pés manifestantes, dedilhando preguiçosamente um violão enquanto ouvia os discursos gritados de um megafone.

— Onde você esteve? — perguntou Mark, afundando até a canela na lama deixada por uma chuva passageira.

Ela apenas olhou para ele e balançou a cabeça. Nervoso, ele se jogou no chão ao lado dela com um pequeno chapinhar.

— Girassol, onde você esteve? Procurei por você em todo canto.

Por fim ela o encarou, balançando a cabeça com tristeza.

— Estava com o povo, Mark. Onde é o meu lugar.

De repente, ela se curvou para a frente, segurando seu braço com uma força surpreendente.

— Onde é o seu lugar também, Mark. É que você é tão... tão egoísta. É como se estivesse em uma armadura. E você tem tanto a oferecer... agora, quando precisamos de toda a ajuda possível para combater o opressor antes que seja tarde demais. Liberte-se, Mark. Liberte-se.

Espantado, viu uma lágrima cintilando no canto do olho de Girassol.

— Estou tentando — ele respondeu com sinceridade. — Eu... eu simplesmente não consigo.

Uma brisa soprava da baía, fria e um pouco insistente, às vezes afastando as palavras distorcidas do megafone. Mark estremeceu.

— Pobre Mark. Tão tenso. Seus pais, as escolas, eles prenderam você em uma camisa de força. Você precisa se libertar. — Ela umedeceu os lábios. — Acho que posso te ajudar.

Entusiasmado, ele se inclinou para a frente.

— Como?

— Você precisa derrubar os muros, como na música. Precisa abrir a mente.

Ela fuçou por um momento em um bolso da jaqueta jeans bordada, puxou de lá a mão fechada, com a palma para cima.

— Luz do sol. — Ela abriu a mão. Uma pílula branca indefinida jazia na palma. — Ácido.

Ele ficou olhando para o comprimido. Lá estava, o objeto de seu longo e indireto estudo: investigação e objeto de investigação ao mesmo tempo. A dificuldade de se obter LSD licitamente — e sua relutância profundamente arraigada de tentar consegui-lo no mercado clandestino, junto com o medo instintivo de que a primeira tentativa de comprá-lo o jogasse na cadeia — ajudou-o a adiar a hora do vamos ver. Já tinham oferecido ácido a ele na fraternidade hippie; sempre recusara, dizendo a si mesmo que era porque nunca se podia saber o que havia na droga, secretamente porque tinha medo de ir além daquela porta complexa que a substância apresentava. Mas naquele momento o mundo ao qual ansiava pertencer emergia na sua frente como o mar, a mulher que amava lhe oferecia desafio e tentação, e lá estava a droga, derretendo lentamente na chuva.

Ele pegou o comprimido, rápida e cuidadosamente, como se suspeitasse que aquilo queimaria seus dedos. Enfiou bem fundo no bolso da frente das calças pretas justas, agora tão completamente sujas de lama que pareciam mais uma experiência malsucedida com o tingimento do tecido.

— Preciso pensar sobre isso, Girassol. Não posso apressar as coisas.

Sem saber o que mais dizer ou fazer, começou a esticar as pernas magricelas e levantou-se.

Ela o pegou novamente pelo braço.

— Não. Fique aqui comigo. Se for para casa agora, vai jogá-lo na privada e dar descarga.

Ela o puxou para baixo, ao lado dela, mais perto do que jamais estivera antes, e de repente ele ficou completamente ciente de que não havia nenhum guerrilheiro louro por perto.

— Fique aqui, no meio do povo. Bem ao meu lado — ela sussurrou no ouvido dele. Seu hálito tremulava na ponta da orelha dele. — Veja o que você tem a ganhar. Você é especial, Mark. Poderia fazer tanta coisa que realmente *importa*. Fique comigo essa noite.

Embora o convite não fosse tão abrangente quanto gostaria, ele voltou a sentar-se na lama, e assim a noite passou em uma comunhão gélida, os dois aconchegados na proteção dúbia da jaqueta de Girassol, ombro a ombro, enquanto os oradores retumbavam a revolução — o confronto final com a *Amérika*.

Quando amanheceu, o protesto começou a murchar. Eles foram juntos para uma pequena cafeteria 24 horas perto do campus, tomaram um café da manhã orgânico do qual Mark não conseguia sentir o gosto, enquanto Girassol falava apressada do destino que estava ao alcance dele:

— Se você ao menos conseguisse se libertar, Mark.

Ela se esticou e segurou uma das mãos longas e pálidas dele na sua mão pequena e bronzeada.

— Quando tropecei em você naquela festa, no outono passado, fiquei feliz em te ver porque acho que estava com saudades dos velhos tempos, mesmo eles sendo ruins. Você era um rosto conhecido.

Ele baixou os olhos, piscando rapidamente, assustado por ela admitir abertamente que o procurara pelo que ele era e não por quem ele era.

— Isso mudou, Mark.

Ele ergueu os olhos novamente, hesitante como um cervo surpreendido em um jardim no início da manhã, pronto para fugir ao primeiro sinal de perigo.

— Comecei a gostar de você por quem você é. E por quem poderia ser. Existe uma pessoa de verdade por trás desse corte à escovinha, dos óculos de tartaruga e das roupas de escritório que você usa. Uma pessoa que implora por ser libertada.

Ela pousou a outra mão na dele, acariciando-a de leve.

— Espero que você se liberte, Mark. Quero muito te conhecer. Mas chegou a hora de você decidir. Não consigo mais esperar. O momento da escolha chegou, Mark.

— Você quer dizer...? — Sua língua se atrapalhou.

Para sua mente nublada pelo cansaço, ela parecia estar prometendo muito mais do que amizade... e, ao mesmo tempo, ameaçando terminar até mesmo com essa amizade se ele não conseguisse agir.

Ele a levou em casa, até o apartamento de fundos. No patamar da escada externa, ela o agarrou de repente pela nuca e beijou-o com ferocidade surpreendente. Então desapareceu no prédio, deixando-o para trás, em choque.

— Finalmente deram uma lição nos malditos comunas. Bem feito para eles. Bem feito, idiotas.

Em pé ao lado das fundações do arranha-céu que estava sendo levantado, bebericando chá quente de uma garrafa térmica, Wojtek Grabowski ouvia seus colegas discutindo as notícias que tinham acabado de ouvir no onipresente radinho: a Guarda Nacional abria fogo contra uma manifestação no campus da Universidade Estadual de Kent, em

Ohio, causando a morte de diversos estudantes. Pareciam pensar que já tinha passado da hora.

Ele achava o mesmo, mas as notícias o enchiam de tristeza, não de euforia.

Mais tarde, caminhando pelas altas vigas acima do mundo, refletiu sobre toda a tragédia. Os soldados americanos estavam lutando para defender valores americanos e resgatavam uma nação irmã da agressão comunista — e aqui os seus compatriotas cuspiam neles, insultando-os. Ho Chi Minh era retratado como um herói, um aspirante a libertador.

Grabowski sabia que era mentira. Ele tinha sangrado para aprender o que os comunistas queriam dizer com “libertação”. Quando os ouvia serem aclamados como heróis, seus amigos e família assassinados levantavam em um coro no fundo da sua mente, em uma denúncia dolorosa.

Não era apenas o que os manifestantes defendiam, era quem eles eram. Crianças privilegiadas, na sua maioria esmagadora de classe média alta, gritando palavras de ordem com a petulância dos mimados contra o mesmo sistema que tinha lhes dado conforto e segurança sem igual na história da humanidade. “A *Amérika* está engolindo sua juventude”, gritavam, mas o que ele via era diferente: a América corria o risco de ser devorada por sua juventude.

Eram liderados por falsos profetas, perdiam o caminho de forma pavorosa. Por homens como Tom Douglas. Ele havia lido sobre o cantor desde que sua música o deixou chocado, em novembro. Sabia naquele momento que Douglas era um dos contaminados, marcado pelo veneno alienígena lançado naquela tarde de setembro de 1946, um filho da nova aurora do mal, cujo nascimento o próprio Grabowski testemunhou do convés de um navio de refugiados atracado na Governors Island. Não era

de se estranhar que os filhos se erguessem como serpentes para atacar os mais velhos, pois eram aconselhados por homens que Satanás marcara como dele.

— Ei — gritou o imenso ex-fuzileiro com o rádio. — Os malditos hippies estão tomando as ruas na frente da prefeitura, quebrando janelas e queimando bandeiras americanas!

— Desgraçados!

— Temos que fazer alguma coisa! É a revolução, aqui e agora.

O jovem veterano vestiu sua jaqueta Levi's e enfiou o capacete de aço sobre os cabelos à escovinha.

— Fica apenas a dois quarteirões daqui. Não sei vocês, mas eu *vou* fazer alguma coisa sobre isso.

Ele correu na direção do elevador de obra.

Grabowski teria gritado: *Não, espere, não vá! Deixe isso com as autoridades; se irmão começar a combater irmão, as forças da desordem terão vencido.* Mas as palavras não saíram.

Porque estava tão furioso quanto o resto, e temeroso, pois apenas ele tinha visto em primeira mão as consequências daquela *revolução* da qual todo mundo falava. E, em sua agitação, ele agarrou uma viga mestra com toda a força.

Seus dedos enterraram-se no aço, como se fosse a massa mole e grudenta que os americanos chamavam de sorvete.

Ele mesmo estava maculado pela marca da Besta.

Mark passou o resto do dia em um atordoamento estranho composto de desejo, esperança e medo. Não escutou as notícias sobre a Universidade de Kent. Enquanto o restante da América reagia com revolta ou aprovação, ele passou a noite trancado em seu apartamento

com um prato cheio de biscoitos, estudando em profundidade seus artigos e livros surrados sobre LSD, pegando o comprimido de ácido, girando-o nos dedos como um talismã. Quando o sol surgiu bem fraco no céu, um momento de decisão fez com que ele jogasse a pílula na boca. Um rápido gole do refrigerante de laranja sem gás mandou-a para dentro antes que ele tivesse chance de desistir novamente.

De sua pesquisa, soube que o ácido em geral levava entre uma hora e uma hora e meia até fazer efeito. Tentou fazer o tempo passar folheando da antologia de Solomon às revistas da Marvel, até os quadrinhos *Zap Comix* que ele arranhou na sua busca por compreensão. Após uma hora, nervoso demais para aguardar sozinho os efeitos da droga, ele deixou o apartamento. Tinha de encontrar Girassol, dizer a ela que encontrou sua coragem, deu o passo derradeiro. Também tinha medo de estar sozinho quando o ácido batesse.

Encontrar Girassol era sempre como correr atrás de uma pétala de flor levada pela brisa, mas ele sabia que ela gravitava pela UCB, que substituíra há muito o moribundo distrito de Haight como o local da cultura moderna da Área da Baía, e trabalhava às vezes em uma tabacaria especializada em maconha próximo ao People's Park. Assim, por volta das 9h30 da manhã de 5 de maio de 1970, ele perambulava no parque — e ia direto para o confronto mais espetacular entre ases de toda a época do Vietnã.

Por um breve e radiante momento, todos — classe média e inimigos — souberam que havia chegado a hora do combate nas ruas. Se a revolução estava chegando, chegara *agora*, no primeiro jato quente de fúria que seguiu o massacre da Universidade de Kent. Os líderes radicais da Área da Baía convocaram uma gigantesca manifestação no People's Park — e

não apenas as forças policiais da Área da Baía, mas o próprio contingente da Guarda Nacional de Ronald Reagan havia aparecido para combatê-los.

Às 9h45, a política tinha se retirado do parque, formando um cordão de isolamento em torno da área do campus para evitar que a conflagração se espalhasse. Havia apenas alunos e alguns caminhões militares cheios de homens da Guarda Nacional uniformizados e usando máscaras de gás debaixo das coberturas de lona a quarenta metros de distância. Com um rangido barulhento e vago e um estampido de motor a diesel, um tanque M113 parou atrás da linha de baionetas fixas, os sulcos dos pneus comendo terra. Um homem com patente de capitão estava sentado, empertigado e resoluto, na cúpula atrás de uma metralhadora de calibre .50, com um capacete que parecia o de um jogador de futebol americano.

Estudantes vazavam a linha divisória de combate como mercúrio da ponta de um dedo. Eles gritavam sobre trazer a guerra para casa; como seus irmãos de Ohio, parecia que seu desejo tinha sido realizado. A Guarda estava acostumada a acabar com manifestações, mas o formato quadrado e feio do tanque representava algo novo, uma ameaça que mesmo a pessoa mais tapada não conseguiria deixar de notar. A multidão titubeava, espalhando o alarme.

No espaço entre as linhas surgiu uma única figura, magra e vestida com couro preto.

— Viemos para ser ouvidos — disse Thomas Marion Douglas, em um tom para ser escutado por todos — e vamos ser *muito bem* ouvidos.

Atrás dele, a multidão começou a se firmar. Ali estava uma estrela — um ás — resistindo com eles. Através da cerca viva de baionetas, os olhos dos soldados da Guarda Nacional piscavam nervosamente por trás das lentes grossas de suas máscaras. Eram, em sua maioria, jovens que se alistaram na Guarda para evitar serem mandados para o Vietnã; *eles*

sabiam quem os estava enfrentando. Muitos tinham discos do Destiny, as feições arrogantes de Douglas encarando-os de pôsteres nas paredes de seus quartos. Era mais difícil, de alguma maneira, usar a baioneta ou a coronha do rifle contra alguém que se *conhecia*, mesmo que fosse apenas como um rosto em uma capa de disco ou em uma foto estampada na revista *Life*.

O capitão não tinha essas delicadezas. Berrou uma ordem da cúpula. Armas de gás lacrimogêneo voaram, meia dúzia de pequenos cometas descreveram um arco sobre Douglas na direção da multidão que se lançava para unir-se a ele. Colunas de fumaça branca e espessa, e gás lacrimogêneo, tiraram o cantor de vista.

Tomando um atalho por uma viela, Mark despistara os cordões policiais. Naquele momento ele conseguiu ter uma visão lateral perfeita de seu ídolo em pé com a fumaça girando em torno dele, como um mártir medieval na estaca. Ele parou e encarou, boquiaberto, o confronto que se formava adiante.

E o ácido bateu.

Sentiu os colágenos da realidade se dissolverem, mas a cena diante dele era muito intensa para ser uma alucinação. Quando a brisa teimosa da manhã rompeu as cortinas de gás, um homem com punhos erguidos apareceu, cabelos vermelho-escuros esvoaçando para trás de um rosto largo que de alguma forma tremeluzia, entremeado com a cabeça de uma cobra gigante, escamas reluzindo negras, com as abas ao lado da cabeça abertas. Os homens da Guarda recuaram; o Rei-Lagarto estava entre eles.

O Rei moveu-se para a frente em um deslizar sinuoso. Os uniformizados recuaram. Alguém o estocou com uma baioneta, ou talvez apenas não tenha recuado rápido o suficiente. Um girar de pulso, parecendo preguiçoso e desdenhoso, mas feito com velocidade sobre-

humana, e o rifle voou girando enquanto seu dono caía de costas na grama com um uivo de pavor. O capitão em sua caixa de ferro gritava até a rouquidão, tentando reunir os restos esfiapados da determinação de seus homens.

E enquanto assumia o aspecto de Rei-Lagarto, Douglas liberava sobre eles seus jogos mentais; seus olhos começavam a vaguear, buscando visões de beleza desesperada ou horror atordoante, cada um afetado da sua própria maneira pela aura sombria do Rei-Lagarto.

A multidão avançava, cantando, gritando, ameaçando. O capitão da Guarda fez a única coisa que podia — seu dedo pressionou uma vez o gatilho de sua arma calibre .50. A arma produziu um barulho alto o suficiente para estourar vidros e uma chama de escapamento, lançando rastros de fumaça sobre a cabeça dos manifestantes.

Triunfante apenas um segundo antes, a multidão se dispersou em pânico e aos berros. O ruído dos tiros atingiu Mark como um travesseiro gigante e o lançou de volta a corredores infinitos e tortuosos. Mas a cena permanecia diante dele, luz no fim do túnel, terrível e insistente. Ninguém tinha sido atingido pela rajada, mas os manifestantes, como o próprio Mark, depararam-se pela primeira vez com a realidade que seu profeta Mao tentou incutir neles: de onde vem o poder.

Tom Douglas estava em pé tão perto que o fogo do cano chamuscou suas sobrancelhas. Ele não se esquivou, embora o ruído o tenha atingido com uma força que nem um caminhão carregado de alto-falantes conseguiria se equiparar. Em vez disso, soltou um rugido que fez os guardas correrem, tropeçando como cachorrinhos assustados.

Ele deu um grande salto e de repente estava de pé sobre o tampo do blindado. Curvou-se, agarrou o cano da arma e a levantou. A pesada metralhadora Browning saiu de sua base como uma muda de planta

arrancada pela raiz. Ele segurou a arma sobre a cabeça, com as duas mãos, então com um único solavanco de ombros e bíceps dobrou o cano quase ao meio. Tendo mostrado seu desprezo pelo sistema e por suas máquinas de guerra, lançou a metralhadora arruinada na direção dos soldados, agora em debandada total, e avançou para agarrar pelo colarinho o capitão apavorado na cúpula. Segurou o homem diante dele no alto, as pernas chutando sem forças.

E foi derrubado pelas costas por uma pancada dada com toda a força extraordinária de um ás desconhecido.

Mark saiu de seu transe. Com um berro, sua alma desapareceu na escuridão vertiginosa. Seu corpo virou-se e correu cegamente.

Wojtek Grabowski viu a serpente sinistra vestida de preto pular no blindado e arrancar a arma de sua base, e soube que fizera a escolha certa.

Apenas o catolicismo fervoroso o impediu de lançar-se para a morte. Ele saiu apressado do canteiro de obras, já deserto, pois os trabalhadores haviam corrido para enfrentar os manifestantes, e foi até seu pequeno apartamento para uma vigília noturna de angústia e oração silenciosa.

Com a aurora, chegou de fato a Luz; e ele soube em uma inspiração que sua condição de ás fora enviada pelos céus, uma bênção, não uma maldição. A revolução ameaçava seu lar adotivo, guiada por aqueles que juraram lealdade às forças da escuridão. Ele se lavou, se vestiu e tomou o caminho do parque com paz no coração.

Mas naquele momento ele confrontava a besta que parecia ter muitas cabeças, e sabia que estava frente a frente com o odioso Tom Douglas.

A fúria explodiu dentro dele. A transformação de ás arrebatou-o, inchando seus músculos até encher suas roupas largas e quase rasgá-las.

Usava o capacete de aço de sua profissão, um grifo de encanador de quase um metro na mão. As dúvidas recorrentes sobre usar sua força contra seres humanos normais desapareceram; ali estava um inimigo à sua altura, um ás, um traidor — um servo do Inferno.

Ele avançou, saltando sobre o veículo enquanto a criatura de preto com cabeça de serpente arrancava o comandante da escotilha. Os estudantes tentaram avisar Douglas com gritos, mas ele não ouviu. O Operário ergueu o grifo e bateu na parte de trás de uma cabeça ora desgrenhada, ora negra, sem pelos e obscena.

O golpe teria esmigalhado o crânio de um homem normal, ou separado a cabeça dos ombros. Mas as mudanças constantes da aparência de Douglas confundiram a mira de Grabowski, que o atingiu apenas de leve. Douglas largou o oficial que se contorcia e desabou do veículo enquanto o impulso do golpe fez o grifo continuar descendo até esmagar a blindagem superior como uma folha de papel-alumínio.

Achando que tinha matado o homem, Grabowski sentiu as forças evadirem. Precisava estar enfurecido para se manter no estado meta, mas tudo que sentia era vergonha. Desesperado, virou-se para a multidão.

— Vão embora! — gritou em seu inglês rouco, rude. — Vão embora agora. Acabou. Não precisam mais lutar. Obedeçam a seus líderes e vivam em paz.

Eles ficaram parados e o encararam com expressões intimidadas.

O orvalho da manhã sugou o gás lacrimogêneo e envenenou a grama. Alguns brotos já brancos de gás contorciam-se no chão como cobras agonizantes. As lágrimas corriam pelo rosto de Grabowski. *Por que não escutam?*

Do fundo da multidão, um jovem gritou:

— Vai se foder! *Vai se foder, seu fascista filho da puta!*

Ser chamado daquilo, um homem que ainda carregava balas fascistas na carne, por um fedelho mimado, insolente, ignorante — o ódio voltou com tudo, e com ele aquela força sobre-humana.

Felizmente para ele, pois nesse momento Tom Douglas recuperou a consciência, levantou-se, pegou o Operário pelo tornozelo e lhe deu uma rasteira. O capacete de Grabowski atingiu o chão como um címbalo gigante. Tão furioso quanto o homem que o derrubara, Douglas o agarrou quando ele caiu, o lançou contra a lateral do veículo e começou a dar pancadas nele com sua força de ás.

Mas Grabowski também era mais resistente do que um ser humano comum. Puxou o grifo entre seus corpos e lançou Douglas com violência para longe. Os pés de Douglas escorregaram uma vez na grama molhada, então ele se recompôs com agilidade de serpente e avançou para atacar — apenas para frear e parar na ponta dos pés como um bailarino, enquanto um golpe de grifo zunia a poucos centímetros de seu abdômen.

Douglas mergulhou no arco mortal descrito pelo grifo. Ele agarrou o oponente, dando socos abaixo de suas costelas. Grabowski recuou com um passo rápido, pôs a mão no peito de Douglas e empurrou. Douglas retrocedeu um passo. O grifo voou, e dessa vez apenas os reflexos meta-humanos de Douglas o salvaram de a ferramenta bater em cheio na frente do seu crânio.

A ponta de aço raspou sua testa. O sangue caiu em cascata. Ele cambaleou pesadamente para trás, limpando os olhos com uma das mãos, enquanto a outra se debatia em uma tentativa de defender-se da próxima investida.

O Operário balançou o grifo como um taco de beisebol e pegou Douglas embaixo do braço direito com um som que ecoou pelo parque como uma explosão de granada. Douglas foi ao chão. O Operário ficou

sobre ele com as pernas abertas, erguendo o grifo lentamente sobre a cabeça como um carrasco preparando o golpe. Sangue escorria do canto de sua boca. Estava enlouquecido de ódio, além do remorso, além da compaixão, desprovido de qualquer coisa além da necessidade de esmagar o crânio do seu oponente como um caramujo na pedra.

Mas, quando o grifo reluzente e pingando sangue começou a descer, uma corrente dourada enrolou-se nele por trás e impediu o golpe antes que fosse desferido.

Com um reflexo de lutador, o Operário instantaneamente relaxou os braços, permitindo que o grifo fosse na direção daquele impedimento súbito. Então puxou com tudo a arma para a frente e para baixo, girando ao mesmo tempo para lançar todo o peso aumentado do seu corpo contra o que o prendia. Mas enquanto se movia, uma sacudidela ondulou a tal corrente e a afrouxou, fazendo com que o grifo se soltasse com um som musical. Movendo-se sem controle, tendo esperado um impacto, o Operário deu um giro completo, cambaleando para a frente, e então mais uma meia-volta até encarar seu oponente cinco metros adiante na terra lamacenta e pisada.

Lá havia um jovem, magro e alto, cabelos loiros caindo sobre os ombros, balançando um medalhão da paz do tamanho de um pires em uma longa corrente. Apesar do frio da manhã na baía, usava apenas calças jeans. Para o pequeno e escuro Grabowski, parecia nada menos do que uma figura saída de um pôster de recrutamento nazista.

— Quem é você? — rosnou o Operário. Percebendo que tinha falado em sua própria língua, repetiu em inglês.

O jovem franziu a testa levemente, como se estivesse perplexo.

— Pode me chamar de Radical — disse ele com um risinho sarcástico.
— Estou aqui para proteger o povo.

— *Traidor!*

O Operário avançou, sacudindo o grifo. Radical desviou em um movimento gracioso. Não importava a fúria com a qual o oponente atacava, não importava como ele ameaçasse atacar, Radical escapava com aparente facilidade. Frustrado em suas tentativas de abater o jovem dourado, o Operário virou-se novamente para Douglas, que ainda gemia no solo. E Radical estava lá, o símbolo da paz formando um oito no ar diante dele, defendendo-se dos golpes mais ferozes com faíscas cintilantes, enquanto os soldados e os estudantes permaneciam paralisados pelo espetáculo.

Mas se o Operário não conseguia transpor o amuleto, Radical não parecia disposto ou capaz de contra-atacar. Entendendo isso, o Operário afastou-se, balançando o grifo ameaçadoramente. Após um momento, Radical acompanhou, planando como névoa. O Operário rodava no sentido anti-horário. Radical mantinha o ritmo. Lentamente, o polonês arrastou seu oponente cabeludo para longe de onde Douglas estava caído.

Com grande rapidez, ele se voltou para a esquerda e arremessou-se na direção dos espectadores. Embora sua velocidade não fosse tão grande quanto a de Radical, era maior do que a de um comum, e ele estava entre a multidão de manifestantes antes que qualquer um pudesse reagir, grifo levantado para esmagar. Pego de surpresa, Radical não conseguiu reagir a tempo.

O grifo ficou erguido, congelado como uma mosca no acrílico. Radical pulou para a frente, levado a atacar por desespero, girando o medalhão da paz por trás daquele pescoço grosso como um tronco sob o capacete. A pancada teve o impacto de uma tora de madeira abatida por um machado; um golpe não tão poderoso quanto o que o Rei-Lagarto poderia ter desferido, nem de longe perto da força terrível do grifo de Grabowski,

mas suficiente para embaralhar os sentidos do Operário, mandando-o de cara primeiro na grama, em seguida na lama e nas placas amassadas.

Radical pairava sobre ele, balançando o medalhão lentamente e em círculos ao seu lado. Um momento depois, Douglas juntou-se a ele, esfregando a lateral do corpo e fazendo careta.

— Acho que ele me quebrou umas costelas — rugiu em seu familiar tom arranhado barítono. — Que merda é essa?

Enquanto observavam, a forma sobre-humana do Operário definhava em um homem atarracado, calvo, em roupas largas, deitado com o rosto na lama, soluçando como se seu coração estivesse partido. Balançando a cabeleira desgrenhada, Douglas virou-se para seu benfeitor.

— Sou Tom Douglas. Obrigado por salvar minha vida.

— O prazer é meu, cara.

E então Douglas deu um passo à frente e abraçou o homem alto e louro, e aplausos emergiram da multidão. Os soldados da Guarda Nacional já estavam em retirada, deixando o tanque para trás. A revolução não aconteceria hoje, talvez nunca, mas os jovens foram salvos.

Quando as câmeras de televisão ligaram, Tom Douglas proclamou Radical seu companheiro de armas e convocou a celebração mais selvagem que a Área da Baía já vira. Enquanto a polícia mantinha o instável perímetro e a Guarda Nacional lambia as feridas, milhares de jovens invadiram o parque para saudar os heróis conquistadores. O M113 abandonado logo foi adaptado como palco. Barracas pipocaram no parque como cogumelos coloridos. Música, drogas e bebida correram livremente, naquele dia inteiro e durante toda aquela noite.

No centro daquele espetáculo estavam Tom Douglas e seu misterioso benfeitor, cercados por mulheres belas e bajuladoras — nenhuma mais do que a linda morena com olhos de gelo que todos chamavam de

Girassol, que parecia ter brotado do quadril de Radical como uma gêmea siamesa após o parto. O recém-chegado não deu outro nome além de Radical e desviou-se de todas as perguntas sobre a sua origem e sobre como aconteceu de ele estar naquele local naquele momento com um sorrisinho e um tímido “Eu estava aqui porque eu era necessário aqui, cara”. Na aurora do dia seguinte, ele fugiu em silêncio das festividades que mingravam e desapareceu.

Nunca mais foi visto.

Na primavera de 1971, as acusações contra Tom Douglas originadas do confronto do People’s Park foram retiradas — por recomendação do dr. Tachyon, que havia sido convocado pelo CRISE-A para ajudar a investigar o incidente — justamente quando o álbum do Destiny, City of Night, chegou às lojas. Pouco depois, Douglas abalou o mundo do rock ao anunciar que estava se aposentando — não apenas como músico, mas como ás.

Assim, ele se submeteu à cura “trunfo” experimental do dr. Tachyon, e foi um dos trinta por cento afortunados nos quais ela funcionou. O Rei-Lagarto desapareceu para sempre, deixando para trás Thomas Marion Douglas, um comum.

Que morreu seis meses depois. Seu uso exagerado de drogas e álcool alcançou tais proporções heroicas que apenas a resistência de ás o mantinha vivo. Assim que ela acabou, sua saúde deteriorou-se rapidamente. Morreu de pneumonia em um hotel barato em Paris, no outono de 1971.

Quanto ao Operário — entrevistado pelo dr. Tachyon no dia seguinte ao confronto, hospitalizado com uma concussão leve —, Wojtek Grabowski insistiu que seus inimigos não o derrotaram. “All you need is love” estava na ordem do dia — e o amor o derrubou. Ou

algo assim. Porque quando ele se arremessou contra a multidão, viu-se cara a cara com Anna, sua esposa, perdida dele por duas décadas e meia.

Não era bem Anna, ele disse entre lágrimas; havia diferenças, na cor do cabelo, no formato do nariz. E, claro, naquele momento Anna não seria uma mulher de vinte anos.

Mas a filha deles seria. Grabowski estava convencido de que vira, enfim, a filha que nunca conheceu. A perspectiva horrenda de que seu ódio quase o levou a destruir aquilo que ele mais adorava em todo o mundo acabou com suas forças em um instante, de forma que o medalhão de Radical atingiu um ser em transição da força total de ás para o estado humano normal.

Emocionado, o dr. Tachyon ajudou Grabowski a procurar sua filha na Área da Baía. Pessoalmente, Tachyon acreditava que nunca encontrariam a garota; no momento em que Grabowski pensou tê-la visto, Tom Douglas estava se recuperando, seu aspecto de Rei-Lagarto ainda ativo. E aquela aura sombria podia fazer as pessoas verem o que mais desejassem. Até onde Tachyon sabia, foi isso que aconteceu.

Não foi surpresa para ele quando a busca deu em nada. De qualquer forma, ele podia dedicar pouco tempo a Grabowski, mesmo que a história do homem tivesse mexido tanto com ele. Voltou para o Leste após passar três semanas ajudando Grabowski e os investigadores do CRISE-A. Alguns meses depois, soube que Grabowski havia desaparecido, sem dúvida para continuar a busca por sua família. Desde então, não se ouviu mais falar de Wojtek Grabowski, ou o Operário.

E quanto a Radical...

Nas primeiras horas da manhã de 6 de maio de 1970, Mark Meadows cambaleou para fora de um beco que dava para o People's Park com a cabeça chiando, vestido apenas com um jeans. Não se lembrava do que havia acontecido com ele, mal sabia onde estava. Viu-se entre os remanescentes dos festeiros da noite anterior, com olhos pesados pela fadiga, mas ainda tagarelando sobre os fantásticos eventos das últimas vinte e quatro horas, como se estivessem loucos de anfetamina.

— Você tinha que ter estado lá, cara — diziam a ele.

E quando descreveram os eventos da manhã anterior, estranhos fragmentos de memória, surreais e desconexos, começaram a borbulhar na superfície da mente de Mark: talvez ele *tivesse estado*.

Será que estava se lembrando das próprias experiências? Ou era o restinho de ácido forjando imagens para combinar com as descrições ofegantes e vívidas que uma dúzia de testemunhas oculares despejava sobre ele de uma vez? Não sabia. Tudo que ele sabia era que o Radical representava a realização de seu sonho mais louco: Mark Meadows como herói.

E quando viu Girassol em pé ali perto, cabelos despenteados, olhos sonhadores, ela lhe disse:

— Ah, Mark, eu acabei de conhecer o cara mais *fantástico* de todos.

E ele soube que qualquer esperança de ser mais do que amigo de Girassol tinha ido por água abaixo. A menos que ele fosse, de fato, o Radical.

Ele sabia o que fazer, claro. Aprendera mais do que imaginava durante seu estágio de rua com Girassol; quando a noite caiu, estava sentado com as pernas cruzadas em seu colchão, entre biscoitos e quadrinhos, com as mãos cheias de LSD comprado com o dinheiro equivalente a duas semanas

de contas. Estava tão empolgado quando tomou o primeiro comprimido que mal precisou da droga para entrar na viagem.

E foi só isso que aconteceu. Nenhuma transformação Radical. Nada. Ele apenas... *viajou longe*.

Por uma semana, não saiu do apartamento, vivendo de migalhas mofadas, tomando doses cada vez maiores de ácido logo que os efeitos da última viagem passavam. *Nada*. Quando por fim ele saiu para buscar mais drogas, tudo já começara a ficar turvo.

E assim a aventura começou.

INTERLÚDIO TRÊS

De Wild Card Chic

Tom Wolfe

Nova York, junho de 1971

Hummmmmmmmmmm. Esses são deliciosos. Rolinhos recheados com carne de siri e camarão. Muito saborosos. Um pouco gordurosos, talvez. O que os ases fazem para tirar manchas de gordura dos dedos de suas luvas? Talvez prefiram cogumelos recheados, ou fatiazinhas de roquefort enroladas em nozes, tudo que lhes é oferecido neste exato momento em bandejas de prata por garçons altos e sorridentes em uniformes do Aces High... Essas são perguntas a se fazer sobre as noites Wild Card Chic. Por exemplo, o homem negro ao lado da janela, aquele cumprimentando Hiram Worchester em pessoa com um aperto de mão, aquele com camisa de seda preta e casaco de couro preto e aquela testa incrivelmente inchada, aquele homem negro com olhar *ameaçador* com pele cor de chocolate e olhos amendoados que saiu do elevador com as três mulheres mais impressionantes que qualquer um já viu, mesmo aqui, neste espaço cheio de gente bonita — ele vai, um ás, um ás de verdade, pegar um

rolinho recheado com camarão e carne de siri quando o garçom passar, e lançá-lo goela abaixo, sem perder uma sílaba da genialidade culta de Hiram, ou ele é um cara que gosta mais de cogumelo recheado...

Hiram é esplêndido. Um homem grande, um homem *formidável*, quase um metro e noventa e largo para todos os lados, na penumbra ele poderia passar por Orson Welles. Sua barba negra em forma de espada é tratada com perfeição, e quando ele sorri seus dentes são muito brancos. Ele sorri bastante. É um homem carinhoso, gracioso e cumprimenta os ases com o mesmo aperto de mão rápido e firme, os mesmos tapinhas no ombro, a mesma exortação familiar com a qual cumprimenta Lillian, Felicia e Lenny, e o prefeito Hartmann, e Jason, John e D. D.

— Quanto vocês acham que eu peso? — pergunta a eles jovialmente e insiste para que adivinhem, cento e trinta e cinco quilos, cento e sessenta, cento e oitenta.

Ele ri das tentativas, uma risada profunda, uma risada ressonante, pois esse homem imenso pesa apenas treze quilos e montou uma balança bem aqui, no meio do Aces High, seu novo e sofisticado restaurante no topo do Empire State, em meio a cristais e prataria e toalhas de mesa de um branco puro, uma balança igual àquelas que se poderia encontrar em uma academia de ginástica, apenas para que pudesse provar sua afirmação. Ele sobe e desce dela com agilidade sempre que é desafiado. Treze quilos, e Hiram gosta dessa piadinha. Mas nunca mais o chame de Bolão. Este ás que saiu do baralho agora é um novo tipo de ás, que conhece as pessoas certas e os vinhos adequados, cujo smoking cai como uma luva e possui o mais refinado, o mais chique restaurante da cidade.

Que noite! As mesas são postas em círculo, a prata reluzindo, as pequenas chamas tremeluzentes das velas refletindo nas janelas circundantes, uma escuridão inesgotável com milhares de estrelas, e este

é o momento que Hiram ama. Parece haver milhares de estrelas dentro e milhares de estrelas fora, uma torre de Manhattan cheia de estrelas, a maior torre de todas, com pessoas maravilhosas caminhando pelos céus, Jason Robards, John e D. D. Ryan, Mike Nichols, Willie Joe Namath, John Lindsay, Richard Avedon, Woody Allen, Aaron Copland, Lillian Hellman, Steve Sondheim, Josh Davidson, Leonard Bernstein, Otto Preminger, Julie Belafonte, Barbara Walters, os Penn, os Green, os O'Neal... e agora, nessa temporada de Wild Card Chic, os ases.

Esta aglomeração, este grupo de pessoas fascinadas, adoráveis e *empolgadas* com taças finas e altas de champanhe nas mãos e expressões extasiadas no rosto, entre elas, o centro das atenções é um homem pequeno em um smoking de veludo amarrotado, um smoking de veludo amarrotado *laranja*, com cauda, e uma camisa amarelo-limão com babados, e um cabelo vermelho longo e brilhante. Tisianne brant Ts'ara sek Halima sek Ragnar sek Omian tinha novamente a sua corte, como devia ter acontecido em Takis no passado, e algumas das pessoas maravilhosas ao seu redor o chamam até mesmo de “príncipe” e “príncipe Tisianne”, embora não raro errem na pronúncia, e para a maioria delas, agora e para sempre, ele será o dr. Tachyon. Ele é *real*, este príncipe de outro planeta, e o simples *conceito* dele, um exilado, um herói aprisionado pelo Exército e perseguido pelo HUAC, um homem que viveu duas vezes uma vida humana e viu coisas que ninguém pode imaginar, que trabalha abnegadamente entre os miseráveis do Bairro dos Curingas; bem, a empolgação toma conta do Aces High como um hormônio defeituoso, e Tachyon parece instigado também, é possível ver pelo jeito que seus olhos lilás ficam retornando para a mulher oriental e esguia que chegou com aquele outro ás, Fortunato, o sujeito de olhar ameaçador.

“Nunca tinha conhecido um ás” é o refrão da noite. “É minha primeira vez.” A sensação vibra pelo ar do Aces High, até todo o octogésimo sexto andar *ficar pleno* dela, o meu primeiro, nunca conheci outro igual a você, o meu primeiro, sempre quis conhecê-lo, o meu primeiro, e, em algum lugar no solo úmido de Wisconsin, Joseph McCarthy revira-se no caixão com estrépitos finos e agudos, e todos os seus vermes voltam para casa para descansar. Não são impostores de Hollywood, nem políticos entediados, nem escritores esquecidos, nem curingas patéticos implorando ajuda, eles são a *verdadeira nobreza*, esses ases, esses ases encantadores e eletrizantes.

Tão linda. Aurora, sentada no bar de Hiram, mostrando as pernas longas, tão longas que a tornaram celebridade da Broadway, os homens apinhados ao seu redor, rindo a cada piada que contava. Incríveis, seus cabelos vermelho-dourados, cacheados e perfumados, caindo pelos ombros nus, e aqueles lábios rachados, fazendo biquinho, e, quando ela sorri, a aurora polar ao norte pisca em torno dela e os homens irrompem em aplausos. Ela assinou o contrato para seu primeiro longa-metragem no próximo ano, atuando ao lado de Redford, com direção de Mike Nichols. A primeira ás a estrelar uma grande obra cinematográfica desde... não, não queremos mencionar *quem*, certo? Não quando estamos nos divertindo tanto.

Tão surpreendentes. As coisas que eles podem *fazer*, esses ases. Um homenzinho elegante vestido todo de verde produz uma bolota e um punhado de terra para vaso, pega emprestada uma tacinha de conhaque do barman, e faz surgir um pequeno carvalho ali, no meio do Aces High. Uma mulher negra com traços finamente esculpidos chega de jeans e uma camisa de brim, mas quando Hiram ameaça mandá-la embora, ela bate uma palma e, de repente, está blindada da cabeça aos pés em metal

preto que reluz como ébano. Outra palma, e ela está usando um vestido de noite, veludo verde, ombros à mostra, perfeito para ela, e até Fortunato dá uma segunda olhada. Quando o gelo do balde de champanhe derrete quase todo, um homem negro robusto como rocha dá um passo à frente, pega o Dom Perignon na mão e sorri maroto enquanto uma camada de gelo cobre a garrafa.

— No ponto — diz ele quando passa a garrafa para Hiram. — Mais um pouco e congelaria.

Hiram ri e o parabeniza, e diz que acredita não terem ainda sido apresentados. O homem negro sorri, enigmático.

— Croyd — é tudo que diz.

Tão romântico, tão trágico. Lá na frente, no fim do bar, com roupas de couro cinzento, aquele é Tom Douglas, não é? É ele, é ele, o próprio Rei-Lagarto, ouvi que simplesmente retiraram as acusações, mas a *coragem* necessária, que compromisso e, diga, o que aconteceu com aquele Radical, que o salvou? Mas Douglas parece péssimo. Acabado, assombrado. As pessoas se amontoam em torno dele, e seus olhos piscam rapidamente e logo o espectro de uma imensa cobra preta cresce sobre ele, contraponto obscuro às cores reluzentes de Aurora, e o silêncio ondula pelo Aces High até deixarem o Rei-Lagarto novamente em paz.

Tão elegante, tão exuberante. Ciclone sabe como fazer uma entrada, não é? Mas é por isso que Hiram insistiu na varanda Sunset, afinal de contas; não serviria apenas para drinques sob as estrelas do verão e a vista gloriosa do ocaso sobre o rio Hudson, mas para os ases terem um lugar para pousar, e é natural que Ciclone fosse o primeiro. Por que andar de elevador, quando se pode andar nas nuvens? E a maneira como ele se veste — todo de azul e branco, o macacão de paraquedista o deixa tão ágil e *extravagante*, e aquela capa, o jeito como ela se pendura nos pulsos

e tornozelos, e então se infla no voo quando ele atíça seus ventos. Assim que entra, cumprimentando Hiram com um aperto de mão, retira o capacete de avião. É um fashionista, o Ciclone, o primeiro ás a usar um *uniforme* de verdade, e já havia começado em 1965, muito antes desses outros ases que vieram depois, vestia suas cores mesmo naqueles dois anos sombrios de Vietnã, mas só porque um homem usa uma máscara não significa que precisa querer esconder sua identidade, não é? Esses dias ficaram para trás, Ciclone é Vernon Henry Carlysle, de San Francisco, todo mundo sabe, o medo acabou, é a era do Wild Card Chic, quando *todo mundo* quer ser um ás. Ciclone veio de longe para essa festa, mas a reunião não estaria completa sem o principal ás da Costa Oeste, certo?

Mas — e esse pensamento é um tabu, com estrelas e ases brilhando por todos os lados em uma noite tão límpida — a reunião não está *exatamente* completa, não é? Earl Sanderson ainda está na França, embora tenha mandado uma mensagem breve, mas sincera, de desculpas em resposta ao convite de Hiram. Um grande homem aquele, um grande homem bastante injustiçado. E David Harstein, o perdido Embaixador, Hiram até mesmo colocou um anúncio no *Times*, DAVID, VENHA PARA CASA, POR FAVOR!, mas ele também não está aqui. E o Tartaruga, onde está o Todo-poderoso Tartaruga? Houve rumores de que nesta noite mágica e especial, neste momento tranquilo do Wild Card Chic, o Tartaruga sairia de seu casco, apertaria a mão de Hiram e anunciaria seu nome para o mundo, mas não, parece que ele não está aqui, não acha... meu Deus, não... você acha que aquelas velhas histórias são *verdadeiras*, e que o Tartaruga, no fim das contas, é um curinga?

Ciclone está dizendo a Hiram que acredita que sua filha de três anos herdou seus poderes eólicos, e o rosto de Hiram se ilumina, e ele aperta a

mão do sujeito, parabenizando o papai coruja, e propõe um brinde. Mesmo sua voz poderosa e modulada não é capaz de sobrepujar a algazarra do momento, então Hiram fecha um pouco a mão e faz aquela coisa com as ondas gravitacionais que o torna ainda mais leve que treze quilos, até ele flutuar na direção do teto. O Aces High cai em silêncio enquanto Hiram paira sobre o imenso candelabro art déco, eleva seu copo de Pimm's e propõe seu brinde. Lenny Bernstein e John Lindsay brindam à pequena Mistral Helen Carlysle, a segunda geração de futuros ases. Os O'Neal e os Ryan erguem seus copos ao Águia Negra, ao Embaixador e à memória de Blythe Stanhope van Renssaeler. Lillian Hellman, Jason Robards e Broadway Joe brindam ao Tartaruga e a Tachyon, e todos bebem ao Jetboy, pai de todos nós.

E após os brindes vêm as discussões. A Lei Wild Cards ainda está em vigor, e hoje em dia isso é uma desgraça, algo precisa ser feito. O dr. Tachyon precisa de ajuda, ajuda para sua clínica no Bairro dos Curingas, ajuda com sua ação judicial, por quanto tempo *isso* se arrasta, sua ação para recuperar a custódia de sua espaçonave injustamente apreendida pelo governo em 1946 — que absurdo, tomar sua *nave* depois de ele ter vindo de tão longe para ajudar, isso os deixa furiosos, todos eles, e *claro* que vão empenhar seus esforços, dinheiro, advogados e influência. Com uma bela mulher de cada lado, Tachyon fala de sua nave.

— Ela está viva — comenta com elas — e agora certamente está solitária.

E enquanto fala começa a chorar, e quando diz a elas que o nome da nave é *Baby*, brotam lágrimas por trás de muitas lentes de contato, ameaçando escorrer o rímel habilmente aplicado. E, claro, algo precisa ser feito sobre a Brigada Curinga, que é praticamente um genocídio, e...

Mas agora o jantar será servido. Os convidados rumam para seus assentos marcados, a distribuição de lugares que Hiram organizou é uma obra-prima, medida e temperada tão precisamente quanto sua gastronomia, em todo lugar o equilíbrio correto de riqueza e sabedoria, sagacidade e beleza, brilhantismo e celebridade, com um ás em cada mesa, claro, *claro*, senão alguém poderia ir embora sentindo-se enganado, neste ano e mês e hora do Wild Card Chic...

BEM FUNDO

Edward Bryant e Leanne C. Harper

Enquanto desviava dos táxis, cruzando a Central Park West e entrando no parque, Rosemary Muldoon sabia que teria pela frente uma tarde difícil. Manobrava distraidamente pela multidão dos passeadores de cachorros do fim de tarde reunidos na calçada e procurava Nômada.

Como estagiária do Departamento de Assistência Social de Nova York, Rosemary pegava todos os casos interessantes, aqueles com os quais ninguém mais queria lidar. Nômada, a enigmática andarilha que encontrara naquela tarde, era a pior. Tinha no mínimo sessenta anos e, pelo cheiro, parecia que havia trinta não tomava um banho. Era algo a que Rosemary nunca se acostumava. Sua família não era exatamente o melhor modelo, mas todos tomavam banho diariamente. Seu pai insistia nisso. E ninguém contrariava o pai.

Fora atraída pela escória da sociedade precisamente pelo estado de alienação deles. Poucos tinham qualquer conexão com o passado ou a família. Rosemary compreendia isso, mas dizia a si mesma que não importava a razão; o que importava era o resultado. Ela poderia ajudá-los.

Nômada estava sob um bosque de carvalhos. Quando Rosemary se aproximou, pensou vê-la gesticulando e conversando com uma árvore. Balançando a cabeça, Rosemary puxou o prontuário da mulher. Era curto. Nome real desconhecido, idade desconhecida, local de origem desconhecido, história desconhecida. De acordo com as poucas informações, a mulher vivia nas ruas. A melhor teoria do assistente social anterior era que um hospício estadual devolvera Nômada para as ruas a fim de liberar espaço. A mulher era paranoica, mas provavelmente não constituía perigo. Como Nômada se recusara a dar quaisquer informações, não houvera como ajudá-la. Rosemary deixou a papelada de lado e foi até a senhora vestida com camadas de trapos.

— Olá, Nômada. Meu nome é Rosemary e estou aqui para te ajudar.

Sua abordagem falhou. Nômada virou a cabeça e olhou fixamente para duas crianças jogando frisbee.

— Não quer um lugar legal, seguro e aquecido para dormir? Com refeições quentes e pessoas para conversar?

A única resposta que recebeu veio do maior felino que tinha visto fora de um zoológico. Ele caminhara até Nômada e agora encarava Rosemary.

— Você poderia tomar um banho. — O cabelo da mendiga estava imundo. — Mas eu preciso saber seu nome.

O imenso gato preto olhou para Nômada e, em seguida, encarou Rosemary com fúria.

— Por que não vem comigo para conversarmos? — O gato começou a rosnar. — Vamos...

Quando Rosemary esticou o braço na direção de Nômada, o gato saltou. Rosemary deu um pulo para trás, tropeçando na bolsa que deixara no chão. Caída de costas, ficou cara a cara com o felino enraivecido.

— Gatinho bonzinho, fique bem aí.

Quando começou a se levantar, juntou-se ao gato preto uma gata malhada um pouco menor.

— Tudo bem. Falo com você outra hora.

Rosemary agarrou a bolsa, o prontuário e bateu em retirada.

Seu pai nunca havia entendido sua vontade de lidar com os pobres da cidade, os “sujos”, como ele os chamava. Mais tarde teria de aguentar outra noite em companhia dos pais e do noivo. Casamento arranjado, naquela época! Queria que fosse mais fácil enfrentar o pai e dizer não. Sua família era refém da tradição. Ela simplesmente não se encaixava.

Rosemary tinha o próprio apartamento que, até recentemente, dividia com C. C. Ryder. C. C. era uma cantora hippie. Rosemary se certificou que o pai e C. C. nunca se encontrassem. As consequências seriam terríveis demais para que as considerasse. Manter essas duas vidas separadas era essencial.

Pensar nisso a deixava triste. C. C. fora embora. Desaparecera na cidade. Rosemary estava apavorada por C. C. e por si mesma, pelo que isso significava com relação à cidade.

Rosemary olhou por cima do banco do parque onde havia desabado. Era hora de levar o prontuário de volta para o escritório e partir para a aula em Columbia.

— Que noite magnífica.

Lombardo “Lumiado” Lucchese estava se sentindo ótimo, simplesmente ótimo. Após dois anos trabalhando com finanças e proteção de pessoas insignificantes, tinha finalmente conseguido entrar no círculo íntimo das Cinco Famílias. Elas reconheciam talento, e Lombardo tinha muito. Descendo a 81st Street na direção do parque com seus três amigos, ele se sentia no topo do mundo.

Tinha de prestar seus respeitos à noiva, Maria. Que mulher chata! Mas a chata era a filha única de dom Carlo Gambione, que poderia ser de muita valia nos anos vindouros. Mais tarde, celebraria com os companheiros. Agora tinha de pegar algum dinheiro para comprar flores para a Maria chata e mostrar sua devoção. Talvez cravos.

— Vou descer. Pegar algum dinheiro — disse Lumiado.

— Quer companhia? — perguntou Joey “Sem Nariz” Manzone.

— Tá brincando? Depois da próxima semana vou ter uma puta grana. Quero fazer só mais um servicinho. Pelos velhos tempos. Até mais tarde.

Chapinhando em poças iridescentes de óleo, Lumiado assoviava enquanto andava até o globo iluminado que indicava as escadas da estação de metrô da 81st Street. Nada poderia derrubá-lo naquela noite.

Que noite perfeitamente apavorante, pensou Sarah Jarvis. Aos sessenta e oito anos, a mulher nunca esperara ser convidada para uma festa da Amway. Só de pensar... Levou horas para sua amiga e ela conseguirem sair de casa. Claro, àquela altura estava chovendo e, claro, não havia um táxi livre. Sua amiga morava no prédio ao lado. Sarah precisava atravessar a cidade até Washington Heights.

Sarah odiava o metrô. O cheiro rançoso sempre a nauseava. Detestava todas as partes barulhentas da cidade, e o metrô estava entre as mais ruidosas. Naquela noite, porém, tudo estava quieto. Sozinha na plataforma, Sarah estremeceu sob a jaqueta de tweed.

Espiando sobre a beirada da plataforma e dentro do túnel, pensou ter visto a luz do trem AA sentido norte. Havia algo ali, mas parecia mover-se devagar. Sarah virou-se e olhou para os cartazes publicitários. Examinou o pôster que convocava à reeleição daquele simpático sr. Nixon. Nas máquinas de venda de jornais ao lado, as notícias traziam assaltantes

arrombando um hotel de Washington e um prédio. Watergate? *Que nome engraçado para um prédio*, ela pensou. O *Daily News* seguia com uma história sobre o que estavam chamando de Vigilante do Metrô. A polícia estava atribuindo as cinco mortes da última semana ao misterioso assassino. Todas as vítimas eram traficantes de drogas e outros bandidos. Todos os assassinatos ocorreram no metrô. Sarah sentiu um arrepio. A cidade estava bem diferente daquela de sua infância.

Primeiro ela ouviu passos barulhentos escada abaixo, passando pela cabine de tíquetes deserta. Então o assobio, um som peculiar, monótono, sem tom, enquanto a pessoa entrava na estação. Sem querer, foi surpreendida entre a apreensão e o alívio. Envergonhada pela sua reação, decidiu que um pouco de companhia humana não faria mal.

Assim que ela o viu, não ficou tão certa. Sarah nunca gostou muito de jaquetas de couro preto, especialmente quando usadas por homens jovens, levemente sebosos, com sorrisinho falso. Ela virou as costas, resoluta, e concentrou-se na parede do outro lado dos trilhos.

Quando a senhora se virou, Lumiado abriu um sorriso largo e tocou o lábio superior com a ponta da língua.

— Ei, senhora, tem fogo?

— Não.

Um canto da boca de Lumiado se curvou enquanto ele se movia na direção da mulher.

— Vamos lá, senhora, seja boazinha.

Ele não sentiu a tensão se acumulando nos ombros dela quando Sarah lembrou-se daquela aula de autodefesa da qual participara no último inverno.

— Me dá a bolsa, senhora... *aaiiie!* — gritou ele quando Sarah se virou e esmagou seu peito do pé com o salto do scarpin bege prático, mas

sofisticado.

Lumiado pulou para trás e lançou um soco no rosto dela. Sarah desviou com um passo para trás e deslizou em algo escorregadio. Lumiado sorriu e partiu para cima dela.

Um vento soprou do túnel quando o trem AA se aproximou da estação.

Nenhum dos dois percebeu que uma dúzia de pessoas tinha chegado simultaneamente à entrada do metrô. A maioria da multidão assistira a uma sessão noturna de *O poderoso chefão* e seguia em uma discussão animada sobre se Coppola exagerou ou não na importância da máfia no crime moderno.

Alguém que *não* estivera no cinema era um funcionário do metrô que tivera um dia longo e difícil. Queria apenas ir para casa e jantar, não necessariamente nessa ordem. Os jornais estavam enchendo o saco de novo; nem mesmo aquele negócio dos Direitos dos Curingas conseguia mantê-los ocupados o tempo todo. O funcionário tinha sido tirado de suas obrigações regulares de verificar as linhas para gastar dezoito horas procurando crocodilos em vão nos esgotos e túneis do metrô, dutos e bueiros. Mentalmente xingou seus empregadores por dobrarem-se à imprensa sensacionalista, e especialmente os repórteres vigilantes dos quais ele finalmente se livrara.

O funcionário ficou um pouco para trás, tentando sair da confusão, enquanto o grupo se atrapalhava com os bilhetes e passava pelas catracas. O pessoal que saiu do cinema tagarelava ao caminhar.

Com um rugido e o guincho de freio raspando metal contra metal, o AA irrompeu no túnel.

Na plataforma, todo o tipo de gente se encarava. Xingando em italiano, Lumiado largou sua vítima e buscou uma rota de fuga.

Os primeiros dois casais entraram e ficaram olhando a cena à sua frente. Um dos homens se moveu na direção de Lumiado, enquanto o outro agarrou sua companheira e tentou recuar.

As portas do trem chiaram ao se abrir. Àquela hora da noite, havia poucos passageiros no trem e ninguém saiu.

— Nunca tem um guarda do metrô quando a gente precisa — disse o suposto salvador.

Por um momento, Lumiado considerou atacar o sujeito e apagá-lo na porrada. Em vez disso, driblou o homem, então, meio mancando, meio correndo, seguiu para o último vagão. As portas se fecharam de repente e o trem começou a se mover. Poderia ter sido a luz, mas o grafite brilhante nas laterais pareceu mudar.

De dentro do vagão, Lumiado sorria e gesticulava obscenidades para Sarah, que estava se tateando à procura de machucados e tentando ajeitar as roupas sujas. Lumiado fez um segundo gesto para os salvadores acidentais da mulher quando o grupo inteiro se juntou a Sarah.

De repente, o rosto de Lumiado se contorceu de medo, e depois de absoluto pavor quando ele começou a bater nas portas. O homem que havia tentado impedi-lo olhou de relance enquanto Lumiado agarrava a porta traseira do vagão e o trem avançava veloz na escuridão.

— Credo! — disse a namorada do homem. — Era um desses curingas?

— Não — respondeu seu amigo. — Só mais um babaca.

Todos congelaram quando ouviram os gritos vindos do túnel do metrô ao norte. Sobre o estrépito cada vez menor do trem, conseguiram ouvir os berros desesperados e agoniados de Lumiado. O trem desapareceu. Mas os gritos duraram no mínimo até a 83rd Street.

O funcionário da via foi até o túnel central enquanto o herói do momento era parabenizado pela quase ilesa Sarah, bem como pelo

restante dos espectadores. Outro funcionário desceu as escadas na outra ponta da plataforma.

— Ei — ele gritou. — Jack Esgoto! Jack Robicheaux. Você nunca dorme?

O homem exausto o ignorou e passou pela porta metálica de acesso. Enquanto caminhava túnel adentro, começou a arrancar as roupas. Alguém observando poderia ter pensado que viu um homem agachando-se e rastejando no chão úmido do túnel, um homem cujo nariz virou um longo focinho cheio de dentes afiados e disformes, e um rabo musculoso capaz de transformar o espectador em geleia. Mas ninguém estava por perto para ver o lampejo de escamas verde-cinzentas quando o até então funcionário do metrô mesclou-se à escuridão e desapareceu.

De volta à plataforma da 81st Street, os espectadores ficaram tão paralisados pelos ecos dos gritos agonizantes de Lumiado que poucos notaram o estrondoso rugido grave vindo da outra direção.

Fim da última aula, Rosemary caminhou, exausta, na direção do metrô da 116th Street. Mais uma tarefa concluída. Agora estava a caminho do apartamento do pai para ver o noivo. Nunca ficava entusiasmada para isso, mas naqueles dias tinha pouco entusiasmo para qualquer coisa. Rosemary levava os dias, desejando que algo na sua vida se resolvesse.

Ela passou a pilha de livros para o braço direito enquanto, com a outra mão, buscava o bilhete do metrô na bolsa. Após passar pela catraca, ela parou, ficando de lado para sair do caminho dos outros estudantes. Julgando pelas placas carregadas por diversas pessoas, a última manifestação antiguerra acabara havia pouco. Rosemary observou jovens aparentemente normais carregando faixas com o slogan informal da Brigada Curinga: ÚLTIMOS A IR — PRIMEIROS A MORRER.

C. C. sempre estava nessas manifestações. Até mesmo cantava em algumas das reuniões menos violentas. Um dia ela chegou a trazer um companheiro ativista para casa, um cara chamado Fortunato. Embora fosse legal que o homem estivesse envolvido com o movimento dos Direitos dos Curingas, Rosemary não gostava de cafetões em seu apartamento, fosse de gueixas ou não. Isso causou uma das poucas brigas que teve com C. C. No fim das contas, C. C. concordou em consultar Rosemary antes sobre futuros convidados para o jantar.

C. C. Ryder tentava constantemente convencer Rosemary a se tornar uma ativista, mas Rosemary acreditava que ajudar algumas pessoas diretamente podia ser tão bom quanto andar por aí gritando acusações contra a “classe dominante”. Provavelmente muito melhor. Rosemary sabia que vinha de uma família conservadora. Sua colega de quarto raramente a deixava esquecer isso.

Suspirou profundamente e lançou-se na enxurrada de pessoas. Era evidente que todas as últimas aulas tinham acabado ao mesmo tempo.

Quando entrou na plataforma, deu uma volta até o fundo da multidão para poder terminar no lado mais distante da área de espera. Não estava com vontade de ficar perto de pessoas naquele instante. Momentos depois, sentiu o bafo do túnel úmido e tremeu por dentro do seu suéter molhado.

Ensurdecedor, depressivo, o trem chegou. Todos os vagões estavam deteriorados, mas o último tinha uma decoração ainda mais peculiar. Rosemary lembrou-se da mulher tatuada que encontrara em um show dos Ringling Brothers no antigo Garden. Muitas vezes refletira sobre a psicologia da garotada que pichava as laterais dos trens. Às vezes, não gostava do que suas palavras revelavam. Nova York nem sempre era um bom lugar para se viver.

Não vou pensar naquilo. Ela pensou naquilo. A imagem de C. C. deitada, em coma, na ala de UTI do hospital St. Jude cintilou em sua mente. Viu o brilho dos aparelhos de suporte de vida. Como C. C. não tinha família para ser avisada, Rosemary estava lá quando as enfermeiras trocaram os curativos. Lembrou-se dos machucados, dos horrorosos hematomas pretos e roxos que cobriam grande parte do corpo de C. C. Os médicos não sabiam quantas vezes a jovem fora estuprada. Rosemary queria compreender, mas não conseguia. Não sabia nem como começar. Tudo que podia fazer era esperar e torcer. E então C. C. desapareceu do hospital.

O último vagão parecia estar vazio. Enquanto avançava para ele, Rosemary olhou para o grafite. Parou petrificada, seus olhos percorrendo as palavras escritas na lateral escura:

Rosa, Mary, Rosemary?

Tempo...

Tempo é para os outros, não para mim.

— C. C.! Como?

Ignorando as outras pessoas que também tinham reparado no vagão desocupado, ela abriu caminho até as portas. Estavam fechadas. Rosemary deixou os livros caírem e tentou abri-las à força. Sentiu uma unha quebrar. Sem conseguir abrir, ficou batendo nas portas até o trem começar a sair devagar da estação.

— Não!

Os olhos de Rosemary se encheram de lágrimas enquanto olhava uma última vez seu nome e o resto da letra de música de C. C.:

Não muda como tudo vai acabar,

Mas você pode se vingar.

Rosemary não disse mais nada, apenas acompanhou o trem. Baixou os olhos para os punhos cerrados. A porta aparentemente de aço estivera macia e morna ao toque. Será que alguém havia lhe dado ácido? Foi coincidência? Será que C. C. estava vivendo nos subterrâneos? C. C. estaria viva, afinal?

Foi uma longa espera até o próximo trem chegar.

Ele caçava na quase escuridão.

A fome o dominava; a fome que parecia nunca ter fim. Então ele caçava.

De forma indistinta, muito vaga, ele se lembrava de uma época e de um lugar nos quais tinha sido diferente. Era outro — o que era? —, outra coisa.

Ele olhava, mas pouco via. Naquela penumbra e, especialmente, na água imunda repleta de detritos, seus olhos eram de pouca serventia. Mais importantes eram os gostos e cheiros, as pequenas partículas que lhe diziam o que estava à distância — refeições para buscar com paciência —, e as satisfações imediatas que pairavam, insuspeitas, um pouco além do seu focinho.

Ele conseguia ouvir as vibrações: os movimentos poderosos, lentos, de um lado para o outro enquanto sua cauda musculosa rasgava a água; as ondas fortes, mas distantes, reverberando lá embaixo, vindas da cidade lá em cima; a miríade de pequenas agitações do alimento movendo-se furtivamente na escuridão.

A água suja batia contra seu focinho largo e chato, a corrente fluindo para dentro das narinas levantadas. Às vezes a membrana transparente

deslizava para baixo, cruzando seus olhos salientes, e depois deslizava novamente para cima.

Mesmo sendo tão largo — mal cabia em alguns dos túneis que havia atravessado durante os momentos de alimentação —, fazia muito pouco barulho. Naquela noite, a maior parte dos sons que o acompanhavam veio da presa, que berrava enquanto era devorada.

Suas narinas davam-lhe a primeira pista do banquete vindouro, seguida logo pelas mensagens de seus ouvidos. Embora odiasse deixar aquele santuário que cobria quase todo o seu corpo, sabia que precisava ir aonde estava a comida. A boca de outro túnel crescia para um lado. Havia pouco espaço na passagem, mesmo com um corpo flexível como o dele, para virar e adentrar a nova corredeira. A água ficou mais rasa e terminou por completo a distância de dois corpos da entrada.

Não importava. Suas pernas funcionavam bem o bastante e ele conseguia mover-se quase tão silenciosamente como antes. Ainda podia sentir o cheiro da presa aguardando por ele em algum lugar adiante. Mais perto. Perto. Muito perto. Conseguia ouvir os sons: guinchos, gritos, o chispar dos pés, o rascar dos corpos peludos contra a pedra.

Eles não o esperavam; eram poucos os predadores naqueles túneis tão fundos. Estava sobre eles em um instante, o primeiro esmigalhado entre suas mandíbulas, seu grito final alertando os outros. As presas fugiram em pânico. Exceto para aqueles sem escapatória, não houve tentativa de contra-ataque. Eles correram.

Os que sobreviveram por mais tempo fugiram do monstro entre eles — e encontraram a parede no fim do túnel. Outros tentaram dar a volta nele, um ousou até mesmo pular sobre suas costas escamosas, mas a cauda chicoteante esmagou-os contra as paredes inflexíveis. Outros ainda

correram direto para sua boca, encolhendo-se de medo apenas na fração de segundo antes de os imensos dentes se juntarem.

Os guinchos sofridos chegaram ao auge e diminuíram. O sangue escorria deliciosamente. A carne, os pelos e os ossos se alojavam de forma satisfatória no seu estômago. Dentre as presas, algumas ainda estavam vivas. Rastejavam para fora da carnificina o melhor que podiam. O caçador começou a segui-las, mas a refeição pesava. Por ora, estava muito saciado para seguir ou se importar. Ele foi até a beira d'água, e então parou. Agora precisava dormir.

Primeiro ele quebraria o silêncio. Era permitido. Aquele era seu território. Era *tudo* seu território. As grandes mandíbulas se abriram e ele emitiu um rugido penetrante, estrondoso, que ecoou por muitos segundos pelo labirinto aparentemente infinito de túneis e dutos, passagens e corredores de pedra.

Quando o eco finalmente morreu, o predador dormiu. Mas ele foi o único.

Rosemary cumprimentou Alfredo, que estava no serviço de segurança daquela noite. Ele sorriu quando ela entrou e balançou a cabeça quando viu a pilha de livros que carregava.

— Deixe que eu te ajudo com isso, srta. Maria.

— Não, obrigada, Alfredo. Posso carregar sozinha.

— Eu me lembro de carregar seus livros quando era apenas uma *bambina*, srta. Maria. A senhorita dizia que queria se casar comigo quando crescesse. Não mais, né?

— Desculpe, Alfredo, eu sou volúvel.

Rosemary sorriu e piscou para ele. Não era fácil fazer piada ou mesmo ser simpática. Queria que aquela noite, aquele dia, acabasse.

Estava sozinha no elevador e aproveitou para recostar a cabeça contra a parede por um momento. Lembrava-se de Alfredo carregando seus livros para a escola. Tinha sido durante uma das guerras da sua infância. Que família.

Quando as portas do elevador se abriram, os dois homens na frente da entrada da cobertura se apumaram. Relaxaram quando ela se aproximou, mas pareciam estranhamente sérios.

— Max. O que aconteceu? — Rosemary olhou para o maior dos dois homens identicamente vestidos de preto.

Max balançou a cabeça e abriu a porta para ela.

Rosemary caminhou entre as paredes de opressivos painéis de carvalho escuro, até a biblioteca. As pinturas a óleo antiquíssimas não ajudavam a aliviar a escuridão.

À entrada da biblioteca, fez menção de bater, mas as portas pesadas e esculpidas abriram-se antes que ela o fizesse. Seu pai surgiu na entrada, com a silhueta iluminada pelo abajur sobre a mesa.

Ele tomou as mãos dela e as segurou com firmeza.

— Maria, é Lombardo. Ele não está mais entre nós.

— O que aconteceu? — Ela encarou o rosto do pai. Tinha olheiras escuras. Sua papada estava ainda mais pronunciada.

O pai gesticulou.

— Esses jovens trouxeram a notícia.

Frankie, Joey e o Pequeno Renaldo estavam em pé, lado a lado. Joey baixou a cabeça, com o chapéu nas mãos.

— Contamos para dom Carlo, Maria. Lumia... eh, Lombardo estava vindo direto para cá, mas parou por um minuto no metrô.

— Queria comprar um chiclete, eu acho. — Frankie ofereceu a informação como se ela tivesse alguma importância.

— Sim, que seja. Ele não voltou. Ficamos esperando — disse Joey —, então decidimos averiguar o que estava acontecendo quando ouvimos sobre um... problema na estação. Quando chegamos lá, descobrimos o que tinha acontecido.

— É, eles o encontraram em uma dúzia...

— Frankie!

— Sim, dom Carlo.

— É tudo por hoje, rapazes. Vejo vocês pela manhã.

Os três jovens balançaram a cabeça, fizeram uma espécie de continência na direção de Rosemary e saíram.

— Sinto muito, Maria — falou o pai.

— Não entendo. Quem pode ter feito isso?

— Maria, você sabe que Lombardo trabalhava com os negócios da nossa família. Outros sabiam disso. E sabiam que ele estava prestes a se tornar meu filho. Acharmos que pode ter sido alguém tentando me atingir.

— A voz de dom Carlo soou triste. — Houve outros incidentes, não faz muito tempo. Existem pessoas que querem tirar o que trabalhamos uma vida inteira para conseguir. — E a voz dele endureceu novamente. — Não vamos deixar por menos. Eu prometo, Maria!

— Maria, fiz uma ótima lasanha. Sua favorita. Por favor, tente comer — falou a mãe de Rosemary, das sombras. Então surgiu para levá-la para a cozinha, acompanhando-a com um braço sobre seus ombros.

— Mamãe, não precisava ter me esperado para jantar.

— Não esperei. Sabia que você chegaria tarde, então guardei um pouco para você.

— Mãe, eu não amava Lombardo.

— Shh. Eu sei. — Ela tocou os lábios da filha. — Mas você passaria a gostar dele. Eu via como vocês se davam bem.

— Mãe, eu não... — Rosemary foi interrompida pela voz do pai que as seguia da biblioteca.

— Só podem ser os *melanzanes*, os negros! Quem mais nos atacaria? Devem estar vindo do Harlem pelos túneis. Estão atrás dos nossos territórios há anos. Ainda mais uma *susina* como o Bairro dos Curingas. Não, curingas nunca ousariam fazer isso por conta própria, mas os negros podem estar usando curingas para despistar.

Rosemary ouviu um silêncio, seguido por pequenos chiados vindos do telefone. Sua mãe a puxou pelo braço. Dom Carlo respondeu:

— Precisam ser impedidos agora, ou vão ameaçar todas as Famílias. São selvagens.

Outra pausa.

— Não estou exagerando.

— Maria... — disse a mãe.

— Amanhã de manhã, então — falou dom Carlo. — Cedo. Muito bem.

— Viu, Maria? Seu pai vai cuidar disso.

A mãe levou Rosemary para a cozinha dourada com todos os utensílios lustrosos, as paredes forradas com uma coleção de quadros de bordões da terra natal. Ela pensou em contar para a mãe sobre C. C. e o metrô, mas parecia impossível naquele momento. Tinha que ter sido a sua imaginação. Só queria ir dormir. Não queria comer. Não conseguia aguentar mais nada naquela noite.

A mulher de rua se revirou durante o sono e um dos dois grandes gatos ao lado se desvencilhou dela. Ele levantou a cabeça e fungou para a companheira. Deixando a mulher com um gambá enrolado contra a barriga, os dois gatos andaram furtivamente para dentro da escuridão do

túnel do metrô. O atalho esquecido da 86th Street os levava na direção da comida.

Os gatos estavam famintos, mas agora caçavam o café da manhã da mulher. Usando um túnel de drenagem, saíram no parque e seguiram debaixo das árvores para a rua. Quando um caminhão de entrega do *New York Times* parou em um semáforo, o gato preto olhou para a malhada e apontou seu focinho para o caminhão. Quando o veículo deu partida, pularam a bordo. Acomodado na traseira do caminhão, o gato preto criou a imagem de pilhas de peixes e compartilhou com a malhada. Assistindo aos quarteirões da cidade passarem, esperaram pelo cheiro revelador de pescados. Por fim, quando o caminhão desacelerou, a malhada sentiu o cheiro e, impaciente, saltou do veículo. Miando com raiva, o preto a seguiu pelo beco. Os dois pararam quando o odor de humanos desconhecidos sobrepujou a comida. Bem no fim do beco estava uma multidão de curingas, paródias toscas dos seres humanos comuns. Vestidos em farrapos, reviravam o lixo em busca de comida.

Um feixe de luz derramou-se no beco quando uma porta se abriu. Os gatos sentiram o aroma de comida fresca quando um homem bem-vestido, mais largo que qualquer um dos catadores, carregou caixas para o beco.

— Por favor — falou o homem gordo para os curingas paralisados, em uma voz suave e angustiada. — Tem comida aqui para vocês.

A cena estática se desfez quando os curingas correram juntos na direção das caixas de papelão e começaram a rasgá-las. Eles se acotovelavam e lutavam por uma posição para chegar até a deliciosa comida.

— Parem! — gritou um curinga alto no meio do caos. — Não somos seres humanos?

Os curingas pararam e se afastaram das caixas, permitindo que o homem gordo repartisse a comida entre eles. O curinga alto foi o último a ser servido. Quando o anfitrião lhe entregou a comida, ele falou de novo.

— Senhor, nosso muito obrigado ao Aces High.

Na escuridão do beco, os gatos observavam a refeição dos curingas. Virando para a malhada, o preto formou a imagem de uma espinha de peixe, e eles voltaram para a rua. Na Sixth Avenue, o preto mandou uma imagem de Nômada para a malhada. Andaram para o norte até um lento caminhão de verduras proporcionar carona adequada. Muitos quarteirões depois, o caminhão aproximou-se de um mercado chinês, e o preto reconheceu o aroma familiar. Quando o caminhão começou a frear, os gatos saltaram. Ficaram na escuridão além do alcance das luzes dos postes até chegarem à feira.

Ainda faltava muito para o raiar do sol, e os funcionários estavam descarregando os produtos agrícolas frescos do dia. O gato preto sentiu o cheiro de frango recém-abatido; sua língua esticou-se para lambe o lábio superior. Então deu um ronronar curto para a companheira. A malhada pulou em uma banca de tomates e começou a rasgá-los em pedacinhos com as unhas.

O proprietário gritou em chinês e atirou a prancheta na gata ladra. Errou. Os homens que descarregavam o caminhão pararam e encararam a felina aparentemente insana.

— Pior que no Bairro dos Curingas — murmurou um deles.

— Que gatona desgraçada — disse o outro.

Assim que as atenções estavam voltadas à gata malhada destruindo os tomates, o gato preto que aguardava pulou na traseira do caminhão e agarrou um frango com a boca. O preto era um gato muito grande, com no mínimo dezoito quilos, e carregou o frango com facilidade. Pulando da

guarda traseira, correu para a escuridão do beco. Ao mesmo tempo, a malhada esquivou-se de uma vassourada e seguiu o companheiro.

O gato preto esperava pela malhada a meio caminho do próximo quarteirão. Quando ela o alcançou, os dois miaram em uníssono. Tinha sido uma ótima caçada. Com a malhada de vez em quando ajudando o preto a carregar o frango pelas calçadas, galoparam de volta para o parque e para a mendiga.

Nômada puxou em torno de si o sobretudo verde e chique que havia encontrado na caçamba de um prédio. Sentou-se com cuidado para não desalojar o gambá. Com o bicho aninhado em seu colo e um esquilo em cada ombro, ela cumprimentou os orgulhosos gatos preto e malhado com seu prêmio. Movendo-se com uma facilidade que teria surpreendido os poucos sem-teto que a conheciam, a mulher esticou-se e afagou a cabeça dos dois gatos bravios. Ao fazer isso, formou em sua mente a imagem de um frango especialmente mirrado, já meio comido, sendo trazido de uma lata de lixo de restaurante pelos dois.

O gato preto esticou seu focinho no ar e rosnou macio, enquanto apagava a imagem na cabeça dele e de Nômada. A malhada mesclou um miado com um grunhido de raiva fingida e esticou a cabeça na direção da mulher. Capturando os olhos de Nômada, a malhada reproduziu a caçada do seu ponto de vista: a malhada no mínimo do tamanho de um leão, cercada por pernas humanas mais parecidas com troncos de árvore móveis. A corajosa gata encontrando a presa, um frango do tamanho de uma casa. A feroz malhada pulando na garganta dos homens, presas à mostra...

A cena se dissipou quando Nômada de repente se concentrou em outro lugar. A malhada começou a protestar, até uma pata preta e pesada derrubá-la de costas e prendê-la ao chão. A malhada interrompeu o

protesto, cabeça virada para o lado para observar o rosto da mulher. O preto estava rígido de expectativa.

Uma imagem se formou nas três mentes: ratos mortos. A imagem foi apagada pela raiva de Nômada. Ela se levantou, expulsando os esquilos e deixando o gambá de lado. Sem hesitar, virou-se e rumou para um dos túneis tangenciais, que levavam ao subterrâneo. O gato preto deu um pulo silencioso à frente dela para servir de batedor. A malhada acompanhou a mulher.

Alguma coisa está comendo meus ratos.

Os túneis eram escuros; às vezes uma pequena bioluminescência era a única luz. Nômada não conseguia enxergar tão bem como os gatos, mas podia usar os olhos deles.

O preto sentiu um odor estranho quando estavam bem embaixo do parque. A única conexão que podia fazer era com uma criatura mutante que era meio cobra, meio lagarto.

Alguns metros à frente, depararam-se com um ninho de ratos destruído. Nenhum dos roedores sobreviveu. Estavam comidos pela metade. Todos os corpos mutilados.

Nômada e seus companheiros cambalearam pelo túnel úmido. A mulher escorregou em um degrau e viu-se afundada até a cintura na água imunda. Pedacos de coisas não identificáveis batiam contra suas pernas na corrente fraca. Isso não ajudou em nada a melhorar seu humor.

O gato preto eriçou-se e projetou a mesma imagem que formara poucos minutos antes, mas agora a criatura era ainda maior. O gato sugeriu que os três saíssem da galeria imediatamente. Quietos. Rapidamente.

Nômada ignorou a sugestão enquanto tateava lentamente a parede lodosa até outro ninho devastado. Alguns ratos ainda estavam vivos. A

imagem que tinham de seu algoz era a figura sombria de uma gigantesca e horrorosa serpente. Ela bloqueou o cérebro dos agonizantes e seguiu em frente.

Cinco metros depois a passagem dava lugar a uma alcova que oferecia drenagem para uma área do parque acima deles. A entrada ficava um metro acima do chão do túnel. O gato preto estava agachado lá, músculos tensos, orelhas para trás, miando baixo. Estava assustado. A malhada, desdenhosa, foi até a entrada, mas o preto a jogou de lado. O gato maior olhava para trás, na direção de Nômada, e enviou todas as imagens que foi capaz.

Levada pela fúria, Nômada indicou que iria primeiro. Tomou fôlego, arfou, e engatinhou para dentro da alcova.

Era iluminada por uma grade no teto, uns seis metros acima. A luz cinzenta caía sobre o corpo nu de um homem. Para Nômada, parecia ter trinta e poucos anos, musculoso, mas nem tanto. Sem gordura. Nômada percebeu vagamente que sua aparência não era tão acabada como a da maioria dos indigentes que tinha visto. Por um momento, pensou que ele estivesse morto, outra vítima do misterioso assassino. Mas, quando sua mente se concentrou no homem, percebeu que ele estava apenas adormecido.

Os gatos a seguiram para dentro da câmara. O preto grunhia, confuso. Seus sentidos lhe disseram que o rastro da cobra-lagarto terminava ali — cessava onde o homem dormia. Nômada sentiu que havia algo estranho no homem. Em geral, não tentava ler mentes humanas; era complicado demais. Suas mentes eram complexas. Elas tramavam, conspiravam. Devagar, ajoelhou-se ao lado dele e estendeu a mão.

O homem acordou, percebeu a presença daquela mendiga suja prestes a tocá-lo e se encolheu.

— O que você quer?

Ela o encarou.

Ele percebeu que estava nu e lançou-se para a entrada da passagem cavernosa... Ouviu um rosnado profundo, encolheu-se, mal escapou de uma investida das garras do maior gato que já vira. Por um momento, sentiu-se deslizando para a escuridão de sua mente. Então alcançou o túnel principal e desapareceu.

Os gatos choramingavam perguntas, mas Nômada não tinha respostas. *Quase, ela pensou. Dentro da mente dele. Eu quase senti... o quê? Sumiu.*

Nômada, a malhada e o preto procuraram por mais uma hora, mas não encontraram outro rastro do odor estranho. Não havia monstro no túnel.

Os transeuntes, indigentes e outras pessoas de rua começavam o dia cedo, quando as melhores latas de lixo e garrafas estavam disponíveis. Rosemary esgueirou-se para fora da cobertura bem cedo também. Mal havia dormido e naquela manhã, sabendo do que provavelmente acontecia por trás das portas fechadas da biblioteca, quis sair de lá rápido. Os chefões da máfia estavam declarando guerra.

Com suas árvores, seus arbustos e bancos, o Central Park era o paraíso para os moradores de rua. Naquela manhã ensolarada, Rosemary procurava alguns que tinha prometido ajudar. Quando chegou ao segundo banco do parque depois da ponte de pedra, um homem com roupas esfarrapadas escondeu uma garrafa em um arbusto ao lado do banco e se levantou em um pulo. Trajava uma jaqueta militar surrada com uma parte menos desbotada em um ombro, onde a insígnia da “bucha de canhão” da Brigada Curinga um dia estivera costurada. Rosemary já dissera que não era aconselhável usar a insígnia naquela parte da cidade.

— Olá, Rastejante — disse a assistente social.

Com cerca de trinta anos (seu rosto de veterano queimado de sol tornava impossível precisar com certeza sua idade), ele ganhara o apelido por seu posto militar no Vietnã: rastejador de túneis. Realistou-se duas vezes. Então Rastejante decidiu que já vira o bastante.

— Oi, Rosemary. Conseguiu meus novos óculos?

Rastejante usava um par temporário, barato. Óculos de sol da 14th Street, os aros colados com fita adesiva branca encardida. Por baixo deles, Rosemary sabia que seus olhos eram escuros e imensos, extraordinariamente sensíveis.

— Solicitei o financiamento. Vai demorar um pouco para conseguirmos. Sabe como é, burocracia... igual no serviço.

— Droga. — Mas o indigente ainda sorria enquanto andava ao lado dela.

Rosemary hesitou, então disse.

— Você ainda pode tentar com a Associação dos Veteranos, você sabe. Eles arrumam para você.

— Nem fodendo — retrucou Rastejante, soando alarmado. — Caras como eu vão para a A.V. e nunca voltam.

Rosemary ia falar “Que bobagem”, mas pensou melhor.

— Rastejante, você conhece alguma coisa do subterrâneo? Sabe, túneis de metrô e essas coisas?

— Um pouco. Quer dizer, preciso de abrigo. Só não gosto de *ficar* lá embaixo. E também, tem coisas bizarras acontecendo lá. Ouvi gente falando de crocodilos, coisas assim. Talvez sejam os bebuns alucinando, mas prefiro não descobrir.

— Estou procurando uma pessoa — comentou Rosemary.

Rastejante não estava escutando.

— Só gente muito louca vive lá embaixo. — Ele murmurou algo. — ... mais estranho ainda do que lá no East Side... você sabe, o Bairro. *Ela* mora lá embaixo. — Rastejante apontou para a anciã sentada no chão, embaixo de uma árvore.

Ela estava a cem metros de distância, mas Rosemary podia jurar que tinham pombos pousando na cabeça da mulher e um esquilo empoleirado no ombro. Ela ergueu a cabeça e voltou o olhar para o pequeno homem.

— É só a Nômada — disse ela. — Não se preocupe com ela...

Rosemary percebeu que Rastejante não estava mais ao seu lado. Estava pedindo esmola para um executivo bem-vestido que se exercitava caminhando até o trabalho. Ela balançou a cabeça em um misto de desaprovação e resignação.

Quando Rosemary se virou de volta para Nômada, os pombos e o esquilo haviam sumido. Rosemary sacudiu a cabeça para clareá-la. *Minha imaginação trabalha dia e noite mesmo*, ela pensou, caminhando na direção da mulher. *Apenas mais uma alma perdida*.

— Olá, Nômada.

A velha com cabelos desgrenhados virou o rosto e olhou para o parque.

— Meu nome é Rosemary. Falei com você antes. Tentei encontrar um lugar legal para você morar. Lembra? — Rosemary agachou-se para ficar na mesma altura de Nômada.

O gato preto que vira antes aproximou-se de Nômada e começou a esfregar-se nela. A idosa acariciou a cabeça do bichano e murmurou sons incompreensíveis.

— Fale comigo, por favor. Quero conseguir comida para você. Um lugar bom para você morar. — Rosemary estendeu a mão. O anel no terceiro dedo reluziu ao sol.

A mulher no chão encolheu as pernas e agarrou o saco de lixo cheio com seus tesouros. Ela começou a se balançar para a frente e para trás e cantarolar. O gato preto virou-se para fitar Rosemary, e ela recuou com aquele olhar ameaçador.

— Falo com você mais tarde. Volto para vê-la.

Rosemary levantou-se, tensa. Seu rosto retesou-se e, apenas por um momento, sentiu vontade de chorar para aliviar a frustração. Queria apenas ajudar. Alguém. Qualquer um. Para sentir-se bem com alguma coisa.

Afastou-se de Nômada e foi na direção da Central Park West e da entrada do metrô. O conselho de guerra do pai a assustara. Nunca gostou do que ele fazia, e por toda a vida parecia estar em busca de fuga e redenção, expiação. Os pecados dos pais. Rosemary queria paz, mas sempre que pensava ter conseguido, ela lhe escapava. C. C. tinha sido a última esperança. Assim como era cada pessoa de rua que não conseguia ajudar. Tinha de haver uma maneira de fazer contato com Nômada. Precisava haver.

Rosemary desceu os degraus, esperou, passou seu bilhete na catraca e desceu atordoada a segunda escadaria até a plataforma. O sopro de ar frio entrou na estação seguida pelo trem AA. Rosemary mal tirou os olhos do chão e seguiu, tensa, no sentido do vagão mais próximo.

Quando estava prestes a entrar, seus olhos se arregalaram e ela recuou, atraindo olhares furiosos e alguns xingamentos por interromper o fluxo da multidão. Aquele último vagão. Havia mais canções de C. C. pintadas na lateral em um tom de vermelho que lembrava sangue. C. C. sempre tivera um lado maníaco-depressivo, e Rosemary entendia como estava seu humor pelo que ela escrevia ou cantava. A C. C. que tinha escrito aquelas palavras estava deprimida além do que Rosemary já presenciara:

Sangue e ossos
Leve-me para casa
As pessoas ao meu lado
Aquelas pessoas irão
Comigo para o inferno
Comigo para o inferno

Aproximando-se do vagão, Rosemary viu palavras que ela *sabia* que não estavam lá segundos atrás.

Rosie, Rosie, bela Rosie
Vá embora e
Esqueça meu rosto
Não chore
Rosie, Rosie, bela Rosie

— Vou encontrar você, C. C. Vou salvar você.

Rosemary tentou novamente entrar no vagão que percebia agora estar coberto com trechos de canções de C. C.; algumas ela reconhecia, outras deviam ser novas. Mais uma vez, o vagão a deixou de fora. Ofegante, olhos bem abertos, Rosemary observou o vagão mover-se para dentro do túnel. Ela arquejou quando a lateral do carro foi de repente coberta por lágrimas de sangue.

— Santa Maria, mãe de Deus...

Rosemary lembrou-se, por mais ilógico que fosse, das histórias dos santos de sua infância. Por um momento, perguntou-se se o mundo estava acabando, se as guerras e as mortes, os curingas e o ódio realmente prenunciavam o Apocalipse.

Era meio-dia.

Os B-52 americanos estavam bombardeando Hanói e Haiphong. Quang Tri estava instável, pois os vietnamitas do Norte estavam em marcha. Em Washington, DC, os políticos trocavam telefonemas cada vez mais frenéticos sobre um roubo recente. A questão em algumas regiões era: o assessor político Donald Segretti é um ás?

A hora do rush no centro de Manhattan era feroz. Na Grand Central Station, Rosemary Muldoon buscava sombras esfarrapadas que pudesse seguir até a escuridão dos subterrâneos. Uma dúzia de quarteirões ao norte, Jack Robicheaux cumpria suas tarefas habituais, percorrendo a escuridão permanente em seu pequeno carrinho elétrico, verificando a integridade dos trilhos túnel após túnel. E, em algum lugar sob o desvio da 86th Street, bem embaixo do terreno da parte sul do lago do Central Park, Nômada pairava à beira do sono, aquecida pelos gatos e outros bichos de sua vida.

Meio-dia. A guerra embaixo de Manhattan estava começando.

— Vou citar a vocês um trecho do discurso feito certa vez pelo próprio dom Carlo Gambione — comentou Frederico “Açougueiro” Macellaio.

Ele observou com cara fechada os grupos de *capos* e seus soldados reunidos em torno dele na câmara. Nos anos 1930, o imenso galpão tinha sido uma oficina subterrânea de reparos para o metrô central. Antes da Grande Guerra, foi fechado e selado, quando o Departamento de Transportes decidiu reunir todos os pátios de manutenção além do rio. Logo a família Gambione tomou o espaço para armazenagem de armas e outros contrabandos, transferência de carga e sepulturas ocasionais.

O Açougueiro ergueu a voz e as palavras ecoaram.

— Duas coisas serão nosso diferencial na batalha: disciplina e lealdade.

O Pequeno Renaldo estava em pé de um lado, com Frankie e Joey.

— Isso e as armas automáticas e artilharia pesada — falou ele, com um sorriso malicioso.

Joey e Frankie trocaram olhares. Frankie deu de ombros. Joey disse:

— Deus, armas e glória.

O Pequeno Renaldo comentou:

— Estou entediado. Quero atirar em alguma coisa.

Joey falou um pouco mais alto, de forma que o Açougueiro conseguiu ouvir:

— Ei, vamos explodir uns bêbados também? Quem tá liberado? Só os negros? Curingas também?

— Não sabemos quem são os aliados deles — respondeu o Açougueiro.

— Sabemos que não agiram sozinhos. Há traidores dentro da nossa própria raça, se vendendo por dinheiro.

O sorriso maníaco do Pequeno Renaldo se abriu.

— Zona de tiro livre — disse ele. — É isso aí! — E baixou o chapéu militar, ajustando-o.

— Cacete — retrucou Joey —, você nem *tava* lá.

Pequeno Renaldo fez sinal de positivo com o polegar.

— Vi aquele filme do John Wayne.

— Essa é a ordem do Homem, é? — disse Joey.

O sorriso do Açougueiro era fino e frio.

— Acabem com qualquer um que dê problema.

Os grupos começaram a sair, sentinelas, esquadrões e pelotões. Os homens tinham M-16, escopetas, algumas metralhadoras M-60, granadas e lançadores, projéteis, gás lacrimogêneo, armas brancas, facas, e blocos suficientes de explosivos C4 para fazer qualquer tipo de demolição pesada.

— Ei, Joey — chamou o Pequeno Renaldo. — No que você vai atirar?

Joey deu um tapa no pente de uma AK-47. Aquela arma não era do arsenal de Gambione. Era seu próprio souvenir. Ele tocou a coronha de madeira polida.

— Talvez em um crocodilo.

— Hein?

— Não leu nada nos jornais sobre os crocodilos gigantes aqui embaixo? O Pequeno Renaldo olhou para ele, desconfiado, e estremeceu.

— Os curingas selvagens são uma coisa. Não quero dar de cara com lagartões cheios de dentes.

Foi a vez de Joey sorrir.

— É mentira, né? — disse o Pequeno Renaldo. — Você só tá me sacaneando, certo?

Joey levantou o polegar para ele, animado.

Jack perdera toda a noção de tempo. Sabia que havia horas desde que desviara o veículo de manutenção de trilhos da linha principal para um ramal. Algo estava errado. Decidiu verificar algumas das rotas mais obscuras. Era como se um pedaço de gelo estivesse pressionado contra um ponto bem acima do seu cóccix.

Ele ouvia os trens, mas passavam ao longe. Os túneis que percorria naquele momento eram pouco usados, exceto por rotas desviadas durante grandes congestionamentos, incêndios na via ou outros problemas na linha principal. Também ouviu estampidos distantes que soavam como tiros.

Jack cantava. Preenchia a escuridão com zydeco, estilo musical inspirado no blues dos cajuns-negros que lhe lembrava de sua infância. Começou com “Chantilly Lace”, de Big Booper, e “Ay-Tete-Fee”, de Clifton

Chenier, seguido de um medley de Jimmy Newman e de “Rainin’ in My Heart”, de Slim Harpo. Tinha acabado de puxar a alavanca e deslizava o carro por um ramal que ele sabia não ter verificado no último ano, quando o mundo explodiu em um clarão de chamas vermelhas e amarelas. Teve tempo de cantar apenas uma linha de “Les Haricots sont pas sales” quando a escuridão se fragmentou, as ondas de pressão arrebentaram-se contra seus ouvidos, e o carro e ele voaram em direções diferentes, girando, dando voltas pelo ar.

Tudo que realmente teve tempo de dizer foi: “Que merda é essa...”, enquanto batia contra as pedras da parede ao fundo do túnel e despencava no chão. Por um momento, ficou atordoado pelo choque e pela luz. Piscou e percebeu que conseguia ver a fumaça serpeando, e as luzes pequeninas que iluminavam a fumaça.

Ouviu uma voz dizer:

— Meu Deus, Renaldo! Não estamos atacando um tanque.

Outra voz comentou:

— Quase queria não ter que fazer isso. Uma pena matar alguém que soa tanto como Chuck Berry.

— Bem — soou uma terceira voz —, só podia ser mesmo um preto.

— Vá ver, Renaldo. O cara deve estar parecendo uma lata de presunto aberta, mas é melhor ter certeza.

— Certo, Joey.

As luzes chegaram mais perto, flutuando na fumaça que se dissipava.

Eles vão me matá, pensou Jack, voltando ao dialeto da infância. Não sentiu nada ao perceber isso. Então, a raiva eclodiu. Ele deixou o sentimento lhe tomar. A raiva foi ao ponto da fúria. As agulhadas de adrenalina agonizavam seus nervos. Jack sentiu o primeiro tremor daquilo que considerava o despertar da loucura à la lobisomem.

— Ei, acho que estou vendo alguma coisa! Na sua esquerda, Renaldo.
O homem chamado Renaldo se aproximou.

— Sim, eu peguei ele. Agora vou terminar o serviço. — Ele levantou a arma, mirando com a luz presa ao cabo da arma.

Aquilo levou Jack ao limite. *Seu desgraçado filho de uma puta!*

A dor, bem-vinda dor, o destroçou. Ele... *se transformou*.

Seu cérebro pareceu girar, sua mente afundando-se infinitamente em si mesma até o nível réptil primitivo. Seu corpo se alongava, engrossava; suas mandíbulas se estenderam para a frente, os dentes crescendo em profusão. Sentia o comprimento de músculos perfeitamente tonificados, o balanço de sua cauda. O poder absoluto de seu corpo... ele o sentia completamente.

Então viu a presa na frente dele, a ameaça.

— Ai, meu Deus! — gritou Pequeno Renaldo. Seus dedos apertaram o gatilho da M-16. A primeira rajada de traçadores foi em vão. Não teve chance de disparar a segunda.

A criatura que antes fora Jack avançou, as mandíbulas fechando em torno da cintura de Renaldo, sacudindo e rasgando a carne. A luz da lanterna do homem girou, esmagada, e desapareceu.

Os outros começaram a atirar desenfreadamente.

O crocodilo registrou os lamentos, os gritos. O cheiro do terror. Ótimo. A presa era mais fácil quando oferecia a própria localização. Soltou o cadáver de Renaldo e moveu-se na direção das luzes, os urros de seu desafio preenchendo o túnel.

— Pelo amor de Deus, Joey! Me ajuda!

— Espera aí. Não consigo ver pra onde você foi.

O corredor era estreito, os materiais, velhos e decadentes. Preso entre dois petiscos igualmente tentadores, o crocodilo girava no espaço

confinado. Viu flashes de luzes, sentiu alguns impactos ardentes, principalmente na cauda. Ouviu a presa gritando.

— Joey, a coisa estraçalhou minha perna!

Mais luzes. Uma explosão. Fumaça acre invadiu suas narinas. Pedacos irregulares de pedra caíram do teto. Vigas apodrecidas estilhaçaram-se. Cimento deteriorado foi ao chão. Parte do solo embaixo dele cedeu e seus três metros e meio de comprimento despencaram pesadamente sobre uma rampa. Choveram fumaça, poeira e escombros.

O crocodilo tombou e destruiu uma fina escotilha de metal que não tinha sido feita para aguentar um impacto daqueles. O alumínio rompeu-se como papel, e o monstro foi derrubado em um túnel aberto. Caiu mais seis metros antes de chocar-se contra um entremeado de vigas de madeira. Por um tempo, alguns escombros o seguiram. Então, o silêncio por todos os lados. O crocodilo ficou parado na escuridão. Quando tentou mover seu corpo, nada aconteceu. Estava totalmente preso. Uma estaca estava bem presa sobre o seu focinho. Não conseguia nem abrir as mandíbulas.

Tentou rugir, mas o som que saiu não foi mais que um grunhido abafado. Ele piscou, não via nada. Sua força definhava, o choque tomando o seu lugar.

Não queria morrer ali. Queria terminar na água.

Pior, o crocodilo não queria morrer com fome.

Estava faminto.

Nômada sentiu algo que não vivenciava havia muito: simpatia, por Rosemary Muldoon. Sabia que a assistente social queria ajudar, mas como poderia lhe dizer que não precisava de ajuda? Confusa com aquela

emoção, Nômada descobriu mais uma. Ela podia ficar feliz com o cuidado e a companhia de seus amigos, por mais que não fossem seres humanos.

Tinha um lugar quente para dormir. Sua casa sob o Central Park era próxima dos túneis de vapor. Nômada providenciou aos poucos o melhor que a rua tinha a oferecer. Uma cadeira de diretor de cinema vermelha e quebrada era a única mobília, mas havia trapos e cobertores cobrindo todo o chão. Uma pintura em veludo de leões na savana estava recostada em uma parede, e uma imagem esculpida de um leopardo ficava em um canto. Faltava uma das pernas do leopardo, mas ele ocupava um lugar de honra.

Cochilando lá no túnel de desvio da 86th Street, Nômada lembrou-se até mesmo da pessoa que fora no passado, Suzanne Melot... A onda de dor que atravessou sua mente interrompeu os pensamentos. A força do grito fez com que o gato preto gemesse de dor. Quando a onda recuou, o preto mandou para Nômada a mesma imagem que pegou da criatura que atacou os ratos. Nômada concordou mentalmente. Nem *ela* conseguia ter certeza sobre a imagem. A criatura parecia um imenso lagarto, mas de alguma forma não era totalmente animal. E *estava* machucada.

Nômada suspirou e levantou-se.

— Temos de encontrá-la se quisermos ter paz e tranquilidade.

O gato preto não estava contente com essa opção, até outra onda de angústia surgir. Ele resmungou e correu para o túnel à esquerda de Nômada. A malhada sentiu apenas uma ponta da dor que perpassou Nômada e o gato preto. Nômada reproduziu um pouco do grito e a malhada estirou-se no chão com as orelhas para trás. A imagem do gato preto apareceu na mente de Nômada, e a malhada seguiu às pressas para o túnel atrás dele. Nômada disse à malhada para esperar por ela, e começaram a rastrear o gato preto e a criatura ferida.

Demorou até os encontrarem. A criatura realmente *parecia* com um lagarto gigante. Ficara presa embaixo de um monte de madeiras em um túnel não terminado. O preto rastejou alguns metros para longe, encarando aquela aparição.

Nômada olhou para a criatura imobilizada e riu.

— Então há mesmo crocodilos nos esgotos.

O crocodilo sacudiu a cauda, derrubando alguns tijolos pelo túnel.

— Mas você é mais do que isso, não é?

Não havia como ela e os gatos soltarem o crocodilo. Nômada ajoelhou-se e examinou as madeiras que aprisionavam a fera, enquanto convocava seus amigos para ajudá-la. Esticou o braço e acariciou a cabeça do crocodilo, acalmando-o com as imagens que enviava. Sentia a criatura pairando no limite da consciência.

Os animais chegaram em momentos diferentes. Uma paz inquietante se mantinha enquanto Nômada instruía cada um conforme suas habilidades. Ratos roeriam, dois cães selvagens dariam força, os gambás e guaxinins carregariam as pedras pequenas para fora. O gato preto e a malhada ajudaram Nômada a controlar a mistura inconstante dos animais.

Quando os escombros menores foram retirados e madeiras e tábuas foram movidas ou mastigadas, Nômada começou a puxar o crocodilo. Entre os puxões dela e os esforços dele, Jack conseguiu se libertar. Nômada terminou com um crocodilo exausto e machucado em seu colo. O gato preto e a malhada disseram às criaturas que ajudaram para irem embora.

Os dois gatos observaram enquanto Nômada esfregava a parte de baixo da mandíbula do crocodilo, acalmando o animal. Enquanto ela o acariciava, o focinho e a cauda começaram a diminuir. As costas deram

lugar a pele suave e pálida. Os membros atarracados alongaram-se em braços e pernas. Poucos minutos depois, Nômada estava segurando o corpo nu e ferido do homem que havia encontrado antes. Quando a mudança aconteceu, Nômada percebeu que, em um momento indefinível, perdera o controle da criatura ou a capacidade de ler seus pensamentos. De alguma forma ela perdera a divisão essencial entre o homem e a fera.

Ela se levantou, tirando o homem de cima dela, caminhando em seguida para o fim do túnel. A gata malhada a acompanhou. O preto ficou ao lado do homem.

Por quê?, pensou Nômada.

Por quê?, retrucou o gato preto. O trabalho que tinham acabado de fazer, visto pelos olhos do gato, passava na mente dela.

A malhada olhava de um para o outro. Não fora convidada para aquela conversa.

Crocodilo, Nômada explicou, *não humano*.

Na sua cabeça, o crocodilo transformou-se em um homem.

— Curiosidade... — Nômada falou em voz alta pela primeira vez desde que a operação de resgate havia começado.

O preto enviou uma figura de um gato preto de costas com as patas para o ar.

Nômada sentou-se ao lado do homem. Em poucos minutos, ele começou a se mover. Dolorido, ele se sentou. Sob a luz fraca que vinha de cima, reconheceu Nômada, a velha que vira no dia anterior.

— Que aconteceu? Lembro de correr na direção de um bando de malucos com armas, e então as coisas ficaram confusas. — Ele tentou se concentrar na anciã, cuja imagem se duplicava toda hora. — Acho que talvez eu tenha uma concussão.

Nômada deu de ombros e apontou para as vigas do telhado em pedaços atrás dele. Estreitando os olhos, conseguiu ver o que pareciam centenas de pegadas de patas no chão e nas paredes em torno do desmoronamento. No centro da devastação, Jack também viu o rastro de uma cauda monstruosa.

— Jesus, de novo, não. — Jack voltou as costas para Nômada. — O que viu quando chegou aqui?

Ela se afastou um pouco dele, ainda em silêncio. Ele viu a boca da mulher curvada em um quase sorriso por baixo dos cabelos desgrenhados. Seria louca?

— *Merde*. O que vou fazer? — Jack quase caiu para trás com o par de patas pretas que atingiu seu peito. — Calma, rapaz. Você é o maior gatinho que vi desde que deixei os pântanos. — Os olhos do gato preto encararam os de Jack com estranha intensidade. — Que foi?

— Ele quer saber como você faz aquilo. — A voz da senhora não combinava com a aparência. Era jovial e tinha um toque de humor. — Cuidado. Você está grogue, parece que está saindo de um porre de cloropromazina. — Ela segurou seu braço quando Jack tentou se levantar.

Quando ele se ergueu, Nômada comentou:

— Você não vai longe desse jeito. — E começou a tirar seu sobretudo.

— *Mon Dieu*. Obrigado. — Enrubescendo, Jack enfiou-se no casaco verde e enrolou-se. Ele o cobria do pescoço aos joelhos, mas deixava seus braços nus do cotovelo para baixo.

— Onde você mora? — Nômada olhava para ele sem expressão e Jack ficou feliz pela gentileza.

— No centro. Depois da Broadway, perto da estação City Hall. Estamos perto de uma estação aqui? — Jack não estava acostumado a se perder e

descobriu que odiava profundamente a sensação.

Como resposta, Nômada andou até a entrada do túnel. Não olhou para trás para conferir se ele a seguia ao virar à direita.

— Sua dona é um pouco estranha. Sem querer ofender — comentou Jack com o gato preto que o acompanhou quando o homem seguiu a mulher. O gato olhou para ele, farejou e sacudiu a cauda. — Quem sou eu pra falar, né?

Embora Jack tentasse acompanhar Nômada, logo foi deixado para trás. A pedido do gato, ela voltou e ajudou o homem, amparando-o ao pôr o braço dele em seus ombros.

Jack finalmente reconheceu os túneis quando chegaram na estação da 57th Street. Ficou surpreso com a mudança em Nômada, quando eles tomaram o rumo da plataforma. Apesar de ainda estar segurando o homem, ela parecia querer se afastar. Arrastava os pés, em vez de andar a passos largos, e mantinha os olhos fixos no chão. As pessoas na plataforma abriram bastante espaço para eles.

O metrô chegou; o último carro estava coberto de grafite estranhamente brilhante. Nômada empurrou Jack para o vagão decorado de forma tão exuberante e ele teve tempo de ler algumas das frases mais coerentes que cobriam a lateral.

Você é fora do comum?

Sentiu o fogo?

Está ardendo por dentro?

As chamas nos devoram a todos,

Mas nunca nos deixam morrer.

Nunca acaba, sempre em chamas.

Jack teve a impressão de que algumas das frases mudaram enquanto ele observava, mas aquilo só podia ser o seu cérebro machucado. Nômada o empurrou para dentro. As portas se fecharam, deixando alguns usuários do metrô muito irritados do lado de fora.

— Estação?

Nômada é bem econômica com as palavras, Jack pensou.

— City Hall.

Jack deixou-se cair e pousou a cabeça no encosto do assento, fechando os olhos assim que o trem seguiu para o centro. Não percebeu que o assento se moldou ao corpo para confortá-lo enquanto dormia. Não percebeu que as portas não voltaram a abrir até ele chegar ao seu destino.

Os gatos não ficaram muito felizes com a viagem de metrô. A malhada estava totalmente aterrorizada. De orelhas caídas e cauda em riste e eriçada, ficou recostada em Nômada. O preto pisava com cuidado no assoalho do vagão. A textura era familiar apenas em partes. Ele se espantava com o calor e o aroma confuso ao redor.

Nômada tentou se concentrar no interior do vagão escuro. Não havia ângulos pontudos ali. Formas indistintas pareciam mudar sutilmente na sua visão periférica. *Nunca senti nada assim antes*, ela pensou, *desde a época que tomava ácido*. Ela estendeu sua consciência além dos gatos e de Jack. Não conseguia definir o *alguém* que contatou por um breve momento. Mas sentia o conforto, o calor e a proteção impressionantes que os cercavam ali.

Cautelosa, acomodou-se em seu assento e acariciou a gata malhada.

— É aqui — falou Jack.

Tinha se recuperado o suficiente para conduzir seu pequeno comitê pela estação City Hall, além de pela sucessão impressionante de salas de

materiais de manutenção, até outro labirinto de túneis não usados. Ele apalherara o caminho com luzes que ligava e desligava conforme necessário enquanto seguiam na direção de casa. Quando abriu a última porta, pôs-se de lado e indicou para que Nômada e os gatos entrassem. Sorriu, orgulhoso, enquanto eles observavam o vasto ambiente.

— Uau, cara. — Nômada hesitou quando percebeu os móveis e a decoração opulentos. O que reparou primeiro foi no veludo vermelho e nos divãs com pés esculpidos.

— Você é mais jovem do que aparenta. Essa foi minha reação também. Me lembrou do camarote do Capitão Nemo...

— *Vinte mil léguas submarinas.*

— Isso mesmo. Você também viu. Um dos primeiros filmes que vi no cinema da paróquia.

Caminharam pelas escadas com carpete carmesim flanqueadas por balaústres dourados e cordas de veludo. Os gatos correram na frente, a malhada usando as poltronas vitorianas como obstáculos para saltar. A luz elétrica era reforçada pelo tremeluzir das chamas a gás que davam ao ambiente uma atmosfera de século passado. O gato preto galopou sobre os tapetes persas até o fim da plataforma e olhou para os dois humanos atrás dele.

— Ele quer saber o que é isso e o que tem atrás daquela porta. — Nômada amparou Jack enquanto desciam lentamente a escadaria. — Você precisa se deitar.

— Daqui a pouco. Este é o meu lar e atrás da porta fica o meu quarto. Se pudermos seguir naquela direção... — Eles começaram a atravessar a sala. — Este foi o primeiro metrô de Nova York, construído por um homem chamado Alfred Beach logo depois da Guerra de Secessão. Cobria apenas dois quarteirões. William Tweed não o queria, então mandou

fechar, e ele foi esquecido. Encontrei o lugar logo depois que comecei a trabalhar para o Departamento de Transportes... um dos benefícios do trabalho. Não sei como ficou tão preservado, mas é um bom lugar para mim. Só precisei dar uma arrumada. — Eles haviam chegado ao outro lado do aposento, e Jack esticou o braço para girar as maçanetas da porta ornada com bronze fundido. O círculo central abriu-se. — Costumava ser a entrada para o tubo pneumático.

— Nunca teria imaginado. — Nômada ficou surpresa ao descobrir que o interior do túnel era parcamente mobiliado. Havia uma cama improvisada feita com tábuas de pinho, uma estante também improvisada, e uma cômoda de madeira.

— Todos os confortos de um lar. Até mesmo minha coleção completa dos quadrinhos do Pogo. — Jack olhou com inocência para Nômada, e ela riu, e em seguida pareceu surpresa com isso.

— Você tem iodo? — Nômada olhou em volta, procurando uma caixa de primeiros socorros.

— Não uso essas coisas. Pode pegar uma dessas para mim? — Jack apontou para cima, na direção das teias de aranha.

— Sêrio?

— Melhor cataplasma que existe. Minha avó que me ensinou.

Quando Nômada virou-se de volta para Jack, ele havia vestido shorts e estava com uma camisa na mão. Ela lhe entregou as teias de aranha e o ajudou com os curativos dos ferimentos mais sérios.

— Então, como *you* terminou aqui embaixo? — Jack se recostou na cama, retraindo-se um pouco, enquanto Nômada se empoleirava cuidadosamente no canto.

— Você não se parece em nada com aquelas assistentes sociais — disse Nômada, observando os gatos que perseguiam um ao outro pela sala. Ela

se virou para ele com um olhar aprovador: — E *eles* gostam de você. Me deram alta um tempo atrás e eu terminei voltando para a cidade. Não tinha para onde ir. Conheci o gato preto, comecei a falar com ele, e ele respondia. Fiz isso com muitos outros animais, quer dizer, com os que não são humanos. Eu me viro. Não preciso das pessoas, não quero nenhuma por perto. Pessoas sempre me trazem má sorte. Consigo falar com você também, quando você é aquele outro, sabe? Lá fora me chamam de Nômada. Tive outro nome, mas não lembro direito.

— Me chamam de Jack Esgoto — falou Jack com amargura, em contraste com a narração sem emoção de Nômada. A torrente de sensações que ela captou teve gritos, luzes brilhantes e medo, e o refúgio do pântano.

— Estava aqui... a criatura. O que você é? — Nômada estava confusa; nunca tinha visto aquela mistura de homem e animal, com quem só conseguia comunicar-se às vezes.

— Os dois. Você viu.

— Consegue controlar? Pode escolher quando muda?

— Já viu Lawrence Talbot como lobisomem? Mudo quando perco o controle ou quando deixo a fera assumir o controle. Não sou amaldiçoado pela lua cheia; sou amaldiçoado o tempo todo. O *loup-garou* é uma lenda, de onde venho. Todos os cajuns acreditam nele. Quando eu era jovem, também acreditava. Tinha medo de que pudesse machucar alguém, então me distanciei o máximo que consegui. Nova York era uma terra estrangeira; ninguém me conhecia nem me incomodaria aqui.

Seus olhos estavam voltados para ela agora, e não para o passado.

— Por que a encenação toda? Você não pode ter mais do que quarenta e cinco.

— Vinte e seis. — Ela encarou Jack, pensando se aquilo fazia diferença. — Isso impede que eles me incomodem mais.

Jack olhou de relance a porta aberta e viu o relógio da ferrovia na parede oposta.

— Estou ficando com fome. E você?

Resgatar C. C. O que parecia uma ideia maravilhosa tornou-se um pesadelo. Rosemary seguiu alguns indigentes até os túneis embaixo da Grand Central Station. Primeiro tentou perguntar sobre C. C. a todos que encontrava. Mas, enquanto entrava cada vez mais nas passagens úmidas, as pessoas que viviam ali fugiam. Havia apenas a luz ocasional das grades na rua acima, ou das fogueiras esfumaçadas dos sem-teto. Sua fadiga e seu medo começaram a aparecer; sentia-se cada vez mais mergulhada na sujeira do chão dos túneis.

Em um momento terrível, ela foi atacada por uma criatura suja que a arranhou, cacarejando. Ela revidou, mas sua bolsa foi levada. Rosemary estava desesperadamente perdida. Às vezes, ouvia sons que pareciam tiros e explosões. *Estou no inferno.*

À frente, havia dois pontos brilhantes que reluziam para ela no escuro. Eles recuaram quando ela se aproximou. As luzes verdes iridescentes a hipnotizavam.

Os pontos ficaram nítidos e Rosemary viu o gato encolhido na escuridão. Recuando alguns metros e rosnando, ele observou enquanto Rosemary se aproximava de um gato ferido, o companheiro para quem ele fazia guarda. Peito esmagado, uma perna quase separada do corpo, o gato machucado estava morrendo. O guardião não permitiria que lhe infligissem mais dor. Quando ouviu o gemido baixo, ela ignorou os olhos do outro e se ajoelhou ao lado do gato ferido. Rosemary percebeu que não

havia nada a fazer, mas ela o segurou. O gato começou a ronronar antes de suspirar e morrer.

O guardião levantou a cabeça e uivou em luto antes de dar meia-volta e correr para a escuridão.

Rosemary deitou o corpo no chão à sua frente e posicionou a cabeça e as pernas do bicho em posição confortável, sentou-se e começou a soluçar. Sentiu como se tivesse chorado por uma eternidade antes de recomeçar sua caminhada na direção dos sons de tiros, engasgando com seus soluços.

Após assaltar a geladeira — Nômada entendia por que a companhia de energia elétrica nunca percebeu o desvio de energia, mas como ele trouxe uma geladeira até ali? —, Jack voltou ao quarto para dormir um pouco. Nômada e os gatos exploraram os domínios, o que incluiu se assegurarem de que podiam destrancar a porta de saída que ele havia trancado.

Rapidamente viram tudo. Nômada sentou-se em um sofá muito macio de crina de cavalo. O gato preto juntou-se a ela, enquanto a malhada continuou a sua brincadeira de cruzar a sala sem tocar o chão. Nômada refletiu e, pela primeira vez em anos, o preto não foi convidado a pensar com ela. Estava surpresa com a maneira que Jack vivia. Fez com que sua vida de se mudar de um lar temporário para outro, de uma pilha de trapos para outra, de repente parecesse errada e cheia de desconfortos que antes ela ignorava.

Ela e Jack discutiram a possibilidade de ambos serem ases. Quanta sorte. O vírus arruinara a vida dos dois. Ela nunca voltaria a ser a criança inocente que fora antes de o ácido e o vírus inundarem sua mente com as percepções alienígenas do mundo animal. Ela pensava que *sua* infância

tinha sido horrível. Foi por isso que fugiu de casa. Mas crescer achando ser como um lobisomem, uma criatura amaldiçoada por Deus.

Por que se abria tanto com ele? Não havia outro ser humano ainda vivo na cidade que soubesse tanto dela quanto Jack. Foi porque eram semelhantes; sabiam como era ser diferente e tinham desistido de tentar ser como todo mundo.

As garras tocando sua mão arrancaram sangue antes de sua atenção voltar ao mundo real. Seus olhos encontraram os do gato preto e imagens horríveis filtradas por outros olhos começaram a transbordar sua mente: ninhinhos de rato destruídos por tiros de metralhadora; homem aos berros assustando uma gambá, seus filhotes se agarrando em suas costas enquanto ela corria, um caindo para a morte; gatos fugindo, sendo alvejados, assassinados; uma gata lutando para proteger os filhotes antes de uma granada destruir a ninhada, deixando a mãe com uma pata estourada; uma mulher que parecia a maldita assistente social embalando um gato morto. O sangue — mais e cada vez mais — daqueles que eram seus únicos amigos.

— Os filhotes. Eles não podem fazer isso! — Nômada levantou-se e percebeu que tremia.

— O que aconteceu? — Jack, despertado pelo grito de Nômada, saiu do quarto ainda sonolento.

— Estão matando eles! Eu preciso impedir. — Nômada cerrou os punhos, virando as costas para Jack. Ladeada pelos gatos, seguiu na direção das escadas.

— Não sem mim. — Jack correu de volta para o quarto, agarrou o sobretudo verde de Nômada, lanternas e um par de tênis, e seguiu-os escada acima.

Atrasado, tentando amarrar os tênis enquanto corria, ele os alcançou na junção do primeiro túnel.

— Por aí não. — Jack parou o trio que entrava no túnel à direita. Ele jogou o sobretudo de Nômada para ela enquanto apontava uma das lanternas para a outra passagem.

— Foi por onde chegamos — disse Nômada. Em seu pânico, perdera muito da confiança em Jack.

— Ele vai levar vocês direto até o metrô. Há um caminho mais rápido para voltar ao parque. Tenho um carrinho de trilhos. Vem comigo? — Jack esperou Nômada assentir e mergulhou no túnel à esquerda, andando rápido.

As cenas da carnificina ficavam cada vez mais nítidas na mente de Nômada ao deixarem o carrinho e se aproximarem do Central Park. Quando chegaram à ramificação seguinte de túneis, Jack levantou a cabeça e farejou.

— Essas pessoas estão usando pólvora suficiente para um exército inteiro. Qual é o plano?

— Precisamos descobrir quem são para saber como pará-los. Certo? — Nômada não tinha certeza do que fazer.

— Aposto que são aqueles *mes amis* com as armas, mas não faço ideia de quem seja o chefe.

Surgiu uma imagem da gata malhada andando com Jack, o gato preto com Nômada.

— Muito bem. — Nômada acariciou a cabeça do imenso gato preto. — Boa ideia.

— Que ideia?

— O preto acha que devemos nos separar até descobrir o que está acontecendo. Se um dos gatos estiver conosco, podemos ficar, hum...

— Em comunicação. Sim. Ao menos você pode ver o que está acontecendo. — Jack balançou a cabeça, pensativo. — Eu costumava amar filmes de guerra, mas a recepção é péssima lá em casa. Vamos lá, sargento — falou ele com a malhada, que pulou à sua frente. — *Bonne chance*.

Nômada acenou com a cabeça e seguiu na outra direção.

Na escuridão profunda mal quebrada pelos fachos lançados dos capacetes de mineiro usados pelos homens armados, dom Carlo Gambione inspecionava a desolação daquilo que era seu reino.

Seu tenente parecia quase pesaroso.

— Dom Carlo, acho que nossas tropas ficaram entusiasmadas demais com a missão.

Dom Carlo olhou para os corpos iluminados pela lanterna do Açougueiro.

— Zelo em uma questão como essa não é defeito — disse ele.

— Encontramos o quartel-general deles — relatou o Açougueiro. — Nossos homens descobriram há menos de uma hora. — Ele pousou o dedo sobre o mapa. — Próximos da 86th Street. Embaixo do parque. Perto do lago do Central Park. Parece desabitado. Por isso chamei o senhor.

— Fico grato — respondeu o chefe. — Quero estar presente quando a fagulha da rebelião dos nossos inimigos for extinta. Sabia que tinha um motivo para eles se insurgirem agora.

A voz de dom Carlo também se ergueu. O Açougueiro o encarava.

— Quero a cabeça deles — anunciou dom Carlo. — Deixaremos em espetos na Amsterdam e na 110th Street. — Arregalados, seus olhos brilhavam com ferocidade, refletindo a luz elétrica.

O Açougueiro pousou a mão com suavidade no pulso de dom Carlo.

— Melhor irmos para o norte agora, *padrone*. Disse para os homens não se mexerem, mas eles estão muito... agitados.

Por um momento, o olhar de dom Carlo pairou freneticamente sobre os corpos que jaziam no concreto sujo. Farrapos ensopados de sangue.

— Que tragédia! A dor, a dor... — Ele não tirava os olhos dos cadáveres aos seus pés. Havia um homem branco, braços desengonçados e pernas abertas como os membros de uma marionete quebrada. Não havia paz no rosto marcado e queimado pelo sol. Apenas a agonia refletia-se nos olhos negros bem abertos. Óculos esmagados jaziam no sangue empoçado da cabeça do homem. Dom Carlo inconscientemente empurrou o ombro da jaqueta esfarrapada com a ponta de uma bota polida.

— Este aqui era um verdadeiro curinga selvagem... — Sua voz diminuiu.

Dom Carlo virou o rosto. Empertigou-se, tirando forças do entendimento quase sagrado do que precisava fazer. Chegou bem perto do rosto grave do Açougueiro.

— Essas coisas que fazemos... — ele disse. — É triste, muito triste. Mas às vezes precisamos atacar e até destruir o modo de vida que amamos para preservá-lo.

Apesar de sua ousadia — *por que estou tentando impressionar essa mulher esfarrapada?* —, foi difícil para Jack mover-se pelos túneis. A longa jornada de volta ao parque dificultou seu andar e trouxe uma dor considerável. Sempre que ouvia um ruído, congelava. A malhada demonstrou paciência notável. Seguiu mais ou menos quinze metros adiante e voltava se tudo estivesse limpo. Jack desejava desesperadamente poder falar com ela.

Naquele momento, os sons não eram imaginários. Ficavam cada vez mais altos. Jack começou a ouvir gritos ininteligíveis. Se sobressaltava a cada tiro ou explosão. Desligou a lanterna, pois temia que alguém visse a luz. A malhada parou a alguns metros de distância. Jack esfregou sujeira no rosto para evitar os reflexos.

Botas se arrastavam contra o chão de concreto bem à sua frente. Ele começou a recuar e correu na direção de um dos caçadores, que ficou tão surpreso quanto ele.

— Cacete! Joey! Joey, peguei um!

O homem de capacete com luz na testa golpeou com a coronha da arma na direção da cabeça de Jack.

— Onde ele está, Sly?

A coronha do rifle passou raspando pelo crânio de Jack. Ele conseguiu correr para longe da luz na direção de uma passagem aparentemente sem saída. Jack tentou moldar-se à parede e desejou poder se transformar em algo útil, como concreto ou sujeira. Quando o pensamento cruzou sua mente, reconheceu as pontadas, a indicação de que estava ficando escamoso. Tentou impedir, reduzindo a respiração e esforçando-se para controlar. Era só o que faltava agora. *Onde está a malhada?*, ele pensou. *Nômada vai me matar se aquela gata se machucar.*

— Está aqui embaixo, Joey. Não tem pra onde ir. — A voz soava como se estivesse a centímetros de distância.

— Jogue uma granada e continue em frente. A gente precisa fechar a base deles.

— Ah, Joey, qual é.

— Sly, você tá doido, cara. Sai daí.

O som de metal batendo na pedra. Jack viu o cintilar da granada antes de a adrenalina apagar seu cérebro. *Merde*, foi seu último pensamento

consciente.

O rugido explosivo foi acompanhado pela queda de algumas pedras, mas não havia muitas gambiarras ali. O teto aguentou.

— Vá ver, Sly.

— Está bem, Joey. Obrigado. — Sly era conhecido por ser quase tão maluco quanto o Pequeno Renaldo.

Por que eu?, Joey se perguntava.

— Não restou *nada*. Só uns farrapos e um tênis. O pé direito.

— Então vamos. Temos um longo caminho pela frente.

Nenhum dos homens percebeu que a malhada se esgueirou sobre uma pedra que se projetava do muro próximo ao teto. A gata desceu aos pulos e farejou as roupas rasgadas e ensanguentadas. Mandou a cena para Nômada e partiu para encontrá-la.

Nômada ficou quieta, recostada à parede do fundo do desvio da 86th Street. Acariciou a malhada e fez sua melhor imitação de senhora inofensiva. O gato preto alertou que os mafiosos estavam a caminho, mas já estavam atrás dela quando tentou recuar. Eram muitos para lutar, então ela agiu passivamente. Naquele instante, olhava silenciosa para a bagunça que tinham feito em sua “casa”. O único guarda com ela estava de olho em dom Carlo.

— Devem ter dado um jeito de escapar — desculpou-se o Açougueiro.

— Eu quero todos eles — retrucou dom Carlo. Ele observava a grande pintura de veludo em sua moldura de madeira barata, um canto rasgado: uma manada de leões perseguindo zebras na savana. — Eles *estiveram* aqui. Selvagens.

— Dom Carlo, senhor, eu... — Joey começou a falar.

— O quê?

— É Maria, dom Carlo. Encontrei ela vagando aqui embaixo. — Joey escoltou Rosemary até o pai. Ela não parecia enxergá-lo ou registrar qualquer outra coisa. Seu rosto estava inerte, quase pacífico. Rosemary era uma boneca de pano dócil, perdida em algum lugar nos túneis.

Dom Carlo olhou para ela espantado e, em seguida, preocupado.

— Maria, qual é o problema, *mia*? Joey, o que aconteceu com ela?

— Não sei, dom Carlo. Ela estava assim quando encontrei ela.

Nômada ergueu os olhos sob os cabelos desgrehados.

— Rosemary, você tinha que se meter *nisso* também, não é? Assistentes sociais... Muito intrometidos — sussurrou Nômada. O guarda virou-se quando ouviu o murmúrio, mas sacudiu a cabeça e voltou a atenção para a confusão.

— Cuide dela para mim, Joey, até eu terminar com isso. — Virando-se para o Açougueiro, dom Carlo disse: — A velha sabe de alguma coisa?

— É o que vamos descobrir.

A luz refletiu a lâmina do estilete do Açougueiro quando ele partiu para cima de Nômada. Então parou e escutou com atenção.

Todos no túnel ouviam. O barulho, que de início parecia ser apenas outro trem à distância, estava ficando muito alto, muito rápido. Gritos vieram do túnel oeste, um grito de dor quando o vagão de metrô surgiu da escuridão, viajando onde nenhum vagão poderia estar, sem nenhum terceiro trilho, em vias arruinadas. O carro reluzia com uma fosforescência branca, como um fantasma. No sinal de rota lia-se CC LOCAL. Parou no meio da reunião. Os desenhos espalhafatosos nas suas laterais mudavam com tanta rapidez que era impossível concentrar-se neles.

— C. C.! — Rosemary, que estava parada ao lado de Joey, livrou-se dele e correu para o vagão-fantasma. Ela estendeu os braços como se quisesse

abraçar a coisa, mas quando tocou a lateral, esta se retraiu. Então Rosemary estendeu a mão para tocar aquilo que não era metal. — C. C.?

As cores irradiaram onde ela tocara o vagão, e então sumiram. O carro tornou-se preto e quase desapareceu da vista dos observadores. Palavras apareciam como antes: letras de canções que C. C. havia escrito e apenas sua melhor amiga, Rosemary, tinha ouvido. Os observadores ficaram parados, espantados demais para se mover.

Você pode cantar sobre dor

Você pode cantar sobre tristeza

Mas nada vai mudar o futuro

Nem desfazer o passado

Imagens apareceram na lateral do vagão como se estivessem sendo projetadas sobre ele. A primeira cena era um ataque, um estupro em uma estação de trem. Um leito de hospital com a imagem de Rosemary ao lado. Alguém em camisola hospitalar descia as escadas de incêndio.

— Foi assim que você sumiu do hospital, C. C. Por que fugiu? — Rosemary ergueu os olhos e falou com o vagão como se ele fosse um amigo.

A próxima cena mostrou outra estação de metrô, outro ataque, mas a pessoa de camisola agora era testemunha. Tentou impedir o ataque e foi empurrada de lado, caindo nos trilhos. As cores da dor e da fúria. O lixo e praticamente tudo que não estava preso na plataforma vazia — máquinas de venda automática, jornais descartados, um rato morto, *tudo* — foi sugado para os trilhos como se puxado para o coração voraz de um buraco negro. Um trem com seis vagões freava na estação. De repente, outro vagão juntou-se a ele. O agressor, fugindo, entrou no novo carro e... a cena ficou rubra, como se sangue lavasse o vagão-fantasma. Mais

estações de metrô, mais vermelho. Outro agressor com jaqueta de couro, uma senhora.

— Lumiado? — Rosemary deu um passo atrás com a visão de seu noivo no meio de um assalto. — *Lumiado?*

— Lombardo! — Dom Carlo ficou lívido ao ver seu futuro genro entrar no vagão e ser massacrado. — Joey, leve Maria para longe desta... coisa. Ricardo, onde está a bazuca? Agora é o seu momento. Frederico, coloque a velha ao lado do carro. Quero todos destruídos. Agora!

Rosemary debatia-se enquanto ele a arrastava para longe.

— Caramba — disse ele, não para ela, nem para ninguém em particular. — Isso está igual a antigamente, nos vilarejos. Meu Deus.

Nômada foi em silêncio, segurando a gata malhada apertada em seu colo.

Ricardo mirou cuidadosamente a bazuca. Nômada se endireitou.

Com dezoito quilos de fúria, o gato preto selvagem atingiu Ricardo bem nas costas. Ele caiu para a frente, o cano virou-se para cima e o foguete atingiu em cheio o teto, que explodiu em uma chuva de centelhas vermelhas e douradas.

Rosemary afastou-se de Joey e correu para o vagão.

A água começou a jorrar no túnel. Os blocos de concreto rachados começaram a se separar em seus rejuntas selados, despejando ainda mais água.

— Ricardo, seu imbecil, você abriu um buraco embaixo do lago do Central Park! — gritou Frederico, o Açougueiro, para alguém que não estava mais presente. Os mafiosos espalharam-se nos túneis em uma confusão.

— Entre no vagão. Vamos! — Rosemary agarrou Nômada.

— Maria, estou chegando. Espere. — Dom Carlo lutava contra a enxurrada crescente para salvar sua única filha.

— Papa, eu vou com a C. C.

— Não! Você não pode. Isso aí é amaldiçoado. — Dom Carlo tentou avançar, mas percebeu que sua perna estava presa. Enfiou as duas mãos na água fria para tentar se livrar e sentiu uma pele escamosa. Olhou para baixo e viu uma fileira de dentes de marfim. Os olhos implacáveis do réptil o encararam de volta.

Rosemary havia colocado todos a bordo, até mesmo o gato preto. O vagão começou a se mover de volta para o túnel oeste.

— Espere, Jack ficou para trás. Não o abandone. — Nômada tentou abrir as portas. Rosemary agarrou seus ombros.

— Quem é Jack?

— Meu amigo.

— Não podemos voltar — disse Rosemary. — Sinto muito.

Nômada sentou-se no último banco, novamente acompanhada pelos dois gatos, e ficou olhando a água inundando o túnel atrás deles, enquanto se moviam para um terreno elevado.

Enquanto o vagão de metrô escalava a rampa da 86th Street, a água escura os seguia, lambendo as rodas flangeadas de C. C. No fim, ela alcançou uma elevação no túnel, onde a maré ficou para trás. C. C. parou, começou a dar ré e travou os freios.

Os passageiros se reuniram na porta de conexão traseira, tentando ver qualquer coisa do que tinham deixado na escuridão.

— Deixa a gente sair, C. C. — pediu Rosemary. — Por favor.

O vagão abriu obedientemente as portas traseiras com um chiado. Os quatro, dois seres humanos e dois felinos, desceram ao leito dos trilhos e

ficaram à beira daquela nova praia. A malhada farejou a água e virou-se. Ela miou e olhou para Nômada.

— Espere — falou a mulher. Um sorriso inesperado abriu-se por um momento.

Rosemary se esforçou, concentrada, tentando espreitar no meio da escuridão. A última coisa que se lembrava era de ver seu pai tentando alcançá-la. Então, apenas seus olhos. Por fim, nada.

— Lá — disse Nômada, simplesmente.

Todos tentaram distinguir algo.

— Não consigo ver nada — falou Rosemary.

— Lá.

Então todos viram algo: uma trilha de ondas em “v” de um largo focinho, parecido com uma ponta de pá. Viram o par de olhos blindados saindo da água, inspecionando o grupo às margens.

Os gatos começaram a miar de empolgação, a malhada pulava para lá e para cá, o preto sacudindo a cauda como um chicote peludo.

— É o Jack — falou Nômada.

Após um tempo, a poeira literalmente baixou, a água recuou, as feridas foram cuidadas, corpos enterrados, e as sofredoras equipes da cidade fizeram seu melhor para limpar a bagunça. Manhattan voltou ao normal.

O fundo do lago do Central Park foi selado novamente e a bacia, cheia de novo. As buscas pelos monstros do mar (mais adequadamente, monstros do lago) foram persistentes, mas sem sucesso.

Sarah Jarvis, sessenta e oito anos, finalmente percebeu o que se escondia debaixo da fachada do presidente. Em novembro de 1972, votou em George McGovern.

A sorte de Joey Manzone melhorou, ou ao menos mudou. Ele se mudou para Connecticut e escreveu um romance sobre o Vietnã, que não vendeu, e um livro sobre o crime organizado, que vendeu.

Rosa-Maria Gambione mudou seu nome legalmente para Rosemary Muldoon. Concluiu a faculdade de serviço social em Columbia e passou a ajudar o dr. Tachyon com o caso de C. C. Ryder. Entrou na faculdade de direito e está considerando assumir os negócios da família.

C. C. Ryder ainda é um dos casos mais complicados do doutor, mas aparentemente há avanços no trabalho de trazer a mente e o corpo dela à forma humana. C. C. continua a criar canções belas e perspicazes. Suas músicas foram gravadas por Patti Smith, Bruce Springsteen e outros.

Às vezes — especialmente durante o mau tempo — Nômada e os gatos vão morar no túnel do metrô pneumático de Alfred Beach com Jack “Esgoto” Robicheaux. Um arranjo confortável, mas que precisou de algumas mudanças. Jack não caça mais ratos. Uma reclamação comum que se ouve na sala de jantar vitoriana é:

— Que é isso agora, frango *de novo*?

INTERLÚDIO QUATRO

De “Medo e delírio no bairro dos curingas”

Dr. Hunter S. Thompson

Rolling Stone, 23 de agosto de 1974

O dia está raiando no Bairro dos Curingas. Posso ouvir o estrondo dos caminhões de lixo embaixo da minha janela no hotel South Street, próximo das docas. É o fim da linha, para o lixo e tudo o mais, o cu da América, e estou me sentindo próximo ao fim da minha linha também, depois de uma semana frequentando as ruas mais vis e venenosas de Nova York... Quando ergo os olhos, uma mão em forma de garra surge no peitoril, e um minuto depois é seguida por um rosto. Estou seis andares acima da rua e este maluco idiota aparece escalando a janela como se não fosse nada. Talvez ele esteja certo: este é o Bairro dos Curingas, e a vida corre rápido e cruel aqui. É como perambular por um campo de extermínio nazista durante uma *bad trip*; você não entende metade do que vê, mas fica apavorado mesmo assim.

A coisa passando pela minha janela tem uns dois metros e pouco, com braços de juntas triplas, como os das aranhas, que balançam tão baixo

que suas garras criam sulcos no chão de madeira maciça. Tem uma feição de Conde Drácula e um focinho que lembra o Lobo Mau. Quando sorri, exhibe meio metro de dentes verdes pontudos. O desgraçado ainda cospe veneno, o que é uma habilidade boa de se ter quando se perambula pelo Bairro dos Curingas à noite.

— Tem anfetamina aí? — pergunta ele enquanto desce da janela. Dá uma olhada na garrafa de tequila no criado-mudo, agarra-a com um de seus braços ridículos e dá um grande gole.

— Pareço o tipo de cara que toma essa coisa?

— Acho que vamos ter que tomar da minha, então — diz Croyd, e puxa um punhado de comprimidos pretos do bolso. Ele pega quatro e lança garganta abaixo com mais um gole da Cuervo Gold...

... Imagine se Hubert Humphrey tivesse virado um curinga, pense no Hube com uma tromba enfiada no meio da cara, como uma minhoca rosa flácida onde deveria estar o nariz, e terá uma boa ideia da aparência de Xavier Desmond. Seu cabelo é ralo ou já caiu, seus olhos são acinzentados e inchados, e seu terno, folgado. Ele está nessa há dez anos, e dá para perceber que está acabado. Os colunistas locais o chamam de prefeito do Bairro dos Curingas e a voz dos curingas. Isso foi tudo que ele conseguiu em dez anos, ele e sua Liga Antidifamação dos Curingas, digna de pena — alguns títulos inventados, certo status como o curinga favorito do Tammany, convites para algumas festas bacanas no Village quando a anfitriã não consegue um ás em cima da hora.

Ele está na plataforma, em seu terno de três peças, segurando a porra do chapéu com a tromba, Deus do céu, falando sobre solidariedade dos curingas e campanhas de votação e policiais curingas para o Bairro, despejando seu velho lenga-lenga como se realmente significasse alguma coisa. Atrás dele, sob uma faixa caindo aos pedaços da LADC, está a

reunião mais deprimente de otários patéticos que alguém jamais gostaria de ver. Se fossem negros, seriam os escravizados da vez, mas os curingas não encontraram um nome para eles ainda... mas encontrarão, pode apostar sua máscara. Os membros da LADC se mantêm fiéis às máscaras, como bons curingas. Não apenas máscaras de esqui e máscaras de baile. Caminhe pela Bowery ou pela Chrystie Street, ou pare por um momento em frente à clínica de Tachyon, e verá máscaras imaginadas por alguma mente cheia de ácido: pássaro, caveira, ratazanas de couro e capuzes de monge, e as “máscaras fashion” personalizadas com brilho e lantejoulas que custam uns cem paus cada. As máscaras são parte do imaginário do Bairro dos Curingas, e os turistas de Boise, Duluth e Muskogee garantem as suas comprando uma ou duas máscaras de plástico para levar como lembrança, e todo repórter de segunda, meio cego e meio bêbado, que decide fazer outro artigo boçal sobre os pobres curingas fodidos nota as máscaras imediatamente. Prestam tanta atenção nas máscaras que não observam os uniformes quase transparentes do Exército da Salvação e as roupas com estampas gastas, parecidas com pijamas, que os mascarados estão trajando, e não notam quão *velhas* algumas dessas máscaras estão ficando, e com certeza não entendem os jovens curingas, aqueles de jaquetas de couro e calças Levi's que não usam máscara nenhuma.

— É assim que eu sou — me disse uma garota com um rosto que parecia um pote de cus esmagados certa tarde do lado de fora de uma repugnante casa pornô do Bairro dos Curingas. — Tô pouco me fodendo se os comuns gostam ou não. Tenho que usar uma máscara pra alguma vagabunda comum do Queens não ficar com o estômago embrulhado quando olhar pra mim? Quero que se foda!

Talvez um terço da multidão ouvindo Xavier Desmond esteja usando máscaras. Talvez menos. Sempre que ele para, a fim de esperar aplausos,

as pessoas de máscaras batem palmas, mas dá para ver que é um esforço, mesmo para eles. O resto está apenas escutando, esperando, e seus olhares são tão feios quanto suas deformidades. Uma galera da pesada está lá, e um monte deles está usando cores de gangues com nomes como PRÍNCIPES DO DEMÔNIO e DEGENERADOS ASSASSINOS e LOBISOMENS. Estou em pé, meio de lado, imaginando se o Tach vai aparecer conforme anunciado, e não vejo quem foi que começou, mas de repente Desmond se cala, bem no meio de uma declaração tediosa sobre como ases, curingas e comuns são todos filhos de Deus por debaixo da pele, e quando olho para trás, estão vaiando e jogando amendoins, arremessando amendoins nele ainda com casca, lançando-os direto na cabeça e no peito e na maldita tromba, atirando-os dentro do chapéu, e Desmond fica parado, espantado. Ele devia ser a voz desse povo, ele leu isso nos jornais *Daily News* e *Grito do Bairro dos Curingas*, e o pobre coitado não tem a menor ideia sobre o que deu errado...

... é pouco depois da meia-noite quando saio do Freakers para mijar despreocupadamente na sarjeta, percebendo que é uma alternativa melhor do que o banheiro masculino, e as chances de um policial passar pelo Bairro dos Curingas àquela hora da noite são tão remotas que chegam a ser risíveis. A luz do poste está estourada e por um momento acho que é Wilt Chamberlain quem está ali, mas então ele chega mais perto e eu percebo os braços, as garras e o focinho. Pele como marfim velho. Pergunto qual é o problema, e ele me pergunta se não fui eu quem escreveu o livro sobre os Angels, e meia hora depois estamos sentados em uma mesa nos fundos de um bar que nunca fecha, na Broome Street, enquanto a garçonete serve galões de café preto para ele. Ela tem longos cabelos louros e pernas bonitas, e em seu uniforme rosa está escrito *Sally* na altura do peito, e é uma bela visão; até chegar em seu rosto. Percebo

que baixo os olhos para o meu prato sempre que ela se aproxima, o que me faz ficar enojado, triste e puto. Focinho está dizendo algo sobre como ele nunca aprendeu álgebra, e que não há nada que uma boa dose de metanfetamina não cure e quando eu toco no assunto, Focinho me mostra os dentes e menciona que, embora seja difícil encontrar metanfetamina de qualidade atualmente, por acaso ele sabe onde pode conseguir algumas...

— ... Estamos falando de *feridas*, estamos falando de feridas reais, venenosas, profundas e sangrando, do tipo que não pode ser tratada com um maldito Band-Aid, e isso é tudo que Desmond tem debaixo da tromba, só um monte de Band-Aids — me disse o anão, depois de me cumprimentar com o aperto de mão da Irmandade dos Revolucionários Drogados, ou o que quer que fosse aquela porra.

Considerando os outros curingas, ele tirara uma carta bem decente — anões existiam muito antes do vírus Wild Card —, mas ainda estava bem puto com a situação.

— Ele tá segurando esse chapéu na tromba há dez anos, e tudo o que acontece é que os comuns cagam dentro dele. Bem, isso *acabou*. Não estamos mais pedindo, estamos avisando, a CSJ está *avisando*, e vamos enfiar isso goela abaixo, se precisarmos.

A CSJ é a Curingas por uma Sociedade Justa, e tem tanto em comum com a LADC quanto uma piranha tem com aqueles peixes dourados gigantes com olhos saltados que vemos nadando em aquários decorativos na sala de espera de dentistas. A CSJ não tem Capitão Tacky ou Jimmy Roosevelt ou reverendo Ralph Abernathy como diretores; na verdade, não tem uma diretoria, não vende filiações a cidadãos preocupados nem a ases compadecidos. O Hube ficaria desconfortável demais em uma reunião da CSJ, tivesse ele uma tromba na cara ou não...

... mesmo às quatro da manhã, o Village não é o Bairro dos Curingas, e isso é parte do problema, mas a maior parte é apenas porque Croyd está ligado e maluco de anfetamina e, até onde posso ver, não dorme há uma semana. Em algum lugar do Village está o cara que queremos encontrar, um ás cafetão negro mestiço que era conhecido por ter as mulheres mais maravilhosas da cidade, mas não conseguimos encontrá-lo, e Croyd continua insistindo que as ruas estão mudando, como se fossem vivas e traiçoeiras e estivessem decididas a pegá-lo. Os carros diminuem quando veem Croyd gingando calçada abaixo com aqueles passos compridos de pernas de aranha, e aceleram novamente quando ele os encara e resmunga. Estamos em frente a um empório quando ele esquece o cafetão que devíamos encontrar e resolve que está com sede. Enrola as garras em torno da porta corrediça de aço, dá um pequeno grunhido, e logo *arranca* a coisa toda da fachada de tijolos da loja e a usa para estourar a vitrine... no meio do caminho até uma caixa de cerveja mexicana, ouvimos sirenes. Croyd abre seu focinho e cospe na porta, e a merda do veneno atinge o vidro e começa a queimar tudo de imediato.

— Estão atrás de mim de novo — diz ele em uma voz cheia de ódio, paranoia e raiva de viciado em anfetamina. — Eles todos estão atrás de mim. — E então me encara, e isso basta para eu saber que estou ferrado. — Você trouxe eles aqui — diz ele, e eu digo que não, que gosto dele, alguns dos meus malditos melhores amigos são curingas, e os giroscópios vermelhos e azuis estão à frente quando ele pula, me agarra, e *berra*: — Eu não sou um curinga, seu *merda*, sou a porra de um ás. — E me joga pela vitrine, a *outra* vitrine, aquela cujo vidro ainda estava intacto.

Mas não por muito tempo... enquanto estou deitado na sarjeta, sangrando, ele bate em retirada, direto da porta da frente, com o engradado de cerveja sob o braço, e os policiais disparam um par de

rajadas na direção dele, mas Croyd apenas ri da polícia e começa a escalar... Suas garras deixam buracos profundos nos tijolos. Quando ele alcança o telhado, uiva para a lua, abre o zíper da calça e mijá sobre todos nós antes de desaparecer...

FIOS

Stephen Leigh

A morte de Andrea Whitman foi totalmente culpa do Titereiro. Sem seus poderes, o desejo obscuro que um garoto deficiente mental de catorze anos sentia por uma vizinha mais nova nunca teria se deflagrado em uma fúria descomunal e incandescente. Sozinho, Roger Pellman nunca teria atraído Andrea para o bosque atrás da Escola do Sagrado Coração nos arredores de Cincinnati e rasgado as roupas da garota apavorada. Nunca teria forçado aquela estranha rigidez para dentro de Andrea até sentir um jorrar poderoso, relaxante. Nunca teria olhado para a criança e para o gotejar de sangue escuro entre suas coxas e sentido um nojo incontrolável que o fez agarrar a grande rocha plana ao lado deles. Nunca teria usado aquela pedra para golpear a cabeça loira de Andrea, transformando-a em uma massa irreconhecível de carne despedaçada e ossos quebrados. Nunca teria ido para casa com o sangue da garota sobre o corpo nu.

Roger Pellman não teria feito nada disso se o Titereiro não estivesse se escondendo nos recessos de sua pobre mente deteriorada, alimentando-se das emoções que ali encontrou, manipulando o garoto e amplificando os hormônios adolescentes que destruíam seu corpo. A mente de Roger

era fraca, maleável e aberta; o estupro que o Titereiro praticava nela não era menos brutal do que o ato de Roger contra Andrea.

O Titereiro tinha onze anos. Odiava Andrea, odiava-a com a raiva horrível de uma criança mimada, odiava-a por tê-lo traído e humilhado. O Titereiro era a fantasia de vingança de um garoto infectado pelo vírus Wild Card, um garoto que tinha cometido o erro de confessar para Andrea que gostava dela. Talvez, ele dissesse para a garota mais velha, um dia chegassem até a se casar. Os olhos de Andrea se arregalaram e ela fugiu dele, dando risadinhas. Ele começou a ouvir os sussurros zombeteiros no dia seguinte na escola e soube, enquanto o rubor lhe queimava as bochechas, que ela contara para todos os amigos. Contara para todo mundo.

Quando Roger Pellman tirou a virgindade de Andrea, o Titereiro sentiu uma centelha daquela excitação; estremeceu com o orgasmo de Roger. Quando o garoto golpeou com a pedra o rosto lacrimoso da garota, quando ouviu o estalar abafado dos ossos, o Titereiro arquejou. Ficou tonto com o prazer que corria por ele.

Seguro em seu quarto, a quatrocentos metros de distância.

Sua reação incontrolável àquele primeiro assassinato o assustou ao mesmo tempo em que o atraiu. Pelos meses seguintes, teve medo de usar aquele poder, assustado de perder novamente o controle com tanto entusiasmo. Mas, como em todas as coisas proibidas, a compulsão o coagiu. Nos cinco anos que se seguiram, por diversos motivos, o Titereiro emergiu e matou mais sete vezes.

Ele pensava naquele poder como uma entidade separada dele mesmo. Por baixo dos panos, ele era o Titereiro — um emaranhado de fios pendendo de seus dedos invisíveis, sua coleção de marionetes grotescas dando cambalhotas nas pontas.

TEDDY, JIMMY AINDA NO PÁREO
HARTMANN, JACKSON, UDALL ESPERAM ACORDO

Daily News de Nova York, 14 de julho de 1976

HARTMANN PROMETE DEBATER EM CONVENÇÃO
DIREITOS DOS CURINGAS NA PLATAFORMA

The New York Times, 14 de julho de 1976

O senador Gregg Hartmann saiu do elevador no hall do Aces High. Sua comitiva enfileirou-se no restaurante atrás dele: dois homens do Serviço Secreto, seus assistentes John Werthen e Amy Sorenson e quatro repórteres cujos nomes ele já esquecera no caminho até lá em cima. Foi uma viagem de elevador lotada. Os dois homens de óculos pretos resmungaram quando Gregg insistiu que podiam fazer o trajeto todos juntos.

Hiram Worchester estava lá para receber o grupo. Hiram era uma visão extraordinária por si só, um homem de circunferência impressionante que se movia com leveza e agilidade surpreendentes. Caminhava facilmente a passos largos pela área acarpetada da recepção, sua mão estendida e um sorriso furtivo dentro da barba cheia. A luz do sol poente derramava-se pelas janelas grandes do restaurante e reluzia em sua cabeça calva.

— Senador — disse ele, jovial. — Que bom revê-lo.

— Digo o mesmo, Hiram. — Então Gregg sorriu melancolicamente, balançando a cabeça para a turma atrás dele. — Acredito que conheça John e Amy. O resto desse zoológico terá que se apresentar. Parecem ser empregados permanentes a partir de agora. — Os repórteres riram, os guarda-costas permitiram-se sorrisos pequenos e breves.

Hiram deu um largo sorriso.

— Temo que seja o preço por se candidatar, senador. Mas o senhor parece muito bem, como sempre. O corte desse terno está perfeito.

O homem imenso deu um passo para trás, afastando-se de Gregg, e olhou para ele de cima a baixo, avaliando-o. Então, aproximou-se e baixou a voz de forma conspiratória.

— Você deveria dar a Tachyon umas dicas com relação a trajes. Realmente, o que o bom doutor está vestindo hoje... — Os olhos amendoados se reviraram com pavor fingido, e então Hiram gargalhou. — Mas você não está aqui para me ouvir tagarelando. Sua mesa está pronta.

— Pelo visto, meus convidados já chegaram.

Hiram torceu a boca ao comentário, seu rosto carrancudo.

— Sim. A mulher não é problema, mesmo que beba demais para o meu gosto, mas se o anão não estivesse aqui como seu convidado, eu o teria expulsado. Nem tanto pela *cena* que ele criou, mas é extremamente rude com os ajudantes.

— Vou fazer com que ele se comporte, Hiram.

Gregg balançou a cabeça, correndo os dedos pelos cabelos louro-acinzentados. Gregg Hartmann era um homem de aparência simples e medíocre. Não era nem um dos políticos bonitos e bem-vestidos que pareciam ser a nova safra dos anos 1970, nem era do outro tipo, os rechonchudos e convencidos das antigas. Hiram via Gregg como uma pessoa amigável, objetiva, alguém que se preocupava verdadeiramente com os eleitores e seus problemas. Como presidente do CRISE-A, tinha demonstrado compaixão por aqueles afetados pelo vírus Wild Card. Sob a liderança do senador, diversas leis restritivas relacionadas aos infectados pelo vírus foram atenuadas, riscadas dos anais ou ignoradas de maneira prudente. A Lei de Controle de Poderes Exóticos e o Recrutamento

Especial ainda estavam legalmente em vigor, mas o senador Hartmann proibiu qualquer de seus agentes de executá-los. Hiram frequentemente admirava-se com o tratamento hábil da relação difícil entre o público e os curingas. “Amigo do Bairro dos Curingas” era como a *Time* o chamara em um artigo (acompanhado por uma fotografia de Gregg apertando a mão de Randall, o segurança do Funhouse — a mão de Randall era uma garra de inseto, e no centro da palma havia um agrupamento de olhos úmidos e feios). Para Hiram, o senador era aquele raro Bom Homem, uma anomalia entre os políticos.

Gregg suspirou, e Hiram enxergou o profundo cansaço por trás da fachada de boa temperança do senador.

— Como vai a convenção, senador? — perguntou ele. — Que chances tem a pauta dos Direitos dos Curingas?

— Estou batalhando por ela com todas as minhas forças — respondeu Gregg e olhou para trás, para os repórteres, que observavam a conversa com interesse genuíno. — Descobriremos nos próximos dias, quando tivermos o voto dos delegados.

Hiram percebeu a resignação nos olhos de Hartmann, o que lhe disse tudo o que precisava saber — fracassaria, como todo o resto.

— Senador — falou Hiram —, quando a convenção acabar, espero vê-lo novamente por aqui. Prepararei algo especial apenas para você, para que saiba como apreciamos seu trabalho.

Gregg deu um tapinha leve nas costas de Hiram.

— Com uma condição — disse ele. — Você tem que me garantir que posso ter uma mesa de canto. Só para mim. — O senador riu baixo. Hiram abriu um sorriso em resposta.

— É sua. Agora, para hoje à noite, recomendaria o filé ao vinho tinto... está muito suave. Os aspargos estão extremamente frescos e eu mesmo fiz

o molho. De sobremesa, você precisa provar a mousse de chocolate branco.

As portas do elevador abriram-se atrás deles. Os homens do Serviço Secreto lançaram um olhar cauteloso para as duas mulheres que saíram. Gregg balançou a cabeça e apertou novamente a mão de Hiram.

— Você tem que cuidar dos seus outros clientes, meu amigo. Me ligue quando essa loucura acabar.

— Você vai precisar de um chef para a Casa Branca também.

Gregg riu com vontade daquilo.

— Terá que falar com Carter ou Kennedy sobre isso, Hiram. Sou apenas um dos azarões nesta campanha.

— Então estão ignorando o melhor — respondeu Hiram e se retirou a passos largos.

O Aces High ocupava a torre de observação do Empire State Building. Das janelas imensas, os comensais podiam ter uma vista da ilha de Manhattan. O sol tocava o horizonte além do porto da cidade; a cúpula dourada do Empire State lançava reflexos no aposento. Não era difícil reconhecer o dr. Tachyon no pôr do sol verde e dourado, sentado em sua mesa habitual com uma mulher que Gregg não reconheceu. Hiram estava certo, Gregg percebeu imediatamente — Tachyon vestia um smoking escarlate flamejante adornado com um colarinho de seda verde-esmeralda. Lantejoulas púrpura traçavam padrões grossos nas mangas e nos ombros; ainda bem que as calças estavam escondidas, embora uma faixa de laranja iridescente pudesse ser vista sob o paletó. Gregg acenou, Tachyon cumprimentou-o com a cabeça.

— John, por favor, leve nossos convidados para a mesa e faça as apresentações por mim. Estarei lá em um segundo. Amy, poderia vir comigo? — Gregg costurou seu caminho pelas mesas.

O cabelo de Tachyon, na altura dos ombros, era do mesmo vermelho improvável de seu paletó. Ele correu uma mão delicada pelos cachos quando se levantou para cumprimentar Gregg.

— Senador Hartmann — disse ele. — Gostaria de lhe apresentar Angela Fascetti. Angela, este é o senador Gregg Hartmann e sua assistente, Amy Sorenson; o senador é o homem responsável por grande parte do financiamento da minha clínica.

Após a troca de cumprimentos, Amy pediu licença. Gregg ficou aliviado quando a companheira de Tachyon entendeu a deixa sem qualquer sugestão de Amy e deixou a mesa com ela. Gregg esperou até as duas mulheres estarem a algumas mesas de distância e virou-se para Tachyon.

— Achei que você gostaria de saber que confirmamos a identidade do agente infiltrado em sua clínica, doutor. Suas suspeitas estavam corretas.

Tachyon franziu o cenho, linhas profundas sulcando sua testa.

— KGB?

— Provavelmente — respondeu Gregg. — Mas, desde que soubermos quem é, não poderá fazer mal.

— Ainda o quero fora de lá, senador — insistiu Tachyon educadamente. Ele juntou a palma das mãos diante do rosto e, quando olhou para Gregg, seus olhos lilás estavam cheios de uma dor antiga. — Tive problemas o suficiente com seu governo e com a antiga caça às bruxas. Não quero passar por outra. Sem ofensas, senador, tem sido ótimo trabalhar com você, e muito útil para mim, mas gostaria de manter a clínica totalmente longe da política. Meu desejo é ajudar os curingas, nada mais.

Gregg conseguiu apenas assentir. Resistiu a um impulso de lembrar o doutor de que a política que ele dizia querer evitar também pagara

algumas das contas da clínica. Sua voz estava carregada de simpatia.

— Este é o *meu* interesse também, doutor. Mas se simplesmente mandarmos o homem embora, a KGB terá um novo infiltrado no lugar dele dentro de poucos meses. Temos um novo ás trabalhando conosco. Vou falar com ele.

— Faça o que quiser, senador. Seus métodos não me interessam, desde que a clínica permaneça intacta.

— Cuidarei para que fique.

Do outro lado do salão, Gregg viu Amy e Angela seguirem na direção deles.

— Está aqui para se encontrar com Tom Miller? — perguntou Tachyon, levantando uma sobrancelha. Ele acenou levemente com a cabeça na direção da mesa de Gregg, onde John estava fazendo as apresentações.

— O anão? Sim. Ele...

— Eu o conheço, senador. Suspeito que seja responsável por muitas das mortes e pela violência no Bairro dos Curingas nos últimos meses. É um homem amargo e perigoso.

— Exatamente por isso quero freá-lo.

— Boa sorte — retrucou Tachyon secamente.

CSJ PROMETE VIOLÊNCIA SE PAUTA FOR DERRUBADA

The New York Times, 14 de julho de 1976

Sondra Falin sentiu emoções contraditórias quando Gregg Hartmann se aproximou da mesa. Ela sabia que enfrentaria essa dificuldade naquela noite e, talvez, tivesse bebido mais do que deveria. O álcool queimava em seu estômago. Tom Miller — “Gimli”, como ele preferia ser chamado na CSJ — estava agitado ao seu lado e ela colocou uma mão trêmula em seu antebraço musculoso.

— Tira essas patas de mim — rosnou o anão. — Você não é minha avó, Sondra.

O comentário a atingiu mais do que teria atingido em outra situação. Ela baixou os olhos para as mãos, para a pele seca e com manchas de velhice que pendia flácida sobre os ossos finos, para as articulações inchadas e artríticas. *Ele vai me olhar e sorrir como se não me conhecesse e eu não posso contar.* Seus olhos encheram de lágrimas. Ela as secou bruscamente com as costas das mãos, então virou o copo que estava diante dela. Era um uísque Glenlivet que queimava sua garganta.

O senador sorriu para eles. Seu sorrisinho era mais do que apenas a ferramenta profissional de um político... o rosto de Hartmann era natural e aberto, inspirava confiança.

— Desculpem a minha grosseria em não vir direto para cá — comentou ele. — Queria dizer que estou muito feliz que os senhores tenham concordado em se encontrar comigo. O senhor é Tom Miller? — disse Gregg, virando-se para a figura barbada do anão, a mão estendida.

— Não, sou Warren Beatty e esta aqui é a Cinderela — retrucou Miller, mal-humorado. Sua voz tinha o sotaque fanhoso do Meio-Oeste. — Mostre a ele seu sapatinho, Sondra. — O anão ergueu a cabeça para Hartmann de forma agressiva, ignorando a mão estendida.

A maioria das pessoas teria ignorado o insulto, Sondra sabia. Teria retirado a mão e fingido que nunca havia sido oferecida.

— Conheci o sr. Beatty noite passada em uma festa da *Rolling Stone* — disse o senador. Ele sorriu, sua mão sendo o foco de atenção em torno da mesa. — Consegui até apertar a mão *dele*.

Hartmann esperou. Diante do silêncio, Miller resmungou. Por fim, o anão segurou os dedos de Hartmann com aquela pegada desajeitada. Com o toque, Sondra pensou ver o sorriso de Hartmann esfriar por um

momento, como se o contato o tivesse ferido levemente. Ele logo soltou a mão de Miller. Então sua postura voltou.

— É um prazer conhecê-los — falou Hartmann. Não havia traço de sarcasmo em sua voz, apenas uma cordialidade genuína, um alívio.

Sondra entendia como acabara amando aquele homem. *Não é você que o ama; é apenas a Súcubo. É ela quem Gregg conhece. Para ele, você é apenas uma mulher enrugada discutindo política. Ele nunca vai saber que a Súcubo é a mesma pessoa, não se você quiser mantê-lo. Ele só verá a fantasia que a Súcubo cria para ele. É isso que Miller disse que temos de fazer, e você vai obedecer, não é mesmo?*

Não importa o quanto isso lhe machuque.

Agora era sua vez de apertar a mão de Gregg. Sentiu os dedos tremerem quando se tocaram. Gregg também percebeu, e seu rosto assumiu uma leve expressão de simpatia. Ainda assim, havia apenas curiosidade e interesse em seus olhos azul-acinzentados, nenhum reconhecimento além disso. O humor de Sondra ficou sombrio novamente. *Está se perguntando que coisas horríveis afligem esta senhora. Perguntando-se qual feiura existe dentro de mim, que horrores eu poderia revelar se ele me conhecesse.*

Ela sinalizou, pedindo outro copo de uísque.

Seu humor continuou a piorar durante toda a refeição. O padrão da conversa parecia definido. Hartmann introduzia um tópico e Miller respondia com sarcasmo injustificado e desdém, que o senador, por sua vez, atenuava. Sondra ouvia sem participar. Os outros, em torno da mesa, claro, sentiam a mesma tensão, pois o palco permanecia aberto para os dois atores principais, com os outros inserindo suas contribuições nos momentos adequados. O jantar, apesar da preocupação constante de Hiram, tinha gosto de cinzas na boca da mulher. Sondra bebeu mais,

observando Gregg. Quando a mousse foi colocada de lado e a conversa ficou séria, Sondra estava bem bêbada. Tinha de sacudir a cabeça para clarear as ideias.

— ... preciso que o senhor prometa que não haverá manifestações públicas — Hartmann estava dizendo.

— Merda — retrucou Miller.

Por um momento, Sondra pensou que ele cuspiria. As bochechas amareladas e cheias de cicatrizes sob a barba vermelha de Gimli se incharam e seus olhos maníacos estreitaram-se. Então ele esmurrou a mesa, fazendo os pratos tremerem. Os guarda-costas ficaram tensos em suas cadeiras, os outros em torno da mesa se sobressaltaram com o som.

— É sempre a mesma merda que *todos* vocês, políticos, oferecem — rosnou o anão. — A CSJ tem ouvido isso por anos. Seja bonzinho e aceite tudo que a gente joga uns restos de comida para você. É hora de entrarmos no banquete, Hartmann. Os curingas estão *cansados* de sobras.

A voz de Hartmann, em contraste com a de Miller, era suave e razoável.

— Concordo com o senhor, sr. Miller, sra. Falin. — Gregg balançou a cabeça para Sondra, e ela conseguiu apenas franzir a testa como resposta, sentindo o repuxar das rugas em torno da boca. — Foi exatamente por isso que propus que o Partido Democrata acrescentasse a pauta dos Direitos dos Curingas à plataforma presidencial. É por isso que estou tentando correr atrás de cada voto que conseguir. — Gregg abriu as mãos em um gesto largo. Em outra pessoa, seu discurso poderia ter um tom vazio, falso. Mas as palavras de Gregg estavam cheias de horas longas e cansativas que ele gastou na convenção, e isso lhes conferia verdade. — É por isso que eu peço que tentem manter sua organização calma. Manifestações, especialmente de natureza violenta, vão fazer os

delegados moderados se voltarem contra vocês. Estou pedindo para me darem uma chance, para darem *a vocês mesmos* uma chance. Abandone seu plano de marchar até o Túmulo do Jetboy. Os senhores não têm permissão, a polícia já está sobrecarregada com as multidões na cidade e irá para cima de vocês, caso tentem.

— Então não deixe — disse Sondra. O uísque fez sua voz sair enrolada, e ela sacudiu a cabeça. — Ninguém duvida que você se importa. Então não deixe.

Hartmann fez uma careta.

— Não posso. Eu já aconselhei o prefeito a impedir essas ações, mas ele está irredutível. Marchem e estarão pedindo confronto. Não posso ignorar a violação das leis.

— Rola, cachorrinho — falou Miller, bem devagar, então uivou ruidosamente, lançando a cabeça para trás.

Ao redor deles no salão, os clientes começaram a observá-los. Tachyon espiava-os com raiva evidente, e o rosto preocupado de Hiram surgiu das portas da cozinha. Um dos homens do Serviço Secreto começou a se levantar, mas Gregg acenou para que ele se sentasse.

— Sr. Miller, por favor. Estou tentando ser honesto com os senhores. Existe um limite para o dinheiro e ajuda disponíveis e, se persistirem em antagonizar aqueles que os controlam, vão prejudicar apenas a si mesmos.

— E eu estou dizendo a *você* que a porra da “realidade” está nas ruas do Bairro dos Curingas. Vá até lá e esfregue o nariz na merda, senador. Dê uma olhada nas pobres criaturas perambulando nas ruas, aqueles para os quais o vírus não foi bom o suficiente para matá-los, os mutilados que se arrastam nas calçadas, os cegos, ou aqueles com duas cabeças ou quatro braços. Aqueles que babam enquanto andam, aqueles que se escondem

na escuridão porque o sol os queima, aqueles para quem o mínimo toque significa agonia. — A voz de Miller se elevava, o tom era vibrante e profundo. As pessoas na mesa estavam chocadas. Os repórteres faziam anotações. Sondra também conseguia sentir a força palpitante naquela voz convincente. Vira Miller levantar-se diante de uma multidão zombeteira no Bairro dos Curingas e, em quinze minutos, ela estava ouvindo quieta, concordando com suas palavras, assentindo. Mesmo Gregg se curvou para a frente, vidrado.

Ouçá-o, mas cuidado. A voz dele é a da serpente, hipnotizante, e quando ele o capturar, dará o bote.

— Essa é a sua “realidade” — rosnou Miller. — Sua maldita convenção é apenas um teatro. E eu digo a você agora, senador — sua voz de repente tornou-se um grito —, a CSJ *levará* nossos protestos para as ruas.

— Sr. Miller... — começou Gregg.

— *Gimli!* — gritou Miller, e sua voz saiu estridente, toda a força sumida, como se Miller tivesse esgotado o estoque interno. — *A porra do meu nome é Gimli!* — Ele estava em pé na cadeira. Em outra pessoa, a postura pareceria ridícula, mas ninguém seria capaz de rir dele. — Sou a porra de um *anão*, não um de seus “*senhores*”!

Sondra puxou o braço de Miller. Ele deu de ombros, afastando-a.

— Me deixe em paz. Quero que eles vejam o quanto eu os *odeio*.

— O ódio é inútil — insistiu Gregg. — Ninguém aqui odeia o senhor. Se o senhor soubesse as horas que empenhei pelos curingas, todo o trabalho duro que Amy e John enfrentaram...

— *Vocês não vivem essa merda!* — berrou Miller. Saliva voou de sua boca, respingando a frente do paletó de Gregg. Todos na sala olhavam para eles agora, e os guarda-costas remexeram-se nas cadeiras. Apenas a mão de Gregg os reteve.

— O senhor não consegue ver que somos seus aliados, não inimigos?

— Nenhum dos meus aliados teria uma cara como a sua, senador. Você é normal demais. Quer sentir-se como um dos curingas? Então me deixe ajudá-lo a entender o que é sentirem pena de você.

Antes que qualquer um pudesse reagir, Miller se agachou. Suas pernas grossas e poderosas o lançaram para cima do senador. Seus dedos torceram-se como garras, estendidos para o rosto de Gregg. O senador recuou com as mãos para cima. A boca de Sondra se abriu em um protesto inútil.

Então, de repente, o anão caiu sobre a mesa como se uma mão gigante tivesse o abatido no ar. A mesa curvou-se e rachou sob ele, copos e louças caindo como cascata ao chão. Miller deu um guincho alto, patético, como um animal ferido, quando Hiram, com a fúria fervilhando em seu rosto vermelho, correu pelo salão na direção dele enquanto os homens do Serviço Secreto puxavam em vão os braços de Miller para imobilizá-lo no chão.

— Caramba, o merdinha é *pesado* — murmurou um deles.

— *Fora do meu restaurante!* — trovejou Hiram. Abriu caminho entre os guarda-costas e curvou-se sobre o anão. Ele pegou o homem como se fosse uma pena... Gimli parecia sacudir no ar, leve, sua boca trabalhando em silêncio, seu rosto sangrando com diversos pequenos arranhões. — Você *nunca* mais vai colocar os pés aqui! — rugia Hiram, um dedo gorducho em riste diante dos olhos perplexos do anão. Ele começou a marchar na direção da saída, rebocando o anão como se puxasse um balão de gás e ralhando com ele o tempo todo. — Você insulta meus funcionários, comporta-se de forma abominável, chega a ameaçar o senador que está apenas tentando ajudar. — A voz de Hiram diminuiu quando as portas do hall se fecharam atrás dele, enquanto Hartmann

limpava as lascas de louça de seu paletó e balançava a cabeça para os guarda-costas.

— Solte ele. O homem tem motivos para estar irritado... vocês também estariam, se tivessem de viver no Bairro dos Curingas.

Gregg respirou fundo e balançou a cabeça para Sondra, que olhava chocada na direção do anão.

— Sra. Falin, eu lhe imploro... se a senhora tiver qualquer controle sobre a CSJ e sobre Miller, por favor, segure-os. Estou falando sério. Vocês vão apenas arriscar a própria causa. De verdade. — Ele parecia mais triste que nervoso. Olhou para a destruição em torno dos seus pés e suspirou. — Pobre Hiram. E eu havia prometido a ele.

O álcool que havia consumido deixou Sondra tonta e lenta. Ela assentiu para Gregg e percebeu que todos estavam olhando para ela, esperando que dissesse algo. Ela balançou a cabeça grisalha e encarquilhada.

— Vou tentar — foi tudo que conseguiu murmurar. E, em seguida: — Se me dão licença. — Sondra virou-se e fugiu do salão, seus joelhos artríticos reclamando.

Ela podia sentir o olhar de Gregg sobre suas costas curvadas.

VOTAÇÃO DOS DELEGADOS SOBRE DIREITOS DOS CURINGAS ESTA NOITE

The New York Times, 15 de julho de 1976

CSJ PROMETE MARCHA ATÉ O TÚMULO

Daily News de Nova York, 15 de julho de 1976

Uma área de alta pressão caíra sobre Nova York nos últimos dois dias como uma imensa fera cansada, deixando a cidade excessivamente quente e úmida. O calor era denso e muito poluído, entrava nos pulmões como as doses de Jack Daniels que Sondra derramava na garganta —

com uma ardência amarga. Ela estava diante de um pequeno ventilador empoleirado em sua cômoda, olhando para o espelho. Seu rosto afundava em uma sucessão de rugas, os cabelos secos e grisalhos estavam grudados pelo suor contra um escalpo com manchas amarronzadas, seus seios eram flácidos e caídos, pendendo de seu tórax ossudo. Seu velho penhoar estava escancarado e o suor escorria pelas linhas das costelas. Ela detestava aquela visão. Em desespero, virou-se de volta para o quarto.

Lá fora, na Pitt Street, o Bairro dos Curingas estava despertando na escuridão. Da sua janela, Sondra conseguia vê-los, aqueles sobre quem Gimli sempre falava. Havia o Brilhante, muito visível com o eterno cintilar da sua pele; a Cravo, um agrupamento de pústulas estourando em sua pele como botões abrindo-se lentamente; Pisca, sumindo e aparecendo na escuridão como se iluminado por uma lenta luz estroboscópica. Todos eles buscando algum tipo de conforto. A visão deixou Sondra melancólica. Quando se recostou na parede, seu ombro esbarrou em um porta-retratos barato. A figura era de uma jovem, talvez com doze anos, vestida apenas com uma camisola rendada que escorregava de um ombro para insinuar um lampejo de seios púberes. A foto era claramente sexual — havia uma avidez assombrosa na expressão da menina e certa afinidade às feições corroídas da idosa. Sondra esticou o braço para endireitar o porta-retratos, soluçando. A tinta da parede que era coberta pela fotografia era mais escura que o resto, uma prova de quanto tempo ela estava ali.

Sondra pegou outra dose de Jack Daniels.

Vinte anos. Naquele período, seu corpo envelhecera duas vezes e meia mais rápido. Sondra era a criança na foto, tirada pelo pai em 1956. Ele a estuprara um ano antes, quando seu corpo já mostrava sinais da puberdade, embora ela tivesse nascido cinco anos antes, em 1951.

Passos cuidadosos soaram na escadaria do lado de fora do apartamento e pararam. Sondra franziu a testa. *Hora de se prostituir de novo. Maldita seja você Sondra, por ter deixado Miller convencê-la a fazer isso. Idiota por terminar gostando do homem que deveria estar usando.* Mesmo através da porta ela sentia o pungir leve da ansiedade feromonal do homem, aumentada pelos seus sentimentos por ele. Ela sentiu o corpo ansiando para reagir e baixou a guarda. Fechou os olhos.

Ao menos aproveite a sensação. Ao menos fique feliz que por um breve momento será jovem novamente. Ela sentia as mudanças rápidas em seu corpo, a tensão nos músculos e tendões, dando-lhe uma nova forma. A espinha endireitou-se, óleos cobriram sua pele, abandonando a fragilidade seca. Seus seios se ergueram quando o calor sexual começou a pulsar em suas entranhas. Ela acariciou o pescoço e descobriu que as dobras flácidas tinham desaparecido. Sondra deixou o penhoar cair de seus ombros.

Já. Tão rápido esta noite. Eles eram amantes há seis meses, ela sabia o que encontraria quando abrisse os olhos. Sim... seu corpo era esguio e jovem, com uma faixa de pelos louros na junção das pernas, seus seios pequenos como eram na foto. Aquela aparição, aquela imagem mental do seu amante: era infantil, mas não inocente. *Sempre a mesma, sempre jovem, sempre alva, alguma visão do seu passado, talvez. Uma vagabunda virgem, uma vira-lata.* A ponta do seu dedo esfregou um mamilo, que despontou, intumescendo enquanto ela suspirava com o toque, excitada. Já havia umidade entre suas coxas.

Ele bateu na porta. Ela ouvia sua respiração, um pouco acelerada após subir três lances de escada, e descobriu que estava no mesmo ritmo da dela. Já estava perdida nele. Destrancou a porta, deslizou o trinco. Quando viu que não havia ninguém com ele no corredor, abriu a porta

toda e deixou que ele observasse sua nudez. Ele usava uma máscara — seda azul sobre os olhos e nariz, a boca fina embaixo curvada em um sorriso. Ela o conhecia... A reação do seu corpo bastava.

— Gregg — disse ela, e a voz era a da criança que se tornara. — Fiquei com medo de que você não conseguisse vir hoje.

Ele entrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Sem dizer palavra, beijou-a longa e profundamente, sua língua encontrando a dela, as mãos acariciando o seu corpo. Quando ele finalmente suspirou e afastou-se, ela deitou a cabeça no peito dele.

— Foi um pouco difícil fugir — sussurrou Gregg. — Tive que me esgueirar pelas escadas dos fundos do hotel como um bandido... usando esta máscara... — Ele riu, um som triste. — A votação durou uma eternidade. Meu Deus, mulher, achou que eu te abandonaria?

Ela sorriu com a pergunta e afastou-se dele com passo afetado. Tomando-o pelo braço, guiou a mão de Greg entre suas pernas, suspirando quando o dedo dele entrou em seu calor.

— Estava esperando você, amor.

— Súcubo. — Ele suspirou. Ela riu suavemente, uma risadinha infantil.

— Venha para a cama — sussurrou ela.

Em pé ao lado do colchão surrado, ela afrouxou a gravata dele e desabotoou a camisa, mordendo de leve os mamilos. Então, ajoelhou-se diante dele, desamarrando seus sapatos, tirando as meias antes de desafivelar o cinto e baixar suas calças. Ela olhou para cima, sorrindo, enquanto alisava a curva ascendente do pênis. Os olhos de Gregg estavam fechados. Ela lambeu uma vez, ele gemeu. Greg começou a tirar a máscara e ela o impediu.

— Não, fique com ela — disse, sabendo que era isso que ele desejava ouvir. — Seja misterioso.

A língua dela correu novamente a extensão do pênis e ela o enfiou na boca até ele arfar. Empurrando-o para o colchão e segurando-o delicadamente, ela o provocou até o limite, o desejo dele aumentando o dela até que Sondra se perdeu nas sensações. Ele deu um gemido rouco e afastou-a, virou-a e abriu suas pernas, bruto. Greg meteu nela; investindo, movendo-se, os olhos brilhando por trás da máscara. Seus dedos cravaram-se nas nádegas dela até arrancar um grito. Não era gentil, a excitação dele era um redemoinho na mente dela, uma tempestade vertiginosa de cores, um calor sufocante que abatia os dois. Ela sentia o clímax dele se formando; instintivamente, seguiu naquele jorro escarlate, seus dentes se travando quando as unhas dele se cravavam em sua carne e ele metia nela de novo e de novo e de novo...

Ele gemeu.

Ela sentiu como Greg se esvaía dentro dela, e continuou a se mover sob ele, seu próprio orgasmo vindo pouco depois. O turbilhão começou a arrefecer, as cores desbotaram. Sondra agarrou-se àquela memória, acumulando energia para que pudesse manter aquela forma por mais um tempo.

Ele a olhou por detrás da máscara. Seu olhar percorreu o corpo dela... as marcas em seus seios, os sulcos muito vermelhos feitos por suas unhas.

— Me desculpe — disse ele. — Súcubo, me perdoe.

Ela o puxou para seu lado na cama, sorrindo, pois sabia que ele queria seu sorriso, perdoadando-o, pois sabia que ele precisava ser perdoado. Ela manteve aceso o pavio de excitação para poder permanecer Súcubo.

— Não tem problema — ela o tranquilizou. Curvou-se para beijar o ombro dele, o pescoço, a orelha. — Você não fez de propósito.

Ela olhou seu rosto, esticou o braço por trás da cabeça e soltou o cordão da máscara. A boca de Gregg apertou-se, seus olhos reluziam com

o pedido de desculpas. *Toque-o, sinta o fogo nele. Conforte-o.*

Sua puta.

Aquela era a parte que Sondra detestava, a parte que relembra os anos em que seus pais vendiam seu corpo aos ricos de Nova York. Ela fora Súcubo, a mais famosa e mais cara prostituta da cidade entre 1956 e 1964. Ninguém sabia que ela tinha apenas cinco anos quando começou, que um curinga veio com o ás que ela tirou do baralho do Wild Card. Não, eles só queriam saber que, como Súcubo, ela se tornava o objeto de suas fantasias — homem ou mulher, jovem ou velho, submisso ou dominador. Qualquer corpo ou qualquer formato: uma Pigmaleoa dos sonhos masturbatórios. Um receptáculo. Ninguém sabia ou se importava que a Súcubo inevitavelmente voltaria a ser Sondra, que seu corpo envelhecia tão rapidamente, que Sondra odiava a Súcubo.

Ela jurara, ao fugir do cativeiro de seus pais, doze anos antes, que nunca mais deixaria a Súcubo ser usada — a Súcubo daria prazer apenas àqueles que tivessem pouca chance de encontrar prazer de outra forma.

Maldito Miller. Maldito anão por me envolver nisso. Maldito por me mandar para este homem. Maldita sou eu por gostar tanto de Gregg. E o mais maldito de todos, o vírus que me força a ficar escondida dele. Meu Deus, aquele jantar ontem no Aces High...

Sondra sabia que o carinho que Hartmann afirmava ter por ela era autêntico, e odiava perceber isso. Mas a preocupação dela com os curingas também era autêntica e seu envolvimento com a CSJ era um compromisso sério. Conhecer o governo e, especialmente, o CRISE-A era essencial. Hartmann influenciou os ases que estavam começando a cooperar com as autoridades após muitos anos escondidos: o Sombra, o Terremoto, o Estranho, o Uivador. Com Hartmann, a CSJ conseguiu canalizar dinheiro do governo para os curingas — Sondra descobrira as

menores licitações em diversos contratos governamentais, e eles vazaram a informação para empresas pertencentes a curingas. E mais importante, era porque ela controlava Hartmann que era capaz de impedir que Miller enfim transformasse a CSJ no grupo radical violento que o anão queria. Enquanto conseguisse atrair o senador pelas mãos de Súcubo, podia limitar a ambição de Gimli. Pelo menos, essa era sua esperança — após o fiasco do Aces High, ela não tinha mais certeza. Gimli estivera taciturno e ameaçador no encontro daquela noite.

— Você está cansado, amor — disse ela a Gregg, seguindo a linha onde seu cabelo claro se afundava em um bico de viúva.

— Você acaba comigo — respondeu ele. O sorriso voltou, tímido, e então ela o beijou suavemente nos lábios.

— Você parece distraído. Foi a convenção?

A mão de Súcubo deslizava pelo corpo de Gregg, pela barriga que a idade começava a amolecer. Ela acariciou o meio das coxas dele, usando as energias de Súcubo para relaxá-lo, deixá-lo tranquilo. Gregg estava sempre tenso, e também havia aquela muralha em sua mente que ele nunca derrubava, um bloqueio mental fraco que seria inútil contra a maioria dos ases que ela conhecia. Duvidava que Gregg sequer percebesse que o bloqueio existia, que ele também havia sido tocado, mesmo que de maneira suave, pelo vírus.

Ela sentiu o desejo dele começar a ressurgir.

— Não foi muito boa — admitiu Greg, abraçando-a. — O voto não teve chance, não com todos os moderados contra ele... todos eles têm medo de um levante dos conservadores. Se Reagan conseguir tirar a indicação de Ford, estaremos perdidos. Carter e Kennedy foram totalmente contra a pauta... nenhum dos dois quis se comprometer apoiando causas que não

conheciam bem. Como os favoritos da corrida, não ter o suporte deles foi um golpe duro. — Gregg suspirou. — Não chegamos nem perto, Súcubo.

As palavras pareceram cobrir sua mente com gelo, e ela precisou lutar para se manter na forma de Súcubo. Naquele instante, os rumores já teriam se espalhado pelo Bairro dos Curingas. Gimli já devia estar a par; ele organizaria uma marcha para o dia seguinte.

— Você não pode reapresentar a pauta?

— Não agora. — Ele tocou os seios de Súcubo, circulando as aréolas com o indicador. — Súcubo, você não sabe como eu quis te ver depois de tudo isso. Foi uma noite muito longa e frustrante.

Gregg virou-se para ela, que se acomodou confortavelmente ao corpo dele, embora sua mente estivesse a mil.

Refletindo, ela quase não escutou ele falar:

— ... se a CSJ insistir, as coisas vão ficar bem feias.

Ela parou de acariciá-lo.

— É mesmo?

Mas já era tarde demais. Já sentia o aumento da excitação dele. As mãos de Greg fecharam-se nas dela.

— Sinta — disse ele.

A rigidez dele pulsava contra a coxa dela. Novamente, ela começou a mergulhar nele, indefesa. A concentração a abandonou. Ele a beijou, e sua boca queimava, ela montou no corpo de Gregg, guiando-o para dentro dela mais uma vez. Lá dentro, aprisionada, Sondra recriminava Súcubo. *Maldita, ele estava falando da CSJ.*

Depois, exausto, Gregg falou muito pouco. Ela teve que convencê-lo a ir embora antes de sua forma se deteriorar e ela voltar a ser uma velha.

SENADOR ALERTA SOBRE CONSEQUÊNCIAS, PREFEITO PROMETE AÇÃO

The New York Times, 16 de julho de 1976

CONVENÇÃO PODE ELEGER O AZARÃO

Daily News de Nova York, 16 de julho de 1976

— MAS QUE SACO! LEVE ISSO PARA LÁ. SE NÃO CONSEGUE ANDAR, VÁ ATÉ O CARRINHO DO GARGÂNTUA. OLHA, EU SEI QUE ELE É BURRO, MAS PELO MENOS CONSEGUE EMPURRAR A PORRA DE UM CARRINHO, PELO AMOR DE DEUS.

Gimli organizava os curingas de cima da carroceria de uma picape Chevy enferrujada, balançando seus braços curtos freneticamente, seu rosto corado com o esforço dos gritos, suor pingando da barba. Eles estavam reunidos no parque Roosevelt, próximo à Grand Street, o sol cozinando Nova York em um céu sem nuvens, a temperatura do início da manhã já passando dos vinte e seis graus e caminhando para mais de trinta e cinco. A sombra das poucas árvores não aliviava a sensação de abafamento. Sondra mal conseguia respirar. Sentia a idade a cada passo na direção da picape e de Gimli, manchas escuras de transpiração sob os braços de seu vestido de verão.

— Gimli? — disse ela, e sua voz soou rouca e falhante.

— NÃO, IDIOTA! LEVE PARA LÁ, ATÉ ONDE ESTÁ A CRAVO! Oi, Sondra. Está pronta para a passeata? Você poderia ser útil para manter a retaguarda do grupo organizada. Vou te dar o carrinho do Gargântua e os aleijados... assim você vai ter como ficar longe das multidões, e pode manter os que estão na frente andando. Preciso de alguém que fique de olho para que o Gargântua não faça nada muito idiota. Você está com o trajeto? Vamos descer a Grand para a Broadway e então passar pelo Túmulo em Fulton...

— Gimli — insistiu Sondra.

— *Que foi*, porra?

Miller pôs a mão na cintura. Usava apenas short estampado, expondo o peito forte e as pernas e os braços musculosos, curtos e grossos, tudo

generosamente coberto com pelos enrolados castanho-avermelhados. Sua voz grave era um grunhido.

— Dizem que a polícia está se reunindo perto dos portões do parque e montando barricadas. — Sondra encarou Miller, acusadora. — Falei que teríamos problema para sair daqui.

— É. Merda. Foda-se, vamos de qualquer jeito.

— Eles não vão deixar. Lembra o que Hartmann disse no Aces High? Lembra o que eu te disse que ele mencionou na noite passada? — A velha cruzou os braços ossudos sobre a frente puída do vestido. — Você vai destruir a CSJ se arranjar uma briga aqui...

— Que é que tem, Sondra? Você chupa o pau do cara e engole toda essa porcaria política também? — Miller riu e pulou da picape para a grama ressecada. Ao redor deles, de duzentos a trezentos curingas se arrastavam próximo da entrada do parque, na Grand Street. Miller franziu o cenho diante do olhar irritado de Sondra e enterrou os dedos dos pés descalços na terra. — Tudo bem. Vou dar uma checada nisso, se te incomoda tanto.

No portão de ferro forjado, eles conseguiam ver a polícia levantando as barricadas de madeira diante do caminho pretendido. Diversos curingas vieram ao encontro de Sondra e Miller quando eles se aproximaram.

— Você vai adiante, Gimli? — perguntou um deles.

O curinga não usava roupas, seu corpo era duro, coberto de cascas, e seu caminhar era coxeado, claudicante, seus membros rígidos.

— Já te falo, tudo bem, Amendoim? — respondeu Gimli. Ele estreitou os olhos para enxergar mais longe, seus corpos lançando longas sombras na rua. — Cassetetes, equipamento de tropa de choque, gás lacrimogêneo, canhão d'água. Esses filhos da puta estão equipados.

— Exatamente o que queremos, Gimli — respondeu Amendoim.

— Vamos perder gente. Eles vão se machucar, talvez até morrer. Alguns deles nem conseguem carregar porretes, você sabe. Alguns podem ter reação com o gás lacrimogêneo — disse Sondra.

— Alguns podem tropeçar na merda dos próprios pés também. — A voz de Gimli retumbava. Mais à frente, na rua, diversos policiais olhavam para eles, apontando. — Desde quando você decidiu que a revolução é tão perigosa, Sondra?

— Quando você decidiu que tínhamos que machucar os nossos para conseguir o que você quer?

Gimli a encarou de volta, uma mão protegendo os olhos do sol.

— Não é o que *eu* quero — falou ele lentamente. — É o justo. Você mesma disse isso.

Sondra fechou a boca, rugas surgindo em torno de seu queixo. Afastou para trás uma mecha de cabelo grisalho.

— Nunca quis que acontecesse desse jeito.

— Mas está acontecendo. — Gimli respirou bem fundo e então urrou para os curingas que aguardavam. — TUDO BEM. VOCÊS SABEM O QUE FAZER... SIGAM EM FRENTE, NÃO IMPORTA O QUE ACONTECER. ENCHARQUEM SEUS LENÇOS. FIQUEM NAS FILEIRAS ATÉ CHEGARMOS AO TÚMULO. AJUDEM SEUS COMPANHEIROS SE ELES PRECISAREM. MUITO BEM, VAMOS LÁ!

O poder estava em sua voz novamente. Sondra ouviu e viu a reação dos outros, o entusiasmo repentino, as reações alvoraçadas. Mesmo a velocidade de sua própria respiração aumentou ao ouvi-lo. Gimli fez um aceno com a cabeça para Sondra, um brilho zombeteiro em seus olhos.

— Vem com a gente ou vai trepar com alguém?

— Isso é um erro — insistiu Sondra.

Ela suspirou, puxando o colarinho do vestido e olhando para os outros, que a encaravam. Não tinha o apoio deles, nem de Amendoim, nem do Charmoso, nem do Zona ou do Calvin, nem do Memória... nenhum

daqueles que às vezes a defendiam durante as reuniões. Sabia que, se não fosse agora, qualquer esperança de impedir Miller estaria perdida. De relance, ela olhou para trás, na direção do parque, para os grupos de curingas amontoando-se e formando uma fila tosca, os rostos apreensivos, mas também decididos. Sondra deu de ombros.

— Eu vou — disse ela.

— Fico *tão* feliz — falou Gimli, bufando seu escárnio.

TRÊS MORTOS E MUITOS FERIDOS NA REVOLTA DOS CURINGAS

The New York Times, 17 de julho de 1976

Não foi bonito, nem fácil. O comitê de planejamento do Departamento de Polícia de Nova York fez uma enxurrada de observações que supostamente cobririam a maioria das eventualidades caso os curingas *decidissem* marchar. Aqueles que estavam no comando da operação rapidamente descobriram que esse plano prévio era inútil.

Os curingas saíram em massa do parque Roosevelt e entraram na larga calçada da Grand Street. O que, em si, não era um problema — a polícia havia bloqueado o tráfego em todos os cruzamentos próximo ao parque assim que os relatórios da concentração chegaram. As barricadas ficavam diante da rua, a menos de cinquenta metros da entrada. Esperava-se que os organizadores da marcha simplesmente falhassem em montar uma manifestação ou, ao se depararem com as filas de policiais uniformizados com equipamentos de tropa de choque, voltassem para o parque, onde oficiais montados poderiam dispersá-los. Os policiais mantinham seus cassetetes nas mãos, mas a maioria esperava não usá-los — afinal de contas eram curingas, não ases. Eram aleijados, doentes, aqueles que ficaram tortos e deformados: a escória inútil do vírus.

Eles foram na direção das barricadas e uns poucos homens nas primeiras fileiras da polícia balançaram a cabeça abertamente. Um anão os liderava — Tom Miller, o ativista da CSJ. Os outros seriam risíveis, se não fossem tão dignos de pena. A lixeira do Bairro dos Curingas se abriu e esvaziou-se nas ruas. Não eram habitantes conhecidos do Bairro: Tachyon, Crisálida ou outros como eles. Aqueles eram figuras tristes que se moviam na escuridão, que escondiam o rosto e nunca emergiam das ruas daquele distrito. Eles saíram de lá incitados por Miller, com a esperança de que poderiam, com todo o seu horror, fazer com que a Convenção dos Democratas apoiasse sua causa.

Era um desfile digno de um show de aberrações de circo.

Mais tarde, os oficiais disseram que nenhum deles de fato queria que aquele confronto ficasse violento. Estavam preparados para usar o mínimo de força possível para manter os manifestantes longe das ruas do centro de Manhattan. Quando as fileiras dianteiras dos curingas chegassem às barricadas, deveriam rapidamente prender Miller e dispersar os outros. Ninguém pensou que seria difícil.

Em retrospecto, perguntaram-se como puderam ser tão idiotas.

Quando os manifestantes se aproximaram da barreira de cavaletes atrás da qual a polícia esperava, desaceleraram. Por longos segundos, nada aconteceu, os curingas fizeram uma parada silenciosa e perturbadora no meio da rua. O mormaço que refletia da calçada brilhava nos rostos suados, os uniformes da polícia estavam úmidos. Miller se irritou com aquela indecisão, então gesticulou para que as pessoas atrás dele avançassem. O próprio anão empurrou de lado o primeiro cavalete. O resto seguiu.

A tropa de choque formou uma falange, juntando seus escudos plásticos. Os manifestantes atingiram os escudos, os policiais

empurraram para trás, e a linha dos manifestantes começou a se arquear, encurvando-se em si. Os que estavam atrás empurravam, rompendo as linhas frontais de curingas contra a polícia. Mesmo assim, a situação poderia ter sido administrável, uma bomba de gás lacrimogêneo poderia confundir os curingas o suficiente para mandá-los correndo de volta à relativa segurança do parque. O capitão encarregado assentiu com a cabeça, e um dos policiais se ajoelhou para lançar a bomba.

Alguém gritou na multidão. Então, como pinos de boliche se espalhando, a primeira linha da tropa de choque foi abaixo, como se algum tornado em miniatura a tivesse dizimado.

— *Meu Deus!* — gritou um dos policiais. — Que merda é...

Os cassetetes da polícia estavam a postos agora. Quando os curingas atingiram as linhas, eles começaram a ser usados. Um rugido baixo começou entre os prédios altos e alinhados da Grand Street, o som do caos à solta. Os guardas golpeavam com os cassetetes enquanto curingas apavorados começavam a revidar, batendo com os punhos ou com o que tivessem à mão. O curinga com poder de telecinesia lançava pessoas para todos os lados, sem qualquer controle, curingas e policiais e espectadores, todos foram arremessados aleatoriamente para rolar pelas ruas ou chocar-se contra os prédios. Projéteis de gás lacrimogêneo caíam e explodiam, soltando uma névoa crescente, piorando a confusão. Gargântua, um curinga monstruoso com uma cabeça comicamente pequena, avançava com seu corpo imenso, gemendo enquanto o gás ardente o cegava. Empurrando um carrinho de madeira com vários curingas com problemas de locomoção, o gigante infantil enfureceu-se, o carrinho adernando à sua frente com os passageiros agarrando-se em desespero às laterais. Gargântua não tinha ideia de para onde ir, corria porque não conseguia pensar em nada melhor a fazer. Quando encontrou

a fila de policiais reerguida, esmurrou freneticamente os cassetetes que o acertavam. Uma pancada daquele punho desajeitado e imenso foi responsável por uma das mortes.

Por uma hora, a batalha disforme arrastou-se por alguns quarteirões desde a entrada do parque. Os feridos caíam nas ruas e as sirenes gemiam, ecoando. As coisas só se acalmaram no meio da tarde. A marcha fora interrompida, mas com alto preço para todos os envolvidos.

Naquela noite longa e quente, os policiais que patrulhavam o Bairro dos Curingas tiveram suas viaturas atingidas com pedras e lixo, e as sombras fantasmagóricas dos curingas moviam-se pelas ruas laterais e becos: lampejos de rostos distorcidos pelo ódio e punhos erguidos, xingamentos inúteis, frustrados. Na escuridão úmida, os moradores do Bairro curvavam-se nas escadas de incêndio e nas janelas abertas dos apartamentos para lançarem garrafas vazias, vasos de flores, lixo; esmurravam o teto dos veículos da polícia ou estilhaçavam os para-brisas. Os policiais, por precaução, ficavam dentro dos carros, janelas e portas trancadas. Incêndios foram provocados em alguns prédios desertos, e as equipes de bombeiros que atendiam às chamadas foram atacadas a partir das sombras das casas próximas.

A manhã chegou em uma atmosfera esfumaçada, em um véu de calor.

Em 1962, o Titereiro chegou à cidade de Nova York e encontrou seu nirvana nas ruas do Bairro dos Curingas. Havia todo o ódio, raiva e aflição que ele podia desejar, havia mentes deformadas e afligidas pelo vírus, havia emoções já maduras e aquelas esperando para serem modeladas segundo suas intrusões. As ruelas, os becos obscuros, os prédios onde pululavam os deformados, os inúmeros bares e casas noturnas servindo a todos os tipos de gostos pervertidos, vis: o Bairro dos

Curingas era uma fonte imensa de potencial para ele, e então começou a se banquetear, primeiro aos poucos, e depois com mais frequência. O Bairro dos Curingas era seu. O Titereiro via-se como o senhor sinistro e oculto do distrito. Não podia forçar nenhuma de suas marionetes a fazer algo que fosse contra sua vontade, seu poder não era tão forte. Não, precisava de uma semente já plantada na mente: uma tendência à violência, um ódio, um desejo... então conseguia pousar sua mão mental naquela emoção e alimentá-la, até a paixão romper todos os controles e inundar. Aqueles sentimentos brilhavam em tons de vermelho. O Titereiro conseguia vê-los até enquanto se alimentava deles. Até enquanto os levava para a própria mente e sentia a lenta formação de um calor que tinha intensidade sexual; enquanto a explosão pulsante e reluzente do orgasmo chegava quando a marionete estuprava, assassinava ou mutilava.

Dor era prazer. Poder era prazer.

O Bairro dos Curingas era onde o prazer sempre podia ser encontrado.

HARTMANN PEDE CALMA

PREFEITO DIZ QUE MANIFESTANTES SERÃO PUNIDOS

Daily News de Nova York, 17 de julho de 1976

John Werthen entrou no quarto de hotel de Hartmann pela porta de conexão da suíte.

— Você não vai gostar disso, Gregg — disse ele.

Gregg estava deitado na cama, o casaco do paletó jogado de forma negligente sobre a cabeceira, as mãos sob a cabeça enquanto assistia a Cronkite falar sobre a convenção que chegara a um impasse. Gregg virou a cabeça na direção do assistente.

— Que foi agora, John?

— Amy ligou do escritório em Washington. Como você sugeriu, nós entregamos o problema de infiltração soviética de Tachyon ao Sombra. Acabamos de saber que o infiltrado foi descoberto no Bairro dos Curingas. Foi estrangulado em um poste e encontrado com um bilhete pregado no peito; pregado *através* do peito, Gregg. Ele estava totalmente nu. O bilhete descrevia o plano soviético, como eles infectavam “voluntários” com o vírus em uma tentativa de conseguir os próprios ases, e como simplesmente matavam os curingas que surgiam. O bilhete identificava o pobre coitado como agente. E é isso: o legista não acha que ele estava consciente durante a maior parte das coisas que os curingas fizeram com ele, mas encontrou pedaços do rapaz por três quarteirões.

— Meu Deus — murmurou Gregg, e deu um grande suspiro.

Por um longo minuto, ficou apenas deitado enquanto a voz potente de Cronkite seguia monótona sobre o voto final na plataforma e o impasse óbvio entre Carter e Kennedy para a nomeação.

— Alguém falou com o Sombra desde então?

John deu de ombros, soltou a gravata e abriu o botão do colarinho da camisa elegante da Brooks Brothers.

— Ainda não. Ele vai dizer que *ele* não fez nada, você sabe, e de certa forma está certo.

— Calma lá, John — retrucou Gregg. — Ele sabia muito bem o que aconteceria se amarrasse o cara com aquele bilhete nele. Ele é um desses ases que pensam que podem fazer as coisas do jeito deles, sem se preocupar com as leis. Ligue para o Sombra, preciso falar com ele. Se ele não pode trabalhar do nosso jeito, então não pode trabalhar conosco... Ele é muito perigoso. — Gregg deu outro suspiro e pôs as pernas para fora da cama, coçando o pescoço em seguida. — Algo mais? E a CSJ? Conseguiu encontrar o Miller?

— Nada ainda. Estão correndo boatos de que os curingas vão marchar hoje de novo... mesmo trajeto e tudo o mais, direto até a prefeitura. Espero que ele não seja idiota a esse ponto.

— Ele vai marchar — previu Gregg. — O sujeito quer estar sob os holofotes. Ele acha que é poderoso. Ele vai marchar.

O senador levantou-se e curvou-se em frente ao aparelho de TV. Cronkite ficou em silêncio no meio de uma frase. Gregg olhou pela janela. De seu posto privilegiado no Marriott's Essex House, via a imensa faixa verde do Central Park presa entre as torres da cidade. O ar estava estagnado, imóvel, e a neblina de poluição escondia os domínios mais avançados do parque. Gregg sentia o calor mesmo com o ar-condicionado ligado. Lá fora devia estar sufocante de novo. Nos aglomerados do Bairro dos Curingas, o dia seria insuportável, deixando os pavios ainda mais curtos.

— Sim, ele vai marchar — repetiu Gregg, baixo o suficiente para John não o ouvir. — Vamos para o Bairro dos Curingas — falou, se voltando para o quarto.

— E a convenção? — perguntou John.

— Não vão resolver nada por dias. Ela não importa no momento. Vamos chamar o resto da turma e partir logo.

CURINGAS! VOCÊS SÃO TRATADOS COMO CARTAS FORA DO BARALHO!

— de um panfleto entregue por membros da CSJ na manifestação de 18 de julho

Gimli clamava às multidões sob o sol radiante do meio-dia. Após a noite de caos no Bairro dos Curingas, o prefeito destacou a força policial em turnos duplos e cancelou todas as folgas. O governador deixou a Guarda Nacional em alerta. Patrulhas rondavam as fronteiras do distrito

do Bairro dos Curingas e um toque de recolher foi imposto para a noite seguinte. Os rumores de que a CSJ faria uma nova manifestação até o Túmulo do Jetboy espalharam-se rapidamente pelo Bairro na noite anterior e, pela manhã, o parque Roosevelt estava fervilhando de atividade. A polícia manteve-se distante após as duas tentativas fracassadas de varrer os curingas do parque terem resultado em cabeças quebradas e cinco policiais feridos. Simplesmente havia mais curingas dispostos a marchar com a CSJ do que o previsto pelas autoridades. As barricadas foram montadas novamente na Grand Street, e o prefeito fez um longo discurso aos curingas reunidos por um megafone. Recebeu apenas deboches daqueles que estavam nos portões.

Do estrado vacilante que eles ergueram, Sondra ouvia Gimli, enquanto a voz forte do anão incitava os curingas em sua ferocidade.

— VOCÊS FORAM HUMILHADOS, CUSPIDOS, INSULTADOS COMO NINGUÉM MAIS NA HISTÓRIA! — exclamava ele, e os outros gritavam sua aprovação. O rosto de Gimli estava extasiado, brilhante de suor, os fios grossos da barba escuros pelo suor. — VOCÊS SÃO OS NOVOS CRIoulos, CURINGAS. VOCÊS SÃO OS NOVOS ESCRAVIZADOS, AQUELES QUE IMPLORAM PARA SEREM LIBERTADOS DE UM CATIVEIRO TÃO RUIM QUANTO O DOS NEGROS. CRIoulos. JUDEUS. COMUNISTAS. PARA ESTA CIDADE, PARA ESTE PAÍS É ISSO QUE VOCÊS SÃO! — Gimli apontou um braço na direção das defesas de Nova York. — ELES QUEREM QUE VOCÊS FIQUEM NO SEU GUETO, QUEREM QUE VOCÊS MORRAM DE FOME. QUEREM QUE VOCÊS SEJAM MANTIDOS NO SEU LUGAR PARA QUE POSSAM TER PENA DE VOCÊS, ASSIM PODEM DIRIGIR PELAS RUAS DO BAIRRO DOS CURINGAS EM SEUS CADILLACS E LIMUSINES E OLHAR PELAS JANELAS PARA DIZER: “MEU DEUS, COMO PESSOAS PODEM VIVER ASSIM?”.

A última palavra foi um rugido que ecoou pelo parque, todos os curingas erguendo brados com Gimli. Sondra olhou para a massa de pessoas que manchava a grama sob o sol incandescente.

Todos os curingas tinham vindo, jorrando das ruas do Bairro. Gargântua estava lá, seu corpo imenso cheio de curativos. Cravo, Pisca,

Carmen, seguidos por cinco mil ou mais como eles. Sondra sentia a empolgação pulsando durante o discurso de Gimli, sua amargura correndo como veneno no ar, infectando a todos. *Não, ela queria dizer. Não, vocês não podem dar ouvidos a ele. Por favor. Sim, as palavras dele são cheias de energia e brilho; sim, ele faz vocês levantarem os punhos e brandi-los ao céu enquanto marcham com ele. Ainda assim, não conseguem ver que a solução não é esta? Isso não é a revolução. É apenas a loucura de um homem.* As palavras ecoavam em sua mente, mas ela não era capaz de pronunciá-las. Gimli a enredou junto com os outros em seu feitiço. Sentia a curva de um sorriso nos lábios rachados, e em torno dela os outros membros do grupo gritavam. Gimli parou na frente do palanque, seus braços abertos enquanto os urros ficavam cada vez mais altos, e um grito de protesto começou a surgir da imensa garganta da multidão.

— *Direitos dos Curingas! Direitos dos Curingas!*

A batida martelava as fileiras dos policiais a postos, a multidão inevitável de observadores e os repórteres.

— *Direitos dos Curingas! Direitos dos Curingas!*

Sondra ouviu a si mesma repetindo a frase com os outros.

Gimli saltou do palanque e começou a liderá-los na direção dos portões. A multidão passou a mover-se sem direção certa. Derramaram-se dos portões do parque Roosevelt para as ruas paralelas. Gritavam insultos para a fileira de policiais a postos. Sondra via as luzes das viaturas piscando, sentia o rumor dos caminhões com canhão d'água. Aquele rugido estranho e indefinível que ouviu um dia antes surgia novamente, mais alto ainda do que os gritos contínuos dos manifestantes. Sondra hesitou, sem saber o que fazer. Então correu até Gimli, suas pernas latejando.

— Gimli — ela começou, mas sabia que o apelo era inútil.

O rosto dele tinha um olhar malicioso de satisfação, pois os manifestantes saíam aos montes do parque para a rua. Sondra virou os olhos para a barricada onde a fileira de policiais aguardava.

Gregg estava lá.

Estava na frente das barricadas, diversos oficiais e os homens do Serviço Secreto com ele. Mangas de camisa enroladas, colarinho aberto e gravata solta, parecia esgotado. Por um momento, Sondra pensou que Miller passaria marchando pelo senador, mas o anão parou a alguns metros do político — os manifestantes fizeram uma parada súbita e inquieta atrás dele.

— Saia da porra do caminho, senador — insistiu Gimli. — Saia do caminho ou vamos esmagá-lo com todos os seus guardas imbecis e repórteres.

— Miller, esta não é a solução.

— Não *existe* outra solução e cansei de falar disso.

— Por favor, deixe-me falar por alguns minutos. — Gregg esperou, olhando de Gimli para Sondra, para os outros da CSJ na multidão. — Sei que vocês estão furiosos com o que aconteceu na pauta dos Direitos dos Curingas. Sei que os curingas foram tratados de maneira deplorável no passado. Mas, caramba, as coisas estão mudando. Odeio pedir para que tenham paciência, mas é o que precisamos ter.

— O tempo esgotou, senador — disse Miller. Sua boca se abriu em um sorriso sarcástico, as coroas dos seus dentes eram escuras e esburacadas.

— Se for adiante, vai acontecer um tumulto. Se você voltar ao parque, posso impedir que a polícia interfira além do que já fez.

— E de que bosta isso nos serviria, senador? Queremos fazer uma manifestação até o Túmulo do Jetboy, é nosso direito. Queremos subir naqueles degraus e falar sobre trinta anos de dor e tormento do nosso

povo. Queremos orar por aqueles que morreram e deixar que as pessoas nos vejam para saber como foram sortudos os que morreram. É só isso... Pedimos os direitos que qualquer outra pessoa normal tem.

— Vocês podem fazer tudo isso no parque Roosevelt. Todo mundo da imprensa nacional, todas as redes de televisão cobrirão, isso eu também garanto.

— É tudo o que o senhor tem para negociar, senador? Não é muito.

Gregg balançou a cabeça.

— Eu sei e peço desculpas por isso. Tudo que posso dizer é que, se você voltar com seu povo para o parque, farei o que estiver ao meu alcance por todos vocês. — Gregg estendeu as mãos. — É tudo que posso oferecer. Por favor, me diga que é suficiente.

Sondra observava o rosto de Miller. O alarido e os gritos de palavras de ordem continuavam atrás deles. Ela pensou que o anão riria, caçoaria de Gregg e abriria caminho para passar as barricadas. O anão arrastou os pés no concreto, coçou os pelos do peito largo. Encarava Gregg com fúria, ódio em seus olhos fundos.

E então, por algum motivo, deu um passo atrás. Gimli baixou os olhos e a tensão na rua pareceu se dissolver.

— Tudo bem — disse ele. Sondra quase riu. Houve protestos espantados dos outros, mas Gimli virou-se para eles como um urso irado. — Que merda, vocês me ouviram. Vamos dar uma chance ao homem... um dia, nada mais. Não vai custar nada esperar mais um dia.

Com uma imprecisão, Gimli abriu caminho na multidão aos empurrões, voltando para os portões do parque. Lentamente, os outros viraram-se para segui-lo. O grito de protesto recomeçou, sem entusiasmo, e então morreu.

Sondra fitou Gregg por bastante tempo, e então ele sorriu para ela.

— Obrigado — disse Gregg em uma voz baixa, cansada. — Obrigado por me dar uma chance.

Sondra concordou com a cabeça. Não conseguia falar com ele, tinha medo de tentar abraçá-lo, beijá-lo. *Você é apenas uma velha qualquer para ele, Sondra. Uma curinga como todo o resto.*

Como fez aquilo?, ela quis perguntar. *Como fez com que ele te ouvisse, se ele nunca me ouve?*

Ela não conseguia proferir as perguntas, não com aquela boca de velha, não com aquela voz de idosa.

Suspirando, mancando com os joelhos inchados, ela começou a percorrer o caminho de volta.

HARTMANN DESARMA TUMULTO
CONVERSA COM LÍDER DA CSJ PRORROGA MANIFESTAÇÃO

The New York Times, 18 de julho de 1976, edição especial

CAOS NO BAIRRO DOS CURINGAS

Daily News de Nova York, 19 de julho de 1976

A manifestação da CSJ voltou ao parque Roosevelt. Durante o resto do dia sufocante, Gimli, Sondra e os outros fizeram discursos. O próprio Tachyon apareceu a fim de discursar para a multidão à tarde, e havia uma atmosfera estranha de festival naquela reunião. Os curingas sentaram-se nos outeiros gramados do parque, cantando ou conversando. Comida de piquenique foi dividida com os mais próximos, bebidas eram entornadas e oferecidas. A maconha rolava de mão em mão. Em certo sentido, a manifestação transformou-se em uma celebração espontânea do “ser curinga”. Mesmo o mais deformado dos curingas caminhava livremente. As célebres máscaras, as fachadas anônimas por trás das quais muitos

dos moradores do Bairro dos Curingas estavam acostumados a se esconder, foram deixadas de lado por um tempo.

Para a maioria, foi uma bela tarde, algo para aliviar as mentes do calor, da pobreza de sua existência... dividir a vida com seus companheiros e, se seus problemas pareciam assoladores, havia sempre alguém a mais para quem olhar ou com quem conversar a fim de talvez fazer você sentir que, no fim das contas, as coisas não eram tão horríveis assim.

Após uma manhã que parecia condenada à violência e à destruição, o dia tornou-se tranquilo e otimista. O clima era de alegria, como se a maré tivesse acalmado e a escuridão tivesse sido deixada para trás. O sol não parecia mais tão opressivo. O humor de Sondra melhorou muito. Ela sorria, brincava com Gimli, abraçava, cantava e gargalhava com o resto do pessoal.

A noite trouxe a realidade.

As sombras profundas dos arranha-céus de Manhattan deslizaram sobre o parque e fundiram-se. O céu tomou uma tonalidade azul-marinho e em seguida estabilizou-se, quando o reluzir celeste das luzes da cidade impediu a escuridão total, deixando o parque em uma penumbra nebulosa. A cidade irradiava o calor do dia de volta para o crepúsculo, não havia alívio, e o ar estava imóvel como a morte. A noite parecia ainda mais opressora do que o dia.

Mais tarde, o chefe de polícia colocaria a culpa no prefeito. O prefeito, por sua vez, colocaria a culpa no governador, cujo gabinete afirmaria que nenhuma ordem se originou de lá. Ninguém parecia ter certeza sobre quem exatamente ordenara a ação. E, mais tarde, simplesmente não fez diferença — a noite do dia 18 explodiu em violência.

Com um grito e um ressoar de megafone, teve início a insanidade.

A polícia montada, seguida pelas fileiras que empunhavam cassetetes, começou a varrer o parque de sul a norte, enxotando os curingas para Delancey e, de lá, de volta ao Bairro dos Curingas. Os curingas, desorientados e confusos pelo ataque inesperado, e instigados pelo frenético Gimli, resistiram. Sucedeu-se uma batalha de cassetetes voadores, dificultada pela escuridão do parque. Para a polícia, qualquer um sem uniforme era alvo. Percorriam o parque, batendo em qualquer um a quem pudessem tocar. Gritos e lamentos cortavam a noite. A tentativa de Gimli de organizar a resistência rompeu-se logo, e pequenos grupos de curingas foram arrebanhados para as ruas e espancados ou atacados com spray de pimenta. Aqueles que caíam eram pisoteados. Sondra viu-se em uma dessas multidões. Ofegante, tentando manter o equilíbrio na fuga apressada, mãos sobre a cabeça para proteger-se dos cassetetes, ela conseguiu encontrar segurança temporária em um beco no fim da Stanton Street. De lá, assistiu como a violência espalhou-se para fora do parque, adentrando as ruas.

Pequenas cenas deslocavam-se diante dela.

Um câmara da CBS estava filmando quando uma dúzia de policiais em motocicletas empurraram um grupo de curingas na direção de um gradeado que protegia a rampa de uma garagem subterrânea diante da rua onde Sondra estava. Os curingas corriam, alguns deles pularam sobre o gradeado. Brilhante estava entre eles, iluminando a cena com o brilho fosforescente de sua pele, triste alvo incapaz de se esconder da polícia. Ele saltou sobre as grades em desespero, precipitando-se em um fosso de mais de dois metros de profundidade. A polícia viu o câmara — um deles gritou:

— Pega a porra da câmara!

E as motos correram em volta com um rosnar gutural, os faróis reluzindo pelos prédios. O câmara tentou fugir deles, ainda filmando. Um cassete investiu quando a polícia passou, o homem rolou na rua, gemendo, enquanto a câmara tombava na calçada com a lente estilhaçada.

Um curinga tropeçou na entrada do beco, obviamente zozinho, segurando um lenço ensopado de sangue na têmpora, embora o corte passasse da orelha, encharcando o colarinho de sua camisa. Dava para ver como ele tinha sido pego, suas pernas e braços estavam virados em todos os ângulos errados, como se tivessem sido colados ao seu tronco por um escultor bêbado. O homem mancava e cambaleava, as juntas pendendo para trás e para os lados. Três policiais chegaram andando rápido ao lado dele.

— Preciso de um médico — disse o curinga para um deles. Quando o oficial o ignorou, ele puxou a manga do uniforme. — Ei! — falou. O policial puxou uma lata de spray do coldre de seu cinto e lançou o conteúdo direto no rosto do curinga.

Sondra ficou boquiaberta e escondeu-se mais ainda no beco. Quando a polícia seguiu em frente, ela fugiu para o outro lado.

Noite adentro, a violência espalhou-se nas ruas do Bairro dos Curingas. Uma batalha em curso alastrava-se entre as autoridades e os curingas. Era uma profusão de destruição, uma celebração ao ódio. Ninguém dormiu aquela noite. Curingas mascarados confrontavam as viaturas à espreita, capotando algumas delas, e carros em chamas iluminavam os cruzamentos. Perto da orla, a clínica de Tachyon parecia um castelo sob cerco, ladeado por guardas armados com a distinta figura do doutor correndo para tentar manter algum resquício de sanidade na noite.

Tachyon, junto com alguns assistentes de confiança, fez investidas nas ruas para recolher os feridos, curingas e policiais.

O Bairro dos Curingas começou a entrar em colapso, agonizando no fogo e no sangue. Os vapores de gás lacrimogêneo espalhavam-se pelas ruas, cáusticos. À meia-noite, a Guarda Nacional foi convocada, chegando com munição de fogo. Os gabinetes do CRISE-A do senador Hartmann enviaram um pedido para os ases que estivessem trabalhando para o governo ajudarem a acalmar a situação.

O Todo-poderoso Tartaruga pairou sobre as ruas como uma das máquinas de guerra do filme de George Pal, *Guerra dos mundos*, afastando os combatentes uns dos outros. Como muitos dos outros ases, parecia não escolher um lado no confronto, usando suas habilidades para interromper as batalhas em andamento sem aliviar para curingas ou policiais. Do lado de fora da clínica de Tachyon (onde por volta de uma da manhã as alas estavam quase cheias, e o doutor estava começando a acomodar os feridos nos corredores), o Tartaruga agarrou um Mustang destruído e em chamas e lançou o carro no East River como um meteorito flamejante, deixando um rastro de fagulhas e fumaça. Ele rondou a South Street, empurrando os revoltosos e os homens da Guarda à sua frente como se manejasse um gigante arado invisível.

Na Third Street, os homens da Guarda equiparam os jipes com coberturas gradeadas e encaixaram grandes estruturas de arame farpado na frente dos veículos. Usavam esses carros para mover as multidões de curingas para fora da avenida principal e para dentro das ruas laterais. Incêndios espontâneos causados por um curinga escondido explodiam os tanques de gasolina dos jipes, e os homens da Guarda corriam gritando, seus uniformes em chamas. Tiros de rifle começaram a estourar.

Próximo da Chatham Square, o som do tumulto tomou proporções imensas, ensurdecedoras, enquanto o Uivador, vestido todo de amarelo, corria pelas ruas caóticas, sua boca aberta em um grito que continha tudo que ele ouvira, amplificado e redobrado. Por onde o Uivador passava, os curingas cobriam as orelhas com as mãos, fugindo do barulho. Janelas estilhaçavam-se quando o Uivador erguia as frequências, paredes estremeciam quando ele gritava na frequência grave:

— PAREM COM ISSO! — rugia ele. — VÃO PARA DENTRO, TODOS VOCÊS!

O Sombra, que havia se revelado um ás apenas poucos meses antes, deixou rapidamente claro de que lado estava. Por um tempo, assistiu aos conflitos em silêncio. Na Pitt Street, onde um bando de curingas sitiado lutava usando provocações, garrafas e lixo contra um canhão d'água e um esquadrão de homens da Guarda com baionetas fixas aos rifles, Sombra entrou na briga. A rua ficou preta instantaneamente por um raio de seis metros em torno do ás usando uniforme azul-marinho e máscara laranja-avermelhado. A noite impenetrável persistiu por dez minutos ou mais. Gritos vieram de dentro do poço de escuridão, e os curingas fugiram. Quando a escuridão desapareceu e as luzes da cidade refletiram novamente as calçadas molhadas, os homens da Guarda estavam caídos na rua, inconscientes, o canhão d'água sem ninguém para controlá-lo, vertendo água nas sarjetas.

Sondra viu aquele último confronto da janela do seu apartamento. A violência da noite a apavorou. Para escapar do horror, ela pegou a garrafa de Jack Daniels na sua cômoda e tomou um longo e implacável gole. Ela engasgou, limpando a boca com as costas da mão. Cada músculo em seu corpo protestava. Suas pernas e mãos artríticas agonizavam quando se movia. Foi para a cama e deitou-se. Não conseguia dormir... os sons do

tumulto adentravam a janela aberta, sentia o cheiro da fumaça dos incêndios próximos e via as chamas tremeluzentes dançando nas paredes. Temia precisar sair do prédio e perguntou-se o que tentaria salvar se isso acontecesse.

Houve uma leve batida na porta do apartamento. De início, não teve certeza de ter mesmo ouvido a batida. Soou de novo, baixa e persistente, e ela se levantou, sentindo dores.

Quando se aproximou da porta, soube quem era. Seu corpo sentiu. Súcubo sentiu.

— Não — sussurrou Sondra. *Não, agora não.* Ele bateu novamente na porta.

— Vá embora, por favor, Gregg — falou ela, recostando-se na porta, mantendo sua voz baixa para que ele não pudesse ouvir a entonação de idosa.

— Súcubo? — A voz dele era insistente. Sua excitação a atraía, e ela se surpreendeu com isso. *Por que agora? Por que aqui? Deus, não posso deixá-lo me ver assim, e ele não vai embora.*

— Um instante — disse ela, e derrubou as barreiras que prendiam Súcubo. Seu corpo começou a mudar, e ela sentiu o turbilhão da paixão dele incitando a dela. Ela se despiu das roupas de Sondra, atirando-as em um canto. Então abriu a porta.

Gregg estava mascarado, a cabeça inteira coberta com um rosto de palhaço sorridente e grotesco. Ele a olhou com malícia enquanto a empurrava para dentro. Não disse nada, suas mãos já abriam o zíper da calça, puxando para fora o pau que endurecia. Não se preocupou em tirar a roupa, nem com preliminares. Empurrou-a para o chão de madeira maciça e lançou-se para dentro dela, investindo com respiração ofegante enquanto Súcubo se movia embaixo dele, correspondendo à ferocidade e

cooperando com aquele estupro impiedoso. Ele foi brutal: seus dedos enterraram-se nos seios pequenos e firmes, as unhas rasgando até sangrarem pequenos riscos na pele. Esmagou os mamilos entre os dedos até ela gritar... desejava a dor dela naquela noite, precisava que ela se encolhesse e chorasse e, ainda assim, fosse uma vítima submissa. Deu um tapa no rosto dela, e quando Súcubo levantou as mãos para impedir que ele fizesse de novo, suas narinas pingando sangue, Greg torceu os pulsos dela com crueldade.

E, quando ele terminou, ficou de pé olhando para a mulher deitada, a cabeça de palhaço rindo para ela, seu próprio rosto inexpressivo por trás da máscara. Ela via apenas os olhos, cintilantes, fitando-a.

— Tinha que ser desse jeito — disse ele. Não havia arrependimento em sua voz. Súcubo concordou com a cabeça, ela sabia daquilo e aceitou. Por dentro, Sondra chorava.

Hartmann fechou o zíper da calça. A frente da sua camisa estava imunda com sangue e fluidos.

— Você entende mesmo? — perguntou ele. Sua voz era gentil, calma, pedia que ela escutasse, se compadecesse. — Você é a única pessoa que me aceita sem eu ter que fazer nada. Você não dá a mínima que eu seja senador. Eu não tenho que... — Ele parou e limpou o paletó. — Você me ama. Posso sentir isso. Gosta de mim, e não preciso *fazer* você gostar. Eu queria... — Ele deu de ombros. — Eu preciso de você.

Talvez fosse porque ela não conseguia ver o rosto dele. Talvez fosse porque sua brutalidade, quando antes sempre fora tão carinhoso, tinha feito com que a conexão de Súcubo com ele fosse ainda mais profunda dessa vez. Mas ela conseguiu sentir os pensamentos de Greg por um momento, enquanto estava estirada no chão, e o que sentiu a fez estremecer, apesar do calor horrível. Ele pensava na violência lá fora, e

na mente do senador não havia desprezo, nem nojo. Havia apenas um brilho de prazer, uma sensação de missão cumprida. Ela o fitou chocada.

Foi ele. Desde o início, ele está nos usando, não o contrário.

Na porta, Gregg virou-se para ela e disse:

— Súcubo, eu realmente te amo. Não acho que você entenderia, mas é verdade. Por favor, acredite. Preciso de você mais do que preciso de todo o resto.

Por trás da máscara, ela via o brilho de suas pupilas. Ficou surpresa ao perceber que ele estava chorando.

De alguma forma, com toda a estranheza que Sondra testemunhou durante aquela noite, aquilo não pareceu tão estranho assim.

O Titereiro descobriu que sua segurança estava no anonimato, em aparentar inocência. Afinal, nenhuma das marionetes sabia que ele as havia tocado, nenhuma delas conseguia explicar o que acontecera em sua mente. Elas simplesmente... *se entregavam*. O Titereiro deixava que extravasassem seus sentimentos, e sempre havia diversos motivos para quaisquer crimes que suas marionetes cometessem. Se fossem pegas, não importava.

Em 1961, graduando-se na Faculdade de Direito de Harvard, ele entrou em um prestigioso escritório de advocacia de Nova York. Em cinco anos, após uma bem-sucedida carreira como advogado criminalista, entrou na política. Em 1965, foi eleito intendente da cidade de Nova York. Foi prefeito de 1968 a 1972, quando se tornou senador do estado.

Em 1976, viu a chance de alcançar a presidência. No passado, sempre achara que teria que esperar até 1980, 1984. Mas a Convenção Nacional dos Democratas foi para Nova York no ano do Bicentenário da Independência, e o Titereiro soube que era o momento.

Toda a fundação estava estabelecida.

Ele se alimentou muitas vezes da taça profunda de amargura entranhada em Tom Miller.

Agora, tomaria até a última gota.

QUINZE MORTOS NA DESTRUIÇÃO DO BAIRRO DOS CURINGAS

The New York Times, 19 de julho de 1976

O sol da manhã estava encoberto pela fumaça escura. A cidade assava sob o calor renovado, pior do que nos dias anteriores. A manhã não trouxera o fim da violência. As ruas do Bairro dos Curingas estavam mergulhadas na destruição, inundadas com detritos do tumulto noturno. Os revoltosos travavam batalhas de guerrilha com a polícia e os homens da Guarda Nacional, obstruindo sua passagem pelas ruas, virando carros para bloquear cruzamentos, provocando incêndios, zombando das autoridades das sacadas e janelas. O Bairro dos Curingas em si estava cercado por viaturas do esquadrão, jipes e equipamentos anti-incêndio. Os soldados da Guarda, todos equipados, estavam estacionados a poucos metros da Second Avenue. Ao lado da Chrystie Street, os guardas reuniam-se em torno do parque Roosevelt, onde novamente os curingas se organizavam. A voz de Gimli podia ser ouvida na multidão, discursando para eles, dizendo que naquele dia marchariam, independentemente das consequências. Todos os candidatos democratas apareceram próximos da área cercada para serem fotografados com expressões preocupadas, graves, enquanto olhavam para a carcaça incendiada de um prédio ou falavam com um curinga menos deformado. Kennedy, Carter, Udall, Jackson — todos se certificaram de terem sido vistos, e então rumaram com suas limusines de volta para o Garden, onde os delegados realizaram duas rodadas não conclusivas de votos para a

nomeação. Apenas Hartmann foi e ficou próximo ao Bairro dos Curingas, conversando com os repórteres e tentando, sem sucesso, persuadir Miller a sair das profundezas da multidão para negociar.

À tarde, com a temperatura batendo na casa dos trinta e cinco graus e uma brisa do East River trazendo o cheiro de incêndio para a cidade, os curingas saíram do parque.

Gregg nunca tinha lidado com tantas marionetes antes. Gimli ainda era a principal, e ele sentia a presença irritadiça do anão talvez a centenas de metros adentro da massa de curingas que lotava a Grand Street. Naquela bagunça vertiginosa, Miller sozinho não seria suficiente para fazer os curingas voltarem no momento certo. Gregg fizera de tudo para conseguir apertar a mão de todos os líderes da CSJ nas últimas semanas. A cada vez, usou o toque para mergulhar na mente da pessoa e abrir os caminhos que permitiriam o acesso à distância. Uma multidão era como qualquer rebanho de animais — convença os líderes e o resto vai atrás. Gregg tinha a maioria deles: Gargântua, Amendoim, Charmoso, Memória, talvez outros vinte. Alguns deles, como Sondra Falin, ele ignorara — a velha lembrava uma avó decrepita, e ele duvidava de sua capacidade de demover a multidão. A maioria de suas marionetes já sentia algum medo — seria fácil usar aquilo, expandir aquele pavor até eles se virarem e fugirem. A maioria era de pessoas sensatas, não queriam confrontos. Foram provocadas, instigadas por Hartmann. Agora ele desfaria aquilo e, no processo, ganharia a nomeação. A disposição da convenção já se afastara de Kennedy e Carter. Com os delegados livres do primeiro compromisso de voto, podiam agora eleger o candidato de sua escolha... Na última enquete, Hartmann alcançara um terceiro lugar com tendência a crescer. Gregg sorria, apesar das câmeras apontadas na sua direção: o tumulto da noite anterior lhe dera um prazer que nunca

pensou que sentiria — tanta paixão quase arrasou com ele, uma estranha combinação de desejos.

A fileira dos soldados da Guarda Nacional começou a se mover quando os curingas se aproximaram. Eles se esparramaram pela extensão da Chrystie Street, protestando e brandindo placas. Megafones estrondavam palavras de ordem e xingamentos a torto e a direito. Gregg ouvia os insultos dos curingas, enquanto os homens da Guarda formavam uma fileira de baionetas. No cruzamento da Delancey Street, Gregg viu o casco flutuante do Tartaruga sobre os soldados da Guarda; lá, ao menos, os manifestantes eram mantidos para trás sem risco. Mais adiante, a sul na direção dos portões principais, onde Hartmann estava em pé em um círculo de guardas, não era tão fácil.

Os curingas avançavam, empurrando e se espremendo, a massa dos que estavam atrás impulsionava aqueles que poderiam ter, de outra forma, voltado para o parque. Os soldados da Guarda foram forçados a tomar uma decisão: usar as baionetas ou tentar empurrar, de braços dados, os curingas para trás. Escolheram a última opção. Por um instante, parecia que algum equilíbrio fora alcançado, então as fileiras dos homens da Guarda começaram a se curvar lentamente. Com um grito, um grupo de curingas rompeu a linha e alcançou a rua. Aos berros, o restante passou pelo cordão. Novamente, seguiu-se uma batalha contínua, desorganizada e confusa. Hartmann, bem distante do confronto naquele instante, suspirou. Fechou os olhos quando as impressões de suas marionetes começaram a chegar até ele. Se desejasse, poderia perder-se, poderia mergulhar naquele mar agitado de emoções e alimentar-se até se faltar.

Mas não podia esperar tanto tempo. Precisava movimentar-se enquanto ainda havia alguma forma de conflito. Gesticulando para os

guardas, começou a seguir na direção dos portões, na direção de Gimli.

Sondra estava com o restante dos membros principais da CSJ. Enquanto ultrapassavam o portão principal, ela tentou novamente contar a Gimli sobre aquela estranheza que sentira em Hartmann na noite anterior.

— Ele sente como se estivesse controlando tudo isso. Eu juro, Gimli.

— Igual a qualquer outro político de merda, velhota. Além disso, achei que você gostava dele.

— Eu gosto, mas...

— Olha só, que merda você está fazendo aqui?

— Eu sou curinga. A CSJ é meu grupo também, concordando ou não com o que vocês estão fazendo.

— Então cala a boca, cacete. Tenho muito a fazer.

O anão lançou-lhe um olhar furioso e se afastou. Estavam andando em um ritmo lento, de velório, na direção dos soldados da Guarda, à espera. Sondra podia enxergá-los por entre as pessoas à sua frente. Então a visão desapareceu quando os curingas se reuniram nos limites dos portões; arrastando-se, mancando, abrindo caminho da melhor maneira possível. Muitos deles mostravam sinais das batalhas do dia anterior, cabeças enroladas em bandagens, tipoias... exibiam essas marcas aos homens da Guarda como medalhas de honra. Os corpos à frente de Sondra de repente pararam quando alcançaram a fileira de soldados; alguém a empurrou por trás e ela quase caiu. Agarrou a pessoa na frente, sentindo a pele encouraçada sob suas mãos, vendo escamas de lagarto cobrindo costas imensas. Sondra gritou quando foi espremida, afastando-se com braços fracos, músculos debilitados dentro da bolsa frouxa de pele. Achou que fosse cair, quando a pressão sumiu de repente. Ela cambaleava. O sol atingiu seus olhos em cheio, a cegando por um momento. Na confusão,

conseguiu ver punhos se agitando à sua frente, acompanhados por gritos e lamentos. Sondra começou a recuar, tentando encontrar um caminho para passar pelo conflito. Foi acotovelada e, quando revidou, um cassetete a golpeou do lado da cabeça.

Sondra gritou. Súcubo gritou.

Sua visão perdeu-se em um turbilhão de cores. Não conseguia pensar. Pôs as mãos sobre o corte e elas pareciam estranhas. Piscando para afastar o sangue que escorria do corte da têmpora, ela tentou olhar para suas mãos. Eram jovens, e mesmo enquanto as encarava, espantada, sentia a intrusão repentina de outras paixões.

Não! Volte para dentro, maldita! Não aqui, não nas ruas, não com todas essas pessoas ao redor! Desesperada, Sondra tentou tomar as rédeas de Súcubo, mas sua cabeça zumbia com a concussão e ela não conseguia pensar. Seu corpo estava atormentado, mudando de forma de modo instável em resposta a todos que estavam ao redor. Súcubo tocava cada uma das mentes e tomava a forma de seus desejos sexuais. Primeiro mulher, depois homem, jovem e velha, gorda e magra. Súcubo uivou, confusa. Sondra corria, sua forma se alterando a cada passo, empurrando as mãos que a tocavam com desejos estranhos e repentinos. Súcubo reagia como tinha que reagir, tomava a linha do desejo e a transformava em paixão. Em um círculo que crescia cada vez mais, o tumulto terminava quando curingas e guardas se viravam para perseguir aquele desejo súbito. Súcubo conseguia *senti-lo* também, e tentou abrir caminho até Gregg. Não sabia o que mais fazer. Ele controlava aquilo, ela sabia disso desde a noite anterior. Poderia salvá-la. Greg a amava... ele mesmo tinha dito.

Os câmeras seguiam o avanço do senador Hartmann na direção do portão onde algumas brigas estavam apenas começando. Quando os guarda-costas tentaram segurá-lo, o senador afastou as mãos deles.

— Maldição, alguém precisa tentar. — Ouviram-no dizer.

— Ah, isso vai ser ótimo — murmurou um dos repórteres.

Hartmann seguiu em frente. Os guarda-costas trocaram olhares, deram de ombros e seguiram-no.

Gregg sentia a presença da maioria das suas marionetes na área próximo ao portão. Com o Tartaruga segurando os curingas na outra ponta do parque, Gregg percebeu que aquela seria sua melhor oportunidade. Fazer Gimli e os outros recuarem agora faria com que todos voltassem. Se o tumulto continuasse noite adentro novamente, não importaria, Gregg teria demonstrado amplamente sua firmeza em uma crise. Os jornais estariam estampados com a notícia na manhã seguinte e todas as televisões dariam destaque ao seu rosto e ao seu nome. Seria o suficiente para garantir a nomeação e partir para a campanha com um bom impulso. Ford ou Reagan, não faria diferença quem fosse a escolha dos republicanos.

Mantendo o rosto sério, Gregg caminhava a passos largos para o centro do conflito.

— Miller! — gritou ele, sabendo que o anão estava próximo o suficiente para ouvi-lo. — Miller, é o Hartmann!

Enquanto gritava, deu um puxão na mente de Miller e interrompeu aquele calor incandescente da fúria, lavando-o com o frio azul-celeste. Sentiu a libertação repentina, sentiu o anão começando a se enojar com os acontecimentos ao redor. Hartmann deturpou a mente de novo, tocando a essência do medo no homem e impulsionando-o a crescer, uma palidez fria.

Saiu de controle, sussurrou Gregg ao homem. Você o perdeu e não vai conseguir recuperá-lo, a menos que vá até o senador. Ouça: ele está te chamando. Seja razoável.

— Miller! — chamou Gregg novamente. Ele sentiu o anão começar a virar, e Gregg empurrou de lado o homem da Guarda à sua frente para que pudesse ver.

Gimli estava à sua esquerda. Mas, mesmo enquanto Hartmann começava a chamá-lo, viu a atenção do curinga voltar-se para o portão. Lá, perseguida por uma multidão de curingas e soldados da Guarda, Gregg a viu.

Súcubo.

Sua forma era errática, centenas de rostos e corpos intermitentes surgindo enquanto a mulher corria. Ela viu Gregg no mesmo instante. Gritou para ele, seus braços abertos.

— Súcubo! — gritou ele de volta, e começou a abrir caminho com os ombros na direção dela.

Alguém a agarrou por trás. Súcubo livrou-se, mas outras mãos a pegaram. Com um grito estridente, ela foi ao chão. Gregg não conseguia mais vê-la. Havia corpos em volta, acotovelando-se, se batendo na sua fúria para se aproximar de Súcubo. Gregg ouviu o estalar grotesco e seco de ossos se partindo.

— Não!

Ele começou a correr. Gimli foi esquecido, o tumulto foi esquecido. Quando chegou perto, conseguiu sentir sua atração.

Eles se empilhavam sobre ela, a multidão pululante, colérica, golpeando-a, dilacerando Súcubo e uns aos outros em uma tentativa de chegar ao clímax. Eram como vermes que se contorciam sobre um pedaço de carne, rostos tensos e violentos, mãos arranhando enquanto

espancavam Súcubo, empurrando. O sangue de repente jorrou de algum lugar por baixo da massa que se contorcia. Súcubo gritava, uma agonia estridente, sem palavras, que de repente, de forma sinistra, cessou.

Ele a sentiu morrer.

Os que estavam ao redor começaram a recuar, apavorados. Gregg viu o corpo encolhido no chão. Uma mancha grossa de sangue espalhava-se ao lado dele. Um dos braços tinha sido arrancado, suas pernas estavam torcidas em ângulos estranhos. Gregg não enxergou nada daquilo. Olhou apenas para o seu rosto: viu o reflexo de Andrea Whitman deitado ali.

O ódio cresceu dentro dele. Sua intensidade ofuscou todo o resto. Não conseguia ver nada ao redor... nem as câmeras, nem os guarda-costas, nem os repórteres. Gregg conseguia apenas vê-la.

Ela havia sido dele. Havia sido dele sem precisar ser uma marionete, e eles a tomaram. Zombaram dele, como Andrea tinha zombado anos atrás, como outros tinham zombado e também morreram. Ele a amou mais do que conseguira amar qualquer outra pessoa. Gregg agarrou os ombros de um soldado da Guarda que assomava sobre o corpo com o pau pendendo das calças abertas. Gregg o empurrou.

— Seu *imbecil*! — gritou, enquanto esmurrava o rosto do homem várias vezes. — Seu maldito *imbecil*!

A fúria jorrava de sua mente, sem limites. Fluía para as marionetes. Gimli uivou, sua voz mais convincente que nunca.

— Vejam! Viram como eles matam?

Os curingas ergueram-se aos gritos e atacaram. Os guarda-costas de Hartmann, de repente temerosos pela violência renascida, arrastaram o senador para longe do combate. Ele os xingou, resistindo, lutando para se soltar, mas naquele momento foram irredutíveis. Puxaram-no de volta para o carro e o levaram até o quarto de hotel.

HARTMANN EM FÚRIA POR ASSASSINATO ATACA MANIFESTANTES
CARTER PARECE SER O VENCEDOR

The New York Times, 20 de julho de 1976

HARTMANN “PERDE A CABEÇA”
ÀS VEZES É PRECISO CONTRA-ATACAR, DIZ ELE

Daily News de Nova York, 20 de julho de 1976

Ele salvou o que pôde do fiasco. Disse aos repórteres de plantão que simplesmente ficou estarecido com o que testemunhou, pela violência desnecessária causada à pobre Súcubo. Ele deu de ombros, sorriu com tristeza e perguntou se eles também não teriam ficado comovidos com aquela cena.

Quando finalmente o deixaram, o Titereiro voltou ao seu quarto. Lá, na solidão do aposento, assistiu os acontecimentos na televisão, quando a convenção elegeu Carter como o próximo candidato presidencial do partido. Disse a si mesmo que não se importava. Disse a si mesmo que na próxima vez seria ele. No fim das contas, o Titereiro ainda estava seguro, ainda estava escondido. Ninguém descobrira seu segredo.

Na sua mente, o Titereiro levantou a mão e estendeu os dedos. Os fios esticados, as cabeças de suas marionetes levantadas. O Titereiro sentia suas emoções, provava o tempero de suas vidas.

Naquela noite, ao menos, o banquete era amargo e incômodo.

INTERLÚDIO CINCO

De “Trinta e cinco anos do vírus Wild Card, uma retrospectiva”

Revista *ASES!*

15 de setembro de 1981

“Não posso morrer ainda. Eu não vi *Sonhos dourados*.”

Robert Tomlin

“São abominações para o Senhor, e em seus rostos carregam a marca da besta, e seu número na Terra é seiscentos e sessenta e seis.”

folheto anônimo anticuringas, 1946

“Eles chamam de quarentena, não de discriminação. Dizem que não somos uma raça, não somos uma religião, somos *doentes*, então o correto é nos segregar, embora eles saibam muito bem que o Wild Card não é contagioso. A nossa enfermidade é do corpo, a deles, uma doença contagiosa da alma.”

Xavier Desmond

“Deixe que digam o que quiserem. Eu ainda posso voar.”

Earl Sanderson Jr.

“É culpa minha que todos gostem de mim e ninguém goste de você?”

David Harstein (para Richard Nixon)

“Amo o gosto de sangue de curinga.”

grafite no metrô de Nova York

“Não me importo com a aparência deles, sangram vermelho como qualquer pessoa... a maioria deles, pelo menos.”

Tenente-coronel John Garrick, Brigada Curinga

“Se eu sou um ás, imagina o que seria um dois de paus.”

Timothy Wiggins

“Você quer saber se sou um ás ou um curinga? A resposta é sim.”

O Tartaruga

Sou curinga, sou insano

E meu nome você não fala

Espreitando as ruas

Esperando a noite

Sou a serpente que vai arrancar

as raízes do mundo

“A hora da Serpente”, Thomas Marion Douglas

“Estou nas nuvens por ter recuperado *Baby*, mas não tenho intenção de deixar a Terra. Este planeta é agora o meu lar, e aqueles que foram atingidos pelo Wild Card são meus filhos.”

Dr. Tachyon, pela ocasião da devolução de sua nave

“São os filhos demoníacos do Grande Satã, a América.”

Aiatolá Khomeini

“Em retrospecto, a decisão de usar os ases para garantir o retorno seguro dos reféns provavelmente foi um erro, e assumo total responsabilidade pela falha da missão.”

Presidente Jimmy Carter

“Pense como um ás e poderá vencer como um ás. Pense como um curinga e o curinga em você surgirá.”

do livro *Pense como um ás!* (Ballantine, 1981)

“As famílias americanas estão profundamente preocupadas com a cobertura excessiva dos ases e a exploração deles pela mídia. São mau exemplo para nossos filhos, e milhares ficam feridos ou morrem a cada ano ao tentarem imitar seus poderes bizarros.”

Naomi Weathers, Liga dos Pais Americanos

“Até as crianças deles querem ser como nós. Estes são os anos 1980. Uma nova década, cara, e somos um novo povo. Podemos voar e não precisamos de nenhum avião ridículo como aquele do Jetboy. Os comuns não sabem disso ainda, mas estão obsoletos. Estamos na era dos ases.”

carta anônima no jornal *Grito do Bairro dos Curingas*

1º de janeiro de 1981

A GAROTA FANTASMA CONQUISTA MANHATTAN

Carrie Vaughn

Jennifer não sabia aonde Tricia a estava levando até a amiga puxá-la para fora do vagão do metrô na plataforma da Second Avenue-Lower East Side. Sua preocupação aumentava a cada estação — passaram Midtown, Washington Square Park, e lugares que não tinham nada a ver com elas, e Tricia continuava dizendo:

— Ah, não, vamos sempre nos mesmos lugares, hoje quero tentar um lugar novo, vai ser *divertido*!

— Trish, você *surtou*? O que estamos fazendo aqui?

Jennifer agarrou a amiga com as duas mãos e tentou impedir seu avanço pelo saguão de entrada e escada acima até a Houston Street. Ela olhou em volta, chegando ainda mais perto de Tricia. Nunca tinha visto tantos curingas juntos. Metade das pessoas na plataforma eram curingas. Ela vira curingas antes, não tinha como morar em Nova York, mesmo nunca tendo se afastado muito do campus da Columbia, sem encontrar curingas. A maior parte do tempo se via apenas um ou dois, e suas

deformidades eram leves; penas no lugar do cabelo ou talvez orelhas de coelho. Mas naquele lugar os corpos eram inteiramente deformados, transformados, monstruosos. Um homem passou por ela e deixou um rastro de gosma no concreto. Jennifer tentou não encarar.

Tricia puxou-a escada acima até a rua, onde era ainda mais caótico.

— Ah, vai, os Fads vão tocar no CBGB e quero muito, muito ir, e se eu falasse antes você nunca teria vindo. Certo? Ia fazer toda a ceninha e ficar de nariz empinado, como está fazendo bem agora.

— Não tenho nariz empinado — disse Jennifer, tentando não fazer cara feia. Nunca nem tinha ouvido falar dos Fads.

— Vamos lá, relaxa um pouco. Não vai acontecer nada.

Obediente, Jennifer caminhou com a amiga, ainda se mantendo perto o suficiente para que seus braços se tocassem.

— Meus pais surtariam se soubessem que cheguei perto do Bairro dos Curingas.

Tricia respondeu:

— Então não conta pra eles. Você não conta tudo para eles, né?

— Não.

E era verdade. Tinha um grande segredo que mantinha guardado de absolutamente todo mundo. Até de Tricia. Não podia falar para ela que o principal motivo pelo qual não gostava de sair era porque tinha certeza de que um dia desses alguém descobriria. Alguém olharia para ela e *saberia*.

Especialmente alguém no Bairro dos Curingas. Alguns deles não tinham apenas deformidades, as cicatrizes físicas do vírus Wild Card. Alguns tinham poderes. Alguns poderiam ler sua mente e *saber*. Depois disso, Jennifer não sabia o que podia acontecer. Nunca tinha ido tão longe nesses pensamentos. Muito melhor fingir que não havia nada errado.

Se não fosse por Tricia, Jennifer nunca sairia para explorar a cidade. E em geral terminavam se divertindo bastante.

Sob os apelos de Tricia, e confiando que a amiga não a levaria tão longe, Jennifer vestira-se para uma noitada: vestido curto e preto tomara que caia, sandálias de salto alto, cabelos loiros com escova e laquê. Tricia estava usando calças com estampa de oncinha, camiseta longa com cinto dourado, e seus saltos eram ainda maiores.

— É aqui! — disse Tricia, puxando o braço de Jennifer para apressá-la.

Talvez estivesse esperando algo chamativo, pelo jeito que Tricia estava agindo. Como o Studio 54. Mas, em qualquer outro dia, Jennifer teria passado direto pelo local sem notá-lo. Não era nada de mais, apenas uma fachada grafitada com um toldo branco, próxima de um armazém de abastecimento para restaurantes. Não tinha nem mesmo uma marquise. Mas tinha um aglomerado de pessoas na frente, compartilhando a calçada com dois curingas sem-teto escorados no muro de tijolos aparentes.

Com Tricia à frente, elas abriram caminho pelo meio do povo até a entrada. O público era formado por comuns e curingas. Talvez até mesmo um ás ou dois, mas quem saberia dizer? Jennifer era que não.

Um cara na porta estava cobrando a entrada, e Jennifer estava fuçando a bolsa em busca de uma nota de cinco quando Tricia puxou seu braço.

— Você tem mais uma de cinco aí? Não consigo encontrar a minha. — Ela usou aquele olhar suplicante.

Jennifer suspirou e pegou mais uma nota. Já era o dinheiro do táxi. Mas elas dariam um jeito, sempre davam.

Lá dentro, as luzes eram fortes; as paredes eram pretas e cobertas de adesivos e tinta spray. Um balcão ocupava uma parede inteira, uma porta aberta para os fundos, e um palco enfiado em um canto. Uma banda

tocava. Em um pôster escrito à mão, colado com fita adesiva na parede acima deles, era possível ler SONIC YOUTH. Eram muito jovens — um dos guitarristas era uma mulher com cabelo loiro esvoaçante. Usavam máscaras e podiam ser punks, curingas ou ambos. Jennifer provavelmente não conseguiria distinguir, se não chegasse mais perto.

A música estava alta, não era muito dançável, e ninguém estava dançando de verdade. Mas as pessoas se mexiam. Uma multidão, bem perto do palco, pulando, se batendo, estendendo os braços na direção do palco. A guitarrista estava cantando, ou melhor, gritando as letras quase impossíveis de entender sob o barulho dos instrumentos: guitarras rugiam e a bateria estrondava. O suor voava dos cabelos da mulher. Com aquelas luzes, o lugar parecia um forno.

Tricia berrava e se balançava.

— Não é... — E o resto foi impossível de se escutar.

— Quê? — berrou Jennifer de volta.

— Ei! — falou um rapaz alto, magro, de cabelos escuros e camiseta preta com uma estampa desbotada escrita THE RAMONES, se movendo para ficar na frente delas. — Posso pegar duas bebidas para vocês?

Tricia deu um novo gritinho e agarrou o braço dele. Jennifer revirou os olhos.

Após ver alguns garotos de moicano na frente do palco, Jennifer esperava punks assustadores com cabelos espetados e jaquetas do exército, coturnos e camisetas pintadas com spray. Esperava correntes e brigas estourando. Mas não foi assim. Embora houvesse alguns punks genuínos, muitos dos caras estavam entre o punk e o normal, com jeans rasgados, camisetas pretas e expressões rabugentas, mas não tinham cabelos esquisitos e todo o metal e os slogans. A maioria das meninas se vestia como os caras, mas outras estavam produzidas, como Jennifer e

Tricia. Cabelos cheios de cores, modelados e volumosos — fixados com laquê —, saias curtas e calças justas, saltos altos e grandes brincos de argola, gloss cor-de-rosa e sombras brilhantes nos olhos. Um casal incrivelmente bonito estava em um canto próximo do palco. Tinham cabelos impecáveis, cortados e arrumados como modelos de revista. Ele vestia um terno branco que parecia bem caro, e ela, um vestido de noite colado, joias prateadas e fumava de uma piteira. Totalmente afetados, mas intrigantes ao mesmo tempo. E havia um monte de pessoas que sempre se encontra em festas — universitários jovens e normais, talvez com olhos um pouco vidrados, esperando o próximo barato da droga bater. Jennifer ficou preocupada em chamar atenção, achando que as pessoas saberiam que ela não combinava com o lugar, e lhe causariam problemas. Mas ela não chamou atenção, e ninguém lhe causou problema algum.

Cerca de um terço daquela multidão era de curingas, e Jennifer mal notou à primeira vista. Porque eles também não se sobressaíam. Alguns usavam máscara. Ou poderiam ser comuns usando máscaras. Nem disso ela conseguia ter certeza. E parecia não importar.

Jennifer percebeu de relance outro casal na outra ponta do balcão. Pareciam com o resto das pessoas ali, jeans e camiseta, despretensiosos, a não ser por aparentarem ser dez anos mais velhos que a maioria do pessoal ali.

Então Jennifer ficou boquiaberta. Ela sacudiu Tricia.

— Não é o Mick Jagger e a Jeri Hall ali?

Tricia estava no meio de uma bebida e derramou goela abaixo parte do líquido que cheirava a gim-tônica, mas conseguiu olhar de qualquer jeito. Seus olhos ficaram arregalados.

— Ai, meu Deus, e ele está conversando com o *David Byrne*!

Jennifer não fazia ideia de quem era David Byrne.

Outra banda tocou antes dos Fads entrarem no palco. Àquela altura, Tricia estava completamente bêbada, e Jennifer a amparava, porque a amiga esbarrava o tempo todo nas outras pessoas. Ninguém parecia ligar, e Jennifer tentou não se irritar, mas não tinha vindo para servir de babá de Tricia.

Não, pensou melhor, provavelmente tinha. Bem possível que Tricia a tivesse chamado para sair sabendo que Jennifer era responsável e levaria ambas para casa sãs e salvas. Jennifer estava bebendo o mesmo drinque de rum com coca-cola havia uma hora. Tinha certeza de que Tricia tinha tomado umas pílulas. Todo mundo parecia ter tomado.

O lugar estava quente como uma estufa, cheio de suor, fumaça de cigarro e bafo de álcool.

Parecia levar uma eternidade para uma banda sair do palco e outra subir, e quando Tricia percebeu que os Fads estavam lá, deu gritinhos e correu para a frente do palco, acotovelando as pessoas para passar, rindo quando tomava um empurrão de volta. Jennifer gritou atrás dela, mas não conseguia nem ouvir a si mesma.

Os Fads eram três rapazes. Dois deles eram curingas — do tipo intrigante. O vocalista tinha cabelo brilhante, tranças brancas e finas até o pescoço que se acendiam nas pontas como aquelas lâmpadas de fibra ótica de lojas kitsch. O guitarrista tinha muitos dedos em cada mão. Era até difícil contá-los, pois ele os movia com grande velocidade sobre as cordas de seu instrumento, criando um padrão bizarro de sons. O baterista parecia ser comum, um punk sem camisa com cabelo descolorido e espetado e um alfinete na orelha esquerda.

A suposta música consistia mais em um tamborilar maníaco do que em uma melodia. O vocalista berrava. Jennifer não conseguia entender muito das letras. Algo sobre odiar os pais, botar fogo nas coisas e pensar quando as bombas caíam.

Finalmente, a banda terminou, em meio a muitos gritos da plateia.

— Preciso fazer xixi — anunciou Tricia, agarrando a mão de Jennifer e puxando-a para os fundos da boate. Jennifer a segurou quando a amiga estava prestes a cair.

— Tem banheiro aqui? — perguntou ela, em dúvida.

Não estava certa se queria passar pela experiência, levando em conta o que vira do resto do local. Tricia apenas revirou os olhos, em uma expressão que dizia “é possível ser menos descolada que você?”.

O lugar era uma caverna, paredes pretas se estreitavam, o grafite somava-se à sobrecarga sensorial. Uma escada no fundo levava para baixo até os banheiros. Jennifer sentiu o cheiro antes de chegarem. O fedor de suor e mofo do resto do clube deu lugar a um vestígio de esgoto. Ela torceu o nariz.

Tricia manteve o equilíbrio segurando-se em Jennifer, enquanto empurrava a porta e entrava no banheiro feminino: ali o cheiro de esgoto se espalhava sem interferências. O chão estava grudento e Jennifer estava com medo de olhar as privadas nas cabines e o que, sem dúvida, transbordava delas.

A sujeira — em um nível de risco grave à saúde — não impedia um aglomerado de mulheres de se apinhar na frente de um espelho marcado por grafites, passando spray no cabelo e retocando o delineador.

Tricia parecia ter esquecido a necessidade de se aliviar. Caiu contra a parede forrada de adesivos e pôsteres e ergueu os olhos para alguma visão celestial.

— Foi incrível, foi *tão* incrível!

Ao lado delas, uma mulher de meia-arrastão, saia plissada e bustiê de couro estava segurando um espelhinho, algumas linhas de pó branco impecavelmente enfileiradas sobre ele. Uma amiga com roupas semelhantes curvou-se ao lado dela e inalou a cocaína.

A primeira flagrou Jennifer olhando.

— Quer um pouco? — perguntou ela. — Tenho bastante.

Jennifer rapidamente balançou a cabeça em negativa e pensou sobre como ela realmente não era descolada.

— Claro, aceito, obrigada! — disse Tricia, se inclinando para a frente enquanto a mulher segurava o espelho.

— Tricia... — disse Jennifer, mas a segunda linha de coca já havia escalado o nariz da amiga. Parecia impossível que a noite piorasse ainda mais.

Tricia ergueu-se, seu rosto vermelho, esfregando o nariz e dando risadinhas.

— Ai, meu Deus, tive uma ideia ótima.

— Não, outra não — murmurou Jennifer.

Estava respirando pela boca, pois o cheiro parecia estar piorando. A água gorgolejava de uma das cabines, e as outras garotas gritaram:

— Cara, você não deu descarga, deu? Caramba!

Tricia pegou a mão de Jennifer novamente e seguiu de volta para a porta.

— Quero seguir eles.

— Seguir quem?

— Os Fads! Tony! Quero tentar conhecer eles!

— Tony?

— O vocalista! Ele não é demais?

— Trish, você sabe que horas são? É hora de ir embora!

— Só um minutinho, vai levar só um minutinho.

De alguma forma, Tricia as guiou de volta escada acima, passando por um corredor até uma porta desprotegida. As paredes eram cobertas com pôsteres e folhetos antigos que anunciavam shows, alguns deles de muitos anos atrás. Ela até reconheceu algumas das bandas. Caramba, The Police tocara ali? E Blondie? Sério? Mas Tricia estava focada, decidida. Ela se desprende e Jennifer apressou-se para alcançá-la.

Parecia que tinham se livrado da multidão, mas as pessoas as cercaram novamente no fim do corredor, que se abria para os bastidores, camarins e depósito. Jennifer reconheceu o vocalista, que estava autografando no verso de folhetos e ingressos para o que parecia ser no mínimo uma dúzia de mulheres se espremendo em volta dele. Seu cabelo brilhante criava uma auréola, refletindo a luz no rosto. Os outros dois membros da banda estavam em um canto, falando com aqueles que não conseguiram chegar perto de Tony. Não deveria haver seguranças ali?

— Olá.

Jennifer virou-se e viu um cara atrás dela, sorrindo. Parecia um pouco velho para o público, mais para os trinta do que os vinte, de aparência rústica e desgastada, bem barbeado, com cabelo preto cortado rente. Usava uma camiseta branca apertada e calça jeans que parecia cara mesmo sendo desbotada.

Jennifer ficou quieta, sem saber se ele estava falando com ela.

— Você deve ser nova por aqui.

— Quem, eu? — disse ela, e imediatamente sentiu-se estúpida. — Não, estou aqui com uma amiga. — Ela apontou sobre os ombros. Tricia puxara seu top para baixo para deixar metade de um peito à mostra, o qual o cantor estava assinando com um marcador.

O rapaz abriu um sorriso mais largo.

— Quer uma? — Ele mostrou um estojo redondo de metal, cheio de pequenas pílulas brancas.

De novo, não. Tentou sorrir, enquanto gesticulava que não.

— Não, obrigada, estou bem.

— Adoro essas festas, essas bandas conseguem as melhores drogas.

— Ah — disse ela.

— Esse é o meu segredinho. Não ligo muito para a música. Mas não conte a ninguém. — Ele chegou mais perto e piscou.

Ele estava dando em cima dela? Tentando ficar com ela? Tricia nem sabia como reagir. Estava ao mesmo tempo alarmada e lisonjeada. Ficou tão vermelha e quente que poderia sentir o vapor saindo da cabeça.

— Pode deixar, não conto. Agora preciso ir encontrar minha amiga...

— Mas quando ela olhou, a banda tinha ido embora. Assim como Tricia.

— Tricia? — chamou Jennifer.

Ela correu para a porta dos fundos, saindo em um beco atrás do bar. Um Cadillac feio e cheio de ferrugem estava estacionado ali. A banda estava entrando no carro, fazendo uma saída rápida.

O cantor com cabelos brilhantes estava com os braços ao redor da cintura de Tricia, quase erguendo-a do chão enquanto ela se contorcia e empurrava os braços dele. Estava dizendo alguma coisa, talvez berrando, embora Jennifer não conseguisse ouvi-la com a multidão gritando e o barulho ainda estrondoso do clube atrás.

— *Tricia!* — chamou Jennifer, fazendo uma concha com a mão à frente da boca.

Apesar do esforço, ela já havia sido puxada para dentro do carro.

Jennifer gritou novamente:

— *Tricia!*

Então desceu correndo os degraus, quase tropeçando nos saltos, com a intenção de correr atrás do Cadillac lata-velha. Em vez disso, correu para o meio de uma multidão que não a deixou passar. Jennifer era alta, conseguia ver sobre a maioria das cabeças. Mas não conseguia abrir caminho.

Um homem parrudo — um curinga, com presas projetando-se de sua mandíbula inferior e escamas pretas brilhando no lugar do cabelo — bloqueou seu caminho de propósito depois de ela trombar com ele. Jennifer tentou contorná-lo, mas ele deu um passo para o lado a fim de impedi-la.

— Ei, baby, que pressa é essa?

— Minha amiga — insistiu ela, desesperada. — Levaram minha amiga. Não viu? Ela não queria ir, eles simplesmente a levaram.

Ele sorriu. Suas presas faziam com que parecesse um buldogue.

— Meu amor, aquela garota está adorando.

Jennifer o encarou, horrorizada.

— Você viu? — Ela apontou para o carro, agora avançando com sua amiga dentro. — Ela estava tentando se livrar deles! Estava quase desmaiada de tão bêbada...

O curinga deu risada.

— Está com ciúmes que eles não te levaram? Talvez você possa se divertir comigo.

— Ela precisa de ajuda!

O cara tentou agarrá-la, mas ela escapou, batendo nas mãos dele. Ele apenas ria. O carro virou a esquina.

Tricia fora sequestrada bem embaixo do nariz de Jennifer. Bem embaixo do nariz de *todo mundo*.

Jennifer recordou ter visto um telefone público ao lado dos banheiros. Ela correu de volta para dentro e desceu as escadas. Quase esperava chegar e descobrir que o telefone estava quebrado, mas não estava. Contudo, tocou algo grudento no fone. Fazendo uma careta, passou a mão na parede para limpar o máximo que pôde. Agachando-se para fazer uma bolha de privacidade, bloqueando o ruído ao cobrir o ouvido, ela discou para a telefonista.

— Telefonista.

— Oi! Ligue para a polícia! — A linha estalava e crepitava com a estática. Ela mordeu os lábios, certa de que havia perdido a conexão, até ouvir uma voz.

— Departamento de Polícia.

— Oi, sim? É minha amiga. Minha amiga foi sequestrada!

— Desculpe?

Jennifer mal podia ouvir. Estava gritando.

— Minha amiga! Ela foi sequestrada!

— Senhora, pode dizer o que aconteceu?

— Estávamos em um clube. Alguns homens, uns caras da banda, puxaram ela pra dentro do carro. Ela estava tentando se soltar, não estava muito sóbria, e eles se aproveitaram...

— Espere um pouco. — Agora o homem no outro lado da linha parecia se divertir. — Então vocês estavam em uma festa e ela te abandonou para sair com a banda...

— Não, estou te dizendo, eles a arrastaram! Ela estava quase desmaiando e eles a *levaram*!

— Onde a senhora está?

Ela hesitou. Não estava indo bem e ia piorar.

— Estou em um clube no Bowery...

O policial desligou o telefone.

Jennifer resmungou e bateu o fone no gancho. Por que Tricia não esperou por ela? Por que não revidou? E se ela nunca mais visse Tricia? Sua amiga acabaria sendo estuprada e morta em uma sarjeta, e seria tudo culpa de Jennifer.

Ela tentou novamente, talvez por meio de uma central, em vez da telefonista, desse certo. O problema era que não tinha nenhum trocado na bolsa. Apenas algumas fichas para drinques. Ela suspirou. Então olhou em volta para ter certeza de que não havia ninguém observando.

Rapidamente, ela pousou a mão no telefone público... então atravessou-o. Sua mão ficou sem substância, passando pelo aparelho como se fosse ar. Apalpou por um momento e encontrou o compartimento do troco, agarrou algumas moedas e puxou a mão de volta para fora. As moedas flutuaram junto com ela. Agora tinha uns trocados.

Não importava o resto, seu poder de *ás* significava que ela podia sempre usar um telefone público.

Cinco anos atrás, quando ela estava com catorze anos, aconteceu pela primeira vez. Jennifer serviu para si um copo de suco de laranja, pegou-o — e ele caiu. O copo escorregou da mão dela. Ou melhor, ela estava olhando para ele... quando ele escorregou *através* de sua mão. Ela ficou parada por um longo tempo, o vidro quebrado e a poça de suco de laranja a seus pés, encarando o contorno translúcido da mão e o chão da cozinha, visível através de sua carne não mais sólida. A mãe entrou, viu a bagunça, e perguntou se estava tudo bem, imaginando se tratar de um acidente normal. Jennifer botou a mão rapidamente para trás. Quando olhou novamente, ela estava sólida. Normal.

Seguiram-se meses de medo e experimentação. Seu primeiro pensamento foi que estava desaparecendo, que terminaria sumindo. Teve insônia, medo de esvaecer durante o sono. Mas, no final, ela aprendeu que podia controlar o poder. Conseguia passar por objetos sólidos. Praticava passando por gavetas, armários de escola, o cofre de seu pai. Era um poder incrível de ás. Não ousou contar a ninguém sobre isso.

Ela enfiou algumas moedas de dez centavos no telefone, discou o número e pediu pelo gabinete principal da delegacia mais próxima. Ela falou com alguém que parecia ser um sargento de plantão, contando toda a história de novo, tentando soar calma e desesperada ao mesmo tempo, para que o oficial a levasse a sério.

Ele também desligou na cara dela.

Secando lágrimas dos olhos, Jennifer subiu as escadas pisando duro.

Outra banda estava no palco. De volta à parte principal da boate, ela se meteu em um corredor lotado e entrou na muralha de música agressiva e estridente vinda do palco, sem parar quando alguém a chamava, livrando-se de mãos que a apalpavam. Podia ter sido sua imaginação, podia ter sido o mundo que de repente ficou escuro e nefasto, mas a multidão pareceu ficar mais desordeira. A confusão na frente do palco tinha ficado mais violenta. Jennifer ficou pelos cantos e concentrou-se na frente do clube e na porta aberta, ignorando a massa de pessoas em torno dela e o nervosismo ácido em suas entranhas.

De que adiantava ser um ás se não podia de fato fazer nada útil? Se não podia ajudar alguém? Por que ela não podia ser uma psíquica, para saber para onde eles a levaram? Ou voar, para que pudesse seguir o carro?

Conseguiu chegar à porta e sair para o ar — relativamente — puro. Uma multidão ainda se apinhava lá, pessoas indo e vindo, ficando por ali. Sem saber o que fazer, ela se recostou na parede de tijolos e descansou,

tirando o suor e o cabelo do rosto. Quem sabe se fosse até uma delegacia pessoalmente. Talvez se pudesse encontrar alguém que conhecesse a banda. Eles tinham que ter um empresário ou alguém que soubesse aonde poderiam ter ido.

— Ei, moça. O que houve?

Era o rapaz de camiseta branca com as pílulas. Talvez já estivesse ali fora quando ela saiu ou talvez tivesse acabado de passar pela porta. Talvez ele a tivesse seguido.

Ele se recostou à parede, distante o suficiente para que não pudesse esticar o braço e agarrá-la. Isso diminuiu um pouco as suas suspeitas.

— Por que o interesse? — Ela o olhou com fúria, depois virou o rosto, sem querer que ele pensasse que estava flertando. Não que parecesse que ele estava flertando com ela. Apesar disso, ela fungou profundamente e lágrimas rolaram pelas bochechas. — Minha amiga, Tricia. Ela sumiu e ninguém se importa, ninguém quer fazer nada.

— Ela te deixou pra trás? — perguntou ele, abrindo um sorriso irônico.

— Não, essa é a questão, ela foi sequestrada! Ela foi levada pela banda, ela estava bêbada e eles a arrastaram para o carro, eu vi tudo!

— Tem certeza de que ela não decidiu ir farrear com a banda?

— Sem mim? Ela não faria isso. — Jennifer balançou a cabeça para enfatizar. Mas, para ser honesta, ela esperava qualquer coisa de Tricia, que estava *realmente* bêbada. Ela conteve novas lágrimas.

— Ei — disse o rapaz. — Sei aonde eles vão depois daqui. Posso te levar lá, se você quiser.

— Sério? — perguntou ela, desconfiada. Imaginou *ela mesma* sendo empurrada para um carro enferrujado...

— Sim, fica só a uns quarteirões daqui. Conheço o anfitrião e, se você exibir um pouco as pernas, consegue entrar lá numa boa.

Ela virou o rosto, enrubescendo.

— É como eu disse, esses caras fazem as melhores festas com as melhores drogas. Vamos lá dar uma olhada, certo?

— Tem certeza de que Tricia vai estar lá?

— Se ela foi com a banda, sim, tenho.

Ele saiu da calçada e ofereceu a ela o apoio de seu braço, um gesto estranhamente doce e arcaico. Ela o seguiu, mas não lhe deu o braço; ele pareceu achar isso mais engraçado que ofensivo.

Caminharam mais ou menos um quarteirão. O barulho do CBGB desapareceu, substituído pelo ruído de outros bares, um pouco diferentes, os tons de música e o tipo de pessoas saindo da atmosfera punk. Seu olhar foi atraído pelos curingas que viu parados nas entradas e caminhando nas ruas. Eles a encaravam, e ela conseguiu não encarar de volta. Encolheu-se, tentando ser discreta.

O rapaz da boate não pareceu se importar com isso. Ele caminhava com passos fáceis, confortáveis, como se estivesse andando no Central Park em um dia ensolarado.

— Como você se chama? — perguntou ele após um período de silêncio.

— Jennifer — respondeu ela. Então se perguntou se deveria ter dito outro nome. Em seguida, decidiu que Jennifer era bastante comum, não tinha problema, não era provável que ele pudesse investigá-la. Assim, ela percebeu que estava andando no Bowery com um completo estranho.

— Jennifer. Prazer em te conhecer. Sou Croyd.

— Oi — disse ela, com um sorriso nervoso.

— Imagino que você não passe muito tempo nesta parte da cidade.

— Não muito. Eu estudo na Columbia. — Ela se arrependeu. Por que tinha dito aquilo?

— É mesmo? Que ótimo. Faculdade, você sabe. É bacana. E aqui estamos. Acho que é só subir essas escadas.

Não havia dúvida, o barulho de uma festa vinha do terraço. Jennifer estava esperançosa. A banda estaria lá, Tricia estaria lá, e Jennifer gritaria com ela por sumir daquele jeito. Então talvez pudessem finalmente ir para casa e o zumbido em seus ouvidos pararia.

Croyd educadamente afastou-se para deixá-la entrar primeiro, e ela correu escada acima e para dentro de um cômodo que parecia um depósito. O lugar era bastante rústico: o chão era de concreto, o bar era feito de mesas dobráveis, e as paredes precisavam de uma demão de tinta. Mas havia um rádio, um toca-discos e alto-falantes enormes despejando mais do mesmo tipo da música tosca do clube. Ninguém estava dançando — não havia muito espaço. Grupos de pessoas pareciam estar conversando aos berros, mas Jennifer não sabia se conseguiam se ouvir. Portas duplas em uma parede se abriam para um terraço e a festa continuava lá fora.

Como encontraria Tricia naquela bagunça?

O rapaz que parecia estar à frente do bar era um curinga. Tinha peso e estatura medianos, mas era coberto por pelos azuis grossos; ela não conseguia ver suas feições. A boca e os olhos eram apenas sombras. Pareceu olhar para ela.

— Pode pegar o que quiser, só jogar alguma coisa no jarro, tá? — Ele apontou um jarro de pickles grande recheado de dinheiro no canto da mesa.

— Estou procurando minha amiga. Ela está com a banda, eu acho. Os Fads. Estão aqui? Você a viu?

— Os Fads? — gritou ele, curvando-se para mais perto. Os pelos em volta da boca tremelicaram.

— Sim! Minha amiga, ela é mais baixa que eu, com cabelo castanho, você a viu?

— Não vi eles. Não passaram aqui, não.

Ela o encarou. E agora?

— Tem certeza? Eles acabaram de tocar em um clube aqui perto, o CBGB...

— Meu amor, eu conheço a banda, eu sei onde eles tocam, eles não vieram aqui, não vi sua amiga. Agora, você quer alguma coisa ou não?

Sem responder, ela deixou a multidão empurrá-la para longe da mesa. Olhando à volta, percebeu que também havia perdido Croyd e não sabia se aquilo a deixava nervosa ou aliviada. Tudo bem, então. Isso não a deixava pior do que estava antes. Tinha apenas que encontrar alguém que conhecesse a banda e soubesse para onde tinha ido. Não estava tudo perdido. Determinada, ela se virou e abriu caminho às cotoveladas até o bar improvisado. Se o barman conhecia a banda, talvez dissesse onde estavam.

Ela perdeu o rumo quando uma mulher a atropelou. Jennifer tropeçou no salto, mas se manteve de pé abrindo as pernas. Ela conseguiu até segurar a mulher, impedindo que as duas desabassem no chão.

A mulher tinha por volta de vinte anos, com traços bonitos, delicados, mas uma expressão cansada, assustadiça. Ela havia mordido os lábios e tirado todo o batom. Trajava um vestido tricotado com gola canoa.

Jennifer tentou atrair o olhar da mulher, mas ela ficava olhando para trás, por cima do ombro.

— Você está bem?

Quando Jennifer falou, a atenção da mulher voltou-se para ela. Seus lábios apertaram-se, obstinados.

— Segura isto aqui pra mim? — perguntou ela, e colocou uma chave em uma argola com uma etiqueta de plástico na mão de Jennifer.

Seus dedos instintivamente fecharam-se em torno do chaveiro. A mulher empurrou Jennifer e desapareceu.

— Ei! — Jennifer a seguiu por um momento, observando seu cabelo preto e escorrido balançando em um mar de gente, então ela sumiu, outra festeira anônima. Jennifer tentou segui-la, mas não conseguiu abrir caminho novamente.

Quando o tiro soou pelo ar, Jennifer pensou que fosse uma garrafa estourando no bar. Apenas quando todos começaram a gritar e empurrar ela percebeu que o ruído não era tão inofensivo. Mas com todos se debatendo e entrando em pânico antes de ela ter entendido o que estava acontecendo, foi deixada para trás, olhando ao redor como uma idiota.

Um grupo de homens fez uma pausa no topo das escadas, então se espalhou. Eram quatro, obviamente parte de alguma gangue, grandes e rudes. Usavam máscaras, daquele tipo barato de Halloween que podiam ter sido compradas em qualquer lojinha do Bairro dos Curingas. Todos carregavam armas, um deles atirara para o alto, e ainda segurava o revólver para cima. Talvez fosse um curinga; ele era enorme — braços e pernas volumosos, músculos que pareciam cabos, quase sem pescoço. Um deles era com certeza um curinga, com braços peludos e garras no lugar das mãos. Os outros podiam ser comuns ou curingas — as máscaras escondiam quaisquer possíveis deformidades. Novamente, isso não parecia importar. Curingas ou comuns, eram grandes, maus e estavam nervosos.

Jennifer sabia que aquele tipo de coisa só podia acontecer naquela parte da cidade. Ela mataria Tricia por tê-la trazido ali. Se ela já não estivesse morta.

— A gente sabe que você está aqui! — disse o grandalhão com a arma. Ele andou com imponência, examinando os rostos. — Entregue e ninguém vai se machucar!

O pânico arrastara a maioria da multidão para o terraço. A mulher que trombara com Jennifer havia sumido. *Entregue...* Jennifer inconscientemente olhou para a chave na sua mão. E isso foi um erro.

O brutamontes olhou para ela ali, em pé, com um pequeno objeto na palma da mão, parecendo assustada e confusa. Sua expressão tornou-se resoluto, satisfeita, e ele marchou na direção dela.

O coração de Jennifer disparou, a pele ficou fria, e ela deu um passo atrás... e caiu.

E continuou caindo.

Ela pensou por um momento que havia apagado, desmaiado, sua mente estilhaçando-se. Sua visão escureceu e o corpo transformou-se em hélio, sem peso e disperso, zonzinho. Cada poro estava atordoado, às avessas. Ela não conseguia respirar.

Então o mundo voltou, ela tomou fôlego e paredes passaram rápido... ela estava realmente caindo, mas apenas por um segundo, até que atingiu o chão. Tudo havia mudado... o bar do terraço desapareceu, o aposento era escuro e vazio. O homem com a arma marchando à sua frente tinha sumido, o que foi um grande alívio.

Mas não, nada havia desaparecido. Ela olhou para cima, para o teto vazio, colunas e exaustor à mostra. Ela caíra de lá. E estava nua. Seus braços, costas e pernas estavam arrepiados. Ela abraçou os joelhos, curvando-se para se esconder. Seu corpo inteiro havia vazado através do chão, como um fantasma. Através das *roupas*. Estava nua e sentada no chão de linóleo do que parecia o depósito de uma loja de bebidas. Pilhas de caixas de papelão com rótulos de cervejas a cercavam. Por sorte, tinha

caído no corredor que dava passagem da porta dos fundos até a frente da loja. O que teria acontecido se tivesse caído no meio de uma pilha de caixas? Se seu corpo tivesse se solidificado ali? Ela não queria nem pensar. Estremeceu.

Ficou olhando para o teto, incerta sobre o que havia acontecido, embora soubesse, simplesmente *soubesse*. Como o copo de suco de laranja atravessando sua mão. Seu corpo todo atravessando o chão.

Posso atravessar paredes, ela pensou. E queria tentar, imediatamente. Só que estava nua. De que serviria atravessar paredes se precisava estar nua?

Mas ainda estava segurando o chaveiro no punho bem fechado, com os dentes da chave enterrados na pele. Estava tão concentrada segurando-a que a levava consigo através do chão.

Quando a porta dos fundos se abriu com tudo, Jennifer se escondeu atrás de uma torre de caixas. Ficou atenta para possíveis passos pesados de botas ou até rosnados. A gangue arrombara a porta, a encontrara, e agora faria coisas terríveis com ela. Torcia para que conseguisse atravessar o chão novamente, embora não tivesse certeza de como tinha feito na primeira vez.

— Ei, garota. Jennifer. Você está aqui? Não me diga que caiu até o esgoto.

Era Croyd.

— Estou aqui. Eu estou... Quer dizer, minhas roupas meio que não vieram comigo.

— Eu sei, estou com elas. Por que não me disse que era um ás?

— Porque não disse *para ninguém*. Ninguém sabe. Ao menos, ninguém sabia.

— Boa decisão — comentou ele, tranquilo e não parecendo nem um pouco chocado. — Mas você tem ideia da utilidade de um poder desses? Eu me lembro de uma vez, lá em 1953, que os federais tentaram me prender, mas eu fui sortudo e consegui escapar.

— Do que você está falando?

— Deixa pra lá. Aqui. — Ele estendeu as roupas na direção da voz dela. Quando Jennifer saiu para pegá-las, ele estava educadamente olhando para o outro lado.

Ela se apressou em se vestir. Croyd conseguira pegar o sutiã e a calcinha também, pelo que ela ficou muito agradecida. Até os sapatos. Mas as joias se perderam. Ela precisava mesmo entender como fez aquilo, e como poderia fazer novamente sem perder tudo. Enquanto colocava o vestido, perguntou:

— O que aconteceu? Quem são aqueles caras?

— Ia te perguntar isso... por que ficaram tão interessados em você? O que você fez?

— Nada! Só trombei com uma mulher e, bom, ela me deu isto aqui. — Ela lhe mostrou a chave. A etiqueta nela mostrava um número: 51337.

— Você tem o dom de estar no lugar errado na hora errada, não é?

— Só quero encontrar a Tricia e ir para casa. — Ela pulava enquanto prendia o fecho da sandália.

— Vamos — disse Croyd. — É melhor sairmos daqui.

— Quê? Por que...

Ela seguiu o olhar nervoso dele para a porta e para o corredor e teve a resposta... a gangue os seguira. O corpo imenso do líder bloqueava o caminho, e ele parecia estar pronto para atirar nela e em Croyd.

Jennifer não sabia se conseguiria afundar novamente através do assoalho. E, se fizesse isso, onde terminaria? Talvez se corresse através da

parede...

— Congela! — gritou Croyd para eles. E eles obedeceram. A boca do líder grandalhão estava aberta para falar, mas permaneceu em silêncio. Croyd deixou escapar um suspiro.

Jennifer olhou para ele, admirada.

— Você é um ás também.

Ele fez uma careta.

— É, hum, não exatamente. Sou mais um dois de paus.

— Um o quê?

— Dura só cinco minutos. Vamos dar o fora.

Ele a puxou entre os criminosos congelados. Eles correram.

Tomaram um caminho serpenteante, virando a cada esquina em uma tentativa de tornar as coisas mais difíceis para quem os seguia. Jennifer não sabia se isso ajudaria. Se bem que ela própria estava completamente perdida. Talvez agora, se chamasse a polícia, eles ajudassem.

Não que pudesse chamar alguém. Não que estivesse sozinha em uma rua escura com um desconhecido. Como pôde ser tão estúpida?

Croyd virou novamente em um beco próximo de uma entrada de arenito escondida e condenada que, sozinha, ela teria ignorado. Deu-lhes uma oportunidade de respirar um pouco.

— Deixa eu dar uma olhada nisso — falou Croyd, apontando a chave que ela ainda segurava.

Relutante em entregá-la, Jennifer a levantou para que ele a visse. Após um momento, ele comentou:

— Parece de uma caixa postal de correio.

— E daí? — disse Jennifer, ainda tentando recuperar o fôlego. Ela esfregou o pé onde uma bolha estava se formando.

— Estou achando que é parte de uma entrega que deu errado. Provavelmente drogas, coisas roubadas ou algo assim. Aquela mulher tinha que entregar a chave. Os caras tinham que pegar a mercadoria ou a grana. Estamos no meio do fogo cruzado.

— Isso não me deixa mais tranquila.

— Conheço alguém que pode nos dizer de onde é a chave. — Ele estendeu a mão, e ela tirou a chave do seu alcance.

— E a Tricia?

— Quem?

— Minha amiga que foi sequestrada.

— Tenho certeza de que ela está bem.

— Preciso encontrar ela!

— Vamos fazer o seguinte: você me deixa descobrir aonde essa chave leva, e eu ajudo você a encontrar sua amiga.

— Claro, você já ajudou tanto com isso.

— Ei, dá um tempo — disse ele, erguendo os braços em uma tentativa fraca de pedir desculpas. — Essa garota que eu conheço fica aqui perto. Vamos conferir esse negócio da chave, então ajudo a encontrar Tricia. Sei de mais alguns lugares onde podemos procurar por ela. Tá bom?

Jennifer ficou amuada, mas, como não sabia mais o que fazer, disse:

— Tá bom.

Croyd tomou uma pílula de seu estojo.

— Ótimo. Vamos lá.

Eles prosseguiram. A vizinhança não melhorava em nada. Ela não viu um táxi em quarteirões. Passou os braços ao redor de si e se perguntou em que tipo de confusão havia se enfiado. Tentou garantir a si mesma que poderia escapar de qualquer um. Se alguém tentasse amarrá-la, ela se

transformaria em fantasma e passaria pelas cordas. Caramba, ela conseguia atravessar paredes.

Croyd estava tentando puxar conversa, e Jennifer tentava ignorá-lo. Por fim, ele disse:

— Olha, só estou tentando ajudar. Eu podia te congelar e pegar essa chave.

— Só que você não vai fazer isso, porque tenho certeza que está tramando algum esquema pra me convencer a te ajudar a roubar um banco ou alguma coisa parecida. — Quando ele não falou nada, ela bufou. — Você estava mesmo, não é? — Ela começou a andar mais rápido.

— O.k., o.k., talvez estivesse — confessou ele, correndo para alcançá-la. Se Jennifer pudesse andar ainda mais rápido de salto, teria andado. — Mas você devia pensar nisso. Um poder como o seu não aparece todo dia.

— Você não entendeu? Não quero esse poder, nunca quis.

— Como assim? Achei que todo jovem queria ser um ás. Ter fotos nos jornais, ir a jantares chiques no Aces High...

— E fazer o quê? Ser uma esquisita? Sou uma garota educada de uma boa família de Long Island e só quero que me deixem em paz.

— Você devia se chamar Garota Fantasma — sugeriu ele.

— Garota Fantasma?

— Sabe, um nome de ás. Algo para os jornais te chamarem. Posso até ver: “Garota Fantasma, famosa ás ladra de joias, ataca novamente”. — Ele esticou os braços, imitando uma manchete.

— Eu *não* vou me chamar Garota Fantasma. — Com certeza poderia encontrar algo mais interessante. Algo mais misterioso, mais *atraente*...

— Você tem um nome de ás?

— Dorminhoco. — O sorriso de Croyd desapareceu, como se não estivesse feliz com aquilo.

— Que estranho. Pensei que seria algo como o Congelador.

Ele deu de ombros.

— Pois é.

Ela parou em uma esquina, sem saber que direção tomar. As luzes dos postes daquele bairro pareciam estar todas quebradas. Todas as lojas tinham pesadas grades de aço na frente. Aquilo não a tranquilizava. Se entrasse em alguma enrascada — quer dizer, mais enrascadas —, esperava poder simplesmente desaparecer de novo.

Estavam bem no centro do Bairro dos Curingas, não apenas nas mediações. As pessoas olhavam para eles. Jennifer estava vestida, mas poderia estar nua, pelo jeito que se arrepiava quando olhavam para ela.

— Aqui não é muito seguro, né? — comentou ela, abraçando-se.

— Está falando sério? Olha, se a gente continuar andando, vamos ficar bem.

Na esquina seguinte havia o esqueleto de um prédio queimado, uma estrutura de aço empretecido brotando de um canteiro de entulhos. Uma vítima das revoltas do Bairro dos Curingas que não foi reconstruída. Era um mundo muito diferente, um ao qual ela não tinha prestado muita atenção antes. E isso apenas pela graça de Deus... Ela não sabia como pegara o vírus Wild Card. Não sabia como tirara um ás, e não um curinga. Nem queria pensar sobre aquilo.

Percorreram o caminho de volta a Bowery, mas bem mais ao sul. Ali, as ruas estavam quase abarrotadas, e Jennifer não esperava por aquilo, não no meio da noite. Bares e restaurantes estavam abertos, bandos instalavam-se em algumas esquinas, tinha até um grupo de mulheres em um quarteirão — então Jennifer entendeu quem eram e o que estavam

fazendo ali. A música de uma caixa de som estrepitava ruidosamente em um beco. Sem policiais à vista, claro.

Uma luz de néon brilhava mais à frente e Croyd disse:

— Ali. Minha amiga é uma das atendentes do bar.

Um quarteirão adiante, Jennifer parou e observou.

Uma placa imensa de néon na frente do prédio mostrava uma mulher de seis seios em brilhos vermelhos e dourados. As luzes piscavam na sequência; quase parecia que os peitos balançavam, com fogos de artifício baratos explodindo em torno dela. Outra extensão de néon vermelho piscante declarava: FREAKERS. Placas simples anunciavam GAROTAS CURINGAS! e XXX GOSTOSAS XXX! A entrada era pelas pernas abertas de uma stripper de néon.

— Ai, meu Deus — disse Jennifer.

— Todo mundo tem essa reação — comentou Croyd, com um sorriso.

— Acho que não consigo entrar, não.

— Claro que consegue. — Ele a segurou pelo cotovelo e guiou-a pela rua.

Eles tiveram que se desviar do tráfego — havia trânsito, mesmo àquela hora. Croyd caminhou com confiança para a porta da frente, bem no meio das pernas de néon da dançarina, que lançava um estranho brilho rosa sobre a calçada. Todos pareciam bronzeados.

Um curinga — com o que pareciam ser enormes chifres saindo das têmporas e cascos pretos polidos no lugar das mãos — cruzou os braços e ficou na frente da porta para bloquear o caminho.

— Ei, Bruce, a gente pode entrar? — perguntou Croyd.

O segurança estreitou os olhos.

— E você é...?

— Sou o Croyd.

— Prove.

— Lembra da última vez com as gêmeas azuis e a garrafa de tequila?

Os olhos do segurança arregalaram-se e ele abriu um sorriso suave pela lembrança.

— Ah, sim. Você está com uma cara boa dessa vez. — Ele se afastou e Croyd guiou Jennifer pela porta.

— Você o conhece? Por que ele não te reconheceu? — falou Jennifer.

— Longa história. Vamos cuidar do assunto da chave.

Jennifer precisou de um momento para que os olhos se ajustassem à escuridão cavernosa, até eles emergirem na pista principal, que era iluminada por pisca-piscas e um globo de espelhos. The Hall & Oates estrondando nas caixas de som foi quase um alívio. Ao menos era mais familiar do que aquilo que ouviu na outra boate. Ao menos dava para dançar com aquela música. E a stripper no palco giratório no meio da pista dançava. A mulher era irreal — magra, furtiva, com uma imensa cabeleira vermelho-escura bem presa para trás e caindo pelas costas. E isso foi antes de perceber a cauda fina e verde de lagarto serpenteando atrás dela, balançando, enrolando-se sensualmente em torno de um poste de latão, enquanto ela tombava para a frente e arrancava o pedaço de tecido preto que fazia as vezes de sutiã.

Jennifer olhava para todos os lugares, exceto para o palco, e viu vários homens comuns com bebidas, corpos inclinados para a frente, observando a dançarina com o que parecia uma intensidade obsessiva. Croyd esgueirou-se até o bar, onde estava conversando com... Jennifer precisou de uma segunda olhada para ver que era uma mulher. Ela não tinha cabeça. Ou melhor, sua cabeça parecia crescer do meio do peito, de forma que o queixo se apoiava no meio dos seios, aninhada no decote criado por um sutiã preto com bojo. Cabelos longos e pretos caíam sobre

a linha reta entre seus ombros. Ela estava limpando o balcão com uma flanela e sorrindo para Croyd, que estava recostado em um cotovelo e com um sorriso charmoso no rosto.

— Como está, Sheila?

— Estou bem, querido. Faz tempo que não te vejo.

— Sabe como é. Estive por fora.

— Bem, você está bonito dessa vez. Espero que tenha planos para aproveitar a oportunidade. — Ela balançou o quadril e deu uma piscadinha, um movimento que seria atraente se ela não fosse tão... *esquisita*. Jennifer cruzou os braços e tentou não ficar inquieta. Sheila, a atendente, olhou para ela de cima a baixo.

— Quem é sua nova amiga?

— Só alguém que estou ajudando — comentou Croyd. — Jennifer, pode mostrar a chave para ela? Tudo bem, eu garanto.

Relutante, Jennifer estendeu a chave.

— Posso? — disse Sheila e tomou a chave quando Jennifer assentiu.

A curinga fechou os olhos — e era impossível olhar em seus olhos sem encarar seus peitos — e pressionou a chave na testa. The Hall & Oates terminou e a curinga com rabo de lagarto escorregou para fora do palco, substituída por uma que tinha pés com escamas e garras de pássaro. A próxima música: “Superfreak”.

Após um momento, Sheila disse:

— É da agência de correio do outro lado da Doyers Street. É o máximo que consigo dizer. — Ela deu de ombros, que se ergueram acima dos cabelos, prestes a passar a chave para Croyd. Jennifer interceptou-a e tomou sua custódia. A curinga sorriu.

— Obrigado, gata — gracejou Croyd. — Te devo uma.

— Quando quiser, querido.

— O que foi aquilo? — perguntou Jennifer enquanto se afastavam do bar.

— Sheila é psicométrica. Consegue sentir coisas sobre um objeto... de onde veio, de quem é, essas coisas.

— Isso é útil — falou ela.

— Quase tão útil quanto atravessar paredes. Se você *usasse* de verdade.

Em seu esforço de evitar olhar para o palco, Jennifer olhou de relance por uma porta que dava para uma sala privada contígua. E pensou ter visto o baterista de cabelos espetados dos Fads sentado lá. Ela se separou de Croyd e correu.

A sala era um pequeno lounge com um palco menor, particular, decorado com carpete preto de pelúcia e cadeiras vermelhas de veludo. A luz negra piscante destacava desenhos fluorescentes nas paredes e os biquínis brancos reluzentes de um par de garotas dançando apenas para o baterista. Nenhuma delas era Tricia, o que era um alívio.

Quando Jennifer se aproximou, o cara esticou o braço para enfiar uma nota no elástico da calcinha de uma das garotas. A moça tinha uma pele brilhante que trocava de cor como aqueles anéis que mudam segundo o humor do usuário, azul para vermelho para laranja. E o cara realmente era o baterista.

Jennifer o empurrou para longe do palco para que pudesse encará-lo. Ele soltou a nota.

— O que vocês fizeram com a Tricia?

— Ei — falou a dançarina, cruzando os braços em protesto.

— Quem é você? — falou o baterista.

— Cadê o resto da banda? Onde está a Tricia?

— Hum... — respondeu o baterista.

Jennifer não havia terminado.

— E o que você está fazendo *aqui*? Vocês tinham tietes penduradas no seu pescoço no clube, e agora está aqui, *pagando* por isso?

— Parece mais sacana quando você paga — comentou Croyd. Ele estava parado ao lado, assistindo como se fosse um show. O baterista encolheu os ombros e concordou com uma careta.

Jennifer estava quase gritando.

— Onde está a Tricia?

— Olhe, meu amor, não sei de quem você está falando.

— A banda — disse Croyd. — Pra onde o resto da banda foi? Eles levaram a amiga dela.

— Ah, sim. A garota bem louca? Totalmente chapada?

Sim, aquela era Tricia. Jennifer suspirou.

— Ah... hum. Eles provavelmente foram pra casa do Tony.

— Onde?

— Não vou dizer pra *você*, deve ser alguma tiete maluca.

— Não, minha amiga Tricia é a louca. Eu só preciso encontrar ela...

— Ahn, Jennifer? — Croyd tocou seu ombro e virou-a de frente para a entrada.

O brutamontes da gangue encheu a passagem. Ela conseguia ver a fúria em seus olhos através da máscara.

— Tem uma porta dos fundos — sussurrou Croyd. — A gente precisa aproveit...

Chega. Jennifer segurou a chave onde o grandalhão pudesse ver, então esticou o braço e jogou-a dentro da camiseta do baterista.

— Agora a gente aproveita — disse ela, e correu na frente de Croyd para a porta dos fundos.

O barulho do caos — mobília virada, mulheres berrando, tudo que se tinha direito — estourou atrás dela, e por mais que a cena provavelmente

fosse interessante, Jennifer não ousou virar para olhar.

Eles seguiram por um corredor com camarins e saíram por outra porta para outro beco úmido.

— Por que você fez aquilo? — Croyd quis saber.

— A chave não era importante, agora que sabemos o que ela abre — disse Jennifer. — Mas temos que chegar ao correio antes deles.

— Quê? Ai, ai, lá vamos nós.

Eles correram em silêncio. Jennifer ainda esperava pelo som dos gritos e das passadas pesadas atrás dela. O tempo todo olhava para trás, mas eles pareciam ter atrasado a gangue, ao menos um pouco.

— Não pareça tão nervosa — disse Croyd a certa altura. — É suspeito. Fácil para ele dizer. Tentou desviar a atenção de seus perseguidores. Precisava se distrair.

— Então, como se rouba um banco?

Ele a olhou de lado.

— É sério?

— Sim. — O tom dela fazia da pergunta um desafio.

— Você não rouba. Digo, não mais. Com toda a segurança e vigilância que tem agora não vale mais a pena. Em vez disso, você vai atrás dos cofres privados. Dá uma de gatuno. Ou vai atrás de carros blindados quando estão transportando o dinheiro. Você espia a área, procura pontos fracos. Nunca tente pegar demais, seja seletiva, sabe? Pegue parte do monte em vez dele inteiro. E, assim que pegar, não se apegue, pense que você pode conseguir algo melhor. Aí está a parte delicada: repasse dos produtos roubados ou lavagem de dinheiro. Mas tem gente por aí. Ajuda ter bastante contatos.

Ela assentiu, pensativa. Fazia todo o sentido.

— Também ajuda ter um ás realmente poderoso — acrescentou Croyd, piscando. — Superforça, atravessar paredes.

Na frente deles, por uma rua estreita, vozes gritaram, e Jennifer parou. Quem quer que fosse, soava com raiva, e estavam chegando cada vez mais perto. De alguma forma, a gangue os encontrara e passara a frente, interceptando-os...

Croyd agarrou seu braço, empurrou-a na direção do muro, pressionou o corpo ao de Jennifer e a beijou. Um beijo com tudo que tinha direito, braços em volta dela, prendendo-a contra os tijolos. Nesse meio-tempo, uma gangue de adolescentes passou por eles, gritando ofensas um para o outro e para o casal. Não a gangue, mas um bando de moleques.

Croyd ainda a beijava. Distraindo-a. Ela finalmente o empurrou.

— O que você acha que está fazendo?

— Pensei que pareceria menos suspeito desse jeito — disse ele, seu sorriso mais arrogante que nunca.

Bufando de frustração, ela o empurrou de novo, deu-lhe um tapa, para garantir, e marchou adiante. Ele apenas ria.

Descobriram que não estavam tão longe da agência de correio em questão. Apenas uns poucos quarteirões. O local era um bloco moderno de concreto enfiado entre prédios de tijolos nas cercanias de Chinatown. Um pequeno saguão que dava acesso às caixas postais ainda estava aberto, iluminado por uma luz fraca e amarelada na parede do fundo. Se fossem atacados por uma gangue raivosa, seria ali, Jennifer pensou.

Encontraram a caixa com o número da etiqueta. Croyd ficou de lado.

— Importa-se de fazer as honras?

Jennifer encarou a porta cor de latão por um momento, sem ter certeza de que queria saber o que tinha lá dentro. Sem ter certeza de que queria entrar ali, ver o que estava oculto. Como se pudesse estar cheio de cobras

venenosas ou ratoeiras. Era mais provável que fosse apenas a correspondência de alguém.

Ela respirou fundo e atravessou a portinhola. Sua mão resvalou contra algo retangular, com textura de papel — um envelope com um volume animador. Ela o segurou, desmaterializou-o com o restante de sua mão e puxou-o pela porta.

Ela e Croyd examinaram um envelope comercial cheio de dinheiro. Notas de cem dólares, muitas.

— Meu Deus, deve ter uns trinta mil aí — disse Croyd.

Jennifer nunca tinha visto tanto dinheiro em um único lugar, exceto em filmes. Por outro lado, Croyd conseguiu bater o olho e saber quanto tinha lá. O que significava aquilo tudo? Quem era a mulher que lhe deu a chave? Que tipo de tramoia estava em curso? Eram drogas, contrabando, dinheiro de resgate, algo totalmente diferente? Não fazia ideia. O dinheiro parecia queimar sua mão.

Com a testa franzida, ela fechou o envelope, aninhou-o no peito e saiu da agência. Croyd estava ao seu lado.

— Você não está se saindo mal na sua primeira noite como criminosa.

— Não sou uma criminosa. Vou levar isso para a polícia.

— Quê? Ah, não vai, não.

— Vou, sim.

A delegacia do Bairro dos Curingas devia ficar ali por perto. Se qualquer um tentasse assaltá-la no caminho, ela simplesmente atravessaria a parede do prédio seguinte.

— São os mesmos policiais que foram tão simpáticos com você quando pediu ajuda com sua amiga, certo? — falou Croyd.

— É o certo a se fazer.

— Gata, existe o certo e o certo. A polícia aqui da região, eles não são corretos. Você leva isso pra eles, vão fazer todo tipo de pergunta sobre de onde veio e não vão ouvir nenhuma das respostas. Vai acabar numa cela, não que isso seja problema para você. Mas vão te fichar e isso nunca é bom. Vão até a Columbia pra arrastar você de volta para a cadeia, e você pode dar adeusinho pra sua educação brilhante. Por outro lado, estamos mantendo esse dinheiro fora das mãos de gente *realmente* ruim: o sr. Muralha e seus amigos. A gente podia tomar umas bebidas com esse dinheiro, ir para a minha casa e fazer uma bela festinha a dois.

Ela quase disse sim. Tricia teria dito sim. Uma parte ínfima dela pensou sobre a grande aventura que seria. Mesmo que não soubesse quase nada sobre Croyd e não tivesse certeza de que gostava do que sabia.

A garota sensata de Long Island venceu. Ela apertou o passo, marchou para longe dele e disse, com um bufar indignado:

— Não!

— Jennifer, eu gosto de você. Eu realmente não quero fazer isso.

— Fazer o quê? — disse ela, olhando para trás ao mesmo tempo que Croyd disse:

— Congela!

Então ele desapareceu. Ela sacudiu a cabeça, afastando um resíduo de vertigem. Tinha olhado para trás e então... que desgraçado. Aquele rato desprezível e desgraçado. Desapareceu, claro. Tinha apenas cinco minutos de vantagem, mas era o suficiente para virar uma esquina e sumir nas ruas escuras. Não que ela pretendesse caçá-lo. O que faria se conseguisse pegá-lo?

Ele tinha até deixado o envelope em seu decote. Enfiado ali, depois de ter tirado o dinheiro, como se ela fosse uma lata de lixo. Devia tê-la

apalpado também. Como se fosse uma grande piada.

Mas não... ela puxou o envelope e ainda tinha dinheiro nele. Croyd parecia ter pegado apenas metade. Ela deu um sorrisinho. Um rato desgraçado e cavalheiro. Que homem estranho.

— Ei, você! — As silhuetas familiares do Sr. Muralha e seus capangas viraram a esquina e partiram na direção dela. — Vamos acabar com você! — gritou o líder.

Ela correu. Estava aprendendo direitinho a correr de salto alto. Não que fosse conseguir manter os saltos. Não conseguiria correr mais que os caras. Não sobreviveria se eles a pegassem. Aquilo não lhe deixava muitas opções. Ela mudou de direção, seguiu para a parede à sua direita e pensou, *segura, segura, segura...*

Seu sutiã, sua calcinha, o dinheiro. Ela conseguiria se virar com aquilo. Sutiã, calcinha, dinheiro, sutiã, calcinha, dinheiro. Ela alcançou a parede e atravessou.

Entusiasmada pela adrenalina, o poder veio quase com facilidade. Ela se desmaterializou inteira. Sentia-se cada vez mais etérea, as paredes sólidas movendo-se em torno dela como uma brisa forte. Sentia até mesmo o dinheiro na mão, como se segurasse uma sombra. E quando emergiu... estava em uma sala cheia de gente. Jennifer ficou paralisada no carpete vermelho e voltou os olhos para as dezenas de homens e mulheres bem-vestidos sentados em diversas mesas, a encarando. Parecia um jantar pós-noitada em um restaurante. Ao lado, um garçom parou com um prato de cheesecake no ar enquanto o tirava da bandeja. Diversas pessoas tinham garfos levantados diante de bocas abertas. Uma xícara estalou em um tampo de mesa... alguém derrubou o café.

Ela deixara seu vestido e os saltos para trás, mas ainda estava de sutiã e calcinha. Com certeza destoava do figurino do lugar. Ela imaginou se

estavam esperando algum espetáculo. No entanto, o mais importante era que ainda estava com o envelope. Apertando-o, ela o usou para dar forças. Ignorando o rubor que começou a correr por sua pele, abriu um grande sorriso e deu um pequeno aceno para os convivas:

— Uma boa noite para vocês, pessoal!

Então, correu direto para a parede do outro lado do salão.

— Só podia ser em Manhattan! — murmurou alguém enquanto ela desaparecia.

Jennifer descobriu que o poder não era apenas uma questão de passar por barreiras, mas de viajar por elas. Não precisava atravessar a calçada para terminar na plataforma de metrô da Grand Street, podia afundar por calçadas, paredes, e surgir onde quisesse. Não que isso tenha servido de muita coisa, pois quando saiu na plataforma e se rematerializou, dois dos brutamontes estavam bem ali, mascarados e tudo o mais. Tinham dado um jeito de arrombar o portão trancafiado do metrô. Quando correram na direção dela, Jennifer simplesmente recuou e entrou na parede de novo, desmaterializando-se, escondendo-se na matéria sólida.

Talvez pudesse ficar ali, parte da parede de concreto, até eles irem embora. Mas não, precisava continuar se movendo. Se ficasse parada, sentia um começo de dispersão, instabilidade. Como se suas células estivessem se espalhando. A sensação a deixava zozza e nauseada, então continuou em movimento. Fora do metrô e de volta às ruas, mas em vez de ficar na calçada, onde sem dúvida a gangue estava à sua procura, ela se deslocava na diagonal, em uma linha reta, atravessando prédios e becos. Seus pés ficaram cortados e feridos, correndo descalços pelas piores ruas da cidade. Ela tremia, completamente exposta ao frio.

Não sabia quanto havia percorrido. Estava mais preocupada em colocar a maior distância possível entre ela e a gangue. Talvez meia hora tivesse

se passado, do jeito que sua respiração ofegava. Sentia como se já tivesse passado metade da noite.

Saindo de um prédio abandonado, ela se deparou com a vista do East River, que lhe deu uma ideia do quanto havia se deslocado. Talvez agora estivesse a salvo.

A vertigem fez seu campo de visão balançar e seu estômago revirar. Recostou-se à parede e, em vez de atravessá-la, apenas bateu contra ela, raspando o ombro. Tinha se esforçado demais, precisava descansar. Óbvio. O que aconteceria se continuasse usando seu poder? Continuasse a se tornar etérea, caminhando pelas paredes até esquecer como ficar sólida novamente, até suas moléculas começarem a se espalhar em brisas errantes? Ela conseguiu imaginar esse acontecimento e ficou apavorada. O fato de conseguir ver tão claramente parecia ser uma mensagem. Seu coração estava tentando lhe dizer alguma coisa.

Ela correu e, em vez de passar pelas paredes dessa vez, tomou o caminho mais longo virando a esquina, então seguiu para o norte ao longo do rio.

A escuridão penetrante e as sombras nas ruas foram rompidas por uma porta guardada por leões. Leões de pedra. No canto daquela grande entrada havia outra porta, mais larga, com uma luz branca reluzindo lá dentro. A palavra EMERGÊNCIA cintilava em letras vermelhas em uma placa acesa sobre ela. Acima dos leões de pedra, outra placa estava iluminada por um refletor: CLÍNICA BLYTHE VAN RENSSAELER.

Se não estivesse segura em um hospital, não estaria em lugar nenhum.

Ela se aproximou da entrada de emergência, mas hesitou quando viu um curinga incrivelmente alto, de pele verde, na frente dela. Vestia um uniforme... e onde um homem com quase três metros encontraria uniformes de segurança? Guarda noturno, então.

Ela decidiu evitar a entrada e, em vez disso, deu a volta no quarteirão para atravessar uma parede dos fundos. A tontura voltou. Não queria ter que fazer aquilo de novo tão cedo. Felizmente, as luzes eram fracas e os corredores estavam vazios. Ela encontrou um armário de materiais destrancado onde, como esperava, achou uniformes. Encontrou até mesmo um par de sapatos — sapatos de cirurgia, mas serviriam. A camiseta e as calças esverdeadas não eram a última moda, mas a cobriam. Jogou um jaleco branco sobre as roupas, por segurança.

Caminhou para a sala de espera da área de emergência e sentou-se na primeira cadeira que viu.

O lugar não era quieto. Uma voz arranhava em um alto-falante em um corredor ladrilhado, um bêbado reclamava com uma enfermeira no balcão, e do outro lado do aposento uma mulher — com pele de lixa e cabelos parecendo arames — estava embalando um bebê que chorava. A criança estava enrolada em um cobertor, e Jennifer não conseguia dizer se era um curinga também. Por mais estranho que fosse, apesar de tudo isso, era um cenário pacífico. Nenhuma música estrondava, ninguém a perseguia, ninguém a molestava. Ela soltou o ar com força e com isso diminuiu um pouco sua ansiedade, então afundou-se na cadeira e cochilou.

Acordou com o som de uma sirene no lado de fora — uma ambulância estacionando. Um momento depois, uma dupla de paramédicos apressou-se pela porta principal empurrando uma maca. A pessoa deitada mal cabia nela, seus membros imensos pendurados nas extremidades. Seus enormes músculos estavam tensos enquanto procurava agarrar debilmente as pessoas que tentavam ajudá-lo. Jennifer reconheceu o formato do paciente, o brutamonte, o Sr. Muralha. Sua camiseta estava manchada de sangue, como se tivesse sido apunhalado. A maca

desapareceu por trás de uma enfermaria acortinada, enquanto um médico e um enfermeiro corriam para atendê-lo.

Jennifer encolheu-se em seu assento, abraçando-se, tentando se esconder, com medo de quem atravessaria a porta e o que aconteceria se a encontrassem. Mas ninguém veio. Ela não precisou se desmaterializar para passar por outra parede. Mas não relaxou novamente. Ficou olhando para a cortina, esperando o líder da gangue descer do leito e vir atrás dela.

— Minha querida, precisa de ajuda?

A voz veio detrás dela, e Jennifer recuou.

Era um homem baixo, magro e bem impressionante: tinha cabelos vermelhos metálicos presos para trás em um rabo de cavalo, feições atraentes e, sob o jaleco branco, trajava uma camisa amarelo-limão com babados poéticos e calças verdes coladas. Ela o ignorou.

— Perdoe-me, não quis assustá-la — disse ele, as mãos fazendo um gesto reconfortante. Seu sotaque era estranho, exótico e encantador.

— Não, tudo bem, é que... só estou cansada.

— Pensei primeiro que fosse uma enfermeira, mas não conheço você, não é mesmo?

— Não. — Ela virou o rosto, rindo.

— Parece que você está com problemas. Posso fazer algo para ajudar?

O rosto dele era bondoso e o sorriso, gentil. Jennifer gostou dele e resistiu ao ímpeto de cair em seus braços, soluçando, contando a ele absolutamente tudo.

— Não, e-eu estou bem. Só preciso descansar, eu acho.

Ele a examinou... seus olhos eram de um violeta peculiar. Por um momento, parecia prestes a dizer algo, a argumentar. Então ele apertou os lábios e o momento passou.

— Tudo bem, então. Mas não hesite em chamar se precisar de algo.

— Obrigada.

Ele se afastou, elegante, mesmo de jaleco, mesmo que parecesse tão exausto quanto ela.

O bêbado estava sentado a uns dez assentos de distância.

— Sabe que ele provavelmente acabou de ler sua mente, né?

— O quê? — perguntou Jennifer.

— É o que ele faz. Ele lê mentes. É o dr. Tachyon.

Claro que era. Então ele sabia. Olhou para ela, leu sua mente... e sabia que ela era um ás. Sabia tudo sobre ela. E não disse nada. Nada aconteceu. Ela quase riu.

Quando o céu do lado de fora das portas da sala de emergência começou a empalidecer, Jennifer decidiu que era hora de partir. Ainda não havia encontrado Tricia.

Mas, de acordo com o baterista, Tricia estava com Tony. Talvez ele estivesse na lista telefônica. Talvez ela pudesse apenas procurar seu nome, ligar para ele, pedir para falar com Tricia... Com certeza alguém no CBGB sabia onde ele morava. Ou seu telefone. Ela podia encontrar Tricia, não chegara ao fim da linha ainda.

Caminhou para oeste, na direção do Bowery. As luzes dos postes se apagaram sem Jennifer perceber, e um caminhão de jornal passou roncando por ela. Já era de manhã. Ela passara a noite toda fora. Que aventura. Teve que sorrir.

O tráfego da manhã aumentou, pedestres surgiam nas calçadas, lojistas abriam as grades na frente das vitrines. Pessoas olhavam para ela — cabelo desgrenhado, sapatos frágeis, uniforme de hospital e um jaleco —, mas não a encaravam. Não parecia normal, mas para aquela parte da

cidade, quem era? Ela decidiu que sentir-se constrangida com aquilo era inútil.

Adiante, viu uma placa de um restaurante que parecia popular, e seu estômago roncou. Estava faminta, e um grande prato de ovos e panquecas soava divino. E Jennifer tinha, mais ou menos, dez mil enfiados no bolso do jaleco para pagar por um bom café da manhã. Talvez pagasse a refeição de todo mundo no restaurante.

Passou na frente da vitrine até a porta. Parou. Recuou alguns passos e olhou. Lá, no centro do reservado à direita, próximo à vitrine, estava Tricia. Sentados ao lado dela estavam os dois outros rapazes da banda, o vocalista e o guitarrista, e uma outra tiete. O guitarrista estava tamborilando os vinte dedos na mesa; o brilho do cabelo do vocalista parecia opaco à luz do dia. Estavam tomando café e rindo de algo, como se não houvesse nada errado. Pratos vazios e uma jarra de café estavam atulhados sobre a mesa. Talvez tivessem ficado sentados ali a noite toda.

Jennifer deu batidinhas suaves no vidro. A alternativa era arrebentar a vitrine com o punho.

Tricia ergueu os olhos, boquiaberta, e piscou com surpresa. Jennifer marchou até a porta e entrou, seguindo para a mesa. Tricia ainda estava de olhos arregalados, pasma. Jennifer cruzou os braços. Os outros três no reservado se encolheram com a sua carranca.

Finalmente, Tricia cuspiu as palavras.

— Ai-meu-Deus, Jennifer, onde você estava? Você perdeu a melhor festa *de todas*!

Como se fosse culpa dela ter perdido a festa, e não tivesse sido abandonada no bairro mais miserável da cidade. Tantas coisas ela poderia dizer naquele instante.

Jennifer pensou por um minuto.

— Na verdade, acho que a minha festa foi melhor que a de vocês. — Ela abriu as abas do jaleco, mostrando seu novo modelito. — Por que não me esperou, Trish? Por que não me disse ao menos para onde estava indo? Procurei você por todos os cantos.

Tricia contorceu-se no reservado, deu de ombros e piscou de forma inocente.

— Achei que você estava bem atrás de nós. De verdade.

Jennifer não tinha nada a dizer. Já passava da hora de ir para casa. Ela se virou e saiu de lá. Não esperava que Tricia fosse atrás dela, e Tricia novamente atendeu às expectativas. Mas a chamou:

— Jennifer, espere! Meu Deus, você não precisa ser tão *careta*.

Com o ombro recostado na parede, Jennifer parou do lado de fora do restaurante, cansada demais para ficar irritada, entorpecida demais para pensar, sem saber o que fazer em seguida. Correrá a noite toda e o que tinha ficado de recordação? Pés cheios de bolhas. Um apreço recém-descoberto por seu poder de ás. E um envelope cheio de dinheiro.

Ela não podia entregar o dinheiro à polícia. Não se sentiria bem se gastasse. O que mais poderia fazer, além de jogá-lo em um bueiro para algum bêbado encontrá-lo e gastá-lo em bebida?

Ou talvez...

Ela voltou à clínica do Bairro dos Curingas. Lembrou-se de ver uma placa pendurada na parede perto da porta, próxima a uma urna com uma fenda. Na placa estava escrito DOAÇÕES, com um texto menor embaixo no qual se lia CADA CENTAVO AJUDA!

Jennifer deslizou para dentro e esgueirou-se pela parede, esperando não ser notada. O lugar estava quieto, a enfermeira que tinha visto na

última noite estava no balcão, cabeça descansando sobre os braços. Seu turno estava quase acabando.

Em silêncio, Jennifer enfiou o envelope na fenda. Custou um pouco para fazê-lo — a fenda tinha sido feita para moedas e notas, não para salários anuais. Mas ela conseguiu, e o envelope caiu com um baque gratificante.

Por um momento, ela ficou olhando para a urna. Podia mudar de ideia. Podia pegar o envelope dali. Mas não... não, não podia. Como Croyd disse, havia o certo e o certo, e aquilo parecia mais certo do que qualquer coisa naquela noite toda.

Por outro lado, precisava do dinheiro do metrô para voltar para casa. Ela enfiou a mão-fantasma na caixa de doações, puxou uma única nota amassada. Então pegou uma segunda para substituir as roupas e as joias que tinha perdido. Era justo, não era? Estava com os dedos na metade do caminho para entrar na caixa e pegar uma terceira nota, quando se conteve. Já era mais do que justo.

Saiu quase saltitando da sala de emergência. Mãos nos bolsos do jaleco, ela subiu a rua, de cabeça erguida, sorrindo.

CHEGA O CAÇADOR

John J. Miller

Se quiser encontrar a verdade clara, não se preocupe com certo e errado.

Seng-ts'an: *Hsin-hsin Ming* (Versos sobre a fé na mente)

I.

Brennan observou toda a cor desvanecer da paisagem enquanto o ônibus descia do frio calmo das montanhas para a umidade abafada de um dia de verão na cidade. Vagas de estacionamento asfaltadas e infinitas tomavam o lugar dos prados e dos campos relvados. Os prédios ficavam cada vez mais altos e juntos à estrada. Postes de luz cinzentos suplantaram as árvores no canteiro central e ao longo da rodovia. O próprio céu estava melancólico e cinza, ameaçando chuva.

Ele desembarcou no terminal rodoviário Port Authority com outros passageiros, que se espalharam para uma miríade de destinos, sem se encarar, na maneira habitual de moradores de cidade grande, sem lhe lançar um segundo olhar. Não que houvesse algo nele que chamasse atenção.

Era alto, mas nem tanto. Sua constituição era mais esguia que parruda. As mãos eram grandes. Bronzeadas e com cicatrizes, veias e tendões destacavam-se nas costas delas como fios grossos. O rosto era escuro, magro e comum. Vestia uma jaqueta de brim, surrada e desbotada, uma camiseta escura de algodão, calça jeans azul limpa e tênis de corrida pretos. Carregava uma bolsa de viagem pequena na mão esquerda e uma valise de couro fina na direita.

A 42nd Street estava cheia na altura do terminal rodoviário. Ele surgiu no fluxo do tráfego pedestre, deixando-se levar para uma área de Manhattan que era apenas um pouco menos miserável do que algumas das melhores partes do Bairro dos Curingas. Separou-se da manada de pedestres após alguns quarteirões e subiu os degraus de pedra gastos do Ipshwhich Arms, um hotel caído que tinha a aparência de ser um ponto

de prostituição local. Parecia que os negócios iam mal. As pessoas, pelo visto, estavam indo para o Bairro dos Curingas, atrás de suas perversões. Eram mais baratas lá e, mesmo que apenas uma fração do que tinha lido fosse verdade, muito mais intensas.

O recepcionista olhou desconfiado quando ele chegou sozinho com bagagem, mas aceitou seu dinheiro e deu as indicações para o quarto, que era tão pequeno e sujo quanto imaginou. Fechou a porta, colocou a mala no chão e, cuidadosamente, deixou a valise de couro sobre a cama bamba.

O quarto era abafado, mas Brennan já havia estado em lugares mais quentes. Sentia-se confinado pelas paredes nuas e sujas ao seu redor, mas abrir a janela não teria ajudado. Deitou-se na cama e ficou olhando para o teto descascando sem reparar nas baratas apostando corrida sobre sua cabeça. As palavras da carta recebida no dia anterior ainda percorriam sua mente.

Capitão Brennan, ele está aqui. Eu o vi, mas temo que ele tenha me visto e me reconhecido também. Venha ao restaurante. Seja cauteloso, mas franco.

Não havia assinatura, mas ele reconheceu a caligrafia elegante e precisa de Minh. Não havia endereço, mas não precisava. Minh o escondera no seu restaurante por muitos dias quando voltara clandestinamente aos Estados Unidos, três anos antes. E Brennan não tinha dúvidas sobre a quem o velho amigo se referia na carta. Era Kien.

Fechou os olhos e viu um rosto: masculino, magro, predatório. Tentou fazê-lo sumir. Tentou expulsá-lo de sua cabeça, conjurando das profundezas da mente o som de uma mão batendo palma. Tentou, mas fracassou. O rosto sorria, zombando dele. E começou a rir.

Sentou-se na cama, esperando pela escuridão e pelo que ela traria.

II.

O ar estava parado e imóvel, entupindo as narinas de Brennan com o miasma de sete milhões de pessoas espremidas. Após três anos nas montanhas, estava desacostumado com a cidade, mas ainda conseguia aproveitá-la. Um homem entre milhares, era visto, mas não notado, ouvido, mas não lembrado, enquanto caminhava para o restaurante de Minh na Elizabeth Street, carregando sua fina valise de couro.

Era cedo na noite e as ruas ainda estavam lotadas com potenciais clientes, mas o restaurante estava fechado. Aquilo era estranho.

O vestíbulo, a única parte do interior do restaurante visível a partir da rua, estava escuro. A placa pendurada no lado de dentro da porta de vidro dizia “Fechado. Volte mais tarde, por favor” em inglês e vietnamita. Três homens, punks urbanos, descansavam na rua em frente ao prédio, rindo entre si.

Brennan foi até a esquina, tentando acalmar sua apreensão súbita. Fez uma série de exercícios de respiração que tinham sido a primeira lição de Ishida para ele quando decidiu dar um rumo à sua vida, estudando o Caminho. Apreensão, medo, nervosismo, ódio... nada disso faria bem. Precisava da tranquilidade inefável de um lago montanhês calmo e claro.

Kien ainda estava vivo. Daquilo ele nunca teve dúvida. Kien era um sobrevivente astuto e implacável para quem a queda de Saigon fora um simples inconveniente. Podia ter demorado um pouco, mas Brennan sabia que ele teria montado uma rede de agentes tão potente e incansável quanto a que mantinha no Vietnã. Esses agentes, nos poucos dias que levou para a carta ser escrita, enviada e recebida, deviam ter rastreado Minh.

Ele virou a esquina e, despercebido pelos outros pedestres, deslizou para um beco lateral ao restaurante de Minh. Estava escuro lá, e tão quieto e denso quanto a morte. Esgueirou-se até uma pilha de lixo, ouvindo e observando. Não viu nada quando seus olhos se ajustaram à penumbra mais profunda do beco, além de gatos fuçando o lixo.

Deixou a valise no chão e abriu as fivelas. Mal conseguia enxergar na escuridão, mas não precisava de luz para montar o que havia ali dentro. Encaixou e apertou as hastes inferior e superior ao punho central e, com firmeza e prática, deslizou a corda sobre a ponta inferior, depois deu um passo à frente e apoiou-a no pé, curvou a haste superior contra a própria coxa, e passou a corda pela ponta dela também. Dedilhou o fio tensionado e sorriu com o ressoar baixo que ele produziu.

Tinha nas mãos um arco recurvo com um metro de comprimento, feito de camadas de fibra de vidro laminadas em torno de um núcleo de teixo. Brennan sabia que era um bom arco. Ele mesmo o fizera. Sua puxada era de vinte e sete quilos, poderosa o suficiente para derrubar um cervo, um urso ou um homem.

A valise também continha uma luva de couro de três dedos, que Brennan encaixou na mão direita, e uma pequena aljava que ele prendeu ao cinto com faixas de velcro. Tirou uma flecha com sua ponta larga de caça com quatro palhetas afiadas como navalha. Encaixou-a frouxamente na corda tensionada e, mais silencioso do que os gatos catando o lixo, rumou para a porta dos fundos do restaurante.

Prestava atenção, mas não conseguia escutar nada. Testou a porta, viu que estava destrancada, e abriu-a pouco mais de um centímetro. Um jorro de luz esparramou-se, e ele avistou um pedaço da cozinha que também estava vazia e silenciosa.

Deslizou para dentro, uma silenciosa mancha de escuridão no cômodo de aço inoxidável e porcelana branca. Mantendo-se abaixado, movendo-se rápido, seguiu até as portas vaivém duplas que levavam para a área de jantar e, com cuidado, espreitou pela janela oval de uma das portas. Viu o que temia.

Os garçons, cozinheiros e clientes estavam reunidos em um canto do salão sob os olhos vigilantes de um homem armado com uma pistola automática. Dois outros mantinham Minh preso de braços e pernas abertos contra a parede, enquanto um terceiro o espancava. O rosto de Minh estava ferido e sangrava, os olhos fechados por causa do inchaço. O homem que o agredia metodicamente com um cassetete de couro também o interrogava.

Brennan escorregou para baixo da janela, dentes rangendo, o ódio inchando as veias do pescoço e enrubescendo o rosto.

Kien reconhecera Minh e mandou que o caçassem. Minh era uma das poucas pessoas nos Estados Unidos que podiam identificar Kien, que sabia que ele usara sistemática e implacavelmente sua posição de general do Exército da República do Vietnã, o ERV, para trair seu país, seus homens e seus aliados americanos. Brennan, claro, também sabia muito bem quem Kien era. E sabia que, onde quer que ele tivesse se estabelecido nos Estados Unidos, os governantes o respeitariam, ouviriam e, provavelmente, até o temeriam. Brennan, por sua vez, desde que se revoltara e desertara do Exército durante o fracasso da queda de Saigon, era um fora da lei. Nenhuma autoridade sabia que ele estava de volta ao país, e queria manter as coisas desse jeito.

Tirou uma touca do bolso de trás e vestiu-a, cobrindo suas feições do lábio superior ao topo da cabeça.

Esperou um momento para respirar fundo, jogar as emoções em um vácuo de inexistência, esquecer-se do ódio, do medo, do amigo, de sua necessidade de vingança, esquecer-se até de si mesmo. Tornou-se nada para que fosse tudo. Não estava nervoso nem calmo. Ele se levantou silenciosamente e atravessou a porta; agachando-se sobre um joelho atrás de uma mesa, puxou sua primeira flecha.

As palavras calmas e seguras de Ishida, seu *roshi*, enchiam sua mente como o dobrar sonolento de um grande sino.

Seja ao mesmo tempo o alvejador e o alvejado, o golpeador e o golpeado. Seja um receptáculo cheio esperando para ser esvaziado. Solte seu peso quando for o momento certo, sem pensar ou direcionar, e dessa maneira você conhecerá o Caminho.

Ele encarou sem ver, esquecendo se os alvos eram homens ou fardos de feno, soltou a primeira flecha, desceu a mão para a aljava no cinto, pegou a próxima, encaixou-a, ergueu o arco, e puxou a corda enquanto a primeira flecha ainda estava no seu trajeto.

A primeira flecha atingiu seu destino enquanto ele mudava a mira para acertar o terceiro alvo. Perceberam que estavam sendo atacados no momento em que a segunda flecha acertou e a quarta foi lançada. Era tarde demais.

Havia escolhido a ordem de seus alvos antes de ficar submerso no vácuo. O primeiro foi o homem que vigiava os reféns com a arma sacada. A seta o atingiu nas costas, no alto, à esquerda. Atravessou o coração, fatiou um pulmão e saiu trinta centímetros à frente do peito. O impacto o lançou à frente, atônito, nos braços do garçom. Os dois fitaram a seta de alumínio sangrando que se projetava do peito. O atirador abriu a boca para xingar ou rezar, mas o sangue jorrou afogando as palavras. Despencou para a frente, suas pernas amoleceram, e o garçom o soltou.

Os dois que seguravam Minh o soltaram, fazendo com que ele desabasse no chão quando os criminosos estenderam as mãos para as armas nos cintos. Um teve a mão presa na barriga antes que pudesse sacar; o outro ficou pregado na parede. Ele soltou a pistola e agarrou a seta que o prendia como um inseto grudado no alfinete de uma prancha de secar. O último, que estava interrogando Minh, girou e foi atingido na lateral. A flecha tomou um ângulo ascendente, deslizou entre as costelas, perfurando o coração, e atravessou o ombro direito.

Nove segundos passaram-se. O silêncio repentino era interrompido apenas pelo lamento de dor do homem pregado à parede.

Brennan cruzou o salão com uma dúzia de passos largos. Os reféns ainda estavam chocados demais para se mover. Dois dos bandidos estavam mortos. Brennan não sentia prazer com as mortes, como não sentia prazer em matar cervos para conseguir carne para a mesa. Era algo que tinha de ser feito. Não gastou seu tempo tendo piedade deles.

O homem armado estava curvado no chão, inconsciente e em choque. O outro, pregado à parede pela seta que tinha perfurado seu peito, ainda estava alerta. O medo retorcia seu rosto e, quando encarou os olhos de Brennan, seus soluços cresceram em um lamento.

Brennan o encarou sem remorso. Puxou uma seta de sua aljava. O homem começou a murmurar. Brennan deu o golpe. A ponta larga cortou a garganta do homem tão fácil como se fosse uma lâmina. Brennan desviou com frieza do esguicho de sangue, deslizando a flecha de volta para a aljava, e ajoelhou ao lado de Minh.

Ele estava muito machucado. Todos os membros estavam quebrados — devia ter sido uma agonia ser erguido da forma que ele foi — e o dano interno provavelmente era enorme. Sua respiração era leve e trêmula.

Seus olhos ainda estavam inchados. Provavelmente não teriam foco, mesmo se ele conseguisse abri-los.

— *Ông là ai?* — Ele suspirou ao toque gentil e avaliador de Brennan.
Quem é você?

— Brennan.

Minh abriu um sorriso horripilante. O sangue borbulhava nos lábios e brilhava nos dentes.

— Sabia que você viria, capitão.

— Não fale. Temos que conseguir ajuda...

Minh balançou a cabeça. O esforço foi demais, ele tossiu e fez uma careta de dor.

— Não, estou morrendo. Preciso te contar. É Kien. Essa é a prova. Querem saber se eu falei para alguém, mas eu não disse nada. Eles não sabem de você.

— Vão saber — prometeu Brennan.

Minh tossiu de novo.

— Eu esperava poder ajudar. Como nos velhos tempos. Como nos velhos tempos. — Sua mente devaneou por um momento e Brennan olhou para cima.

— Chame uma ambulância — ordenou ele. — E a polícia. Diga a eles que tem mais três lá na rua. Vai.

Um dos garçons correu para atender às ordens, enquanto os outros assistiam em uma confusão silenciosa.

— Ajudar você — repetia Minh. — Ajudar você. — Ele ficou em silêncio por um momento, então pareceu fazer um esforço supremo para falar clara e racionalmente. — Você precisa ouvir. Cicatriz sequestrou Mai. Eu o estava seguindo, tentando conseguir uma pista do lugar aonde ele levou Mai, quando o vi junto com Kien no banco de trás de uma

limusine. Vá ver Crisálida, no Crystal Palace. Talvez ela saiba para onde ele a levou. Não consegui... des... cobrir. — A última frase foi interrompida por tosses convulsivas e sanguinolentas.

— Por que eles a pegaram? — perguntou Brennan em um sussurro.

— Pelas mãos dela. Pelas mãos sangrentas dela.

Brennan limpou as gotas de suor da testa de Minh.

— Agora descanse — disse ele.

Mas Minh não ouviu. Ele se ergueu, agarrando-se ao braço de Brennan.

— Encontre Mai. Ajude. Ela. — Recostou-se, suspirou. O sangue borbulhava em seus lábios. — *Tôi met* — disse ele. *Estou cansado.*

Brennan cerrou os dentes pela dor e respondeu baixinho, em vietnamita.

— Descanse.

Minh balançou a cabeça e morreu.

Brennan o deitou no chão com gentileza e agachou-se, piscando rapidamente. *Mais um*, disse a si mesmo. Mais uma morte. Outro ato pelo qual Kien tinha que responder.

Levantou-se, olhou em volta e não viu nada além de medo no rosto das pessoas que resgatou. Não havia sentido em esperar. A polícia faria apenas perguntas inoportunas. Como o nome dele. Muita gente gostaria de saber que Daniel Brennan ainda estava vivo e de volta aos Estados Unidos; Kien era apenas um entre eles.

Precisava ir embora antes de a polícia chegar. Precisava seguir a pista ínfima que Minh deixara para ele. Crisálida. Crystal Palace.

Mas parou e virou-se para os reféns libertos.

— Preciso de uma caneta — disse ele.

Um dos garçons tinha um marca-texto, que passou a Brennan sem dizer nada. Ele parou por um momento. Queria que Kien acordasse à

noite suando frio, pensando, imaginando. Não chegaria nele tão cedo, mas, com mensagens o bastante, agentes mortos o bastante, no fim das contas ele receberia o recado.

Rabiscou uma mensagem próxima do homem pregado à parede por sua flecha. Ela dizia: “Estou indo atrás de você, Kien”. Ele fez uma pausa antes de assiná-la. Seu nome não seria o suficiente. Acabaria com o medo do desconhecido criado por seus ataques e daria a Kien, seus agentes e seus contatos do governo uma pista muito concreta para seguir. Sorriu quando teve uma inspiração súbita.

O codinome de sua última missão no Vietnã, quando Kien entregou Brennan e sua unidade nas mãos dos norte-vietnamitas, havia sido Operação Yeoman. Esse nome faria Kien pensar. Até poderia suspeitar que era Brennan por trás do ataque, mas não teria certeza. À noite o nome o corroeria e perturbaria seus sonhos com memórias de atos que acreditava há muito enterrados. Também era um nome adequado, de um jeito cruelmente irônico. Servia-lhe bem.

Assinou a curta mensagem como *Yeoman* e então, em um arroubo final de inspiração, desenhou um pequeno ás de espadas, o símbolo vietnamita de morte e infortúnio, e o coloriu. Os garçons e ajudantes de cozinha vietnamitas murmuraram entre si quando viram a marca, e o garçom de quem Brennan havia tomado a caneta recusou-se a pegá-la de volta com um balançar rápido de cabeça, como um passarinho.

— Como quiser — comentou Brennan. — Como faço para chegar ao Crystal Palace?

Um deles gaguejou instruções, e Brennan voltou à cozinha para sair no beco escuro. Desmontou o arco, deslizando-o de volta à valise, e desapareceu antes de a polícia chegar. Ainda usando a máscara, ele continuou pelos becos e ruas escuras, passando por outras figuras

fantasmagóricas na escuridão. Algumas o observavam, algumas estavam absortas com os próprios problemas. Ninguém tentou impedi-lo.

O Crystal Palace, na Henry Street, era parte de um conjunto residencial de três andares que ocupava o quarteirão inteiro. Cerca de metade do conjunto fora destruído na Grande Revolta do Bairro dos Curingas de 1976 e nunca mais reconstruído. Alguns dos escombros haviam sido removidos, outros permaneciam em grandes pilhas ao lado das paredes bambas. Quando Brennan passou, viu olhos, não conseguiu dizer se de homens ou animais, reluzindo através das rachaduras e fendas dentro dos montes de destroços. Não se sentiu inclinado a investigar. Continuou descendo a rua até onde o conjunto de prédios ainda estava intacto, até a pequena escadaria de pedra sob uma entrada abobadada, atravessou uma antecâmara pequena e viu-se no salão principal do Crystal Palace.

Estava escuro, apinhado e enfumaçado. Havia um ou outro curinga evidente, como o camarada pequeno, inchado e com presas distribuindo jornais ao lado da porta e o cantor bicéfalo no pequeno palco tirando acordes bonitos de uma canção de Cole Porter. Alguns pareciam normais até alguém olhá-los de perto. Brennan percebeu um homem, normal, até bonito, exceto que lhe faltava o nariz e a boca e tinha, em vez deles, uma tromba longa e curvada que se estendeu como um canudinho até a bebida enquanto ele observava. Alguns vestiam fantasias que chamavam a atenção para a sua estranheza, como se para evidenciar a infecção de forma desafiadora. Alguns usavam máscaras para esconder suas deformidades, embora alguns que as usassem fossem não infectados, ou comuns, na gíria curinga.

— Você é vendedor?

Levou um instante para Brennan perceber que aquela pergunta era direcionada a ele. Olhou em volta, para o final do longo balcão de madeira, onde um homem estava sentado em um banco alto, balançando as pernas curtas e robustas bem longe do chão. Era um anão, cerca de um metro e vinte, tanto de altura como de largura. Seu pescoço era do tamanho de uma lata de atum e grosso como a coxa de um homem. Parecia tão sólido e inexpressivo como uma laje de mármore.

— Essas são suas amostras? — perguntou ele, apontando a valise com a mão que era duas vezes a de Brennan.

— Só ferramentas do meu ofício.

— Sascha.

Um dos atendentes do bar, um homem alto e magro com bigode fino e cabelo frisado e oleoso caindo na testa, virou-se para o anão. Brennan o tinha visto de relance, misturando e entregando bebidas com velocidade e segurança incríveis. Quando se virou para atender o anão, viu que ele não tinha olhos, apenas uma extensão branca, inteiriça, de pele cobrindo as órbitas. O atendente virou a cabeça na sua direção e assentiu com rapidez.

— Tudo bem com ele, Elmo, tudo bem.

O anão assentiu e tirou os olhos de Brennan pela primeira vez desde que começara a falar. Brennan fechou a cara e estava prestes a falar, mas o barman foi mais rápido.

— Ela está ali — disse ele, apontando para o outro lado do bar.

Brennan torceu os lábios. O homem sem olhos deu um sorrisinho e voltou a misturar as bebidas. Brennan olhou na direção que o barman apontou e prendeu o fôlego.

Uma mulher estava sentada em uma mesa de canto, com um homem magro e negro vestindo um quimono vermelho cheio de dragões

amarelos e enfeitado com o que Brennan achou ser uma fórmula mística. Ele era bonito, exceto pela testa saliente que desfigurava suas feições. A cadeira na qual estava sentado era comum. A cadeira da mulher era do tamanho de um trono, com uma estrutura de imbuia escura e almofadas de veludo vermelho. Ela baixou a taça de cristal do tamanho de um dedal da qual bebericava um licor cor de mel, olhou diretamente para Brennan e sorriu.

Vestia calças justas que evidenciavam sua figura graciosa e um casaco transpassado amarrado no ombro direito, deixando metade do peito nu. Sua pele era totalmente invisível, expondo músculos vagos, indefinidos, e os órgãos que trabalhavam embaixo deles. Brennan conseguia ver o sangue pulsando pelo sistema de veias e artérias que corriam pela carne, conseguia ver seus músculos fantasmas, semitransparentes, deslocarem-se e deslizarem ao menor movimento, conseguia até ver, vagamente, a batida do coração dentro da caixa torácica e a tremulação dos pulmões enquanto trabalhavam uniforme e incessantemente.

Ela sorriu para Brennan. Ele sabia que a estava encarando, mas não conseguia evitar. Sua aparência era bizarra demais para ser bonita, mas era fascinante. Seu peito exposto era totalmente invisível, exceto pela rede fina de vasos sanguíneos entrelaçados e seu grande mamilo escuro. Seu rosto, bem, como saber? Os olhos eram azuis, as bochechas, sob o revestimento do músculo mandibular, altas, o nariz, uma cavidade no crânio. Seus lábios, como os mamilos, eram visíveis. Grossos, convidativos e curvados em um sorriso mordaz. Não tinha cabelos para esconder seu crânio branco. Ele caminhou até a mesa, e ela o observava com o que parecia ser, se estivesse interpretando direito sua estranha expressão, um leve divertimento. Ele viu os movimentos de sua garganta enquanto ela bebericava o drinque.

— Me perdoe — começou ele e parou.

Ela riu, bem-humorada, sem amargura, reprovação ou raiva.

— Perdão concedido, homem mascarado — respondeu ela. — Sou uma visão única. Ninguém ao me ver pela primeira vez consegue agir naturalmente. Sou Crisálida, proprietária do Crystal Palace, como você deve saber. Este aqui é Fortunato.

O homem negro olhou para Brennan, que notou sua descendência oriental no formato dos seus olhos. Eles se cumprimentaram com a cabeça sem falar nada. Brennan percebeu que havia uma aura de poder em torno daquele homem. Teve uma certeza súbita de que ele era um ás.

— Qual o seu nome? — perguntou Crisálida.

Ela falava em um sotaque britânico refinado, que teria surpreendido Brennan se já não tivesse esgotado sua cota de espantos daquela noite. A voz dela tornou-se ponderada, sua expressão parecia calculista.

— Yeoman — disse Brennan, perguntando-se o quanto poderia ser honesto.

— Interessante. Não é seu nome verdadeiro, claro.

Brennan a encarou em silêncio.

— Gostaria de saber qual é? — questionou seu companheiro. Fortunato deu um sorriso indolente, e ela deu de ombros, sorrindo de volta de modo evasivo.

Fortunato olhou para Brennan. Seus olhos ficaram maiores, mais escuros. Brennan sentiu um turbilhão vertiginoso de poder crescendo neles, e notou de repente que era direcionado a ele. Ele se enfureceu, cerrando os punhos, sabendo que não conseguiria impedir que a habilidade dada a Fortunato pelo vírus penetrasse no fundo de sua mente. Havia apenas uma coisa a fazer.

Inspirou profundamente, segurou o fôlego, e deixou todos os pensamentos escoarem de sua mente. Estava de volta ao Japão, perante Ishida, tentando responder o enigma que o *roshi* propusera quando chegara ao monastério pela primeira vez.

— Ouve-se um som quando duas mãos batem palma. Qual é o som de uma única mão batendo palma?

Sem falar nada, Brennan lançara a mão para a frente, fechada em um punho. Ishida concordou com a cabeça e o treinamento começou de verdade. Naquele momento, ele apelava para esse treino. Mergulhou profundamente no *zazen*, estado de meditação no qual se esvaziava de todo pensamento, sentimento, emoção e expressão. Um tempo atemporal passou e, como se de um lugar muito distante, ouviu Fortunato murmurar “Extraordinário” e trouxe a si mesmo de volta.

Fortunato o encarava com uma pequena dose de respeito nos olhos. Crisálida observava ambos cuidadosamente.

— Você é do Zen? — perguntou Fortunato.

— Um humilde pupilo — murmurou Brennan, sua voz soando aos próprios ouvidos como se viesse de um pico de montanha distante.

— Talvez seja melhor eu falar com Yeoman sozinha — disse Crisálida.

— Se prefere assim. — Fortunato levantou-se.

— Espere. — Brennan sacudiu-se como um cão tentando se secar e voltou por inteiro para o local. Olhou para Fortunato. — Não faça isso de novo.

Fortunato apertou os lábios e assentiu.

— Tenho certeza que vamos nos encontrar novamente.

Em seguida saiu da mesa, abrindo caminho no salão lotado.

Brennan ocupou sua cadeira enquanto Crisálida o observava com o que parecia ser uma expressão calculista.

— Estranho nunca ter ouvido falar de você — comentou ela.

— Acabei de chegar à cidade.

O olhar dela tornou-se penetrante, cativante. Brennan precisou esforçar-se um pouco para não encarar os olhos flutuando nus nas órbitas profundas.

— A trabalho? — perguntou ela. Brennan concordou com a cabeça e ela deu um gole na bebida, suspirou e baixou a taça. — Vejo que você não está a fim de conversa fiada. O que quer de mim?

— Seu barman — começou ele. — Como ele consegue atender tão bem sem olhos?

— Essa é fácil — comentou Crisálida, sorrindo. — Essa eu dou de graça. Sascha é um telepata, entre outras coisas. Não se preocupe. Quaisquer segredos que você esconda atrás de sua máscara estão seguros. Ele é um planador, consegue ler apenas os pensamentos superficiais. Torna o trabalho dele mais fácil e o Crystal Palace, mais seguro. Ele diz a Elmo quem são os perigosos, os doentes, os pervertidos. E Elmo se livra deles.

Brennan balançou a cabeça, sentindo-se um pouco mais tranquilo. Ficou feliz em saber que a capacidade do barman era limitada. Não gostava da ideia de alguém fuçando seu cérebro.

— E o que mais? — perguntou Crisálida.

— Preciso saber sobre dois homens. Um deles chama-se Cicatriz, e o chefe dele, Kien.

Crisálida o encarou e franziu a testa. Ao menos, os músculos de seu rosto se juntaram. Como sua musculatura corporal, eles pareciam nebulosos, insubstanciais, como se a matéria que formava sua carne e pele totalmente invisível chegasse ao ponto da translucidez.

— Você sabe da ligação entre eles? Isso é algo que talvez apenas três pessoas fora do próprio círculo deles saibam. São amigos seus?

De repente, a fúria lampejou no rosto de Brennan, e ela hesitou.

— Não, imagino que não — disse ela.

Suas palavras trouxeram à tona memórias de traição e violência. Sascha virou seu rosto cego para o canto. Elmo ficou na ponta dos pés, erguendo seu pescoço grosso. Em torno da sala, meia dúzia de pessoas pararam de falar. Um homem pôs as mãos nas têmporas e prontamente desmaiou. Ele gania como um cachorro espancado, enquanto os outros em sua mesa tentavam tirá-lo do transe. Crisálida desviou os olhos de Brennan, acenou para Elmo se acalmar e a tensão começou, aos poucos, a se dissipar.

— Os dois são perigosos — falou ela com calma. — Kien é vietnamita, ex-general. Apareceu há uns oito anos. Rapidamente se infiltrou no ramo das drogas e agora detém grande parte do negócio. De fato, está metido na maioria das atividades ilegais da cidade, embora mantenha uma fachada de sólida respeitabilidade. Possui uma rede de lavanderias a seco e restaurantes. Faz doações a instituições beneficentes e partidos políticos. É convidado para todos os grandes eventos sociais. Cicatriz é um de seus tenentes. Ele não responde diretamente a Kien. O general se mantém bem isolado.

— Me fale mais sobre o Cicatriz.

— Garoto local. Não sei seu nome verdadeiro. É chamado de Cicatriz por conta das tatuagens estranhas que espalhou por todo o rosto. Parecem marcas tribais maoris.

Brennan devia ter feito uma expressão incrédula, pois Crisálida encolheu os ombros. Ele observou os músculos se deslocarem e os ossos

rodarem nas juntas. O mamilo do seio exposto subiu e desceu na sua almofada de carne invisível.

— Dizem que recebeu a ideia de um antropólogo da Universidade de Nova York que estava estudando sua gangue de rua. Algo sobre tribalismo urbano. De qualquer forma, é um cara mau. É o soldado principal de Kien. Imbatível em uma luta. — Ela o encarou com astúcia. — Você vai enfrentá-lo.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

— O que faz dele imbatível?

— Ele é um teletransportador instantâneo. Pode desaparecer mais rápido do que qualquer um consegue se mover, e reaparecer onde quiser. Em geral, atrás do oponente. Também é ruim como o diabo. Poderia ter se tornado um chefe, mas gosta demais de matar. Está satisfeito em ser um dos tenentes de Kien. Não que ele esteja mal na vida. — Ela brincou com sua taça por um momento, então olhou diretamente para Brennan. — Você é um ás?

Brennan não disse nada. Eles se encararam por um longo momento e então Crisálida suspirou.

— Você não tem nada, é apenas um homem. Um comum. O que te faz pensar que pode pegar o Cicatriz?

— Como você disse, sou um homem. Ele sequestrou a filha de um amigo meu. Sou o único que sobrou para ir atrás dela.

— E a polícia? — começou Crisálida, pensativa, então riu da própria sugestão. — Não. Cicatriz, por conta do Kien, tem bastante proteção policial. Suponho que você não tenha indícios sólidos de que o Cicatriz esteja com a garota, certo? Talvez um dos outros ases? O Sombra, Fortunato talvez...

— Não há tempo. Não sei o que ele vai fazer com ela. Além disso... —
Ele parou por um momento e relembrou dez anos — ... isso é pessoal.

— Imaginei.

Brennan voltou o olhar para o salão. Olhou para Crisálida com determinação.

— Onde posso encontrar o Cicatriz?

— Eu trabalho vendendo informações e já dei o bastante por conta da casa. Essa parte vai custar.

— Não tenho dinheiro.

— Não preciso do seu dinheiro. Faço um favor a você, você me devolve outro.

Brennan fechou a cara.

— Não gosto de ficar em dívida com ninguém.

— Então procure informações em outro lugar.

A necessidade de entrar em ação queimava em Brennan.

— Combinado.

Ela tomou um gole do licor e olhou para a taça na mão tão transparente quanto o próprio cristal.

— Ele tem uma mansão na Castleton Avenue, Staten Island. É isolado e cercado, em um terreno imenso. Ele gosta de caçar. Homens.

— É mesmo? — perguntou Brennan, seu olhar pensativo, reflexivo.

— Por que o Cicatriz raptou a menina? Ela é especial de algum jeito?

— Não sei — comentou Brennan, balançando a cabeça. — Achei que fosse para manter o pai dela quieto, pois ele viu o Cicatriz e Kien juntos, mas a sequência dos fatos está toda errada. Minh os viu juntos depois, quando estava seguindo o Cicatriz, tentando encontrar pistas sobre o sequestro. Ele me disse que eles a levaram por causa de suas “mãos sangrentas”. Significa alguma coisa para você?

Crisálida negou com a cabeça.

— Pode pedir para ele ser menos críptico?

— Ele morreu.

Ela estendeu o braço e pousou a mão sobre a de Brennan, e algo se passou entre eles.

— Não acho que vá escutar meus avisos, mas vou dá-los de qualquer jeito. Cuidado.

Brennan assentiu. A mão dela, invisível sobre a dele, era morna e suave. Ele via o sangue pulsando ritmicamente.

— Talvez — continuou ela — você possa pagar uma parte de sua dívida.

— Como? — perguntou Brennan, sentindo o desafio sutil no tom e na expressão de Crisálida.

— Se sobreviver ao encontro com o Cicatriz, volte ao Crystal Palace hoje à noite. Não se preocupe com a hora, estarei esperando.

Suas intenções eram bem claras. Oferecia enlaces que ele evitara por muito tempo, relacionamentos dos quais ele não queria participar havia anos.

— Ou você me acha repulsiva? — perguntou ela de forma natural, quebrando o longo silêncio que se estendeu entre eles.

— Não — disse ele de forma mais seca do que pretendia. — Não é isso, nem um pouco.

Sua voz soava dura aos próprios ouvidos. Ele se isolara do contato humano havia tanto tempo que a ideia de entrar em qualquer tipo de relação íntima o apavorava.

— Seus segredos estão bem guardados comigo, Yeoman — assegurou Crisálida.

Ele deu um suspiro profundo, assentindo.

— Ótimo — o sorriso dela voltou —, vou esperar você.

Ele se virou sem dizer nada, e o sorriso esvaneceu do rosto dela.

— Se você conseguir fazer o impossível — disse Crisálida, tão baixinho que apenas ela ouviu as palavras. — Derrotar o Cicatriz.

III.

Havia duas maneiras de fazê-lo, Brennan pensou. Podia entrar clandestinamente. Esgueirar-se para dentro da mansão do Cicatriz, sem saber qual sistema de segurança ele podia ter, e procurar em um cômodo após o outro, sem saber o que encontraria em cada um, sem nem mesmo saber se Mai estava no local. Ou podia apenas entrar, confiando na sorte, na coragem e na sua capacidade de reagir com rapidez.

Tirou a máscara após sair do Crystal Palace e encontrou um táxi. O taxista relutou em levá-lo até Staten Island, mas ao ver algumas notas de vinte ficou todo sorrisos. Foi uma corrida longa, de táxi e balsa, e Brennan passou-a em uma infeliz reminiscência. Ishida teria desaprovado, mas, Brennan sabia, ele nunca tinha mesmo sido o melhor dos alunos do *roshi*.

Pedi para o taxista deixá-lo a um quarteirão do endereço na Castleton que Crisálida lhe dera, pagou a corrida e deu ao motorista uma gorjeta que esgotou a maior parte de suas reservas. Quando o táxi se afastou, ele se moveu rapidamente pelas sombras até chegar à rua do Cicatriz. Era como Crisálida havia descrito.

A casa em si era uma mansão grosseira de pedra construída a duzentos metros da rua. Havia algumas janelas iluminadas em cada um dos três andares, mas não havia iluminação na parte externa. O muro que circundava o terreno era de pedra, com cerca de dois metros de altura, encimado por fios elétricos. A pequena guarita envidraçada que havia ao lado do portão de ferro forjado tinha um único sentinela. A segurança não parecia difícil de romper, mas a mansão era simplesmente grande demais para se buscar quarto a quarto.

Teria de haver audácia, coragem e sorte. *Muita sorte*, Brennan pensou, enquanto caminhava velozmente, saindo das sombras.

O homem na guarita estava assistindo em um pequeno televisor um programa de entrevistas apresentado por uma bela mulher com asas. Brennan, que não assistia à televisão desde seu retorno aos Estados Unidos, ainda assim reconheceu a Peregrina, uma das ases de maior visibilidade, a apresentadora do programa *Pouso da Peregrina*. Ela estava observando um homem imenso e barbado, com roupas de chef, cozinhar. Eles conversavam amigavelmente enquanto as grandes mãos dele se moviam com graça surpreendente, e Brennan percebeu que era Hiram Worchester, codinome Bolão, outro ás bastante famoso.

O guarda estava vidrado em Peregrina, que trajava um figurino inegavelmente atraente, com um decote que chegava quase até o umbigo. Brennan teve de bater na porta de vidro da guarita para chamar a atenção, embora não tenha feito esforço algum para disfarçar sua aproximação.

O guarda abriu a porta.

— De onde você veio?

— De um táxi. — Brennan fez um gesto vago por sobre o ombro. — Mandei-o embora.

— Ah, claro — disse o guarda. — Eu ouvi. O que você quer?

Brennan estava prestes a dizer que Kien o enviara para pegar a garota, mas engoliu as palavras no último instante. Crisálida dissera que quase ninguém sabia que Kien e o Cicatriz estavam envolvidos. Este laçaio com certeza não seria um deles.

— O chefe me enviou. É sobre a garota — disse ele, o mais vago possível, enquanto mantinha a voz segura e firme.

— O chefe?

— Chame o Cicatriz. Ele sabe.

O guarda virou-se e pegou um telefone. Após alguns segundos de uma conversa abafada, ele desligou e tocou um painel à sua frente. O portão de ferro forjado abriu-se em silêncio.

— Entre — disse ele, virando-se de volta à televisão, onde Hiram e Peregrina estavam comendo crepes de chocolate cobertos de açúcar, com olhares deliciados. Brennan hesitou por um segundo.

— Mais uma coisa — falou ele.

O guarda suspirou e girou devagar, com os olhos ainda no televisor.

Brennan golpeou o nariz do guarda, de cima para baixo, com a palma da mão. Ele sentiu o osso ceder e estilhaçar com a força da pancada. O homem convulsionou quando as lascas do osso perfuraram seu cérebro e então amoleceu por completo. Brennan desligou a televisão quando Bolão e Peregrina estavam terminando os crepes e arrastou o corpo para a frente da casa, lançando-o atrás de uns arbustos. A contragosto, teve que deixar ali também o estojo de seu arco escondido, mas, para não seguir totalmente desarmado, tirou uma corda de arco sobressalente e enrolou-a frouxamente na cintura, sob o cóis do jeans.

Caminhou com rapidez até a mansão.

Cicatriz estava precisando de um jardineiro. O quintal era quase uma selva. A grama não fora cortada durante todo o verão, os arbustos haviam crescido para todos os lados. Malcuidados, espalhavam-se sobre os limites originais e formavam uma vegetação rasteira bem densa sob as árvores grossas e crescidas. Pareciam mais quatro mil metros quadrados de floresta do que um jardim e, por um momento, isso fez Brennan ansiar pela quietude das montanhas de Catskills. Em seguida, estava na porta de entrada e lembrou-se do que o havia trazido ali. Tocou a campainha.

O homem que atendeu tinha a insolência de um punk urbano, e a arma que carregava sob a axila em um coldre de ombro parecia grande o suficiente para derrubar um elefante.

— Entre. O Cicatriz está com um cliente. Eles estão com a garota.

Brennan franziu a testa quando o homem virou as costas a fim de conduzi-lo para dentro da mansão. O que estava acontecendo? Prostituição? Sexo pervertido? Queria perguntar ao homem que o levava para os fundos, mas sabia que era melhor manter a boca fechada. Logo encontraria as respostas.

Cicatriz cuidava um pouco melhor do interior da mansão do que do jardim, mas não muito. O piso de mármore estava imundo e havia cheiros no ar que deixaram Brennan nauseado. Temia respirar fundo demais e identificar algum dos odores. Uma escadaria levava aos andares superiores da mansão, mas eles ficaram no térreo, seguindo para os fundos da casa.

Seu guia virou à esquerda, passou por um detector de metal que apitou uma vez, e ele olhou para Brennan, que o seguia. O detector não emitiu ruído algum. O capanga aprovou com a cabeça e levou Brennan para uma sala bem iluminada, onde estavam outras quatro pessoas. Uma delas era um homem quase idêntico ao que atendeu Brennan na porta. A outra era uma mulher com longos cabelos louros. Usava uma máscara que cobria seu rosto inteiro.

A terceira era Mai. Ela ergueu os olhos baços quando ele entrou no recinto e rapidamente reprimiu a expressão de reconhecimento que lhe veio ao rosto quando o viu. Tornara-se uma jovem linda, pequena, delicada, com traços finos, cabelos volumosos e brilhantes, e olhos escuros, muito escuros. Não parecia estar machucada, apenas

terrivelmente cansada. Tinha grandes olheiras, e Brennan enxergava a exaustão em cada músculo da garota.

O último era o Cicatriz. Era alto e magro, vestido com camiseta e calça de sarja preta. Seu rosto era um pesadelo. Os padrões tatuados em preto e vermelho transformavam-no na face maliciosa e bestial de um demônio. Seus olhos afundavam-se em fossas escuras, seus dentes, em uma caverna vermelha. Brennan ficou surpreso ao ver, quando Cicatriz sorriu para ele, que seus dentes não eram pontudos.

— Qual o seu nome, cara? — perguntou ele no linguajar grosseiro do subúrbio. — Nunca te vi antes.

— Arqueiro — mentiu Brennan, automaticamente. — O que está acontecendo aqui?

Cicatriz abriu um novo sorriso. Seu rosto formava contorções estranhas que não mostravam humor algum.

— Cara, chegou bem na hora. A maninha aqui vai demonstrar o poder dela, não vai?

Todos olharam para Mai, que baixara a cabeça em resignação silenciosa, esgotada.

— Ela *consegue* fazer? — perguntou a mulher mascarada, sua voz estranhamente ansiosa e sibilante.

Cicatriz apenas assentiu e fez um gesto na direção de Mai. Os dois capangas assistiam sem muito interesse. O olhar de Cicatriz pairava entre Brennan, Mai e a mulher.

— Fala para o cara — disse ele, olhando Brennan mais de perto quando Mai aproximou-se da mulher — que eu ia contar tudo pra ele. Só estava vendo como era.

Brennan balançou a cabeça com impaciência, indiferente e com olhar frio por fora, indeciso por dentro. Mai caminhou até a mulher sem voltar

os olhos para ele. *Seja lá o que aconteça*, ele pensou, *não pode ser tão ruim*. Ela parecia estar levando as coisas com calma, e ele decidiu aguardar.

— Precisa tirar a máscara — disse Mai à mulher, baixinho.

Ela recuou um pouco e olhou para os homens que a observavam, mas obedeceu. Brennan observou impassível ela retirar a máscara; Cicatriz olhava com um leve sorriso dissimulado. Era evidente que ela se envergonhava de seu rosto. Brennan tinha visto piores, mas foi o suficiente para arrancar sussurros maldosos dos homens de Cicatriz. Ela não tinha queixo; apenas uma pequena mandíbula inferior. Sem nariz, contava apenas com as fendas das narinas sobre sua boca sem lábios. A testa era mínima. Todo o rosto era esticado para a frente, como um réptil, completado pela textura de contas coloridas de sua pele. Parecia um lagarto com cabelos longos e louros.

— Eu era bonita — disse ela, baixando o olhar.

Os homens do Cicatriz soltaram risos abafados, mas Mai tomou o rosto áspero da mulher entre as mãos e sussurrou:

— Você vai voltar a ser.

A mulher levantou os olhos para ela, e dentro deles havia um mundo de dor. Mai a encarava com tranquilidade, seu rosto pálido com a serenidade de uma santa. Por um momento, nada aconteceu. O olhar de Brennan se alternava entre ela e Cicatriz, que assistia com atenção. Então, onde as mãos de Mai tocavam a pele curtida das bochechas, o sangue começou a correr em gotículas. Parecia brotar do rosto da mulher, da palma das mãos de Mai, ou de ambos. Pequenos filetes corriam entre os dedos de Mai, pelas mãos até os pulsos. Mai gemia, e Brennan a encarava enquanto seu rosto mudava. O queixo se retraiu, a mandíbula diminuiu. A testa encolheu e a pele tornou-se grossa, áspera e listrada de

laranja, preto e vermelho. Levou alguns minutos. Brennan assistia com lábios apertados. Cicatriz viu como ele observava. Sorriu com malevolência, seu rosto tatuado uma máscara demoníaca.

Duas mulheres-lagarto se encaravam, uma loura, outra de cabelos pretos. A mulher fitava Mai com olhos arregalados, Mai devolvia um olhar tranquilizador. Ela suspirou alto, como um amante após o gozo, e começou a mudar. Sua pele perdeu a rugosidade e suas cores brilhantes. Os ossos por baixo voltaram às configurações normais. Seus lábios torciam-se levemente, talvez pela dor da metamorfose, mas ela não disse nada. Levou mais alguns momentos, mas a mulher loira também começou a mudar. Sua pele suavizou-se, embranquecendo. Os ossos mudavam como cera mole. Lágrimas rolavam de suas bochechas altas e finas, e Brennan não sabia dizer se eram de dor ou alegria. A transformação demorou alguns minutos. Quando os pequenos filetes de sangue pararam de correr, Mai tirou as mãos do rosto da mulher. Ela estava certa. Tinha sido e estava novamente bonita. Chorando em silêncio, ela tomou a mão de Mai e beijou-lhe a palma. Mai sorriu para ela e cambaleou, exaurida. Brennan pôde ver que apenas força de vontade a mantinha em pé. Cada linha e cada músculo de seu corpo exalava cansaço.

A mulher esticou a mão para pegar uma bolsa em uma pequena mesa próxima e tirou dela um envelope grosso. Cicatriz fez um gesto. Um de seus capangas sorridentes pegou-o, enfiando no bolso traseiro de suas calças, e acompanhou a mulher para fora da sala.

— Bem, e aí, cara, o que acha?

— Fantástico — disse Brennan, ainda olhando para Mai. — O que é isso, manipulação genética?

— Não sei que merda é essa não — disse Cicatriz. — Só ouvi que ela estava curando os curingas da região e pensei: por que consertar esses curingas miseráveis quando posso arrumar curingas que pagariam uma nota? Então eu peguei ela.

Brennan tirou os olhos de Mai e encarou Cicatriz.

— Ela vale muito. Devia ter falado para o Kien sobre ela. Vou ter que levá-la para ele.

Cicatriz apertou os lábios tatuados em uma consternação fingida.

— Vai? Você parece saber demais, cara. Como não sabe que eu falei dela para o homem quando aquele vietnamitazinho viu a gente juntos na limusine do chefe? — Ele se virou, olhou para Mai, e acrescentou com malícia: — E então o homem acabou com o corno para ele não contar a ninguém.

— Meu pai? — perguntou Mai.

Cicatriz confirmou com a cabeça, com um sorriso maldoso. Mai soluçou, vacilou e teria caído se um dos homens do Cicatriz não a tivesse agarrado com brutalidade pelo braço. Brennan se mexeu.

Disparou pela sala, arrancou a arma do coldre de ombro do homem, apertou o cano contra o peito dele e puxou o gatilho. Houve um estrondo imenso quando a explosão lançou-o contra a parede. Deixou um rastro vermelho quando despencou ao chão, seus olhos arregalados e incrédulos.

Brennan girou, mas Cicatriz havia sumido. Viu um cintilar de relance e sentiu a dor lancinante quando Cicatriz acertou sua cintura, arrancando a arma de sua mão. Cicatriz esquivou-se do soco de Brennan, chutou a arma para um canto da sala e desapareceu, silenciosa e completamente.

Ele reapareceu entre Brennan e a arma, um sorriso insano no rosto.

— Você precisa de uma arma para enfrentar o Cicatriz? Você é comum maluco — disse ele. — Que nome vai querer na sua lápide?

Ele enfiou a mão no bolso da calça de sarja e, com um movimento experiente do punho, abriu uma navalha de quinze centímetros.

Cicatriz desapareceu novamente e Brennan sentiu uma pontada dolorosa na lateral do corpo. Ouviu Mai gritar, afastou-se, rolou no chão e se levantou. O sangue escorria onde Cicatriz abrira um corte longo e raso entre suas costelas. Mal teve tempo de se reerguer antes de Cicatriz aparecer novamente, abrir um talho em seu rosto e sumir. Foi como Crisálida disse. Era rápido e preciso quando se teletransportava. E gostava do que fazia.

— Vou picotar você devagar, cara — disse ele, aparecendo com olhos sedentos de morte. — Vou te cortar até você me implorar para morrer.

Ele agitava o pulso, respingando o sangue de Brennan do fio de sua lâmina. Estava claro ali, claro e apertado. Brennan estava preso, confinado, e sabia que não tinha chance alguma. Cicatriz o cortaria em pedaços, rindo, enquanto ele tentava pegar a arma. Respirou fundo, acalmando sua mente galopante, recuando, como Ishida o ensinara, para um estado de tranquilidade serena, e soube o que tinha que fazer. Cicatriz riscou suas costas quando ele se virou, correu e lançou-se pelas enormes janelas no fundo da sala. Saiu da luz para um pátio escuro.

Com um sorriso sincero, Cicatriz saiu para o pátio atrás de Brennan. Ele assobiava desafinado e observou Brennan correr pelo jardim e enfiar-se em um canto denso com árvores.

— Ei, comum! — gritou ele. — Cadê você, cara? Então vamos fazer o seguinte. Se você for uma boa caça, te corto um pouco e depois te mato de uma vez. Se me desapontar, corto suas bolas fora. Nem a cadela vietnamitazinha vai conseguir te dar um par novo.

Cicatriz riu da própria piada, então seguiu Brennan pela escuridão. Parou por um instante e escutou. Não ouvia nada a não ser os sons do vento nas árvores e, ao longe, carros ocasionais que seguiam por ruas distantes. Sua presa desaparecera, sumira na noite. Cicatriz franziu a testa. Algo estava errado. Ele seguiu mais adiante, no meio das árvores.

E, vindo do nada, um fantasma silencioso entre as sombras, Brennan ergueu-se de seu esconderijo, sua corda encerada de nylon enrolada nos pulsos. Ele enrolou o fio na garganta de Cicatriz, por trás, puxou com força e girou. Carne e cartilagem foram esmigalhadas, e Cicatriz desapareceu, ressurgindo a alguns metros com a traqueia triturada. Tentava puxar o ar, mas nada chegava aos pulmões. Abriu a boca para dizer algo para Brennan, para xingá-lo ou implorar, mas as palavras não saíram. Desvaneceu novamente para reaparecer microssegundos depois no mesmo lugar, seu rosto tatuado contorcido de dor e medo, sua concentração estilhaçada, seu controle, inexistente. Brennan o viu tremeluzir loucamente entre as árvores, desespero no rosto, teletransportando-se às raias da insanidade, sem lógica alguma. Por fim, ele apareceu cuspiendo sangue, recostado em uma árvore, largou sua navalha e caiu de costas. Brennan aproximou-se com cuidado, mas ele estava morto. Agachou-se sobre ele e pegou a caneta que o garçom do restaurante de Minh havia lhe dado. Desenhou um ás de espadas nas costas da mão direita de Cicatriz e, para ter certeza de que Kien não deixaria de vê-lo, apoiou a mão sobre o rosto marcado.

Fez seu caminho de volta para as árvores em silêncio, como o fantasma de um animal da floresta. Mai estava esperando por ele no pátio. Não pareceu surpresa quando ele surgiu das árvores. Ela o conhecia e sabia do que era capaz.

— Capitão Brennan, meu pai está mesmo morto?

Ele confirmou com a cabeça, sem conseguir dizer nada. Ela pareceu murchar, mais frágil, mais cansada, se isso fosse possível. Fechou os olhos e as lágrimas rolaram silenciosas por baixo das pálpebras.

— Vamos para casa.

Ele a levou para a escuridão acolhedora da noite.

IV.

Ele foi embora depois que Mai fez curativos, prometendo voltar quando pudesse, a tristeza por ela brotando dentro dele, fundindo-se com sua própria dor pela morte de Minh. Outro companheiro, outro amigo, se fora.

Kien tinha que ser derrubado. Dependia dele, um homem, sozinho, com nada além da força de suas mãos e da sagacidade de sua mente. Levaria muito tempo. Precisava de uma base de operações e de equipamentos. Arcos especiais, flechas especiais. Precisava de dinheiro.

Brennan voltou às sombras da noite do Bairro dos Curingas, esperando por certo tipo de homem passar, um comerciante que trocava pacotes de pó branco por notas verdinhas amarrotadas em um desespero suado.

Ele suspirou profundamente. O fedor da noite com os aromas incontáveis de sete milhões de pessoas e sua miríade de esperanças, medos e desesperos. Era um deles agora. Deixara as montanhas para trás e retornara à humanidade, e sabia que este retorno traria com ele decepções, sofrimentos e esperanças perdidas. E reconforto, uma parte dele dizia, pensando no toque morno da carne invisível e na imagem de um coração visível batendo cada vez mais rápido, com paixão crescente.

Um ruído repentino, um passo levemente arrastado chamou sua atenção. Um homem passou por ele. Estava vestido com elegância para uma vizinhança tão pobre e caminhava com arrogância vistosa. Era por ele que esperava.

Brennan deslizou em silêncio entre as sombras, seguindo-o. O caçador havia chegado à cidade.

EPÍLOGO:

Terceira Geração

Lewis Shiner

Jetboy rumou para o céu em seu jato reluzente, rastros de velocidade rugindo das asas aerodinâmicas. Canhões de vinte milímetros urravam uma caligrafia irregular, e o tiranossauro tombou enquanto as balas rasgavam sua carne.

— Arnie? Arnie, apaga essa luz!

— Tá bom, mãe — retrucou Arnie.

Ele deslizou o especial de cinquenta e quatro páginas de *Jetboy na ilha dos dinossauros* de volta para o saquinho plástico. Desligou a luminária de leitura, levou a revista em quadrinhos pela escuridão familiar de seu quarto e guardou-a no armário.

Ele tinha a coleção completa dos quadrinhos *Jetboy* em uma das caixas de papelão que usavam para mandar frangos às mercearias. Em uma prateleira acima estavam empilhados cadernos cheios de recortes sobre o Todo-poderoso Tartaruga, o Uivador e Jack Saltador Flash. E, próximos a eles, estavam os livros sobre dinossauros, não apenas aquelas coisas de

criança com desenhos feiosos, mas livros de estudo sobre paleontologia, botânica e zoologia.

Escondida atrás de outra caixa de quadrinhos estava a *Playboy* com as fotos da Peregrina. Ultimamente, olhar aquelas imagens fazia Arnie sentir-se estranho, como se estivesse nervoso, excitado e culpado, tudo ao mesmo tempo.

Seus pais sabiam de suas obsessões, de todas menos da *Playboy*. Era apenas o negócio dos wild cards que os incomodava. O avô de Arnie estava na rua naquele dia, viu com os próprios olhos quando Jetboy explodiu para entrar na história. Um ano depois, a mãe de Arnie nasceu com um nível baixo de telecinesia, o suficiente para mover uma moeda alguns centímetros sobre uma toalha de mesa. Às vezes, Arnie desejava que ela fosse apenas normal. Melhor do que ter um poder que não servia para nada.

Ele fez seu avô contar a história diversas vezes.

— Ele queria morrer — dizia o velho. — Ele viu o futuro, e não fazia parte dele. Não havia mais lugar para ele.

— Shh, vovô — dizia a mãe de Arnie. — Não fale essas coisas na frente do Arnie.

— Eu sei o que vi — dizia o velhote, balançando a cabeça. — Eu estava lá.

Arnie engatinhou em silêncio de volta para a cama e deitou de bruços, agradavelmente ciente da pressão na virilha. Pensou sobre a ilha dos dinossauros. Não havia dúvida em sua mente de que era real. Ases eram reais. Alienígenas eram reais, trouxeram o Wild Card para a Terra.

Ele se virou de lado e encolheu os joelhos na direção do peito. Como seria? Quando tinha oito anos, viajou de carro com os pais por Utah e fez com que parassem em Vernal. Foram até a Trilha da Pré-História, e Arnie

correu na frente para ficar sozinho com os modelos de dinossauro em tamanho real. *A ilha dos dinossauros deve ser assim*, ele pensou, as montanhas irregulares cobertas de arbustos ao fundo, o diplódoco grande o bastante para que ele pudesse andar sobre sua barriga, o estrutionídeo como um avestruz imenso e escamoso, o pteranodonte agachado como se tivesse acabado de pousar.

Seus olhos fecharam-se e ele conseguiu vê-los se movendo, não apenas os dinossauros sem graça que via na TV, mas os especiais: o pequeno e malvado deinonico, o “garra terrível”. Ou o repugnante e grumoso anquilossauro, um sapo chifrudo com mais de dez metros com uma clava na cauda que poderia esmagar uma placa de aço.

E, lá no fundo do seu cérebro, inflamado pela sopa endócrina efervescente na qual flutuava, o vírus Wild Card pairou sobre uma célula, parou, bombeou sua mensagem alienígena e morreu. E assim seguiu, espiralando-se por anos em uma dupla hélice de medo e êxtase, mutilação e mudanças milagrosas...

APÊNDICE

A CIÊNCIA DO VÍRUS WILD CARD

Excertos da literatura

... Temível além do imaginável, em muitos aspectos pior do que vimos em Belsen. Nove entre dez afetados por esse patógeno desconhecido morrem de forma horripilante. Nenhum tratamento ajuda. Os sobreviventes não têm sorte melhor. Nove entre dez *deles* são transformados de alguma forma, por um processo que não consigo sequer começar a entender, em *algo diferente* — às vezes, nem remotamente humano. Vi homens se transformando em efígies de borracha galvanizada, crianças com novas cabeças brotando... não consigo nem continuar. E o que é pior, eles ainda estão vivos. Ainda vivem, Mac.

O mais estranho de tudo, talvez, sejam os dez por cento de sobreviventes, um entre cem daqueles que de fato contraem a doença. Eles não mostram quaisquer sinais externos de mudanças na maioria das vezes. Mas têm... devo chamar de poderes. Podem fazer coisas que seres humanos normais não podem. Vi um homem decolar na direção dos céus como um V-2, voando em círculos e voltando para pousar em pé suavemente. Um paciente furioso rasgou uma maca de aço pesado como se fosse um lenço de papel. Nem dez minutos atrás uma mulher atravessou uma parede do pequeno escritório deste espaço que no passado foi um armazém, onde me confino para uma folga de alguns minutos. Uma mulher nua, linda, tipo pin-up, brilhando com uma luz rosada que parecia vir de dentro do seu corpo, com um sorriso fixo e vítreo.

Não estou surtando, Mac. Não me entreguei à loucura nem à morfina. Não ainda. Mesmo quando tenho sorte de ter uma ou duas horas de sono... e então o horror preenche meus sonhos, e fico quase feliz em sair do meu catre e enfrentar a realidade do que aconteceu aqui. Essas coisas estão acontecendo, são reais. Você poderá ler sobre isso algum dia, se a chefia não conseguir abafar as informações. Não vejo como podem conseguir... isso aqui é *Manhattan*, pelo amor de Deus, e as vítimas chegam às dezenas de milhares.

Graças a Deus não é contagioso. Graças a Deus. Pelo que podemos perceber, ele só se desenvolve naqueles diretamente expostos ao pó ou seja lá o que for... e não em todos eles, ou teríamos mais de um milhão. Desse jeito, a quarentena é impossível, e até o saneamento adequado. Tivemos um surto de gripe em nossas alas, esperamos tifo a qualquer momento...

Eles dizem que uma espécie de alienígena está por trás disso tudo, homens do espaço sideral. Por tudo que vimos, isso não soa tão absurdo. Ouvi boatos nas altas escalas de que até pegaram um. Espero que seja verdade. Eles podem botar o desgraçado na forca com os chefes nazistas em Nuremberg e enforcá-lo como o animal que ele é...

carta pessoal do capitão Kevin McCarthy,
Unidade Médica do Exército dos Estados Unidos,
21 de setembro de 1946

Os números do incidente deixam claro que o receptáculo contendo o xenovírus Takis-A explodiu a uma altitude de nove mil metros, bem dentro da assim chamada corrente de jato. Em seu estado latente, o vírus fica envolvido em uma cápsula proteica durável, os “esporos” mencionados com tanta frequência e incorretamente na imprensa leiga,

cujos testes mostraram ser resistentes a temperaturas e pressão extremas para permitir sua sobrevivência em condições naturais de muitas dezenas de metros abaixo do oceano até os limites superiores da estratosfera. As partículas virais foram carregadas a leste pelo Atlântico na corrente de jato, caindo em intervalos aleatórios com gotículas de chuva, ou sedimentando-se naturalmente; os mecanismos precisos ainda aguardam demonstração ou observação. Isso explica a tragédia do *Queen Mary* no meio do Atlântico (17 de setembro de 1946), assim como os surtos posteriores na Inglaterra e no continente europeu. (Nota: persistem rumores de um surto em larga escala na União Soviética, mas o regime do primeiro-ministro Krushev ainda mantém silêncio absoluto sobre a questão, assim como seus predecessores.)

As correntes eólicas e oceânicas causaram uma dispersão de curto prazo do vírus sobre uma área substancial a leste dos Estados Unidos (mapa 1). Até o momento, o mais alarmante foram as irrupções do vírus, apesar de ele não parecer infeccioso, distribuídas através de distância temporal e geográfica. Apenas em 1946, houve mais de uma vintena de surtos reportados, e quase uma centena de casos isolados, estendendo o alcance pelos Estados Unidos e sul do Canadá (mapa 2).

A localização da maioria dos surtos internacionais principais oferece uma pista de um possível padrão: Rio de Janeiro (1947), Mombasa (1948), Porto Said (1948), Hong Kong (1949), Auckland (1950) para mencionar alguns dos mais conhecidos — todos os principais portos marítimos. O problema foi como contabilizar as aparições do vírus, geralmente em incidentes isolados, em locais distantes do mar, como os Andes Peruanos e planaltos remotos do Nepal.

Como nossa investigação revela, a resposta claramente reside na durabilidade da cobertura proteica. O vírus pode ser transportado por

quaisquer meios, humanos, mecânicos, animais ou naturais, e sobrevive indefinidamente, a menos que exposto a agentes destrutivos, como fogo ou produtos químicos corrosivos. A maioria dos surtos americanos e as ocorrências relativamente grandes em portos marítimos foram rastreadas de forma contundente (McCarthy, *Relatório ao chefe de saúde pública*, 1951) até os itens que aguardavam embarque nas docas e armazéns do distrito afetado de Manhattan. Outros foram atribuídos à precipitação de partículas virais em embarcações e veículos em trânsito. Indivíduos, mesmo pássaros e animais (que nunca são afetados), podem levar as partículas em si sem ter conhecimento. O surto nepalês mencionado acima, por exemplo, foi rastreado até um *naik* do clã Gurung, cujo regimento, os Fuzileiros Reais Gurkha, estava envolvido na tentativa de conter a terrível violência comunal de 10 a 13 de agosto em Calcutá, Índia, na qual as comunidades hindus e muçulmanas culpavam-se mutuamente por um surto do vírus, tendo como resultado a morte de vinte e cinco mil pessoas; o próprio cabo gurkha nunca desenvolveu a doença.

... quantos depósitos do vírus latente permanecem, espalhados por cumeeiras, reunidos em sedimentos de rios e esgotos, enterrados em depósitos no solo, ainda carregados pelo ar na corrente de jato, não podem ser determinados. O quanto o vírus ainda é uma ameaça para a saúde pública também continua impossível de avaliar. Nesse contexto, a incapacidade do vírus de afetar uma maioria assoladora da população deve ser mantida em mente...

Goldberg e Hoyne, “O vírus Wild Card: persistência e dispersão”,
Problemas na bioquímica moderna, Schinner, Paek e Ozawa, ed.

A capacidade do vírus Wild Card de alterar a programação genética de seu hospedeiro lembra aquela dos herpes-vírus terrestres. Contudo, é

muito mais abrangente, alterando completamente o DNA do corpo de seu hospedeiro, em vez de afetar e ser expresso em certo local — p. ex., lábios e genitália —, como age a família do herpes.

Sabemos agora que o xenovírus Takis-A afeta um percentual maior de uma população exposta do que originalmente se supôs — talvez bem mais do que meio por cento. Em muitos casos, o vírus simplesmente acresce seu próprio código ao DNA do hospedeiro; esta é a forma latente, na qual o vírus não tem existência objetiva, mas existe apenas como informação — outro traço que compartilha com os vírus herpetiformes. Pode permanecer passivo e sem ser detectado indefinidamente, até algum trauma ou estresse do hospedeiro fazer com que ele se manifeste, em geral com resultados devastadores. Acrescentando-se a maneira pela qual ele “reprograma” o código genético do hospedeiro, o vírus (em forma ativa ou passiva) é realmente hereditário, como olhos azuis ou cabelos cacheados.

Aparentemente prevendo seu efeito predominantemente letal, os cientistas takisianos que criaram o vírus desenvolveram-no para se perpetuar de fato como um “gene wild card” recessivo. Recessivo porque um gene dominante que produziria mutações letais em noventa por cento da prole e deixaria outros nove por cento incapaz ou com dificuldade de se reproduzir sobreviveria apenas a poucas gerações, mesmo que, conforme estimado, trinta por cento de todos com DNA modificado do xenovírus carreguem a forma latente.

Portanto, o Wild Card segue regras convencionais da herança dos traços recessivos. Apenas nos casos em que os pais carregam o código viral existe qualquer possibilidade de produzir uma prole afetada; mesmo assim, a chance é apenas uma em quatro, frente a uma chance de cinquenta por cento de produzir um portador com nenhuma chance de

manifestar o vírus, e outra chance de uma em quatro de uma prole que não carregue o código...

Marcus A. Meadows, *Genética*, janeiro de 1974, pp. 231-44

Apesar da paranoia da perseguição comunista no fim dos anos 1940 e início da década de 1950 e das “descobertas” do Comitê da Câmara sobre Atividades Antiamericanas, os ases não se deram melhor por trás da Cortina de Ferro do que neste país, sofrendo inclusive um destino consideravelmente pior. A diretriz do partido, estabelecida por Trofim D. Lysenko, especialista semianalfabeto da ciência stalinista, era que o “Wild Card” supostamente alienígena era meramente uma máscara para um experimento capitalista-imperialista burguês diabólico. Na Coreia, americanos capturados foram obrigados a assinar confissões da guerra biológica, em uma tentativa aparente de responsabilizá-los pelo surto de vírus que varreu aquela nação, Norte e Sul, em 1951. Enquanto isso, todos que apresentassem sinais de talentos meta-humanos dentro da esfera soviética simplesmente desapareciam, alguns nos campos de trabalhos forçados, outros em laboratórios — e muitos outros em covas rasas.

Com a morte de Stálin, em 1953, houve uma pequena atenuação. Krushev reconheceu a existência dos ases, e eles começaram a “desfrutar” do status que tinham nos Estados Unidos, ou seja, tinham o privilégio de servir nas forças militares ou GPU (mais tarde, KGB), ou desaparecer no Arquipélago Gulag. Quando passaram os anos 1960, as restrições contra eles foram reduzidas, não tanto quanto nos Estados Unidos, e os super-heróis patrocinados pelo Estado conseguiram tornar-se personalidades da mídia, como os cosmonautas e as estrelas olímpicas.

Por que a rejeição inicial da realidade flagrante? O regime de Brezhnev-Kosygin admitiu em 1971 que Lysenko era um curinga, em

quem o vírus se manifestou com uma desfiguração repugnante. A existência de ases era uma afronta pessoal ao ex-fazendeiro. Quanto a causa de Stálin engrossar a campanha antiases, a paranoia desenfreada dos últimos anos do ditador é geralmente considerada explicação suficiente. Contudo, muitos desertores das altas esferas do final dos anos de 1960 e início dos anos 1970 repetiram o rumor de que o camarada Nikita às vezes, tarde da noite, bebendo com companhias íntimas, vangloriava-se de que tinha assassinado o antigo ditador com as próprias mãos na cela da Prisão de Lubyanka — *enfando uma estaca em seu coração...*

J. Neil Wilson, “De volta à URSS”, *Reason*, março de 1977

O xenovírus Takis-A, coloquialmente chamado de Wild Card, foi um dispositivo orgânico experimental desenvolvido pelos Ilkazam, uma família proeminente entre os lordes psi de Takis. Existe em seu DNA um programa que lê o código genético do organismo hospedeiro e modifica esse código para aumentar as propensões e características inatas do hospedeiro. Essa otimização gratifica como nunca antes a grande motivação takisiana de cultivar a *virtú* pessoal (e, por extensão, familiar). Os takisianos já possuem grandes poderes mentais; por meio do Wild Card, os Ilkazam buscavam promover uma multiplicidade de talentos espantosos em seus membros, garantindo sua superioridade por muitos anos vindouros.

O desafio que os pesquisadores de Ilkazam enfrentaram foi o de produzir um programa que identificaria e melhoraria características *desejáveis*; ninguém queria ser um hemofílico melhor. A individualidade bioquímica entre os takisianos, contudo, é ainda mais acentuada que nos seres humanos, que são uma das espécies mais bioquimicamente diversas

na Terra. Desenvolver um software capaz de identificar características favoráveis — um programa “inteligente” — e melhorá-las, e que pudesse ser implementado no DNA viral, exigiu experiências em escalas extravagantes. Pela natureza da sociedade takisiana, havia sempre muitos indivíduos disponíveis para os ensaios mais drásticos, não tendo os takisianos, de modo geral, que se preocupar em conseguir voluntários. Contudo, mesmo em Takis faltava um contingente grande o suficiente de criminosos ou inimigos políticos banidos — sem grande distinção entre os dois naquela cultura — para fornecer o tipo de base ensaística necessária para desenvolver completamente tal ferramenta complexa. Felizmente, do ponto de vista takisiano, um conjunto de criaturas surpreendentemente similares em constituição genética existia... na Terra.

... A maioria das melhorias do Wild Card não é favorável à sobrevivência, ou são traços de sobrevivência levados a medidas letais, como acionar o sistema de luta ou fuga da adrenalina em um nível tão alto que o mínimo estresse força a vítima ao estado de atividade acelerada, queimando-a em um único surto de frenesi terminal do efeito de anfetaminas. Nove entre dez sobreviventes tiveram características indesejáveis aumentadas, ou características desejadas aumentadas de forma indesejável. O “curinga” assume formas que vão do repugnante ao doloroso, do patético ao apenas inconveniente. Uma vítima pode ser reduzida a uma bolha disforme de muco, como um famoso morador do Bairro dos Curingas, o Homeleca, ou pode ser transformado em uma figura parcialmente animal, como o taberneiro Ernie, o Lagarto. Ele pode adquirir um poder que, em outras circunstâncias, faria dele um ás, como a levitação limitada, mas incontrolável, do Pena. A manifestação pode ser

bem pequena, como a massa de tentáculos que formam a mão direita de Dorian Wilde, o laureado poeta decadente do Bairro dos Curingas.

Em certos casos, a distinção entre as classificações fica turva, como no Ernie acima mencionado, cuja força levemente maior do que a humana e a proteção oferecida por sua pele escamada são insuficientes para torná-lo um ás verdadeiro. Outro exemplo mais assustador é o incidente trágico da Mulher Incendiada do final dos anos 1970, no qual o vírus afetou uma jovem, fazendo seu corpo queimar com uma chama inextinguível, mas regenerar-se ao mesmo tempo que sua carne era consumida. A vítima implorava aos transeuntes para que a matassem, e por fim ela faleceu na Clínica Blythe van Renssaeler, aparentemente como resultado de eutanásia — resultando em uma acusação contra o dr. Tachyon que terminou sendo revogada. Não é possível determinar se o Wild Card a qualificava como curinga ou rainha de espadas.

Como ele é projetado para interagir com o código individual de seu hospedeiro, não há manifestações idênticas do Wild Card. Além disso, seu comportamento difere de indivíduo para indivíduo...

... O fato de que mais de dez por cento daqueles que contraíram o vírus sobreviveram aos seus efeitos pode ser atribuído à capacidade do software genético takisiano e aos mestres do hardware. Para um teste em larga escala entre uma população de indivíduos diferente daquela para a qual ele foi originalmente projetado, a liberação do vírus na Terra foi um tremendo sucesso que teria agradado imensamente aos seus criadores, caso eles soubessem de seu resultado.

A Terra, por outro lado, teve um ponto de vista diferente.

Sara Morgenstern, “Blues para o Bairro dos Curingas: quarenta anos de Wild Cards”, *Rolling Stone*, 16 de setembro de 1986

EXCERTOS DA ATA DA CONFERÊNCIA DA SOCIEDADE METABIOLÓGICA AMERICANA SOBRE CAPACIDADES META- HUMANAS

(Clarion Hotel, Albuquerque, Novo México,
14-17 de março de 1987)

Palestra apresentada em 16 de março de 1987 pela dra. Sharon Pao K'ang-sh'i do Departamento de Metabiofísica da Universidade Harvard

Nobres membros da sociedade, meus agradecimentos. Vou direto ao ponto. Uma pesquisa de nossa equipe em Harvard indica que as capacidades meta-humanas, informalmente chamadas “superpoderes” e engendradas pelo vírus takisiano Wild Card, são exclusivamente de origem psíquica e, em todos, exceto nos casos raros, são exercidas por meio da instrumentalidade da *psi*.

(O presidente Ozawa ordenou que as pessoas se acalmassem e fizessem silêncio.)

Entendo que minha declaração anterior pode ser considerada um excesso retórico do tipo perpetrado por alguns de meus predecessores, que fizeram com que o ainda incipiente campo da metabiofísica fosse considerado uma pseudociência do calibre da numerologia e da astrologia por diversos cientistas sérios. Ainda assim, a honestidade e a pressão da comprovação empírica obrigam-me a reiterar: as capacidades meta-humanas são formas especializadas de poder psíquico.

Agora temos uma ideia melhor do que exatamente o Wild Card fez a suas vítimas. Nos casos conhecidos como “ás”, o vírus parece ter atuado primeiro pelo aumento de capacidade psíquica inata, que deu a direção ao avanço geral da reescrita do código genético. Isso explica os elevados graus de correspondência entre as personalidades e as inclinações de ases conhecidos e de suas capacidades meta-humanas — por que, por exemplo, pilotos consumados como o Águia Negra adquiriram poderes que incluem o voo, por que o obcecado “vingador da noite”, o Sombra, tem tal controle sobre a escuridão, por que o solitário Aquarius apresenta uma aparência metade humana, metade golfinho e pode, de fato, transformar-se em um tipo de super-*Tursiops*. Uma telecinesia de microescala parece ser um dos mecanismos pelos quais o Wild Card realiza suas mudanças, possibilitando ao indivíduo subconscientemente escolher, ou ao menos influenciar, a natureza da transformação que ela ou ele sofre.

Entendo a enormidade da implicação de as pessoas poderem, em algum sentido, ter “escolhido” tirar um curinga ou uma rainha de espadas. Uma especulação nessa direção está, contudo, além do escopo de nossas presentes pesquisas.

Um dos grandes enigmas da época pós-Wild Card tem sido precisamente como o vírus alienígena, por mais avançada que tenha sido a tecnologia que o produziu, foi capaz de dar a certos indivíduos a capacidade de violar as leis naturais estabelecidas, com a conservação da massa e energia, a lei quadrado-cubo, a inviolabilidade da própria velocidade da luz. No momento em que o vírus foi disseminado, a ciência era totalmente contra a existência até mesmo de poderes psíquicos — justificável, dada a falta de corroboração experimental convincente desses fenômenos. Ela foi obrigada a aceitar pessoas sendo capazes de projetar fogo e luz, transformarem-se em animais, voar ou inventar dispositivos mecânicos que permitam a elas fazer coisas semelhantes em desrespeito flagrante aos princípios da mecânica e da engenharia.

Claro que, mesmo em 1946, havia pistas disponíveis nos domínios teóricos da física quântica. De fato, a tecnologia moderna da época, até e inclusive as armas nucleares e os instrumentos de fusão no processo de desenvolvimento, baseava-se em grande parte na mecânica quântica, muito do trabalho acontecendo com base na ideia de “sabemos que funciona, mas não sabemos *como*”. Dado o impulso da realidade do Wild Card, os poderes psíquicos tiveram rapidamente atribuídos uma justificativa mecânico-quântica; “ação à distância” sem recorrer a forças intensas, eletrofracas ou gravíticas como característica, por exemplo, da interconexão curiosa de partículas que interagem, postulada por Einstein, Podolsky e Rosen em seu famoso “paradoxo”, e estabelecida com alguma finalidade pelo experimento de Aspect na França, em 1982...

... Uma instância bem óbvia do poder baseado em telecinesia é a mudança de forma. O indivíduo — em quase todos os casos subconscientemente — rearranja seus átomos componentes para produzir uma estrutura bruta que difere consideravelmente da original:

por exemplo, a transformação perturbadora da Garota-Elefante em um *Elephas maximus* voador em aparente violação do princípio de conservação de matéria e energia. Ao menos no caso da Garota-Elefante, explica-se pela telecinesia subconsciente no nível subatômico; a srta. O'Reilly é aparentemente capaz de invocar uma nuvem de partículas virtuais e mantê-las em existência imensamente maior do que elas normalmente existiriam. (Uma discussão sobre partículas virtuais também está, obviamente, além do escopo dessa apresentação. Por exemplo, as partículas que “carregam” forte interação, e que por um instante infinitesimal violam o princípio de conservação.) Como parte da restauração da sua aparência original, a srta. O'Reilly permite que as partículas virtuais que formam a matéria “fantasma” caiam na não existência.

Foi a habilidade da Garota-Elefante de voar em oposição a todos os princípios aeronáuticos conhecidos que desencadeou a linha de pesquisa que levou às conclusões expressas neste artigo. Em termos simples, o voo ou a levitação da Garota-Elefante, da Peregrina e de *todos* os ases conhecidos é simplesmente uma variação da telecinesia. Nesse sentido, o Todo-poderoso Tartaruga é o ás voador arquetípico, já que voa declaradamente por meio de sua capacidade telecinética. Mas nenhum truque da física permitiria que as orelhas da Garota-Elefante ou mesmo as asas magníficas de Peregrina alçassem mesmo um ser humano pequeno para o voo, muito menos um elefante asiático adulto. Elas, como o Tartaruga, voam apenas lançando mão de seus poderes mentais...

... As projeções energéticas apresentam outro problema espinhoso explicado de maneira simples — novamente — pela telecinesia. Jack Saltador Flash parece projetar explosões de fogo da palma das mãos e, além disso, consegue manipular o fogo que produz de forma notável. Mas

esse indivíduo não projeta de fato a chama, no sentido de que ela não é emitida de seu próprio corpo. Na verdade, não é nem chama no sentido estrito da palavra. Sua telecinesia permite que ele regule o movimento browniano do ar circum-ambiente. Ele cria um “ponto de calor” de partículas em elevado estímulo a aproximadamente um micron da carne da palma da mão, e então utiliza a telecinesia para direcionar o fluxo resultante de gás incandescente.

... Os poderes de voo superlumínico configuram um caso especial. Na maioria das vezes (e é importante manter em mente que cada transformação do Wild Card é única), o indivíduo com a capacidade de viajar à velocidade da luz ou mais rápido que a luz tem a capacidade de emular um único fóton, ou táquion, em uma instância posterior, para tornar-se um “macrofóton” ou um “macrotáquion” de forma semelhante aos dispositivos de “macroátomo” dos pesquisadores da Universidade de Sussex, sob a coordenação de Terry Clark, que podem emular o comportamento de um único bóson. As espaçonaves que transportaram o vírus Wild Card para este planeta, bem como o alienígena humanoide conhecido como dr. Tachyon, empregaram o mesmo princípio para seu impulso superlumínico — que levou a cunhar a palavra pelo qual o único residente da Terra não nascido neste planeta é conhecido hoje em dia.

A viagem mais rápida do que a luz se mostrou apenas de utilidade limitada para os ases até o momento, em virtude dos limites de duração e dos problemas de navegação em longas distâncias, até então insuperáveis para a nossa tecnologia. Ou assim inferimos, a partir do fato de que nenhum ás viajou para além dos limites do sistema solar (atual órbita de Netuno) e retornou...

... Uma característica considerável dos assim chamados “gadgets” — cintos antigravitacionais, portais dimensionais, vestes blindadas — é o

fato de que nenhum deles pode ser replicado. Na desmontagem e análise, com frequência descobriu-se que não fazem nenhum sentido mecânico ou elétrico. Cada qual é um resultado irreproduzível. Isso explica por que nenhum mestre de *gadgets* empreendedor comercializou, digamos, um cinto pessoal de voo à velocidade da luz ou uma empilhadeira antigravitacional. *Apenas o criador poderia fazer um daqueles funcionar.* Em alguns casos, os componentes consistem em construções ridículas de entulhos, até, e, inclusive, restos de maçã, grampos de cabelo e os torsos de bonecas Barbie. Outros consistem apenas em um *diagrama* de um circuito que, como a máquina quimérica de Hieronymus, funciona como um circuito verdadeiro “funcionaria”.

A explicação é, novamente, uma manifestação da habilidade psíquica. O criador, de fato, imprime-se sobre a obra em um sentido metafísico (segundo o atual significado científico). Essa explicação elucida o sentido do fenômeno muitas vezes observado de que parece haver um limite para a criatividade de certos “mestres de *gadgets*”, que às vezes terão de desmontar um antigo dispositivo para fazer um novo funcionar. Essa explicação também facilita a previsão de que as tentativas governamentais em todo o mundo de replicar o impressionante androide Modular estão fadadas ao fracasso, a menos que um ou mais contratem os serviços de seus próprios “talentos Wild Card”...

... Uma característica comum a quase todos os ases é um metabolismo de energia maior do que os seres humanos “normais” possuem. Alguns parecem capazes de invocar energia para abastecer suas capacidades a partir de si mesmos ou (por falta de uma maneira melhor de descrever) a partir do cosmo. Outros precisam de fontes externas de energia para acionar seus talentos, ou necessitam do auxílio da disponibilidade desses recursos. O homem forte conhecido como Martelo do Harlem, por

exemplo, acredita ser necessário consumir uma quantidade substancial de sais de metais pesados em sua dieta para manter as reações de alto nível do seu metabolismo, bem como diversos “osteotrópicos”, como estrôncio-90 e bário-140, que parecem substituir o cálcio em seus ossos, conferindo-lhe durabilidade e força maiores que o normal. Jack Saltador Flash tira força e subsistência da exposição ao fogo e ao calor. Outros derivam sua energia extra-humana de “baterias”, que em geral provam ser do mesmo gênero que os dispositivos do tipo de Hieronymus. Qualquer que seja a fonte dessa energia, ainda não foi descoberto nenhum ás que não pudesse exaurir seu suprimento, em um tempo razoavelmente curto, por uso intenso de capacidades meta-humanas. Alguns podem “recarregar” simplesmente descansando por um momento, outros de fato exigem uma fonte de energia externa. Novamente, cada caso é único...

Confirmação adicional da hipótese “psíquica” vem do caso do, assim chamado, Dorminhoco, que possui um conjunto diferente de meta-habilidades a cada vez que acorda. Seria difícil enquadrar qualquer outro modelo da função dos poderes de ás nesse fenômeno...

Meus colegas e eu estamos dispostos, em suma, a afirmar que a *psi* pode ser responsável por todas as capacidades observadas de ás — e que nenhuma outra explicação pode...



KAROLINA WEBB

GEORGE R.R. MARTIN nasceu em 1948, em Nova Jersey, e formou-se em jornalismo pela Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois. Nos anos 1980, começou a colaborar e a editar a série Wild Cards, e, em 1996, deu início à série de fantasia As Crônicas de Gelo e Fogo, que se tornou um best-seller mundial e consagrou o autor como um dos cânones da literatura fantástica. Atualmente, mora com Parris, em Santa Fé, Novo México.

Copyright © 1986 by George R.R. Martin

“Prólogo”, “O jogo da carapaça” e “Interlúdios” copyright © 1986 by George R.R. Martin.

“Trinta minutos sobre a Broadway!” copyright © 1986 by Howard Waldrop.

“O dorminhoco” copyright © 1986 by The Amber Corporation.

“Testemunha” copyright © 1986 by Walter Jon Willians.

“Ritos de degradação” copyright © 1986 by Melinda M. Snodgrass.

“Capitão Cátodo e o ás secreto” copyright © 2010 by Michael Cassutt.

“Powers” copyright © 2010 by David D. Levine.

“A noite longa e obscura de Fortunato” e “Epílogo: terceira geração” copyright © 1986 by Lewis Shiner.

“Transfigurações” e “A ciência do vírus Wild Card: excertos da literatura” copyright © 1986 by Victor Milán.

“Bem fundo” copyright © 1986 by Edward Bryant and Leanne C. Harper.

“Fios” copyright © 1986 by Stephen Leigh.

“A garota fantasma conquista Manhattan” copyright © 2010 by Carrie Vaughn.

“Chega o caçador” copyright © 1986 by John J. Miller.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Wild Cards I

Ilustração de capa

Davi Augusto

Preparação

Stella Carneiro

Revisão

Camila Saraiva

Luciane Helena Gomide

ISBN 978-85-5451-577-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR



Fogo & Sangue – Volume 1

Martin, George R. R.

9788554512941

664 páginas

[Compre agora e leia](#)

A arrebatadora história dos Targaryen ganha vida neste novo livro de George R.R. Martin, autor de As Crônicas de Gelo e Fogo, série que inspirou a adaptação de sucesso da HBO, "Game of Thrones". Séculos antes dos eventos de A guerra dos tronos, a Casa Targaryen – única família de senhores dos dragões a sobreviver à Destruição de Valíria – tomou residência em Pedra do Dragão. A história de Fogo & Sangue começa com o lendário Aegon, o Conquistador, criador do Trono de Ferro, e segue narrando as gerações de Targaryen que lutaram para manter o assento, até a guerra civil que quase destruiu sua dinastia. O que realmente aconteceu durante a Dança dos Dragões? Por que era tão perigoso visitar Valíria depois da Destruição? Quais foram os piores crimes de Maegor, o Cruel? Essas são algumas das questões respondidas neste livro essencial, relatadas por um sábio mestre da Cidadela. Ricamente ilustrado com mais de oitenta imagens assinadas pelo artista Doug Wheatley, Fogo

& Sangue dará aos leitores uma nova e completa visão da fascinante história de Westeros – um livro imperdível para os fãs do autor.

[Compre agora e leia](#)



Tudo é eventual

King, Stephen

9788581051505

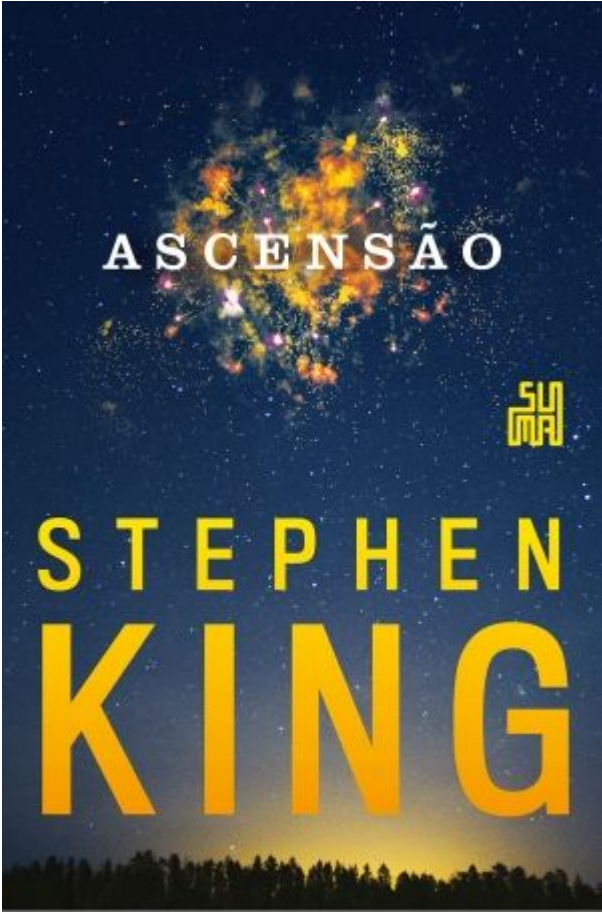
308 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coletânea reúne contos inéditos de Stephen King que revelam a imaginação fértil e inquieta de um dos maiores escritores de nossos tempos. Primeira reunião de contos de Stephen King desde "Pesadelos e Paisagens Noturnas", "Tudo é eventual" apresenta o mestre do terror em grande forma. Na obra, que reúne 14 histórias de suspense e terror, destacam-se contos como Andando na bala, que narra a história de Alan Parker, um jovem universitário que precisa viajar urgentemente para visitar a mãe hospitalizada. Ao aceitar aquela carona no meio da noite, Alan só pensou que precisava chegar logo a seu destino. No meio do caminho, percebe que aquele estranho motorista poderia ter outros planos para aquela viagem. No entanto, já era tarde demais. No aterrorizante 1408, adaptado para o cinema em 2007 e estrelado por John Cusack e Samuel L. Jackson, Mike Enslin, que nunca acreditou nos fantasmas que adorava apresentar em seus livros de terror, tem suas

certezas abaladas no misterioso quarto 1408. No conto "Tudo é eventual", que dá título ao livro, Dink é um adolescente e consegue seu primeiro emprego. Vai ter que morar longe da mãe mas, pensando bem, isso não chega a ser um problema. Ele só precisa navegar pela Internet e tem que gastar cada centavo da bolada que recebe semanalmente. Tudo parece bom demais para ser verdade, até que ele passa a desconfiar de que coisas muito estranhas acontecem quando aperta o mouse. Ele não tem ninguém por perto para dividir seus medos e qualquer decisão sua pode ser fatal. Essas são algumas das histórias desta coletânea. Um livro intenso, sinistro e envolvente com a inconfundível marca de Stephen King."Stephen King no seu auge literário" - Library Journal

[Compre agora e leia](#)

The book cover features a dark blue night sky filled with stars and a large, vibrant, multi-colored nebula or galaxy cluster in the upper center. The title 'ASCENSÃO' is written in white, serif, all-caps font across the middle of the nebula. Below the title, on the right side, is a small yellow logo consisting of the letters 'SM' inside a square frame. The author's name 'STEPHEN KING' is printed in large, bold, yellow, sans-serif, all-caps font at the bottom. A dark silhouette of a forest line is visible along the very bottom edge of the cover.

ASCENSÃO



STEPHEN
KING

Ascensão

King, Stephen

9788554515812

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história fascinante, curiosa e comovente sobre um homem cujo misterioso problema ajuda os habitantes de Castle Rock a superar as diferenças e se tornar uma comunidade. Scott Carey tem muito em que pensar — o projeto enorme que pegou no trabalho; o casal lésbico que mora na casa ao lado e o cachorro delas, que insiste em fazer as necessidades no seu quintal; e a súbita e inexplicável perda de peso das últimas semanas. Apesar de não querer ser estudado e examinado, Scott decide compartilhar a questão com seu velho amigo, o dr. Bob Ellis. Afinal, apesar dos números decrescentes na balança, sua aparência continua a mesma — além disso, seu peso não varia quando está nu ou usando roupas pesadas, quando está de mãos vazias ou carrega algo no colo. Não importa o que ele faça ou coma, Scott está cada vez mais leve — embora não mais magro —, e conforme seu peso se aproxima de zero, ele sabe que logo nada vai prendê-lo ao

chão. Scott não quer se preocupar com o que vem pela frente; ele ainda tem tempo para resolver todas as suas questões antes do Dia Zero, e por que não começar pelas mais difíceis? Por exemplo, encarando o preconceito que suas vizinhas têm sofrido da comunidade — e dele — e fazendo o possível para ajudar. Amizades improváveis, a maratona anual da cidade e a misteriosa condição de Scott são a fórmula para grandes transformações. Incrivelmente alegre e profundamente triste, Ascensão é um verdadeiro antídoto para nossa cultura intolerante.

[Compre agora e leia](#)



AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO I

GEORGE R.R.
MARTIN
A GUERRA DOS TRONOS



A guerra dos tronos

Martin, George R. R.

9788554513566

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

A guerra dos tronos é o primeiro livro da série best-seller internacional As Crônicas de Gelo e Fogo, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, Game of Thrones. O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou. Como Guardiã do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado. Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância. Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o

Trono de Ferro de Westeros."A guerra dos tronos é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — SF Reviews

[Compre agora e leia](#)

DO ROTEIRISTA
DE *THE KILLING*

**SØREN
SVEISTRUP**

AS SOMBRAS
DE OUTUBRO

SAR
OUTO

As sombras de outubro

Sveistrup, Søren

9788554515768

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

É outubro e a neve de outono começa a cair em Copenhagen, deixando os dias mais curtos e as noites mais sombrias... e pelas ruas geladas e escuras, um psicopata aterroriza a cidade. Em uma manhã tempestuosa em um tranquilo bairro de Copenhagen, a polícia faz uma descoberta sinistra: o corpo de uma mulher brutalmente assassinada, com uma das mãos faltando. Sobre ela está pendurado um pequeno boneco feito de castanhas. O caso é entregue à ambiciosa detetive Naia Thulin e a seu novo parceiro, Mark Hess, um investigador introspectivo que acabou de ser expulso da Europol. Logo se descobre uma evidência ligando o sr. Castanha a uma garota desaparecida há um ano: a filha da política Rosa Hartung. O homem que confessou tê-la sequestrado e assassinado está atrás das grades e o caso foi encerrado há tempos — e qualquer insinuação contrária causa disputas e inimizades na corporação. No entanto, quando novas vítimas e novos

bonecos aparecem, Thulin e Hess acham cada vez mais difícil ignorar a conexão entre o caso Hartung e o novo serial killer. Mas que conexão seria essa? E como impedir o assassino de continuar sua caçada, se ele parece sempre um passo à frente da polícia? As sombras de outubro traz o melhor do estilo thriller noir, acrescentando ao suspense clássico uma boa dose de energia. Sveistrup retrata seus personagens com sensibilidade e mostra como romances policiais podem fazer críticas contundentes às realidades sociais."Se você é um dos milhares de espectadores que adorou The Killing, precisa ler este romance do mesmo criador da série. Sveistrup é ótimo em criar tensão e esta história daria uma ótima série de TV." — The Guardian"Um thriller de ritmo acelerado, com uma atmosfera carregada de adrenalina. Você vai devorar cada palavra." — A.J. Finn, autora de A mulher na janela

[Compre agora e leia](#)